

Norberto O. Ferreras

*No País da Cocanha:*

*Aspectos do Modo de Vida dos Trabalhadores de Buenos Aires  
(1880-1920)*

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

Tese de Doutorado apresentada ao departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Doutor Michael M. Hall.

Campinas  
Março de 2001

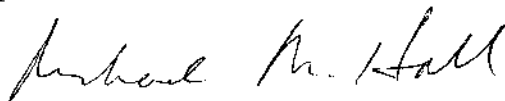


Norberto O. Ferreras

***No País da Cocanha:  
Aspectos do Modo de Vida dos Trabalhadores de Buenos Aires  
(1880-1920)***

Tese de Doutorado  
apresentada ao departamento  
de História do Instituto de  
Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Doutor Michael M. Hall.

Este exemplar corresponde à  
redação final da Tese  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em:  
21 de Março de 2001



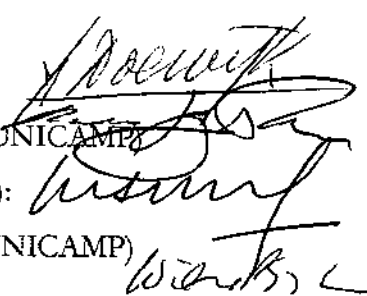
Banca Examinadora:

Prof. Dr. Andreas L. Doeswijk (Universidade Estadual de Maringá – UEM):

Prof. Dr. Claudio de Moraes Batalha (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP):

Profa. Dra. Dora Barrancos (Universidad de Buenos Aires – UBA, Argentina):

Profa. Dra. Wilma Peres Costa (IE – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)



Suplentes:

Profa. Dra. Clementina Pereira da Cunha (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (CECULT – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Campinas  
Março de 2001

UNIDADE BC  
N.º CHAMADA:  
T/UNICAMP  
F414p  
V. \_\_\_\_\_ Ex. \_\_\_\_\_  
TOMBO BC/ 44670  
PROC. 16-392/01  
C  D   
PREÇO R\$ 11,00  
DATA 13/06/01  
N.º CPD \_\_\_\_\_

CM00158113-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

**F 414 p** Ferreras, Norberto Osvaldo  
**No país da Cocanha: aspectos do modo de vida dos  
trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920) / Norberto Osvaldo  
Ferreras . - - Campinas, SP : [s. n.], 2001**

**Orientador: Michael M. Hall.**  
**Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. História social - Argentina. 2. Qualidade de vida.  
3. Alimentação dos trabalhadores. 4. Habitação - Argentina.  
5. Conflitos sociais. 6. Boicotagem. 7. Cooperativismo.  
8. Buenos Aires (Argentina) - Condições sociais, 1880-1920.  
I. Hall, Michael M. (Michael McDonald) . II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.**

## *Resumo*

Os trabalhadores de Buenos Aires criaram um modo de vida particular ao longo dos 40 anos compreendidos entre 1880 e 1920. A conformação deste modo de vida baseou-se nas condições de vida processadas culturalmente. Para poder analisar as condições de vida e o modo de vida dos trabalhadores temos escolhidos dois aspectos fundamentais: a alimentação e a habitação, confrontadas com os ciclos econômicos, com o mercado de trabalho e com os salários. Mas também temos analisado as ações dos trabalhadores em função da luta pela melhora das suas condições de vida. Enfatizamos o estudo de algumas práticas pouco pesquisadas até o presente, como as cooperativas e o boicote. Ambas práticas formaram parte de uma estratégia comum de confronto com o Capital e de consolidação da consciência de classe. As condições de vida têm uma importância central na conformação da classe trabalhadora da cidade de Buenos Aires, num momento em que o mercado de trabalho não tinha um peso significativo na unificação das experiências coletivas, as condições de vida tornaram-se um fator de aglutinação e cristalização das vivências e experiências de este grupo social, facilitando a conformação de uma identidade particular e diferente de outros grupos sociais.

## *Abstract*

Buenos Aires' workers established there own particularly way of life between 1880 and 1920. The conformation of this particularly way of life was based on conditions of life processed on culturally terms. To analyze workers' conditions and way of life we choose two central aspects like nutrition and housing conditions. We check this two aspect with economic cycles, working market and wages. At the same time we study workers' actions to improve their own conditions of life. In this case, we research some important, without any study, like boycott and cooperatives movement. Cooperatives and boycott were part of a common strategy to struggle the Capital and establish working class conscience. Conditions of life were so important in the process of constitution on the Buenos Aires' working class. In this moment, the working market had not the same importance like a factor of unification and consolidation of the experience. Conditions of life were central to gather the experiences of this social group. Conditions of life afford the conformation of a particular identity, different for the other social groups.



Vittima del *morbillo* e la *difterite*, terribili flageli prodotti dalla miseria, creazione immmonda dell'attuale brigantesca organizzazione sociale, il compagno nostro F. Serantoni ha perduto in questi giorni distronato tripudio borghese, il suo caro bambino

COMUNARDO

Condamati i proletarii ad una vita di stente e di privazioni, costretti ad abitare in luridi stamberghe, prive d'aria e di luce, i loro poveri figli vengono uccisi a centinaia di migliaia da questi crudeli malattie, contro cui la stampa borghese e scienza patentata osano raccomandare con beffarda ironia l'osservanza dei precetti igienici, a chi lo sfruttamento capitalistico non permette di vivere che al disotto delle bestie.

Sono tanto ormai le vittime immolate dalla miseria, che é vigliaccheria soportare piú a lungo questa criminale societá. LA RIBELLIONE É IL PRIMO DOVERE DEGLI OPRESSI: ecco l'igiene che noi raccomandiamo ai lavoratori.

(Poveri Bambini! IN: "La Questione Sociale. Rivista Mensile. N°7" 1/I/1895)

Tal vez la misi3n del tango sea 3sa: dar a los argentinos la certidumbre de haber sido valientes, de haber cumplido ya con las exigencias del valor y del honor.

(Jorge Luis Borges "El Tango pendenciero")

### *Agradecimentos e Dedicatória*

São muitas as pessoas que colaboraram na elaboração desta tese, com certeza não lembrarei de todos elas. Tenho que agradecer inicialmente o apoio financeiro proporcionado pelo CNPQ, por meio do seu programa PEC/PG, que me permitiu dedicar-me integralmente à pesquisa e escrita desta tese. O CEMI, o programa de Pós-graduação em História Social do Trabalho e a FAEP, todos da Unicamp, contribuíram em financiamentos específicos para a realização da pesquisa ou para a participação em congressos internacionais.

Sou especialmente grato ao Dr. Michael Hall, meu orientador, que revisou várias vezes esta tese. Agradeço a confiança em mim depositada, as constantes sugestões e estímulos para desenvolver esta tese e para crescer profissionalmente.

Agradeço também ao Dr. Cláudio Batalha e a Dra. Clementina Pereira da Cunha a participação e sugestões dadas na banca de qualificação. Ainda a Cláudio, reconheço, outrossim, pelo recebimento inicial no curso de doutorado e na linha de estudos sobre 'Trabalho e movimentos sociais'.

Aos membros da banca de doutorado – Andreas Doeswijk, Dora Barrancos e Wilma Peres Costa – agradeço a gentileza de participar na mesma.

Sou grato a Jefferson Cano pela árdua tarefa de revisar meu terrível português e por ter lido e comentado a tese.

Esta tese foi escrita com o apoio do acervo documental e bibliográfico de um grande número de bibliotecas e arquivos que menciono a continuação: AEL, Obras Raras, IFCH (Unicamp); Biblioteca Nacional (RJ); Andrés Ferreira (Necochea), Municipal de General Pueyrredón e Juventudes Modernas (Mar del Plata); Obrera Juan B. Justo, Tornquist e Prebisch do Banco Central da República Argentina, Academia Nacional de la História, Esteban Echeverría de la Municipalidad de Buenos Aires, Archivo Histórico de la Municipalidad de Buenos Aires, Biblioteca Nacional (Buenos Aires); Archivo General del Ministerio de Asuntos Exteriores, Biblioteca Nacional de España (Madrid); Biblioteca Nazionale (Roma); Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine –

Université Paris X (Nanterre – Paris); Intenationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (Amsterdam); The British Library, a biblioteca da London School of Economics, e o Public Records Office (Londres).

Em muitas dessas bibliotecas me deparei com pessoas agradáveis, e nem tanto. O apoio e profissionalismo de muitas dessas pessoas me permitiram concluir em tempo a minha tese. Para não ser injusto menciono a Willike e Mieke do IISG de Amsterdam, a Fabiana e Patricia das Bibliotecas do Banco Central da Argentina e ao saudoso Sr. Benítez da Biblioteca Obrera Juan B. Justo de Buenos Aires. Todos eles facilitaram a minha pesquisa e se envolveram nela sugerindo livros e revistas. Agradeço essa atenção para comigo e para com o material que guardam.

Meus companheiros e amigos de sempre Anita, José Antonio, Darío e Claudia que tem me incentivado a andar por novas trilhas e por isso sempre nos encontramos no velho caminho comum.

A Horácio e Marta, meus grandes amigos e guias na floresta portenha, com quem compartilamos a mesma paixão pela História agradeço a sua solidariedade nas primeiras jornadas e a amizade de todos estes anos.

Sou grato a Claudia, minha colega de graduação, que alentou este trabalho à distancia e ainda na sua casa na velha e bela Salamanca.

Aos sempre próximos e queridos Mauricio e Marcela, que desde os tempos de Rio estão apoiando e incentivando meu trabalho, agradeço os *mates*, as conversas e o afeto mútuo.

A Leandro, Miriam e Florencia agradeço o recebimento, a solidariedade, o incentivo e a amizade destes anos em Campinas. Suas palavras e dicas tem sido de grande importância na adaptação a este novo meio.

A Unicamp tenho que agradecer ter me permitido conhecer grandes amigos e colegas como Edilene, Luigi e Gino que se tornaram referências indispensáveis destes tempos e amigos fieis desde que cheguei a Campinas. Obrigado, meus amigos, por suportar

o mal humor e as angustias pelas incertezas ante a tese e o futuro, e por partilhar comigo suas idéias e conhecimentos.

Aos meus colegas do doutorado agradeço ter-me ajudado na elaboração e discussão do meu projeto e por ter-me permitido refletir as minhas preocupações à luz das suas idéias. De todos eles menciono a três com quem partilhei agradáveis conversas, agradeço então a Fábio Gutemberg, Paulo e Cristiana. Outros colegas tem sido muito gentis e me receberam como um amigo a Paulinho, Alexandre e Socorro também sou grato.

A minha participação na revista dos alunos da pós em História me ensinou a trabalhar coletivamente e a manter o meu pensamento plural e ativo. Dois deles tornaram-se meus amigos, Henrique e Fernanda, com eles compartimos mais logros que frustrações e deixamos a nossa pequena colaboração para o curso com um grande esforço pessoal. A eles sou grato pela determinação e vontade na tarefa comum.

Sem minha família pouco ou nada poderia ter feito. Agradeço a eles todo o apoio que me deram em Mar del Plata, Necochea e Puerto Santa Cruz para que esta tese pudesse ser escrita. A Marcelo, Claudia, Ely, Roberto, Paloma, Agustina, Emiliano, Cecilia, Luis, Nilda e Alfredo sou grato, outrossim, pelo afeto e o carinho que me brindaram desde sempre e por ter-se encarregado de penosas e difíceis tarefas em todos estes anos, lamento ainda todos estes anos de ausências. Fiz o possível para que as suas expectativas não fossem defraudadas.

A Verónica devo-lhe tanto que não poderia fazer-lhe um agradecimento numas poucas linhas, por isso agradeço a sua presença constante e permanente, e por ter-me escolhido como seu companheiro.

Finalmente dedico esta tese aos meus falecidos pais que priorizaram a educação dos seus filhos por sobre qualquer outra questão, por isso consegui escrever esta tese sobre o mundo do qual eles vieram e do qual eles foram filhos. Esta tese é para eles e para os Comunardos.

## INDICE

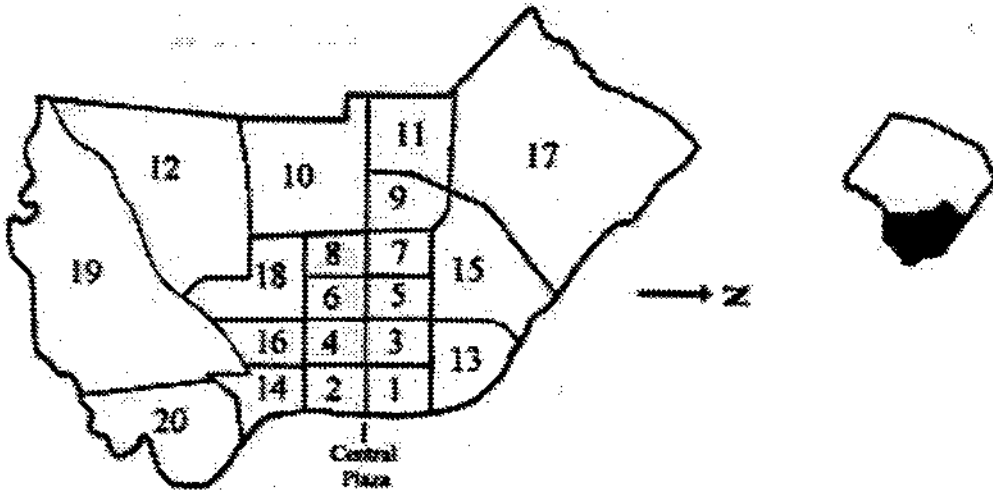
*No País da Cocanha*  
*Aspectos do Modo de Vida dos Trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)*

### Mapas

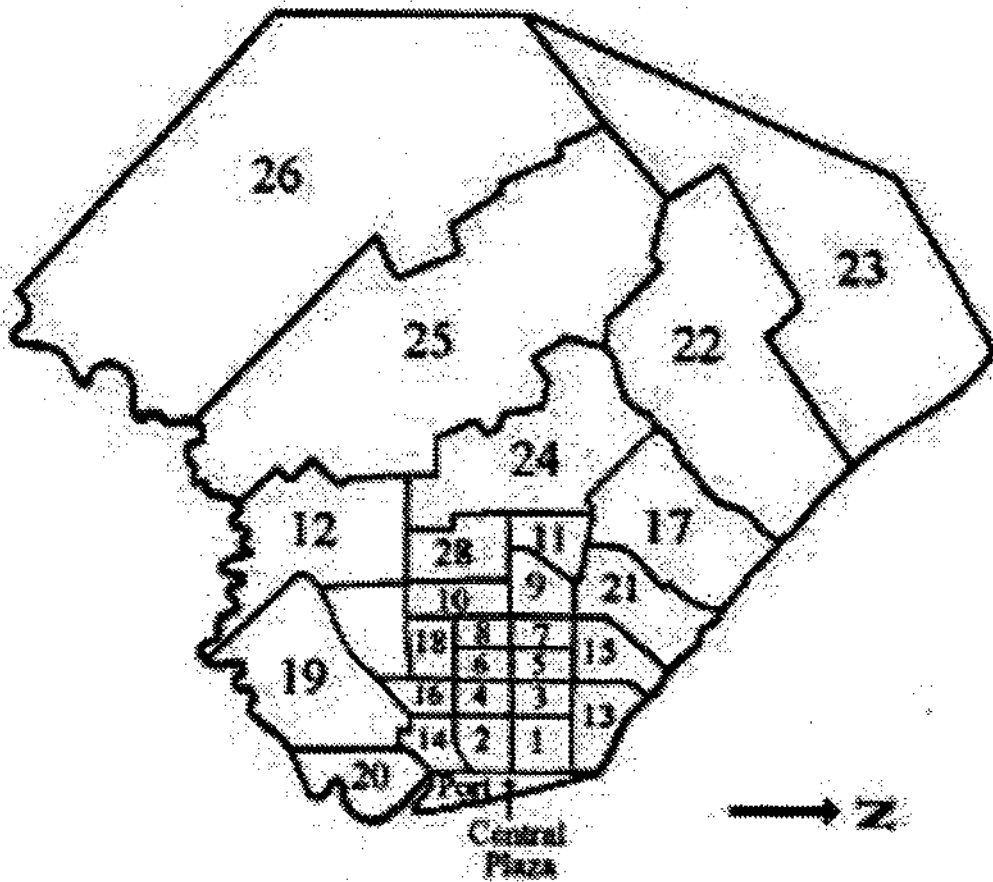
Introdução	1
I.- Buenos Aires 1880-1920: Uma Metrópole Em Construção	23
II.- A Buenos Aires Dos Construtores De Buenos Aires	45
II. 1.- Introdução: O surgimento de duas cidades	45
II. 2.- Bairro e casa própria	48
II. 3.- Inquilinos e 'conventillos'	78
III.- Quantificação E Percepção Do Cotidiano Operário: Ciclos, Salários E Orçamentos	119
III.1.- Introdução	119
III. 2.- Conjuntura e ciclos da economia Argentina 1880-1920	120
III. 3.- Salários, desemprego e carestia da vida operária	143
III. 4.- Orçamentos das famílias operárias	167
III. 5.- A Constituição do salário da família: Trabalho feminino e infantil	180
III. 6.- Conclusões	194
III. 7.- Gráficos	197
IV.- Pão, Carne E Vinho: Comer Para (Sobre)Viver	201
IV.1.- Introdução	201
IV. 2.- Os gêneros alimentícios: principais e secundários	204
IV. 2. a.- O pão	205
IV. 2. b.- O leite	216
IV. 2. c.- As carnes	224
IV. 2. d.- O vinho e outras bebidas alcoólicas	232
IV. 2. e.- Os "vícios"	243
IV. 3.- Produtos locais, nacionais e importados	251
IV. 4.- Conclusões	260
IV. 5.- Gráficos	261

V.- Indo Às Compras: O Abastecimento Local E Familiar	265
V.1.- Introdução	265
V. 2.- Abatedouros e mercados	266
V. 3.- Mercados, feiras, vendas e vendedores ambulantes	269
V. 3.a.- <i>Mercados de bairro e feiras</i>	271
V. 3.b.- <i>As mercearias</i>	273
V. 3.c.- <i>Os vendedores ambulantes</i>	278
V. 4.- Esticando os lucros e burlando os controles: Falsificações e adulterações	283
V. 5.- A produção para o consumo próprio	291
V. 6.- Conclusões	294
VI.- Asado, Puchero, Fideos en Stufato e Milanese Napolitana: A Constituição Da Cozinha Dos Trabalhadores Em Buenos Aires	295
VI. 1.- Os tempos do Asado ou uma cozinha sem ingredientes	300
VI. 2.- Alimentação e expansão populacional: Transformações e continuidades	315
VI. 2.a.- <i>Transformações</i>	316
VI. 2.b.- <i>Continuidades</i>	323
VI. 3.- A alimentação dos imigrantes italianos: Pontos de partida e ponto de chegada (Da alimentação dos imigrantes italianos à alimentação dos portenhos)	333
VI. 4.- Conclusões	360
VII.- Protestos, Resistências E Alternativas Ao Mercado	363
VII. 1.- Introdução	363
VII. 2.- As cooperativas de consumo e produção	365
VII. 3.- O Boicote: A radicalização da solidariedade	380
VII. 3. a.- <i>O Que é que o boicote tem? Antecedentes</i>	380
VII. 3. b.- <i>O Boicote em Buenos Aires: Casos, Práticas e Experiências</i>	384
VII. 3. c.- <i>Para uma Teoria do Boicote: Conclusão</i>	402
VII. 4.- A Economia Política do Consumo	407
VII. 5.- Protestos e Revoltas: À luta pela Dignidade	411
VII. 5. a.- <i>Contra a Carestia da Vida...</i>	412
VII. 5. b.- <i>... Pela Habitação ...</i>	415
VII. 5. c.- <i>... e pela Dignidade</i>	431
Conclusão	445
Bibliografia primária e secundaria	455

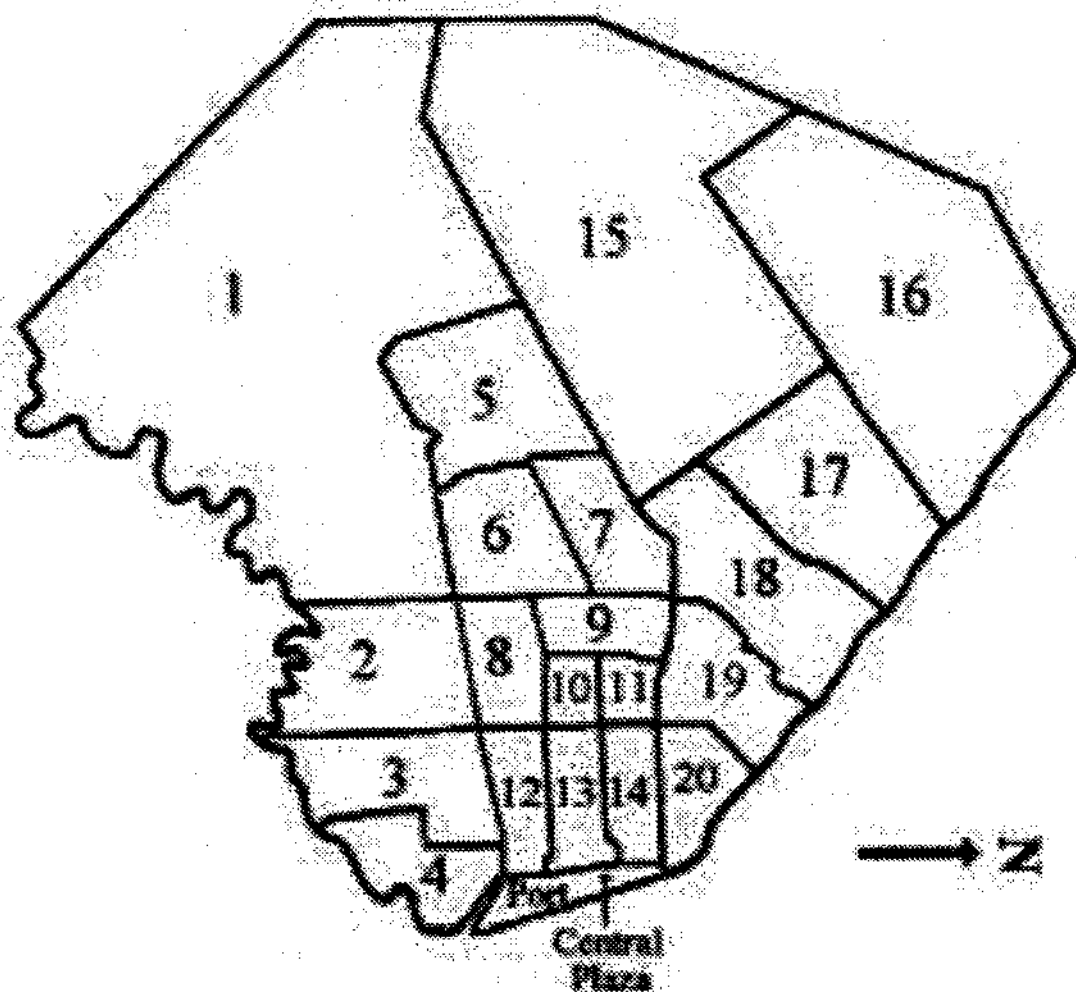
MAPAS



Mapa da Cidade de Buenos Aires dividida segundo os distritos censitários de 1869 e 1887. O mapa pequeno corresponde ao território da cidade de Buenos Aires depois de anexar Flores e Belgrano.



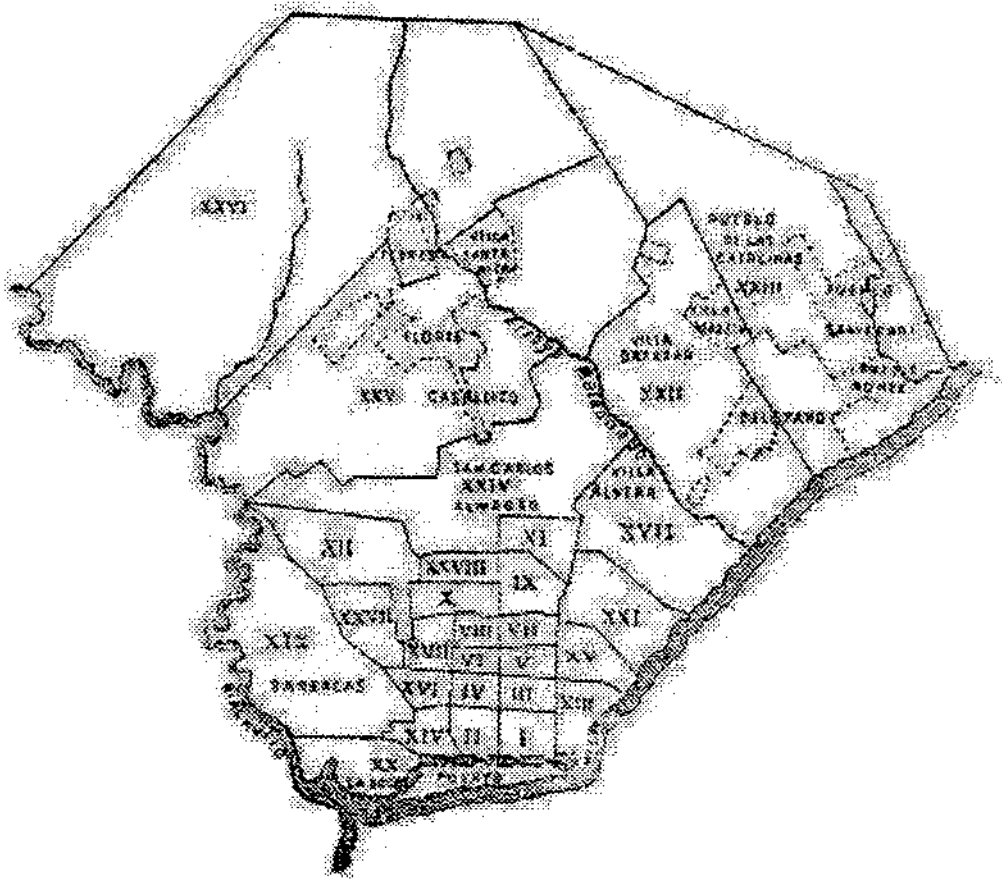
Mapa da Cidade de Buenos Aires dividida segundo os distritos censitários de 1885.



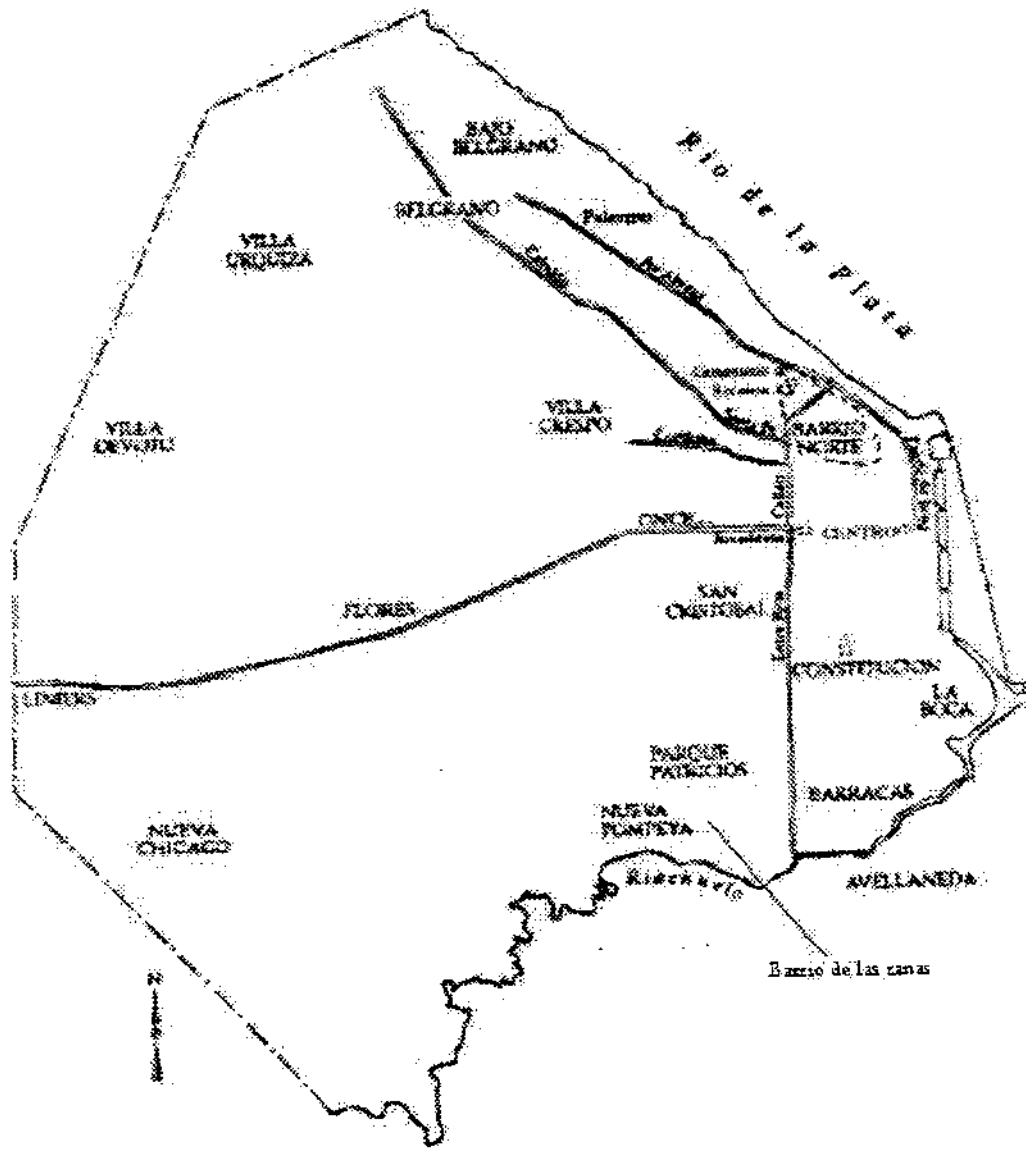
Mapa da cidade de Buenos Aires dividida segundo os Censos de 1904, 1909 e 1914. A seguir o nome dos distritos e os principais bairros de cada distrito.

- |  |  |
|--|--|
| 1.- Velez Sarsfield<br>(Mataderos, Lugano e Liniers) | 14.- San Nicolás   |
| 2.- San Cristobal Sud (Nueva Pompeya e Barracas)     | 15.- San Bernardo (Villa Crespo, Chacarita, Villa Urquiza, Villa del Parque, Villa Pueyrredón, Villa Devoto) |
| 3.- Santa Lucia                                      | 16.- Belgrano  |
| 4.- San Juan Evangelista (La Boca)                   | 17.- Palermo   |
| 5.- Flores   | 18.- Las Heras   |
| 6.- San Carlos Sud (Almagro)                         | 19.- Pilar   |
| 7.- San Carlos Norte (Caballito)                     | 20.- Socorro (Retiro)  |
| 8.- San Cristobal Norte                              |  |
| 9.- Balvanera Oeste (Once)                           |  |
| 10.- Balvanera Sud                                   |  |
| 11.- Balvanera Norte                                 |  |
| 12.- Concepción (Constitución, San Telmo)            |  |
| 13.- Monserrat                                       |  |





Mapa com algumas Referências de Buenos Aires para 1900. **Fonte:** *Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año X. 1900.*



Mapa con referencias de Buenos Aires para 1910. **Fonte:** SCOBIE, James *Buenos Aires, del centro a los barrios, 1870-1910*; e ROCCHI, Fernando *La armonia de los opuestos: Industria, importaciones y la construcción urbana de Buenos Aires en el periodo de 1880-1920*

*No País da Cocanha: Aspectos do Modo de Vida dos Trabalhadores de Buenos Aires (1880-1920)*

*Introdução*

Um espectro ronda a historiografia argentina. O espectro da classe trabalhadora. É possível falar de classe trabalhadora em Buenos Aires? Será melhor falar em classes trabalhadoras? Ou ainda, será preciso apelar a outro tipo de generalização para falar dos trabalhadores, suas famílias e de todos aqueles que gravitavam em torno deles e compartilhavam o mesmo destino e situações, como os pequenos comerciantes, produtores independentes, alguns funcionários públicos, prostitutas, cáftens, ladrões e mariolas? Há uma classe trabalhadora na Argentina antes da grande indústria? Há uma classe trabalhadora consciente da sua própria condição antes da década de trinta? Este é o tema da tese, a nossa preocupação a qual isso escolhemos um caminho tortuoso e complicado, mas esclarecedor: chegar à classe e ao seu modo de vida através da vida material, das condições de vida, antes que pelas expressões simbólicas ou pela atividade política.

Poderíamos ter reduzido o objeto aos pobres urbanos, a algum grupo profissional ou a um bairro. Esta opção teria permitido a aproximação a um grupo específico. Teríamos ganho em determinação e perdido na visão de conjunto. Olhar através do microscópio ou do binóculo? A opção foi a visão abarcadora, tentar apreender o conjunto. Isto é, compreender a conformação da classe trabalhadora. Optando por uma abordagem ampla, defrontamo-nos com as dificuldades da historiografia argentina para enxergar uma identidade coletiva. Nesse sentido, os trabalhadores estão desclassificados, pois não podem entrar numa única categoria, embora seja possível falar de uma 'oligarquia' rural, de uma classe média ou da burguesia portenha. Também os trabalhadores foram 'desclassificados', pois estavam excluídos como cidadãos, como imigrantes ou militantes de associações de trabalhadores, sempre ameaçados de serem expulsos da Argentina, por causa da

militância sindical ou das atitudes radicalizadas. Excluídos enquanto produtores, que colhiam uma ínfima parte dos benefícios que produziam. Excluídos e segregados fisicamente da sociedade portenha, criando a sua própria sociedade, nas margens da sociedade burguesa.

A imigração não foi um empecilho na conformação de um grupo social único. A falta de bairros étnicos e a circulação dos imigrantes dentro da cidade de Buenos Aires, devido ao mercado de trabalho e ao mercado da habitação, permitiram o contato dos recém-chegados com os problemas existentes nesta cidade. Os primeiros momentos dos imigrantes em Buenos Aires devem ter sido os de maior afastamento entre o recém-chegado e os moradores já estabelecidos. Isto tem a ver com as expectativas que trazia o imigrante: expectativas de melhorar de vida, de mudar de sorte, de arranjar uma forma de ser rico rapidamente. Passado este primeiro momento as expectativas igualavam-se aos poucos e as perspectivas de melhoras passavam a ser mais imediatas: mudar-se para um *conventillo* um pouco melhor ou alcançar a casa própria.

Nesta tese, serão apresentadas as transformações experimentadas pelos trabalhadores como grupo social; avaliaremos e identificaremos alguns dos elementos que deram um certo grau de homogeneidade à diversidade representada por grupos com diferentes origens, expectativas e horizontes mediatos e imediatos. Alguns destes elementos estão dentro do que tem sido denominado como *Mundo do trabalho*, ou seja, o conjunto de relações que os trabalhadores estabelecem em torno da esfera da produção, no local de trabalho, entre si, com os patrões, o Estado, e com as organizações que os representam.<sup>1</sup> Porém, no período da nossa pesquisa, esses elementos de unificação estão na *vida material*, permitindo amalgamar o conjunto e a cristalização das experiências coletivas.

---

1.- Esta questão é levantada por FALCÓN, Ricardo "El Mundo del trabajo urbano (1890-1914)" Buenos Aires, CEAL, 1986, pág. 10.

O mercado de trabalho de Buenos Aires apresenta sérias dificuldades para pensar que este pode ser o fator de coesão da experiência dos grupos que faziam parte do mundo do trabalho urbano. A heterogeneidade das tarefas tinham um denominador comum na precariedade da situação dos trabalhadores nas oficinas e indústrias. Esta precariedade tinha diversas origens, que tentaremos desvendar ao longo da tese. Mas a base da precariedade do emprego estava no estado rudimentar da produção da Argentina. A base tecnológica existente demandava um grande número de trabalhadores com uma baixa qualificação profissional, o que facilitava a alta rotatividade da mão-de-obra nas oficinas e indústrias. O mercado de trabalho formou-se com a precariedade e instabilidade como características principais, mantiveram-se ao longo do período. Este mercado teve dois momentos bem marcados: entre 1880 e 1900, tirando os momentos de crise, a demanda excedia a oferta de mão-de-obra. A partir de 1900, inverteram-se os termos, a oferta excedia a demanda. A instabilidade da mão-de-obra em ambos momentos está relacionada com a temporariedade da demanda e a baixa qualificação requerida. Todas as atividades econômicas estavam vinculadas aos ciclos rurais de produção; o auge ou a crise do setor atingiam severamente o resto da produção. Entre 1880-1900, a proporção de trabalhadores em tarefas não permanentes é alta em relação àqueles que estavam empregados permanentemente.<sup>2</sup>

Se o trabalho não é o elemento de coesão deste grupo social, onde procurá-lo? Será possível que o fator de união estivesse fora do mundo do trabalho? É possível pensar que a experiência da oficina ou da fábrica possa ser contestada ou confrontada

---

2.- Segundo Eric Hobsbawm uma grande oferta de trabalhadores não qualificados e um alto grau de heterogeneidade no mercado de trabalho correspondem a economias em processos de industrialização rápida, que é o que acontece em Buenos Aires, *vide* HOBSBAWM, Eric "La era del Imperio, 1875-1914" Buenos Aires, Crítica, 1998 (1ª ed. em inglês: 1987), págs. 125 e 131. Sobre a conformação do mercado de trabalho SÁBATO, Hilda e ROMERO, Luis Alberto "Los trabajadores de Buenos Aires. La Experiencia del Mercado: 1850-1880" Buenos Aires, Sudamericana, 1992, págs. 144 a 169. Sobre as condições do mercado de trabalho entre 1880-1920 *vide* ADELMAN, Jeremy "The political economy of labour in Argentina, 1870-1930" IN: ADELMAN, J. (Ed.) "Essays in Argentine Labour History, 1870-1930" London, The Macmillan Press, 1992, pág. 14; CORTÉS CONDE, Roberto "El progreso argentino, 1880-1914" Buenos Aires, Sudamericana, 1979; e MUNCK, Ronaldo *et alii* "Argentina: from anarchism to peronism. Workers, unions and politics, 1855-1985" London, Zed Books, 1987, págs. 12 e 13.

por outro tipo de experiência na conformação da classe trabalhadora? Não estamos negando a importância do trabalho como uma experiência vital na vida dos operários de Buenos Aires, se pensamos que a quantidade de horas de trabalho foram sempre muito elevadas.<sup>3</sup> Mas a desagregação do mercado de trabalho, a fragmentação das unidades produtivas numa constelação de oficinas, a baixa concentração de trabalhadores nos locais de produção e a heterogeneidade dos processos produtivos não conseguiam-se amalgamar numa experiência comum.

As tentativas de unificação das experiências no âmbito de trabalho estiveram relacionadas com o apelo à greve geral. Desta forma, o conflito deixava de estar restrito a um único local, e mesmo a uma única categoria profissional, para que expandir-se ao conjunto dos trabalhadores. Isto apresentava uma grande dificuldade. A exploração no nível do trabalho não era muito diferente de oficina para oficina, ou de fábrica para fábrica; por isso a greve geral tinha que procurar outras questões como forma de sensibilizar e conseguir a participação do conjunto. Não seria muito difícil identificar a exploração no cotidiano e nas condições de vida como parte dos apelos à participação militante. O ciclo das greves gerais, entre 1902 e 1910, permitiu distinguir os elementos comuns aos distintos grupos de trabalhadores, à própria condição de explorado, à identificação dos exploradores e, finalmente, ao um modo de vida próprio, diferente dos outros grupos sociais.

A exploração, com certeza, deve ter sido um dos principais componentes da experiência do mercado de trabalho. Mas a exploração não estava restrita ao âmbito do trabalho; pelo contrário, esta era uma condição central às relações entre capital e trabalho ao longo do período. A exploração intensificava-se em duas situações impossíveis de evitar: na alimentação e na habitação.

---

<sup>3</sup>- Diminuíram ao longo do período, só nos últimos 5 anos caíram para 8 a 9 horas MUNCK, R. *et alii Op. Cit.*, pág. 75.

Assim, como a experiência do trabalho era heterogênea, devemos procurar a homogeneidade em outra situação: na vivência das condições de vida. As condições de vida deixavam uma marca indelével nas pessoas, permitindo uma comunidade de experiências adquiridas nos pátios dos *conventillos* e no consumo dos mesmos gêneros alimentares. O mesmo tipo de alimentação e habitação foram sendo incorporadas como parte de uma identidade comum, a dos explorados e marginalizados da sociedade, construída no em torno dos lucros gerados pela economia agropecuária de exportação.<sup>4</sup>

As condições de vida permitiam unificar o sentimento de exploração comum, estabelecendo um modo de vida particular.<sup>5</sup> As condições de vida atuavam como um catalisador que unificava as experiências em suspensão, acelerando o processo de aproximação dos explorados. Como veremos, o *conventillo* forçava o encontro dos vizinhos em espaços comuns, permitindo o intercâmbio de experiências e sentimentos em torno das condições de vida e alentando as ações coletivas. As lutas pela melhora das condições de vida permitiam identificar a comunidade de interesses entre Estado e Capital, confrontados com os interesses dos trabalhadores e suas famílias. A cada luta iniciada, o sentimento de desigualdade crescia, alentado pela repressão ou pela venalidade dos funcionários públicos, sempre prontos a auxiliar os zeladores, empresários das moradias ou os donos dos inquilinatos. Estas problemáticas favoreceram a reflexão e o estabelecimento de diferenças evidentes entre exploradores e explorados.

---

<sup>4</sup>- A hipótese das condições de vida homogeneizando a experiência dos trabalhadores em ROMERO, Luis Alberto 'Questione urbane, immigrazione ed identità: I lavoratori a Buenos Aires e Santiago del Cile verso il 1900' IN: BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio e PEPE, Adolfo (a cura) "La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina (1870-1970)" Milano, Teti edit., 1994, págs.234 a 235.

<sup>5</sup>- Sobre a construção de um modo de vida partindo das condições de vida *Vide* THOMPSON, E. P. "A formação da Classe Operária Inglesa. Vol. II. A maldição de Adão" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 (1ra. ed. em inglês: 1963), pág. 37.

Este sentimento de exploração fazia-se mais evidente em momentos particulares, mas também diacronicamente. Este foi um processo, não um descobrimento imediato. De fato, cada leva de imigrantes descobria que esta nova realidade era diferente do país da Cocanha anunciado pelos agentes da imigração. Este processo não parava de concretizar-se, era um redescobrimento permanente. Mas, mesmo assim, a condição da exploração teve seus momentos determinantes. No longo prazo, as condições da exploração ficaram cada vez mais evidentes depois da virada do século. A ascensão social estava cada vez mais restrita a quem dispunha de um bom capital inicial. A demanda de mão-de-obra era cada vez mais limitada, sendo necessário para os operários qualificados recorrer a biscates para poder sobreviver. A exploração ficou mais evidente neste período, sensibilizando ainda mais aos trabalhadores.

As condições de vida e o modo de vida, portanto, serão o tema desta tese. Ou melhor, serão estudados dois aspectos das condições de vida: habitação e alimentação. Depois de analisar as condições de vida nos seus aspectos materiais e simbólicos, veremos se é possível pensar no modo de vida como o fator de aglutinação da experiência dos trabalhadores. As condições de vida têm uma grande importância no conhecimento de certos aspectos pouco estudados da vida dos trabalhadores. Esta é uma questão pouco desenvolvida e a falta de estudos desta índole dificulta a compreensão de outras questões vinculadas ao cotidiano operário e à formação da classe.

Como objeto de análise, as condições de vida tiveram sua origem na Revolução Industrial, tornando-se uma das principais preocupações junto ao processo de formação da classe. À medida que a produção capitalista de bens foi subsumindo outras formas produtivas, como a servidão ou a escravidão, as condições em que estes operários viviam e se reproduziam começaram a preocupar os burgueses. A Revolução Industrial foi o marco de uma das obras que mais influenciou os historiadores que estudam as condições de vida: "*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*", de Friedrich



Engels. Os capítulos descritivos, ainda mais do que os analíticos, atuaram como modelo de análise para os estudos posteriores que partiam desta perspectiva.<sup>6</sup> Mesmo assim, as análises posteriores centraram-se nas formas em que se desenvolvia a produção, fazendo com que as condições nas quais viviam os trabalhadores fossem consideradas como a resultante da obtenção da mais-valia.

A cultura resultante das antigas tradições, em contato com as condições nas quais os operários tinham de viver e o empenho para manter a sua própria identidade eram condenadas como produto da ‘falsa consciência’ dos trabalhadores, sem analisar a especificidade da mesma ou ainda os mecanismos de resistência à opressão e aos condicionamentos econômicos. O marxismo enfatizou a questão da determinação das forças produtivas sobre a classe operária e sobre a sua vida coletiva e individual.

Enquanto Marx e Engels centravam suas análises nos mecanismos de produção e reprodução do Capital,<sup>7</sup> os intelectuais conservadores e liberais – fossem membros do Estado, de organizações filantrópicas e religiosas, ou simplesmente indivíduos preocupados com esta situação – descreveram as situações e condições em que os trabalhadores viviam. Esta literatura iniciou a análise dos aspectos relacionados à reprodução da mão-de-obra.

Os estudos sobre as ‘condições morais e físicas’ dos trabalhadores baseavam-se em determinadas concepções biológicas e fisiológicas das relações sociais e da sociedade. O próprio termo ‘condições’ denota a influência do meio, sendo a vida social determinada exteriormente ao indivíduo. Esta determinação é psico-fisiológica, atingindo o pensamento, o comportamento e as práticas culturais dos trabalhadores; o

---

<sup>6</sup>- ENGELS, Friedrich “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra” São Paulo, Global edit., 1985 (1ª ed. em alemão: 1845).

<sup>7</sup>- Para uma análise da inter-relação entre as diversas esferas do social e do econômico e a opção por limitar o estudo das condições de vida aos aspectos econômicos por Marx e Engels, *vide* ENGELS, Friedrich ‘Carta de Engels a J. Bloch, 21 e 22/II/1890.’ IN: MARX, K. e ENGELS, F. “Obras escolhidas. Vol. 3” Rio de Janeiro, Vitória, s/d (a carta é de 1890).

próprio Engels foi influenciado por esta corrente de pensamento em “*A situação...*”.<sup>8</sup> Seguindo esta concepção, as determinações do meio explicam as condutas operárias.

Em Buenos Aires, a questão das condições de vida teve origens diversas, como as preocupações filantrópicas e/ou religiosas, os ‘perigos’ acarretados pelas más condições de vida – como a marginalidade, o alcoolismo, a delinquência ou as enfermidades infecto-contagiosas –, e o baixo desempenho dos trabalhadores. Estes motivos deram início a uma literatura destinada à descrição, à análise e à procura de soluções para o nível de vida dos trabalhadores. As condições de vida não foram unicamente uma preocupação do Estado e dos reformistas sociais; os dirigentes e escritores vinculados ao sindicalismo e aos partidos operários viram nas condições de vida tanto um elemento de unificação das experiências quanto um grave problema a resolver.

Estes observadores começaram a preocupar-se com certos aspectos que eram deficitários, como a qualidade da habitação, as condições sanitárias, as doenças, a alimentação, e outros. Em todos os casos, a dilapidação da mão-de-obra e suas conseqüências não desejadas – orfandade, viuvez, marginalidade, incapacidade física parcial ou total por causa dos acidentes de trabalho, etc. – organizavam estas preocupações.

A problemática das condições de vida entrou no horizonte dos historiadores argentinos com a renovação da historiografia da década de 1960 e com a crise do marxismo na década de 1970, quando os primeiros trabalhos sobre condições de vida foram apresentados, forçando os limites dos paradigmas hegemônicos. Estes historiadores priorizaram as variáveis quantitativas, sobre as quais encontramos interpretações divergentes.

O trabalho inicial sobre a história das condições de vida foi realizado por José Panettieri<sup>9</sup>, que, partindo de uma visão pessimista, analisou a questão no período da

---

<sup>8</sup>- Como mostra LOPES, José Sérgio Leite ‘Anotações em torno do tema “condições de vida” na Literatura sobre a Classe Operária’ IN: da SILVA, Luiz Antônio Machado (Org.) “Condições de vida das camadas populares” Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984, págs. 32 e 50.

imigração maciça, baseando-se em fontes qualitativas. Esta visão era reforçada pelos historiadores militantes, membros de partidos e sindicatos. O estudo de Panettieri marcou uma transição e uma abertura a um outro tipo de pesquisas, que seriam retomadas nos anos oitenta como parte da Historia Social Argentina. A resposta à visão pessimista dos historiadores militantes e de Panettieri foi dada por Roberto Cortés Conde<sup>10</sup>, que, utilizando fontes quantitativas, mostrou o crescimento do renda per capita, e inclusive do salário real. As fontes utilizadas por Cortés Conde foram questionadas pela impossibilidade de generalização, por tratar-se, por exemplo, dos salários de uma indústria alimentar em expansão, a *Bagley*. Segundo este autor, o crescimento da riqueza na Argentina alcançava todas as classes sociais, incluídos os trabalhadores.

Os estudos dos marxistas britânicos influenciaram os historiadores argentinos. As questões referentes às condições de vida tornaram-se relevantes, dada a necessidade de explicar a formação da 'consciência de classe' e de achar as causas profundas da luta pela auto-determinação e a influência das mesmas na formação da cultura operária. A partir daqui, começaram pesquisas com novos pressupostos teóricos e metodológicos, nas décadas de 1970 e 1980. Apesar da relevância declarada, as pesquisas sobre condições de vida não deixaram o estágio inicial, de prospecção. Mesmo assim, os estudos de Leandro Gutierrez evidenciaram os limites da perspectiva quantitativa de Cortés Conde.<sup>11</sup> A desagregação das variáveis é uma característica comum às pesquisas sobre Buenos Aires. Apesar da parcialização da realidade e da redução dos problemas do conjunto a uma única questão, tem-se insistido neste tipo de estudos monográficos para alcançar uma melhor compreensão das variáveis.

---

9.- PANETTIERI, José "Los Trabajadores" Buenos Aires, CEAL, 1982 (1ª ed. 1967).

10.- CORTÉS CONDE, R. *Op. Cit.*

11.- GUTIERREZ, Leandro 'Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires: 1880-1914' IN: "Revista de Indias N°163-4" Madrid, 1981; e 'Condiciones materiales de vida de los sectores populares en el Buenos Aires finisecular'; IN: A.A.VV. "De historia e historiadores. Homenaje a José Luis Romero", México, Siglo XXI, 1982.

Das diversas questões que compõem as condições de vida, o problema da habitação é um dos mais estudados. Grande parte da discussão entre pessimistas e otimistas portenhos girou em torno deste ponto.<sup>12</sup> O conjunto dos trabalhos sobre a habitação estão marcados pelo trabalho pioneiro de James Scobie sobre o deslocamento dos trabalhadores para os limites da cidade.<sup>13</sup> Uma perspectiva renovadora na análise das atitudes dos inquilinos como um movimento de consumidores é apresentada por Juan Suriano na sua pesquisa sobre a greve de inquilinos de 1907.<sup>14</sup>

Quanto às outras variáveis das condições de vida – como saúde, transportes, lazer, cultura, etc. –, foram pouco estudadas, salvo honrosas exceções. A cultura dos setores populares e a experiência gerada pela vivência de situações concretas e pelo processo no qual são internalizadas as estruturas culturais receberam uma atenção privilegiada de alguns historiadores.<sup>15</sup> A questão das condições de vida está numa etapa inicial, sendo muitas as questões que têm que ser estudadas cuidadosamente. Nesta tese damos uma contribuição no que se refere a dois dos elementos principais das condições de vida: habitação e alimentação.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup>- O debate iniciou-se pela resposta a Cortés Conde de YUJNOVSKY, Oscar 'Políticas de Vivienda en la ciudad de Buenos Aires, 1880-1914' IN: "**Desarrollo Económico** N°54" Julio-Septiembre de 1974. Yujnovsky mostrou o crescimento da população em relação à moradia, o que levou ao aumento do preço da habitação. A resposta dos otimistas correspondeu a KORN, Francis e de la TORRE, Lidia 'La vivienda en Buenos Aires, 1887-1914' IN: "**Desarrollo Económico** N°98" Julio-Septiembre de 1985. Para elas neste período cresceu o número dos proprietários, pelo que o aumento dos alugueis era relativo.

<sup>13</sup>- SCOBIE, James "**Buenos Aires, del centro a los barrios, 1870-1910**" Buenos Aires, Solar Hachette, 1977. Outros trabalhos sobre moradia: ARMUS, Diego e HARDOY, Jorge 'Conventillos, ranchos y casa propia en el mundo urbano del novecientos' IN: ARMUS, Diego "**Mundo Urbano y Cultura Popular. Estudios de Historia Social Argentina**" Buenos Aires, Sudamericana, 1990; GUTIERREZ, Leandro e SURLANO, Juan 'Workers' Housing and Living Conditions in Buenos Aires, 1880-1930' IN: ADELMAN, Jeremy (Ed.) "**Essays in Argentine Labour History, 1870-1930**" The Macmillan Press, London, 1992; LIERNUR, Francisco 'Buenos Aires: la estrategia de la casa autoconstruida' IN: AA.VV. "**Sectores Populares y Vida Urbana**" Buenos Aires, CLACSO, 1984.

<sup>14</sup>- SURIANO, Juan "**La Huelga de Inquilinos de 1907**" Buenos Aires, CEAL, 1983.

<sup>15</sup>- Para a cultura dos bairros portenhos GUTIERREZ, Leandro e ROMERO, Luis Alberto "**Sectores populares. Cultura y Política**" Buenos Aires, Sudamericana, 1995. Inclusive para o trabalho como organizador da cultura popular: FALCÓN, Ricardo 'Aspectos de la cultura del trabajo urbano. Buenos Aires y Rosario, 1860-1914' IN: ARMUS, D. *Mundo urbano... Op. Cit.*

<sup>16</sup>- Para maiores detalhes sobre o estudo das condições de vida, *vide* FERRERAS, Norberto O. 'Historia e historiografía de las condiciones de la vida obrera en Buenos Aires y Rio de Janeiro: Un análisis comparativo' IN: "**Pós-História Vol. 5**" UNESP, 1997.

Para ter uma compreensão mais detalhada das condições de vida, ou melhor, da alimentação e da habitação, apresentaremos certas questões que subjazem ou que permitem contextualizar o estudo. O primeiro capítulo apresenta as transformações que a cidade de Buenos Aires atravessou ao longo dos quarenta anos que compreendem este estudo. Desta forma, pode-se verificar o caráter dramático das mudanças no conjunto da estrutura urbana e o modo como as mesmas afetavam os seus moradores. O tratamento do conjunto do espaço urbano levar-nos ao segundo capítulo, que trata diretamente de uma das duas problemáticas centrais da nossa tese: onde estavam situadas as moradias operárias, como eram, os tipos de moradias existentes, o custo da habitação e o tipo de aproveitamento destes espaços.

Certas considerações desse capítulo, como o custo da habitação, levam-nos a reflexões paralelas no terceiro capítulo. Em que contexto econômico se incorporavam os trabalhadores? Como podiam atuar nesse contexto? Quais os melhores momentos para protestar ou não? Uma vez que a habitação não era o único gasto de uma família operária, ainda que fosse o principal, tentamos desvendar a constituição do salário e das estratégias familiares na alocação dos recursos, que podiam ser altos para outros países, mas que resultavam escassos ante as necessidades presentes em Buenos Aires. O trabalho está estreitamente unido a muitos aspectos do cotidiano. A proximidade entre o âmbito o trabalho e o residencial, unidos em muitos casos, levava a que as reivindicações salariais estivessem permeadas pelas condições de vida, por atingir um mínimo que fizesse suportável o dia-a-dia. Na década de 1920 esta situação começa a mudar, principalmente pela marcada separação entre residência e trabalho. As reivindicações por melhoras salariais passam a estar relacionadas às próprias condições do trabalho e pelos ofícios desenvolvidos neste âmbito. A questão salarial e suas derivações, como o orçamento familiar e a constituição de um salário de família, será apresentada. A avaliação do salário pelos trabalhadores e suas organizações nos dá a pauta do que eles achavam das condições de vida e das necessidades insatisfeitas.

O estudo dos orçamentos das famílias dos trabalhadores nos permitiram estabelecer quais eram os seus principais consumos alimentares. No capítulo quarto investigamos as estratégias para se proverem dos consumos mais necessários ou dos mais desejados. Para isto, foi preciso conhecer a produção local, as formas de aprovisionamento urbano e a capacidade de Buenos Aires de alimentar uma população crescente e oscilante. Algumas das reflexões e pesquisas foram continuadas no capítulo quinto. Desta forma, a análise perpassa o abastecimento urbano e o abastecimento doméstico. É preciso indagar como os produtos que chegavam aos principais centros de distribuição alcançavam as mesas dos cortiços ou das casas dos subúrbios. Para completar o quadro, incorporamos alguns elementos que interferiram no grande esquema de abastecimento, complicando ou facilitando a vida dos portenhos, como sucedia com as fraudes, falsificações e a produção para o consumo próprio.

As considerações dos capítulos quarto e quinto permitiram-nos pensar a alimentação, como outro *locus* de configuração das identidades. No capítulo sexto examinamos a alimentação, tentando compreender as transformações que sofreu ao longo do nosso período. Para isto, estabelecemos dois tipos de dietas básicas: a primeira é a *criolla*, a original da hinterlândia *bonaerense*, a outra é a dos diversos imigrantes italianos em geral. As mesmas foram crivadas pelas novidades de cada uma destas em relação à outra. Também consideramos o impacto da industrialização, que provocou uma série de transformações em ambas culturas alimentares, e as resistências ante estas mudanças.

Finalmente, não serão ignoradas as resistências ao capitalismo em geral e às condições de vida em particular. Das alternativas propostas pelos grupos de trabalhadores, suas instituições e organizações, tomamos uma das ações mais interessantes: as cooperativas. Estas instituições encarnaram o ideal da produção para o consumo próprio, que permitia isolamento do mercado, representando também a solidariedade dos pequenos produtores, que não admitiam a exploração. O

cooperativismo é um dos ideais do socialismo utópico, continuado por socialistas e anarquistas. O cooperativismo provocou interessantes debates em torno das formas de confronto com o Capitalismo. Os discursos sobre a classe evidenciam-se nestas zonas de conflito entre os diversos grupos de trabalhadores.

Outra prática que tem sido amplamente ignorada pela História Social é o boicote, que se apresenta como uma forma de resistência ao mercado, utilizando o poder de fogo do próprio mercado: a comercialização. Esta prática implica a negação de comprar um determinado produto sem estabelecer um confronto direto com o Capital. O boicote, recorrentemente utilizado pelos grupos mais radicalizados da militância operária, implicava o reconhecimento do Capital e a divisão entre um Capital tolerável e outro intolerável, pelo que acabou produzindo reveladores debates sobre a relação com o mercado. As práticas alternativas de consumo permitem-nos pensar na conformação de uma economia política do consumo, retomando o sentido que Marx e Engels dão a este termo.<sup>17</sup> Mas também serão examinados alguns dos confrontos diretos entre Capital e trabalhadores, como consumidores. Estes confrontos, que tiveram lugar nas ruas da cidade, permitiram o reconhecimento e fortalecimento das identidades. O momento culminante da luta de classes, como luta de rua, com certeza foi a *Semana Trágica*. É provável que este confronto entre as forças da ordem, no sentido mais amplo do termo, e os trabalhadores tenha permitido o momento de maior reconhecimento das partes, bem como deste tipo específico de classe trabalhadora.

Embora estejamos num momento de consolidação do Capital, não podemos falar da revolta como um apelo a uma economia moral da multidão preexistente. Pelo contrário, estas revoltas podem ser consideradas como formas de barganha, tentativas de estabelecer canais de negociação com o Estado, de levar à consideração pública as

---

<sup>17</sup>.- "A Economia política deve ser pensada como a ciência das condições e formas sob as quais as diversas sociedades humanas tem produzido e praticado o intercâmbio, e sobre as quais têm distribuído, segundo aqueles, seus produtos". Vide ENGELS, Friedrich 'La subversión de la Ciencia por el señor Eugene Dühring (Anti-Dühring)' IN: ENGELS, F. "Obra filosófica" México, Fondo de Cultura Económica, 1986 (1ª ed. em alemão: 1878), pág. 129.

condições de existência e lutar por direitos como trabalhadores e cidadãos. Ou seja, lutar pelos direitos sociais e civis.

O período que delimita o nosso tema de estudo está relacionado justamente com o período de formação da classe trabalhadora em Buenos Aires. Os limites são indicativos e não são fixos. Não há fatos que possam ser colocados como marcos temporais rígidos. 1880 foi estabelecido porque representa o momento em que a imigração de massas cresce significativamente. Mas não foram esquecidos alguns processos anteriores a este momento. A constituição da dieta portenha, por exemplo, antecedeu em muito essa data. O primeiro cortiço não foi construído em 1880; esse tipo de moradia já existia desde muito tempo antes. A febre amarela de 1871 poderia ter sido um outro marco; porém, os saldos imigratórios desse período são muito reduzidos para que resultassem num impacto decisivo sobre as condições de vida urbana. De fato, entre 1871 e 1880 ingressaram na Argentina 260.885 imigrantes, dos quais 87.066 permaneceram em Buenos Aires; entre 1881 e 1890, esta quantidade mais do que triplicou, passando a 841.122 imigrantes, sendo que 278.508 deles optaram por Buenos Aires. O impacto desse grande número de pessoas sobre uma pequena cidade ocasionou sérias complicações urbanas e sociais.<sup>18</sup>

O marco final estabelecido, 1920, tem outras particularidades e não está relacionado à queda do fluxo imigratório da década 1911-1920. Está relacionada à cristalização de um determinado tipo de prática e atitude perante o trabalho e as condições de vida. Esta última década aponta para uma série de mudanças, que se acentuaram na década de 1920. O ciclo repressivo, a crise econômica quase permanente ao longo dessa década e as mudanças do Estado tiveram como consequência principal a aceitação do Capitalismo como um horizonte permanente e de difícil mudança. Por isso, é interessante confrontar essa realidade com o canto do cisne que implicou a

---

<sup>18</sup>- REPÚBLICA ARGENTINA, DIRECCIÓN GENERAL DE INMIGRACIÓN "Resumen estadístico del Movimiento migratorio en la República Argentina. Años 1857-1924" Buenos Aires, 1925.



*Semana Trágica* e outros confrontos com o Capital, que levaram à exaustão o movimento operário, com poucas conquistas materiais.<sup>19</sup> O ano de 1914 poderia ser uma opção como data final, considerando o Censo desse mesmo ano e o impacto do início da Grande Guerra, mas isso teria implicado colocar uma data artificial, como o Censo, ou novamente tomar um elemento objetivo, como o decréscimo da imigração. A intenção era apresentar a subjetividade em ação. A tese parte de elementos objetivos para avaliar a conformação da subjetividade, e tendo sido esse o critério de seleção dos marcos cronológicos.

A constituição da subjetividade está intimamente relacionada às perguntas que deixamos sem resposta no início desta introdução. Seria possível pensar numa classe trabalhadora em Buenos Aires? Seria possível pensar na classe trabalhadora durante o nosso período? Certamente, estas perguntas tem um grande número de respostas. O debate começaria com os próprios protagonistas, continuando com os historiadores militantes das décadas de 1930, até a década de 1970. Mas esta tese tem como referencial teórico os estudos sobre o período realizados na década de 1980 e 1990.

Ninguém discute que existe uma classe operária atuando desde finais da década de 1930. Mas como classificar os grupos de pessoas do período anterior? Como fazer história social, se o sujeito é o indivíduo? Alguns historiadores ignoram a questão, fragmentando o sujeito coletivo segundo a sua origem nacional, a atividade sócio-profissional, ou opção política. Porém, se a origem nacional abarca diversos grupos sociais, ela não inibe a situação social de todos os seus componentes. Os pontos de contato entre o pedreiro e o empreiteiro italianos são inúmeros, mas os seus interesses e necessidades são muito diferentes, e muitas vezes são conflitantes. Outros historiadores preferem esticar o grupo de análise abarcando até as classes médias,

---

<sup>19</sup>- Thompson menciona um fenômeno similar acontecido com o Cartismo entre os trabalhadores ingleses, vide THOMPSON, E. P. 'As peculiaridades dos ingleses' IN: "As peculiaridades dos ingleses e outros artigos" Campinas, Unicamp, s/d (1ra. ed. em inglês: 1978), pág. 38.

argumentando com as grandes possibilidades analíticas abertas pela falta de um recorte do sujeito.

Eduardo Míguez optou pela etnia como forma de definir as identidades durante o nosso período. Míguez rejeita explicitamente o conceito de classe social para analisar os italianos em Buenos Aires, alegando que a questão étnica debilita a consciência de classe, sobretudo se patrão e trabalhador tinham a mesma origem nacional e pertenciam a momentos migratórios diferentes, o que alentava o anseio pela ascensão social. Para reforçar este enfoque, este autor vale-se do tipo de produção que imperava nesta cidade para mostrar as dificuldades existentes na constituição da classe trabalhadora, sendo que as oficinas reuniam umas poucas pessoas. Estes elementos, principalmente a esperança do ascensão social e as relações étnicas, conformaram uma “identidade de classe média” entre os trabalhadores.<sup>20</sup> Não temos mais trabalhadores, unicamente imigrantes que esperam ascender socialmente, tornando-se ricos como o patrão; embora este fosse o dono de alguma pequena oficina, sempre era melhor que ser o empregado dessa oficina. Assim, passavam a ignorar a sorte dos vizinhos dos cortiços e dos colegas da oficina.

Luis Alberto Romero propõe uma outra alternativa. Descarta a possibilidade de pensar a classe trabalhadora, optando pelos *Setores Populares*. Os setores populares excedem a análise de classe, uma vez que as características peculiares da sociedade portenha tornariam uma categorização ampla em extremo. Este autor reclama uma abertura pelo alto e pela base, do trabalhador ocasional a uma parte das classes médias. A justificativa está no fato de que esta seria uma sociedade popular, com um mercado de trabalho instável, a moradia nos subúrbios e sempre com a possibilidade do ascensão social. Este autor explica que preferiu deixar de lado as classes sociais para inspirar-se no conceito de classes subalternas de Gramsci e construir o seu próprio conceito, os *Setores Populares*. Porém, não aparece uma aplicação gramsciana do

---

<sup>20</sup>- MÍGUEZ, Eduardo ‘Tensiones de identidad: Reflexiones sobre la experiencia italiana en la Argentina’ IN: DEVOTO, F. e MÍGUEZ, E. “Asociacionismo, trabajo e identidad étnica. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada” Buenos Aires, CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

conceito. Temos referências às formas de construção da hegemonia, mas não aparece o grau de autonomia dos *sectores populares*, sempre integrados e submissos. A indeterminação seria a principal virtude dos *sectores populares*, que inclui os trabalhadores, funcionários públicos, profissionais liberais: os membros dos *bas-fonds* e outros.<sup>21</sup>

Certamente reduzimos as reflexões destes autores, principalmente no caso de Romero, que dedicou vários artigos à estabelecer o que são os *sectores populares* e apresentá-los em ação. Ambos os autores desqualificam o conceito de classe, alegando o determinismo econômico subjacente. Coincidentemente, ambos baseiam-se em E.P. Thompson para questionar o conceito de classe e, para isto, constroem um Thompson anti-marxista, oposto ao uso de classe. Ambos recriminam ao conceito de classe a incapacidade de não ser um conceito historicamente construído. Rejeitam a classe procurando a imprecisão de outros termos, que os liberassem do pesado fardo de serem tachados de algum tipo de marxismo. Míguez refugia-se na etnia, que perpassa a trama social, e acabamos não reconhecendo o ator social que é estudado, embora pelas referências contextuais percebendo que ele estuda os trabalhadores. Romero, na sua indefinição dos atores, reduz o campo de análise à vizinhança, às relações cara a cara, entre as pessoas; o universo de análise é constituído por algumas quantas pessoas. Assim, teríamos que estudar vizinhança por vizinhança para chegarmos a alguma generalização. Ambos coincidem na impossibilidade de falar de classe, porque a classe não tinha se reconhecido como tal e, por tanto, não era uma classe. Dessa maneira, acabaram metendo pela janela aquilo que tinham expulsado pela porta. Ou seja, definem a questão althusserianamente: como a classe trabalhadora não era uma classe em si, então não era uma classe para si. Em algum momento, poderia até se conformar como classe, mas nunca na virada do século, quando as condições de vida não eram as adequadas.

---

<sup>21</sup>- Os artigos nos quais Romero tenta construir o conceito de *sectores populares* são: ROMERO, L. A. *Questione urbane...* *Op. Cit.*; ROMERO, Luis Alberto 'Introducción' e 'Los sectores populares urbanos como sujetos históricos' ambos IN: GUTIERREZ, L. e ROMERO, L. A. *Sectores populares...* *Op. Cit.*

Tentaremos explicar a nossa opção teórica e explicar porque entendemos que é possível falar de classe trabalhadora. Para começar, concordamos com Romero que o tipo de mercado de trabalho constituído em Buenos Aires dificultava a unificação das reivindicações e a difusão do conflito de classes. Mesmo com a importância que tem a vida fora das fábricas na unificação dos conflitos e no reconhecimento dos próprios membros da classe e dos seus adversários. A classe é um processo histórico, não um conceito a ser demonstrado. As classes, como apresenta Thompson no debate com os estruturalistas, não são categorias abstratas, podendo ser analisadas pelos papeis que os homens representam, à medida que se sentem pertencendo à classe, definindo seus objetivos tanto entre si mesmos como contra outras classes. A classe é uma relação entre pessoas, não uma coisa, e ela se constrói a si própria, tanto quanto é construída pelas condições objetivas e pelos seus adversários. A classe é conformada por pessoas que têm a disposição a comportar-se como classe, porque têm os mesmos interesses, o mesmo sistema de valores e um conjunto de experiências comuns sobre a realidade vivenciada e processada culturalmente, que lhes permite comportar-se de uma determinada maneira, reconhecendo uma identidade dos seus próprios interesses e diferentes de outros homens, os detentores dos meios de produção, ou de reprodução.<sup>22</sup>

Essa identidade de interesses, que contraria os patrões, pode ser achada em Buenos Aires ao longo do nosso período, principalmente a partir da virada do século. Os trabalhadores atuam reivindicando direitos que entendiam como próprios, baseados nas ideologias socialistas e anarquistas predominantes. Os direitos sociais não estão restritos ao âmbito do trabalho e estendem-se à melhora das condições de vida. Nas situações em que os trabalhadores reivindicavam seus direitos, encontravam-se cercados

---

<sup>22</sup>- Para uma abordagem abrangente durante o nosso período *vide* HOBBSBAWM, E. *La era del Imperio...* *Op. Cit.*, pág. 141. Para uma análise teórica THOMPSON, E. P. "A formação da Classe Operária Inglesa. Vol. I. A árvore da liberdade" Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987 (1ra. ed. em inglês: 1963), pág. 10; e THOMPSON, E. P. *As peculiaridades...* *Op. Cit.*, pág. 62.

por uma triplíce aliança: patrão, Estado e comerciantes e empresários da habitação. Estas forças atuavam isoladamente ou em conjunto contra os interesses dos trabalhadores.<sup>23</sup>

A “classe para si”, como relação histórica, não está totalmente pronta em momento algum. Não é possível deter a História para ver a Classe pronta. Como categoria histórica, a classe está em constante formação. O ponto de partida para que a classe possa se reconhecer é a luta de classes; esta antecede o reconhecimento como classe e, por tanto, a vituperada consciência de classe.<sup>24</sup>

Falamos em “classe trabalhadora” e não em “classes trabalhadoras”. Classes é um termo descritivo, que não esclarece muito a comunidade de interesses que inclui. Amontoa uma série de fenômenos sem muita relação uns com os outros. Classe, por sua vez, une elementos, aparentemente sem conexão, mas que se encontram numa série de atitudes e ações unificadas nas práticas cotidianas, ou em momentos excepcionais. Estes momentos excepcionais permitem resgatar uma parte do argumento de Míguez. Ele entende que há ‘ritmo e intensidade’ no reconhecimento das pessoas como etnia. Isto tem uma validade maior para a questão da classe. Há momentos, principalmente ao longo do nosso período, em que a classe manifesta-se de uma forma mais evidente. Estes momentos são os momentos dos grandes conflitos. O ritmo na conformação da classe estava indicado pelo avanço do Capital e pela sua consolidação como um horizonte permanente. A intensidade, por sua vez, estava marcada por certas ações próprias – como a agitação que antecedeu à greve de inquilinos – ou externas – como

---

<sup>23</sup>- Thompson identifica duas: Estado e patrão. Aqui, pela importância que damos às condições de vida na formação da classe identificamos um terceiro termo: comerciantes e empresário da construção num sentido amplo. THOMPSON, E. P. *A formação... Vol. II... Op. Cit.*, pág. 23.

<sup>24</sup>- Thompson e Hobsbawm coincidem nesta preexistência da luta e da unidade necessária entre classe e consciência, sem classe é impossível falar em consciência de classe. Cf. HOBBSAWM, Eric J. ‘La Conciencia de Clase en la Historia’ IN: HOBBSAWM, E. J. “**Marxismo e historia social**” Puebla, Univ. Autónoma de Puebla, 1983 (1ª ed. do artigo, em inglês: 1971); e THOMPSON, E. P. ‘La Sociedad inglesa del Siglo XVIII. ¿Lucha de clases sin clases?’ IN: “**Tradición, revuelta y conciencia de clase**” Barcelona, Crítica, 1979 (1ª ed. do artigo, em inglês: 1978), págs. 33 a 39.

as grandes repressões de 1910 ou da *Semana Trágica* –, que permitiram homogeneizar as experiências e imprimir uma marca indelével na formação da consciência de classe.

Temos falado em classe trabalhadora. Isto significa que daqui por diante manteria o mesmo padrão de comportamento? Aqui temos uma questão em que têm esbarrado os autores analisados e outros tantos historiadores sociais. Negando a teleologia, terminaram sendo altamente teleológicos. Míguez e Romero argumentam, esquematicamente, que em algum momento a classe estará pronta para ser analisada, mas não no momento que eles estudam, e sim posteriormente. A classe como formação histórica é um processo e, como tal, tem avanços, retrocessos e até mudanças no rumo inicial. Vamos a um exemplo clássico: a classe trabalhadora inglesa. Thompson, Hobsbawm e Stedman Jones estabelecem um determinado momento para o surgimento dessa classe. Para Thompson a formação da classe tem lugar entre 1780 e 1832. Hobsbawm situa a sua formação entre 1870 e 1914. Stedman Jones opta pelo período 1870-1900.<sup>25</sup> Demasiadas datas para um fenômeno que deveria ser mais evidente, pelo menos para estes autores.

Stedman Jones dá a chave sobre o que será apresentado nesta tese. O subtítulo do artigo é *Notas sobre a reconstrução de uma classe*, e este é o objetivo do seu trabalho. Compreender como a classe reinterpreta seu passado e se faz novamente, mas nunca partindo de zero, mas de uma base preexistente. Novamente, a classe é um fenômeno histórico e relacional. Na medida em que mudam as condições em que a classe se faz, a própria classe está fadada a mudar. Na medida em que as instituições de classe mudam, que os processos sócio-econômicos mudam, que a natureza do Estado muda, que a

---

<sup>25</sup>. STEDMAN JONES, Gareth 'Cultura y políticas obreras en Londres, 1870-1900: Notas sobre la reconstrucción de una clase' IN: STEDMAN JONES, G. "Lenguajes de Clase. Estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa" Madrid, Siglo XXI, 1989 (1ª ed. em inglês: 1983), pág. 175; HOBBSAWM, Eric 'Q fazer-se da Classe Operária, 1870-1914' IN: "Mundos do Trabalho" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (1ª ed. em inglês: 1984); THOMPSON, E. P. *A formação... Vol. I... Op. Cit.*, pág. 12.

estrutura produtiva muda, a classe também muda. Os adjetivos mudaram também.<sup>26</sup> A intensidade da experiência da classe, como vivência das pessoas que a integram, pode ser fraca em determinados momentos, sobretudo no momento de mudança de paradigma, ou nos momentos de reconformação da classe, quando se opta por outro tipo de identidade, que mascara o sentimento de pertencimento à classe, como a identidade nacional ou os interesses profissionais. De fato, todos somos seres multidimensionais e, em alguns momentos, umas identidades primam sobre as outras.

Quanto à reconformação da classe trabalhadora, observamos algumas questões que podem ser de interesse. Por um lado, durante o nosso período conforma-se uma classe trabalhadora que podemos denominar como “rebelde”, predisposta a apelar à rebelião para obter melhoras na sua condição. A radicalização desta classe implicava optar pelas táticas do anarquismo ou do sindicalismo revolucionário, e não do parlamentarismo ou do socialismo como práticas políticas. O mercado de trabalho, a baixa qualificação dos trabalhadores e a cultura do cortiço garantiram ao anarquismo da ação direta a hegemonia da classe trabalhadora. O sindicato era o *locus* da agitação, como posteriormente passaria a ser o *locus* da negociação.

Certas mudanças sociais, econômicas e políticas verificam-se no final do período, quando o socialismo cresce significativamente nas eleições e os sindicalistas passam a negociar com o Estado como forma de obter melhoras. Os anarquistas permaneceram como o único setor radicalizado, e cada vez com menos espaço. A classe trabalhadora deixa de ser rebelde para ser reformista. A revolta perdeu espaço para a luta por garantir um lugar no sistema de relações capitalistas. A classe trabalhadora do início do século XX começou a desmanchar, a fracionar-se em pequenas unidades, fundamentalmente na próspera década de 1920. As transformações na estrutura produtiva e a passagem de um sistema produtivo baseado nas oficinas a

---

<sup>26</sup>- Para uma interessantíssima análise sobre a constituição da classe trabalhadora como um processo, que implica a formação e a re formação da classe trabalhadora, *vide* SAVAGE, Mike e MILES, Andrew “**The remaking of British working class, 1840-1920**” London, Routledge, 1994.

um outro fabril, junto às transformações no tipo de habitação, às mudanças no sistema político, como o retorno do conservadorismo, e ao impacto decisivo da indústria de massas nos consumos dos trabalhadores, resultarão numa outra classe trabalhadora. Esta sim, aceita por quase todos os analistas da história social.

Uma última palavra sobre o título escolhido: *No país da Cocanha*. A referência ao país da Cocanha aparece em cronistas e viajantes, assim dessa forma. Buenos Aires, e a Argentina, eram o melhor local para viver e enriquecer. Chegar ao país da Cocanha era uma terra mítica que procuravam os camponeses do sul da Itália, este mito passou para a Europa Ocidental e acompanhou os imigrantes. Como os conquistadores procuravam o *Eldorado* os imigrantes perseguiam o sonho do país da Cocanha, a terra da abundância, da ociosidade, da juventude perene e da liberdade.<sup>27</sup> Na Argentina não acharam esta terra imaginária, mas a utopia de um mundo melhor manteve os homens e seus sonhos em movimento e os levou a procurar novas vias de realização da terra prometida. Algumas das lutas e das utopias aparecem neste texto.

---

<sup>27</sup>.- Para conhecer melhor o *País da Cocanha* leia-se FRANCO JUNIOR, Hilário “*Cocanha. A História de um país imaginário*” São Paulo, Cia. das Letras, 1998.



*Capítulo I*  
*Buenos Aires 1880-1920: Uma Metrópole Em Construção*

“No hablo de las ciudades en que se dan cita los turistas, sino de aquellas otras, como la presente, a donde, todos los que van, confiésenlo o no, van a buscar la solución del problema de sus vidas.” (Emilio Daireaux “**Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina**” Buenos Aires - Paris, Félix Lajouane edit. - Libr. de Ch. Bouret, 1888, pág. 104)

“...Buenos Aires, núcleo luminoso del cometa cuyo cuerpo sin masa flota entre los Andes y el Atlántico” (Rafael Barret “**El Terror Argentino**” Asunción, Imp. Gabrow & Schauman, 1910, pg. 3)

Buenos Aires, a aldeia fundada em 1536 à beira do *Río de la Plata*, passou por períodos de pequenos crescimentos e crise por mais de 300 anos; porém, a transformação que nela se operou nos 100 anos seguintes e mais precisamente nos 40 anos entre 1880 e 1920, foi drástica. Passou de uma grande aldeia a uma cidade e, pouco depois, a ser uma metrópole. Quem tivesse saído de Buenos Aires, permanecendo ausente ao longo deste período, mal conseguiria reconhecê-la. Apresentar Buenos Aires e as transformações destes quarenta anos permite-nos compreender melhor a incorporação dos imigrantes ao mercado de trabalho, a importância dos elementos que compõem as condições de vida e a conformação da classe trabalhadora *porteña*.

Apresentar Buenos Aires não é simplesmente consequência de ser o *locus* da nossa ação. A cidade em si é importante no estudo das condições de vida da classe trabalhadora. Na Argentina, a classe trabalhadora era essencialmente urbana e assentada nas cidades portuárias, o que contribuiu para delinear as vidas, as atitudes, as experiências e as possibilidades dos trabalhadores. A cidade capitalista era o mundo concreto dos trabalhadores, lá estava o local de trabalho e o lar.<sup>1</sup> A cidade é o local onde trabalhadores e capitalistas se desenvolveram como tais, reconheceram-se uns aos outros e acabaram se enfrentando. A cidade é o local da luta de classes.

---

<sup>1</sup>.- KATZNELSON, Ira “**Marxism and the city**” Oxford, Oxford University Press, 1993 (1ª ed. 1992), pág. 143.

Como diz Engels, as grandes cidades são os centros do movimento operário, e Buenos Aires não é a exceção. É nas grandes cidades que se produz a divisão entre as classes a partir da segregação espacial. É aqui que os trabalhadores começam a refletir sobre a sua situação e a se manifestar. Nas grandes cidades são eliminadas, ou ao menos atenuadas, as velhas relações patriarcais. Buenos Aires foi se transformando numa grande cidade ao mesmo tempo que a classe trabalhadora se conformava no seu interior.<sup>2</sup>

Para apresentar as mudanças porque passou Buenos Aires, recorreremos às descrições de alguns dos visitantes que, por diferentes motivos, chegaram a esta cidade. Estas crônicas tornam mais vívido o quadro apresentado pelos índices de crescimento relativo e absoluto, que tão profusamente aparecem nas histórias econômicas da Argentina.<sup>3</sup> As descrições e relatos das viagens são suficientemente abundantes e completas para dar cores mais expressivas aos índices, curvas e estatísticas.

A literatura de viagens foi um gênero amplamente divulgado na Europa e nos Estados Unidos. O exótico, o fantástico, o estranho, ou simplesmente o diferente incitavam a imaginação do leitor que pretendia conhecer a realidade de além-mar pelas narrações desses cronistas ambulantes. Alguns só pretendiam fazer literatura. A crônica de viagem como literatura foi uma das variantes mais difundidas do gênero, já que o formato inicial de muitas delas era o folhetim, publicado por jornais da grande imprensa. Outra variante desta literatura eram as reportagens sobre as terras novas, longínquas ou pouco conhecidas pelos leitores, para satisfazer a curiosidade do público sobre estas regiões e seus habitantes. O interesse era tanto que existiam jornalistas e publicações especializadas, ou ainda seções nos grandes jornais europeus – como *Le*

---

2.- ENGELS, Friedrich “**A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**” Porto, Afrontamento, 1975 (1ª ed. em alemão: 1845), págs. 165 e 166.

3.- Para mencionar só algumas delas CORTÉS CONDE, Roberto “**El progreso argentino. 1880-1914**” Buenos Aires, Sudamericana, 1979; FERRER, Aldo “**La Economía Argentina**” Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica (FCE), 1963; GONDRA, Luis Roque “**Historia Económica de la República Argentina**” Buenos Aires, Sudamericana, 1943; e ORTIZ, Ricardo “**Historia Económica de la Argentina**” Buenos Aires, Raigal, 1955.

*Figaro* ou *L'Echo*, ambos de Paris –, destinadas a apresentar viagens e viajantes. São do nosso período, ou de um período apenas anterior, a constituição de sociedades geográficas que promoviam e patrocinavam algumas das viagens e expedições.



Fig. 1: *Hotel de Inmigrantes*, primeiro local por aonde passavam os imigrantes. Esta foto, de 1875, corresponde ao primitivo Hotel. Fonte: *Archivo General de la Nación*.

Alguns membros das classes médias, interessados em realizar investimentos ou habitar nessas regiões, constituíam uma outra parte do público, que lia com atenção e interesse as crônicas enviadas de ultramar.<sup>4</sup> Estas descrições são a principal fonte deste capítulo, assim como memórias e romances. A construção de uma outra visão da cidade não pode ignorar também os próprios imigrantes transformados em cronistas, que escreviam para jornais proletários ou étnicos, ou mesmo suas memórias.

Quem chegasse da Europa, ou do Brasil, a Buenos Aires pela via mais transitada, o *Río de la Plata*, teria como porta de entrada obrigatória o porto da cidade.<sup>5</sup> No início

---

4.- Para apreciar a relação existente entre o desenvolvimento do mercado mundial e a importância destas viagens e viajantes *vide* HOBBSAWM, Eric J. “**A era do Capital. 1848-1875**” Rio de Janeiro, 1977 (1ª ed. em inglês: 1975), págs. 69 a 72; e PRATT, Mary Louise “**Ojos Imperiales. Literatura de viajes y transculturación**” Buenos Aires, UNQ, 1997 (1ª ed. em inglês: 1992).

5.- É bom lembrar que até princípios do século a imensa maioria dos barcos fazia ao menos uma escala no Brasil, fosse em Recife, Rio de Janeiro ou Santos. Chegar pela primeira vez a Buenos Aires pela via férrea podia ser

do nosso período este era um pitoresco cartão postal. Assim, poderíamos ver os vapores e veleiros a uma certa distância do litoral, as barcas em torno deles fazendo a carga ou descarga de pessoas, equipagens e mercadorias de importação ou exportação. Mais próximo do litoral, era possível ver como era transportado para as carretas tiradas por cavalos, dirigidas por condutores vestidos exoticamente e com muitas cores, que disputavam os passageiros a chibatadas ou golpeando aos cavalos, que lutavam por não se afogar e por fugir do rio. Não seria raro ver algum passageiro ou carreteiro cair na água barrenta, dando motivo para as risadas daqueles que observavam a cena. É por isso que o porto de Buenos Aires era tema constante nas narrações dos viajantes que chegavam a esta cidade. A maioria deles faz referência a forma de chegada, alguns de maneira engraçada, outros com maior preocupação e severas críticas às autoridades, que pouco faziam para ordenar este caos.

O volume das exportações e importações cresceu vertiginosamente, bem como a dimensão e tonelagem dos navios, enquanto o porto permanecia com uma infraestrutura precária. Para quem chegava pela primeira vez a Buenos Aires, era impossível não perceber a falta de preparação e capacidade do porto, ou não sofrer as conseqüências. Um destes viajantes lembra que na sua chegada, pouco antes do ano de 1880, teve que passar de um grande para um pequeno vapor; depois de duas horas de travessia pelo meio do rio, sem sequer ver a costa, foi transferido a uma barca, com a qual navegou por outra hora. Já à vista da cidade, passou para um carro dirigido por um *gaucho*, que disputava com outros a preferência do recém-chegado. Os imigrantes tinham que passar por situações mais precárias, ainda. Eram baldeados em grande número para pequenos vapores, que navegavam sem nenhum tipo de proteção contra o calor ou contra o frio.<sup>6</sup>

---

também interessante e agradável, pelo menos uma vez dentro da cidade, como fez KÖNING, Abraham “**A través de la República Argentina. Diario de un viaje**” Santiago de Chile, Imp. Cervantes, 1910, pág. 228.

<sup>6</sup>.- DAIREAUX, Emilio “**Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina**” Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, págs. 102 a 105. Sobre a chegada dos imigrantes “Transporte de imigrantes” IN: “**Diario del Pueblo**” 5/X/1899. Outras referências em GIUNTA, Rodolfo “El imaginario exterior: Buenos Aires”

Esta situação, além de incômoda, que ainda implicava alguns riscos que podiam ser maiores, se soprasse o vento sudoeste, o “*Pampero*”, que retirava as águas para muito longe da costa, ou podia transformar-se em tragédia se começasse a soprar o terrível vento sudeste, que encrespava as águas, formando uma forte correnteza. Os riscos eram variados e apavoravam os viajantes.<sup>7</sup>

Esta não era uma situação nova e as reclamações faziam-se sentir desde muito tempo antes. William Hadfield, um viajante do período posterior à derrota de Rosas na batalha de Caseros (1852), queixava-se das dificuldades enfrentadas pelos passageiros de ultramar. Para ele, esta questão tinha que ser solucionada com certa rapidez. Embora sua descrição não seja muito diferente das que encontramos nos primórdios do nosso período, a mesma deve ser avaliada à luz do fato de Hadfield representar a primeira companhia de vapores que fazia a travessia entre Liverpool, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Certamente, a situação atrapalhava o desenvolvimento desta linha de vapores.<sup>8</sup>

A cena do desembarque continuaria mais um tempo. A única coisa que podia mudar era o local do desembarque, de acordo com as possibilidades e do tipo de barco que estivesse chegando. Embora, em 1877, fossem feitas algumas melhorias no *Riachuelo*, estas só eram de utilidade para barcos pequenos que, no máximo, podiam ir até Montevideú. Estas melhoras contribuíram para o desenvolvimento do comércio da cidade e sua hinterlândia com o litoral dos rios Paraná e Uruguai.<sup>9</sup> Ainda em 1890, com as obras do porto já iniciadas, o desembarque era feito da maneira anteriormente descrita, mas o local de desembarque para os grandes navios era o *Riachuelo*, que tinha sido dragado e preparado para estas manobras.<sup>10</sup>

---

en los relatos de los viajeros ' IN: VÁZQUEZ-RIAL, Horácio “**Buenos Aires, 1880-1930. La Capital de un imperio imaginário**” Madrid, Alianza Ed., 1996, pág. 73.

7.- LATINO, Anibal (Pseudônimo de José Ceppi) ‘Un paseo por la ciudad’ IN: “**Tipos y costumbres bonaerenses**” Buenos Aires, Hyspamerica, 1984 (1ª ed. 1886), págs. 10 e 11.

8.- HADFIELD, William “**El Brasil, el Río de la Plata y el Paraguay vistos por un viajero en 1852**” Buenos Aires, Difusa, 1943 (1ª ed. em inglês, 1854), págs. 111 e 112.

9.- COLOMBO, Ezio “**La Repubblica Argentina**” Milano, Ulrico Hoepli Edit., 1905, pág. 177.

10.- BIOY, Adolfo “**Antes del Novecientos**” Buenos Aires, Compañía Impresora Argentina, 1958, pág. 185.

Outro incômodo que tinham que padecer os visitantes eram as demoras imprevistas ou as quarentenas preventivas impostas pelas autoridades sanitárias - com maior preocupação e cuidado depois da grande epidemia de *febre amarela* acontecida em 1871. As quarentenas repetiam-se periodicamente durante as primeiras décadas do nosso estudo e a periodicidade coincide com os solstícios na Europa ou no sul do Equador, quando as enfermidades como o tifo, a febre amarela ou o cólera chegavam a um pico. A quarentena consistia em completar no próprio barco os quarenta dias desde a data de saída, ou do último caso da enfermidade.<sup>11</sup>

Era obvio que a cidade necessitava de um porto moderno com urgência, para melhorar a chegada dos nossos viajantes e turistas e, principalmente, para escoar a produção agrícola e pecuária do interior da Argentina, que crescia incessantemente.

A Argentina, desde a sua independência, tinha atravessado uma série de ciclos de atividades produtivas destinadas à exportação, que orientavam o conjunto da economia em torno delas. Assim, logo após a revolução da independência, cortados os vínculos com o Alto Peru, provedor de prata, a produção orientou-se para o único bem disponível na *Pampa*: o gado bovino, que tinha proliferado livre e selvagem durante mais de 200 anos. Embora este tipo de produção depredatória já existisse durante o vice-reinado, tornou-se hegemônica durante as guerras da Independência. Do gado bovino tirava-se o couro, fazia-se o charque e extraía-se o sebo, e ainda aproveitavam-se os chifres, os ossos e as crinas. Todos estes produtos eram exportados para a Europa, Estados Unidos, Brasil e Cuba, o que não exigia de uma grande infra-estrutura.<sup>12</sup> O porto funcionava como na época colonial.

---

<sup>11</sup>.- Referências a esta situação aparecem freqüentemente nos informes dos cônsules espanhóis em Buenos Aires. Ver REINO DE ESPAÑA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES “**CORRESPONDENCIA, EMBAJADAS Y LEGACIONES. ARGENTINA:1882-1888**” EXPEDIENTE 1352 – SECCIÓN DE COMERCIO, año 1884, N° 157; año 1885, N° 36; año 1886, N° 77. E ainda um dos membros da Comitativa que acompanhou ao primeiro presidente do Brasil a visitar a Argentina, DIAS, Arthur “**Do Rio a Buenos Aires. Episódios e impressões d’uma viagem**” Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1901, págs. 88 a 90.

<sup>12</sup>.- HALPERÍN DONGHI, Túlio ‘*La expansión ganadera en la campaña de Buenos Aires*’ IN: DI TELLA, T. e HALPERIN DONGHI, T. “**Los fagmentos del poder**” Buenos Aires, Editorial Jorge Alvarez, 1969, pág. 25. Estes produtos conformaram o 90% das exportações até meados do século XIX.

Depois de um lento processo de adaptação das raças ovinas européias, a produção de lã transformou-se no *leading sector* da economia argentina em meados do século XIX. Na primeira parte do nosso período, a exportação deste produto cresceu abruptamente, passando de 80 mil toneladas em 1879, para 237 mil em 1899, quando estancou e começou a sua queda, até o mínimo de 117 mil toneladas, em 1914.<sup>13</sup>

Durante a década de 1880, duas produções foram tomando o papel de *leading sector* da economia Argentina: por um lado, a produção de gado para exportação de carne, inicialmente congelada e logo resfriada; por um outro, a produção de cereais, principalmente trigo e milho.<sup>14</sup> As necessidades destas produções contribuíram para dinamizar as estruturas produtiva e dos transportes da Argentina, e, com elas, a infraestrutura urbana da cidade de Buenos Aires.

As necessidades destas produções tornaram inadiável a construção de um verdadeiro porto. A inexistência de pelo menos um cais gerava incontáveis demoras e complicações, tanto para a carga e descarga das mercadorias quanto dos passageiros que chegavam ou partiam de Buenos Aires. Muitos dias de operação do porto eram perdidos por fatores climáticos – como tempestades ou tormentas, ventos fortes ou correntezas excessivas –, e incontáveis as perdas em dinheiro, pelos afundamentos das barcaças ou pela morte dos animais que tiravam delas.

Mas a construção desta obra demorava por diversos motivos. Primeiro, pelas disputas políticas e militares entre Buenos Aires e o resto do país. Depois, pela falta de recursos financeiros, o que fez adiar a decisão de iniciar as obras. Finalmente, pelas brigas internas entre as diversas frações da burguesia *porteña* e pela oposição dos cada vez menos influentes produtores de couros, que não precisavam de uma infra-estrutura

---

<sup>13</sup>.- COMITÉ ARGENTINO DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DO RIO DE JANEIRO “**Intercambio comercial da Republica Argentina**” Buenos Aires, Publicações do Comité Argentino, 1922, pág. s/n.

<sup>14</sup>.- A exportação de carne bovina congelada, praticamente inexpressiva até mediados da década de 1890, só passou das 100 mil toneladas em 1904 e das 500 mil em 1918. O trigo, pela sua vez, tornou-se importante só depois de 1893, quando se exportaram mais de 1 milhão de toneladas. A produção de este cereal continuou a crescer, embora de maneira irregular, durante todo o período até chegar aos 5 milhões de toneladas em 1920. *Intercambio commercial... Op. Cit.*

moderna. Porém, o porto tinha que ser construído. O custo deste sistema era altíssimo. O gasto pelo embarque-desembarque em Buenos Aires era o equivalente à metade do valor total do freteamento entre Buenos Aires e Europa.<sup>15</sup> Mesmo assim, as acirradas disputas sobre a localização do porto demoraram por mais de dez anos o início das obras.

As obras do *Puerto Madero* foram iniciadas em 1888 e concluído em 1898 – as inaugurações parciais começaram em 1889, com o cais Sul. *Puerto Madero* está situado bem detrás da *Casa Rosada*<sup>16</sup> reforçando a preponderância do centro da cidade e tirando a importância que adquiria a zona sul. O constante crescimento das exportações obrigaram à construção de um novo porto, o *Puerto Nuevo*, situado na zona do *Retiro*, próximo de várias centrais ferroviárias. As obras deste porto foram iniciadas em 1911, mas as demoras produzidas pela *Grande Guerra* implicaram que o novo porto só fosse concluído em 1925.<sup>17</sup>

Depois da construção do *Puerto Madero*, praticamente acabam às complicações na chegada ao porto de Buenos Aires e começa um outro tipo de descrições. Daqui em diante, só veremos as moças patricias mostrando suas melhores vestimentas, adquiridas na Europa, o reencontro das famílias e as saudades de deixar as amizades feitas no meio ao luxo dos barcos que faziam a travessia atlântica. Temos também as comitivas recepcionando com comodidade as grandes personagens internacionais, como acontece quando da chegada de Georges Clemenceau ou Enrico Ferri.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup>.- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 107.

<sup>16</sup>.- Eduardo Madero foi o engenheiro que projetou o porto. *Casa Rosada*, sede do governo nacional, desde a década de 1890, no mesmo local onde estava situada a primitiva casa de governo.

<sup>17</sup>.- Sobre a evolução do porto de Buenos Aires durante o nosso período, os conflitos gerados pela sua construção e os projetos alternativos *vide* SCOBIE, James “**Buenos Aires. Del centro a los barrios**” Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974).

<sup>18</sup>.- Como exemplos, temos CLEMENCEAU, Georges “**Notes de voyage dan’s l’Amerique du sud. Argentine, Uruguay, Brésil**” Paris, ed. UTZ, 1991 (1ª ed. 1911), pág. 36; CORDIER, Henri “**Buenos-Aires en 1910**” Paris, Lois de Soye Imp., 1910, pág. 6; HURET, Jules “**De Buenos Aires al Gran Chaco**” Buenos Aires, Hyspamerica, 1986 (1ª ed. em francês e espanhol de 1911), pág. 26; e LUPATI, Cesarina “**Vita Argentina. Argentini e italiani al Plata**” Milano, Fratelli Treves Editori, 1910, pgs. 6 e 7.



O porto tinha sido modernizado e adaptado para as necessidades das exportações. As proximidades do porto eram um complexo destinado ao processamento das matérias primas – desde a sua preparação para a exportação até a elaboração para o consumo local –, à recepção dos numerosos contingentes humanos, ao comércio, aos negócios, ao lazer e à moradia dos residentes. Todos os trabalhos realizados, desde os anos setenta do século XIX, tinham reforçado a importância da zona central da cidade. Em 1880, a cidade velha era o núcleo econômico, comercial, financeiro, industrial, político, habitacional e populacional de Buenos Aires e, portanto da Argentina.

Na cidade velha concentravam-se as atividades, os transportes, as pessoas. O antigo traçado urbano, o tabuleiro de xadrez de 144 quarteirões feito por Juan de Garay, em 1536, tinha reforçado a sua condição de núcleo da cidade. Porém, a vida urbana tornava-se cada vez mais complexa e requeria adaptações para atender às novas atividades e aos requerimentos das exportações. O eixo porto-praça reforçavam a tendência já presente na colônia, de concentrar as principais atividades no centro da cidade, próxima da Praça de Maio, que, no início do nosso período tinha ainda o nome de *Plaza de la Victoria*.<sup>19</sup>

Esta tendência à centralização foi confrontada pela aliança entre os capitalistas das companhias de navegação, os industriais ligados à transformação dos bens primários locais e importados e os comerciantes com armazéns no sul da cidade, principalmente em *La Boca* e *Barracas*. Este desenvolvimento econômico gerou um incipiente movimento populacional nesta direção. Para aqui se dirigiam os imigrantes e situavam a sua moradia e local de trabalho. Porém, os grandes capitais radicados na zona central da cidade desestabilizaram este crescimento, reforçando as inversões públicas nas áreas adjacentes da *Plaza de Mayo*.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup>.- Uma descrição da *Plaza Victoria* em LATINO, A. *Op. Cit.*, págs. 42 e 43.

<sup>20</sup>.- Com respeito ao reforço da centralidade em Buenos Aires ver SCOBIE, J. *Buenos Aires ...*, págs. 91 e ss.

Mas como era a cidade que estava situada além da zona portuária, próxima ao centro da cidade? Continuemos acompanhando os nossos cronistas nos momentos prévios ao desembarque e o seu ingresso na cidade. A pequena barranca que se eleva desde o rio permitia que os viajantes distinguissem a zona central de Buenos Aires das embarcações. A paisagem podia não ser muito estimulante, principalmente se estavam esperando uma grande cidade. A vista era monótona e pouco atraente. Alguma cúpula ou algum outro prédio apareciam para quebrar essa vista uniforme. Se, em meados do século, podia ser qualificada como “*uma das cidades mais belas da América*” por um cronista chegado da cinza Liverpool<sup>21</sup>, vinte ou trinta anos depois não gerava muito interesse nos visitantes que contemplavam a cidade do rio. O que mais chamava a atenção era a clareza do céu ou a força do sol, contrastadas pela linha de casas baixas.

Essa visão, de uma cidade tão singela, era revertida ingressando na área central. Depois do desembarque, o ingresso na cidade era praticamente imediato. O visitante procurava um dos muitos hotéis ou hospedarias que estavam a sua disposição; também existiam versões populares dos hotéis, as “*fondas*”. Um primeiro passeio podia mudar a opinião adquirida antes do desembarque. O charme da cidade não estava nos seus edifícios monumentais ou antigos, como em Roma ou Milão, nem, pelo contrário, na sua modernidade, emulando com Paris, Londres ou Nova Iorque. O que mais apreciavam os visitantes era que a cidade fosse parecida com uma pequena cidade europeia, com uma grande diversidade de grupos humanos provenientes de diferentes países. Uma espécie de babel, com pelo menos algum sotaque reconhecível para o visitante. O ir e vir das pessoas e veículos, no horário de trabalho ou depois do mesmo, davam a impressão de um turbilhão humano.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup>- CLARK, Edwin “**A visit to South America**” London, Dean & Son, 1878, pág. 124; e HADFIELD, W. *Op. Cit.*, pág. 112.

<sup>22</sup>- GÓMEZ CARRILLO, E. “**El encanto de Buenos Aires**” Madrid, Perlado, Páez y Cía., 1914, pág. 40; LATINO, A. *Op. Cit.*, págs. 13 e 14; e POSADAS, Antonio “**La República Argentina. Impresiones y comentarios**” Madrid, lib. Gra. de Victoriano Suarez, 1912, págs. 23 e 25.



Fig. 2: O pier de acesso a Buenos Aires, ilustres e desconhecidos ingressavam por esta porta. No fundo uma grande quantidade de navios esperando o momento de fazer as manobras. Fonte: Kraft, Guillermo, ed. *Album de visitas y costumbres de Buenos Aires*

Os viajantes mostram Buenos Aires como uma cidade europeia, chamando a atenção para sua beleza e principalmente pelo fato de que esta beleza é de origem, ou copia os moldes da beleza das cidades da Europa. O fato de se sentir como numa cidade conhecida, depois dos longos dias no mar e das escalas tropicais no Brasil, davam um sentimento de familiaridade difícil de evitar.<sup>23</sup> Mesmo os visitantes não europeus concordavam com esta imagem europeísta, e até cosmopolita, de Buenos Aires. Um amplo consenso tinha se estabelecido sobre esta cidade como uma região do velho continente transportada à América, diferente das outras cidades americanas.<sup>24</sup>

<sup>23</sup>.- CLEMENCEAU, G. *Op. Cit.*, pág. 36; HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 27; POSADAS, A. *Op. Cit.*, pág. 28; e SANTIGOSA, Carlos María “**El Río de la Plata. Montevideo, Buenos Aires (Recuerdos de viaje)**” Sevilla, Heraldo Sevillano, 1906, pág. 57. Uma análise do europeísmo visual de Buenos Aires em SALAS, Horácio ‘**Buenos Aires 1910: Capital de la euforia**’ IN: GUTMAN, Margarita e REESE, Thomas “**Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran Capital**” Buenos Aires, Eudeba, 1999, págs. 43, 51 e 52.

<sup>24</sup>.- LIMA, Oliveira “**En la Argentina. 1918-1919**” Montevideo, Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1920 (1ª ed. em português: 1919), págs. 8 e 9; e MILLER, Karl “**South America: continents of opportunities**” Detroit, The Evening News Association, 1925, págs. 2 e 3.

A imagem de Buenos Aires com seu centro agradável para fazer passeios ou simplesmente para flunar, é uma imagem construída pelas administrações municipais. O traçado retilíneo, quadriculado das ruas dava um certo aspecto monótono ao conjunto, imagem que o governo municipal tentava mudar.<sup>25</sup>

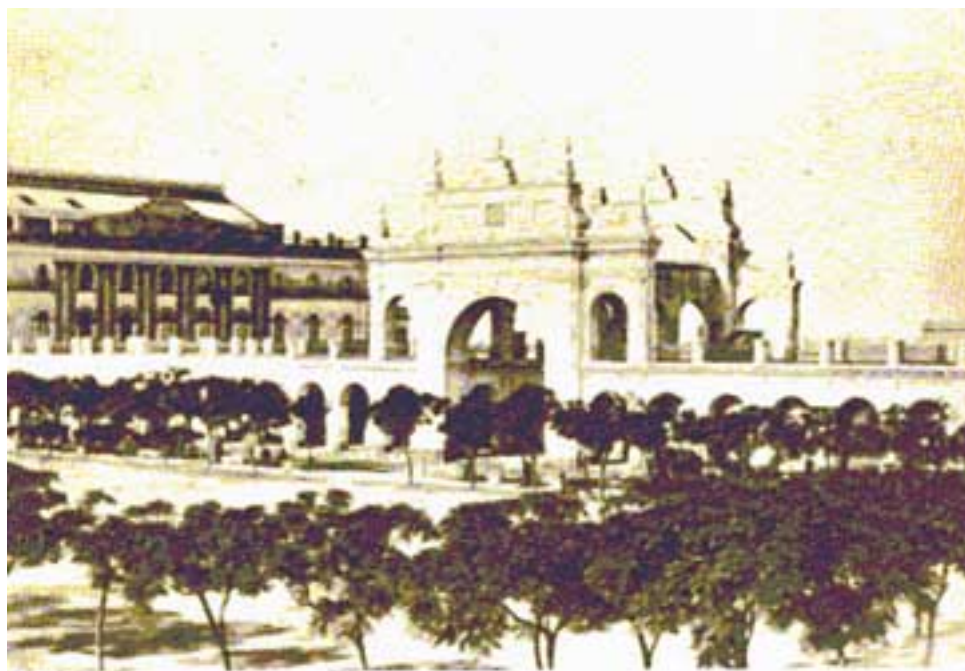


Fig. 3: A Recoba, dividia a Plaza de Mayo da Plaza de la Victoria. Esta construção era de 1802 e era o principal ponto de concentração do comercio ambulante da cidade. A demolição foi decidida por Torcuato de Alvear em 1884, para embelezar a Casa Rosada e eliminar o passado colonial. Aproximadamente 1875. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

O principal problema não era a melancolia ou a monotonia das ruas, mas os congestionamentos e impedimentos existentes para que coches, carruagens ou carretas circulassem ou transportassem as mercadorias. Este problema perdurou ao longo de todo o período, apesar da intervenção municipal.<sup>26</sup> Para isto, desde o período da reunificação nacional traçavam-se planos, com a intenção de abrir diagonais e avenidas

<sup>25</sup>.- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 125 e 126; e GÓMEZ CARRILLO, E. *Op. Cit.*, pág. 47; e MORENO, Marguerite “*Une Française en Argentine*” Paris, George Crès & Cia., 1914, pág. 47.

<sup>26</sup>.- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 111; HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 50 e 51; e KOEBEL, W. H. “*Modern Argentina. The Eldorado of to-day*” Boston, Dana Estes & Co., 1919, págs. 39 e 40.

e, com isto, descongestionar as ruelas da área central, facilitar a circulação e, de quebra, conseguir a fisionomia do que devia ser uma cidade moderna, ou seja, Paris.

As necessidades próprias da vida de Buenos Aires motivaram a construção de uma infra-estrutura urbana e o modelo a imitar era a Paris do barão Haussmann<sup>27</sup>, copiando o traçado de avenidas e bulevares; para isto, tinha que ser derrubada parte da cidade colonial, permitindo sua modernização e a especulação imobiliária. Porém, este processo atingia uma pequena parte da superfície da cidade. Outra parte dos projetos tinha como alvo a parte desabitada e debilmente incorporada à cidade no seu conjunto. O objetivo era incorporar essa outra parte da cidade, descongestionando a cidade colonial e enviando para lá os *elementos* menos desejáveis da sociedade *porteña*.

Os planos de urbanização apresentados ao município desde finais da década de 1860 e durante toda a década de 1870, não puderam ser executados. Problemas financeiros e políticos, adiaram certas obras que o lento crescimento do período não faziam necessários. Mas, a acumulação dos pequenos problemas e o intenso tráfego, com congestionamentos que se produziam durante as horas de pico, reclamaram a ação dos governantes.

A solução do ordenamento urbano foi resolvido, durante grande parte do período, por meio da expansão do tabuleiro de xadrez, uma solução prática e econômica para a incorporação de terras suburbanas. Mas esta não podia ser a única solução para uma cidade em constante expansão, ainda quando contemplasse os interesses da especulação urbana e exigisse baixos investimentos financeiros e tecnológicos, por ser uma cidade sem ondulações orográficas sensíveis.<sup>28</sup> A circulação e os outros problemas do progresso precisavam de verdadeiras atitudes haussmanianas.

---

<sup>27</sup>.- Para compreender o objetivo das mudanças Haussmannianas na Paris de Napoleão III, *vide* BERMAN, Marshall “**Todo lo sólido se desvanece en el aire. La experiencia de la modernidad**” Buenos Aires, Siglo XXI, 1989 (1ª ed. em inglês, 1982), págs. 149 a 151.

<sup>28</sup>.- GUTMAN, Margarita e HARDOY, Jorge “**Buenos Aires. Historia urbana del área metropolitana**” Madrid, Mapfre, 1992, págs. 91 e 92.

O primeiro dos intendentess reformadores foi Torcuato de Alvear, que se tornaria paradigma de gestão no tempo que permaneceu na administração municipal, entre 1880 e 1887.<sup>29</sup> As obras de Alvear contaram com a aprovação da opinião pública, dos especuladores e do poderoso presidente Julio A. Roca. Os projetos de Alvear mudaram a fisionomia do centro da cidade. Um deles foi logo concretizado: a união da Praça da Vitória com a Praça do 25 de Maio. Para isto, foi preciso expropriar as pequenas lojas que ocupavam este local, derrubar a velha *Recoba*, que as separava e, finalmente, pavimentar o espaço de união entre ambas. Isto foi feito em 1884, em apenas duas semanas. O embelezamento era um dos condicionantes do procurado padrão europeu. A falta de atrativos naturais tinham que ser compensados de outra forma, por meio da intervenção pública e privada no espaço urbano.<sup>30</sup>

Durante a administração de Alvear, invocando o motivo da beleza ou a necessidade de arejar a área central, foram abertas ou traçadas uma serie de avenidas paralelas ao rio, como Callao-Entre Rios, Jujuy-Pueyrredón, e ainda as Avenidas *Colón* e *de Julio*, que uniam o centro da cidade com o porto Huergo. Também são deste período oito avenidas, que nasciam no rio e perdiam-se nos arrabaldes da cidade; outras ruas do centro da cidade foram ampliadas e pavimentadas.<sup>31</sup>

Outro dos seus projetos, talvez o mais Haussmanniano deles, ficou no papel até a próxima administração da cidade: a abertura da *Avenida de Mayo*. Este bulevar tinha que atravessar uma zona de alta densidade populacional, partindo da Praça de Maio

---

<sup>29</sup>.- Torcuato de Alvear foi presidente da Corporação Municipal entre 1880 e 1883. No período entre 1883 e 1887 foi Intendente nomeado pelo Presidente da Nação. Em 1890 foi nomeado novamente. Porém morreu, enfermo e idoso, voltando da Europa e sem chegar a assumir. BUCICH ESCOBAR, Ismael “**Buenos Aires - Ciudad**” Buenos Aires, Mollo, Tello y Cía., 1921, págs. 154 e 155.

<sup>30</sup>.- LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 30.

<sup>31</sup>.- Estas oito avenidas são Santa Fe, Córdoba, Corrientes, Rivadavia – a maior delas, com 40 km de comprimento -, Belgrano, Independencia, San Juan e Caseros. A avenida Rivadavia divide as ruas paralelas ao rio, por isso Entre Ríos-Callao e Jujuy-Pueyrredón. BOURDÉ, Guy “**Urbanisation et inmigration en Amerique Latine: Buenos Aires (XIX<sup>a</sup> et XX<sup>a</sup> siècles)**” Paris, Aubier, 1974, pág. 120. Uma testemunha dos problemas do trafego é ELLIOT, Lilian “**The Argentine of To-day**” London, Hurst & Blackett, 1925, pág. 6.

com rumo ao Oeste, com uma extensão de um quilômetro. Porém, os trabalhos foram demorados, devido aos conflitos gerados pelas expropriações.<sup>32</sup>



Fig. 4.: A *Avenida de Mayo* por volta de 1900. A direita o edifício da Municipalidade de Buenos Aires e, como pano de fundo, o intenso movimento da cidade. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

Esta Avenida foi iniciada em 1889 e concluída entre 1893 e 1894. Daí em diante, a *Avenida de Mayo* tornou-se um dos orgulhos dos *porteños*, o cartão de visita que diferenciava Buenos Aires de outras cidades novas. Os *porteños* podiam gabar-se de morar numa cidade européia, e assim era compreendido pelos visitantes do velho continente, que se reconheciam nesse bulevar. Jules Huret o confirma dizendo que “*A Avenida de Mayo é a rua que mais parecida é com um bulevar de Paris, pelo aspecto e proporções*”. Mas não é o único. A almejada comparação com Paris é feita por outros viajantes, como Blasco Ibañez e Gómez Carrillo, que veêm nesta avenida a inspiração francesa.<sup>33</sup> Para Georges Clemenceau, a lembrança é de “*... Oxford Street pelo aspecto das lojas e a decoração dos edifícios*”.<sup>34</sup> E não faltou, ainda, quem exagerasse, vendo nesta avenida um local que prognosticava o futuro da humanidade!<sup>35</sup>

<sup>32</sup>- GUTMAN, M. e HARDOY, J. *Op. Cit.*, págs. 94 e 95.

<sup>33</sup>- HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 45; BLASCO IBAÑEZ, Vicente “**Argentina y sus grandezas**” Madrid, Edit. Española Americana, 1910, pág. 514; e GÓMEZ CARRILLO, E. *Op. Cit.*, pág. 29.

<sup>34</sup>- CLEMENCEAU, G. *Op. Cit.*, pág. 36

<sup>35</sup>- LUPATI, C. *Op. Cit.*, págs. 12 e 13.

O plano de Alvear centrava-se no embelezamento da zona central da cidade, sem esquecer os preceitos higienistas, um dos principais argumentos utilizados na abertura de ruas e na intervenção urbana. Estes preceitos estiveram presentes no projeto da abertura da *Avenida de Mayo*, na retificação de ruas, no estabelecimento de uma altura máxima para as construções no centro da cidade, nos projetos paisagísticos de praças e avenidas e na regulamentação de determinadas atividades. Isto visava a circulação do ar e o controle das epidemias, quesito constante das reclamações dos médicos sanitaristas.<sup>36</sup>

Nesta linha, as obras de esgotos e águas correntes foram as principais obras para higienizar a cidade mediante o saneamento urbano. Depois da grande epidemia de Febre Amarela, dos anos 1870 e 1871, os esgotos e as águas correntes tornaram-se centrais para a cidade. Com a federalização de Buenos Aires, era evidente que o Estado Nacional tinha que procurar soluções para o perigo latente que representavam estas enfermidades. Alvear contou desde o início com os fundos da Nação, para realizar obras na área da salubridade pública.<sup>37</sup>

Até esse momento, o abastecimento de água tinha diversas origens: poços feitos dentro das casas, além de cisternas, que os aguadeiros enchiam periodicamente. Definitivamente a água era escassa e, em geral, mal filtrada e sem tratamento. As queixas por este tipo de abastecimento repetiam-se. Segundo os *porteños*, os aguadeiros só visavam o lucro e atendiam a quem estava disposto a pagar mais pelo produto, problema que se acentuava no verão.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup>.- Estas reclamações aparecem numa nota publicada pela *Revista Médico-Quirúrgica*, que, sem data, está num relatório enviado ao governo espanhol pelo cônsul em Buenos Aires. REINO DE ESPANHA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES “CORRESPONDENCIA, EMBAJADAS Y LEGACIONES. ARGENTINA: 1882-1888” EXPEDIENTE 1352 - SECCIÓN DE COMERCIO; año 1884: N° 208 e anexo N° 208.

<sup>37</sup>.- Roca estabeleceu esta política já no discurso de posse do seu primeiro governo, em 1880, *Vide* ‘Mensaje del Presidente de la República, *Júlio Argentino Roca*, al abrir las sesiones del Congreso Argentino, en Mayo de 1881’ IN: MBRAGAÑA, H. “Los mensajes. Historia del desenvolvimiento de la nación argentina relatada cronológicamente por sus gobernantes. 1810-1910”, Buenos Aires, Compañía Argentina de Fósforos, pág. 15.

<sup>38</sup>.- HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 36; LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 24; e REINO DE ESPANHA, *Expediente 1352... Op. Cit.*,



Por outro lado, as águas servidas eram jogadas nas ruas. Nas casas abastadas, uma vez por ano as latrinas eram limpas. O sistema de latrinas permitia a filtração dos detritos humanos aos cursos de água próximos, àqueles dos quais se abasteciam os lares *porteños*. Os riscos de contágios e de enfermidades, como o tifo ou o cólera, eram muito altos, especialmente no verão.<sup>39</sup>

As redes de esgotos e águas correntes foram iniciadas simultaneamente, porém a rede de esgotos avançou lentamente. As obras do primeiro sistema de abastecimento de águas foram iniciadas em 1885 e concluídas numa primeira etapa em 1895. A água era tomada por bombas no *Río de la Plata*, à altura da Recoleta. Dali passava, por um tempo, a um reservatório – no início, numa torre instalada na *Plaza Lorea* (a atual *Plaza del Congreso*), e, depois em um reservatório maior, instalado nas ruas *Riobamba* e *Córdoba* –, para depois ser distribuída pela cidade. Mas estes melhoramentos avançaram lentamente. Em 1909, quase 50% das moradias tinha acesso às água correntes (53,6%) ou aos esgotos (41,8%). Os avanços só foram significativos pouco antes do início da *Grande Guerra* e, apesar das demoras ocasionadas pela mesma, atingiram os limites da cidade durante a década de 20. O avanço nos sistemas de esgotos e de águas correntes reduziram o impacto das enfermidades sazonais, diminuindo a taxa de mortalidade na cidade.<sup>40</sup>

A cidade de Alvear era o centro da cidade, a cidade das classes altas. Era para esse pequeno setor da população que suas atenções estavam voltadas. As reclamações dos vizinhos abastados tinham grandes possibilidades de serem atendidas. O embelezamento era um dos principais pedidos. Além da *Avenida de Mayo*, também é desta época a *Avenida da Recoleta*. Lá foram construídas as residências das famílias

---

<sup>39</sup>- HERZ, Enrique “**Historia del agua en Buenos Aires**” Buenos Aires, Cuadernos de Buenos Aires, 1979.

<sup>40</sup>- Um outro sistema de provisão de águas, de finais da década de 1860, construído por uma empresa de vias férreas, era utilizado para o abastecimento das locomotivas, sendo aproveitado pelas casas das redondezas. O reservatório da Córdoba foi construído para parecer um edificio público, porque o conceito de embelezamento da cidade primava por sobre a praticidade. Outros detalhes em BOURDÉ, G. *Op. Cit.*, págs. 138 a 141; e KOEBEL, W. H. *Op. Cit.*, pág. 46.

abastadas e influentes, assim como na *Avenida Callao*. A rua *Florida*, a rua das lojas e lojas de departamentos também recebeu a atenção preferencial das autoridades municipais.<sup>41</sup>

O resto da cidade, ou seja, os bairros e o subúrbio, foram abandonados à especulação imobiliária. A única intervenção do Estado estava na quadrícula, permitindo e até favorecendo a ação daqueles que especulavam com as propriedades urbanas.<sup>42</sup> Alvear governava para a opinião pública e para os interesses políticos e econômicos que tendiam a reforçar a posição central adquirida pela cidade colonial. Esta foi uma característica também dos outros intendentes do período.

O segundo momento das grandes intervenções urbanas foi o período do *Centenario* da Independência, em 1910. Para as comemorações desta data, já desde o começo do século iniciara-se a abertura de praças e parques em diversos pontos da cidade. Novamente, a zona favorecida foi o centro-norte da cidade. Além da praça *San Martín*, foram concluídos o *Parque Tres de Febrero*, o Jardim Botânico e o Jardim Zoológico, todos na zona de *Palermo*. Inúmeras obras datam do período de preparação do Centenário, como a *Casa Rosada*, o *Congreso*, e o novo *Teatro Colón*.

O projeto de remodelação do centro não terminou com as festas do Centenário. Em 1912 iniciou-se a abertura da Diagonal Norte-Sul, para unir as Estações ferroviárias de *Retiro* e de *Constitución*. A construção desta diagonal parou logo no início e só foi terminada na década de 1920. A intervenção urbana valorizou o Centro-Norte, facilitando a circulação de bens e mercadorias pela cidade. Para uma cidade comercial, que concentrava a entrada da importação e servia de escoadouro a um vastíssimo território, isto era de importância vital.

Mas a cidade crescia para além da zona privilegiada. Os limites determinados pela lei de federalização, aqueles limites tradicionais herdados, dos tempos da colônia, seriam mudados para poder conter a crescente população *porteña*, reservando espaço

---

<sup>41</sup>.- O Passeio da Recoleta é a atual *Avenida Alvear* BUCICH ESCOBAR, I. *Op. Cit.*, págs. 159 e 160 e HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 64 a 66. Sobre o passeio da *Recoleta*, ELLIOT, L. *Op. Cit.*, pág. 13.

<sup>42</sup>.- GUTMAN, M. e HARDOY, J. *Op. Cit.*, págs. 96 e 97.

para o crescimento futuro. Esta mudança aconteceu em 1887. Os limites tradicionais do *Río de la Plata*, e a leste, e o *Riachuelo*, ao sul permaneceram invariáveis. Ao Norte, foi incorporado o distrito de *Belgrano*, separado da Capital Federal pelo arroio *Maldonado*, antigo limite físico. Pelo Oeste, superou-se a linha imaginária que unia *Palermo* com a Ponte *Alsina*, ao ser incorporado o distrito de *San José de Flores*.

Com estas ampliações, a cidade passou a ter uma reserva de espaço para o crescimento populacional e físico. Assim, era possível descongestionar o centro dos elementos indesejáveis, como operários, imigrantes e classes baixas em geral. Mesmo assim, esta reserva de terreno esgotou-se muito antes do previsto. O crescimento da rede de trens e de bondes fez com que, antes da Grande Guerra, os municípios próximos a Buenos Aires começassem a receber importantes contingentes populacionais, principalmente de operários. Os municípios receptores dos maiores grupos foram: ao norte, San Isidro e Vicente López; a oeste, Tres de Febrero, La Matanza e Morón; e ao sul, Avellaneda e Lomas de Zamora.<sup>43</sup> Esta não era uma opção desejável, nem para os velhos vizinhos de Buenos Aires nem para os recém-chegados. Para os antigos moradores de Buenos Aires, morar longe do centro era visto como uma opção degradante.<sup>44</sup>

O nosso período também está marcado pelo crescimento da densidade populacional da cidade velha. O centro da cidade alcançou uma população maior que em qualquer momento anterior. Podemos estabelecer dois períodos menores neste crescimento: o primeiro, entre o Primeiro Censo Nacional (1869) e o Segundo Censo Nacional (1895); o segundo, entre este último Censo e o Terceiro Censo Nacional (1914). No primeiro período, a maior concentração populacional situava-se no centro

---

<sup>43</sup>.- Um estudo dos períodos de ocupação da região metropolitana em FACCILOLO, Ana María 'Crecimiento industrial, expansión metropolitana e calidad de vida. El asentamiento obrero en la región metropolitana de Buenos Aires desde principios de siglo' IN: "**Desarrollo Económico N° 80**" Buenos Aires, janeiro-março de 1981, págs. 549 a 568.

<sup>44</sup>.- Assim é apresentado no romance de ARGERICH, Antonio "**¿Inocentes o culpables?**" Madrid, Hyspamérica, 1985 (1ª ed. 1884), pág. 62.

da cidade; no segundo período, defrontamo-nos com uma diminuição da densidade na zona central e com a expansão da mancha urbana por todo o resto da superfície da Capital Federal.<sup>45</sup>

Na virada do século, este crescimento de Buenos Aires não era expresso simplesmente pelo crescimento populacional. A Capital Federal era uma grande cidade que se elevava por sobre o único andar das antigas casas de tipo colonial. Tinha crescido para o alto, na sua extensão e população, como ninguém esperava que isso sucedesse. Este processo surpreendeu tanto aos observadores europeus como locais. Este também era o anseio dos governantes da cidade, que queriam apresentá-la como uma cidade em rápida evolução.<sup>46</sup> Buenos Aires devia ser vista como uma cidade em constante transformação e crescimento, uma cidade pujante, ordeira e progressista.

A imagem que os membros do governo, visitantes, cronistas e jornalistas queriam passar não pode ser vista apenas como uma construção pouco confiável, ou ainda pouco realista. Eles tinham, certamente, grande parte de razão em afirmar que Buenos Aires tinha se transformado radicalmente nesses quarenta anos numa cidade moderna. A fisionomia da cidade velha era radicalmente diferente, depois de quarenta anos de intervenções públicas e privadas.

Buenos Aires era uma cidade única, mas também diferente, segundo cada observador. Era vista como uma cidade moderna, digna de ser considerada como uma bela cidade europeia, por quase todos os visitantes. Como o local do avanço na ocupação dos espaços, pelos especuladores urbanos. Como um centro de grandes negócios, para os capitalistas da infra-estrutura urbana. Talvez como um bom sítio para flunar à vontade, segundo alguns turistas. O uso das novas tecnologias e as constantes

---

<sup>45</sup> - TORRES, Horacio 'Evolución de los procesos de estructuración espacial urbana. El caso de Buenos Aires' IN: "Desarrollo Económico N° 58" Buenos Aires, junio-septiembre de 1975, págs. 282 a 285.

<sup>46</sup> - GÓMEZ CARRILLO, E. *Op. Cit.*, pág. 149; HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 38 a 40; LIMA, O. *Op. Cit.*, pág. 7; e SCARDIN, Francesco "Vita Italiana nell'Argentina. Impresione e note" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1899, pág. 36.

reconstruções poderiam ter chamado a atenção dos positivistas da época, vendo Buenos Aires como uma cidade voltada para o progresso permanente.

Buenos Aires era a cabeça luminosa dum cometa sem cauda, a República Argentina; ou ainda, a cabeça de um gigante num corpo de anão. Buenos Aires, como cidade burguesa<sup>47</sup>, era também a cidade dos tempos futuros, a cidade onde as pessoas iam procurar a solução para as suas vidas. Mas isto, por si só, seria uma visão parcial. Nem todo mundo alcançava seu objetivo na longa viagem para a ascensão social. A maioria ficava à margem do caminho, observando os poucos que atingiam a ansiada riqueza pessoal.

Todo o equipamento urbano, toda a infra-estrutura de salubridade, todas as instituições sociais, todas as obras de embelezamento da cidade, seus parques e passeios não conseguiam ocultar o fato de que estas melhorias e avanços tinham um destinatário privilegiado e um objetivo primeiro, o bem-estar da classe dominante, a classe proprietária. Como apresentaria Rafael Barret, numa violenta crítica da situação da capital:

*“Os soberbos serviços urbanos, as instalações de edificação, de tráfico e de ensino, introdutoras da cultura européia e americana, têm um valor social positivo e absoluto. São o discreto lastro da grandiosidade bonaerense, que só aos olhos dos turistas e na boca dos empresários passa por expoente do bem-estar coletivo.*

*“Não há bem-estar coletivo. Há bem-estar de uma classe, seu dogma obrigado é a propriedade. (...)”<sup>48</sup>*

Apesar de todo o otimismo das autoridades e dos visitantes ilustres, Buenos Aires estava claramente dividida em dois setores. De um lado os ricos, os poderosos e, do outro, os pobres, os trabalhadores. Buenos Aires tinha deixado de ser uma *Grande Aldeia Colonial* e passado a ser uma bela *cidade burguesa*, construindo uma outra face, menos visível aos olhos dos visitantes. A face oculta desta bela lua era a *cidade proletária*, contida, em parte, dentro da cidade burguesa. Ocupava os velhos casarões coloniais,

---

<sup>47</sup>.- O período que vai de 1870 a 1930 é caracterizado por José Luís Romero, como o da *cidade burguesa*. Cf. ROMERO, José Luis ‘*La ciudad burguesa*’ IN: ROMERO, J. L. e ROMERO, L. A. (Dirs.) “**Buenos Aires. Historia de cuatro siglos Vol. II**” Buenos Aires, Edit Abril, 1983.

<sup>48</sup>.- BARRET, Rafael “**El Terror Argentino**” Asunción, Imp. Gabrow & Schauman, 1910, pg. 8.

*Capítulo I: Buenos Aires 1880-1920: Uma Metrópole Em Construção*

anteriormente moradias das mais elevadas famílias patricias, adaptados como *conventillos*, ou habitações coletivas. Mas também estendia-se além dos olhares burgueses e governamentais, lá nos bairros do Sul e do Oeste da cidade. Até aqui, o texto mostrou uma face da cidade; a seguir tentaremos apresentar a outra face.

## Capítulo II

### A Buenos Aires Dos Construtores De Buenos Aires

“... Buenos Aires, alambique céntrico, teatro instructivo de la lucha de clases en la América latina; Buenos Aires, donde los miles que usufructúan el lujo y los cientos de miles obligados a fabricar el lujo y a usufructuar la indigencia, se mezclan unos a otros en la democracia de las calles – la única democracia de estas latitudes – se aprietan y se frotan, cargándose de una electricidad de venganza...” (Rafael Barret “**El Terror Argentino**” Asunción, Imp. Gabrow & Schauman, 1910, pg. 7)

“Un patio de conventillo, un yoyega retobao, una percanta, un vivillo, un charmuyo, una pasión, choques, celos, discusión, desafío, puñalada, aspamento, disparada, auxilio, cana ... telón” (“La Comparsa se despide” de Alberto Vacarezza, *ca.* 1910)

“En el conventillo se hacen los rebeldes. El obrero llega del taller, fatigado, mal humorado, ansiando alimento y descanso para reparar las fuerzas perdidas y ve con dolor que falta el pan y que sus pequeñuelos tienen frío. (...) Ve al lado de su bohardilla, el palacio del magnate y escucha la insolente algazara que llega del banquete poderoso, en tanto que él desfallece de inanición.” (Alfredo Palacios “**La Miseria (en la República Argentina). Tesis rechazada**” Buenos Aires, José Larrañaga y Renovales, 1900)

#### 1.- Introdução: O surgimento de duas cidades

Se uma região da cidade era favorecida com investimentos e embelezamentos, outra parte da cidade era esquecida pelas autoridades. Os socialistas resumiam esta realidade já no primeiro número do seu periódico, *La Vanguardia*, da seguinte forma:

*“De um lado está a Avenida Alvear, e do outro um imenso bairro de conventillos. (...) No primeiro, vive uma classe rica e indolente que tem como única ocupação desfrutar o seu luxo insolentemente, contrastando com uma classe trabalhadora que depois de uma vida de trabalho não tem outra esperança que a miséria”.*<sup>1</sup>

Transpor certas ruas implicava defrontar-se com uma realidade miserável. As dificuldades cotidianas que deviam ser enfrentadas por aqueles que, com seu trabalho nos diversos setores da economia, construíam Buenos Aires, ficava à vista de quem

---

1.- “**La Vanguardia**” 7 de abril de 1894. O bairro podia ser outro diferente do mencionado pelos socialistas, mas a situação era similar *Vide* YUJNOVSKY, Oscar ‘Políticas de vivienda en la ciudad de Buenos Aires’ IN: “**Desarrollo Económico**. N° 54” Julio-Septiembre de 1974, pág. 372

visitasse a outra cidade: aquela que estava oculta pelas monumentais fachadas dos edifícios públicos, dos palacetes afrancesados do *Barrio Norte* e das obras da Assistência Pública, inúmeras vezes mencionadas pelos viajantes.

Nos anos entre 1880 e 1920, Buenos Aires deixou de ser uma *Grande Aldeia*, transformando-se numa bela *cidade burguesa*. Para isto, a cidade fazia-se e refazia-se, seguindo os impulsos dos ciclos econômicos e sociais. Da cidade achatada e ancorada no perímetro central, em torno à *Plaza Victoria*, passamos a uma cidade que se estendia ao norte, sul e oeste e que começava a crescer na vertical.

Até inícios da década de 1870, ou seja, até a epidemia de febre amarela de 1871, a ocupação da cidade de Buenos Aires seguia um padrão de tipo *pré-industrial*, em que os setores abastados ocupavam a área central da cidade. Estes foram afastando-se dos setores populares com o desenvolvimento do sistema de bondes, enquanto os trabalhadores permaneceriam no centro da cidade, próximos das oficinas e indústrias. A saída das fábricas em direção aos subúrbios foi acompanhada pelos trabalhadores.<sup>2</sup>

À semelhança do que acontecia nas cidades européias, Buenos Aires passava por uma reestruturação espacial, marcando cada vez mais a divisão entre trabalho e moradia. Ao mesmo tempo, a especulação urbana e a chegada de grandes contingentes de imigrantes provocavam a segregação espacial entre trabalhadores e capitalistas. Nos espaços que os primeiros iam ocupando, estabeleceriam novas relações com e os patrões, novas instituições e novas formas de vida. A cidade começava a dividir-se entre uma área burguesa e outra proletária. Este processo de diferenciação iniciou-se nos primórdios do nosso período e ainda estaria incompleto em 1920. No centro da cidade, os limites entre burgueses e proletários eram muito tênues. Nas mesmas ruas, coexistiam casebres e cortiços com casarões tradicionais e palacetes modernos.

---

<sup>2</sup>- Para um estudo da ocupação urbana nos Estados Unidos, *vide* GORDON, David 'Capitalism development and the history of American cities' IN: TABB, William e SAWERS, Larry (eds.) "Marxism and the metropolis. New perspectives in urban political economy" New York, Oxford University Press, 1984, págs. 27 e 36.



As contradições faziam-se evidentes dia a dia e não deixavam de ser observadas por nativos e estrangeiros. As diferenças eram sensíveis e sensibilizavam aos observadores da época. Palacetes e cortiços ocupavam um espaço reduzido, que cresceria ao longo do nosso período. Os contrastes causavam certo mal-estar e preocupação aos habitantes da cidade.<sup>3</sup> A expansão urbana podia afastar os problemas, mas não era a solução.

A expansão da cidade, o processo de urbanização em si, remete-nos a um dos principais problemas da História Social: as conexões entre a experiência individual e a experiência coletiva. Mais precisamente, a relação das pessoas comuns diante das transformações estruturais: a industrialização, as migrações e a urbanização. Tentaremos estabelecer esta relação e acompanhar as conseqüências das transformações urbanas.

Quando falamos em habitação, não devemos esquecer que estamos falando de uma abstração. O estabelecimento de médias ajudam a estabelecer tendências de como eram as vidas e vivências dos trabalhadores nestas habitações. Casas próprias, casas de aluguel e cortiços – *conventillos* –, foram as principais formas de habitação dos trabalhadores de Buenos Aires. Mas não podemos esquecer a dimensão urbana, considerando que os recém-integrados ao espaço urbano tiveram que aprendê-lo, mapeá-lo, para poder incorporá-lo, num momento de grandes transformações e de uma grande expansão.

Esta expansão urbana tinha duas vertentes. Uma era aquela que se dirigia ao *Barrio Norte*, ocupando os quarteirões que vão da *Plaza San Martín* e da rua *Florida* até o cemitério da *Recoleta*, à *Avenida Alvear* e além, em direção ao *Parque Tres de Febrero*. A outra via de expansão era a que procurava os bairros e os terrenos no sul, em *La Boca* e *Barracas*, e nos recentemente anexados distritos do oeste, chegando até *Caballito* e *Flores*.

---

3.- *Vide* SCARDIN, Francesco “*Vita Italiana nell’Argentina. Impressioni e note*” Buenos Aires, Companhia Sud-Americana de Billetes de Banco, 1899, pág. 35 e 36. Scardin não é um anarquista revoltado. Ele dedica seu livro ao Presidente argentino, Julio Argentino Roca.

As vias de ocupação eram radicalmente diferentes. Uma era a construção de luxo, com todas as novidades e confortos que qualquer casa burguesa da Europa ou dos Estados Unidos podia oferecer. A outra era precária e pequena, provocando o amontoamento dos seus habitantes.

A cidade proletária estava oculta, em parte, pelas distâncias que separavam o *Barrio Norte* dos bairros populares do Oeste e do Sul, mas emergia no interior dos bairros nobres da Capital. A ponta do *Iceberg* eram as casas de cômodos e *conventillos* situados ao lado das casas dos ricos proprietários urbanos e rurais. A habitação operária era majoritária nos bairros antigos mas também estava presente nos novos bairros das classes abastadas. Os velhos casarões, antigas moradias das famílias patricias, tinham sido adaptados como *conventillos*, ou cortiços. Vejamos onde e como moravam os construtores da Buenos Aires burguesa.

## 2.- *Bairro e casa própria*

As transformações econômicas experimentadas por Buenos Aires modificavam o espaço urbano, enquanto as classes abastadas distanciavam-se dos *pobres urbanos* e dos trabalhadores. Este processo de afastamento iniciou-se com a Febre Amarela de 1871 e intensificou-se na década de 1880, quando os lucros produzidos pelas exportações começaram a alcançar uma porção maior da burguesia *porteña*, permitindo que parte do capital disponível fosse utilizado na especulação urbana.

O traslado das indústrias e oficinas dentro da cidade de Buenos Aires produziu o deslocamento dos trabalhadores, acompanhando-as. As oficinas e indústrias que estavam no centro da cidade foram-se deslocando, paulatinamente, à procura de espaços maiores e de terras baratas, que podiam ser achados no sul. Nesse aspecto, o sul apresentava certas vantagens, como a proximidade do *Riachuelo* (que servia de via de transporte e despejo de esgotos) e das linhas férreas e de bondes, que uniam o centro

da cidade com o porto de *La Boca*. As indústrias que não precisavam de muito espaço ou que tinham a sua clientela no centro de Buenos Aires permanecer ali.

A chegada dos imigrantes gerou uma grande procura por habitação, tornando a especulação urbana um dos negócios mais lucrativos e dinâmicos da economia, atraindo os capitais que poderiam ter sido destinados ao setor produtivo. A expectativa de obter altos lucros rapidamente foi sumamente tentadora para aqueles que tinham um certo capital ou propriedades. Recém-chegados, viúvas e descendentes de ilustres patricios, religiosos e comerciantes contavam-se entre os principais especuladores.

A procura dos imigrantes pela habitação era uma das causas do encarecimento da propriedade urbana, mas a especulação causava uma escassez artificial, elevando os preços da propriedade urbana. A especulação e a elevação dos preços centrou-se inicialmente no Centro da cidade e no Bairro Norte. A demanda foi intensa na década de 1880; em poucos anos os preços dos terrenos, especialmente aqueles próximos do centro da cidade, multiplicaram-se várias vezes.<sup>4</sup>

O Estado contribuiu para este processo, favorecendo certas zonas da cidade em detrimento de outras, principalmente no desenho e execução de um sistema de saneamento urbano, com água potável, cloacas, limpeza das ruas e recolhimento dos resíduos. Estas vantagens na implementação e renovação do equipamento urbano não estiveram disponíveis, inicialmente, para os antigos bairros da cidade. A intervenção do Estado passou a definir as áreas destinadas aos setores abastados. Os reclamos do Estado, principalmente do Município de Buenos Aires, e de alguns dos membros mais preocupados da elite *porteña*, como o jornal *La Prensa*, sobre as condições da habitação operária fizeram-se sentir desde a década de 1880. Porém, os higienistas só puderam

---

<sup>4</sup>- Chamavam a atenção sobre a situação dos aumentos das propriedades urbanas ANIBAL LATINO (pseudónimo de José Ceppi) 'Los Conventillos' IN: "Tipos y costumbres bonaerenses" Madrid, Hyspanérica, 1984 (1ª ed. 1886), pág. 146; e BONAPARTE, Luís "Carestía de la vida. Causas económico-sociales. Medidas que se imponen" Santa Fe, Éxito, 1913, pág. 23. Esta é uma posição comum aos estudiosos do fenómeno urbano como: KATZNELSON, Ira "Marxism and the city" Oxford, Oxford University Press, 1993 (1ª ed. 1992), pág. 226.

limitar a ação dos donos das lucrativas moradias operárias de aluguel na primeira década do século XX.

Nesse ínterim, os lucros obtidos pelos locadores de propriedades urbanas deram-lhes um forte poder de barganha em relação ao Estado e de coação frente aos seus representantes menores, como os inspetores. Isto permitiu-lhes manter intactas as casas de aluguel e, além disso, ampliar as já existentes, até com materiais inadequados e sem considerar as necessidades dos moradores. Então, onde moravam os *construtores* de Buenos Aires? O habitat eram o *conventillo* e as casas de cômodos do centro da cidade. Poucos moravam nos subúrbios.

A estrutura inicial de Buenos Aires era a de um distrito central cercado de quintas e chácaras. No início do nosso período, a *hinterlândia porteña* começou a ser ocupada por pequenos grupos de moradias que, depois, formariam os bairros.<sup>5</sup> Isto deveu-se à iniciativa dos especuladores urbanos, que atuaram ao ritmo da valorização crescente do subúrbio da cidade. Desconsiderando as distintas propostas urbanísticas que existiram em Buenos Aires<sup>6</sup>, os especuladores parcelavam e arrematavam as quintas, estabelecendo a divisão em lotes como uma das poucas melhoras oferecidas. Estas divisões em lotes, em si mesmas não constituíam bairros, que se formaram com a paulatina chegada dos novos vizinhos.

Os leilões e vendas de lotes constituíam uma questão a parte. Os leiloeiros eram artistas na arte de anunciar e vender. Segundo eles, todos os terrenos à venda estavam próximos ao centro da cidade, mesmo quando estivessem alguns a vários quilômetros; os terrenos tinham uma colocação excelente, sem importar que estivessem a metros de um depósito de lixo; e os preços eram baixíssimos, ainda quando o preço total desse para comprar um palacete. Os leilões de terras eram organizados como grandes festas

5.- Para uma melhor compreensão deste processo *vide* SCOBIE, James "Buenos Aires. Del centro a los barrios" Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974).

6.- Sobre os projetos de urbanização de Buenos Aires nas primeiras décadas do século XX *vide* GORELIK, Adrián e SILVESTRI, Graciela "El pasado como futuro. Una utopía reactiva en Buenos Aires" IN: "Punto de Vista N°42" Buenos Aires, Abril de 1992.

para empolgar os possíveis compradores. Para isto, as passagens de bonde ou da estrada de ferro e a cerveja eram de graça, uma banda de música esperava os candidatos, era possível passear de carro pelo local e os anúncios dos leilões apareciam nos periódicos e jornais operários, como *La Vanguardia* e *La Protesta*. Tudo para atrair a atenção do cliente potencial e preferido: o trabalhador.

Estas técnicas não implicavam que o comprador desconhecesse o que ia comprar. Todo esta parafernália fazia que os leiloeiros não fossem muito apreciados. Muitos entendiam que estes profissionais eram os responsáveis pelas condições de moradia popular própria. Mas a venda em prestações nos leilões era uma das raras oportunidades de poupança rentável e de acesso à propriedade que tinham os trabalhadores. Como toda poupança operária, corria o risco de ir embora com enfermidades ou desemprego, sendo um investimento de risco: muitas vezes o vendedor reavia os terrenos ante a primeira falta de pagamento.<sup>7</sup>

A oportunidade de chegar à casa própria estava dada pela venda de terrenos e casinhas a longo prazo e com baixas taxas de juros. A venda a prestações data de 1904, gerando uma verdadeira revolução imobiliária. Isto não era um fato muito comum, mesmo em cidades de imigração e ocupação recente, como Nova Iorque, devido ao alto valor da terra. Os socialistas estavam sempre atentos às fraudes realizadas pelas empresas que vendiam casas ou terrenos em prestações.<sup>8</sup>

A primeira fase na formação do bairro é denominada de vizinhança e coincide com o primeiro período de sub-urbanização de Buenos Aires (1895 até 1915), cujo

---

7.- Observadores de primeira mão deste leilões: ANIBAL LATINO (pseudónimo de José Ceppi) 'El rematador y los remates' IN: *Op. Cit.*, págs. 51 e 59; GONZÁLEZ, Juan B. "El encarecimiento de la vida en la República Argentina" Buenos Aires, Las Ciencias, 1908, pág. 38; e HURET, Jules "De Buenos Aires al Gran Chaco" Madrid, Hyspamérica, 1986 (1ª ed. francés, 1911), págs. 451 e 455. Alguns periódicos operários retrataram esta situação FONTANA, Livio 'Los barrios obreros' IN: "La Protesta" 10/VII/1914 e 'La especulación en tierras' IN: "La Vanguardia" 5/III/1910. Uma aproximação similar em SARGENT, Charles "The spatial evolution of greater Buenos Aires, Argentina, 1870-1930" Tempe, Arizona State University, 1974, pág. 47.

8.- Alguns exemplos de especulação e trapaceas na venda imobiliária a prestações 'La casa popular propia' IN: "La Vanguardia" 19 a 21/VI/1908; *La especulación en tierras...* *Op. Cit.* Um análise da questão em SARGENT, C. *Op. Cit.*, pág. 76 a 78. Para o caso de Nova Iorque STOTT, Richard "Workers in the Metropolis. Class, ethnicity and youth in Antebellum New York City" Ithaca, Cornell University Press, 1990, pág. 168.

efeito principal foi a diminuição da densidade populacional nos distritos centrais da cidade e os deslocamentos para os subúrbios.<sup>9</sup> Estas afirmações, enquadradas dentro de uma tendência de longo prazo, devem ser analisadas com cuidado, para podermos acompanhar os ritmos dos deslocamentos e quem procurava estas novas concentrações populacionais ou vizinhanças.

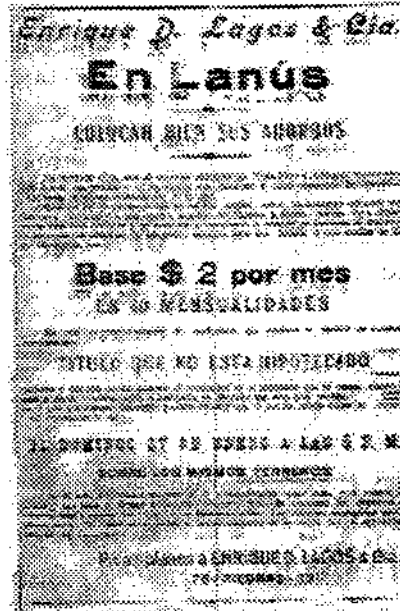


Fig. 1: Um anúncio de um leilão na vizinhança Lanús. O leilão seria no local, para os compradores conhecer os terrenos. A compra podia ser feita até em 60 prestações. E ainda lembrava que era uma boa forma de aproveitar as poupanças realizadas. *La Protesta*, 1907.

A característica principal deste *proto-bairro*, o subúrbio, era seu caráter semi-urbano, dado que os assentamentos situavam-se na fronteira do campo. O subúrbio era a ponta de lança urbana no espaço rural. A divisão entre uma e outra vizinhança era clara para os moradores e difusa para os estranhos. Geralmente, os centros destes pequenos núcleos populacionais eram seus comércios.<sup>10</sup>

<sup>9</sup>- A *vecindad* é um grupo de vizinhos. *Vide* GORELIK, Adrián 'La busqueda del Centro. Ideas y dimensiones de espacio público en la gestión urbana y las polémicas sobre la ciudad' IN: "Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana 'Dr. Emilio Ravignani', 3ª série, N°9" 1º semestre de 1994, págs.44-45; e TORRES, Horacio 'Evolución de los procesos de estructuración espacial urbana. El caso de Buenos Aires' IN: "Desarrollo económico N°58" Bs.As., Junio-Septiembre de 1975, págs. 281 até 295.

<sup>10</sup>- Sobre o caráter semi-urbano, GONZÁLEZ ARRILLI, B. "Buenos Aires 1900" Buenos Aires, Ed. Kraft Ltda., s/d, pág. 74. Para uma análise de como se desenvolveu este processo no longo prazo *Vide* FERRERAS, Norberto O. "Cidades inumanas. Condições de vida dos trabalhadores de Buenos Aires e Rio de Janeiro (1930-1945)" Dissertação de Mestrado, UFF, 1995, Cap. I.

Existia um certo grau de heterogeneidade entre os moradores, pelas possibilidades de trabalho do local ou das redondezas, ou ainda pela disponibilidade de transporte para os locais de trabalho. O crescimento populacional destes núcleos seria irreversível. As vizinhanças integravam-se à cidade, enquanto diminuía ou desapareciam as zonas livres entre as mesmas.

Estes bairros situaram-se nas margens do centro, de forma concêntrica. A saída do centro da cidade e das habitações coletivas desenvolveu-se ao longo do período, com maior ou menor intensidade. Os bairros seguiram as obras da infra-estrutura realizadas nas áreas periféricas e valeram-se das possibilidades de auto-construção da própria moradia em locais afastados. Auto-construção e infra-estrutura urbana foram os fatores que facilitaram a saída dos setores populares do centro da cidade em direção aos bairros.<sup>11</sup>

Outro elemento que define o bairro refere-se ao uso do espaço e do tempo: por um lado, temos a capacidade do bairro de reunir os setores populares e, por outro, a relação do bairro com o aproveitamento do tempo livre. Este contato recriava as relações de vizinhança existentes só entre os velhos moradores do centro tradicional. No centro, as pessoas tratavam-se com desconfiança e receio, mas as relações nos bairros eram de camaradagem. A expansão recriava as relações de solidariedade que eram invisíveis aos olhos dos moradores do *Barrio Norte*.<sup>12</sup>

No interior do bairro predominava a heterogeneidade étnica, profissional e social. Isto mudava um tanto se existia uma fábrica, que homogeneizava os moradores pelo âmbito comum do trabalho<sup>13</sup>, ou alguma colônia com um caráter étnico e

<sup>11</sup>- GUTIERREZ, Leandro e SURLANO, Juan 'Workers' Housing and Living Condition in Buenos Aires, 1880-1930' IN: ADELMAN, Jeremy (Ed.) "Essays in Argentine Labour History, 1870-1930" The Macmillan Press, London, 1992, pág.43; LIERNUR, Francisco 'Buenos Aires: la estrategia de la casa autoconstruida' IN: A.A.VV. "Sectores Populares y Vida Urbana" CLACSO, Bs.As., 1984, págs. 108/111.

<sup>12</sup>- Este sentimento de pertencimento ao bairro é apresentado por GONZÁLEZ ARRILLI, B. *Op. Cit.*, pág. 75.

<sup>13</sup>- Antes de ser denominado como *Conventillo de la Paloma*, que daria nome ao sainete de Alberto Vaccarezza, este cortiço era conhecido como *Conventillo Nacional*, pela proximidade da *Fábrica Nacional de Calçados*. A maioria dos moradores eram operários desta fábrica. PAEZ, Jorge "El Conventillo" Buenos Aires, CEAL, 1970, pág. 39.

confessional comum, como os judeus russos do *El Once*. A heterogeneidade estava dada pelas diferentes atividades dos membros do bairro. Nele moravam pequenos comerciantes, o dono do bar, lojistas diversos, artesãos, operários e jornaleiros, incluindo as suas mulheres que, em muitos dos casos, eram também trabalhadoras – operárias, a domicílio ou domésticas. Quando falamos de heterogeneidade, não podemos deixar de mencionar que mesmo quando, em certos locais, alguma etnia, nacionalidade ou religião predominasse sobre as outras, esta não era a tendência geral da cidade e estes grupos eram muito reduzidos no conjunto total da população. Porém, para o início do nosso período, Emilio Daireaux, observa que:

*“...a ignorância que têm os estrangeiros dos costumes do país é consequência do hábito de viver reunidos em bairros onde quase estão sozinhos. Fala-se francês nas lojas, italiano no porto, inglês nos estabelecimentos bancários, alemão detrás das grades dos sexos e molhados, espanhol unicamente no funcionalismo público, e nem sempre!”<sup>14</sup>*

A concentração étnica produzia-se, aparentemente, no local de trabalho. De fato, o mesmo observador reclama da falta de individualidade dos bairros *porteños*.<sup>15</sup> Mas temos um fator de complicação para avaliar estas concentrações étnicas: é possível inferir que, num bairro com maioria de russos e poloneses, sejam quase todos eles judeus? Tratando-se de judeus, será que askenazes e sefaradins juntos davam homogeneidade a um bairro? Um bairro com predominância de italianos é uma *little Italy*? E se for uma *little Italy*, devia-se à homogeneidade ou à diversidade das origens regionais? O mesmo pode ser aplicado a outros grupos, como, por exemplo, os Otomanos, com origens tão diversas como libaneses, turcos e sírios. Mesmo individualizando os pontos de homogeneidade étnica de Buenos Aires, permanecem as dúvidas sobre alguns casos

<sup>14</sup>- DAIREAUX, Emilio “Vida y costumbres en el Plata. Tomo II: Industrias y productos” Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, pág. 25.

<sup>15</sup>- DAIREAUX, Emilio “Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina” Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, págs. 185 e 186.



Desafiando estes inconvenientes, aparecem bairros muito particulares: *El Once*, bairro de judeus russos, em conformação durante o nosso período; *La Boca*, com esmagadora maioria de genoveses; e o *Barrio de los Turcos*, ou melhor de Sírio-Libaneses, próximo do *Retiro*. Como Samuel Baily e José Moya têm demonstrado, na realidade, mais do que bairros nacionais, o que temos na realidade são vizinhanças que reuniam pessoas de uma mesma região ou povoado da Itália e da Espanha. Assim, no raio de uns poucos quarteirões, moravam várias famílias da mesma origem, mas as mesmas não moravam na mesma casa de aluguel ou no mesmo cortiço. Isto criava vínculos muito fortes entre eles, mas não necessariamente com outros grupos da mesma nacionalidade.<sup>16</sup>

Enquanto uns poucos bairros étnicos estavam em conformação, outros, característicos da Buenos Aires colonial, estavam em processo de desaparecimento, junto com o passado que representavam. Como sucedia com o bairro de afro-argentinos de *Montserrat*, próximo à *Plaza de Mayo*, que ainda sobrevivia na década de 1890. Os negros, a antiga mão para toda obra, de soldados a artesãos qualificados, foram sendo deslocados do centro da cidade e das principais ocupações pelos imigrantes. Uma vizinhança negra estabeleceu-se em *Flores*; outros, mais pobres optaram por *Barracas*, nas proximidades do *Riachuelo*.<sup>17</sup>

Em 1906, um jornalista brasileiro que visitava Buenos Aires foi até *Flores*, um bairro um pouco afastado do perímetro central, para visitar um amigo. O percurso podia ser realizado sem grandes dificuldades pelas estradas de ferro ou pelo bonde. O nosso jornalista pegou um bonde elétrico, que atravessou os antigos subúrbios de

---

<sup>16</sup>- Os detalhados análises sobre esta questão de BAILY, Samuel "Immigrants in the land of Promise. Italians in Buenos Aires and New York City, 1870-1914" Ithaca, Cornell Univ. Press, 1999, cap. 6; e MOYA, José "Cousins and Strangers. Spanish immigrants in Buenos Aires, 1850-1930" Berkeley, University California Press, 1998, cap. 4.

<sup>17</sup>- A nostalgia pelos bairros de negros aparece em BIOY, Adolfo "Antes del Novecientos" Buenos Aires, Compañía Impresora Argentina, 1958, págs. 182 e 183. Para uma análise destas mudanças, ver ANDREWS, George Reid "Los afroargentinos de Buenos Aires" Buenos Aires, Ed. de la Flor, 1989 (1ª ed. em inglês: 1980), pág. 219.

*Almagro* e *Caballito*, antes de chegar em *Flores*, depois de 40 minutos de viagem. Após este percurso pela avenida *Rivadavia*, achou um bairro que nada tinha a invejar às ruas elegantes do *Barrio Norte*. Nesse bairro morava, por ex., Manuel Augusto Montes de Oca, então Ministro de Interior do governo argentino e, posteriormente, Ministro de Relações Exteriores e Culto.

A casa do amigo de Mario Cattaruzza, tal o nome do jornalista, estava a três quarteirões desta avenida. Mas nesse pequeno trecho a paisagem mudava radicalmente. O que era uma rua bem pavimentada, transformava-se numa rua de terra, onde “... *densas nuvens de pó se levantam*”, em virtude do qual nos dias de chuva, “... *aquilo deve ficar um fangaçal medonho*”. A iluminação era “*pobre e mortíça*”. O contraste com o Centro da cidade era assustador. Morar num bairro desses era pouco recomendável para as famílias e pessoas honestas, porque ali era:

*“A zona e o centro das façanhas de todos os bandidos. As famílias vivem em perpétuo sobressalto, porque até ali não chegam os benefícios do estupendo policiamento do perímetro central. (...). Mas um bom revólver e muito espírito de decisão são precisos para enfrentar esses sítios à noite.”<sup>3</sup>*

As condições e o custo da habitação operária obrigavam à convivência dos trabalhadores com os elementos da má vida. A precariedade e a dispersão eram os sinais marcantes desses bairros, que começaram a surgir na década de 1890. Até esse momento, o subúrbio era praticamente impensável como habitat dos trabalhadores. Era impossível o deslocamento do Centro da cidade, sendo o principal impedimento a falta de comunicação com a periferia da cidade.

Os bairros eram pequenas agregações de casas e casebres, onde as pessoas se amontoavam na tentativa de escapar dos altos preços dos quartos dos *conventillos* e do controle do zelador e do Estado. Para isto, eles se viram na necessidade de ter que morar em situações similares ou piores do que aquelas que tinham que suportar nos cortiços. As diferenças estavam, principalmente, na propriedade da moradia e no fim da

---

<sup>3</sup>- CATTARUZZA, Mario “**Buenos Aires**” Rio de Janeiro, s/e, 1906, págs. 55 e 56.

dependência em relação ao dono ou do zelador do *conventillo*. A proximidade entre habitação e local de trabalho reforçou a identificação dos moradores com seu bairro. Estas vizinhanças de trabalhadores têm sido vistas como a “modernização sem qualidade” de Buenos Aires, por contraposição à modernização dos bairros burgueses.<sup>19</sup>

O processo de saída do centro da cidade foi iniciado pelas famílias abastadas, na tentativa de fugir das epidemias cíclicas que assolavam Buenos Aires, como a de cólera, em 1867, e a de febre tifóide, em 1869. Porém os primeiros destinos escolhidos não estavam muito longe da *Plaza Victoria*, como o *Barrio Norte*, em torno ao cemitério da Recoleta. Alguns foram um pouco mais longe, optando por Palermo e até pelo município de Belgrano. Outros procuraram suas moradias de verão – as *quintas* – na zona Oeste, como em *Flores*, *Floresta* ou *Caballito*. Estas residências abandonadas passaram a ser aproveitadas como moradias de aluguel para famílias menos favorecidas, ou ainda subdivididas para a exploração como *conventillos*. A migração em direção a zonas de baixa densidade populacional permitiu que estes novos moradores dos subúrbios se tornassem donos de amplos terrenos de pouco valor.

Esta poderia ser considerada a primeira fase de expansão da Buenos Aires moderna, tendência consolidada com a epidemia de febre amarela de 1871. Nas zonas altas da cidade a incidência da enfermidade foi bastante baixa, pelo que se tornaram as mais procuradas; em *Belgrano* e *San José de Flores* o preço da propriedade disparou. Outras pequenas vizinhanças apareceram seguindo o *Ferrocarril Oeste*. Os socialistas viam a saída para esses bairros afastados, que surgiam pelo fracionamento de terras, como uma forma de dividir a classe trabalhadora. Os operários eram afastados do local de trabalho e, portanto, dos seus colegas. Isto não significa que os socialistas fossem

---

<sup>19</sup>- GORELIK, Adrián “*La grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936*” Buenos Aires, UNQ, 1998, págs. 280 a 291.

contrários à casa própria, desde que para isso fossem construídas por cooperativas, como *El Hogar Obrero*.<sup>20</sup>

Por motivos diferentes, esta saída para o subúrbio seguia os padrões das grandes cidades européias em processo de industrialização. Mas a migração mudou de direção, no final da década de 1870. O Oeste começou a ser abandonado pela burguesia, que passou a concentrar-se no *Barrio Norte*. Este processo provocou a queda dos preços dos terrenos no Oeste de Buenos Aires, iniciando outro tipo de ocupação, resultante da fragmentação dos terrenos das quintas de veraneio.<sup>21</sup>

Esta primeira saída foi considerada como a base de algumas pequenas fortunas. Antigos proprietários urbanos, inclusive alguns trabalhadores com capacidade de poupança, foram beneficiados pela compra dos terrenos abandonados no Oeste de Buenos Aires. A valorização destes terrenos foi produto da especulação imobiliária. Os grandes terrenos foram subdivididos e vendidos às classes médias e trabalhadores qualificados.<sup>22</sup>

Esta segunda etapa na saída do centro de Buenos Aires foi espontânea, tendo como condições prévias os seguintes elementos: a conformação de um mercado de terras no subúrbio, pela subdivisão das quintas e venda em pequenos lotes; o avanço do ordenamento urbano das propriedades; a carência e a falta de habitações para trabalhadores nas zonas próximas às novas localizações industriais; o início da difusão do transporte barato entre o subúrbio e os centros de trabalho; e, por último, a grande pressão populacional, produto do incremento das migrações. Assim, a fisionomia do subúrbio foi modificada pela ação conjunta do Estado e dos moradores.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup>- Sobre as conseqüências da febre amarela *vide* RAWSON, Guillermo 'Estadística vital de Buenos Aires' IN: RAWSON, Guillermo "Escritos y discursos. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1891, págs. 45 a 70. A posição dos socialistas é justificada na Câmara de deputados por Enrique Dickman 'Sesión N°32, 10/IX/1915' IN: REPÚBLICA ARGENTINA, CÁMARA DE DIPUTADOS "Diario de Sesiones. Año 1915. Tomo III" Buenos Aires, 1916, pág. 285.

<sup>21</sup>- SCOBIE, J. *Op. Cit.* pág. 158 e 159.

<sup>22</sup>- PATRONI, Adrián "Los trabajadores en la Argentina" Buenos Aires, Chacabuco 664 y 67, 1897, pág. 11.

<sup>23</sup>- TORRES, H. *Op. Cit.*, pág. 281 e ss. A fonte de Torres são os censos; isto não lhe permite observar os processos entre os censos. PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 12 e 13. Sobre a espontaneidade na saída do centro da

No início da década de 1910, a saída do centro tinha outros condicionantes. Por um lado, alguns donos de *conventillos* venderam seus imóveis, enquanto outros optaram por construir prédios para serem alugados para grandes negócios, escritórios, armazéns, tendas ou, inclusive, como moradias com maior conforto, destinadas às classes médias. A redução da oferta de habitação no centro teve como consequência a procura por outros locais. Esta saída foi tão pronunciada que gerou saldos negativos nos distritos centrais de Buenos Aires, contendo o vertiginoso ritmo de crescimento.<sup>24</sup>

À semelhança do que acontecia em certas cidades européias, o processo de industrialização e o impacto da relação da economia da Argentina com a Economia-Mundo tinham feito de Buenos Aires uma cidade-vitrine, com lojas de departamentos e magazines, sendo o ponto de união do interior do país com os países industrializados; por isso a necessidade de grandes armazéns e depósitos. Os prédios dos comércios de importação-exportação e dos magazines passaram a ocupar o espaço das casas de cômodos e dos velhos casarões, incrementando o valor dos terrenos do centro da cidade e forçando a saída dos antigos moradores. O aluguel e a venda dos casarões e terrenos livres para estes fins era muito mais rentável que manter os cortiços, cada vez mais controlados pelo Estado.

Vários foram os motivos que levaram à demolição e reconstrução de prédios no centro da cidade: as Estradas de ferro precisavam construir vias férreas e estações dentro da cidade, no seu caminho ao subúrbio e ao interior, abrindo passagem derrubando casas e casarões; a construção de edifícios para famílias e indivíduos de boa

---

cidade, *vide* CIBILS, F. R. 'La descentralización urbana de la ciudad de Buenos Aires' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo, N°16" Buenos Aires, Marzo 31 de 1911, pág. 90.

<sup>24</sup>.- CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 88; ARGENTINA "Segundo Censo Nacional de la República Argentina. 1895. Tomo I. Territorio" Buenos Aires, Taller Tipográfico de la Penitenciaría Nacional, 1898, pág. 6; MARTÍNEZ, Alberto 'Estudios sobre los resultados del Censo de Población' IN: BUENOS AIRES "Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1904" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1906, pág. XXXI; BUENOS AIRES "Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1909. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1910, pág. 3; ARGENTINA "Tercer Censo Nacional de la República Argentina. 1914. Volúmen X. Valores Mobiliarios y Estadísticas Diversas" Buenos Aires, Taller Gráficos de L. J. Rosso, 1917, págs. 129 a 148.

posição econômica, que podiam ter acesso aos novos elementos do conforto urbano sem ter que se distanciar do raio central; o estabelecimento dos armazéns, magazines e oficinas no centro; a abertura de ruas e as obras para o saneamento urbano, que precisaram derrubar algumas moradias; o aumento dos alugueis, devido à diminuição de casas e ao repasse dos custos das obras. Os efeitos combinados destes fatores foram profundos e irreversíveis e, no curto prazo, foram muito penosos: maior custo das habitações, maior densidade das mesmas ou a saída para locais sem infra-estrutura.<sup>25</sup>

Muitos estabelecimentos industriais aproveitaram a valorização das terras do centro para capitalizar-se, vendendo as propriedades nas áreas privilegiadas e construindo novos prédios em locais afastados e baratos. Alguns operários acompanharam a saída das indústrias à procura de emprego. Os custos ou a falta do transporte levaram os trabalhadores a se afixarem nas redondezas dos novos locais de trabalho, erguendo construções precárias ou lotando os *conventillos* próximos. A presença de indústrias e fábricas marcaram estes primeiros subúrbios operários; em torno delas giraria a existência destes seres. As chaminés eram a marca de nascença destes locais.<sup>26</sup>

A eletrificação dos bondes, na virada do século, provocou a queda das tarifas do transporte, permitindo o deslocamento dos trabalhadores que optavam pelo aluguel ou pela casa própria em locais mais afastados e mais baratos. Algumas empresas davam

---

<sup>25</sup>- Algumas cidades já industrializadas passavam por transformações urbana e um acelerado crescimento populacional similar. Para o caso de Londres *vide* STEDMAN JONES, Gareth "Outcast London. A study in the relationships between classes in Victorian society" Oxford, Clarendon Press, 1971, págs. 152 e 161 a 170; para Paris *vide* SHAPIRO, Ann-Louise "Housing the poor of Paris, 1850-1902" Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1985, págs. 38 e 39; para Berlim *vide* BULLOCK, Nicholas e READ, James "The movement for housing reform in Germany and France: 1840-1914" Cambridge, Cambridge University Press, 1985, pág. 67.

<sup>26</sup>- GÓMEZ CARRILLO, E. "El encanto de Buenos Aires" Madrid, Perlado, Paés y Cía, 1914, pág. 15+. Um análise deste processo em ROCCHI, Fernando 'Industria y Metrópolis: el sueño de un gran mercado' IN: GUTMAN, M. e REESE, T. "Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran capital" Buenos Aires, Eudeba, 1999, pág. 273.

facilidades aos seus empregados que pudessem enfrentar a compra de uma pequena casa.<sup>27</sup>

Até a eletrificação do bonde e a queda no preço do transporte, na década de 1890, foi impossível para os trabalhadores pensar na fuga dos cortiços do distrito central. Depois deste momento, foi mais fácil se deslocar ao subúrbio, já que as despesas com o transporte eram menores que o aluguel. A diferença era utilizada no pagamento das prestações dos terrenos em que os trabalhadores levantam suas casinhas, geralmente comprados a prestações.<sup>28</sup> Estas novas vizinhanças eram quase totalmente de trabalhadores.

Porém, os preços dos terrenos aumentavam devido à crescente demanda. Esta pressão começou com a grande imigração, influenciando tanto na construção apressada e precária de alguns *conventillos*, como na alta dos valores da propriedade urbana, mesmo em pontos distantes das zonas de concentração populacional. Outro fator que encarecia os preços dos terrenos e casas era a extensão dos serviços urbanos, especialmente os investimentos em pavimento, calçadas de tijolos e sistemas pluviais. A alta nos preços da moradia levava ao incremento no valor da mão-de-obra.<sup>29</sup>

A opção pela saída do Centro da cidade tinha efeitos positivos imediatos para os trabalhadores? Na opção de compra de um terreno, e posterior construção de uma casa, não só estava a possibilidade de fugir do alto custo do aluguel, mas também, o desejo de tornar-se proprietário. Este desejo teria sido mais forte entre os imigrantes,

---

<sup>27</sup>- A redução da oferta do aluguel e a incidência do transporte na saída do Centro são mencionadas por vários cronistas, entre eles GACHE, Samuel "Les logements ouvriers à Buenos-Ayres" Paris, G. Steinheil Edit., 1900, pág. 67; por BLASCO IBAÑEZ, Vicente "Argentina y su grandeza" Madrid, Edit. Española Americana, 1910, pág. 505; e por CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 88. O transporte tinha suas nuances, se as empresas de bondes colocavam para trabalhadores com baixas tarifas, eram poucas unidades, pelo que tinham que optar pelo transporte mais caro *Véase 'Lo que dicen nuestros lectores. Los coches para obreros'* IN: "La Vanguardia" 31/I/1906.

<sup>28</sup>- CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 88 e UNSAÍN, Alejandro 'La condición económica de las clases obreras' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N° 21" Buenos Aires, Noviembre de 1912, págs. 307 e 422.

<sup>29</sup>- ANCELL, Carlos Federico "Abaratar la vivienda" Buenos Aires, Florido y Tuduri impresores, 1922, págs. 12, 65 e 66.

que utilizavam suas poupanças para chegar à casa própria, que entre os nativos.<sup>30</sup> Isto permitia a liberação de uma parte importante dos recursos familiares. O pagamento do aluguel representava de 30 a 50 por cento do orçamento familiar.

Mas isto não pode ser apresentado como o elemento principal na constituição de uma mentalidade reformista no interior da classe trabalhadora *porteña*. Além da participação dos moradores destes locais nas violentas greves das duas primeiras décadas do século XX, temos que mencionar, novamente, o “desejo” de independência, tão forte quanto o “desejo” de ser proprietário. Um viajante americano afirma que em Buenos Aires os imigrantes espanhóis e italianos concentravam-se neste bairros suburbanos, sendo os anarquistas os mais numerosos entre estes grupos “populosos e não muito desejáveis”.<sup>31</sup>

O primeiro período de saída para o subúrbio tinha as características da ocupação pioneira em terra incógnita. Quem arriscava a se assentar nessas bandas ficava sem as vantagens da infra-estrutura urbana do centro, sem a mobilidade adequada para voltar ao centro e procurar outro trabalho. Para o subúrbio ia quem desenvolvia suas próprias atividades ou quem queria fugir da vida regrada do centro da cidade. O ar livre, os terrenos baratos e a propriedade da própria moradia não era sinônimo de respeitabilidade. Esta era uma opção própria de pessoas suspeitas. Lá moravam

---

<sup>30</sup>.- O desejo do trabalhador por tornar-se proprietário é explicitado por CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 88; e alentado por um famoso higienista como Guillermo Rawson em 1885, RAWSON, Guillermo ‘Estudio sobre las casas de inquilinato de la ciudad de Buenos Aires’ IN: RAWSON, G. *Op. Cit.*, pág. 164. Para os imigrantes *vide* ALSINA, Juan “**El Obrero en la República Argentina, Tomo I**” Buenos Aires, Imprenta Calle de México 1422, 1905, págs. 197 a 199. Porém a existência da *Cooperativa Obrera ‘El Hogar Obrero’* – fundada por membros do Partido Socialista e com a participação de vários sindicatos e Sociedades de Socorros Mútuos –, iniciada como cooperativa de construção de casas para trabalhadores, poderia ser um indício do *desejo* de se tornar proprietário, sobre os inícios e as finalidades de *El Hogar Obrero*. *vide* MUZZILLI, Carolina ‘Obras e Instituciones. El Hogar Obrero’ IN: “**Boletín del Museo Social Argentino, Tomo II, N° 19**” Buenos Aires, 1913, págs. 209 a 220.

<sup>31</sup>.- *Vide* BRYCE, James “**La América del Sud. Observaciones e impresiones**” New York, The MacMillan Company, 1914, pág. 252; e HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 55. O que contraria a apreciação da casa própria como um elemento de integração e desistência das lutas operárias e sociais.



unicamente pessoas revoltadas – ou seja anarquistas –, pessoas de má vida – delinqüentes e prostitutas – ou os indolentes – como os *atorrantes*.<sup>32</sup>

Outra vantagem da casa própria estava na liberação de certos controles e inspeções do Estado que, com certa regularidade, tinham lugar no *conventillo* e, portanto, no lar trabalhador. Estas visitas oficiais nos *conventillos* tinham a função de assegurar a higiene dos mesmos; porém, não era menor o interesse na situação e no estado das classes trabalhadoras.

A propriedade do terreno dava a possibilidade de utilizar integralmente o mesmo, não só como moradia, mas também como forma de obter o sustento ou, ao menos, uma parte dele. Alguns dos pequenos artesãos que se mudavam para a periferia estabeleciam lá sua oficina, para realizar consertos ou fabricar algum produto. Ao mesmo tempo, o espaço livre nos fundos era utilizado para manter uma criação, uma horta ou um pequeno pomar, o que constituía uma melhora na alimentação familiar pelo consumo de frutas, verduras ou animais, preservando certos costumes rurais. É possível conjecturar que estas criações e cultivos não podiam sustentar uma pequena família, mas garantia alguma variedade na alimentação, pela provisão de alguns ovos e vegetais diariamente.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup>- “*Que é um atorrante? É um ser que perdeu totalmente o senso do dever. Vegeta como um arbusto (...). Os olhos estão sem expressão, cansados, o cabelo sem cuidados, a boca espumosa, ele tem um único objetivo: perder no álcool tudo quanto lhe resta de humano, a última faísca de inteligência (...).*” SCARDIN, F. *Op. Cit.*, pág. 41. A palavra *atorrante*, tem uma origem duvidosa. Uma hipótese é que este fosse o apelativo dos jornaleiros e trabalhadores ocasionais empregados no torrado de café (*atorrado* em espanhol). Outra possibilidade é que venha do nome dos canos em que dormiam, que tinham a marca do fabricante: A. Torrent. *Vide* GONZÁLEZ ARRILLI, B. *Op. Cit.*, págs. 90 e 91. Os primeiros *atorrantes* de Buenos Aires parecem ter sido dois adinheirados que perderam suas fortunas: o espanhol Grajera e o francês Vinclaret *Vide* BATIZ, A. *Op. Cit.*, págs. 31 a 39. Alguns *atorrantes* acabavam dormindo nas ruas, onde a noite os pegasse *carta de Pierre L. Apud* GAUDELIER, G. “*La vérité sur l’émigration des travailleurs et des capitaux. Belges dans la République Argentine*” Bruxelles, Messageries de la Presse, Dechenne & Cia, 1889 (2ª ed.), págs. 43 e 44. Sobre estes bairros WILDE, Eduardo “*Curso de Higiene Pública*” Buenos Aires, 1878, pág. 266.

<sup>33</sup>- CATTARUZZA, M. *Op. Cit.*, pág. 59 e 60. Ainda BARZINI, Luigi “*L’Argentina vista como è*” Miláno, Tip. del Corriere della Sera, 1902, pág. 20; LOMBROSO, Gina “*Nell’America Meridionale (Brasile, Uruguay, Argentina)*” Miláno, Fratelli Treves, 1908, pág. 333; e LUPATI, Cesarina “*Vita Argentina. Argentini e italiani al Plata, osservati da una donna italiana*” Miláno, Fratelli Treves editori, 1910, pág. 118.

Por último, a casa própria permitia manter a família unida, ainda quando algum dos filhos ou filhas se casasse. A precariedade da construção permitia agregar outros cômodos à casa original ou, no pior dos casos, o amontoamento nos espaços existentes. É evidente que manter a família unida era um benefício, num contexto de desenraizamento e sem ajuda extra-familiar. Esta integração permitia o cuidado dos idosos ou das crianças por uma única pessoa, enquanto os outros membros da família podiam deixar o lar para trabalhar fora; ou inclusive a integração dos ganhos individuais num único orçamento. Os benefícios que os higienistas achavam na luz do sol e na utilização de maiores espaços no âmbito cotidiano podem ter sido, ainda, um ganho adicional para os novos moradores dos subúrbios.<sup>34</sup>

Mas nem tudo eram ganhos na vida destes pequenos proprietários. A ocupação dos subúrbios não pode ser pensada como uma melhora automática das condições da habitação. A unidade doméstica com múltiplas famílias gerava casos de alta densidade numa mesma moradia, como acontecia nos *conventillos*. O ambiente *moral* – no dizer dos higienistas – e físico não era dos melhores, se pensarmos que nestas casas suburbanas morava um número elevado de pessoas. O encarregado da comissão do Censo de 1909 no bairro de *Palermo*, Carlos Cibils, alertava aos seus superiores sobre o fato de que em casas com três quartos moravam 20, e até 26, pessoas, sendo que a densidade por quarto chegava ao alarmante número de 10 pessoas. O incremento da mortalidade, que teve lugar depois de 1904, foi atribuída às más condições sanitárias da moradia.<sup>35</sup>

Uma desvantagem em relação à moradia coletiva estava nos materiais utilizados na construção destas casas. É necessário lembrar que o problema dos materiais agravou-se periodicamente. Durante a Crise de 1890 e a Grande Guerra, os preços aumentaram, devido às dificuldades para adquirir muitos dos materiais utilizados nas

---

<sup>34</sup>.- CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 91.

<sup>35</sup>.- CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 90. Sobre o aumento da mortalidade, GONZÁLEZ, J. B. *Op. Cit.*, pág. 52. O Intendente de Buenos Aires negava a relação entre o aumento da mortalidade e as más condições sanitárias 'Casas para obreros. Majaderías Intenderiles' IN: "La Protesta" 19/VII/1905.

construções. A madeira, um material considerado menos forte e resistente que o tijolo ou a pedra, era um material de luxo em Buenos Aires. As poucas casas de madeira, superiores ao resto, não eram muito recomendáveis.<sup>36</sup>

O material predominante era o zinco, que, sem ser muito adequado para o clima de Buenos Aires, era muito barato e, geralmente, era possível obtê-lo do resto das latas que continham o petróleo ou o querosene importado. Estas latas eram recicladas na construção e até no embelezamento das casas dos trabalhadores. A 'lata de petróleo' era um estilo de construção, o estilo dos pobres. Um estilo criativo, tendente a aproveitar a sucata e reinventá-la como forma de moradia. Porém, esta criatividade era castigada com o calor excessivo no verão e com o frio extremo no inverno. O metal podia garantir pouca proteção num clima com grandes variações térmicas. No inverno, a forma de aquecimento era o próprio calor humano, com a ajuda de um braseiro, que enchia de fumaça os cômodos e até podia ocasionar intoxicações pela má combustão do carvão. No verão, o zinco concentrava o calor aumentando-o em 30%. E isto agravava-se com a inexistência de pisos impermeáveis, ou seja, com os pisos de terra, sujeitos aos efeitos da água, mau isolante do frio e do calor e de difícil limpeza. Outros materiais utilizados na construção das casas populares eram paus, ferros, barro, pau a pique e, às vezes, tijolos; todas as sobras dos elementos usados em outras construções ou restos dos produtos de importação resgatados do lixo.<sup>37</sup> Existiam casas piores que as casas de zinco, as de adobe. Estas foram predominantes na colônia e ainda persistiam no final do nosso período. Era só chegar até as vizinhanças de *Quilmes*, *Arellaneda*, *San Isidro*, *Tigre*, etc. para ver os últimos representantes de este estilo.<sup>38</sup>

<sup>36</sup>- 'Los obreros y el trabajo.' IN: "La Prensa" Buenos Aires, 25/VIII/1901, pág. 4.

<sup>37</sup>- Sobre os efeitos da temperatura *vide* BRANT, Mario "Viaje a la Argentina" Buenos Aires, Ed. Botella al Mar, 1980 (1ª ed. português, 1917), págs. 65 e 66. Vários cronistas apresentam os outros materiais, como CATARUZZA, M. *Op. Cit.*, pág. 59; e HURET, J. *Op. Cit.* págs. 55 e 56. pág. 65.

<sup>38</sup>- COLL, Carlos M. 'Casas para obreros' IN: "Boletín del Museo Social Argentino, Tomo VIII, N° 91-93" Buenos Aires, 1919, pág. 224.

As casas de zinco, madeira e adobe tinham ainda a marca da precariedade. Gina Lombroso, via nesta provisoriedade a idiosincrasia do imigrante, gastando mais no passageiro do que teria sido gasto em materiais duradouros; o imigrante estava sempre à espera de mudar sua sorte. Para Cesarina Lupati, a precariedade estava relacionada com o mercado de trabalho ou, ao menos, com as expectativas que os imigrantes tinham do mesmo. Na realidade, esta situação não deixava de ser um tanto decepcionante para o recém-chegado. Quanto poderia durar o trabalho? Onde estariam amanhã o imigrante e sua família? Numa outra cidade, num outro bairro, na colheita, na oficina? Para ela, esta precariedade tinha uma razão, dava a possibilidade de vender as poucas utilidades domésticas, reunir a família e sair novamente à procura de um novo destino.<sup>39</sup> Esta era uma possibilidade num mercado de trabalho pouco estável e sujeito às incertezas do comércio internacional. Mas isto implicava não ser proprietário do terreno. A propriedade ou a “ocupação” de um terreno podia influenciar o investimento numa construção definitiva ou provisória e em materiais de baixo preço e pouco duradouros.

Outro dos problemas enfrentados pelos moradores destas casas em locais distantes era a falta de saneamento, que levava ao consumo de água de poço e à difusão de enfermidades como a febre tifóide e a difteria. Além do mais, persistia o problema da alta densidade por quarto. Os leilões de terrenos estendiam rapidamente os limites da cidade, a um ritmo que não era o do saneamento.<sup>40</sup>

A decisão de construir a casa própria realizava-se à revelia das iniciativas estatais. No período foram escassas as construções populares feitas pelo Estado, em qualquer das suas instâncias. A auto-construção não contrariava os planos oficiais, porque estes não existiam. Os trabalhadores e imigrantes tiveram que enfrentar esta atividade assumindo todos os riscos dos empreendimentos e, embora os resultados não fossem

<sup>39</sup>- LOMBROSO, G. *Op. Cit.*, pág. 187 e LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 51. O desconsolo pelo destino errante e pelas casas precárias é manifestado por Lucia Nebbiolo Gonella. Parte do depoimento de Lucia em FRANZINA, Emilio “Una patria straniera” Verona, Cierre Ed., 1996, pág. 92.

<sup>40</sup>- GACHE, S. *Op. Cit.*, pág. 67 e CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 89 a 92. A extensão da cidade era criticada pelo Deputado Dickman em *Sesión N°39. 10/IX/1915... Op. Cit.*, pág. 288.

esteticamente agradáveis para os governantes e reformistas, mostravam-lhes o desejo das classes trabalhadoras de possuir uma casa própria.

A intervenção do Estado no mercado habitacional, mediante a construção, foi praticamente nulo. Existiram debates e encontros para tentar solucionar esta questão. Foram doadas terras às entidades de assistência para que construísem casas, mas, os resultados foram pobres. As casas construídas ficaram com funcionários públicos ou com trabalhadores que coincidiam com a ideologia das entidades de assistência, católicas na sua maioria.<sup>41</sup>

Quem construía estas casas, tanto as precárias quanto as sólidas? Eram pedreiros ou os próprios moradores. Os pedreiros, que tanto trabalhavam nas grandes obras públicas como nas pequenas casas dos subúrbios, eram principalmente italianos do norte da Itália.<sup>42</sup> Porém, na maioria das vezes eram os próprios moradores que encaravam a construção das casas. Para isto utilizavam seus conhecimentos, poucos ou muitos, sobre construção e emprendiam a tarefa, poupando o custo de ter que contratar um ou vários pedreiros. Se o resultado não era dos mais satisfatórios, ao menos garantia um teto seguro, sem dívidas e sem zeladores.<sup>43</sup>

Os terrenos que os trabalhadores podiam comprar, não eram aqueles dos bairros nobres da cidade. Eram terrenos afastados do centro ou naqueles locais onde as classes proprietárias com certeza não morariam. Os bairros em que os trabalhadores podiam ter acesso à propriedade tinham certas condições: a primeira era estar afastado do centro; uma segunda residia na proximidade de fábricas, ou seja nos bairros fabris, principalmente se estas indústrias ou oficinas tinham forte incidência no meio ambiente. O excesso de barulho, a contaminação da água e do ar, e até o excesso de

---

<sup>41</sup>- Sobre os planos de casas para trabalhadores LECOUNA, Diego "Orígenes del problema de la vivienda" Buenos Aires, CEAL, 1993, págs. 171 a 199. Estes planos foram analisados pelos contemporâneos GONZÁLEZ, J. B. *Op. Cit.*, pág. 31; *Mujaderias... Op. Cit.*; e 'Casas para obreros' IN: "La Protesta" 24/III/1916.

<sup>42</sup>- Para 1909 eram uns 7.000 'Los albañiles en la ciudad de Buenos Aires' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N° 9" Buenos Aires, Junio de 1909.

<sup>43</sup>- ANCELL, C. M. *Op. Cit.*, págs. 33 e 34.

circulação de carros e transportes nas redondezas afastavam do local quem pudesse morar longe.

Desde o início da década de 1880 existia uma legislação municipal destinada a inibir a instalação de indústrias ou estabelecimentos fabris que poluíssem, auditiva ou ambientalmente, os bairros do centro de Buenos Aires. É por isso que nenhum destes estabelecimentos podia situar-se a menos de 20 quarteirões da Praça *Victoria* (Praça de *Mayo*) sob pena de multas, notificações ou fechamento. Os vizinhos pediam às autoridades a saída do estabelecimento que produzia alguma contaminação. Muitas vezes estas reclamações produziam-se pelo funcionamento de motores a vapor, utilizados por diversas indústrias, como moinhos de erva-mate ou trigo, serrarias de madeiras, beneficiadoras de tabaco, etc. Estes motores eram vistos como perigosos pelos vizinhos, argüindo que podiam explodir, embora isto fosse difícil de acontecer. As queixas contra os motores de vapor, nem sempre atendidas, eram quanto à fumaça, barulhos, perigo de explosão, insalubridade e trepidações.<sup>44</sup>

As más condições ambientais eram correntes em bairros como *La Boca* ou *Barracas*, próximos do porto da cidade e das grandes marcenarias, curtumes, charqueadas, matadouros, armazéns e grandes depósitos, que tinham problemas relacionados à circulação de veículos. O tráfego era perigoso para os moradores e provocava enormes buracos nas ruas destes bairros que, com as chuvas, ficavam totalmente enlameadas, as marcenarias provocavam grandes ruídos, e os curtumes e as charqueadas despejavam as substancias utilizadas no processamento do couro e da carne, contaminando o *Riachuelo*, os córregos e até os lençóis de água próximos à superfície.

---

<sup>44</sup>- Um resumo das queixas pode ser encontrado em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Industria - Caja 16 - Año 1880" Expediente N°6309, 3 de Enero; e MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Economía - Caja 17 - Año 1881" Expediente N°3124, 18 de Mayo.

Outros bairros, e outros problemas, faziam parte do mundo dos trabalhadores de Buenos Aires. Bairros míticos como o *Barrio de las Ranas* – os brejos de *San Cristobal* –, ou aquele que se estendia além do *Paseo Colón*. E, ainda, aqueles apontados num informe de 1911, sobre a descentralização da cidade:

*“Ao Sul e ao Oeste, nos brejos e baixos de Barracas, San Cristobal, Flores, Vélez Sarsfield y San Carlos; no Norte, nos inundáveis San Bernardo, Palermo, próximos do córrego Maldonado, bairros de Darwin e Alvarez Thomas, Sportiva, baixos de Belgrano, de Saavedra, etc., tem-se levantado em poucos anos numerosos centros de população e edificação, que carecem geralmente com raras exceções, de serviços de águas correntes e esgotos, de paralelepípedos e iluminação.”*<sup>45</sup>

Fora de Buenos Aires, surgiam outros bairros, com as famílias daqueles que trabalhavam nas oficinas destas cidades, nos depósitos, na construção e, principalmente, no seu porto. Estes últimos aproveitavam os loteamentos que acompanhavam o *Ferrocarril Sud*, no ramal que unia *Casa Amarilla* – *La Boca* – com *Ensenada*, próximo de *La Plata*. Assim é que emergiram novas vizinhanças, como *Sarandí, Wilde, Bernal* e outras, que estavam nos municípios vizinhos de *Avellaneda* e *Quilmes*.<sup>46</sup>

A questão das condições higiênicas e sanitárias destes bairros eram péssimas. Não tinham abastecimento de águas correntes e a água dos poços artesianos utilizados pelos moradores estava contaminada pela proximidade das latrinas. As enfermidades eram de fácil contágio e transmissão nesta situação. A poeira produzida pelas ruas de terra ocasionavam outros transtornos e complicavam as doenças respiratórias. Sanitariamente, a cidade de Buenos Aires podia ser dividida em duas metades, tomando como eixo a rua *Victoria*; ao norte, as condições eram boas, ao sul não. De fato, no norte, onde os trabalhadores tinham poucas chances de comprar terrenos baratos, concentravam-se as reformas sanitárias. Os especuladores e empreiteiros eram atraídos

---

<sup>45</sup>.- CIBILS, F. R. *Op. Cit.*, pág. 89.

<sup>46</sup>.- UNSAÍN, A. *Op. Cit.*, pág. 307.

pela melhor infra-estrutura da região. A ampliação das obras em direção ao sul inverteu, parcialmente, esta tendência no anos iniciais do século XX.<sup>47</sup>

Outro problema apresentado pela maioria dos observadores era que grande parte dos terrenos da zona sul estavam expostos às enchentes. Se as chuvas não eram fortes, as conseqüências restringiam-se ao alagamento das ruas; com uns poucos milímetros a mais ou nas *sudestadas*, o resultado eram as enchentes.<sup>48</sup>

Estas zonas alagadiças eram vendidas aos trabalhadores a preços razoáveis. Ali podiam construir suas casas, mas os custos pessoais eram altos, tanto quanto morar num *conventillo*. As construções eram precárias, levantadas no meio do campo aberto, sem serviços sanitários, sem os mercados municipais, que existiam no centro e com um mínimo de organização urbana. O ordenamento urbano era possível nos loteamentos, mas eram inexistentes nas ocupações irregulares. As casas eram baixas e úmidas, sem banheiros ou com latrinas fora das mesmas e os esgotos corriam a céu aberto. O Intendente Anchorena destinava à construção de casas para operários os terrenos baixos, conquistados ao rio.<sup>49</sup>

Um desses bairros, talvez o mais característico ou pitoresco segundo os turistas e cronistas, era o bairro de *San Juan Evangelista*, conhecido como *La Boca*. Inicialmente, foi um bairro com fama de acolher os *bas fonds* sociais, assassinos, prostitutas e ladrões.<sup>50</sup> Com o crescimento do porto e o estabelecimento das moradias operárias esta fama foi sendo mudada pela das revoltas e protestas. Este bairro não teve modificações físicas

---

<sup>47</sup>- RAWSON, G. *Estudio sobre las casas...* Op. Cit., pág. 164.

<sup>48</sup>- CATTARUZZA, M. Op. Cit., pág. 56. O problema das enchentes e as conseqüências na população que morava próxima do *Riachuelo*, chamou a atenção dos articulistas do *Boletín del Museo Social Argentino*, que publicaram um artigo alertando sobre os inconvenientes da falta de planificação na moradia operária 'La Cuestión de la vivienda. Casas para obreros' IN: "**Boletín del Museo Social Argentino, Tomo I, N° 6**" Buenos Aires, 1912, pág. 175. Reclamações por causa das enchentes podem ser vistos em 'Las lagunas. El vecindario de pie' IN: "**Progreso de La Boca. N° 204**" 18/III/1900; e 'Al Sub-intendente de Boca y Barracas' IN: "**Progreso de La Boca. N° 381**" 9/VIII/1903. Uma enchente é comentada por POSADAS, Adolfo "**La República Argentina. Impresiones y comentarios**" Madrid, Lib. Gral. de Victoriano Suárez, 1912, págs. 106 e 107.

<sup>49</sup>- CIBILS, F. R. Op. Cit., pág. 89 e 90; GACHE, S. Op. Cit., pág. 65; e GÓMEZ CARRILLO, E. Op. Cit., págs. 155 e 156.

<sup>50</sup>- SCARDIN, F. Op. Cit., pág. 42.



substanciais ao longo do nosso período, excetuando as obras de infra-estrutura destinadas a conter enchentes e ao saneamento básico. Os moradores e o tipo de moradia não sofreram grandes modificações nestes anos.

Muitos dos visitantes de Buenos Aires do nosso período passaram por *La Boca* para conhecer um dos bairros dos pobres urbanos que, pela proximidade do porto, era visto como pouco perigoso, principalmente à luz do dia. *La Boca* era de acesso relativamente fácil, suas vias de acesso eram boas, dado que lá estava o porto de entrada e saída de passageiros e mercadorias. O Bonde unia a *Plaza de Mayo* com *La Boca* e as vias férreas chegavam desde as principais estações.

Um passeio até *La Boca*, de bonde ou de carruagem, dava uma visão geral do bairro. Este bairro era uma sucessão de pequenos núcleos de casas, separados por terrenos sem urbanizar, repletos de sucata como ‘...velhos arcos de pipas, trastes em pedaços, frangalhos, farrapos, todos os objetos que se encontraram em abandono pelas ruas e são recolhidos, sem que se saiba o motivo’.<sup>51</sup> Os grupos de casas estavam separados por alguns pequenos campos semeados de alfafa e milho, onde alguma vaca magra procurava um pouco de grama para se alimentar.

A maioria das ruas, fora das vias principais, eram de terra ou suportavam um tráfego muito pesado, próprio de uma zona portuária e industrial, que as deixava totalmente esburacadas. Durante as enchentes, ou com as fortes chuvas típicas da pampa úmida, estas ruas ficavam alagadas, restando poças de água estagnada, esverdeando por vários dias e provocando um forte fedor. Somente aquelas ruas pelas quais passava o bonde tinham calçamento; o resto não desfrutava deste ‘luxo’. A demarcação das ruas a primeira coisa que o município devia fazer nos bairros novos, ali

---

<sup>51</sup>.- BARZINI, L. *Op. Cit.*, pág. 19 e 20; BRANT, M. *Op. Cit.*, págs. 64 a 66; CATTARUZZA, M. *Op. Cit.*, pág. 59; LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 116 a 120; RESASCO, Francesco “*Alle Rive del Plata. Ricordi di viaggio*” Milano, Fratelli Treves ed., 1890, pág. 134; e RUMBOLD, Horace “*The Great Silver River. Notes on a residence in Buenos Aires in 1880-1881*” London, John Murray, 1890 (2ª edição), pág. 101.

era inexistente. As ruas tomavam formas irregulares, quebrando o xadrez típico de Buenos Aires.<sup>52</sup>

Aos lados destas ruas de terra estavam as casas dos moradores. A maioria destas construções eram de zinco ou de madeira. Uma casa de tijolos era uma raridade. As cores dos casebres, as pequenas varandas floridas e as escadas das casas davam-lhes o aspecto de um carro de circo.<sup>53</sup> Jules Huret observa que quase todas as casas eram novas, embora este fosse um bairro antigo. Isto devia-se a que o distrito de *San Juan Evangelista* continuava a crescer, ainda quando os bairros centrais perdessem população ou tivessem um crescimento mínimo; além da precariedade dos materiais, que obrigava à reconstrução permanente.<sup>54</sup>

Estas bonitas casas, como as viam os visitantes, apresentavam a divisão da população. Alguns vizinhos não conseguiam nem utilizar as latas e tinham que se contentar com latas coloridas. Mesmo assim, estas casas tinham melhorado desde aquelas '*humildísimos e anti-higiênicos casebres de madeira*' de 1901, como as apresentava *La Prensa* ou outros visitantes. As casas tinham de três a cinco quartos, compartilhados por até vinte pessoas. Muitas destas mantinham um quintal com uma pequena criação de galinhas ou cultivos, como tomates e algumas hortaliças, para complementar a alimentação familiar.<sup>55</sup>

Uma característica distintiva das casas de *La Boca* era o tipo de construção, adequada para instalar-se sobre os brejos e pântanos permanentes, ou para desafiar as enchentes ocasionais. As casas eram construídas no alto de estruturas de madeira ou

---

<sup>52</sup>- CATTARUZZA, M. *Op. Cit.*, pág. 58 a 60; FEIJOO, Augusto 'El barrio de La Boca' IN: "La Protesta" 16/X/1908; *Las lagunas...Op. Cit.*

<sup>53</sup>- LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 117.

<sup>54</sup>- HOLDICH, Thomas Hungerford "The countries of the King's award. Argentina & Chile" London, Hurst & Blackett, 1904, pág. 52; e HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 58.

<sup>55</sup>- Um destes observadores poderia ser o jornalista espanhol DÁVILA, Francisco "La Babel Argentina" Buenos Aires, Lib. General Lavalle, 1896.

ferro, como as palafitas, elevadas sobre o lamaçal.<sup>56</sup> A situação de *La Boca* melhorava nas proximidades do porto do *Riachuelo*, onde estavam instalados depósitos, os escritórios das agências navais e oficinas.

Nesse ambiente marítimo, os genoveses predominavam, seguidos de longe pelos calabreses. Instalados lá desde o início da operação do porto, tinham feito deste local um pequeno porto italiano transplantado para a América. Este bairro constituía um dos poucos redutos étnicos da cidade. A predominância deste grupo era tão grande que lá só se falava o dialeto *ligur* e Mazzini era a figura mais popular. Qualquer um poderia achar que estava, pelo menos, num porto da Itália, se não fosse pelos uniformes da polícia ou por algum grande armazém, pois desde os nomes dos barcos e lojas até os forte gritos dos trabalhadores na sua língua compunham um retrato da Itália. O mesmo acontecia na parte de Barracas mais próxima de *La Boca* e do *Riachuelo*. A forte presença dos genoveses, evidenciava-se ainda nas profissões dos moradores do bairro: lá encontrávamos marinheiros, estivadores, pilotos, catraieiros e as famílias de todos eles. Um genovês só aprendia o espanhol se conseguisse tornar-se rico e saísse do bairro para morar num outro ponto da cidade.<sup>57</sup>

Lá, nesses pântanos e brejos, onde o fedor das águas podres esverdeando ao ar livre se misturava ao cheiro do azeite frito e do *pesto ligur*, no meio de crianças de vestuário heterogêneo, que brincavam entre o lixo das quitandas; onde as casas alternavam com bazares e lojas de ferramentas e onde toda classe de veículos atravessava as ruas a caminho do porto; lá também era possível fazer uma comparação com a Europa opulenta:

---

<sup>56</sup>- LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 118. As palafitas são mencionadas também por HOLDICH, T. H. *The countries of the King's...* *Op. Cit.*, pág. 52; e por MODRICH, Giuseppe "Reppublica Argentina. Note di viaggio da Buenos Aires alla Terra del Fuoco" Milano, Lib. Editrice Galli, 1890, pág. 45.

<sup>57</sup>- BARZINI, L. *Op. Cit.*, pág. 20; BATIZ, Adolfo "Buenos Aires, la ribera y los prostibulos en 1880 (Libro rojo)" Buenos Aires, Aga-Taura, s/d (1<sup>a</sup> ed. 1908), pág. 24; JUAN DE LA CALLE "Buenos Aires pintoresco. La Boca" IN: "El Hogar. N°290" 23/IV/1915; RUMBOLD, H. *Op. Cit.*, pág. 102; e SCARDIN, F. *Op. Cit.*, pág. 42.

*“Em todas as ruas a todo o passo, lóbregas lojas, baixas, úmidas, sujas e mercearias trágicas, como os de Wapping em Londres, onde se vende de tudo; tabernas de cujas portas sai o bafo hediondo do vinho, como da boca do bêbado, cafés e pousadas com fisionomias resgas, onde o vício mais repugnante se confunde com a mais repugnante miséria”*.<sup>58</sup>

A comparação de Cattaruzza só podia ser feita com os locais da Europa onde os trabalhadores reinavam absolutos. Como o Wapping londrino, este era o reverso da moeda do progresso. Mas não era um custo que Buenos Aires tinha que pagar pelo seu progresso; era o custo que a maioria dos moradores de Buenos Aires tinham que pagar, enquanto o resto tirava vantagem das desvantagens dos moradores de *La Boca* e dos outros bairros.

Mas *La Boca* era um bairro de trabalhadores qualificados e jornaleiros, que ganhavam seu sustento e com ele tinham que viver, tivessem emprego permanente ou não. Aqueles que eram chamados de *detrito da sociedade*, porque não tinham profissão, viviam de biscates ou estavam desempregados, tinham que procurar outros rumos e moradias mais precárias. Estes bairros eram *Villa Malcom* e *Villa Alvear*, situados na zona norte da cidade. Aqui tinham que viver em ruelas que não estavam nos mapas da cidade, sem saneamento, em casas baixas e pequenas, separadas por elevações de barro e barrancos. Estes bairros eram mal vistos pelas classes altas e, quando podiam, ou algum poderoso reclamava, eram arrasados rapidamente e seus moradores despejados sem prévio aviso.<sup>59</sup>

Os bairros étnicos também eram apresentados como locais imundos e pouco recomendáveis para o desenvolvimento da vida comunitária, como o bairro dos armênios, de *Paseo de Julio* e *Reconquista*. Mais característico era o bairro dos *turcos* – na realidade, Sirio-Libaneses – que estava dentro do raio urbano da cidade, especificamente no distrito do *Socorro*, limitado pelas ruas *Paraguay*, *Tres Sargentos* e *Charcas*, entre

<sup>58</sup>- CATTARUZZA, M. *Op. Cit.*, pág. 60.

<sup>59</sup>- A aristocrática *Sociedad Rural Argentina* pediu à Municipalidade que tirasse um bairro construído com latas e madeiras situado ao norte das suas instalações em Palermo, que asseguravam era um foco de cólera. *La Vanguardia* denunciava, que na realidade foi feito porque estas casas afeavam o passeio dos Bosques de Palermo. ‘Notas de la Semana. El cólera’ IN: “*La Vanguardia*” Buenos Aires, Marzo 2 de 1895, pág. 3.

*Reconquista* e o *Paseo de Julio*. Não estava afastado das casas das classe abastadas; pelo contrário estava situado a poucos quarteirões do elegante *Barrio Norte*. Os *turcos* moravam em pequenas casas, com paredes interiores de madeira. Segundo os observadores, cada casa tinha uma alta densidade populacional, que junto com a falta de limpeza, de iluminação, de ar, o acúmulo de lixo e comida no interior das mesmas, a umidade e a falta de cuidados e de manutenção das casas terminava dando um aspecto de cavernas a estas habitações coletivas. Outros simplesmente deitavam-se nos seus barracos no médio dos seus pertences, ou melhor, no meio das suas mercadorias, porque quase todos eles dedicavam-se à venda ambulante ou tinham pequenas lojas montadas neste mesmo bairro.<sup>60</sup> Os bairros étnicos não eram bem apreciados pelos analistas e reformistas, pois evidenciavam a preservação da origem e a falta de integração. A condenação era a estes costumes, que para eles pareciam pouco higiênicos e incompatíveis com as normas que tentavam implantar.

Próximo ao centro, estavam os brejos de *San Cristobal*; um pouco mais longe estavam o *Barrio de las Ranas* e o *Barrio de los sapos* – assim chamados pelas grandes quantidades de anuros que reinavam nas poças de água e lagunas –; em outros, ainda mais afastados, como o *Barrio de Puente Alsina* e o, pior de todos eles *La Quema de la basura*, eram os locais onde os *atorrantes* – ‘os inimigos da civilização’ – podiam morar tranquilos.

*El barrio de las ranas* era um bairro populoso, onde as pessoas habitavam em cabanas precárias ou em barracos, próximos a um lixão. A população era constituída pelos pobres urbanos, trabalhadores sem ofício, jornaleiros e aqueles que viviam do trabalho com o lixo, como os condutores dos carros de lixo e os catadores. Aqui procuravam refúgio os elementos dos *bas-fonds*, como vagabundos, bandidos e ladrões, o que provocava constantes brigas e confusões. Era um bairro sem organização urbana,

---

<sup>60</sup>.- JUAN DE LA CALLE ‘*Buenos Aires pintoresco. El barrio de los turcos*’ IN: “*El Hogar. N°289*” 16/IV/1915; GACHE, S. *Op. Cit.*, pág. 86; e RAHOLA, Federico “*Sangre Nueva. Impresiones de un viaje a la América del Sud*” Barcelona, Tip. ‘La Académica’ 1905, págs. 281.

sem iluminação ou posto policial, do qual o Estado ou as Associações de beneficência nem se aproximavam. As ruas tomavam forma segundo as necessidades e conveniências dos moradores, bordejando os esgotos e as casas. A fumaça do lixão dava um tom espectral ao local. Durante o dia, as crianças em farrapos dominavam as ruas junto aos porcos, cachorros, gatos e frangos; à noite, poucos ousavam transitar pelas ruas. Este era um bairro étnico típico, sendo a maioria dos seus moradores argentinos: mulatos, *chinos* e alguns negros. Em 1900, um higienista francês catalogava este local da seguinte forma: “Este bairro parece um prolongamento deforme e monstruoso do organismo da cidade (...)”.<sup>61</sup> Este é o retrato de Dorian Gray da cidade de Buenos Aires, a face escura necessária para que pudesse existir a outra, a luminosa.

Para os reformistas, a pobreza não era um problema coletivo numa sociedade em expansão econômica; era um problema individual e tinha como conseqüências evidentes este tipo de moradias e, portanto nesses arrabaldes não podia morar nenhuma pessoa *decente e trabalhadora*. Segundo os membros do Estado, e para muitos dos visitantes da Argentina, só morava lá quem não podia reconhecer o próprio fracasso e não se deixava ajudar pelas associações de assistência.<sup>62</sup>

Os moradores destes bairros, vistos como pouco dados ao trabalho, tinham aquelas ocupações desprezadas, desqualificadas e mal pagas. *La Quema de la basura*, em *Parque Patricios*, ou simplesmente *La Quema* era o mais pobre de todos os bairros. Como toda grande metrópole, Buenos Aires tinha o seu ponto escuro: assim como Londres tinha Campbell Bunk, Paris seu Belleville, e Nova Iorque o seu terrível Bowery, Buenos Aires, tinha *La Quema*, uma versão ampliada e corrigida do bairro das rãs.

---

<sup>61</sup>- GACHE, S. *Op. Cit.*, págs. 83 a 86. Gorelik entende que o bairro das rãs e *La Quema* não eram bairros refratários, e que na realidade isto era um mito da época GORELIK. Adrián *La grilla y el parque... Op. Cit.*, pág. 284.

<sup>62</sup>- HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 55. Estes bairros de *atorrantes* e refratários eram o embrião das futuras *villas miserias*, ou favelas, de Buenos Aires. A primeira que assim será apelidada será a *Villa Esperanza* – nome por demais sugestivo –, criada em 1931 por imigrantes poloneses chegados durante a grande crise.

Lá, no meio de uma fumaça de cheiro acre, moravam aqueles que tiravam o seu sustento do lixo, ou aqueles que não conseguiam ganhar o suficiente para pagar um quarto nos distritos centrais. Em meio a choupanas de madeira e latas de petróleo morava uma densa população, que trabalhava descarregando o lixo que chegava da cidade, separava os elementos de utilidade daqueles que seriam reduzidos a cinzas, como osso, madeiras, ferros, panos, etc. Outros criavam porcos e galinhas, que vendiam fora de *La Quema*.

Duas ou três mil pessoas, contando crianças, velhos, homens e mulheres moravam lá, em barracos, e de lá tiravam o seu sustento. Industriais, comerciantes e trabalhadores chegavam a *La Quema* para adquirir alguns bens, como metais, madeiras, panos, ossos e a banha. Tudo podia ser reutilizado. Os trabalhadores tentavam comprar, ou achar, algumas latas de petróleo, feitas de zinco, para construir suas moradias, ou algum vasilhame, sapatos, panos, tudo que era muito caro para eles.<sup>63</sup>

Poucos habitantes afortunados de *La Quema* conseguiam trabalho fora deste ambiente. Os *atorrantes*, condenados pela sociedade burguesa, transformavam-se em esforçados trabalhadores que subsistiam no lixo e do lixo.<sup>64</sup>

Estes *atorrantes*, afinal de contas, não deixavam de ser proprietários, trabalhando sem patrões e sem depender dos donos dos *conventillos*. Será que os *atorrantes* foram considerados proprietários pelas estatísticas oficiais? Será que eles tinham capacidade de poupança suficiente para comprar um destes terrenos expostos a enchentes e cercados de montanhas de lama e rãs? Duvidamos que os terrenos tenham sido da sua propriedade; se fossem proprietários isto, poderia ajudar aos analistas da auto-construção, da evolução da propriedade e da ascensão social em Buenos Aires, para

---

<sup>63</sup>- LUPATI, C. *Op. Cit.*, págs. 192 e 193.

<sup>64</sup>- 'Paisajes suburbanos. Lo ignorado de Buenos Aires' IN: "La Prensa" Buenos Aires, 2/XI/1901, pág. 3.

contabilizar alguns números a mais no seus processos de democratização da propriedade e daqueles que podiam tomar a via da ascensão social.<sup>65</sup>



Fig. 2: Uma casa “própria” em estilo “zinco” nos subúrbios de Buenos Aires. Fonte: *Historia Visual de Clarín*

Há ainda um terceiro grupo de moradores, além daqueles trabalhadores qualificados e artesãos, que pela sua capacidade de poupança podiam tentar se tornar proprietários, e daqueles outros, que pela falta de recursos só podiam optar pela habitação própria em terrenos fiscais, nas várzeas dos rios e riachos, ou ainda ocupando terrenos que não lhes pertenciam legalmente. Este terceiro grupo era o dos inquilinos.

### 3.- Inquilinos e ‘conventillos’

Os inquilinos tinham quatro tipos de moradias. Quem tinha um bom salário, podia alugar uma casa, muito comum entre as classes médias. Havia casas que eram compartilhadas por uma ou duas famílias mais; ou alguma família alugava quartos para trabalhadores sozinhos. Algumas pessoas alugavam uma casa completa e subarrendavam os quartos. Havia as pensões ou *fondas*, que abundavam na cidade e que geralmente eram a moradia dos trabalhadores sozinhos, ou que partilhavam o quarto

<sup>65</sup>- Alguns otimistas que consideram a sociedade e a economia *porteña* como a via expressa para a ascensão social são CORTÉS CONDE, Roberto “**El progreso argentino. 1880-1914**” Buenos Aires, Sudamericana, 1979 e KORN, Francis e DE LA TORRE, Lidia ‘*La vivienda en Buenos Aires*’ IN: “**Desarrollo Económico N° 98**” Julio-Septiembre de 1985. Vale a pena mencionar como um marco da historiografia otimista KORN, Francis ‘*La aventura del ascenso*’ IN: ROMERO, J. L. e ROMERO, L. A. “**Buenos Aires. Historia de cuatro siglos. Vol. II**” Buenos Aires, Abril, 1983.



com outras pessoas, assim garantindo a comida pronta e algum outro serviço que o dono podia lhes oferecer. Os recém-chegados preferiam as *fondas* enquanto procuravam trabalho ou outra moradia. E, finalmente, o *conventillo* ou cortiço, a principal moradia de aluguel da cidade, e que terá tratamento preferencial.

No *conventillo* morava um conjunto amplamente diversificado das classes trabalhadoras *porteñas*, homens e mulheres, sozinhos ou em grupo, famílias ampliadas e inteiras, compartilhando o quarto com outras pessoas ou famílias. No *conventillo* amontoavam-se empregados, artesãos, operários, jornaleiros, trabalhadores domésticos, italianos, espanhóis, russos, argentinos. Todos eles formavam uma babel, fazendo do local de moradia um centro de intercâmbio de informações, de idéias, de vivências, de sonhos, de hábitos, de expectativas e de apoio mútuo. Ali, fortaleciam-se as relações de camaradagem, debilitando as de origem nacional – ou fortalecendo-as, se predominava um grupo étnico –, ali aprendia-se a conhecer os costumes de Buenos Aires e as formas de atuação das autoridades. O *conventillo* servia ainda como um foco de irradiação de preconceitos, um local no qual podia-se estabelecer relações com membros de outras classes ou com seus representantes, como os policiais e inspetores do Estado, e inclusive com o próprio dono do inquilinato, relações que poderiam render algum proveito posteriormente. Em síntese, o *conventillo* foi o coração da classe trabalhadora de Buenos Aires, entre 1880 e 1920.

Desde os primeiros momentos do processo imigratório, Buenos Aires mostrou que não tinha capacidade habitacional suficiente para receber os novos moradores. Ainda quando os primeiros saldos migratórios eram pequenos, a quantidade de casas existentes não podia comportar todos os imigrantes. A situação ficou mais complicada com o aumento dos saldos migratórios, quando mais pessoas pressionavam por uma solução que unicamente o *conventillo* podia proporcionar.<sup>66</sup>

<sup>66</sup>.- Entre 1857 a 1870 dos 179.570 imigrantes chegados à Argentina permaneceram em Buenos Aires 58.496; entre 1871 a 1880 ingressaram à Argentina 260.885 imigrantes, dos quais 87.066 ficaram em Buenos Aires. Para o Primeiro Censo Nacional de 1869. Buenos Aires tinha 177.787 habitantes. ARGENTINA, MINISTERIO DE



Fig. 3: Algumas cenas das dificuldades da alta densidade de pessoas por quarto nos *conventillos*. A esquerda as crianças penduradas numa espécie de *maroma*, enquanto a habitação é ocupada integralmente. Ao centro, o vendedor ambulante utiliza o quarto como depósito. A direita, ao chegar o dono do cortiço, a família esconde as crianças para não apresentar sinais de amontoamento no quarto. Fonte: *Cara y Caretas*, 1901.

Ante uma realidade de escassez de moradias, surgiram como solução as casas coletivas, casas de cômodos, cortiços, *conventillos* ou qualquer que seja o nome que demos. Solução que seria muito lucrativa para aqueles que podiam dispor de uma moradia para estes fins. Os *conventillos* produziam uma renda que dificilmente seria produzida por outros investimentos. Outro fator que contribuía para o crescimento dos cortiços e a procura por este tipo de moradia devia-se às altas dos preços ou às crises cíclicas que tinha que enfrentar a economia da Argentina. A desvalorização da moeda e o crescimento do desemprego levavam ao aumento do número de pessoas morando nos *conventillos*.<sup>67</sup>

Inicialmente uma família alugava uma casa; ante os constantes aumentos de preços, diminuía os custos subalugando quartos ou partilhando a casa com outras famílias. O aumento da procura por moradia fez com que os proprietários alugassem

AGRICULTURA, DIRECCIÓN GENERAL DE INMIGRACIÓN "Resumen estadístico del movimiento migratorio de la República Argentina, Años 1857 - 1924" Buenos Aires, Tall. Gráficos del Ministerio de Agricultura de la Nación, 1925, págs. 24 e 25.

<sup>67</sup>- RAWSON, G. *Estudio sobre las casas de inquilinato...* Op. Cit., pág. 142 e 143. Sobre a importância das crises no incremento da procura de habitações em cortiços: 'Habitaciones insalubres' IN: MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES, DIRECCIÓN DE ESTADÍSTICA MUNICIPAL "Anuario estadístico de la ciudad de Buenos Aires, Año 1, 1891" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Bancos, 1892, pág. 433.

eles próprios os quartos, construindo quartos precários nos fundos, nos quintais e nos estábulos, ou onde existissem espaços vazios, usando materiais baratos.

A escassez das habitações, inclusive dos cortiços, levou ao aumento da densidade dos quartos. A densidade foi sempre bastante elevada e este foi um dos principais inconvenientes enfrentados pelos moradores. A alta densidade não foi um privilégio dos cortiços; mesmo nas 'casas próprias' as pessoas tinham que se amontoar. A alimentação e o excesso de bebidas foram problemas menores ao lado da alta densidade de indivíduos por quarto.

Os efeitos da alta densidade de pessoas por quarto eram evidentes. O que causava maiores preocupações aos higienistas era a pouca quantidade de ar que tinham os moradores destes quartos. Sem janelas e com uma única porta, na maioria das vezes, o ar era escasso e viciado, sem contar que o tamanho dos quartos era variável e, muitas vezes, menor do que estipulavam as disposições municipais.<sup>68</sup> Além das pessoas, no pequeno espaço do quarto guardavam-se as ferramentas de trabalho, a escassa mobília da casa e as roupas, sem contar cachorros, gatos, passarinhos ou periquitos. No inverno, os quartos ficavam trancados, contribuindo para viciar a atmosfera; no verão, muitos preferiam dormir nos pátios e corredores, fugindo do calor destes cubículos.<sup>69</sup> Outra preocupação estava relacionada à promiscuidade destes pequenos espaços, que forçavam a convivência de adultos e crianças.

O quarto do *conventillo* acumulava várias funções: dormitório, sala, cozinha, local de trabalho e depósito. Aqueles que tinham um trabalho autônomo usavam o quarto para preparar os utensílios de trabalho, guardar as ferramentas e produtos e ainda trabalhar. Não eram poucos os sapateiros, alfaiates e cabeleireiros que trabalhavam no

---

<sup>68</sup>- Segundo um inquérito publicado pela *Unión Industrial Argentina* o tamanho médio de um quarto era de 4 x 4 metros (16 m<sup>2</sup>) com uma altura média de 3,51 m. 36,5% tinha apenas uma porta e 34,1% tinha uma porta e uma janela. 'El costo de la vivienda obrera' IN: "Boletín de la Unión Industrial Argentina, Año XXVI, N°523" Buenos Aires, 15/VII/1912, pág. 55. A impressão do visitante era totalmente desoladora. MANE 'Non existe?' IN: "L'Avvenire. Periódico Comunista-Anarchico. N°38" 16/I/1898.

<sup>69</sup>- ESTRADA, Santiago de "Viajes y otras páginas literarias" Buenos Aires, Estrada, 1949 (1ª ed. 1900), pág. 112; e FRANCO, Pedro "Casas para trabajadores" Buenos Aires, Oceana, 1916, págs. 7 e 8.

quarto, ou no pátio. Mas era principalmente o espaço de trabalho feminino. Lá a mãe da família operária, podia preparar a comida diária, atender os filhos e o marido, manter o relacionamento com a vizinhança e ainda obter parte da renda familiar, vendendo a sua própria força de trabalho na indústria doméstica.<sup>70</sup> As ocupações femininas no *conventillo* estavam relacionadas com as tarefas domésticas habituais. Os principais ofícios desenvolvidos eram os de lavadeira, passadeira, costureira e outros integrantes da indústria doméstica.<sup>71</sup>

Para estas trabalhadoras o *conventillo* era uma fonte de informações quando procuravam uma ocupação ou tinham que arranjar uma freguesia. As que integravam a indústria doméstica precisavam destas informações, tanto quanto aquelas que trabalhavam nas oficinas. Para as que recebiam a clientela no quarto, outros detalhes eram muito importantes, como manter boas relações com as outras mulheres do *inquilinato*. As moradoras que eram empregadas domésticas podiam indicar as próprias vizinhas como ‘boas profissionais’ para suas patroas; era importante poder colocar um anúncio na parede externa ou na porta de entrada do *conventillo*, anunciando sua ocupação como ‘costureira’ ou ‘passadeira’, e melhor ainda se podia adicionar *francesa*, o que devia ser permitido pelo dono ou pelo zelador. Um último detalhe, talvez o mais importante, era o quarto que esta trabalhadora ocupava. Um quarto com janela para a rua, ou situado no primeiro pátio, era sinônimo de respeitabilidade e qualificação. Para

---

<sup>70</sup>- Para a socialista Carolina Muzzilli, o fato de trabalhar no *conventillo* ou no âmbito doméstico era condenar a mulher a uma rotina de exploração contínua MUZZILLI, Carolina ‘El Trabajo Femenino’ IN: “Boletín del Museo Social Argentino N° 15-16. Tomo II” Buenos Aires, 1913, pág. 65 e 66. Para uma anarquista, isto implicava ter as mãos livres para encarar a militância e horários flexíveis para desenvolvê-la, ROUCO BUELA, Juana “Historia de un ideal vivido por una mujer” Buenos Aires, Ed. Reconstruir, 1964. Logicamente eram menos as militantes anarquistas e mais as mães de família que contribuíam ao orçamento familiar. Estas duas militantes passaram parte da vidas trabalhando na indústria doméstica. Carolina como costureira, Juana como passadeira. Outra descrição sobre o trabalho feminino no cortiço RAVEL. Elán ‘El Conventillo. Cuadro de costumbres bonaerenses’ IN: “El Rebelde. N°73” 14/IX/1901

<sup>71</sup>- ‘Los obreros y el trabajo. El trabajo y las mujeres. En la fábrica y en las casas. XXV’ IN: “La Prensa” Buenos Aires, 19/IX/1901, pág. 5. Na indústria doméstica existia uma hierarquização dos trabalhos, como entre as costureiras: as mais qualificadas podiam costurar roupas para as grandes lojas ou para a vizinhança, as menos confeccionavam os uniformes dos militares, e ainda estavam aquelas que só podiam fazer as sacas para o trigo e outras mercadorias

manter um quarto no primeiro pátio a passadeira ou costureira tinha que ser qualificada e constante, trabalhando até mais de 10 horas diárias, para poder pagar esse local.<sup>72</sup>

As casas destinadas a cortiços eram aquelas que as classes abastadas de Buenos Aires abandonavam à procura de outras regiões mais favorecidas. O destino das antigas moradias patriarcais e coloniais era receber os novos habitantes de Buenos Aires. Estas moradias tinham as condições necessárias aos *cortiços*: próximas do centro da cidade, onde seus moradores trabalhavam, vários quartos, dois ou três pátios com quintal, banheiros e, ainda, com sistema de abastecimento de água próprio. As melhores eram de tijolos e pedra, as piores tinham cômodos de adobe. Mas estas casas antigas não estavam em condições de ser habitadas por grandes grupos de pessoas; construídas muito tempo atrás, estavam decadentes, com muitos problemas e passaram a ser usadas numa função que não era a original. Assim, as cisternas eram pequenas e as latrinas não podiam dar conta das necessidades de todos os que ali moravam.

Alguns dos casarões usados tinham sido construídos nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras do XIX. Do século XVIII eram as que tinham pertencido ao poeta Manuel de Lavardén (Balcarce e Venezuela) e a do autor da letra do hino argentino, Vicente López y Planes (Perú e México). Do século XIX, era a da viúva do Vice-rei del Pino, conhecido como o *conventillo da viúva* (Perú e Belgrano), a do primo de Rosas, Ramos Mejía e a da irmã de Rosas, Mercedes (ambas em Bolívar e México).<sup>73</sup>

Os primeiros *conventillos* eram velhas construções com pisos de tijolos ou baldosas, tetos de telhas, quartos grandes, pátios bem largos, geralmente dois, e com cozinhas amplas o bastante para que duas ou três famílias pudessem usá-las sem problemas. O processo de transformação das casas de aluguel em casas de cômodos é descrito da seguinte forma no Censo Municipal de Buenos Aires, de 1887:

---

<sup>72</sup>- Um observador dizia que uma passadeira ruim: "...segundo elas próprias - no se ia ao fundo, ajudava-se..." GONZÁLEZ ARRILLI, B. . *Op.Cit.*, págs. 50 e 51.

<sup>73</sup>- PAEZ, J. *Op.Cit.*, págs. 40 e 41. Um observador da época situa as origens destas casas, pelo menos, no período rosista. RUIZ GUÑAZÚ, Enrique 'El alza de los alquileres' IN: "**Boletín del Museo Social Argentino, Tomo IX, N° 95**" Buenos Aires, 1920, pág. 10.

*“Inicialmente nas velhas casas de telhas agruparam-se várias famílias de jornaleiros: cada família ocupou dois ou mais quartos. Depois, no curral dessas velhas casas e sobre os quartos das mesmas, foram construídos quartos de madeira com tetos de zinco ou ferro canalizado: um novo número de habitantes agregou-se ao existente, que morava nesses antigos e podres prédios. O aumento da população e o aumento dos alugueis reduziram ainda mais as famílias dos obreiros e daí em mais cada uma delas ocupa um quarto das casas às quais deu-se o nome de conventillos”.*<sup>74</sup>

A escassez de habitação fez com que fossem levantados prédios destinados a moradias coletivas. A quantidade de moradores de Buenos Aires crescia dia a dia. Depois de passar pelo *Hotel de los Inmigrantes* estes precisavam de uma vivenda, um local temporário onde passar os primeiros dias e que, para muitos, seria uma forma de vida permanente. Assim começou a construção destas vivendas. Em 1871, *La Prensa* chamava a atenção para estes prédios que tinham um grande número de quartos em terrenos pequenos. Estes quartos eram ‘...pequenos cubículos, muitas vezes construídos com madeira as paredes e com zinco o telhado dos seus tetos’; inclusive o barro era utilizado na construção das paredes destas casas. O resultado eram quartos escuros e úmidos.<sup>75</sup>

Para *La Prensa*, os responsáveis por este tipo de construções eram, em princípio, os próprios inquilinos ‘...jornaleiros, proletários e pessoas que não se importavam em viver mal e amontoados como se não fossem entes humanos, sem consideração à saúde e à moral...’.<sup>76</sup> Se os inquilinos eram acusados pelas más condições em que viviam, então também eram responsáveis pelas suas conseqüências, a epidemia de cólera e febre amarela desse mesmo momento, conforme sustentava *La Prensa*, em 1901. No início da imigração de massas, foi a ameaça das epidemias sobre a cidade que revelou a existência do *conventillo*, além de apontar a ambição de outros imigrantes, que investiam nestas armadilhas à saúde pública.<sup>77</sup>

<sup>74</sup>- CHUECO, Manuel ‘Estudios sobre los resultados del Censo de Edificación’ IN: BUENOS AIRES “**Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 2**” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1889, págs. 77 e 78.

<sup>75</sup>- *La Prensa*, 27 de febrero de 1871, pág. 1. *Apud* SURLANO, Juan “**La Huelga de Inquilinos de 1907**” Buenos Aires, CEAL, 1983, págs. 22 e 23. Sobre a utilização do barro nestas novas construções e o resultado *vide* CHUECO, M. *Op. Cit.*, pág. 78.

<sup>76</sup>- *La Prensa*, 27 de febrero de 1871, pág. 1, *Apud* SURLANO, J. *Op. Cit.*, págs. 22 e 23.

<sup>77</sup>- ‘Los obreros y el trabajo. Los conventillos. XX’ IN: “**La Prensa**” Buenos Aires, 8/IX/1901, pág. 4.

As habitações coletivas eram comparáveis a certos tipos de moradias da Europa. Era de esperar, então, que os viajantes, e principalmente os moradores dos cortiços, não estranhassem estas habitações e até as procurassem. Para os viajantes, as habitações coletivas eram um tipo de aberração, só possível pela ambição dos trabalhadores, que, na ânsia de poupar uns trocados, lotavam os cubículos dos *conventillos*, sem temor de prejudicar a própria saúde e a da sua família. Jules Huret não gostou dos *conventillos* de Buenos Aires. Os mesmos males da França industrial, como os bairros parisienses de *Charonne, Belleville e Buttes-Chaumont*, repetiam-se na pujante Buenos Aires. Casebres e sujeira, trabalho e pobreza. Para qualquer imigrante, era difícil achar uma grande diferença com os quartos de aluguel, que tinham acabado de deixar na Europa. Além do mais, as outras moradias de aluguel eram muito caras.<sup>78</sup> No início do nosso período, o *conventillo* estava presente no cotidiano de todos os bairros centrais da cidade. Só depois da virada do século que se iniciaria o êxodo dos inquilinos dos cortiços para zonas menos valorizadas, iniciou-se um processo de apropriação do centro pelos antigos donos.

As questões da habitação de aluguel perpassaram todo o período. O custo da habitação foi uma delas, um dos motivos principais de queixas dos inquilinos. Todos os analistas da habitação dificilmente escapam ao comentário sobre a alta percentagem que o aluguel representava nos orçamentos familiares. A que se devia este peso excessivo no bolso do trabalhador? As explicações são recorrentes: a procura de moradias para os recém-chegados, a especulação imobiliária com as terras do centro e o afã de lucro dos proprietários. A cobiça do trabalhador, querendo poupar a conta do seu próprio descanso e da saúde da sua família e a impossibilidade de deslocar-se para longe do local de trabalho complementam o quadro. As casas de cômodos acabavam produzindo um grande lucro em relação ao custo inicial das moradias.<sup>79</sup>

<sup>78</sup>- HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 93; e ANIBAL LATINO (pseudónimo de José Ceppi) '*Los Conventillos*' IN: *Op. Cit.*, pág. 62. Santiago de Estrada, também via estas semelhanças ESTRADA, S. *Op. Cit.*, pág. 112.

<sup>79</sup>- ANIBAL LATINO *Buscando casa...* *Op. Cit.*, pág. 146; e CHUECO, M. *Op. Cit.*, pág. 79.

A mesma explicação permaneceria até o final do nosso período, mesmo no momento de pico da elevação dos aluguéis provocada pela Grande Guerra. A Guerra só matizou estas explicações e agregou um novo elemento, os materiais de construção. Inclusive as ações do Estado, direcionadas a produzir melhoras no âmbito urbano, eram utilizadas como escusas para o aumento dos aluguéis. Os proprietários repassavam largamente ao inquilino os custos da pavimentação das ruas ou das obras de saneamento exigidas pelo governo municipal. Outros elementos que contribuiriam para o aumento do aluguel eram: a especulação imobiliária; os atravessadores de materiais de construção; a falta de indústrias nacionais, que pudessem cobrir a falta dos materiais importados, em períodos de crise; os altos preços dos construtores; a falta de ação dos arquitetos na criação de um tipo de vivenda popular; os maiores impostos cobrados pela prefeitura de Buenos Aires; a procura dos operários por uma moradia próxima do centro da cidade; e a diminuição da jornada de trabalho dos pedreiros, que encarecia a construção.<sup>80</sup>

Além do custo do aluguel, não podemos esquecer outra dificuldade que aquele que alugava um quarto enfrentava. Os locadores pediam os dois primeiros meses como pagamento antecipado e colocavam no recibo uma data posterior, geralmente 60 dias. Esta solução terminava sendo uma cruel armadilha para quem agia de boa fé. O locador, em atrito com o inquilino, só tinha que entrar com o recibo no Juizado de Paz, para poder expulsar o morador sem prévio aviso. A trapaça consistia em que se tomavam estes dois meses adiantados como depósito, e não como pagamento adiantado. Além do mais, dando um recibo com uma data 60 dias posterior, podiam

---

<sup>80</sup>- COLL, C. M. *Op. Cit.*, pág. 277; 'La carestía de la vida. Investigación del Departamento Nacional del Trabajo' IN: "La Razón" Buenos Aires, 11/1/1913; 'Coste de la vida. Habitación obrera en Buenos Aires' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo. N° 5" Buenos Aires, Junio 30 de 1908, pág. 234; e RUIZ GUINAZÚ, E. *Op.Cit.*, págs. 8.



expulsar legalmente ao locatário dado que um atraso de dois meses era suficiente para pedir o despejo. Muitos proprietários alugavam com este sistema.<sup>81</sup>



Fig. 4: O estreito pátio de um *conventillo* de Buenos Aires. Um vendedor ambulante de maçãs, tenta venda à atenta freguesia. O chão está recém lavado e os úteis estão espalhados por encima da mobília. Aproximadamente 1900. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

Outra queixa que perpassa o período é quanto à higiene dos *conventillos*. Desde os higienistas até os próprios moradores, desde os mais altos membros do Estado até os jornalistas, todos partilhavam da mesma opinião sobre o descaso com a higiene e suas consequências nas vidas dos moradores. Este fator teve uma aparição explosiva, a febre amarela de 1871. Nesse momento os alertas partiram dos setores mais elevados da sociedade: as grandes casas das famílias abastadas estavam próximas dos *conventillos*. Os principais problemas higiênicos eram as águas estagnadas, a falta de limpeza diária dos quartos e do pátio e a falta de limpeza das latrinas. Negligenciavam-se as normas mínimas da saúde pública e reproduziam-se todo tipo de doenças contagiosas.<sup>82</sup>

<sup>81</sup>.- CALOT, Enrique 'El problema de la vivienda' IN: "Boletín del Museo Social Argentino, Tomo IX, N° 95" Buenos Aires, 1920, págs. 32; e 'Caseros e inquilinos. Nuevo método para desalojar y estafar a los locatarios' IN: "La Vanguardia" 20/II/1907.

<sup>82</sup>.- ESTRADA, S. *Op. Cit.*, págs. 115 e 116; *La Prensa*, 10 de abril de 1871, pág. 1 *Apud* SURLANO, J. *Op. Cit.*, págs. 26 e 27; e UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Annual series N° 1147. Diplomatic and

A febre amarela foi o primeiro grande chamariz para as condições higiênicas dos cortiços. As críticas, igualando inquilinos, donos e empresários, baseava-se na responsabilidade individual e encaixava na ideologia do *laissez faire*, predominante na sociedade argentina da época. A liberdade de escolha e de uso da vivenda, limitava as possibilidades de crítica aos donos e empresários e distribuía equitativamente as responsabilidades com o morador. Desta forma, o proprietário tinha que ser protegido contra as perdas que significavam as interdições. A propriedade era inviolável e seu uso não podia ser regulamentado. Como era uma fonte de renda, o proprietário devia ser indenizado se fosse necessário fechar o *conventillo*. E o morador? Que procurasse um outro local. A outra solução proposta, segundo estas visões, era regulamentar as relações internas dos cortiços e entre locador e locatário.<sup>83</sup> E isto era o máximo que o *laissez faire* permitia.

As mesmas queixas continuaram por todo o período. Durante a década de 1880, as questões da saúde pública tiveram prioridade nos informes dos inspetores municipais sobre as casas de cômodos. Os principais problemas levantados por estes inspetores eram o descaso com as obras de saneamento – como a necessidade de impermeabilização dos pisos das latrinas e seu esvaziamento periódico –, a inexistência de vasos sanitários suficientes, os resíduos cloacais jogados na rua ou guardados ao lado da água potável, as construções irregulares dentro dos *conventillos*, as separações dos quartos, a falta de tinta nas paredes – cal branca, na realidade – e a deterioração das paredes e calçadas.

Se os problemas de algum inquilinato eram consideráveis, mas não afetavam imediatamente à saúde pública, ou podiam ser solucionados rapidamente, os inspetores

---

Consular reports on trade and finance. Argentine Republic. Report for the year 1892 on the general condition of the Argentine Republic” London, HMSO, 1893, pág. 26.

<sup>83</sup>.- Juan Suriano cita o regulamento elaborado pela comissão de higiene da paróquia de *San Nicolás* e que foi apresentado ao *Consejo Municipal de Buenos Aires*. Este regulamento, que previa multas em caso de desrespeito, não foi aprovado *vide* SURIANO, J. *Op. Cit.*, págs. 28 a 30.

pediam o embargo dos aluguéis para atender os custos da obra.<sup>84</sup> Em alguns casos chegava-se ao despejo, parcial ou total, dos cortiços pela falta de cumprimento das determinações municipais, entre os motivos de despejo estava a prostituição.<sup>85</sup> Com esta medida, o proprietário era prejudicado com a interrupção das rendas e o inquilino tinha que procurar um outro local para morar.<sup>86</sup>

O despejo era uma medida gravíssima, praticada unicamente no caso em que o proprietário, ou o inquilino principal, ignorasse as observações dos inspetores municipais, ou quando as condições da casa fossem insustentáveis. Vários motivos levavam o responsável pela casa a não fazer as reformas, fosse por tentar tirar o máximo lucro possível da mesma, por não dispor de capital para enfrentar as reformas ou por achar que elas não eram necessárias.<sup>87</sup> O despejo não era de fácil implementação e devia ser executado pela polícia, o que gerava situações como acordos com o comissário ou disputas na hora do despejo.

Um caso pode ilustrar a questão do despejo e os recursos para adiar estas medidas. Juan B. Cafferata manteve um litígio de quase um ano com os inspetores municipais pelo péssimo estado do *conventillo* da sua propriedade, situado na rua Pasco Nº 105. O inspetor envolvido no conflito, Félix Rodríguez, denunciava a falta de sumidouros, de latrinas e os tapumes colocados dentro dos quartos para dividir um

---

<sup>84</sup>.- Nas casas das ruas Comercio 499-509 e Buen Orden 469-471, ambas de propriedade de Adelaida de Agüero, se embargaram os aluguéis para a construção das veredas. MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 3 – Año 1881” Expediente Nº711, 1º de Febrero.

<sup>85</sup>.- Uma casa despejada por prostituição em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 3 – Año 1881” Expediente Nº711, 1º de Febrero. Para um único quarto MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 6 – Año 1880” Expediente Nº694, 21 de Enero.

<sup>86</sup>.- Para maiores detalhes *vide*, MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 13 – Año 1884” varias pastas traram de esta questão. Um inquilino principal defendia-se de um despejo iminente: ‘O despejo inmediato não só prejudicaria aos habitantes dos vários quartos alugados mas sino também aos meus interesses...’ *Idem* “Obras Públicas – Caja 6 – Año 1880” Expediente Nº1248, 8 de Marzo.

<sup>87</sup>.- Um despejo, por exemplo, foi porque uma casa era propriedade de uma testamentária e ninguém se responsabilizava pelos consertos. MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 3 – Año 1881” Expediente Nº3600, 1º de Junio. É preciso esclarecer que o *inquilino principal* era aquele que alugava uma casa e depois a dividia em quartos.

único cômodo inicial. A denúncia primeira, da qual não temos a data, detalhava estes inconvenientes. A resposta de Cafferata, chegou em 25 de Janeiro de 1884, alegando que a sua casa estava impecável, fato desmentido por Rodríguez, que argumentava que só tinha pintado as paredes dos quartos com cal. O despejo, pedido pelo inspetor em Janeiro, só foi decidido em 29 de Junho e teria que ser executado em 11 de Julho. Porém, Cafferata encontrava-se '*duramente enfermo*' e, por isso, não acatou a ordem de despejo. Em 9 de agosto determinou-se novamente o despejo. Não temos notícias de quando a ordem foi finalmente cumprida, mas em 18 de outubro o Chefe da Polícia comunica que os únicos quartos habitados nessa casa são de Juan B. Cafferata, os que dão para a rua. Cafferata nunca compareceu à Municipalidade para acertar sua situação, e continuou lucrando por vários meses, com um edifício em ruínas.<sup>88</sup>

Com certeza, as melhoras eram necessárias, mas será que o despejo era uma boa saída para as partes envolvidas? Onde foram parar os inquilinos despejados? Cafferata, continuou morando no mesmo prédio. Poderíamos argumentar que a situação era previsível e que os locadores poderiam ter achado um outro local com certa antecedência. Mas será que eles poderiam pagar alguma coisa melhor do que esse cortiço de *San Telmo*, bem próximo do centro da cidade?

Paradoxalmente, um outro Juan Cafferata, de segundo nome Francisco, chegou a ser Deputado da Nação, pela província de *Córdoba*, na década de 1910, filho de um terceiro Juan Caferatta, Juan Manuel neste caso, um reconhecido político *porteño*, formado advogado em *Córdoba*, e que foi Governador de *Santa Fe* e Ministro da Nação nas pastas de Agricultura e de Instrução Pública. O paradoxo está em que, além do fato de serem três homônimos, o legislador católico Dr. Juan Francisco Cafferata fez o projeto de uma lei sancionada em 1915 com o número N° 9677, mais conhecida

---

<sup>88</sup>. - A aventuras de Juan B. Cafferata podem ser acompanhadas em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Obras Públicas - Caja 13 - Año 1884" Expedientes 360, 3667 e 5881.

como a *lei Cafferata*, pela qual era criada a *Comisión Nacional de Casas Baratas* destinada a ser a instituição oficial para a construção de moradias para trabalhadores.

O caso de Cafferata nos leva à seguinte pergunta: quais eram os donos dos *conventillos*? Na hora de responsabilizá-los pelas más condições higiênicas dos *conventillos*, ou pelos altos preços cobrados neles, apontava-se estrangeiros gananciosos, recém-chegados dispostos a enriquecer rapidamente, ou aqueles que tinham enriquecido na indústria. Durante um certo tempo, os imigrantes conseguiram-se tornar donos de cortiços, com investimentos não muito significativos.<sup>89</sup> Porém, não eram unicamente os comerciantes estrangeiros que lucravam com os inquilinos; na lista de proprietários temos: latifundiários, especuladores urbanos e da bolsa, donos de propriedades, comerciantes, industriais, ordens religiosas, membros das classes médias e altas participavam dos lucros que rendiam os cortiços.<sup>90</sup> Toda esta rede social de exploradores de cortiços criava grandes confusões nos despejos.

O resultado do despejo era traumático, principalmente para o inquilino. Se dez, cinquenta ou mais grupos familiares, ao mesmo tempo, procuravam uma nova moradia, isto elevava os preços dos aluguéis, além de ter que reunir o dinheiro suficiente para os

---

<sup>89</sup>.- Já em 1871, o delgado da Associação Internacional dos Trabalhadores (a Primeira Internacional) em Buenos Aires, Raymond Wilmart, cita o caso de vários trabalhadores que juntavam suas economias para construir cortiços. A carta está no International Instituut Voor Sociale Geschiedenis (IISG), Amsterdam, *INVENTAR DES MARX-ENGELS NACHLASSEN, BRIEFE AN MARX*, D. 4604. Mais de trinta anos depois Oreste Sola, um imigrante italiano, via na propriedade uma boa forma de acumulação, dada a constante demanda, *Carta de Oreste Sola, desde Buenos Aires (21/XI/1907)* Apud BAILY, Samuel e RAMELLA, Franco "One Family, Two Worlds. An Italian Family's correspondence across the Atlantic, 1901-1922" New Brunswick - London, Rutgers University Press, 1988, pág. 71. Em 1901 esta posição era sustentada pelos jornalistas de *La Prensa*, *Vide Los obreros y el trabajo. Los conventillos...* *Op. Cit.* Ainda na Revista do *Museo Social Argentino*, acusava-se com reiteração aos estrangeiros, fossem estes recém chegados, obreiros ou *nonvezos ricos*. *Vide* FRANCO, Pedro 'Casas para trabajadores. Como se resuelve este problema en la República Argentina y en los demás países' IN: "Boletín del Museo Social Argentino, Tomo V, N° 51-52" Buenos Aires, 1916, págs. 128; COLL, C. *Op. Cit.*, pág. 228; e RUÍZ GUINAZÚ, E. *Op. Cit.*, pág. 10.

<sup>90</sup>.- PAEZ, J. *Op. Cit.*, pág. 36. Algumas ordens religiosas recebiam como legado ou herança propriedades que exploravam como *conventillos*. Um cortiço de propriedade das Freiras Salesas, é mencionado num informe municipal com os mesmos inconvenientes que apresentavam as dos laicos: MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Gobierno - Caja 28 - Año 1880" Expediente N°4506, 8 de Enero. Ainda o jornal *El Obrero*, denuncia aos grandes capitalistas como donos de cortiços, mencionando como ao maior de todos eles a Lezama e a sua viúva Angela Alzaga de Lezama, além da família Spinetto e Ramos Mejía entre outros ilustrísimos sobrenomes os dois: 'La esclavitud del obrero fuera del taller. Regalmentación de un conventillo' IN: "El Obrero, Año II, N°56" Buenos Aires, 13/II/1892; e 'Inquilinos y propietarios. La explotación de la propiedad. Nuestra campaña' IN: "La Protesta" 30/V/1905.

meses adiantados em um outro inquilinato, além dos gastos com a mudança e o tempo para procurar outro quarto.<sup>91</sup>

Durante a década de 1880, foi implementado um mecanismo para controlar a ação dos inspetores, as Comissões de vizinhos. Geralmente, estas Comissões eram conformadas por um inspetor e três ou quatro vizinhos, na maioria dos casos membros das classes médias do distrito: comerciantes, industriais e, se possível, profissionais liberais, que dessem respeitabilidade aos seus informes. A Comissão tinha que concordar com o inspetor na hora de tomar certas medidas, como o despejo ou o embargo do pagamento dos aluguéis. Em outros casos, os vizinhos eram convocados para informar sobre a situação da própria paróquia, sempre acompanhados pelo inspetor regional. Geralmente, os informes eram apresentados de comum acordo. Algumas vezes, as Comissões de Vizinhos pediam sanções mais rigorosas que os inspetores. A principal preocupação destas comissões era o cuidado do bairro na luta contra doenças infecciosas, ou contra os males morais ocultos nas casas com quartos de aluguel. Nesta situação, os vizinhos aparecem como os guardiões dos costumes e da moral, na pele de higienistas; como defensores dos seus interesses, na medida em que os cortiços podiam depreciar suas propriedades; e, ainda, como cidadãos preocupados com o ingrato destino dos seus semelhantes.

Para exemplificar a atuação destas Comissões é interessante analisar o informe de uma delas. O informe foi enviado ao Intendente Municipal, Torcuato de Alvear, por três vizinhos e o inspetor da paróquia *de la Concepción*, um bairro adjacente à Praça *Victoria* – Praça *de Mayo*. O inspetor convocou os vizinhos, o que pode levar a pensar em relações prévias entre eles ou na sua confiança nestes indivíduos. Uma vistoria já tinha sido realizada pelo próprio inspetor e pedia unicamente a constatação das suas observações pelos vizinhos, que deviam acompanhá-lo. A verificação foi praticada em

---

<sup>91</sup>.- Como consequência do despejo algumas pessoas acabavam passando alguns dias na rua, ou no quarto de um amigo. Alguns dados sobre despejos em 'Ukase de la Intendencia Municipal' IN: "*La Vanguardia*" 30/III/1895; e 'Los parias del conventillo fuera de la ley' IN: "*La Vanguardia*" 9/XII/1906.

julho, um mês depois da primeira vistoria. No informe especifica-se o estado de cada uma das 4 casas selecionadas:

“1º

“A casa da rua Estados Unidos nº 696 (...) está nas seguintes condições:

“Tetos a meia água construídos com material velho, mal cobertos de zinco e dando lugar por conseguinte a inumeráveis infiltrações.

“A capacidade cúbica de cada quarto é insuficiente para a quantidade de pessoas que nelas moram.

“Os pisos em geral são de tijolos e precisam de renovação.

“Os canos de escoamento dos tetos estão em más condições e o cano que as recebe não consegue cobrir as necessidades que as águas de chuva ocasionam.

“Este conventillo está neste momento convertido num lavadeiro pública, sem sumidouros, pois na nossa visita temos visto derramar os esgotos no fundo da propriedade.

“A latrina é insuficiente e as condições atuais estão longe de permitir que possa ser habilitada para o serviço que deve prestar.

“2º

“A casa da mesma rua nos números 698 a 704, é uma propriedade apenas dividida por uma cerca de madeira da altura de um metro constituindo duas casas de inquilinato (...).

“Vejam as condições:

“As condições gerais destes dois conventillos supera em imundicia ao anterior do nº696. (...).

“Finalmente considerando inútil detalhar as observações levantadas, porquanto a exposição seria pesada e com certeza não muito agradável; esse é o estado em que estas pocilgas estão.

“3º

“O depósito sito na rua Comercio nº418 tem 24 quartos constituindo três corpos de edifícios (...).

“Nesta imensa propriedade sem nenhum tipo de higiene, encontram-se dois grandes espaços, que formam um único pátio com piso de terra.

“Os declives do terreno são em direção ao centro, pelo que as águas de chuva permanentemente mantêm enorme lodaçal. (...).

“Existem inúmeros estábulos que tiveram pisos de madeira; hoje só é possível ver algumas madeiras submersas na lama, produto do esterco e da urina.

“Perto de alguns quartos, só pela pestilência, percebemos latrinas e sumidouros velhos apenas tapados com tachos velhos que estão se enferrujando. (...).

“Se a inspeção tivesse sido à noite, a hora em que os obreiros retiram-se a estas covas, seguramente teríamos achado amontoamento nos quartos, pelo número de camas pregáveis que observamos durante o dia.

“4º

“A casa da mesma rua no nº427 de propriedade de uma célebre cirandeira que nela mora. Dois quartos com tetos de palha edificadas num terreno de 8 varas de frente por 20 de fundo

“Nesta pequena área de terra há uma coleção de animais, capazes de poder servir de base a um jardim zoológico.

“Parece inverosímil que estas casas estejam reunidas no centro de uma cidade populosa, assim como custa crer na existência de tais imundícies há tantos anos; simbolizando isto, o abandono por parte das autoridades o que o poder de estas tem sido inócuos contra as inumanidade rísciosas de que estas gentes gozam.

“O Sr. Presidente deveria preocupar-se de uma vez por todas em desterrar estas agregações humanas e irracionais do centro de Paroquias tão populosas como a nossa, dando uma prova evidente de que tem vencido as onipotências localizadas e arraigadas.

*“Cremos deixar satisfeito o pedido desta H. C. [Honrada Corporação] pedimos que o Sr. Presidente digne-se a ordenar a imediata interdição de todas as casas mencionadas por se encontrarem todas inhabilitadas para albergar seres humanos. [Seguem os nomes e endereços dos vizinhos]”<sup>92</sup>*

Talvez estes sejam casos extremos dentro de uma paróquia, mas uma coisa precisa ser destacada: segundo os vizinhos, estas casas estavam nestas condições há muito tempo e sem temor da ação das autoridades, tanta seria a procura por habitações baratas e tão pouca seria a oferta. Um resumo, que poderia ser mais detalhado de misérias, aparece nestes locais. Cabanas com tetos de palha, quartos sobre antigas pocilgas, latrinas mal fechadas, água das roupas jogada em pátios de terra e brejos artificiais eram alguns dos múltiplos problemas que os moradores tinham que enfrentar. Além do mais, os moradores deste cortiço não aparecem nem como objetos nem como sujeitos na análise destes proto-higienistas. Será que os inspetores não estavam interessados no que eles diziam?

Outros elementos são muito interessantes nesta vistoria: a unidade dos termos *higiene-razão-humanidade* e a denuncia do descaso das autoridades municipais. Na tríade *higiene-razão-humanidade*, vemos que o comportamento dos donos está fora dos parâmetros próprios da modernidade. Buenos Aires, e especificamente o seu centro, não podia ser considerada como uma cidade moderna e *européia*, uma cidade européia, se no seu interior albergava elementos coloniais e pré-modernos. Curandeirismo, o convívio de animais e moradias, próprias de âmbitos rurais, eram condições contrárias ao gênero humano, à razão e a higiene. Estes elementos deviam ser banidos pela ação da autoridade municipal.

Os vizinhos-inspetores reclamam do descaso das autoridades e até de certa conivência com estas situações: *“O Sr. Presidente deveria preocupar-se de uma vez em desenterrar esta agregações humanas irracionais do centro de paróquias tão populosas como a nossa,*

---

<sup>92</sup>- Foram apresentados as questões destacadas ou diferentes em cada um dos casos. Quando falam do Sr. Presidente fazem referência ao Intendente ou Presidente da Corporação Municipal. Estes informes aparecem em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 3 – Año 1881” Expediente N°4506, 6 de Agosto.



dando uma prova evidente de que tinha vencido as onipotências localizadas e arraigadas”. Quais são as “onipotências localizadas e arraigadas” que o impediam de tomar estas providências? Várias, desde os caciques políticos paroquiais, que defendiam seus seguidores ou afilhados, até os donos de *conventillos*, com poder para barganhar e intimidar inspetores e comissários paroquiais.<sup>93</sup> Os vizinhos tornaram-se um sujeito ativo da política municipal da fiscalização de *conventillos*. Desta forma, exercia-se um certo controle dos locais que podiam tornar-se focos de infeção e contaminação ou de propagação de *costumes licenciosos*, principalmente quando se tratava da prostituição.<sup>94</sup>

A questão dos inspetores não é menor. Durante grande parte do nosso período – 1902 pode ser escolhido como a data marco –, os inspetores foram a única ferramenta do Estado para controlar os abusos e o comportamento dos proprietários. A ideologia do *laissez-faire* era a ideologia dos homens de Estado da Argentina, embora na Europa esta ideologia tivesse dado lugar ao intervencionismo, sobretudo com os resultados alcançados por Bismarck na Alemanha unificada. Alemanha, França e até a Inglaterra aderiam à esta nova forma de enfrentar a questão social. Neste contexto ideológico, a única intervenção possível era a inspeção, nunca a construção de moradias para trabalhadores, o que mudaria na virada do século.<sup>95</sup>

Os inspetores eram a única ferramenta do Estado para controlar o estado das habitações operárias. O problema era que os inspetores não eram muito confiáveis. Segundo denúncias dos inquilinos, alguns eram venais; outros não compareciam para

---

<sup>93</sup>.- São inúmeros o descaso dos donos e ‘inquilinos principais’ dos despejos decretados pelos inspetores. Dois exemplos: o primeiro é o caso de Juan B. Cafferata; o segundo é o de Salvador Amco, quem a cada ordem de despejo conseguia uma prorroga para consertar a casa, o que nunca fazia, postergando seu despejo varias vezes MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 6 – Año 1880” Expediente N°1248, 8 de Março. Sobre a utilização política de este apadrinhamento *Vide* SABATO, Hilda ‘Citizenship, political participation and the formation of the public sphere in Buenos Aires, 1850s-1880s’ IN: “Past and Present N°136” August 1992.

<sup>94</sup>.- Um exemplo de denuncia dos vizinhos das más condições higiênicas de um cortiço: MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 7 – Año 1883” Expedientes s/n, 12 de Abril.

<sup>95</sup>.- Em 1892, a Municipalidade de Buenos Aires rejeitou explicitamente a possibilidade de construir casas ou moradias operárias. *Vide Habitaciones insalubres ... Op. Cit.*, pág. 433.

realizar autuações quando se tratava de pessoas influêntes no nível paroquial ou nacional; outros recebiam um dinheiro extra passando dados sobre novas zonas e casas aptas para cortiços aos empresários, ou pediam-lhes empréstimos que nunca pagavam, em virtude do que estavam sempre dependendo da sua dádiva; e ainda havia aqueles que não cumpriam as tarefas encomendadas pela Municipalidade.<sup>96</sup>

Dois casos, bem diferentes entre si, permitem ilustrar a utilização das vistorias. Um deles é uma denúncia contra a atuação dos inspetores; o outro trata da provável utilização dos mecanismos de fiscalização – inspetores e comissões de vizinhos – em favor de donos gananciosos.

O caso da denúncia de utilização das instituições públicas para favorecer o proprietário é interessante, mais pelo que sugere do que pelo que explicita. O caso arrastou-se por vários meses, envolvendo proprietário, inquilino principal, vizinhos e inspetores. No bairro, que poucos anos depois seria conhecido como *Barrio de los Turcos*, San Martín esquina com Tres Sargentos, a poucos metros da aristocrática rua Florida, estavam assentados três imóveis que funcionavam como *conventillos*, não muito diferentes de muitos outros, ou seja: contrários às normas de higiene, focos de infecção e ‘ameaçando ruína’. No dia 23 de Maio de 1883, o Intendente Alvear designou, como normalmente fazia, uma Comissão de Vizinhos para que verificassem as denúncias do inspetor e confirmassem o pedido de despejo. O informe da Comissão era o de sempre: umidade nas paredes, debilidade no assoalho e nas paredes externas, quartos com pouca altura. Isto não contentou ao inspetor, que denunciou outras irregularidades, ignoradas pela Comissão. Porém, a única diferença entre os dois informes estava em que o inspetor paroquial utilizava um jargão técnico. Ambos os informes concluíam pedindo o despejo de ‘vários’ quartos, sem mencionar quantos nem quais. Porém, sem

---

<sup>96</sup>- “La Protesta” 30/V/1905 e 11/III/1910, a denúncia de apatia está em ‘Municipales. La viñeta en La Boca’ IN: “Progreso de La Boca. Nº 424” 5/VI/1904; PALACIOS, Alfredo “La Miseria (en la República Argentina). Tesis rechazada” Buenos Aires, José Larrañaga y Renovales, 1900, pág. 57; PASCARELLA, Luis “El conventillo (novelas de costumbres bonaerenses)” Buenos Aires, Tall. Gráf. La Lectura, 1917, págs. 15 a 17; ‘Esos conventillos!’ IN: “La Protesta” 6/IV/1910

ser requerido, aparece o Inspetor Geral para fazer um outro informe. No mesmo pedia o despejo geral do inquilinato, à exceção de dois quartos.<sup>97</sup>

Esta visita do Inspetor Geral não era normal; pode ter sido um controle rotineiro sobre os inspetores paroquiais, ou pode ter servido para arbitrar as picuinhas entre seu subordinado e a comissão. Ou, ainda, para favorecer a alguém? É uma possibilidade, embora não seja a única. A posição inflexível do Inspetor Geral poderia ser explicada pelo fato de que não estava em contato permanente com a realidade das casas de aluguel.

Avisado dos informes, o inquilino principal, de nome Antonio Molinari, ficou revoltado. Ele entendia que era uma manobra do dono para tirá-lo de lá, depois de ter feito reformas, não especificadas, na casa. Na mesma carta, Molinari passou a intimar ao Intendente, a pedir a suspensão do despejo, e finalmente, a pedir 20 dias de prazo para poder sair, propondo o despejo total, medida mais grave que as anteriores. O Inspetor Geral, ratificou o despejo imediato.<sup>98</sup>

Mas Molinari não desistiu. Ante o pedido de despejo imediato, passou a afirmar que era vítima de uma armação da proprietária das casas, a *Patrona de la Capilla del Carmen*, com quem estava em litígio judicial pelo usufruto das casas. Molinari insistia nas reformas realizadas, acusando a sua rival de querer tirar-lhe o direito 'de reter as casas' como forma de pagamento. Mesmo, sem o nome da *Patrona de la Capilla del Carmen*, devia tratar-se de uma pessoa influente. Segundo Molinari, ela teria utilizado suas influências, o que estava confirmado pela presença e atitude do Inspetor Geral e pela falta de uma verificação pessoal do Intendente, que, involuntariamente, dava cobertura aos planos da *Patrona*. Como as inspeções não mencionavam os defeitos dos imóveis, ele não podia fazer nada a respeito, porque sempre apareceriam novas acusações.

---

<sup>97</sup>- Os três informes em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Obras Públicas – Caja 7 – Año 1883" Expediente s/n, de 23 de Maio de 1883.

<sup>98</sup>- *Ídem* MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Obras Públicas – Caja 7 – Año 1883" Expediente N°3338, de 3 de Julho de 1883.

Molinari escolhia a estratégia. O Intendente Alvear devia ficar de fora da armação, pois ele tinha que tomar a decisão final e não era conveniente acusá-lo de conivente com a corrupção. A tática era utilizar as armas dos fracos: *ele era um coitado imigrante italiano, deficiente físico e sem relações*. Ele colocou uma carta assinada por um grupo de vizinhos, 29 no total (vizinhos, amigos, moradores?), em apoio das suas reivindicações. Contra a *Patrona*, colocava que ela era proprietária de vários *conventillos*, que estavam situados ao lado das casas que ele administrava, e que estavam em piores condições ainda. O que pedia, depois de fazer tais acusações e de levantar tantas suspeitas? Não ser despejado, realizar as reformas e continuar com o inquilinato.

A carta de 3 de agosto foi respondida três dias depois. O despejo foi suspenso até que fosse realizada uma nova avaliação do Inspetor Geral e até a designação de uma nova Comissão. A resposta final não demorou, Em 16 de Agosto a nova comissão e o Inspetor decidiram o despejo total de dois dos três imóveis; no terceiro foi permitida a permanência de Molinari e alguns moradores. Além disso especificou-se as obras necessárias, como demolição de quartos e colocação de assoalhos. Fim do conflito.<sup>99</sup>

Molinari não se saiu tão mal, explorando as suas fraquezas... e as da Municipalidade. Ele conseguiu preservar as casas, seus aposentos, dois quartos, continuar o litígio com a *Patrona* e ainda demorou por vários meses a resolução final, continuando a receber dos inquilinos que tinham que morar nesse local. São muitos os cuidados para com este ‘coitado imigrante e deficiente físico’, que chegou a chamar de fraco ao Todo-poderoso Intendente Alvear, o *Haussman porteño*. Porquê Alvear e seu subordinados tomavam tantas cautelas?

A credibilidade dos envolvidos estava em risco, e a denúncia de discriminação e favorecimento não podia passar em branco. Alvear tinha o apoio do Presidente Roca, mas os vereadores não concordavam com suas políticas e estavam num conflito

---

<sup>99</sup>- A segunda carta de Molinari e a resposta final em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 7 – Año 1883” Expediente N°3657, de 3 de Agosto de 1883.

constante. Para piorar, os inspetores eram suspeitos de corrupção e, embora no caso de Molinari as condições dos imóveis fossem evidentemente ruins, conseguiu mobilizar, com certeza involuntariamente, todos estes recursos, políticos e simbólicos, para postergar o inevitável, o despejo que ele aceitava desde o início, e ainda manter o controle dos seus *conventillos*. A segunda carta de Molinari, denunciando uma conspiração, rendeu-lhe resultados mais positivos que aquela na qual suplicava. A corrupção e a venalidade podem ser confirmadas por este tipo de reação, que não aparecia com frequência noutros pedidos de despejo.<sup>100</sup>

Antes de prosseguir, é preciso dizer que Molinari poderia até ser fraco, se comparado com a *Patrona de la Capilla del Carmén*, mas não se comparado com aqueles que tinham que morar nos seus quartos em ruínas, úmidos e pequenos. Estes não tinham com quem reclamar das suas condições de moradia. Se reclamavam diante das autoridades, estas podiam despejar o local; se não reclamavam, tinham que continuar morando nesses quartos. Geralmente, os moradores não eram informados destas ações de despejo e continuavam a pagar adiantado ao inquilino principal. Quando o despejo era efetivado, perdiam o dinheiro do aluguel e, além do mais, tinham que procurar outra moradia. A escusa para não informar do despejo iminente, da venda ou do leilão do imóvel estava relacionada à suspeita de que os moradores não continuariam a pagar, porque teriam que sair de qualquer forma.<sup>101</sup>

No segundo caso, temos uma denúncia direta de corrupção. No dia 17 de Outubro de 1883, apareceu no jornal ‘*El Diarí*’ uma denúncia assegurando que os inspetores paroquiais tinham como único objetivo obter propinas dos donos de *conventillos*, dos inquilinos principais ou dos zeladores. A denúncia era grave, ainda mais

---

<sup>100</sup>.- Outro reclamo de corrupção, aparece em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. ARCHIVO HISTÓRICO “*Obras Públicas – Caja 3 – Año 1881*” Expediente N°7440, 29 de Noviembre.

<sup>101</sup>.- Os socialistas acompanharam, passo a passo, uma ação de despejo apresentando as ações dos moradores e as práticas judiciais “*La Vanguardia*” 5. 8 e 9/XII/1906. Outro caso similar em ‘*Viviendas y desalojos*’ IN: “*La Protesta*” 16/IX/1905. A ação dos vizinhos, ao tomar conhecimento do despejo, em PASCARELLA, L. *Op. Cit.*, pág. 235.

que partia do Diretor da *Asistencia Pública Municipal*, para quem unicamente os médicos municipais, seus subordinados, podiam respeitar aos princípios da higiene.

O denunciante pode ser considerado suspeito de querer abocanhar mais esse serviço para a repartição que dirigia, na luta constante entre as distintas facções da burocracia estatal. Porém, os exemplos utilizados são convincentes. Poucos meses antes, Antonio Molinari, o nosso ‘... *coitado imigrante italiano deficiente físico e sem influências para resistir*’, tinha conseguido algumas vantagens da administração municipal, utilizando o argumento da união dos corruptos. O que não conseguiria o conceituado e respeitado Dr. José María Ramos Mejía, o pai do higienismo *porteño*? Ramos Mejía revelava os mecanismos da corrupção e as tabelas das propinas utilizadas pelos inspetores:

*“Alguns destes senhores inspetores têm nas suas pastas as casas de inquilinos e conventillos cobrando aos donos vinte, vinte e cinco ou trinta pesos mensais. O dono de um conventillo que não paga este estipêndio ao inspetor sofre pressões por meio de multas por jogar água na rua ou outras do gênero; ha seções com duzentas casas de inquilinato e conventillos, pagando cada uma vinte pesos mensais, termo médio, para preencher as linhas das suas pastas. somam quatro mil pesos mensais que recebem os atuais inspetores que entram para este esquema. têm além do mais um salário fixo do Município de três mil pesos. de tal modo que têm um salário de sete mil pesos fora os presentes de galinhas, etc.. etc.*

*“Estes senhores, chamados oficialmente de inspetores de higiene. mandam escrever nas pastas dos conventillos a um assistente para não serem desmascarados. o senhor assistente tem ainda a missão de acertar ameaças de multas para um acordo. Este é o atual trabalho dos inspetores (...)”*<sup>102</sup>

A denúncia não teve conseqüências ulteriores. Os inspetores pediram que fosse aberto um inquérito para deslindar responsabilidades. Eles conseguiram afastar a acusação revidando outra, de que os médicos queriam seus lugares e para isso valiam-se da calúnia, porque não mencionavam quem era o corrupto nem qual era a paróquia da suposta corrupção. O Inspetor Geral, Lindolfo Dávila, respaldou seus subalternos. Alvear, seguindo o conselho do Assessor Municipal, aceitou a réplica. Todos reclamaram da falta de precisão, da indefinição das denúncias – embora fossem

<sup>102</sup>.- ‘Médicos e inspetores’ IN: “*El Diario*” Buenos Aires, 17 de Outubro de 1883, pág. 2

esclarecedoras e precisas: Ramos Mejía conhecia o valor das propinas!. Ninguém foi punido, nada foi feito.<sup>103</sup>

Alguns indícios dos fatos mencionados por Ramos Mejía continuaram a aparecer. Poucos meses depois, em Março de 1884, o inquilino principal de um *conventillo* dizia que tinha ‘comprado’ o inspetor da paróquia e que por isso não era incomodado. Nos informes dos inspetores apareciam denúncias por águas servidas jogadas na rua, de estagnação das águas nos quintais, de falta de branqueamento dos quartos, de calçadas em mau estado e de deficiências nas latrinas. Mas não apareciam os dados do infrator.<sup>104</sup> Seriam formas de intimidar os vizinhos rebeldes ou contrários a pagar as propinas? Ou seriam fatos comuns a todos os *inquilinos*?

A visão do *conventillo* e de seus moradores como caso de saúde pública começou a mudar na década de 1890. A expansão das atividades de socialistas, anarquistas e a ação dos reformistas forçaram as mudanças. Um exemplo desta mudança é Adrián Patroni, socialista e membro das classes trabalhadoras. Segundo esta nova forma de tratar a questão, o problema estava na distribuição da renda e no tipo de intervenção do Estado. As denúncias de Patroni, queriam chamar a atenção de certos setores da sociedade, principalmente médicos higienistas e técnicos do Estado, que tinham influência no tratamento das questões relacionadas com a vida dos trabalhadores.

Com respeito à habitação operária, Patroni estabelecia um tratamento desigual do Estado para a vivenda operária e a burguesa. Os habitantes dos palacetes do *Barrio Norte* e da *Avenida Alvear* eram favorecidos pelos investimentos realizados no equipamento urbano. A eletricidade, as águas correntes, os esgotos, a pavimentação

---

<sup>103</sup>. - 17 Inspectores assinaram a carta dirigida a Alvear. A carta e os descargos estão em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 7bis – Año 1883” Expediente N°5054 de 3 de Outubro de 1883.

<sup>104</sup>. - A denúncia do inspetor corrupto foi feita por Margarita Marcobiche, desqualificada pelo inspetor por não ser vizinha proprietária. O inspetor Almeida, que não assinou a carta de replica mencionada, foi absolvido. MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 13 – Año 1884” Expedientes N°6863, 7034 e 7177 de 2, 10 e 15 de Diciembre de 1884, respetivamente, o caso Marcobiche está na mesma caixa no Expediente N°1530 de 24 de Marzo de 1884.

com paralelepípedos, a limpeza das ruas e o serviço de coleta domiciliar do lixo eram benefícios quase exclusivos dos bairros nobres, embora ambos os tipos de moradia pagassem os mesmos impostos. O ‘quase’ deve-se ao fato, já mencionado, de que entre as casas nobres erguiam-se os *conventillos*.<sup>105</sup>

Porém, antes que o Estado começasse a procurar soluções para a habitação operária existente, os socialistas colocaram algumas alternativas e remédios para esta questão. Num dos múltiplos projetos, o primeiro deputado socialista, Alfredo Palacios, requeria uma ação afirmativa do Estado para as habitações dos trabalhadores. Como em muitos outros dos seus projetos destinados à reforma da sociedade, a solução para os trabalhadores comportava uma solução para os seus exploradores. Em 1905, Palacios propugnava a extinção dos medidores de água nas casas de aluguel, para evitar que os aumentos da água fossem repassados integralmente, e acrescidos, aos aluguéis. Na sua argumentação, Palacios chamava a atenção para as condições higiênicas dos *conventillos* e a utilidade da água no combate das enfermidades. O projeto foi aprovado. Os anarquistas diziam que, desta forma, os proprietários pagavam um imposto a menos, sem baratear o aluguel, como aconteceu.<sup>106</sup>

Esta explicação e forma de atuar passarão a ser parte do *modus operandi* do Departamento Nacional del Trabajo (DNT), organismo criado em 1907 para solucionar a questão social. Um médico adscrito ao DNT transcrevia suas observações do *front line* da luta contra as enfermidades, no caso o *Bacilo de Koch*. Informação nua e crua, o inimigo era a enfermidade e devia ser combatida. A solução era similar às medidas propostas pelos socialistas: a ação estatal devia favorecer ao inquilino, mas sem afetar ao proprietário.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup>.- PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 128 e 129.

<sup>106</sup>.- Sobre Palacios SURLANO, J. *Op. Cit.*, págs. 40 a 43. A opinião dos anarquistas em ‘El agua en los conventillos’ IN: “**La Protesta**” 9/IX/1905.

<sup>107</sup>.- *Caste de la vida*. *Op. Cit.*, pág. 234.



Depois das modificações na lei eleitoral, em 1912, e com o avanço do socialismo e do radicalismo no Congresso Nacional, o reformismo tomou conta dos meios intelectuais argentinos e as suas soluções foram colocadas na grande imprensa e consideradas pelo Estado. Porém, os pedidos para que o Estado regulasse os aluguéis não foram considerados.<sup>108</sup>

Mas onde estavam concentrados os *conventillos*? Estavam todos em bairros afastados e sem possibilidades de beneficiar-se dos avanços sanitários? Ou, pelo contrario, só estavam no centro da cidade? Embora já tenhamos avançado um pouco na questão da localização espacial dos *conventillos*, vamos definir onde estavam as principais concentrações de inquilinatos.

Os observadores da época mostram que os *conventillos* estavam próximos do centro e que a saída do raio central foi um fato iniciado na virada do século, com a eletrificação do bonde e a expansão das ferrovias. Até 1900, os diversos grupos sociais encontravam-se e conviviam nas ruas dos bairros. Moravam parede com parede. Não existia um bairro especificamente de *conventillos*. Os mesmos abarcavam o conjunto da cidade. Em certos bairros, este tipo de moradia podia ser predominante – como em *La Boca* e *San Cristobal* –; em outros eram a minoria – como em *Barrio Norte* e *Palermo*. Não existia bairro que não tivesse *conventillos*. O *conventillo* em si era um centro de encontro de diversos grupos sociais, de distintas experiências, que neste cenário resultariam numa *sensibilidade* única, numa experiência em comum. Por isso, foi chamado de *olla podrida*, porque aglutinava e transmitia a experiência dos argentinos e imigrantes num único âmbito. A distribuição dos *conventillos* mudou ao longo do tempo e vários fatores contribuíram para estas mudanças, desde a valorização da terra até a possibilidade de ter acesso à casa própria.<sup>109</sup>

<sup>108</sup>.- PFLEGER, José 'El alquiler y la habitación' IN: "La Vanguardia" 7/V/1919.

<sup>109</sup>.- A menção à *olla podrida* ou cozido é de ESTRADA, S. Op. Cit., pág. 115.

Inicialmente, a concentração dos cortiços estava relacionada à existência de casas aptas para inquilinatos e à proximidade dos locais de trabalho em dois pontos da cidade: o próprio centro da cidade e o porto do *Riachuelo*. Mas não só a disponibilidade de moradias aptas forçava a permanência no centro da cidade. O fator trabalho era central para continuar a morar no centro da cidade. Os trabalhadores optavam por cortiços que não estivessem a mais de 30 minutos de caminhada até o local de trabalho. Assim, além de poupar o transporte, quando estava disponível, podiam voltar para casa para o almoço. Estar radicado no centro dava a possibilidade ao trabalhador de estar sempre disponível. Lembremos que este era um mercado de trabalho marcado pela rotatividade e precariedade.<sup>110</sup>

Os distritos com maior quantidade de inquilinos eram os de Nº 13, com 11.759 moradores e o 15, com 11.192 moradores. O primeiro correspondia ao bairro de *Retiro* e o segundo tomava parte de *Retiro* e parte de *Pilar* – o *Barrio Norte* –, próximos do *Hotel de Emigrantes* e das residências das classes abastadas. Então, podemos supor que o primeiro era o destino dos recém-chegados, que só depois procurariam uma outra moradia, mas também que seus moradores estavam relacionados ao serviço doméstico no *Bairro Norte*.<sup>111</sup>

Considerados em conjunto, o raio central da cidade (do distrito 1 ao 6) absorvia uma parte significativa dos inquilinatos e da sua população, 30,2%; os bairros do norte da cidade (distritos 13 e 15) tinham 19,7% dos inquilinos; os situados ao sul da *Plaza de Mayo* (distritos 14, 16 e 18), os bairros primitivos da cidade, mantinham 17,3%; e, finalmente, os do extremo sul (distritos 19 e 20), situados sobre o *Riachuelo*, chegavam a

---

<sup>110</sup>.- CHUECO, M. *Op. Cit.*, págs. 78 e 79. É preciso aclarar que um fator que dificulta as comparações está no fato de que os distritos do Censo Municipal de 1887 mudam para o Censo Nacional de 1895, e voltam a mudar para o Censo Municipal de 1904, permanecendo estáveis para os restantes Censos do período. O caso de Londres, na década de 1870 dá certos indícios para Buenos Aires até 1900, STEDMAN JONES, Gareth "Outcast London. A study in the relationship between classes in victorian society" Oxford, Clarendon Press, 1971.

<sup>111</sup>.- LATZINA, Francisco "Estado de la población de Buenos Aires en 1887" IN: BUENOS AIRES "Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 2" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1889, pág. 30.

10,9%. No total 78,1% dos moradores em inquilinatos espremiavam-se num espaço de 2.317,7 hectares, um pouco mais da metade da superfície de Buenos Aires, sem considerar os recentemente incorporados municípios de Belgrano e Flores.<sup>112</sup>

O Censo de 1904, volta a preocupar-se com este tipo de habitação, o que para nossos fins e um Censo muito interessante, o bonde elétrico, estava em funcionamento desde a virada do século e permite avaliar o impacto deste meio de locomoção na dispersão dos inquilinatos. O distrito com maior quantidade de moradores é o N° 13 – *Montserrat*, ao sul do centro da cidade – com 19.474 pessoas em inquilinatos; o distrito com maior quantidade de *conventillos* é o N° 14 – *San Nicolás*, ao norte do centro da cidade – com 324, um a mais que o distrito 13.

Os dados deste Censo revelavam uma leve desconcentração dos *conventillos* e seus moradores nos distritos centrais. Estes distritos (os N° 13 e 14) passaram a ter 647 inquilinatos, 26,3% do total, e 34.790 inquilinos, 25,2%. O distrito tinha 1.000 moradores menos nos inquilinatos, mas a densidade tinha crescido, porque o número de *conventillos* era de 647, contra os 877 de 1887. Nos bairros do norte da cidade (distritos 19 e 20) e nos situados imediatamente ao sul da *Plaza de Mayo* (distritos 12) a população morando em inquilinatos caiu ainda mais, para 14,9% e 12,6%, respectivamente. Os distritos nos quais esta população cresceu eram os do extremo sul, que estavam sobre o *Riachuelo* (distritos 3, *Barracas*, e 4, *La Boca*), que passaram para 28.140 moradores, 20,4% do total. No conjunto, estes distritos tinham agora 73,1% do total, contra 78,1% anterior, entretanto, a quantidade de pessoas tinha crescido de 90.726 para 101.015. A diminuição era relativa, mas não era absoluta; aliás, os números absolutos eram maiores.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup>- LATZINA, F. *Op. Cit.*, pág. 30 e MARTÍNEZ, Alberto 'Estudio topográfico de Buenos Aires' IN: BUENOS AIRES "Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 1" Buenos Aires. Companhia Sudamericana de Billetes de Banco, 1889, pág. 121.

<sup>113</sup>- MARTÍNEZ, A. *Estudios sobre los resultados del Censo. 1904 Op. Cit.*, pág. CXXIII.

No último Censo de *conventillos*, em 1919, a quantidade total de moradores neste tipo de habitação tinha crescido mais um pouco, chegando a 146.193 pessoas, sobre 138.188, em 1904, e 116.167, em 1887. Se o ritmo de crescimento era inferior aos momentos anteriores, também não tinha decrescido significativamente. A maior concentração de *conventillos*, 9.054, e de moradores, 29.509 pessoas, estavam reunidos num único distrito, o de N° 4, *La Boca*.

No Centro da cidade ainda permanecia um número significativo de moradores, principalmente no distrito 13, que mantinha a mesma quantidade anterior, 19.389, crescendo a quantidade de inquilinatos, para 359. No centro da cidade (distritos 13 e 14) moravam ainda 21,7%, nos bairros do norte (distritos 19 e 20) a queda foi significativa, só restando 6,4% dos moradores; no imediatamente ao sul mantinham-se em 11,9%. Finalmente, os dois distritos do sul, que temos acompanhado até agora (3 e 4), cresceram para 28,3%. Reunidos, estes distritos tinham 68,3%.<sup>114</sup>

Esta saída do cortiço do raio central não implicava uma melhoria das condições de habitação, ou seja, em cortiços mais amplos e limpos. A escassez de moradias próximas às novas indústrias permitia que os donos explorassem estes locais, como acontecia no centro da cidade. Além do mais, estes bairros não tinham saneamento básico, sendo tão perigosos para a saúde pública quanto os já conhecidos do centro da cidade.<sup>115</sup>

Outros bairros surgiram nos subúrbios, ao oeste da Avenida Callao. Para lá começaram a dirigir-se algumas indústrias têxteis e alimentares. Os empresários dedicados à construção e administração de cortiços, estavam atentos às necessidades deste bairro e dos novos bairros industriais que surgiam, ao sul da cidade.<sup>116</sup>

<sup>114</sup>- RUIZ GUIÑAZÚ, E. *Op. Cit.*, pág. 11.

<sup>115</sup>- FERNÁNDEZ, N. S. 'El hogar, los obreros y los políticos. Como se vive en Buenos Aires' IN: "La Protesta" 10/VII/1914; "La Vanguardia" 26/IX/1905; TURNER, Thomas "Argentine and the argentines. Notes and impressions of a five years' sojourn in the Argentine republic, 1885-1890" London, Swan Sonnenschein & Co., 1892, págs. 25 e 26.

<sup>116</sup>- *Ídem* PASCARELLA, L. *Op. Cit.*, pág. 235; ROCCHI, F. *Industria y Metrópolis...* *Op. Cit.*, pág. 277; e SARGENT, C. *Op. Cit.*, pág. 29.

A continuação apresentamos uma série de quadros que permitiram visualizar as questões quantitativas:

Quadro I  
Conventillos em Buenos Aires

Ano	Conventillos	Quartos	Moradores	Densidade por Quarto	Popul. de Buenos Aires	% Popul. conventillo
1880	1.770	24.023	51.915	2,1		
1883	1.868	24.465	64.156	2,6		
1886	1.970	27.363	79.323	2,9		
1887	2.835		116.167		406.060	28,6%
1889	2.078	29.196	97.852	3,3		
1890	2.249	37.603	94.723	2,5		
1892	2.192	31.152	120.847	3,8		18,2%
1904	2.462	43.873	138.188	3,1	950.891	14,5%
1914					1.575.814	
1919	2.967	47.226	156.243	3,3		9,9%

**Fonte:** GACHE, Samuel "Les logements ouvriers a Buenos-Ayres" Paris, G. Steinheil Edit., 1900; RAWSON, Guillermo 'Estudio sobre las casas de inquilinato de la Ciudad de Buenos Aires' IN: MARTÍNEZ, Alberto (Coord.) "Escritos y discursos del Doctor Guillermo Rawson. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1891; REPÚBLICA ARGENTINA, MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año 1, 1891" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1892; REPÚBLICA ARGENTINA MUNICIPALIDAD, DE BUENOS AIRES "Memoria de la Intendencia Municipal. 1890-1892" Buenos Aires, 1893; MARTÍNEZ, Alberto 'Estudios sobre los resultados del Censo de Población' IN: BUENOS AIRES "Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1904" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1906, pág. XXXI; e RUÍZ GUIÑAZÚ, Enrique "El alza de los alquileres" IN: "BOLETÍN DEL MUSEO SOCIAL ARGENTINO. N° 95", Buenos Aires, 1920.

Quadro II  
Conventillos e Quartos em Buenos Aires por Zonas

Ano	Centro		Norte		Sul		Flores		Belgrano	
	Conv.	Quarto	Conv.	Quarto	Conv.	Quarto	Conv.	Quarto	Conv.	Quarto
1880	1.268	16.557	314	5.240	188	2.226	—	—	—	—
1883	1.397	19.270	328	4.597	143	1.778	—	—	—	—
1890	1.544	26.282	394	6.817	262	3.971	33	812	16	550
1904	1.437	27.000	336	6.242	576	9.277	48	1.575	65	2.469
1919	1.565	26.255	373	6.030	875	13.182	55	2.686	99	4.029

**Fonte:** RAWSON, Guillermo 'Estudio sobre las casas de inquilinato de la Ciudad de Buenos Aires' IN: MARTÍNEZ, Alberto (Coord.) "Escritos y discursos del Doctor Guillermo Rawson. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1891; REPÚBLICA ARGENTINA, MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Boletín Trimestral de Estadística Municipal. N°2 - Segundo Trimestre de 1890" Buenos Aires, 1890; MARTÍNEZ, Alberto 'Estudios sobre los resultados del Censo de Población' IN: BUENOS AIRES "Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1904" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1906; e RUÍZ GUIÑAZÚ, Enrique "El alza de los alquileres" IN: "BOLETÍN DEL MUSEO SOCIAL ARGENTINO. N° 95", Buenos Aires, 1920.

Quadro III  
Moradores e Densidade por Quartos nos Conventillos de Buenos Aires por Zonas

Ano	Centro		Norte		Sul		Flores		Belgrano	
	Morador	Densid.	Morador	Densid.	Morador	Densid.	Morador	Densid.	Morador	Densid.
1880	37.347	2,25	10.406	1,98	4.162	1,86	—	—	—	—
1883	47.333	2,46	13.066	2,84	3.757	2,11	—	—	—	—
1890	63.919	2,43	20.163	2,95	9.279	2,33	812	2,42	550	2,77
1904	84.070	3,11	20.646	3,31	29.428	3,17	1.575	3,18	2.469	2,87
1919	85.744	3,27	19.441	3,22	44.343	3,36	2.686	3,63	4.029	3,96

Fonte: *Idem Anterior.*

Quadro IV'  
Moradores e Conventillos por Zona de Buenos Aires, em Percentagem

Ano	Centro		Norte		Sul		Flores		Belgrano	
	Convent.	Morador	Convent.	Morador	Convent.	Morador	Convent.	Morador	Convent.	Morador
1880	71,64	71,93	17,74	20,04	10,62	8,02	—	—	—	—
1883	74,79	73,78	17,56	20,37	7,66	5,86	—	—	—	—
1887	69,66	67,91	16,54	20,71	13,79	11,37	—	—	—	—
1890	68,65	67,48	17,51	21,22	11,65	9,80	1,47	0,85	0,71	0,58
1904	58,36	60,83	13,65	14,94	23,40	21,29	1,95	1,14	2,64	1,79
1919	52,75	54,88	12,57	12,44	24,49	28,38	1,85	1,72	3,34	2,58

Fonte: RAWSON, Guillermo 'Estudio sobre las casas de inquilinato de la Ciudad de Buenos Aires' IN: MARTÍNEZ, Alberto (Coord.) "Escritos y discursos del Doctor Guillermo Rawson. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1891; REPÚBLICA ARGENTINA, MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Boletín Trimestral de Estadística Municipal. N°2 – Segundo Trimestre de 1890" Buenos Aires, 1890; LATZINA, Francisco 'Estado de la población de Buenos Aires en 1887' IN: REPÚBLICA ARGENTINA, MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Censo General de Población, Edificación, Comercio e Industrias de la Ciudad de Buenos Aires. 1887. Tomo II" Buenos Aires, Comp. Sud-Americana de Billetes de Banco, 1889, pág. 30; MARTÍNEZ, Alberto 'Estudios sobre los resultados del Censo de Población' IN: BUENOS AIRES "Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1904" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1906; e RUÍZ GUIÑAZÚ, Enrique "El alza de los alquileres" IN: "BOLETÍN DEL MUSEO SOCIAL ARGENTINO. N° 95", Buenos Aires, 1920.

Uma outra questão quanto à saída do cortiço refere-se aos historiadores otimistas, que vêem a saída do cortiço para uma casa, própria ou não, como um movimento de mão única: quem sai do cortiço a ele não volta mais. Mas a situação é diferente. A saída podia não ser permanente. O cortiço podia voltar a ser a moradia familiar durante alguma crise – o que aconteceu coletivamente, durante a Grande Guerra, ou individualmente, sempre que a doença ou o desemprego atingisse a família.<sup>117</sup>

<sup>117</sup>- Sesión N°39. 10/IX/1915... Op. Cit., pág. 285.

Sabendo onde estavam localizadas as principais concentrações de inquilinatos, ainda temos que saber como eram. Seria um pouco redundante falar da miséria dos *conventillos*, elemento mencionado *ad nauseam* pelos visitantes. Os que não mencionavam este fato limitavam-se a dizer que a solução estava nas construções de casas para trabalhadores.<sup>118</sup>

Porém, desde o primeiro momento, as casas de inquilinato não foram aconchegantes. Pelo contrario, eram sumamente desconfortáveis. As denúncias sobre a lotação dos inquilinatos, sobre a falta de ar, dos tamanhos dos quartos, e das conseqüências dos tipos de materiais usados na construção acompanham praticamente todas as descrições iniciais.<sup>119</sup>

Para não continuar com este tipo de apresentações, é preferível acompanhar um dos observadores que deixaram descrições dos *conventillos*. Emilio Daireaux chegou a Buenos Aires antes de 1880, bem antes do período de revalorização e reocupação do centro da cidade, o que lhe deu a oportunidade de conhecer e descrever, um cortiço primitivo, ou seja, uma casa do tipo colonial adaptada para ser usada como moradia coletiva. Segundo ele, um cortiço típico tinha uma frente de 8 metros, duas janelas e uma porta para a rua. Uma sala dava para a rua e depois desta encontrava-se um pequeno quarto, em seguida outros dois quartos e, no final, um outro quarto, formando o ângulo do primeiro pátio; aqui se passava ao segundo pátio, onde havia alguns quartos mais, a cozinha e, por fim, um quintal. Aqui moravam algumas famílias que alugavam um ou dois quartos, segundo as necessidades e possibilidades do orçamento familiar.<sup>120</sup> Esta era uma morada bastante particular, pois os materiais eram madeiras duras, mármore e pedra.

Para um outro observador, o jornalista italiano radicado em Buenos Aires José Ceppi – mais conhecido pelo nome que usava como jornalista: Anibal Latino –,

<sup>118</sup>.- HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 94.

<sup>119</sup>.- *La Prensa*, 27/II/1871, *Apud*. SURIANO, J. *Op. Cit.*, pág. 23.

<sup>120</sup>.- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 130 e 131.

existiam duas classes de *conventillos*. A primeira classe de inquilinatos era o *miserável*, o mais comum. Para achar um destes, era preciso andar uns poucos quarteirões além da *Plaza Victoria*, onde veríamos uma fachada um pouco mais baixa que as outras, pintada à cal, mas sem conseguir tapar os tijolos, separados uns dos outros por grossas camadas de barro, deixando uma impressão de sujeira, por conta da pintura grosseira. Mas se não era reconhecido pela frente, era só olhar pela porta, para ver uma ruela que fazia as vezes de pátio comum. No *conventillo* visitado pelo cronista, havia quatorze quartos a um lado do pátio. Porém, em outros inquilinatos os quartos podiam estar de ambos os lados, e até nos altos. No interior, as paredes não tinham nem a tinta ruim do exterior. Os tijolos usados originalmente no piso estavam desgastados e com pedras enchendo os buracos. O piso das habitações era igual ao dos quartos e as paredes, pintadas a cal, estavam sujas pela poeira e o tempo. Neste tipo de *conventillos* viviam, segundo Ceppi, imigrantes recém-chegados; trabalhadores a domicilio e nos serviços domésticos; pequenos vendedores ambulantes e artesãos; homens e mulheres sozinhos, sem família ou com a família muito longe; operários sem ocupações definidas, ou com baixas remunerações; servidores públicos de pouca monta – por exemplo, alguns policiais –, jornaleiros e desempregados, entre outros grupos e indivíduos. Por todos os lados, viam-se roupas penduradas, panelas, frigideiras e outros elementos de cozinha, caixas, pequenos fornos e braseiros usados para cozinhar nas portas dos quartos e aquecer-se no inverno além de enghocas e brinquedos, tudo largado sem muito cuidado. Este era o tipo de moradia procurada pelos recém-chegados, os italianos, os espanhóis, os *turcos*, ou seja, aqueles imigrantes de costumes frugais. E ainda os *criollos*, que não tinham muitas pretensões. De todos eles, os napolitanos eram os que suportavam as piores condições.

A segunda classe de *conventillos*, aqueles em que moravam os trabalhadores decentes. A fachada estava bem pintada, com grades nas janelas, preservando o estilo da casa. O interior era limpo e espaçoso. No pátio, o piso estava em boas condições e



viam-se poucos braseiros, porque existia uma cozinha ampla com vários fornos. Algumas plantas davam um pouco de alegria àquele ambiente. As habitações eram adequadas, com o teto e as paredes em bom estado e limpas. Tinha um poço, de onde era tirada a água para consumo e limpeza. Aqui moravam muito menos pessoas que nos outros, alguns eram empregados públicos, artistas, operários qualificados, artesãos, pensionistas do Estado, comerciantes, entre outros. Segundo a nacionalidade, era procurada por alguns argentinos, franceses, britânicos, alemães e nórdicos.<sup>121</sup>

Estes seriam os tipos ideais de inquilinatos e de comportamentos esperados dos pobres. Para Ceppi, no primeiro *conventillo*, moravam aqueles indivíduos que se resignavam e deixavam levar pela correnteza do Capital, sucumbindo aos inconvenientes e males da pobreza. No segundo grupo, estavam aqueles que tentavam melhorar de situação, os que lutavam contra a possibilidade de cair na pobreza e, ainda, os que não tinham achado o rumo no avanço do capitalismo e despencavam da elite. Estes eram os tipos ideais de *conventillos*, que prevaleceriam ao longo do período.

Muitos trabalhadores sozinhos reuniam-se com seus colegas para partilhar um único quarto, barateando desta forma o preço *per-capita* do aluguel. Uma maior quantidade de pessoas num único quarto permitia alcançar um baixo preço. Outros indivíduos tinham que valer-se do aluguel de beliches de madeira, que ocupavam inteiramente a superfície do quarto; ou do sistema de cama-quente, onde o morador tinha que esperar até o início do seu horário quando outro inquilino deixava a cama para encaminhar-se ao seu trabalho. E, finalmente, o sistema chamado de *maroma*: para aproveitar intensivamente o espaço do quarto atravessava-se uma corda, onde os moradores apoiavam-se para dormir em pé ou sentados.<sup>122</sup> Como vemos, todos os sistemas eram muito eficientes para albergar a todo aquele que precisasse.

---

<sup>121</sup>- ANIBAL LATINO 'Los Conventillos' *Op. Cit.*, págs. 63 a 68 e 71 a 74. A divisão por nacionalidade é mencionada em 'Letter from Mr. McDonnel to Granville' IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres - Later Argentine Republic. Mr. McDonnel, Commercial. 1871"; PASCARELLA, L. *Op. Cit.*, pág. 14; e TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 28 e 91.

<sup>122</sup>- ESTRADA, S. *Op. Cit.*, págs. 22 e 23.

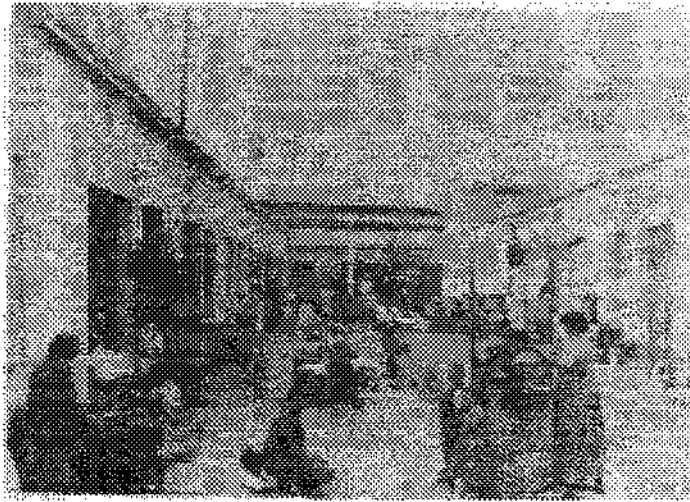


Fig. 5: Um pátio de *conventillo*. A cena é dominada por mulheres e crianças. Será este um cortiço de pessoas decentes? Na frente temos um poço, a esquerda umas mulheres trabalhando na máquina de costurar, mostrando a unidade do âmbito do trabalho e da residência. Aproximadamente 1900. Fonte: *Buenos Aires ayer*

Inúmeras são as descrições sobre as condições em que se encontravam os *conventillos*. Os periódicos operários têm abundante material sobre as condições dos cortiços, especialmente nos períodos imediatamente anteriores ou posteriores às agitações contra os altos aluguéis. Por isso, nos anos de 1904, 1905, 1907, 1908, 1914 e 1919, é possível achar inúmeras informações a respeito. Esta pode ser considerada uma fonte parcial, não sendo possível colocar citações do tipo sem cair num mantra da miséria. Vejamos uma citação (de um inspetor municipal, e não de um jornal anarquista ou socialista), que pode ajudar a compreender o que tinha que observar todos os dias nas suas andanças:

*“Tudo quanto pudéssemos dizer seria insuficiente para demonstrar o péssimo estado em que está [o cortiço]. Porém, vamos dar alguns detalhes que consideramos culminantes.*

*“A casa é de construção antiga e ainda quando os quartos são baixos são amplos, estão impregnadas de umidade, mantendo-se num completo abandono em relação à higiene. Pelo demais a casa compõe-se de meias-águas de madeira com tetos de zinco, que não têm forro de madeira (...) e que em lugar de quartos deveriam ser chamados de fornos”.*<sup>123</sup>

As reações dos moradores dos *conventillos* ante as condições em que tinham que viver não foram apresentadas. Isto não implica seu desconhecimento ou a passividade

<sup>123</sup>- MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Obras Públicas – Caja 6 – Año 1880” Expediente N°6288, 3 de Diciembre.

dos moradores ante a sua sorte. A greve de 1907, por ex., só produziu uma momentânea sensação de triunfo. Alguns meses depois, as condições das moradias não eram muito diferentes das expostas. O momento posterior ao Centenário, quando se produziram os maiores saldos migratórios, e a interrupção da construção, durante a Guerra, permitiram aos proprietários e empresários dos *conventillos* impor condições de submissão aos inquilinos devido à falta de uma legislação sobre aluguéis, reclamada pelos reformistas.<sup>124</sup>

O autoritarismo dos proprietários era proporcional à procura de quartos, e a procura era muito grande. A cada novo barco carregado de imigrantes, a cada cortiço fechado, a procura crescia junto com as novas exigências dos donos, empresários e inquilinos principais. Os jornais operários noticiavam os regulamentos dos cortiços, que continham cláusulas de controle da população que neles residia. O que podia ser feito ou não – permanecer na porta da rua, ter animais, tocar instrumentos musicais, cantar, dançar –, horários – para fechar a porta da rua, para dormir –, prazos para pagamentos e despejo, uso das instalações sanitárias – impossibilidade de lavar a roupa, de jogar água nas latrinas –, possibilidade de desenvolver certas atividades, etc., tudo era contemplado nestes regulamentos, que eram dados à publicidade para demonstrar como os donos eram autoritários e desrespeitavam as normas municipais, privando moradores dos seus direitos.<sup>125</sup>

A greve de 1907 tinha muitos motivos para que acontecesse, e a conquista imediata foi chamar a atenção dos órgãos oficiais para as condições de moradia às quais os trabalhadores estavam submetidos. A explosão operária e a unificação de posições entre os membros das classes dominantes e seus publicistas provocaram uma aproximação dos reformistas sociais às reivindicações dos operários. Assim, num número do *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo* de 1908, uma pesquisa do custo

<sup>124</sup>.- CALOT, E. *Op. Cit.*, págs. 31 e 32.

<sup>125</sup>.- Alguns regulamentos apareceram nos jornais operários como *La Protesta* (3/VI/1905) e *El Obrero* (13/II/1892).

da habitação em Buenos Aires justificava a revolta popular do ano anterior, tanto pelos altos preços dos aluguéis quanto pelas condições dos cortiços.

O médico adscrito ao *DNT* fez uma série de informes que apareceram condensados no número mencionado. As descrições são as costumeiras tratando-se dos *conventillos* de Buenos Aires: habitações reduzidas e com alta densidade, insalubridade, más condições higiênicas, focos de contágio de uma série de enfermidades (como a tuberculose, a difteria e outras), utilização de materiais de construção de baixa qualidade, degradação moral pela promiscuidade etc. Se as características mencionadas faziam parte das queixas dos moradores, dos trabalhadores e reformistas sociais, esta era uma das primeiras vezes que um organismo oficial deixava de acusar inquilinos de *gananciosos*, por quererem poupar no aluguel, juntando-se muitas pessoas num único quarto, ou de culpar aos especuladores estrangeiros. A greve tinha produzido uma alteração no padrão explicativo habitual. As condições de moradia tinham ficado evidenciadas, embora ainda tardassem em ser modificadas.<sup>126</sup>

Neste período, tanto a casa própria, em bairros específicos e afastados, como o *conventillo*, levavam a uma segregação espacial dos trabalhadores, ao afastamento entre proprietários, patrões e membros das classes médias, de um lado, e de outro aqueles que estavam obrigados a morar em habitações de má qualidade. Esta segregação é um dos principais elementos na conformação da classe trabalhadora de Buenos Aires; como aponta Engels na situação da classe trabalhadora na Inglaterra, não foi o fato de partilhar o mesmo local de trabalho que permitiu o surgimento das instituições da classe trabalhadora, mas a segregação e concentração dos trabalhadores em determinados locais. É nas grandes cidades que existe o caldo de cultura suficiente para a unificação e homogeneização das experiências.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup>.- *Coste de la vida. Op. Cit.*, págs. 229 a 234.

<sup>127</sup>.- ENGELS, Friedrich "A situação da classe trabalhadora em Inglaterra" Porto, Afrontamento, 1975 (1ª ed. em alemão: 1845), pág. 165.

O *conventillo* foi o *locus* do encontro dos trabalhadores, das famílias dos trabalhadores. Até o momento, privilegiamos a questão física do *conventillo* em detrimento do seu aspecto humano, do acúmulo de experiências individuais e coletivas, em constante interação. Isto não implica desconhecer este aspecto da moradia coletiva. Os cortiços *porteños* foram apresentados pelos observadores como o espaço de homogeneização da classe, embora não usassem estes termos. O napolitano cedia parte de sua identidade regional para identificar-se com os problemas comuns dos piemonteses ou dos galegos. O *criollo* ensinava a todos eles a beber o chimarrão. As mulheres emprestavam umas às outras seus utensílios de cozinha e trocavam dicas de como preparar melhor a carne ou as batatas ou como conseguir que um velho vestido agüentasse outra temporada. Às vezes, estas trocas eram forçadas, ou eram simples furtos.<sup>128</sup>

Dados sobre novos trabalhos ou pequenos negócios circulavam entre os membros do inquilinato, assim como recomendações, informações, pequenos ou grandes favores iam construindo laços de amizade e solidariedade, ou de desconfiança e inveja. Sempre havia o mau vizinho, o bajulador do zelador. Mesmo assim, o cortiço era o espaço ideal, junto com a mercearia, para trocar informações sobre trabalhos, sobre a cidade e sobre outros inquilinatos. O universo do *conventillo* ia conformando uma experiência particular e a sensação de morar numa comunidade própria, onde os destinos dos moradores estavam unidos, fosse pelo mesmo tipo de trabalho ou pela necessidade de morar um do lado do outro. Neles era necessária a confiança quando um membro da família estivesse doente ou precisasse de alguma ajuda.

Uma certa literatura sobre o cortiço construiu a imagem que temos dos mesmo como um caldeirão fervendo sem parar. Nesta literatura, sempre temos mulheres trabalhando ou lidando com as crianças e o quarto, alguns homens que permaneciam

---

<sup>128</sup>. - O cortiço como *locus* de integração TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 28. RAVEL, E. *Op. Cit.*... N°73, 14/IX/1901

trabalhando como artesãos ou pequenos industriais, velhos sem ocupação. Também havia a mítica e temida figura do zelador,<sup>129</sup> circulando para controlar as faltas do vizinhos, ou para bater um papo e beber um chimarrão com os vizinhos preferidos e respeitáveis. E crianças, muitas crianças, berrando, chorando, brigando, brincando, correndo e mascando pão. Estas eram as figuras centrais do local; os homens trabalhadores tinham um pequeno espaço neste universo, algumas horas durante o dia e aos domingos.

A arena das trocas e encontros eram os pátios. Este era o espaço por excelência de reunião da vizinhança. Quem podia bater um papo nos quartos sujos e mal cheirosos? O pátio era o espaço de trabalho das lavadeiras e muitas costureiras e artesãos, que preferiam colocar para fora os utensílios de trabalho, para respirar o ar fresco, beber chimarrão e bater um papo durante o serviço. Mas também era o espaço do lazer, principalmente para as crianças, que passavam grande parte do tempo brincando neste espaço. Nos dias festivos e domingos era o local preferido para almoços coletivos, jogar baralho, conversar, escutar alguém tocar a viola ou um bandôlion, cantar, escutar a música da moda cantada por alguma das crianças, ou alguém comentando o último sainete ou a chegada dalgum vapor da Europa. Muitas músicas e sainetes falavam do *conventillo* e seus moradores. No verão, a vida praticamente transcorria neste espaço, almoçava-se e dormia-se ao ar livre, fugindo dos calorosos interiores.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup>- O zelador era uma figura desprezada e encarnação da exploração na própria moradia. Durante a greve de inquilinos de 1907, aparecem vários atos de vingança contra os zeladores. Algumas denúncias contra os zeladores em "La Protesta" 10/IX/1905 e 3/II/1906. Alguns tangos, folhetins e sainetes sobre o *conventillo* foram abundantes. O texto citado de Pascarella era um romance que girava em torno às figuras arquetípicas do cortiço; o mesmo que o folhetim *El Conventillo* publicado em 1901 pelo periódico anarquista *El Rebelde*. Alguns tangos, como *Oro Muerto*, tinham este âmbito como protagonista, e o mesmo fazia Vaccarezza que fazia transcorrer seus sainetes no cortiço, como forma de procurar a identificação do público. Um reconhecido dramaturgo anarquista usava o *conventillo* como pano de fundo um exemplo é GONZÁLEZ PACHECO, Raúl 'Hijos del Pueblo' IN: "Teatro" Buenos Aires, La Antorcha, 1922.

<sup>130</sup>- Sobre os pátios RAVEL, E. *Op. Cit.*... N°72, 1/IX/1901; e PASCARELLA, L. *Op. Cit.*, págs. 2, 28 e 86.

Os *conventillos* não tinham imprensa favorável e as condições dos mesmos, além do temor pelos miseráveis, justificavam esta impressão. Existiram protestos e queixas pelas condições da moradia popular, mas a calma foi mais freqüente que o confronto. Se as condições dos cortiços eram aquelas que temos apresentado, por que eram tão pacientemente aceitas pelos trabalhadores? Uma explicação é que não existiam outras moradias disponíveis, o que é certo mesmo assim, esta é apenas uma parte da explicação. Outra parte da explicação está relacionada às expectativas dos trabalhadores. Alguns casos davam testemunho de que era possível sair do cortiço e morar numa casa própria. O cortiço, até a perda de dinamismo da economia argentina em meados da década de 1910, não era um horizonte permanente. Seus moradores esperavam sair, como esperavam ter vidas mais abastadas. O capitalismo não seria um horizonte permanente até a década de 1910. Por isso, aquilo que parece apenas resignação, era também, em parte, a expectativa de crescer economicamente.<sup>131</sup>

Foi nestes espaços de classe de Buenos Aires, claramente segregados dos espaços burgueses, que as idéias socialistas e anarquistas floresceram e cresceram. O *conventillo*, os bairros de choupanas e as casas pobres foram as sedes das primeiras e difusas instituições operárias e foi daqui que surgiram outras instituições, baseadas no reconhecimento de pertencer a um grupo diferente dos proprietários e patrões, e que representariam os seus próprios interesses políticos e culturais, como bibliotecas, grupos teatrais e locais políticos.

---

<sup>131</sup>. - Sobre as expectativas sobre o *conventillo* e a casa própria HALPERÍN DONGHI, Túlío 'Una ciudad entra en el Siglo XX' IN: GUTMAN, M. e REESE, T. *Op. Cit.*, págs. 63 e 64.

### Capítulo III

## Quantificação e Percepção do Cotidiano Operário: Ciclos, Salários e Orçamentos

“Para labrar un material es preciso conocerlo en todos sus detalles, y para conocer la sociedad que queremos transformar, nada más necesario que saber hasta en sus menudencias y condiciones. Para esto es la Estadística.”  
 (“El Obrero N° 54, Año II” 30/I/1892)

“La estadística social debe llenar tres funciones: económica, antropológica y moral. La económica sería evidentemente la esencial, pues cuando es un hecho comprobado, las dos restantes estarán estrechamente ligadas a ella. Saber cuanto gana una familia es generalmente saberlo todo. Y debería convencerse de esto con preferencia los legisladores, cuya función lejos de ser retórica debería fundamentarse en la estadística, única forma de ser eficaz. Es indudable que no se puede realizar la obra de elevación social en las tinieblas. Es necesario conocer los factores determinantes de la degeneración de la raza.” (Carolina Muzilli “**Por la salud de la raza**” Buenos Aires, 1912)

#### 1.- Introdução

Ao estudar a questão das condições de vida enfrentamos certos problemas. Um deles, talvez o mais evidente, é a relação existente entre as expectativas e necessidades de um determinado grupo social, neste caso os trabalhadores, e as mudanças nas condições econômicas que afetam os salários, o custo de vida e o acesso aos bens necessários para a reprodução da mão-de-obra. Não podemos esquecer que, na esfera doméstica, os trabalhadores tiveram que adaptar o seu consumo e as suas necessidades a cada uma das conjunturas, mais ou menos prolongadas, de prosperidade ou pobreza geral. Para isto, apresentaremos a influência que os ciclos e conjunturas econômicas tiveram nas condições de vida dos operários. O objetivo deste capítulo é apresentar a constituição da classe trabalhadora a partir de seus elementos sociais e econômicos. A nossa hipótese é que existe uma correlação positiva entre movimento operário e condições de vida.



Os distintos ciclos econômicos que a Argentina atravessou, condicionaram as atitudes dos operários, fosse na sua adaptação ou na crítica e protesto contra a situação que tinham que viver. O protesto que mais registros tem deixado é a greve, pelo que será considerada prioritariamente; outros tipos de protestos serão considerados no último capítulo. A greve pode ser considerada, ainda, como um ato de auto-affirmação e de conformação da identidade de classe.

## 2.- Conjuntura e ciclos da economia Argentina 1880-1920

Durante todo o período, a economia argentina esteve exposta às flutuações do mercado mundial devido ao tipo de inserção de sua produção principal na economia-mundo. Os ciclos econômicos externos condicionaram a instável economia argentina de finais do século XIX e início do XX. Novos mercados, novos produtores, desconfianças, boatos, fatores climáticos ou políticos podiam transformar qualquer um dos países exportadores de produtos primários no Éden ou no inferno. O ciclo da lã na Argentina, nas décadas de 1860 e 1870, tinha dado provas disto. Riquezas apareceram e sumiram em poucos anos, ou de um ano para outro. Como o *laissez faire* orientava a política econômica dos governantes argentinos do período, o Estado não podia intervir nos fatores econômicos, que tinham que fluir livremente.<sup>1</sup> Sem nenhum tipo de medidas anti-cíclicas, as crises abalaram o país e seus habitantes ao longo do período, gerando momentos de desconfiança e pobreza entre aqueles que dependiam unicamente do seu salário para poder viver, ou sobreviver.

Os assalariados espontaneamente podiam tomar algumas providências, como deixar de migrar, ou aqueles que tinham reunido o capital suficiente podiam voltar a sua

---

1.- Numa entrevista de 1879, Julio Argentino Roca afirmava que: '*... o comércio sabe por habito melhor do que o governo o que lhe é conveniente. A verdadeira política consiste, então, em dar-lhe a maior liberdade possível.*' Roca, duas vezes presidente da Argentina (1880-1886 e 1898-1904), foi o político que hegemonizou a arena política durante grande parte do nosso período e que assentou as bases para a constituição da ordem conservadora. 'Entrevista a Julio A. Roca, candidato a la Presidencia de la Republica' IN: FERRARI, Gustavo e GALLO, Ezequiel (Comps.) "La Argentina del Ochenta al Centenario" Bs. As., Ed. Sudamericana, 1980, pág. 125.

terra.<sup>2</sup> Mas esta não era uma solução coletiva, e tampouco era imediata, porque a diminuição da imigração ou a saída de parte dos trabalhadores excedentes acontecia logo depois do pico da crise. Diante de uma crise o valor dos salários baixava e o dos produtos importados – uma grande parte dos consumos populares – aumentava. Estes eram momentos de grandes dificuldades e apertos entre os trabalhadores, que tinham que procurar produtos que pudessem substituir aqueles consumidos quotidianamente. Porém, nos anos de expansão, os salários aumentavam, os preços dos produtos importados desciam e os alimentos locais ficavam mais baratos. Tentaremos apresentar o que acontecia em ambos momentos e quais as estratégias utilizadas em cada situação.

Antes de falar dos ciclos econômicos da Argentina, é preciso esclarecer que o termo “ciclos” tem um duplo significado. Por um lado, ciclos são as divisões efetuadas pelos economistas para dar significado e consistência a um determinado período histórico. Uma determinada produção proporciona coerência ao período e condiciona seu destino, do apogeu à decadência, marcando esta etapa. Deste ponto de vista, pouco importa o que acontecia na economia-mundo na qual estava inserida a economia argentina.

Por outro lado, os ciclos são construções teóricas que permitem explicar o desenvolvimento global do capitalismo mundial. O debate em entomo desta questão e a validade dos ciclos é extenso e já tem várias décadas.<sup>3</sup> A importância dos ciclos está no fato de que existe uma forte correlação entre movimentos sociais e ciclos econômicos. Os historiadores que têm abordado a relação das ondas de expansão e retração do movimento operário com a economia estabelecem estimulantes teses a

---

<sup>2</sup>- Isto era percebido até pelo jornalista e viajante Jules Huret, que não era um analista econômico. *Vide* HURET, Jules “*La Argentina. del Plata a la Cordillera de los Andes*” Paris, Fasquelle, 1911, pág. 382.

<sup>3</sup>- Apesar que nos últimos anos este conceito está um tanto em desuso devido à hegemonia do *pensamento único*, o conceito de ciclo tem sido utilizado tanto pelos economistas liberais, quando entrava-se numa fase de crise, e pelos pensadores anti-capitalistas, nas fases de crescimento econômico, para mostrar que nenhuma situação é permanente. Dentre os poucos que continuam a utilizar este conceito está Eric Hobsbawm. *Vide* HOBBSAWM, Eric e POLITO, Antonio “*O novo século*” São Paulo, Companhia das Letras, 2000, pág. 10.

respeito, as quais norteiam este capítulo e nos permitiram analisar os ciclos econômicos da Argentina.<sup>4</sup>

Segundo Eric Hobsbawm, ‘... os fatores de depressão a longo prazo (...) ajudaram a acumular material inflamável em vez de pôr-lhe fogo’, por isso, na questão da luta de classes, ‘... “saltos” surpreendentes tendiam a ocorrer, menos no fundo dos colapsos, e mais nas épocas das oscilações cíclicas para cima, de emprego crescente’.<sup>5</sup> Desta forma, Hobsbawm concorda com Leon Trotsky em que a luta de classe e o recurso à greve intensificam-se na fase ascendente da conjuntura econômica, momento em que tendem a aumentar o custo de vida e o nível de emprego, o que favorece a luta pela recomposição dos rendimentos.<sup>6</sup>

Uma outra questão a elucidar é se os conflitos são deflagrados como consequência das privações do período depressivo, como argumenta Hobsbawm, ou pelo fato de que a acumulação produzida na fase ascendente não é repassada para o conjunto da população, sobretudo para os trabalhadores que continuam a sofrer fortes privações, como sugere Ernesto Screpanti. Screpanti ainda afirma que este período coincide com o surgimento de uma nova geração de militantes. De fato, o ciclo ascendente tende a fechar as explosões militantes e grevistas; no entanto, nas fases descendentes o conflito de classes evolui de forma irregular e as explosões são intermitentes, dado seu caráter defensivo. Outra sugestão de Screpanti é a de que o nível de militância, e portanto de greves, depende do balanço entre ‘Conquistas’ e ‘Frustrações’. Quando o nível de conquistas é baixo, a militância cresce segundo o nível

---

4.- Para um análise mais preciso dos ciclos e a sua importância no condicionamento das condições de vida *Vide* LOBO, Eulália Maria Lahmeyer ‘Estado, Movimento Operário e Condições de Vida. Rio de Janeiro, 1930-1970’ IN: LOBO, Eulália Maria Lahmeyer (Coord.) “Rio de Janeiro operário. Natureza do Estado, conjuntura econômica, condições de vida e consciência de classe” Rio de Janeiro, Access edit., 1992, págs. 1 a 7.

5.- HOBBSAWM, Eric ‘Flutuações econômicas e alguns movimentos sociais desde 1800’ IN: “Os Trabalhadores. Estudos sobre a história do Operariado” Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (1ª ed. em inglês: 1964), págs. 139 a 141 e 149. O artigo é de 1950.

6.- TROTSKY, Leon ‘The “Third Period” of the Comintern’s Errors’ *Apud* MUNCK, Ronaldo ‘Cycles of class struggle and the making of the working class in Argentina, 1890-1920’ IN: “Journal of Latin American Studies Vol. 19, Part 1” May 1987, pág. 19. O artigo de Trotsky é de 1930.

de frustrações.<sup>7</sup> Por outro lado, alguns pesquisadores relativizam a força dos fatores extra-econômicos – como os políticos, institucionais, de organização, entre outros –, na limitação da influência dos ciclos.

Ante as hipóteses apresentadas, não podemos esquecer que os ciclos da economia argentina são próprios de uma economia agrícola, e não de uma industrial, e que a consolidação do capitalismo coincide com o início do nosso período e assim, ciclos curtos permitem nos compreender o processo de consolidação e transformação desta economia.

Um estudo clássico dos ciclos da economia argentina é o de Di Tella e Zymelman. Para estes pesquisadores, os anos de 1880 a 1920 estão compreendidos em dois períodos: O primeiro é o *período de pré-condicionamento* (1876-1913); o segundo é denominado como *A demora* (1913-1933). É claro que a preocupação dos autores não é o período em si, mas o período posterior, e a consequência da chamada *Demora* é evidentemente o *peronismo*, como aberração. Segundo eles, a Argentina não acompanhou os estágios clássicos de Rostow, sendo o resultado desse crescimento anormal o peronismo. Mas este não é o objetivo deste trabalho.<sup>8</sup>

Di Tella e Zymelman dividem o período em vários ciclos menores de crescimento, balizados por crises periódicas de origem local ou internacional. O primeiro deles é o de 1876-1885: este período é marcado por um lento crescimento inicial, a prosperidade chega a seu ponto culminante nos anos 1883-1884, continuando com a depressão de 1885 e com uma recuperação em finais desse ano. A fase seguinte, de 1885 a 1892, iniciou-se com uma expansão de 4 anos, até a grande crise de 1890, que

---

<sup>7</sup>- SCREPANTI, Ernesto 'Long cycle and recurring proletarian insurgencies' IN: "Review. Vol. VII. Nº3" Winter 1984. Outros estudos que acham os ciclos relativos BELCHUK, A. I. 'Crisis in the History of capitalism and the working class' 1985, *Apud* LOBO, E. L. M. *Op. Cit.*, pág. 8; e CRONIN, James 'Stages, Cycles and Insurgencies: The Economics of Unrest' IN: HOPKINS, T. e WALLERSTEIN, I. (Eds.) "The political economy of the World System. Vol. III" California, Sage, 1980, *Apud* MUNCK, R. *Op. Cit.*, pág. 20.

<sup>8</sup>- DI TELLA, Guido e ZYMELMAN, Manuel "Las etapas del desarrollo económico argentino" Buenos Aires, Ed. Universitaria, s/d. ROSTOW, W. W. "The stages of economic growth: a non-communist manifesto" Cambridge, Cambridge University Press, 1960.

foi seguida por um pânico inicial e uma depressão posterior. 1893 e 1902 são os limites do ciclo seguinte de expansão, que iniciou-se com uma alta expressiva terminando com a crise internacional de dezembro de 1899, que se estendeu até o fim do ciclo. O ciclo seguinte de crescimento, iniciado em 1902, chegou até 1908; a economia continuou em ascensão e concluiu com as crises das Bolsas de Nova Iorque e Londres e com os déficits nas balanças de pagamento, nos anos de 1906 e 1907. Este período ascensional da luta de classes, iniciado com a primeira greve geral da Argentina, em 1902, coincidiu com a elevação do nível de greves. Uma excelente colheita permitiu a recuperação da economia em 1908, Mas entre 1908-1914 a economia foi impulsionada pelo mercado de capitais e pela especulação, mas não pelas colheitas e as carnes, como acontecia nos ciclos anteriores. As terras colocadas em produção estavam situadas em regiões menos produtivas, pelo que as colheitas passaram a crescer proporcionalmente menos do que acontecia até esse momento. A fase seguinte é parte do segundo ciclo estabelecido por Di Tella e Zymelman, a chamada *Demora*. A Grande Guerra provocou uma recessão inicial, seguida por uma depressão a partir de 1914. A última fase que nos interessa é a de 1917-1922. A depressão manteve-se até 1919, quando começaram a mudar as perspectivas gerais.<sup>9</sup>

O Produto Interno Bruto (PIB) do nosso período permitirá compreender melhor os ciclos e o desempenho da economia argentina durante todo o período e dos seus setores componentes (Ver Quadro I e Gráfico I):

QUADRO I: Evolução do PIB (1880-1920)  
(1900 Base 100)

Ano	PIB	Indust.	Agric.	Ganad.	Transp.	Comer.	Gover.	Constru.
1880	21,78	14,57	7,98	61,39	8,41	20,87	0,00	0,00
1881	21,86	15,84	8,95	63,75	10,33	21,69	0,00	32,56
1882	29,58	13,07	25,24	52,89	65,13	25,24	52,89	46,58
1883	33,75	20,67	14,83	80,95	16,79	28,09	42,94	86,84
1884	37,23	19,85	18,45	82,47	20,60	29,11	51,46	109,75
1885	44,70	22,40	20,03	89,28	24,99	34,22	59,04	157,62

9.- *Ibidem*, págs. 196; 222; 247; 268; 288; 289; 319; 321; 350; 351.

1886	43,00	25,50	20,46	94,14	26,02	35,82	57,93	116,86
1887	46,27	31,76	30,49	90,70	32,67	41,86	48,55	99,62
1888	55,12	31,75	33,42	98,55	39,32	43,99	56,97	170,32
1889	64,41	30,00	32,92	81,63	52,46	44,27	74,89	287,56
1890	58,59	31,62	46,30	71,95	45,94	48,82	56,53	199,69
1891	51,00	35,62	53,58	77,70	43,09	48,62	63,44	71,01
1892	63,66	40,61	62,97	81,61	52,33	56,43	73,11	143,38
1893	68,08	39,85	72,12	76,67	59,99	57,82	77,81	169,35
1894	80,00	58,10	94,03	86,23	66,72	76,56	75,68	134,38
1895	82,69	60,37	108,62	100,74	75,94	79,63	79,87	86,85
1896	86,63	73,39	96,99	104,78	86,59	87,15	101,52	78,70
1897	79,14	70,27	70,86	106,22	76,51	78,51	87,16	98,32
1898	84,97	81,42	68,27	111,15	79,72	86,76	104,74	99,70
1899	109,77	104,83	96,80	130,01	94,97	108,75	123,80	139,44
1900	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
1901	115,38	108,92	109,84	130,23	108,87	117,10	91,24	99,84
1902	112,88	109,05	89,62	131,49	109,69	110,85	110,56	134,70
1903	134,09	130,12	153,62	132,50	128,46	134,21	102,43	125,63
1904	150,43	149,97	184,37	129,03	149,41	154,47	108,73	197,11
1905	164,30	169,53	178,61	141,64	167,39	166,62	108,39	346,65
1906	166,38	185,40	181,93	131,53	201,80	170,70	125,37	274,68
1907	163,53	179,12	159,28	135,36	218,30	166,34	145,97	288,66
1908	184,95	182,08	219,19	151,30	250,37	187,72	144,25	268,44
1909	192,48	207,93	209,77	146,06	250,51	195,35	153,10	408,52
1910	197,43	217,85	181,72	156,48	277,11	197,25	175,68	477,36
1911	193,46	231,79	141,57	157,54	291,85	194,91	176,72	491,17
1912	230,06	247,18	248,85	175,95	334,17	235,87	194,08	384,79
1913	231,01	266,19	255,63	154,85	354,57	239,93	199,67	379,46
1914	201,02	223,99	223,78	152,84	298,84	200,63	185,19	254,75
1915	216,30	230,15	279,62	167,39	298,42	215,02	163,73	187,42
1916	204,46	240,27	218,53	176,53	304,71	207,05	142,87	115,80
1917	176,55	253,93	99,25	192,53	269,07	178,37	141,74	67,06
1918	223,45	245,44	248,50	212,52	317,96	232,36	107,32	69,78
1919	226,60	266,67	249,60	196,03	346,53	239,30	116,58	79,10
1920	231,73	251,85	294,59	175,10	366,56	247,96	113,28	165,37

**Fonte:** CORTÉS CONDE, Roberto "La economía argentina en el largo plazo. Ensayos de historia económica de los siglos XIX y XX" Buenos Aires, Ed. Sudamericana – Univ. de San Andrés, 1997, págs. 230 e 231.

Mas existem outras formas de dividir o período, além da estabelecida por Di Tella e Zymelman. É o que mostra Ronaldo Munck, que considera os ciclos em relação aos dados referidos a greves, grevistas e índices salariais, como aparecem no quadro II. As fases estabelecidas seriam as seguintes: 1) *Período formativo* (inícios de 1800 a 1892) Formativo de quê? Da implantação da economia capitalista, da economia de agro-exportação e da conformação da classe operária. Mas também é o período prévio ao da preocupação de Munck. 2) *Depressão econômica e passividade dos trabalhadores* (1893-1902). 3)

*Crescimento econômico e explosão operária (1902-1908). 4) Crescimento econômico e militância operária (1908-1914). 5) Transformação econômica e recomposição do trabalho (1914-1917). E, finalmente, 6) Crescimento econômico e reorganização operária (1917-1922).*<sup>10</sup>

Munck apresenta a relação entre ciclos de curta duração e classe operária, baseando-se na tese de Trotsky da intensificação da luta de classe na fase ascendente da conjuntura econômica. Como o capitalismo na Argentina é um fenômeno desses mesmos anos, seria impossível estudar os ciclos longos e médios, pois de fato este é o período de conformação da classe operária. Mas se analisarmos a situação dos 40 anos do nosso período temos uma tendência à aceitação e incorporação dos trabalhadores na sociedade argentina. A primeira parte do período, durante a crise permanente e a exploração intensiva da mão-de-obra, é a fase de acumulação dos elementos conflituosos que arderiam nos anos de crescimento econômico, ou seja, os anos prévios e posteriores à Grande Guerra. Ao mesmo tempo, estes anos prósperos seriam os da transformação da estrutura industrial de Buenos Aires, os da expansão da estrutura de produção, de novas técnicas produtivas, tecnologia, maquinarias, produtos e, também, da redefinição dos trabalhadores como grupo social, dentro da sociedade portenha.

Numa outra pesquisa realizada por Luis Bertola, são comparadas as economias da Argentina, do Brasil e do Uruguai e a evolução das mesmas entre 1870 e 1990. A preocupação deste estudo é com o desempenho destas economias no longo prazo, mas recorremos a ele pelo fato de tentar estabelecer a correlação entre os ciclos próprios destes países e os ciclos da economia mundial. Este estudo permite pensar a correlação entre os grandes movimentos da economia-mundo e o impacto que têm sobre uma economia aberta como a Argentina.

Segundo esta pesquisa, os ciclos econômicos dos países industrializados arrastam os ciclos dos países produtores de matérias primas. A evolução dos ciclos da

---

<sup>10</sup>. - MUNCK, R. *Op. Cit.*

Argentina, Brasil e Uruguai esteve condicionada pelo grau de integração com as economias industriais e pelo nível de abertura destas economias. Ao acompanhar o desempenho das economias industriais, as três economias atravessaram um ciclo expansivo até 1913 (que bem poderia chegar até 1929). Esta relação não foi imediata, porque a articulação era de caráter assimétrico existindo elementos locais que mediam o relacionamento. O impacto, então, foi diferente entre dois grupos de economias, as industrializadas e as agrárias, deixando claro que o núcleo dinâmico estava nas economias industrializadas, e portanto os ciclos destas incidiram fortemente sobre as economias agrárias da região.

Bértola divide os 120 anos do seu período de acordo com os ciclos econômicos das economias industriais. O nosso período estaria compreendido em duas etapas: a “Liberal” até 1912 e a “*Beggar your neighbour*” (“Empobreça o seu vizinho”). A Argentina teria crescido mais rapidamente que as economias industriais durante a primeira etapa; porém, na segunda, o crescimento teria sido menor. Isto coincide com os ciclos estabelecidos por Di Tella e Zymelman – 1876-1913: o “Pré acondicionamento” e, desde 1913, a “Demora”. A análise do PIB *per capita*, mostra uma longa fase de expansão da economia da Argentina, entre 1877 e 1912. É importante considerar que o forte crescimento da década de 1880, tanto da Argentina quanto do Uruguai, aconteceu num contexto de depressão da economia mundial.<sup>11</sup>

Embora o objetivo da pesquisa de Bértola seja compreender o desenvolvimento desigual das economias da região e o tipo de inserção das mesmas no mercado mundial, ela nos permite compreender como as mudanças internacionais podem ter condicionado o ingresso de novos imigrantes na Argentina. Assim, temos a possibilidade de compreender como os imigrantes podem ter chegado atraídos pelo crescimento econômico continuado durante a década de 1880, no preciso momento em

---

<sup>11</sup>- BÉRTOLA, Luis ‘Fases, tendencias y ciclos en las economías de Argentina, Brasil y Uruguay, 1870-1990’ IN: “Documentos de Trabajo N°23” Montevideo, Facultad de Ciencias Sociales, Marzo 1996, págs. 12, 13 e 18.



que as economias centrais atravessavam um período recessivo. A saída destes contingentes de imigrantes, então, contribuíram para descomprimir a situação social nos países industrializados, embora isto significasse o agravamento da sua própria situação na sociedade receptora.

Uma vez estabelecidos os ciclos da economia Argentina, tentaremos comprovar a relação imediata existente entre ciclos econômicos e movimentos sociais. Ronaldo Munck e Gilbert Merckx vincularam os ciclos com os momentos de ampliação ou de retrocesso dos conflitos políticos ou sociais.

Merckx analisa a relação entre recessão e rebeliões político-militares e, para isto, conformou uma série, determinando o estado da economia argentina a partir do crescimento ou queda do Produto Interno Bruto (PIB). A intenção de Merckx foi balizar os momentos nos quais a Argentina estava prestes a sofrer uma nova rebelião, entendida esta como a irrupção dos membros da elite desconformes com o governo nacional. Este esquema dá a possibilidade de analisar o comportamento dos setores fora da elite, especificando quais anos teriam sido mais difíceis e quais mais aliviados para os trabalhadores e para os recém-chegados.<sup>12</sup> Munck também seguiu este caminho. Ele relacionou os ciclos econômicos, na curta duração, com os dados de salários, greves e número de grevistas.<sup>13</sup> Este quadro permite analisar com precisão as atitudes coletivas nos períodos de depressão e crescimento econômico, a nível nacional. Como a produção e o movimento operário organizado estavam centralizados na cidade de Buenos Aires, podemos utilizar os dados aqui mencionados.

---

<sup>12</sup>- MERCKX, Gilbert 'Recessions and rebellions in Argentina, 1870-1970' IN: "Hispanic American Research Review, Vol. 53, N° 2" May 1973, pág. 285. O quadro aparece na pág. 288. Infelizmente não conseguiu prever o Golpe de Estado de Março de 1976.

<sup>13</sup>- Este determinismo é uma aproximação plausível ao estudo das greves. Korzeniewicz lembra que as mudanças nos processos produtivos condicionaram fortemente o início dos ciclo das greves na Argentina. Cf. KORZENIEWICZ, Roberto 'The labour movement and the state in Argentina, 1887-1907' IN: "Bulletin of Latin American Research. Vol. 8 N°1" 1989, pág. 26

QUADRO II: Tendência do PIB relacionada com salários, greves e grevistas (1880-1920)

Ano	Tendência do PIB	Salários	Greves	Grevistas
1880	Pobreza			
1881	Alça			
1882	Prosperidade			
1883	Prosperidade			
1884	Prosperidade			
1885	Prosperidade			
1886	Prosperidade			
1887	Prosperidade			
1888	Prosperidade			
1889	Prosperidade			
1890	Queda	120	4	-----
1891	Pobreza	167	2	-----
1892	Pobreza	190	7	-----
1893	Pobreza	209	3	-----
1894	Pobreza	174	9	-----
1895	Pobreza	158	19	-----
1896	Alça	145	26	-----
1897	Queda	162	0	-----
1898	Pobreza	237	0	-----
1899	Pobreza	288	0	-----
1900	Pobreza	203	----	-----
1901	Pobreza	223	100	-----
1902	Pobreza	223	100	-----
1903	Alça	220	100	-----
1904	Prosperidade	252	100	-----
1905	Prosperidade	250	100	-----
1906	Prosperidade	233	170	70.743
1907	Queda	227	231	169.017
1908	Alça	231	118	11.561
1909	Prosperidade	223	138	4.762
1910	Prosperidade	240	298	18.806
1911	Prosperidade	240	102	27.992
1912	Prosperidade	285	99	8.992
1913	Queda	Nova Série	95	23.698
1914	Pobreza	68	64	14.137
1915	Pobreza	61	65	12.077
1916	Pobreza	57	80	24.321
1917	Pobreza	49	138	136.062
1918	Alça	42	196	133.042
1919	Prosperidade	57	367	308.967
1920	Prosperidade	59	206	134.015

**Fonte:** MUNCK, Ronaldo 'Cycles of class struggle and the making of the working class in Argentina, 1890-1920' IN: "Journal of Latin American Studies Vol. 19. Part 1" May 1987, pág. 24. Nos anos 1885, 1909 e 1911, o PIB decaiu levemente mas não o suficiente como para ser considerado um cambio de tendência. Nos anos 1892, 1893, 1895, 1898, 1899 e 1901, o cresceu mas não o suficiente como para ser considerado um cambio na tendência.

Dos 41 anos apresentados, 17 são considerados “prósperos”, 15 “pobres” e o resto fazem parte dos anos de mudança da tendência. A catalogação de Munck vem do encontro da nossa preocupação. Como é possível apreciar no quadro anterior, as reações dos trabalhadores ante as crises não são sempre imediatas, o mesmo acontecendo com os salários. Nem sempre uma crise implica uma diminuição automática dos índices salariais. Alguns setores sentiram as conseqüências das crises de maneira imediata; no entanto, outros podiam preservar seus salários – como sucedia, por exemplo, com aqueles setores de substituição das importações. É preciso esclarecer duas coisas: por um lado, é muito arriscado reunir todos os trabalhadores num único grupo; por outro, temos que fazer a ressalva de que as ‘*etapas do desenvolvimento*’ da Argentina não foram simples passagens de um estágio para outro, implicando a redefinição e adaptação dos setores da produção e do comércio a uma nova realidade. Isto, geralmente, foi traumático e implicou conflitos entre os grupos envolvidos. Mais do que etapas encaminhadas a um objetivo claro – o *progresso, o crescimento económico, o desenvolvimento industrial* –, eram saltos desajeitados, obrigados pelas conjunturas da economia internacional e condicionados pela estrutura produtiva local.

A conseqüência, na esfera doméstica, foi que os trabalhadores tiveram que adaptar seus consumos e suas necessidades dentro destas conjunturas de prosperidade ou pobreza geral. Assim, se a conjuntura era de pobreza, podia diminuir o custo de vida, porém os salários caíam e o desemprego crescia; se a conjuntura era de prosperidade, o nível de emprego crescia, mas os salários demoravam a acompanhar a alta do custo de vida.

Com respeito ao quadro de Munck, é preciso mencionar que não existem estatísticas oficiais de greves até 1907, e que os anos anteriores a esta data foram completados pelo próprio autor. O significativo deste quadro é a correlação estabelecida entre Tendência do PIB – Salários – Greves – Grevistas, uma das formas de aproximarmos das atitudes operárias. O questionável do mesmo é que as greves não

têm sido subdivididas por setor da produção, o que nos deixa no campo das estimativas. Além do mais, não podemos tomar a greve como a única forma de expressão do descontentamento operário. Em momentos de prosperidade e alto nível de emprego a greve é um procedimento comum; porém, durante as depressões, as paralisações dentro do local de trabalho e as petições às autoridades, tornavam-se mais freqüentes, como forma de se preservar ante a possibilidade da demissão.

Para contornar esta dificuldade, recorreremos a outras pesquisas sobre greves em Buenos Aires e na Argentina. Para nos aproximarmos das reações por setores segundo a conjuntura temos a pesquisa feita por Roberto Korzeniewicz (Quadro III e Gráfico II)<sup>14</sup>, na qual podemos observar o impacto diferencial dos períodos de crescimento e crise, nos diversos setores da atividade econômica.

*QUADRO III: Greves em Buenos Aires (1887-1907)*

Ano	Porto	Transp.	Manuf.	Constr.	Com. & Serv.	Outros	S/D	TOTAL	Tendência PIB
1887	0	3	1	0	2	0	0	6	Prosper.
1888	1	8	10	0	1	3	1	24	Prosper.
1889	2	13	10	5	1	2	0	33	Prosper.
1890	2	2	9	1	0	4	0	18	Queda
1891	0	6	1	2	1	2	0	12	Pobreza
1892	2	0	4	1	1	2	0	10	Pobreza
1893	0	3	4	0	2	2	0	11	Pobreza
1894	1	2	8	3	1	2	0	17	Pobreza
1895	15	3	19	5	2	3	1	48	Pobreza
1896	8	38	73	11	9	1	0	140	Alça
1897	1	2	15	1	1	4	0	24	Queda
1898	3	1	1	0	0	1	0	6	Pobreza
1899	1	5	4	4	0	0	0	14	Pobreza
1900	15	3	16	4	0	3	0	41	Pobreza
1901	18	7	26	2	1	3	0	57	Pobreza
1902	15	38	54	6	1	12	0	106	Pobreza
1903	21	23	63	14	11	9	3	144	Alça
1904	21	40	181	28	27	21	4	322	Prosper.
1905	35	22	46	17	5	16	6	147	Prosper.
1906	33	43	94	15	18	15	3	221	Prosper.
1907	29	33	67	7	14	14	0	164	Queda
Total	223	275	706	126	98	119	18	1.565	

<sup>14</sup>- KORZENIEWICZ, Roberto P. 'Labor unrest in Argentina, 1887-1907' IN: "Latin American Research Review. Vol. XXIV. N°3" 1989, pág. 75. É preciso dizer que as estatísticas de Korzeniewicz tem um problema, basear-se num único jornal: *La Prensa*, que teria maiores e melhores detalhes que outros jornais ou periódicos. Mesmo assim, a cobertura da questão não era completa.

%	14.2	17.6	45.1	8.1	6.3	7.6	1.2
---	------	------	------	-----	-----	-----	-----

**Fonte:** KORZENIEWICZ, Roberto P. 'Labor unrest in Argentina, 1887-1907' IN: "Latin American Research Review. Vol. XXIV. N°3" 1989, pág. 75. A última coluna pertence a MUNCK, R. *Op. Cit.*, pág. 26.

As vantagens deste quadro são evidentes. Podemos explicar de que forma respondeu cada um dos setores da economia responde às mudanças nas tendências econômicas, pelo menos desde 1887 e até 1907. O conjunto do movimento operário não tem um comportamento homogêneo. Nos primeiros três anos de *prosperidade*, segundo a tendência do PIB, o nível de greves é baixo, sendo que os setores de 'transporte' e de 'manufatura' são os que se manifestam mais vezes. No caso dos transportes, coluna vertebral da exportação, a explicação é simples; este setor tem um poder de barganha maior, pois sem seu concurso não há exportação. A análise do setor manufatureiro, apresenta maiores complicações: qual setor das manufaturas reivindicou os seus direitos? Aquele ligado à exportação – fabricação de embalagens ou elaboração de matérias primas, por exemplo – ou seria o setor ligado à produção para consumo interno? Esta dúvida paira por todo o quadro. Depois do pico de 1889, as greves diminuem sensivelmente nos períodos seguintes, de *queda e pobreza*, sendo as 'manufaturas' o setor que mantém certa atividade.

Em 1895 e 1896, com a recuperação econômica, ressurgiu o movimento paredista. Praticamente todos os setores manifestam-se ativamente. O de 'manufaturas' continua a ser ativo. 'Transporte' e 'portuários' voltam à ação. Até os operários da construção e os pouco ativos empregados no setor de 'comércio e serviços' apresentam suas reivindicações mediante a greve. Em 1897, no início da nova crise, o nível de greves cai drasticamente, de 140 para 24.

Depois deste breve período de atividade e das greves de 1897, a agitação praticamente desaparece nos dois anos seguintes. Porém, quando os operários reiniciam as suas medidas tentando a recuperação dos salários, o nível do PIB é de pobreza, o que deixa certas dúvidas com respeito à eleição desse indicador, questão que

retomaremos a seguir. O interessante é que o setor que lidera a retomada da atividade grevista de 1900 é novamente o setor industrial. Os portuários têm um nível de greves similar nesse ano e nos anos seguintes, sem acompanhar os trabalhadores manufatureiros. A quantidade de greves unido ao crescimento explosivo dos anos seguintes, já no período de expansão econômica, marcam a crescente independência do setor em relação à evolução da economia agro-exportadora. Se as greves crescem durante o período de expansão econômica, não desaparecem com a recessão; diminuem mas mantendo um nível elevado. Será a lógica dos consumos internos e do desenvolvimento das manufaturas locais o que determina o nível de atividades grevistas deste setor?

Os trabalhadores ligados diretamente à economia agro-exportadora continuaram a reagir segundo a lógica de expansão-retração das exportações. Isto é o que acontece com os setores portuários, transportes e com a construção (uma vez que eram utilizados materiais importados). As greves precediam, tibiamente, as expansões e depois acompanhavam-nas diminuindo, aos poucos e logo drasticamente, após a queda do PIB.

A partir de 1907, temos as estatísticas de greves estabelecidas pelo DNT.<sup>15</sup> Esta estatística ignora os movimentos dos empregados no comércio, dos estatais ou dos portuários. Por outro lado, divide os trabalhadores de acordo com o ramo da indústria ao qual pertencem, o que nos abre a possibilidade de realizar outras análises. Além do mais, estes dados estão limitados à cidade de Buenos Aires.

QUADRO IV: *Greves em Buenos Aires (1907-1920)*

Ano	Transp.	Manuf.	Constr.	Aloj. e Comida	Outras Indúst.	TOTAL	Nº GREV.	Tend. PIB
1907	27	152	19	5	28	231	169.017	Queda
1908	15	85	8	2	8	118	11.561	Alça
1909	15	78	20	0	85	138	4.762	Prosper.
1910	20	229	29	1	19	298	18.806	Prosper.
1911	22	55	8	3	14	102	27.992	Prosper.

15.- É preciso lembrar que 1907 é o ano de criação deste Departamento, destinado tanto a monitorar e controlar as atividades dos trabalhadores como tentar melhorar as condições de vida dos mesmos.

1912	23	43	12	0	21	99	8.992	Prosper.
1913	17	54	11	1	12	95	23.698	Queda
1914	15	37	4	1	7	64	14.137	Pobreza
1915	6	43	2	5	9	65	12.077	Pobreza
1916	7	58	7	4	4	80	24.321	Pobreza
1917	27	79	9	8	15	138	136.062	Pobreza
1918	38	101	18	16	23	196	133.042	Alça
1919	48	192	20	46	61	367	308.967	Prosper.
1920	24	97	15	37	33	206	134.015	Prosper.

**Fonte:** O quadro foi elaborado com dados do DNT, publicados em DNT 'Las huelgas en 1912' IN: "Boletín del DNT. N°24" Bs.As., Imprenta Alsina, 1° de Agosto de 1913, pág. 625; MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año XXIV. 1914" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1915, pág. 305; MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año XXV. 1915/1923" Buenos Aires, Briozzo Hnos., 1925, pág. 270; a última coluna é a reprodução de MUNCK, R. *Op. Cit.*, pág. 26. 'Transporte' reúne as anteriores 'Transporte' e 'Porto'; 'Comercio & Servicios' foi substituída por 'Alojamento e Comida'; 'Construcción' reúne 'Construcción' e 'Vidro, gesso e terra' por serem, este último grupo, indústrias próprias da construção; 'Manufaturas' abarca as indústrias produtoras de bens de consumo de massas como 'Alimentação', 'Textéis', 'Vestiriário', 'Madeira', 'Papel e imprensa', 'Couro' e 'Indústrias diversas'; finalmente sob 'Outras Indústrias' colocamos as indústrias de transformação de bens primários destinados à produção de bens de consumo, são setas 'Química', 'Metalúrgica' e 'Máquinas e aparelhos'.

A análise da relação entre greves e ciclos econômicos complica-se a partir da intervenção do Estado. Acabou o período das barganhas diretas entre operários e patrões. E não unicamente com a criação do DNT. Neste momento, são intensificadas as repressões ao movimento operário já iniciadas em 1902, ano da primeira Greve Geral na cidade de Buenos Aires. De fato, em 1907, ano de queda, mas não de quebra, da tendência de crescimento da economia, é o último ano das grandes greves – 231 com quase 170 mil grevistas. As greves perderam intensidade desde então, e o pico de 298 greves de 1910, o ano do Centenário, teve como resultado uma violentíssima repressão governamental e de grupos para-estatais. As campanhas para melhorar os salários e as condições de trabalho, interrompendo as obras do Centenário, produziram um grande número de greves nos sindicatos mais militantes; porém, o número total dos grevistas não passou de 20 mil. O Estado de Sítio foi instaurado no mês de Maio, antes do início das comemorações. Outro dado a considerar é o fato de que este foi o período clássico da influência anarquista e da tática de Greves Gerais (1902, 1905, 1909 e a inibida de 1910).

Nestes anos de crescimento, os sindicatos mais ativos foram os industriais e os da indústria de transformação. A indústria de bens de consumo impulsionou o número de greves durante todo o período; os trabalhadores do setor de transporte mantiveram praticamente o mesmo nível de atividade durante todo este período de crescimento econômico. Os operários da construção, empregados nas grandes obras públicas, teriam aproveitado o período do Centenário para barganhar com o Estado. Durante o resto do período de crescimento, até 1914, e ainda durante o período de queda, até 1917, as greves diminuíram drasticamente.

Embora 1917 seja um ano de queda do PIB, as greves começaram a aumentar. Em parte pelas mudanças no Estado e pela maior intervenção nas relações laborais em parte pela influência dos movimentos revolucionários da Europa e, finalmente, como reação ante as constantes perdas sofridas nos salários durante os anos anteriores. O crescimento da atividade operária é continuado e, com a recuperação econômica, aumenta o número de greves e de grevistas (ver Gráfico III).

É importante ressaltar que a estrutura produtiva da cidade tinha mudado durante os anos da Grande Guerra, já que a impossibilidade de importar bens de consumo favoreceu a substituição das importações e beneficiou a produção industrial. O setor industrial cresceu em quantidade de estabelecimentos e no número de operários por unidade de produção. A concentração dos trabalhadores em grandes firmas iniciou-se neste período, embora uma constelação de pequenas oficinas continuasse a ser predominante.

Sobre a relação greves-PIB, temos que realizar um último esclarecimento. Até o momento, estabelecemos relações entre greves, grevistas e setores afetados pelas greves; porém, não avaliamos os resultados das greves e as jornadas perdidas em cada greve. Para isto, só temos dados do período das estatísticas oficiais, ou seja, a partir de 1907.



QUADRO V: Greves e seus Resultados Relacionadas com a Tendência do PIB

Ano	Nº de Greves	Nº de Grevistas	Jornadas Perdidas	Jorn. Perdida por Grevista	Resul. Favor.	Resul. Parcial	Resul. Negativ.	Tend. do PIB
1907	231	169.017	911.656	5,39	33	31	161	Queda
1908	118	11.561	77.728	6,72	18	12	88	Alça
1909	138	4.762	45.514	9,56	36	5	97	Prosperid.
1910	298	18.806	357.996	19,03	185	47	66	Prosperid.
1911	102	27.992	1.432.457	51,17	7	3	92	Prosperid.
1912	99	8.992	88.613	9,85	25	6	68	Prosperid.
1913	95	23.698	147.061	6,21	18	15	62	Queda
1914	64	14.137	83.044	5,87	18	4	42	Pobreza
1915	65	12.077	49.183	4,07	17	6	42	Pobreza
1916	80	24.321	233.878	9,61	19	12	46	Pobreza
1917	138	136.062	2.100.269	15,44	26	38	74	Pobreza
1918	196	133.042	2.191.773	16,47	71	42	83	Alça
1919	367	308.967	3.262.705	10,56	145	75	147	Prosperid.
1920	206	134.015	3.693.782	27,56	66	37	103	Prosperid.

**Fonte:** O quadro foi elaborado com dados do DNT, publicados em *Las huelgas en 1912... Op. Cit.*, pág. 619; VAZQUEZ PRESEDO, Vicente “**Estadísticas históricas argentinas. II. 1914-1939**” Buenos Aires, Ed. Macchi, 1976, pág. 47; *Anuario Estadístico...1915/1923... Op. Cit.*, pág. 270; ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1913-1914)**” Buenos Aires, Imp. G. Kraft, 1914, pág. 661; ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1918-1919)**” Buenos Aires, Talleres Gráficos de L.J. Rosso y Cía., 1919, pág. 535; a última coluna é a reprodução de MUNCK, R. *Op. Cit.*, pág. 26. Em 1916 quedaram 3 conflitos sem solução.

A duração das greves e os seus resultados podem-nos dizer algumas coisas. Os dados agregados apresentam dificuldades, porque não deixam avaliar os casos por ramo da produção, que era ampla e variada. No momento inicial da prosperidade as greves eram rápidas. Os patrões tendiam a ceder às pressões operárias, em função de manter a produção, em andamento. Mas, aparentemente, uma vez recuperada a produção as negociações tornavam-se mais difíceis, pelo que cresciam os dias de greve para obter resultados. Muitas das greves realizadas não tinham como objetivo obter uma ‘vitória’ sobre o patrão. A brevidade das greves de 1907, relacionadas com o grau de êxitos de 1907, mostram que nem sempre a greve era para vencer, e sim para estabelecer posições. As possibilidades de vitória sobre os patrões não eram muitas só em 1910; os trabalhadores obtiveram seus objetivos sem negociações. Este foi o ano do Centenário, o ano em que o governo tendeu a ceder às pressões operárias, para manter os seus contratos com o Estado. A partir de Maio de 1910, a repressão aumentou, pelo que foi

bem mais difícil obter êxitos nos anos posteriores. Algo similar aconteceu na recuperação do final do período. Os níveis atingidos neste momento foram altíssimos, chegando a elevados níveis de êxitos, que, somados aos resultados negociados, permitem avaliar o nível da militância, do ano mais conturbado, o ano da *Semana Trágica*.

QUADRO IV: Motivos das greves

Ano	Salários	Horários	Organiz.	Cond. Trab.	Causas Diver.	Total de Greves
1907	67 (29%)	46 (20%)	91 (39%)	9 (4%)	18 (8%)	231
1908	31 (26)	21 (18)	52 (44)	2 (2)	12 (10)	118
1909	62 (45)	22 (16)	49 (35)	---	5 (4)	138
1910	175 (59)	27 (9)	75 (25)	---	21 (7)	298
1911	36 (35)	9 (9)	46 (45)	2 (2)	9 (9)	102
1912	37 (38)	16 (16)	27 (27)	6 (6)	13 (13)	99
1913	34 (36)	11 (12)	40 (42)	---	10 (10)	95
1914	32 (50)	3 (4)	13 (21)	---	16 (25)	64
1915	32 (49)	4 (6)	19 (29)	10 (16)	---	65
1916	32 (40)	2 (3)	25 (31)	15 (19)	6 (7)	80
1917	56 (41)	9 (7)	47 (34)	3 (2)	23 (16)	138
1918	78 (40)	23 (12)	62 (32)	3 (2)	30 (16)	196
1919	240 (65)	21 (6)	90 (25)	6 (1)	10 (3)	367
1920	92 (41)	8 (4)	82 (40)	19 (9)	5 (2)	206

**Fonte:** O quadro foi elaborado com dados do DNT, publicados em *Las huelgas en 1912... Op. Cit.*, pág. 619; *Memoria... (1913-1914) Op. Cit.*, pág. 667; *Memoria... (1918-1919) Op. Cit.*, pág. 533; *Anuario Estadístico...1915/1923... Op. Cit.*, pág. 270. Entre parêntesis o percentual, que representa cada item. Salários reúne 'aumentos' e 'outras questões'; Horário: 'Modificação' e 'Diminuição'; Organização: 'readmissão', 'expulsão' e 'solidariedade'; Condições de Trabalho: 'fim do trabalho por peças' e 'modos de execução do trabalho'.

A partir das motivações das greves, podemos ver que nem sempre o salário era o incentivo principal para enfrentar o Capital; porém, em momentos estratégicos (1910) ou de forte recuperação econômica (1919) era o motivo que unificava os trabalhadores, ainda quando os resultados não fossem totalmente positivos, ou o momento econômico não fosse o mais adequado. Porém, a solidariedade – 'Organização' – não foi um elemento menor. Um grande número de reivindicações tiveram esta origem, mantendo o nível de militância e reafirmando a luta pela dignidade.

Uma série de questões podem vir à tona com esta abordagem das greves, desde a própria definição de greve até o estabelecimento das greves. Não poderíamos aqui dar

conta de uma problemática ampla e variada, mas é preciso esclarecer algumas questões, como, por exemplo, o fato de que as greves gerais raramente foram mencionadas nos informes oficiais. Outra questão é a das greves gerais por categoria e as greves gerais por localidade. As primeiras, foram incluídas nas estatísticas, as segundas não. No primeiro caso, por tratar-se de uma categoria ou de um ramo da produção, como no caso dos ferroviários, que tinham interesses em vários pontos do país, a motivação tinha origem nas questões trabalhistas, e portanto eram indicadas. As greves gerais que afetavam a cidade no seu conjunto, não. Considerava-se que as greves gerais distorciam a análise do quadro de greves, pois suas reivindicações não eram 'econômicas', e portanto de difícil qualificação. O mais importante era o fato de mostrarem a força do conjunto do operariado em determinados momentos, e para isto eram tratadas como elemento isolados e fora do conjunto das greves. A greve geral elevava desmedidamente os índices de trabalhadores parados e jornadas perdidas, além de ter origens políticas.

Mas considerar que unicamente as greves gerais tinham objetivos amplos é um reducionismo com relação às greves parciais e uma aceitação da catalogação feita pelo Estado. A reivindicação básica – horário, organização, solidariedade – é indicativa de um elemento de conflito principal e imediato. A maior parte das greves tinha como motivo principal as reivindicações salariais que atuavam como catalisador do descontentamento profundo. As desigualdades crescentes produzidas no processo acelerado de proletarização e acumulação, faziam da reivindicação salarial o meio mais adequado para fortalecer os laços entre dirigentes sindicais, os militantes e os trabalhadores sem militância, reunindo num único objetivo o sentimento de injustiça.

As greves têm sido consideradas pelo fato de serem o *locus* social no qual catalisam a identidade e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social.<sup>16</sup> O fato de ser unicamente o trabalhador quem pode atuar desta forma – a greve

---

<sup>16</sup>- SAPELLI, Giulio 'Introduction' IN: HAIMSON, L. e SAPELLI, G. "Strikes, social conflict and the First World War. An international perspective" Milano, Fondazione Feltrinelli, 1992, pág. 5

patronal é chamada de *Lock-out*<sup>17</sup> –, retirando o elemento principal do sistema produtivo, a mão-de-obra, possibilitava que os trabalhadores se reconhecessem fazendo parte de um mesmo grupo social e viabilizando a conformação da consciência de classe.

Esta relação dos ciclos econômicos na Argentina com o movimento paredista está estreitamente relacionada com a evolução da organização do movimento operário argentino, com o nível da sua conscientização e com as formas de ação e reação contra o grau de exploração que sofriam, tanto no local de trabalho como no âmbito doméstico. Como temos visto, o movimento operário na Argentina, e especificamente o de Buenos Aires, foi modificando rapidamente – em menos de 15 anos – sua atitude com respeito à sua própria situação e à forma de posicionar-se frente à mesma. O capitalismo incipiente da década de 1870, aberto à ascensão social, e com crescentes oportunidades para quem soubesse, ou pudesse, aproveitá-las, tinha acabado na década de 1890. O capitalismo deixava de ser um horizonte de infinitas possibilidades ou uma carreira aberta ao talento, para tornar-se um horizonte permanente, imutável.<sup>18</sup>

Não foram unicamente os trabalhadores que tiveram consciência desta situação. Um observador, oculto pelo codinome *TEX*, alertava as autoridades sobre a necessidade de providências contra a imigração subsidiada e estimulada pelo próprio Estado. Segundo *TEX*, este tipo de política tinha resultados contrários aos procurados: o aumento artificial da população gerava carestia e estimulava a organização e a luta dos trabalhadores por melhores salários. Pelo contrário, uma retribuição adequada desmoralizava qualquer agitador. Exemplo disso era a própria Buenos Aires na década

---

<sup>17</sup>- O modelo de análise da questão social durante o período era a França, onde não se considerava o *lock-out* como greve e não era considerada nas estatísticas operárias. Sobre o estabelecimento das greves na França *Vide* SHORTER, Edward e TILLY, Charles “*Las huelgas en Francia. 1830-1968*” Madrid, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1985 (1ª ed. em inglês: 1974), pág. 500.

<sup>18</sup>- Em 1873 Raymond Wilmart – representante da Associação Internacional dos Trabalhadores (a Primeira Internacional) – enviou uma carta a Carlos Marx desde Buenos Aires. Na mesma queixava-se das dificuldades da organização dos trabalhadores nesta cidade onde dizia: “*Há demasiadas possibilidades de tornasse pequeno patrão e de explorar operários recém chegados como para que alguém pense em agir de alguma forma*”. A carta está no Internacional Instituut Voor Sociale Geschiedenis (IISG), Amsterdam, *INVENTAR DES MARX-ENGELS NACHLASSEN. BRIEFE AN MARX*, D. 4604. Sobre a aceitação do Capitalismo como *Horizonte permanente*. DEL CAMPO, Hugo “*El ‘Sindicalismo Revolucionario’ (1905-1945)*” Buenos Aires. CEAL, 1985, pág. 12.

de 1870, quando as possibilidades de ascensão econômica tinham calado até os *communards* exilados. Alguns imigrantes que tinham participado ativamente na Comuna de Paris, uma vez chegados em Buenos Aires, tornaram-se prósperos trabalhadores e empresários. *TEX* contrariava aqueles que achavam as greves da década de 1890 como parte de uma conspiração maximalista e afirmava que eram o produto das condições econômicas do país.<sup>19</sup>

A percepção desta situação mudou sensivelmente a atitude do operariado, que passou cada vez mais a confiar unicamente nas suas próprias forças. Por outro lado, os trabalhadores qualificados, ou aqueles de importância vital no processo produtivo, tinham outras possibilidades. Por isso a organização muitas vezes foi experimental ou provisória, principalmente entre os trabalhadores não-qualificados. Estas organizações tinham por objetivo resolver uma questão particular, deixando depois de funcionar.<sup>20</sup>

A aparição e o crescimento do reformista PSA, nos primeiros anos da década de 1890, respondia à necessidade de procurar acertos numa sociedade que tinha gerado múltiplas oportunidades até esse momento. A hegemonia da tendência parlamentarista dentro do PSA, que procurava sempre soluções de consenso entre Capital e Trabalho, fez com que o Socialismo perdesse influência entre os trabalhadores. Esta tendência consolidou-se e acentuou-se, uma vez que o socialismo optou pela via eleitoral. Ao contrário dos socialistas de outros países, que valiam-se da greve nos conflitos com o capital, e até da greve geral, os socialistas argentinos não consideravam a greve como uma arma de luta ‘moderna’. Geralmente os trabalhadores grevistas eram qualificados como ‘atrasados’. A tendência à negociação com o Estado ou com a polícia – instância

---

<sup>19</sup>- *TEX* “**Huelgas en la Argentina. Sus causas y medios de combatirlas**” s/l, s/e, 1896, págs. 3 a 7. É interessante que o mencionado Wilmart, um exilado *communard*, tornou-se um jurista de renome na Argentina e acabou integrando a banca da tese doutoral rejeitada de Alfredo Palacios titulada *La Miséria en la República Argentina*. RATZER, José “**Los Marxistas Argentinos del 90**” Córdoba, Pasado y Presente, 1969, pág. 180.

<sup>20</sup>- ADELMAN, Jeremy “**The political economy of labour in Argentina, 1870-1930**” IN: ADELMAN, J. (Ed.) “**Essays in Argentine Labour History, 1870-1930**” London, The Macmillan Press, 1992, pág. 17; e KORZENIEWICZ, R. *The labour movement... Op. Cit.*, pág. 27.

mediadora por excelência o até final do nosso período – isolou e afastou os socialistas dos trabalhadores.<sup>21</sup>

Esta posição responsável dos socialistas não era hegemônica, mesmo dentro do partido. Foi contestada pela tendência sindicalista, até a expulsão destes, e depois pelas correntes de esquerda, como os ‘argentinos’ de Palacios e os internacionalistas. Nem mesmo setores reformistas da burguesia achavam a greve um erro desnecessário. Um destes reformistas entendia que a greve na Argentina tinha origens diferentes das greves européias, porque demonstravam o crescimento intelectual dos trabalhadores, que passavam a fazer uso dos seus direitos constitucionais. Na Europa as greves tinham origem na fome e na miséria, e eram lutas de desesperados, e não o exercício de direitos.<sup>22</sup>

O Anarquismo – cada vez mais *anarco-sindicalismo*, ou *organizacionista*, e menos *individualista* – entendia o capitalismo como um sistema estabelecido e que não daria espaço para a regeneração dos operários por meio do consenso, pelo que acabava representando melhor os interesses da emergente classe trabalhadora portenha. Porém, se os anarquistas tomavam a greve como um elemento central da luta política, desconsideravam aquelas greves com reivindicações parciais, porque afastavam o trabalhador do seu objetivo principal, a derrocada do sistema capitalista; outras vezes aceitavam as greves parciais como parte da ginástica revolucionária e como meio de preparação para a greve geral.<sup>23</sup>

Os Sindicalistas Revolucionários conseguiram ser identificados como os socialistas que mantinham os princípios do Partido sem entrar em negociações com aqueles que exploravam os trabalhadores, como o Governo, a Polícia e os patrões. Radicalizaram suas posições para que não fossem identificados como ‘políticos’, mas

---

21.- ADELMAN, J. *Op. Cit.*, pág. 24; e KORZENIEWICZ, R. *The labour movement... Op. Cit.*, págs. 31 e 32.

22.- HERNÁNDEZ HERRERA, Misael “**Inmigración y Colonización. Tesis de doctorado en Derecho. Universidad Nacional de Córdoba**” Córdoba, La Italia, 1905, págs. 29 e 30.

23.- KORZENIEWICZ, R. *The labour movement... Op. Cit.*, págs. 27 e 28.

unicamente dirigentes operários. Porém, este radicalismo inicial foi cedendo aos poucos, passando a aceitar e a propor a intervenção estatal nos conflitos. Na questão das greves parciais, os sindicalistas revolucionários eram as lideranças mais efetivas, pois tinham uma noção mais apurada dos limites e possibilidades dos seus sindicatos. Ainda quando coincidiam com os anarquistas, e ver a greve como a melhor arma de luta contra o capital, para eles esta podia ser aplicada também nas reivindicações consideradas menores, como o salário, conquistando rapidamente a confiança dos trabalhadores.<sup>24</sup>

Esta situação perduraria até o final do nosso período, quando os anarquistas perderam as centrais operárias para os Sindicalistas Revolucionários, que, por sua vez, entraram em negociações cada vez mais frequentes com o novo governo radical, e com o crescimento eleitoral do PSA. Os últimos dez anos do nosso período apontam para a aceitação dos trabalhadores da sua situação na estrutura produtiva e social, bem como, para as possibilidades de barganha e obtenção de melhorias mediante a atividade sindical e societária. As frustrações prévias resultaram numa alta atividade operária, que gerou certos benefícios, levando à queda desse nível de militância.

A atitude do Estado é central para compreendermos as atitudes dos grupos de trabalhadores em relação à greve. O Estado mudou várias vezes sua posição com o movimento trabalhista. Até a virada do século, a greve era considerada um caso de polícia, dependendo do delegado da seção a decisão de reprimir ou mediar os conflitos entre Capital e Trabalho. Depois de 1900 foi estabelecido qual tipo de conflito podia ser aceito e qual reprimido. O Estado combinou repressão e mediação ao longo do período. Os próprios trabalhadores, especialmente os não-qualificados, muitas vezes preferiam chamar as instâncias estatais para mediar os conflitos.<sup>25</sup>

<sup>24</sup>- DEL CAMPO, H. *Op. Cit.*, págs. 11 a 13; e KORZENIEWICZ, R. *The Labour movement... Op. Cit.*, págs. 27 e 28.

<sup>25</sup>- Não é o nosso objetivo estudar as mudanças na natureza do Estado, unicamente alertamos para as mesmas e as diferentes atitudes tomadas por seus membros e dependências. ADELMAN, J. *Op. Cit.* pag. 19, 26 e 27; e KORZENIEWICZ, R. *The Labour movement... Op. Cit.*, págs. 34 a 37.

Uma vez apresentadas as diversas etapas da economia argentina no nosso período, temos que determinar a evolução das rendas e orçamentos das famílias operárias, para depois analisaremos a composição dos consumos e as estratégias das famílias operárias ante esta questão.

### 3.- Salários, desemprego e carestia da vida operária

Esta questão apresenta certos problemas, alguns dos quais não resolveremos aqui. O primeiro, e o mais importante, é a falta de séries salariais confiáveis, ou pelo menos que abarquem todo o período. Ocasionalmente, as estatísticas foram elaboradas por setores vinculados à produção. Fossem estes industriais, operários ou por dependências do Estado. Até 1907 não existia uma única repartição oficial voltada para os problemas do trabalho. Nesse ano foi criado o *Departamento Nacional del Trabajo* (DNT), dependendo do *Ministerio del Interior*, e só a partir de 1914 esta instituição levantará estatísticas sobre o desemprego.

Embora não vamos apresentar a luta dos trabalhadores pela melhora salarial, esta luta esteve presente em todo o período. Os trabalhadores não eram passivos e resignados ante esta questão. Grande parte deste período, pelo menos até a criação da *Federación Obrera de la Región Argentina* (FORA), em 1902, a luta pela melhora nos rendimentos operários centrou-se no estabelecimento de uma política monetária única ou, ao menos, em receber de acordo com a melhor moeda existente no país.

Mas antes de tratarmos das lutas operárias em entorno ao salário, é preciso lembrar que esta era a luta dos assalariados. O acesso ao mercado de trabalho era irregular e temporário. Diversos fatores condicionavam os níveis de emprego e, ao longo do período, não existem estatísticas – estatais, operárias ou patronais – referentes aos níveis de emprego ou de desemprego para a Argentina ou para Buenos Aires. Durante grande parte do período, o desemprego foi enfrentado diretamente pelos trabalhadores-imigrantes, retornando aos seus países de origem, quando era possível.



Lembremos do jornaleiro *golondrina* – andorinha –, aquele que retornava ao seu país de origem depois de concluída a colheita nos Pampas argentinos. Esta não era a única maneira de enfrentar uma situação que não era atípica entre os trabalhadores de Buenos Aires.

O desemprego tinha origens diversas – tecnológica, sazonal, por crises, pelo ingresso excessivo de imigrantes –, e não era um fato alheio à experiência do trabalhador, podendo afetá-lo em algum momento ou recorrentemente, de acordo com o tipo de atividade desenvolvida. O desemprego só começou a ser considerado um problema social quando a imigração tornou-se um fato permanente e a economia menos flexível ante as crises, ou seja, quando a imigração não respondia imediatamente à demanda ou ao excesso de mão-de-obra.<sup>26</sup>

Com a primeira grande crise do período, na virada do século, esta preocupação veio à tona. Até esse momento as análises preocupavam-se com o excesso de trabalhadores e suas conseqüências sobre as classes médias e altas, que tinham que conviver com o aumento da vadiagem, alcoolismo, prostituição e roubos, e outras mazelas sociais próprias dos países da Europa, que não podiam incorporar toda a população ao mercado de trabalho. Vários artigos de uma reportagem aparecida no jornal *La Prensa*, em 1901, estiveram relacionados com o desemprego por setor e coletivo. O primeiro artigo desta série, de 16/VIII/1901, mostra claramente quais as preocupações dos portenhos em relação à questão social: “*Os Operários e o Trabalho. A carestia da vida. Falta de emprego no país da carne e do trigo*”. Os setores em que este jornal apontava problemas de emprego eram: Empregados, operários e peões (21/VIII); pedreiros (23/VIII); sapateiros (24/VIII); marceneiros (26/VIII); ferreiros (28/VIII); mecânicos, licoristas, gesseiros, alfaiates e trabalhadores do couro (30/VIII);

---

<sup>26</sup>- O DNT considerava 4 tipos de desemprego: Periódico, Sazonal, Trabalhos ocasionais e Tecnológico. ‘*La desocupación*’ IN: “*Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*” Febrero de 1920, págs. 98 e 99.

trabalhadores dos bondes (1/IX); empregados em lojas (4/IX); pintores (5/IX); carregadores, policiais e cabeleireiros (7/IX); e gráficos (15/IX).

Os números apresentados por *La Prensa* eram muito imprecisos e, com o início da colheita e a saída de muitos dos desempregados para o campo, esta questão deixou de ser uma preocupação. Este jornal estimava que, durante a crise da virada do século, 20 mil pessoas ficaram desempregadas ou tinham rendimentos irregulares; outros 6.500 eram jornaleiros profissionais, afetados pela situação crítica, e mais 20.000 esperavam um emprego no Estado. Somados davam pouco menos do que 20% da força de trabalho, que era calculada em 235.355 trabalhadores.<sup>27</sup>

O excesso de trabalhadores na cidade era atribuído à falta de previsão dos trabalhadores rurais e à mecanização crescente nas tarefas rurais. Assim, muitas pessoas que se empregavam nas colheitas saíam tarde e retornavam cada vez mais rápido dos campos. Nos anos com boas colheitas e com maior circulação de papel-moeda, a problemática do desemprego era contornada pela maior demanda de trabalhadores não qualificados nas tarefas do porto da cidade, nos trabalhos públicos e pela expansão da demanda de produtos manufaturados localmente e elaborados na flexível indústria doméstica. Nos anos particularmente duros, os trabalhadores das obras públicas ficavam parados ou demoravam a receber seus ordenados, a indústria doméstica deixava de receber pedidos, as oficinas enxugavam pessoal e as grandes fábricas revezavam o pessoal em horários curtos.

O desemprego, produto das crises cíclicas que atingiam Argentina, somado ao desemprego sazonal, produzia momentos de tensão e facilitava a organização daqueles que eram diretamente afetados por esta questão. Embora socialistas e anarquistas privilegiassem a organização dos trabalhadores, principalmente aqueles com ofícios definidos, os desempregados contaram com a simpatia e o apoio de ambos os grupos.

---

27.- “Los obreros y el trabajo. Las personas que trabajan. Empleados, obreros y peones. ¿Cuántos son? Enorme proporción de desocupados. Casi 50.000 en Buenos Aires. VI” IN: “*La Prensa*” 21/VIII/1901, pág. 5.

Mas a falta de estratégias para enfrentar a situação refletiu-se nas posições, algumas delas conjuntas, adotadas por socialistas e anarquistas, como passeatas e comícios.<sup>28</sup>

Só depois, já na segunda década do Século XX, a questão do desemprego começou a ser considerada como um fato econômico, e não como parte da questão social. Até pelo menos 1911, esta questão não preocupava as autoridades, que entendiam que o crescimento econômico permitia incorporar os trabalhadores chegados de ultramar e que era uma das etapas de adaptação à nova sociedade, superada por quem estava pronto para trabalhar.<sup>29</sup>

A posição oficial sobre a questão começou a mudar em 1912 quando os efeitos da crise que antecedeu à Grande Guerra foram sentidos na Argentina. Os altos níveis de desemprego e de estagnação da economia argentina fizeram mudar a óptica dos governantes e a questão social passou a ser encarada pelos reformistas liberais e católicos. Esta crise levou ao aumento do nível de desemprego e evidenciou esta situação. Julio Lezama, a cargo do *DNT*, pedia que esta instituição fosse a encarregada de auxiliar os desempregados, reconhecendo que este era um fato estrutural.<sup>30</sup> O exército de reserva estava pronto e tinha de ser mantido no país. Este exército ganharia a guerra das greves. Justamente esta era a causa pela qual o desemprego, embora com picos sazonais, tinha características estruturais na economia argentina do período. Buenos Aires era o refúgio para passar o período da entre safra. Ainda em 1919, um observador das migrações internacionais colocava a Argentina como um país de alto risco para a imigração e, principalmente, para os trabalhadores menos qualificados,

---

<sup>28</sup> No dia 2/VIII/1902 aparecia a convocatória a vários comícios contra a fome em “*L’Avenir*. Nº200”. No número seguinte aparece a crônica do comício principal em *Plaza de Mayo*, que tinha contado com a presença dos socialistas Palacios e Patroni, dois anarquistas não identificados, um membro da FOA, e um trabalhador padeiro. Palacios queixou-se da falta de ações oficiais para apoiar os desempregados. Cf. “*L’Avenir*. Nº201” 9/VIII/1902.

<sup>29</sup>- ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “*Memoria del Ministerio del Interior (1910-1911)*” Buenos Aires, Edit. Juan Alsina. 1911, pág. 19.

<sup>30</sup>- ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “*Memoria del Ministerio del Interior (1912-1913)*” Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1913, pág. 463 e BUNGE, Alejandro “*Los problemas económicos del presente. Vol. I*” Buenos Aires, s/d, 1920, pág. 159.

devido a que as crises de desemprego eram severas. Nos anos de colheitas ruins as crises de desemprego podiam ser piores, sendo necessário recorrer a algum biscate.<sup>31</sup> Para os trabalhadores-imigrantes urbanos, outros locais de destino eram tão difíceis quanto Buenos Aires, e as possibilidades de retorno ou migração para fora da Argentina não eram mais sensatas que permanecer à espera de novas oportunidades.

As pesquisas sistemáticas sobre o desemprego começaram em 1912 e eram publicadas na *Revista de Economía Argentina* de Alejandro Bunge, quem concordava com a visão oficial, mas, segundo ele, o desemprego como problema tinha origem em 1910, iniciado com a estagnação econômica. Sem crescimento e com um saldo migratório estabilizado em 150.000 pessoas, o resultado só podia ser o desemprego e o crescimento. Com a imigração limitada pela Grande Guerra, a situação tinha se estabilizado com as necessidades de mão-de-obra para a colheita de 1914. Depois da colheita, os jornaleiros afluíram em massa a Buenos Aires, no inverno de 1915, revelando evidenciando uma situação que se tornaria crítica nos anos seguintes.<sup>32</sup>

No momento crítico do desemprego o DNT realizou um *Censo* dos desempregados. O Censo, na realidade, foi um registro voluntário, que devia ser preenchido nos Distritos Policiais da cidade de Buenos Aires. Os desempregados esperavam receber algum tipo de apoio estatal. Alguns dados deste registro são interessantes: apresentaram-se 10.073 indivíduos, dos quais 3.300 (32%) eram italianos, 257 espanhóis (2,6%), 2.159 argentinos (21,4%), 1.206 (12%) otomanos, e 3.408 de nacionalidades diferentes. Classificados pelo seu estado civil, temos: 4.494 (44,6%) solteiros, 5.172 (51,3%) casados e 407 (4,1%) viúvos. Por nível de alfabetização: 6.998

---

<sup>31</sup>- FOERSTER, Robert "The Italian emigration of Our times" New York, Arno Press and The New York Times, 1969 (1ª ed. em inglês 1919), pág. 268.

<sup>32</sup>- BUNGE, Alejandro "La desocupación en la Argentina" Madrid, Sobrinos de la Sucesora de M. Múñesa, 1917, págs 9 e 10 e ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR "Memoria del Ministerio del Interior (1914-1915)" Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1915, pág. 6-45.

(70%) alfabetizados e 3.075 (30%) analfabetos. A maioria dos que se apresentaram tinham entre 21 e 25 anos de idade.<sup>33</sup>

O aumento no nível de desemprego só foi possível com a reativação econômica do imediato pós-guerra. No Quadro VII apresentamos a evolução do desemprego no período, para o conjunto da República Argentina, seguindo as estatísticas oficiais realizadas pelo DNT desde 1914:

*QUADRO VII: Evolução do Desemprego (1914-1920)*

	<i>Empregados</i>	<i>Desempregados</i>	<i>% Desempregados</i>
1914	343.984	62.136	15,3
1915	337.882	74.170	18,0
1916	312.997	103.028	24,8
1917	292.840	126.333	30,1
1918	335.239	88.010	20,8
1919	352.242	74.645	17,5
1920	359.614	72.820	16,8

**Fonte:** Elaborado em base aos dados de SHIPLEY, Robert “*On the Outside Looking in: A Social History of the Porteño worker during the ‘Golden Age’ of Argentine Development. 1914-1930*” Tese de Doutorado apresentada a Rutgers University, New Brunswick, 1977, pág. 348.

Depois de ter apreciado a questão do desemprego, fica bastante claro que a preocupação com o desemprego em Buenos tem origem no Século XX. Isto deveu-se, em grande medida, a que neste período passou-se de um mercado de demanda excedente a um mercado de oferta excedente. A razão desta mudança de tendência estava na manutenção de altos níveis de ingresso de imigrantes e nas menores taxas de crescimento nos setores que tinham puxado o progresso argentino: a expansão da superfície cultivada, das Estradas de Ferro e da construção civil.<sup>34</sup>

Apresentaremos aqui unicamente a situação dos assalariados, e não daqueles que estiveram temporariamente parados. Uma das principais preocupações era com a

<sup>33</sup>- ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “*Memoria del Ministerio del Interior (1916-1917)*” Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodríguez Giles, 1917, págs. 297 e 298. Para 1914, O DNT calculava que em Buenos Aires havia 42.935 desempregados, ou seja, o 15,3% da força de trabalho REPÚBLICA ARGENTINA, DEPARTAMENTO NACIONAL DE TRABAJO “*La desocupación de los obreros en la República Argentina*” Buenos Aires, Comi Hnos., 1915, pág. 15.

<sup>34</sup>- GUTIERREZ, Leandro “*Condiciones materiales de vida de los sectores populares en el Buenos Aires finisecular*” IN: “*De Historia e historiadores. Homenaje a José Luis Romero*” México, Siglo XXI, 1982, pág. 431 e CORTÉS CONDE, Roberto “*El progreso argentino. 1880-1914*” Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1979. Sobre o mercado de trabalho no período [*vide* ADELMAN, J. *Op. Cit.*, págs. 9 e 14.

importação de bens de consumo, que constituíam grande parte do consumo operário. As importações foram condicionadas pelos ciclos e por outros fatores. Um deles é o tipo de câmbio utilizado pela Argentina. É importante lembrar que a Argentina tomou medidas protecionistas que restringiam as importações de forma direta ou indireta. Por exemplo, entre 1882 e 1891 a moeda sofreu uma desvalorização de 322%, o que contribuiu para desanimar as importações.<sup>35</sup>

Um informe de William Buchanan, o então Embaixador dos Estados Unidos na Argentina, mostra o impacto da desvalorização da moeda entre 1886 e 1896. Este informe foi complementado por outros pesquisadores da época, que apresentaram a evolução da desvalorização, como aparece no quadro VIII.

*QUADRO VIII: Desvalorização do Peso Papel*

<i>Año</i>	1886	1890	1892	1894	1896
Ouro	139	251	332	357	296
Peso papel em ouro	0.71	0.40	0.30	0.28	0.34
Desvalorização (%)	29	60	70	72	66

**Fonte:** DEMÓCRATA 'Salarios y consumos. Informe del Sr. Buchanan' IN: "La Agricultura N°231, Año V" Buenos Aires, 3/VI/1897, pág. 317.

A desvalorização provocava uma contenção forçosa do consumo operário. O salário não conseguia acompanhar o aumento dos preços dos produtos importados e as alternativas eram poucas: substituí-los pelos produtos nacionais, quando estivessem disponíveis no mercado, ou por outros diferentes, e continuar a adquiri-los em detrimento de outros consumos. Um estudo sobre o impacto da desvalorização durante o período do padrão ouro, realizado pelo acadêmico dos Estados Unidos John Willians<sup>36</sup>, mostrava o impacto nos salários estabelecidos por Buchanan. O quadro é revelador da ação dos protecionistas e de como foram beneficiados os industriais, muito mais que os exportadores de produtos primários:

<sup>35</sup>- PANETTIERI, José "Los trabajadores" Buenos Aires, CEAL, 1982 (1ª ed. 1966), pág. 57. Sobre o protecionismo deste período CHIARAMONTE, José Carlos 'Las ideas económicas' IN: ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA "Nueva Historia de la Nación Argentina. Tomo V" Buenos Aires, Planeta, 2000, págs. 456 a 459.

<sup>36</sup>- WILLIAMS, JOHN "El comercio argentino en un régimen de papel moneda inconvertible. 1880-1900" Buenos Aires, Mercatali, 1922.

QUADRO IX: Preços e Salários em Relação ao Ouro

ANO	SALÁRIOS	PREÇOS DE IMPORTAÇÃO	PREÇOS DE EXPORTAÇÃO	PREÇO DO OURO
1886	100	100	100	100
1890	125	347	165	181
1896	161	380	204	213

**Fonte:** Em base a WILLIAMS, JOHN “El comercio argentino en un régimen de papel moneda inconvertible. 1880-1900” Buenos Aires, Mercatali, 1922, págs. 86 e 105.

Uma outra solução, proposta neste caso pelo jornalista *Demócrata*, era trabalhar mais. Se o chefe da família não podia, então o resto dos seus integrantes devia colaborar para complementar o orçamento. Esta era uma das etapas da acumulação capitalista e não havia muita escolha.<sup>37</sup> As estratégias ante esta situação eram limitadas. Segundo Buchanan, a política de desvalorização do papel-moeda tornava os habitantes da Argentina especuladores, que esperavam as baixas ou as altas do ouro para efetuar as suas transações, até as transações cotidianas.<sup>38</sup>

A desvalorização do papel-moeda favorecia aqueles que exportavam, mas também os incipientes industriais locais, que eram beneficiados pelos baixos salários relativos pagos aos trabalhadores. Assim eles conseguiam uma produção menos custosa, podendo até concorrer com a produção estrangeira. Este fato era destacado pelo próprio Ministério da Fazenda.<sup>39</sup>

Os trabalhadores não deixaram de criticar a desvalorização, nem de perceber que os diretamente favorecidos por ela eram os industriais e o governo, que podia consolidar desta forma o orçamento nacional. Ainda quando o governo não tinha como objetivo incentivar as exportações industriais, a desvalorização da moeda e a

<sup>37</sup>- DEMÓCRATA ‘Salarios y consumos. Informe del Sr. Buchanan’ IN: “La Agricultura N°231, Año V” Buenos Aires, 3/VI/1897, pág. 317. Como sabemos, não é de bom positivista pular etapas.

<sup>38</sup>- BUCHANAN, William ‘La moneda y la vida en la República Argentina’ IN: “Revista de Derecho, Historia y Letras, Año I, Tomo II” Buenos Aires, Peuser, Diciembre de 1898, pág. 221. Este informe foi publicado inicialmente no *Boletim Estatístico dos Estados Unidos de América*, em 1896, mas a sua repercussão foi tão grande nos meios econômicos e políticos que acabou sendo publicado nesta revista, dirigida por Estanislao Zeballos, um dos mais influentes políticos do período. Para avaliar o impacto já temos apresentado um comentário de *Demócrata*, aparecido num número anterior da Revista *La Agricultura*, publicado antes que o artigo de Buchanan fosse traduzido e publicado na Argentina.

<sup>39</sup>- O Ministério não estava muito preocupado com os efeitos que isto podia ter nos consumos das famílias operárias *Memoria del Ministerio de Hacienda de la Nación (1892)* Apud PANETTIERI, J. *Op. Cit.*, pág. 58.

queda relativa dos salários permitia que algumas produções industriais fossem encaminhadas aos mercados estrangeiros. Em pleno auge da política protecionista, em 1896, foi anunciado o envio de uma remessa de fósforos para a Europa, com grandes manchetes nos jornais burgueses, mostrando a Argentina como um país em vias de industrialização. Um periódico anarquista, dirigido pelo inglês Juan Creaghe, aproveitou esta ocasião para demonstrar que a exportação era possível pela depreciação dos salários dos trabalhadores da cidade de Buenos Aires.<sup>40</sup>

Outra forma de favorecer a queda das importações era colocando altas taxas alfandegárias em certos produtos importados, especialmente aqueles de consumo popular. Isto gerava uma alta arrecadação para os cofres públicos, encarecia os consumos importados, favorecia a produção nacional, contentando a todos. Menos os trabalhadores, que recebiam salários em papel-moeda depreciado e tinham que pagar os produtos consumidos em pesos ouro, e alguns reformistas, que eram contrários a esta situação.

Como os produtos que chegavam do exterior pagavam taxas alfandegárias pelo volume ou pelo peso, e não pelo valor, resultava então que grande parte da arrecadação do Estado argentino tinha origem nos consumos populares, como açúcar e vinho (que pagavam mais do 100% do valor em taxas de alfândega), e outros produtos protegidos, cujas taxas chegavam a 75%, como querosene, papel, arroz, café, amido, óleo comestível e feijão. Ainda nas décadas de 1890 e 1900 o açúcar, os fósforos, os cigarros, a cerveja e o vinho eram responsáveis por grande parte da arrecadação do Estado. Paradoxalmente, os charutos cubanos, a champanha francesa, as azeitonas espanholas e os doces ingleses contribuía muito pouco.<sup>41</sup>

Outra crítica dos trabalhadores referia-se à política de desvalorização do papel-moeda, presente até os anos iniciais do século XX. Em 1897, o sindicalista e socialista

<sup>40</sup>- *Ide 'Notas'* IN: "El Oprimido. N°20" Luján, 20/IX/1896.

<sup>41</sup>- SCOBIE, James "Buenos Aires del Centro a los barrios. 1870-1910" Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. 1974), pág. 181.



Adrián Patroni, justificava a grande quantidade de greves produzidas nesse ano porque às extensas jornadas de trabalho juntava-se o fato de que os salários não cresciam de acordo com a desvalorização do papel-moeda. Para este socialista, a consequência era a greve, considerada pelo PSA como uma forma primitiva da luta de classes. Segundo Patroni, ante a desvalorização, os industriais atuavam da seguinte forma:

*“Enquanto o metálico sobe alguns pontos, sobe o preço da mercadoria e com a pouca vergonha de afirmar que é causa da alta do ouro tiveram que aumentar os salários quando na realidade essa alta representa salários menores.”<sup>42</sup>*

O pró-socialista *Diario del Pueblo* concordava com Patroni. Num artigo de 1899 afirmava que a consequência da política de desvalorização seria a detenção da corrente migratória. Porém, ao contrário dos socialistas, este jornal responsabilizava diretamente o Presidente, os Senadores, e Tornquist, um dos grandes capitalistas da Argentina. O papel-moeda dificultava que os imigrantes chegassem, tentaram regressar ou enviar dinheiro as suas famílias na Europa. Os únicos que aceitavam trabalhar pelos salários em papel moeda eram os índios do Litoral. Ante esta situação, os italianos preferiam dirigir-se aos Estados Unidos, ainda que fossem maltratados.<sup>43</sup>

Por volta de 1890, uma demanda recorrente das associações de trabalhadores foi a fixação dos salários em pesos ouro, como a melhor forma de fugir da rápida desvalorização do papel-moeda, manter o nível de renda e incrementá-lo ano a ano. Esta reivindicação, que foi mais forte depois da crise de 1890, começou a desaparecer com a valorização do peso papel, passando a ser reivindicada uma estabilidade monetária real. A partir de 1899, temos uma nova mudança nas reivindicações, que passaram a ser contrárias à política da fixação de um valor para o papel-moeda, dados pela lei de convertibilidade. Os trabalhadores tinham deixado de ser favorecidos pela baixa continuada do preço do ouro.<sup>44</sup>

<sup>42</sup>- PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 154 e 155. Patroni coincidia com o nada operário embaixador americano, BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, pág. 220.

<sup>43</sup>- ‘Política “contra los gringos”. Estos deben defenderse’ IN: “*Diario del Pueblo*” 5/X/1899.

<sup>44</sup>- SPALDING, Hobart “*La clase trabajadora argentina (Documentos para su historia - 1890/1912)*” Buenos Aires, Ed. Galerna, 1970, pág. 38 e 39.

A criação das organizações operárias encaminharam as reivindicações em direção à manutenção dos níveis de consumo adequados a uma família operária. Os seus periódicos continuaram a transmitir suas preocupações com as taxas alfandegárias, sem esquecer a análise da moeda.

A baixa do ouro não foi bem recebida pelos anarquistas. O principal jornal anarquista do período – *La Protesta Humana* – entendia que esta baixa não passava de um *bluff*, de um ato de propaganda em favor da Argentina. O objetivo da mesma era favorecer a chegada de mais imigrantes, o que significava mais trabalhadores, mais desempregados e salários mais baixos; e ainda, maior consumo de produtos básicos e alta na carestia da vida. Sem esquecer que os donos de oficinas e fábricas tendiam a compensar as perdas de lucros em pesos ouro, e não em papel-moeda, diminuindo os salários; que os aluguéis não caíam, porque estavam fixados com antecedência; e que os produtos importados continuavam sendo fortemente taxados pelo governo nacional.<sup>45</sup>

As críticas à carestia da vida começaram a ser frequentes depois da crise de 1890. Durante toda a próspera década de 1880, o crescimento abafou as críticas ao governo e foram encaminhadas a uma problemática mais específica e evidente, como a moradia. Porém, a partir da crise de 1890, começou a reação dos operários, embora com certa timidez inicial. No final deste mesmo ano, foi fundado o semanário *El Obrero*, periódico oficial da socialista *Federación Obrera Argentina* (FOA) e o principal propalador das críticas à carestia. Seus questionamentos ecoaram nos jornais e periódicos contrários ao governo. Em 1891, este jornal reproduziu uma carta ao Presidente da República, segundo a qual uma terça parte dos trabalhadores não conseguia completar suas necessidades alimentares básicas, o que era provado pela crescente taxa de mortalidade infantil. A crise, que se estava tornando crônica na opinião dos membros da FOA, só

---

<sup>45</sup>- ‘El Oro y los salarios’ IN: “**La Protesta Humana. Periódico Anarquista. N°53**” 27/1/1899. Este foi outro dos periódicos fundados por Juan (John) Creaghe (1841-1920), anarquista irlandês e ainda com militância na Inglaterra; nos Estados Unidos e no México.

podia ser contornada com a modificação do sistema fiscal, que enxugava os salários operários.<sup>46</sup>

Esta crítica continuaria por longo tempo; de fato, os militantes socialistas argumentavam que o sistema de impostos, que favoreceria à indústria local, só prejudicava a os trabalhadores, pois diminuía o salário em quase 15%. A alimentação representava 50% do orçamento e a moradia 33%, o que dá a dimensão do impacto dos impostos, que era alarmante. Os consumos populares eram fortemente taxados. Vejamos os seguintes exemplos: a sal comum, por exemplo, pagava 10% de impostos, o sal refinado em frascos pequenos, no entanto, pagava 4%; o café em grãos a granel pagava 9%; o café de boa qualidade, só 6%; o vinho comum sem fracionar 100%; o vinho fino engarrafado, apenas 7%. Além do mais, as taxas dos consumos internos produziam uma falta de correlação nos preços internos e externos, pelo que os produtos de origem local tinham um preço maior na Argentina que na Europa, incluindo o frete.<sup>47</sup>

Segundo os socialistas, outros grandes responsáveis pela carestia da vida eram os *especuladores*, um grupo nunca definido com precisão, que atuava nas trevas para obter altos lucros, segurando algum tipo de mercadoria de consumo popular. Nas menções que os periódicos socialistas fazem dos especuladores, não aparece uma única vez um nome próprio, ou de qualquer empresa. Porém, há uma queixa constante ao governo

---

<sup>46</sup>- *Presentación de la Federación Obrera dirigida al Excmo. Sr. Presidente de la República*, publicada em *El Obrero* de 24/I/1891. *Apud* SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 134 a 140.

<sup>47</sup>- Este mesmo argumento é repetido pelas vozes autorizadas do PS, como: PALACIOS, Alfredo L. "**La miseria (en la República Argentina). Tesis rechazada**" Buenos Aires, Larrañaga y Renovales, 1900, pág. 18; e PATRONI, Adrián "**Los trabajadores en la Argentina**" Buenos Aires, Imp. de Chacabuco 664, 1897, págs. 124 a 126. Este argumento cristalizaria como posição oficial do Partido Socialista num Manifesto de 1907. *Apud* SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 406 e 407; o montante dos impostos em '*Legislación Burguesa. La ley de Aduana*' IN: "**La Vanguardia. Periódico Socialista Científico**" 10/I/1895. Outras críticas sobre as distorções dos preços, principalmente sobre os preços da carne, *Ídem* '*Ha dicho "La Nación"*' IN: "**La Vanguardia. Defensor de la clase trabajadora**" 6/IX/1903; '*El país del pan*' IN: "**La Vanguardia**" 31/V/1908; e '*Carne para los pobres*' IN: "**La Vanguardia**" 2/V/1910.

para atuar contra aqueles que seguravam um produto, geralmente o açúcar, para forçar o seu aumento.<sup>48</sup>

Os reformistas burgueses compartilhavam das críticas socialistas. Eles entendiam que os altos impostos aos produtos importados não favoreciam nem aos trabalhadores nem à indústria, que tinha que pagar altos salários.<sup>49</sup> Mas os reformistas esqueciam que os 'altos' salários não compensavam as altas geradas pelos impostos, nem acompanhavam a desvalorização da moeda, garantindo ainda uma reserva de mercado à produção local.

Os promotores da indústria nacional achavam esta observação correta, mas a avaliação era incorreta. Segundo eles os impostos dos produtos estrangeiros constituíam a maior parte do orçamento do Estado, permitindo a concorrência dos produtos nacionais e criando empregos, que favoreciam os próprios trabalhadores que criticavam as taxas.<sup>50</sup>

Os sindicalistas revolucionários tinham posições um tanto divergentes àquelas dos socialistas. Nos primeiros anos da sua existência, ainda como membros do PS, as propostas foram coincidentes. Mas depois da expulsão dos sindicalistas do PS, em 1906, as coisas mudaram significativamente. Seguindo a tática anti-política, para eles o problema não estava no sistema alfandegário, porque a diminuição dos impostos não podia modificar a situação dos trabalhadores. Num artigo aparecido no seu jornal em 1912, tentaram esclarecer a posição: O problema estava no desmedido afã de lucro dos

---

<sup>48</sup>- Como exemplos *Vide* 'El azúcar todavía más caro' IN: "La Vanguardia" 14/II/1908 e 'El azúcar' IN: "La Vanguardia" 30/I/1910.

<sup>49</sup>- Entre os reformistas é possível mencionar a ALSINA, Juan "El Obrero en la República Argentina. Tomo II" Buenos Aires. Imp. Calle de México 1422, 1905, pág. 2; BONAPARTE, Luis "Carestía de la vida. Causas económico-sociales. Medidas que se imponen" Santa Fe, Éxito, 1913, pág. 8; e FRERS, Emilio 'Discurso del día 3 de Julio ante la Cámara de Diputados, sobre la carestía de la vida' IN: "Boletín del Museo Social Argentino, Tomo I, Nº 8" Buenos Aires, 1912, pág. 319. Posições similares foram defendidas em *La Prensa* que questionou estes impostos. *Vide* 'Los obreros y el trabajo. Causas de la crisis obrera. La alimentación en Buenos Aires. Su insuficiencia. Merma de 108.599 cabezas en el abasto. Déficit de 17.000.000 de carne. V' IN: "La Prensa" 20/VIII/1901, pág. 5.

<sup>50</sup>- Dois importantes representantes desta corrente eram Marco Avellaneda e Juan B. González. *Vide* AVELLANEDA, Marco 'Prólogo' IN: GONZÁLEZ, Juan B. "El encarecimiento de la vida en la República Argentina" Buenos Aires, Las Ciencias, 1908, pág. IX e GONZÁLEZ, J.B. *Op. Cit.*, págs. 101, 126 e 134.

capitalistas, que carregavam excessivamente os preços, prejudicando os trabalhadores.<sup>51</sup> Segundo este grupo, a crítica ao sistema de impostos era uma crítica oportunista da oposição, ou seja dos socialistas, que, ainda que chegasse ao governo, não modificaria a situação. As férias livres eram um exemplo, não se pagavam impostos e os preços continuaram altos. A solução dos sindicalistas revolucionários para a carestia era muito simples, porém coerente com o seu ideário: organização do operariado em sindicatos e federações operárias, guerra aos especuladores, greve e luta de classes.<sup>52</sup>

As posições dos sindicalistas revolucionários eram radicalizadas pelos anarquistas. Durante a década de 1890, os anarquistas analisaram os fenômenos econômicos e sociais, mas as urgências da militância e das disputas entre ‘individualistas’ e ‘organizacionistas’ preteriram esta questão. A carestia da vida tornou-se um simples pretexto para à agitação.<sup>53</sup> Ante um aumento no pão ou qualquer produto de consumo dos trabalhadores, responsabilizavam-se os ‘capitalistas’ ou os ‘especuladores’. As soluções propostas eram difusas e angustiantes, usando *slogans* como: ‘pegar o que não é possível pagar’, ‘combater os especuladores’, ‘realizar campanhas em prol do barateamento dos artigos de consumo popular’ e ‘...as únicas soluções possíveis são as que dará o povo’.

Alguns viajantes tinham outra percepção do assunto. Eles também entendiam que o alto preço dos alimentos era compensado pelos altos salários e que, portanto, a comparação com outros locais fora da Argentina não era plausível. Segundo eles, os

---

<sup>51</sup>.- ‘La lucha obrera y la carestia de consumo’ IN: “**La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N°284**” 14/VI/1913.

<sup>52</sup>.- ‘El encarecimiento de los consumos’ IN: “**La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N°242**” 3/VIII/1912. Cf. com o difundido panfleto do Sindicalista revolucionário BOSIO, Bartolomé “**Un fenómeno de la economía capitalista ¿Porqué es caro el pan?**” Buenos Aires, Sindicato de Obreros Ebanistas, Similares y Anexos, 1920, pág. 9. Alguns artigos reiteram estas soluções: ‘El encarecimiento de los consumos’ IN: “**La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N°237**” 28/VI/1912; ‘La vida cara’ IN: “**La Confederación. Organo Oficial de la Confederación Obrera Regional Argentina. N°15**” 1/II/1913; e ‘La desocupación y la carestia de la vida’ IN: “**La Confederación. Organo Oficial de la Confederación Obrera Regional Argentina. N°16**” IV/1914.

<sup>53</sup>.- Esta é a opinião resultante de uma série de notas sobre a questão de BIRRI, Blas ‘Necesidad de la lucha por mejoras’ IN: “**La Protesta**” 20/VIII – 3/IX e 6/IX/1913.

trabalhadores que chegavam de ultramar compensavam a falta dos consumos que tinham nos seus países de origem com os produtos locais; a final tinham a carne e o pão baratos. Se faltava qualidade, tinham quantidade ou pelo menos, o acesso a esses produtos.<sup>54</sup>

Por diversas razões, outros visitantes achavam que os trabalhadores da Argentina mal conseguiam viver com os preços que tinham que pagar pelos seus magros consumos. Fosse durante as crises da década de 1890 ou com a depressão da Grande Guerra, os imigrantes não conseguiam melhorias importantes, em comparação com o local de partida.<sup>55</sup>

Os representantes britânicos na Argentina, que estavam preocupados com uma provável corrente migratória de massas das ilhas britânicas à Argentina, acabavam ocupando-se da carestia da vida. Com informes diretos, tentavam desencorajar os interessados. Em 1890 era evidente que o progresso tão mencionado e as possibilidades de fazer a América não estavam ao alcance daqueles que contavam unicamente com um salário como meio de vida; nesse caso, era melhor permanecer em casa. Se os salários eram elevados, o custo de vida era ainda maior. Os ingleses não tinham como concorrer com outros imigrantes, mais frugais e esforçados, como espanhóis ou italianos. E ainda apresentavam os imigrantes britânicos tratados como escravos, maltratados pelos patrões *criollos* e auxiliados unicamente pelos seus conterrâneos que

---

<sup>54</sup>- CAZZANI, Alessandro "L'Argentina qual'è veramente" Buenos Aires, Est. Gráfico de Gunche, Wiebeck y Turtl, 1896, págs. 82 e 83. Dez anos depois este argumento continua a ser utilizado pelo viajantes otimistas como SANTIQUOSA, Carlos María "El Río de la Plata. Montevideo, Buenos Aires (Recuerdos de viaje)" Sevilla, Heraldo Sevillano, 1906, pág. 87.

<sup>55</sup>- Algumas destas críticas eram de jornalistas anarquista, outras de cidadãos de outros países de imigração que colocavam, assim, suas terras como melhores para receber os trabalhadores europeus. BASTERRA, Félix B. "El crepúsculo de los gauchos (Estado actual de la República Argentina)" Paris – Montevideo, Les Temps Nouveaux – Lib. de la Universidad, 1903, págs. 19-20; BRANT, Mario "Viaje a la Argentina" Buenos Aires, Ed. Botella al Mar, 1980 (1ª ed. 1917), pág. 99; e KOEBEL, W. H. "Modern Argentina. The Eldorado of Today" Boston, Dana Estes & Company, 1919, pág. 99.

tinham enriquecido, ninguém sabe como. Este tipo de apreciação se repetiria nos informes de 1892 e 1893.<sup>56</sup>

Finalmente, qual era a posição do Estado ante esta situação? Geralmente, suas explicações não tocavam na questão das taxas alfandegárias ou na desvalorização da moeda. Causas ocasionais ou conjunturais eram utilizadas para poder explicar a carestia da vida, como por exemplo, a falta de leis protetoras do trabalhador, as festas do *Centenário*, e as conjunturas internacionais. As *Memorias del Ministerio del Interior*, ao longo do nosso período, evidenciam esta posição. Ainda que os governos mudassem, as posições sobre a carestia da vida eram similares ou idênticas. Governos conservadores, até 1916, e o radicalismo, depois, tiveram praticamente a mesma atitude.<sup>57</sup>

Para dar um pouco mais de precisão à discussão da carestia, apresentaremos um quadro da evolução dos salários operários ao longo do período, ainda que com algumas dificuldades, decorrentes da falta de dados confiáveis ou de dados para todos os anos. Só a partir da criação do DNT, em 1907, temos uma série salarial.

A determinação dos valores é muito complicada, pois se considerarmos as médias salariais estaremos criando um universo irreal, superestimando o que recebiam alguns grupos e depreciando o recebido por outros. É necessário fazer um esclarecimento a respeito dos salários em Buenos Aires. Quando estimamos o salário, não podemos deixar de pensar na heterogeneidade existente entre os distintos setores produtivos, setores em expansão, setores ligados à agro-exportação, setores que concorriam com os produtos estrangeiros, entre outros. Outra questão que não é especificada é a desocupação, sazonal ou conjuntural. A desocupação era um fenômeno

---

<sup>56</sup>.- Para exemplificar esta situação o cônsul britânico enviou um artigo publicado no *Buenos Ayres Herald* de Janeiro de 1899. UNITED KINGDOM "British Parliamentary Papers. Vol. LXXVI, 1889. Account and papers. Correspondence respect emigration to the Argentine Republic" London, Her Majesty Stationery Office, 1890, págs. 10 e 11. O cônsul, G. Jenner, apresentava uma opinião similar num dos seus informes elevados ao Ministro das Relações Exteriores, Marquês de Salisbury *Ibidem*, pág. 72. As cartas de cidadãos britânicos alertam para o perigo de imigrar para Argentina: *Letter from Mrs. E. Jolliffe to Home Office* e *Letter from J. Mc Allister to the Editor of the 'Irish Times'* reproduzidas nas páginas 14 e 15, do mencionado informe.

<sup>57</sup>.- Nas Memórias do Ministério do Interior, aparecem informes sobre a questão social e sobre esta questão em particular, *Véase Memoria del Ministerio del Interior 1901 a 1918*.

que afetava um vasto setor da sociedade portenha, sendo muito difícil escapar aos seus efeitos. Nestes casos, os desocupados podiam sustentar-se com biscates ou com trabalhos ocasionais. Mas é evidente que existia um *minimum* necessário para a sobrevivência, e a maior parte das famílias operárias de Buenos Aires não conseguia muito mais do que isto. Por isso, é importante estabelecer os níveis de consumos e de vida da população operária desta cidade.

O problema é como abordar a questão salarial sem dados oficiais e com escassos dados oficiosos. Para isto, iniciaremos a análise com os dados disponíveis nos anos anteriores à criação do DNT, continuaremos com os estudos contemporâneos destinados a salvar as lacunas existentes e, finalmente, apresentaremos os dados oficiais.

Para o período prévio a 1907, alguns observadores, militantes e políticos tentaram especificar o valor do salário para a cidade de Buenos Aires fazendo suas próprias pesquisas. Em alguns casos as observações podiam concentrar-se numa única categoria, ou ainda num momento específico. Outros tentaram construir séries um pouco mais extensas. O primeiro estudo da questão salarial na Argentina não foi de um membro das classes dirigentes locais ou de um militante operário, mas do embaixador dos Estados Unidos, William Buchanan. O objetivo de Buchanan nesta pesquisa era estabelecer as possibilidades que a Argentina apresentava de tornar-se um país receptor das migrações internacionais e de atrair parte do fluxo imigratório.

Buchanan coletou dados de mais de 100 categorias laborais, para os anos 1886, 1890, 1892, 1894 e 1896, além de dados sobre preços de bens de consumo. Segundo Buchanan, em 1896 os salários reais eram mais baixos que em 1886, devido à diferença do poder de compra da moeda nos dois anos.<sup>58</sup> O que Buchanan não menciona, mas que é evidente no seu quadro salarial, é que as possibilidades de barganha dos diversos grupos de trabalhadores estiveram afetadas pelas características particulares de cada setor

---

<sup>58</sup>.- BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, pág. 197.



da produção. Por exemplo, para um operário qualificado a situação não era a mesma que a de um não-qualificado, e ainda podia ser diferente para aquele que estava ligado ao setor exportador ou ao mercado interno. Os estivadores conseguiram maiores benefícios mais rapidamente do que outros trabalhadores não qualificados, como os jornaleiros. Esta situação ainda permite explicar porque os setores ligados à exportação realizaram menos greves que os trabalhadores industriais. No Quadro X, apresentamos algumas das profissões e seus salários:

*QUADRO X: (Salários por dia em papel-moeda)*

<i>Profissão</i>	<i>1886</i>	<i>1890</i>	<i>1892</i>	<i>1894</i>	<i>1896</i>
Padeiros	\$ 4.00	\$ 4.75	\$ 5.00	\$ 5.50	\$ 5.50
Bordaduras	\$ 2.00	\$ 2.50	\$ 2.50	\$ 2.50	\$ 2.75
Pedreiros (1 <sup>ra</sup> )	\$ 2.25	\$ 2.75	\$ 3.50	\$ 3.75	\$ 4.25
Maquinistas	\$ 3.00	\$ 3.25	\$ 3.75	\$ 4.00	\$ 5.00
Jornaleiros	\$ 1.50	\$ 1.80	\$ 2.00	\$ 2.00	\$ 2.50
Estivadores	\$ 1.50	\$ 3.00	\$ 3.00	\$ 3.50	\$ 4.00
Alfaiates (1 <sup>ra</sup> )	\$ 4.00	\$ 3.50	\$ 6.00	\$ 6.00	\$ 6.00
Talabarteiros	\$ 7.00	\$ 7.25	\$ 7.50	\$ 7.75	\$ 7.75
Cost. De Luvas	\$ 1.50	\$ 2.25	\$ 2.50	\$ 2.75	\$ 3.25

**Fonte:** BUCHANAN, William 'La moneda y la vida en la República Argentina' IN: "Revista de Derecho, Historia y Letras, Año I, Tomo II" Buenos Aires, Peuser, Diciembre de 1898, págs. 211 a 213.

Uma análise similar foi apresentada pelo Cônsul britânico em Buenos Aires, em 1893. Num completo relatório sobre as condições de vida na Argentina em geral, e em Buenos Aires em particular, mostrou os valores dos salários para dois anos, 1888 e 1891. Os valores de 1891 foram colhidos pelo próprio Consulado; no entanto os de 1888 eram aqueles que apareciam no Manual do Imigrante, editado pelo Estado Argentino na Europa. Esta era uma boa forma de verificar se o Manual superestimava os salários

Como os valores foram colocados em Libras esterlinas, é simples comprovar o efeito da desvalorização da moeda nesses poucos anos de diferença. Os assalariados foram duramente atingidos pela crise de 1890. O informante esclarece que os mais prejudicados foram aqueles que pretendiam retornar a seus países de origem

imediatamente, porque o valor do peso papel tinha experimentado uma queda significativa e a possibilidade de poupar em pesos ouro eram menores.

Como vemos no quadro anterior, alguns setores puderam barganhar melhor que outros e as perdas salariais não foram iguais para todos os setores do trabalho. Aqueles que tinham um ofício qualificado, como os maquinistas ou os cozinheiros, conseguiram conter em parte as perdas salariais. Os não qualificados, e ainda os padeiros, foram os mais prejudicados. Os peões, os jornaleiros e as lavadeiras não conseguiram fazer frente à nova situação, e a desocupação provocou uma grande oferta de trabalho, pelo que os salários despencaram drasticamente. Os valores em Libras esterlinas nos permitem uma comparação entre eles.

*QUADRO XI: Evolução dos Salário (1888-1892)*

Profissão	1888		1891		1892
	desde até		desde até		
	£ s. d.	£ s. d.	£ s. d.	£ s. d.	
Padeiro	3 15 0	4 3 0	1 0 0	1 10 0	Os
Cozinheira	3 15 0	4 3 0	1 10 0	2 15 0	salários
Cozinheiro	6 5 0	10 8 0	3 10 0	4 0 0	tinham
Maquinista	6 0 0	10 0 0	5 0 0	7 0 0	crescido
Peões (Jornaleiro)	6 0 0	8 0 0	0 15 0	1 5 0	até 25%
Talabarteiros	3 15 0	6 5 0	1 15 0	2 10 0	em relação
Lavadeira	3 0 0	5 0 0	---	---	a 1891

**Fonte:** UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “*Annual Series N°1147. Diplomatic and consular papers on trade and finance. Argentine Republic. Report for the year 1892 on the General Condition of the Argentine Republic*” London, Her Majesty Stationery Office, 1893, pág. 65

A próxima informação é de Adrián Patroni. Na sua preocupação com as condições do operariado portenho, pesquisou os salários dos trabalhadores urbanos. Mas esta pesquisa está restrita a 1897. No Quadro XII apresentamos algumas das profissões citadas pelos outros pesquisadores, lembrando que Patroni não fez referências explícitas ao trabalho feminino, e sim às profissões, pelo que a denominação masculina mascara alguma das ocupações femininas mais frequentes, como “cigarreiro”, trabalho majoritariamente feminino. Paira a dúvida se o valor salarial correspondia à mulher ou se a minoria de homens nestas indústrias recebia um salário maior. Os

informes disponíveis posteriores a Patroni provêm das repartições estatais, sendo todos posteriores a 1903, embora o DNT fosse criado só em 1907 dados anteriores a esta data sobre salários apareceram num retrospecto de 1918. Portanto, só temos séries salariais homogêneas a partir de 1903, e o problema está nesta carência.

*QUADRO XII: Salário diário em peso papel*

<i>Profissões</i>	<i>Salário</i>
Alfaiate	\$ 3.00
Tabaqueiro	\$ 2.50
Padeiro	\$ 3.00
Pedreiro	\$ 2.50
Maquinista	\$ 3.00
Mecânico	\$ 3.35
Queima de Lixo	\$ 1.50
Talabarteiro	\$ 3.00

**Fonte:** PATRONI, Adrián “*Los trabajadores en la Argentina*” Buenos Aires, Imp. de Chacabuco 664, 1897, págs. 113 e 114.

Para fechar a questão do salário, retomaremos a discussão inicial deste ponto sobre o seu valor e aqueles autores que estabeleceram o poder de compra do mesmo e a relação entre salário papel-moeda e padrão ouro. Para isto, consideraremos os estudos dos historiadores que consideraram a questão e que em maior medida têm analisado os dados já apresentados. O primeiro deles é Adolfo Dorfman<sup>59</sup>, que concorda com Buchanan, o cônsul inglês e Patroni. Dorfman afirma que o poder de compra do salário na Argentina experimentou uma brusca queda, em virtude da elevação constante do preço do aluguel durante toda a década de 1880. Esta situação teria se agravado com a crise de 1890. Esta tese é reafirmada por José Panettieri<sup>60</sup>, que sugere que na Argentina o padrão ouro contribuiu para depreciar o salário. Desta forma, o papel-moeda depreciado não conseguia acompanhar os valores internacionais da diversas mercadorias e dos produtos importados que constituíam a cesta dos trabalhadores.

<sup>59</sup>- DORFMAN, Adolfo “*Historia de la Industria Argentina*” Buenos Aires, Escuela de Estudios Argentinos, 1942, pág. 144.

<sup>60</sup>- PANETTIERI, José “*Los trabajadores en tiempos de la inmigración masiva, 1870-1910*” Buenos Aires, Univ. Nac. De La Plata, 1966, págs. 57 e 58.

Segundo James Spalding, as referências aos salários permitem afirmar que os mesmos não melhoraram muito nos anos entre 1890 e 1912. Depois de 1890, os salários teriam caído, melhorando nos anos de 1893 e 1894, para ter uma nova queda em 1900. A recomposição chegaria com a expansão do início do século, continuando até a crise de 1911-1912, para entrar na depressão provocada pela Grande Guerra. O aumento dos alugueis, unido à valorização dos produtos de importação, teriam consumido os ganhos dos trabalhadores.<sup>61</sup>

Roberto Cortes Conde – que aprofundou o estudo da mão-de-obra em relação aos outros fatores da produção – foi quem respondeu às apreciações pessimistas. Segundo ele, estas análises partiram de duas premissas. Por um lado, os pessimistas entenderam que os salários não continuaram a crescer, devido à estrutura da propriedade da terra, que não permitia que os trabalhadores pudessem ser proprietários, aplicando pelo avesso a teoria americana da válvula de escape. Na Argentina, sem acesso à terra, os trabalhadores ficavam na cidade e não se tornavam proprietários, como nos Estados Unidos. Desta forma, produzia-se uma concentração excessiva de trabalhadores nas cidades o que levava à queda dos salários, pela formação de um grande exército de reserva. Outro argumento pessimista é o dos fatores monetários – como a desvalorização do papel-moeda – que conspiraram contra o valor dos salários, permanecendo atrasados em relação ao papel-moeda.

O objetivo deste autor foi apresentar os erros cometidos pelos estudos anteriores ao estabelecer salários e preços, apontando as deficiências das fontes ou dos levantamentos realizados por particulares e que, pela falta de outros dados, tornaram-se referências para o período. Mas também se propôs a construir séries salariais homogêneas, acompanhando a evolução do custo de vida, para poder estabelecer o valor da mão-de-obra na economia argentina do período. Cortes Conde argumenta que

---

<sup>61</sup>- SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 42 e 43. Dorfman, Panettieri e Spalding constituem a visão pessimista clássica das condições sociais na Argentina.

entre 1880-1902 os salários foram estabelecidos em pesos ouro, o que resultaria em valores comparáveis com outros países, embora perdesse a possibilidade de estabelecer comparações locais, principalmente com a cesta básica dos operários. Outras observações feitas por Cortes Conde nos levam a tomar certos cuidados na hora de construir as séries. Uma delas é a questão dos anos fixados como pontas da série. Se consideramos como ano inicial um ano de depressão e como ano final um de expansão, o crescimento salarial seria exagerado. Porém, como este estudo abrange os 40 anos entre 1880 e 1920, as oscilações bruscas estariam corrigidas pelas tendências de longo prazo.<sup>62</sup>

Por outro lado, a maior ou menor entrada ou saída de imigrantes teria um grande impacto no mercado de trabalho. A incorporação de trabalhadores nativos não conseguiria amortecer as grandes saídas ou as escassas chegadas, e o impacto no salário seria imediato.

Cortes Conde argumenta que a 'válvula de escape', representada pela terra, também funcionou na Argentina. A constante incorporação de terras na produção teria requerido novas quantidades de trabalhadores, absorvendo grande parte da mão-de-obra e regulando o assentamento dos imigrantes nas cidades. Mas Cortes Conde esquece que esta incorporação ao trabalho rural era precária; lembremos as legiões de trabalhadores sazonais ou *golondrina*. A incorporação de trabalhadores no setor rural estagnou-se com a máxima incorporação de terras produtivas, na primeira década do século, e foi caindo com a incorporação de novas técnicas de cultivo e com a mecanização do setor rural. Finalmente, a desvalorização do papel-moeda teria provocado um crescimento da produção local e, portanto, o aumento dos salários pelo aumento da demanda de mão-de-obra.<sup>63</sup> Mas um outro problema surge nesta análise, a

<sup>62</sup>- CORTÉS CONDE, Roberto 'Trends of real wages in Argentina (1880-1910)' IN: CENTER OF LATINAMERICAN STUDIES "Working Papers N°26" Cambridge, Univ. of Cambridge, 1976, pág. 10. Este texto foi incluído em CORTÉS CONDE, R. *El progreso... Op. Cit.*

<sup>63</sup>- CORTÉS CONDE, R. *Trends of real wages... Op. Cit.*, págs. 28 a 30. A terra como válvula de escape nos Estados Unidos significava que o imigrante podia aceder a propriedade da terra.

demanda por produtos de consumo restringia-se imediatamente com as crises, devido ao aumento do desemprego nos setores ligados à exportação. A transferência da mão-de-obra não era imediato e nem todos estavam capacitados para assumir uma nova ocupação. Além do mais, uma grande parte dos desempregados qualificados passava a fazer parte dos trabalhadores semi ou não qualificados.

Depois destas advertências apresentaremos as séries salariais de Cortés Conde, as únicas que comportam grande parte do período. Ele apresenta os valores dos salários de três grupos de trabalhadores diferentes. Aqui desconsideraremos os salários dos trabalhadores rurais, porque não fazem parte do nosso estudo. Os outros dois grupos de trabalhadores considerados por Cortés Conde são importantes, mas podem desvirtuar as conclusões gerais. O primeiro dos grupos é o dos peões da polícia, que são trabalhadores desqualificados, a condição de grande parte dos trabalhadores. Mas se o salário desta categoria estava condicionado pelo mercado, este era afixado de acordo com as condições financeiras da instituição e do Estado, lembrando além do mais que se tratava de uma instituição pública e que, uma vez estabelecido o orçamento nacional, dificilmente seria modificado até o próximo ano. O outro grupo salarial é mais questionável, são os trabalhadores da indústria alimentar *Bagley*, um setor em expansão, que dificilmente acompanhava as oscilações da economia Argentina. Mas são as séries de salários em papel-moeda mais confiáveis até as do DNT.

QUADRO XIII: Salários Mensais em Pesos Papel-Moeda

Ano	Peões de Policia	Trab. Bagley
1882	24,00	19,85
1883	27,00	21,99
1884	27,00	20,10
1885	27,00	21,23
1886	29,50	23,40
1887	30,00	23,67
1888	30,00	26,96
1889	30,00	26,39
1890	30,00	28,78
1891	47,50	32,35
1892	47,50	33,31

1893	47,50	29,63
1894	47,50	33,44
1895	47,50	33,35
1896	47,50	39,35
1897	47,50	48,87
1898	55,00	55,55
1899	55,00	54,38
1900	55,00	53,84
1901	55,00	61,20
1902	55,00	62,68
1903	55,00	65,34
1904	60,00	50,06
1905	60,00	51,74
1906	60,00	57,46
1907	60,00	56,07
1908	60,00	56,49
1909	60,00	58,76
1910	65,00	59,09
1911	65,00	S/D
1912	80,00	74,37

**Fonte:** CORTÉS CONDE, Roberto 'Trends of real wages in Argentina (1880-1910)' IN: CENTER OF LATINAMERICAN STUDIES "Working Papers N°26" Cambridge, Univ. of Cambridge, 1976, págs. 18 e 22.

Os salários sofreram oscilações ao longo do período, como aparece no quadro. Mas temos que considerar ainda que, durante a década de 1880 os salários estavam se recuperando da depressão de meados da década anterior. A recuperação desta década deixou os salários até três vezes maiores que na Itália e Espanha, embora a diferença não fosse tão grande com respeito aos salários da França e da Alemanha. A conjuntura mudou com a depressão de 1890. A recuperação começou no início do Século XX, quanto a Argentina voltava a atrair imigrantes em massa, que chegavam de regiões deprimidas da Europa, principalmente da Espanha. Os salários desaceleraram o crescimento no biênio de 1913-14, quando começaram a cair fortemente, produto da depressão originada pela Grande Guerra. Os salários só voltaram a crescer no final do nosso período, com o final da Primeira Guerra Mundial. Outro elemento evidente é o fato de as quedas do salário serem pronunciadas, enquanto as recuperações foram muito demoradas.

Para podermos compreender a relação entre greves, PBI e salários apresentaremos os orçamentos das famílias operárias, para analisarmos as estratégias das mesmas durante as épocas prósperas ou nas depressões que se sucederam ao longo do período. O salário não é um valor absoluto; está relacionado fortemente com os consumos. Para isto, apresentaremos a relação entre salário e consumos operários, partindo dos orçamentos elaborados na época.

#### 4.- Orçamentos das famílias operárias

Para estabelecermos os consumos de uma família operária vamos tratar as descrições, relatórios e pesquisas feitas pelas autoridades, locais ou estrangeiras, e por particulares para compreendermos as formas como os trabalhadores aplicavam seus rendimentos.

Quando apresentamos os salários tivemos uma dimensão dos mesmos, a dimensão quantitativa. O que as famílias operárias podiam fazer com este dinheiro, com esta quantia? As aplicações dependiam em grande medida se o trabalhador era solteiro ou se tinha família. As necessidades tem origens sociais e fisiológicas, e mesmo as necessidades fisiológicas não deixam de estar socialmente determinadas.<sup>64</sup>

Em 1912 um dos momentos de maior expansão do movimento migratório, o Chefe dos Inspectores do DNT, Alejandro Unsaín, entendia que era muito difícil estabelecer um orçamento único para uma família trabalhadora, dada a heterogeneidade das origens. Os imigrantes eram maioria absoluta entre os trabalhadores – sem contar todos aqueles trabalhadores argentinos que eram filhos de imigrantes –, e muitos tentavam manter os costumes e consumos da sua terra; no decorrer dos anos, porém, modificaram os hábitos originais, incorporando outros alimentos e vestimentas.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup>- Entre os principais determinantes temos a pertença a um grupo social ou étnico; os produtos oferecidos pelo mercado, nacional ou local; e a quantidade de pessoas que compõem o grupo familiar.

<sup>65</sup>- UNSAÍN, Alejandro 'Carestia de la vida' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N° 21" Buenos Aires, Imp. Alsina, 30/XI/1912, pág. 300.



Nem sempre os problemas para estabelecer o consumo operário estava nos 'gostos e consumos' originais, os recém-chegados encontravam um problema maior, o preço dos alimentos. Em geral, a alimentação era o item que maior incidência tinha nos orçamentos operários.<sup>66</sup> As críticas e lamentações perpassaram todo o período. O preço dos alimentos era um motivo de queixas permanentes, como escrevia em 1888 um operário imigrante para a sua família na Bélgica:

*“Aqui tudo é caro. As batatas nunca estão a bom preço (1 fr. 25 o quilo), o mesmo acontece com os legumes. O pão, sal, manteiga, café, tudo é mais caro ainda. O único alimento a bom preço o barato é a carne, que custa 1 fr. o quilo.”<sup>67</sup>*

As autoridades responsabilizavam os imigrantes pelo alto custo da alimentação. A heterogeneidade dos costumes e dos hábitos alimentares não permitia a conformação de um mercado homogêneo.

Alguns orçamentos estabelecidos ao longo do nosso período permitem reconstruir as formas em que uma hipotética família de trabalhadores acertava despesas e receitas. Alguns orçamentos podem resultar pouco aceitáveis ou pouco ajustados à realidade; no entanto, partiremos deles para compreender esta complexa questão.

O primeiro orçamento disponível é aquele elaborado pelo embaixador americano William Buchanan. Ele analisa, em grandes traços, os gastos anuais de uma família operária, sem muitas especificações. Segundo ele, uma família de 5 pessoas tinha que levar uma vida extremamente modesta para viver com os \$3,50 diários que ganhava o chefe de família, sempre que trabalhasse cada dia útil do ano – pelo menos 342 dias. Os consumos estabelecidos por Buchanan são apresentados no quadro XIV:

*QUADRO XIV: Orçamento de uma família de 5 pessoas*

Aluguel	\$ 300.00
Comestíveis (Carne y verduras \$ 1.41 por dia)	\$ 514.65
Fogo e iluminação	\$ 70.00
Vestimenta	\$ 120.00

<sup>66</sup>- Cortés Conde afirma que a alimentação representava aproximadamente o 50% do orçamento familiar. CORTÉS CONDE, R. *El progreso...* Op. Cit., págs. 225.

<sup>67</sup>- Apud GAUDELIER, G. “**La vérité sur l’émigration des travailleurs et des capitaux Belges dans la République Argentine**” Bruxelles, Messageries de la Presse, Dechenne & Cia, 1889 (2ª ed.), pág. 41.

Calçado	\$ 25.00
Assistência Médica	\$ 30.00
Managem de casa em geral	\$ 60.00
TOTAL	\$ 1.195.65

**Fonte:** BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, pág. 218.

É preciso lembrar que \$ 3,50 não era o menor jornal pago no mercado. Os dados do próprio Buchanan, permitem comparar receitas com despesas. Porém, quando se tratava de salários ou jornais femininos, nunca uma trabalhadora chegava a este apertadíssimo mínimo; a que mais se aproximava era a que fazia luvas (\$3.25); uma operária, fosse passadeira, lavadeira ou trabalhasse numa fábrica, apenas chegava a \$ 1.50. Por outro lado, qualquer operário qualificado ou em ofícios com pouco pessoal capacitado superava os \$ 3.50 e às vezes por uma ampla margem. Na realidade, \$ 3.50 era o jornal de muitos operários semi-qualificados – como pintores de casas, padeiros de 2ª classe, carpinteiros, entre outros. Muitos trabalhadores sem ofício, desqualificados ou recém-chegados à procura de um emprego estavam longe de alcançar este mínimo – a diária de um jornaleiro era de apenas \$ 2.50.<sup>68</sup>

Nos consumos estabelecidos por Buchanan faltavam elementos centrais à alimentação européia e mediterrânea, sem importar a origem étnica, e que estavam amplamente difundidos no *Río de la Plata*, como o leite e o pão. Neste orçamento, o aluguel era menor do que podia ser achado no mercado, especialmente no centro da cidade. Sem contar que a família de Buchanan nunca pegava condução, nem comprava um jornal ao menos. A revista *La agricultura*, acrescenta que além de não considerar a lavagem da roupa – lembremos a proibição de lavar roupa nos *conventillos* –, o dinheiro destinado à vestimenta, calçado, iluminação e atenção médica era exíguo. Para Demócrata, os trabalhadores só podiam completar seus rendimentos com a colaboração do grupo familiar, que para isto trabalhava em oficinas, indústrias ou na própria casa.<sup>69</sup>

<sup>68</sup>.- BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, págs. 211 a 213.

<sup>69</sup>.- DEMÓCRATA *Op. Cit.*, pag. 317.

O socialista Adrián Patroni analisou os orçamentos de Buchanan, do jornal *La Prensa* e da revista *La Agricultura*, mas para fazer uma avaliação precisa coletou outras informações entre os trabalhadores. Para Patroni, os orçamentos já mencionados eram incompletos e insuficientes. Não conseguiam dar conta das necessidades reais das famílias operárias. O mencionado orçamento do jornal *La Prensa* – Quadro XV –, apresentado nesse mesmo ano de 1897, referia-se a um trabalhador sozinho, sem família para sustentar e que a julgar pelos gastos apresentados, devia ser um indivíduo com uma profissão qualificada:

*QUADRO XVI: Orçamento de um indivíduo*

Alimentação	\$ 45.00
Moradia	\$ 20.00
Vícios (tabaco e gastos em dias festivos)	\$ 5.00
Vestimenta (incluindo calçado)	\$ 10.00
Gastos extraordinários (assistência médica)	\$ 3.00
Lavagem de roupa	\$ 4.00
Poupança para aposentadoria	\$ 10.00
TOTAL	\$ 97.00

**Fonte:** PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 119 e 120.

Os orçamentos levantados pelo próprio Patroni, correspondiam a três tipos de trabalhadores: um ebanista, que ganhava \$ 4.00 por dia e que tinha mulher e 5 filhos; um tipógrafo, que ganhava \$ 80.00 mensais, com mulher e filho; e, finalmente, um marceneiro, com mulher e três filhos, que ganhava \$ 110.00 por mês e contava com o complemento do salário de um dos filhos, que ganhava \$ 2.00 diários, \$ 60.00 mensais. Três profissões diferentes, com composições familiares diferentes. O importante destes três orçamentos está no nível de detalhes que eles apresentam.

Na alimentação, temos quanto consumiam de cada um dos produtos mencionados. No primeiro dos orçamentos, o do ebanista, o consumo de leite era mínimo, 1 litro diário para 5 crianças, a maior com 9 anos. A carne era abundante, 45 quilos, complementada com cereais e derivados: pão, massas e arroz. O consumo de açúcar aparece como demasiado elevado, entre 9 e 10 quilos. Embora o consumo de

legumes era inexistente, este grupo tinha um déficit mensal de \$ 5.70, compensado com algum biscate, algum dia a mais de trabalho, ou limitando as despesas com os “vícios”.

A segunda família, a do tipógrafo, conseguia equilibrar melhor as contas com uma receita menor. Eram menos pessoas e conseguiram uma alimentação mais completa. Menos leite no conjunto, mas para uma única criança e, aproximadamente, as mesmas quantidades dos outros produtos. O consumo de massas era bem menor, compensado em parte pelo arroz. Se faltavam as verduras, aparentemente, não precisavam contrair dívidas.

Por último, a família do marceneiro, a que tinha mais e melhores consumos. Aparecem a verdura e 2 litros de leite diários para 3 crianças, uma das quais já trabalhava. O bonde era parte dos gastos, provavelmente para poder alugar um quarto mais barato, num *conventillo* afastado do centro. O alto consumo de carvão deve-se à utilização de uma cozinha e de um forno. Apesar dos rendimentos maiores, esta família tinha um déficit de pouco mais de \$ 4.00 mensais. Os detalhes completos são apresentados no quadro XVI.

QUADRO XVI: Orçamentos de Três Famílias de Trabalhadores

<i>Importe</i>	<i>Ebanista</i> (7 pessoas)	<i>Tipógrafo</i> (3 pessoas)	<i>Carpinteiro</i> (4 pessoas – 2 assalariados)
Salários (totais)	\$112.00	\$ 80.00	\$170.00
Aluguel	\$ 20.00	\$ 20.00	\$ 20.00
Carne	\$ 8.00	\$ 9.00	\$ 15.00
Verdura	-----	-----	\$ 12.00
Pão	\$ 18.00	\$ 3.00	\$ 15.00
Leite	\$ 4.50	\$ 3.00	\$ 6.00
Massas	\$ 4.50	\$ 0.90	\$ 6.00
Arroz	\$ 1.50	\$ 0.90	\$ 3.00
Erva-mate	\$ 1.60	\$ 0.90	-----
Café	\$ 3.00	\$ 0.60	\$ 6.00
Chá	-----	\$ 0.90	-----
Sabão	\$ 1.50	\$ 1.20	\$ 2.40
Querosene	\$ 1.50	-----	\$ 1.20
Óleo e Banha	\$ 3.50	\$ 7.50	\$ 3.60
Carvão	\$ 6.00	\$ 2.40	\$ 2.40
Arnido	\$ 0.50	\$ 0.90	\$ 1.35
Tabaco	\$ 3.00	\$ 2.10	\$ 1.20
Utensílios de cozinha	\$ 1.00	\$ 7.50	\$ 1.20

Utensílios de costura	\$ 1.50	-----	\$ 3.00
Utensílios de escola	\$ 0.50	-----	\$ 1.50
Roupas	\$ 10.00	\$ 9.00	\$ 16.50
Calçado	\$ 8.00	\$ 3.00	\$ 2.25
Açúcar	\$ 4.50	\$ 1.20	-----
Soc. e periód.	\$ 1.50	\$ 2.10	\$ 7.50
Livros	-----	-----	\$ 7.50
Médico e farm.	\$ 3.00	-----	\$ 3.00
Diversões	\$ 3.00	-----	\$ 3.00
Vícios	\$ 5.00	-----	\$ 18.00
Bonde	-----	-----	\$ 6.00
Vários	-----	\$ 0.90*	\$ 3.00
Ferramentas	-----	-----	\$ 6.00
<b>TOTAL</b>	<b>\$117.70</b>	<b>\$ 77.00</b>	<b>\$174.60</b>

**Fonte:** Em base a PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 120 a 123. (b) Em “Vários” são reunidos “Bórax”, “Anil” e “Especiarias”; “Óleo e banha” incluem “querosene”; “Úteis de cozinha” absorve os “Úteis costura”. (c) Em “Vários” estão as “Especiarias”; “Vícios” é este mais “açúcar”.

O periódico *La Vanguardia* apresentou, no dia 27 de Fevereiro de 1897, outro informe sobre os consumos para apresentar o impacto dos impostos internos nos orçamentos operários. No quadro XVII temos os detalhes da família de um pedreiro formada por três pessoas. Ele ganhava \$ 60.00 no seu trabalho e outros \$ 25.00 em biscates. A mulher contribuía com \$ 10.00, mas mesmo assim tinham um déficit de \$ 6.00, sem contar o aluguel, que não pagava impostos.

*QUADRO XVII: Gastos de Uma Família de Trabalhadores*

<u>Item</u>	<u>Importe</u>		
Salários (totais)	\$ 95.00	Querosene	\$ 1.60
Carne	\$ 8.50	Óleo e Banha	\$ 3.00
Peixe	\$ 1.00	Carvão	\$ 2.70
Legumes	\$ 1.20	Anil	\$ 0.10
Verdura	\$ 4.50	Tabaco	\$ 1.50
Pão	\$ 6.12	Uten.de cozinha	\$ 15.91
Leite	\$ 2.40	Uten. de escola	\$ 0.33
Queijo	\$ 0.80	Roupas	\$ 10.00
Ovos	\$ 1.50	Calçado	\$ 4.00
Massas	\$ 0.18	Açúcar	\$ 1.60
Arroz	\$ 1.20	Soc. e periód.	\$ 2.30
Erva-mate	\$ 1.00	Médico e farm.	\$ 4.58
Café e chicória	\$ 1.45	Bonde	\$ 6.00
Chá	\$ 0.60	Vários	\$ 14.80
Sabão	\$ 1.20	Especiarias	\$ 0.43
		<b>TOTAL</b>	<b>\$100.70</b>

**Fonte:** Em base a PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 125.

Em 1901, durante a crise da virada de século, o jornal *La Prensa* desenvolveu uma nova pesquisa sobre os trabalhadores de Buenos Aires. Nesta pesquisa apareceram

uma série de orçamentos com o dinheiro gasto nos consumos, sem mencionar as quantidades consumidas. Para este jornal, a alimentação operária estava restrita ao que era possível ser adquirido com o salário recebido, desconsiderando outras necessidades. É provável que os leitores, conhecessem os valores dos alimentos e com eles estimassem quantidade e qualidade dos consumos. Por outro lado, o custo da alimentação tinha-se duplicado em poucos anos, o que, unido ao crescimento da desocupação e à forte queda dos salários, deixava como única solução o trabalho de outros membros da família. Tudo isto agravava a situação familiar. Apresentamos aqui os dados que eles obtiveram, considerando que um salário médio era de \$ 70.00, menor do que o estabelecido por Buchanan e Patroni, em 1896 e 1897.<sup>70</sup> No Quadro XVIII, apresentamos os orçamentos que apareceram neste jornal ao longo desta pesquisa, denominada “*Los obreros y el trabajo*”:

QUADRO XVIII: Orçamentos de La Prensa (1901)

Importe	Familia sem dados (a)	Solteiro (b)	Familia + pessoas (c)	Familia 7 pessoas (d)
Aluguel	\$ 17.50	\$ 10.00	\$ 17.50	\$ 17.00*
Carne	\$ 16.00	\$ 40.00*	\$ 9.00	\$ 13.50
Pão	\$ 4.50		\$ 6.60	\$ 9.60
Leite	\$ 4.50		\$ 3.00	\$ 6.00
Massas	\$ 4.50		\$ 3.60*	\$ 7.60*
Arroz	\$ 2.00			\$ 3.60
Erva-mate	\$ 1.00			
Café	\$ 1.00			
Sabão	\$ 1.25			
Querosene	\$ 1.60		\$ 2.50*	\$ 5.00*
Óleo e Banha	\$ 3.50		\$ 5.40	\$ 7.50
Carvão	\$ 4.00		\$ 3.00*	
Tabaco	\$ 1.50	\$ 7.50*	\$ 1.50	\$ 2.40
Utensílios vários	\$ 3.50			
Vest. e Cal.	\$ 15.00	\$ 6.00	\$ 3.00	\$ 6.65
Açúcar	\$ 3.50			\$ 4.60
Vários	\$ 10.00			\$ 1.25*
Bonde	----	\$ 6.00		
Vinho	----		\$ 3.60	\$ 4.80
Verduras	----	\$ 4.50	\$ 6.00	
TOTAL	\$ 98.15	\$ 69.50	\$ 63.20	\$ 96.50

<sup>70</sup>- “Los obreros y el trabajo. El costo de la vida. Las cuentas del hogar. Cuanto gasta la familia obrera. Las entradas y las salidas. Tristes conclusiones. Una opinión autorizada. XXIX IN: “La Prensa” 6/X/1901, pág. 4.

**Fonte:** Em base a série *Los obreros y el trabajo* do jornal *La Prensa*: a) e b) *Los obreros y el trabajo ... El costo de la vida... Op. Cit.*; c) *Los obreros y el trabajo. Oficiales y peones albañiles. Jornales y gastos. Desequilibrios entre ingresos y salidas. Precaria situación del gremio. El exceso de días festivos. VIII* IN: “*La Prensa*” 23/VIII/1901, pág. 5; d) *Los obreros y el trabajo. Penurias de los zapateros. El trabajo en las fábricas. Mucha tarea y poca remuneración. El diario de un hogar. IX* IN: “*La Prensa*” 24/VIII/1901, pág. 5. (a) Não está especificado o tamanho do grupo familiar. (b) Em “Carne” coloquei o que foi denominado como “comida”; “tabaco” agrupa “tabaco, vinho, etc.”. (c) “Massas” neste caso são os “cereais”; o “querosene” é o que foi assinado a “luz”; e o “carvão” é o que foi colocado como “fogo”. (d) Salário de \$ 84.00 mensais, o cabeça de família é sapateiro e dois filhos fazem o aprendizado. O leite aparece unicamente para 5 crianças. “Querosene” é “Querosene, carvão e velas”. Como “massas” reuni os “gastos na loja de alimentos”. Em “Vários” estão os “Encargos societários”. O quarto de aluguel está a 30 quarteirões da oficina. Recebem uma extra da Itália por criar uma criança.

As condições gerais, segundo *La Prensa*, eram mais dramáticas do que aquelas apresentadas por Patroni. Evidentemente, o impacto da crise econômica da virada do século, posterior às avaliações de Patroni, faziam um grande estrago entre os operários, que não conseguiam manter os níveis anteriores de consumo. Os efeitos desta crise motivaram *La Prensa* a apresentar esta série de informes.

Os anarquistas também realizaram algumas pesquisas. Numa delas, publicada em *La Protesta* de agosto de 1904, apresentaram as carências e os problemas que uma família operária tinha para subsistir com um único assalariado. O déficit permanente deste trabalhador, que pode ser considerado como exagerado, deveria ser com certeza amenizado com o trabalho da dona de casa. O interessante desta estatística é que sugere que a situação do operário se complicava quando tinha que enfrentar períodos de desemprego, uma possibilidade que era parte da experiência vital, podendo atingir o trabalhador a qualquer momento. O déficit é de \$ 9 “e que não falte trabalho ao longo do ano”. Vejamos o orçamento mensal:

*QUADRO XIX: Orçamento de La Protesta (1904)*

Pão	\$ 9,00	Tabaco	\$ 3,00
Carne	\$ 9,00	Imprevistos	\$ 5,00
Verduras	\$ 2,00	Aluguel	\$ 15,00
Luz	\$ 1,00	Total	\$ 52,00
Lavagem	\$ 2,00	Receita	\$ 45,00
Calçado e Vest.	\$ 6,00	Déficit	\$ 7,00

**Fonte:** *Ideas Sueltras* IN: “*La Protesta*” 7/VIII/1904.

Quatro anos depois, em 1908, aparecem duas novas pesquisas. Uma delas do DNT e a outra de um pesquisador independente, Juan B. González. González tomou como modelo uma família de 4 pessoas, casal e dois filhos, que recebiam de \$90 a \$100 de salário mensal, aproximadamente o mesmo que recebiam os trabalhadores das pesquisas anteriores. Evidentemente, apesar da retomada do crescimento econômico dos últimos anos, os salários permaneceram estagnados. Os trabalhadores de González mal conseguiam sobreviver com estes rendimentos, apresentando um retrocesso nos consumos em relação aos orçamentos de 1897 e de 1901. Os consumos mensais são apresentados no quadro seguinte:

*QUADRO XX: Orçamento de uma família de Trabalhadores (1908)*

Leite	30,0 litros	\$ 6,00
Carne	30,0 quilos	\$ 9,00
Pão	30,0 quilos	\$ 5,40
Arroz	7,5 quilos	\$ 3,00
Verduras		\$ 3,00
Combustível (Querosene, Carvão)		\$ 3,00
Iluminação		\$ 3,00
Aluguel		\$ 50,00
	TOTAL	\$ 79,40

**Fonte:** GONZÁLEZ, J.B. *Op. Cit.*, pág. 101.

González alega que o operário, com os \$ 10 a \$ 20 restantes, tinha que cobrir as despesas com médico, farmácia e outros. A variável utilizada para equilibrar o orçamento era o leite das crianças.

O outro inquérito de 1908 foi realizado pelo DNT, pelo que o universo pesquisado foi maior, embora restrito aos trabalhadores portuários. Nestes orçamentos, o DNT tentava apresentar as estratégias dos grupos familiares segundo a quantidade de filhos. Os três orçamentos são apresentados no quadro XXI.

*QUADRO XXI: Orçamento do DNT (1908)*

GASTOS	Família com 1 filho	Família com 2 filhos	Família com 4 filhos
Aluguel	\$ 22,00	\$ 22,00	\$ 25,00
Mercado (Carne e Verdura)	\$ 12,00	\$ 15,00	\$ 18,00
Pão de 2ª	\$ 5,40	\$ 8,00	\$ 10,80
Mercearia(vinho, massas, azeite, açúcar, etc.)	\$ 18,00	\$ 19,50	\$ 21,00



Leite	\$ 2,25	\$ 2,25	\$ ----
Carvão	\$ 2,40	\$ 5,40	\$ 3,00
Lavagem	\$ 1,00	\$ 1,00	\$ 1,50
Bonde (25 dias trab)	\$ 5,00	\$ 5,00	\$ 5,00
Roupas	\$ 15,00	\$ ----	\$ 20,00
Vários	\$ 10,00	\$ 10,00	\$ 20,00
TOTAL	\$ 93,05	\$100,15	\$114,00
25 dias de trabalho a \$ 4,00 diários	\$100,00	\$100,00	\$100,00
SALDO	\$ 6,95	\$ 0,15	\$ 14,30

**Fonte:** 'Condiciones de trabajo en el puerto de Buenos Aires' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N° 6" Buenos Aires, 30/IX/1908.

Evidentemente, os dados foram acomodados para que os déficits não fossem muito altos. De fato, a elevação do número de pessoas no grupo familiar não corresponde os consumos familiares, pelo que alguns gêneros aparecem e desaparecem sem motivo aparente. A análise complica-se pela falta de quantidades dos consumos. Um dado importante para compreender esta pesquisa é que foi elaborada como consequência de uma série de greves que tiveram como epicentro o porto de *La Boca*. Estas greves correspondem às explosivas manifestações que marcaram a retomada da militância operária.

Em 1912 o *DNT* voltou a apresentar um novo estudo sobre a condição econômica dos trabalhadores de Buenos Aires, como mostramos no quadro seguinte:

*QUADRO XXII: Orçamento do DNT (1912)*

Carne, 1 quilo e meio diário, a \$ 0,30	\$ 13.50
Armazém, 70 centavos por dia	\$ 21.-
Pão, dois quilos por dia	\$ 10.80
Lenha, 1 carrada e meia por mês	\$ 2.-
Lavagem, três barras de sabão	\$ 1.50
Abono do trem a Casa Amarilla	\$ 6.-
Roupas	\$ 20.-
Gastos vários	\$ 10.-
Total	\$ 84.80
20 dias de trabalho, a 4 pesos diários	\$ 80.-
6 noites de trabalho, a \$ 8	\$ 48.-
Total	\$128.-
Saldo	\$ 43.20

**Fonte:** UNSAÍN, A. *Op. Cit.*, pág. 309.

Este orçamento repete o apresentado em 1908. O custo dos consumos e o aluguel tinham aumentado, embora não fosse especificado; no entanto, o salário

permanecia estável. Desta forma, aparecia um déficit que devia ser compensado pelo trabalho noturno ou por outras formas de trabalho – como os biscates no bairro ou nos dias de folga. Ou, ainda, complementando a renda com o trabalho familiar.

O dado significativo desta pesquisa do DNT é que não considerava o aluguel, porque, segundo a mesma, os operários do porto da cidade moravam em bairros periféricos, em casas construídas por eles mesmos. O baixo custo da passagem do trem tem uma importância substantiva para mostrar que era mais barato morar longe, compensando os gastos com o aluguel. Além do mais, a pesquisa destacava que desta forma podiam complementar suas dietas com o que eles cultivavam ou criavam. Mesmo assim, o informe apresenta certas deficiências, que só poderiam ser compensadas com o trabalho extra ou familiar.

Apresentaremos um último orçamento do DNT, que data de 1919. Esta pesquisa apresenta dados muito completos, analisando cada um dos elementos que conformavam a cesta básica do trabalhador e os consumos complementares, de uma família tipo, ou seja, um casal novo com dois filhos em idade escolar que não trabalhavam. O mesmo acontecia com a dona de casa que, segundo esta pesquisa, não estava empregada na indústria doméstica ou em outras atividades fora do âmbito doméstico.

*QUADRO XXIII: Orçamento do DNT (1919)*

Mercado	\$ 30
Leiteria	\$ 5
Mercearia	\$ 25
Padaria	\$ 10
Carvoaria	\$ 5
Roupa de Homem	\$ 3
Roupa de Mulher	\$ 3
Roupa das crianças	\$ 3
Roupa de cama e para outros usos	\$ 3
Sapataria	\$ 5
Chapelaria	\$ 1
Aluguel	\$ 22
Eventuais	\$ 10
Total	\$ 127

**Fonte:** ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1918 - 1919)**” Bs.As., Talleres Gráficos Argentinos de L. J. Rosso y Cia., 1919, pág. 542.

Mesmo com um aluguel que parece muito barato em relação aos orçamentos anteriores (pouco mais de 17% do total), o nosso trabalhador médio devia ter uma renda substancial para poder arcar com as despesas totais do lar. A alimentação continuava a ser a despesa mais importante, mais da metade do total (55,12%).

Além destas cifras estimativas e globais, o informe oferece outras informações bem mais interessantes, detalhando os elementos que conformam cada um dos itens principais, como são detalhados na seqüência<sup>71</sup>:

**Gastos de mercado:** 30 quilos de carne \$18; batatas e verduras \$12. Total: \$30.

**Gastos de mercearia:** açúcar 5 quilos a \$0,64. \$3.20; azeite de comer 2 1/2k. \$5; café 1k., \$1.20; massas 7 1/2 k. \$2.40; banha 1k. \$1; querosene 1 lata \$5; sabão 2k. \$1.60; erva-mate 2k. \$1.60; legumes secas 3k., \$1.50; vários (pimenta, sal, conserva, queijo, vinagre, fósforos, alvejante, etc.), \$3.10; total por mês \$25.

**Roupa de homem (por ano):** 2 camisetas, \$4; 2 camisas, \$4; 2 pares de cuecas \$4; 6 pares de meias \$5; 2 gravatas \$1; 4 colarinhos \$2; 1 terno \$40; total ao ano \$60; total por mês \$5.

**Roupa de mulher (por ano):** 1 *batón* (vestido simples) \$3; 2 anáguas \$4; 2 camisas \$4; 4 pares de meias \$2.40; 2 camisetas \$6; 2 vestidos \$15; vários \$1.60; total ao ano \$36; total por mês \$3.

**Roupa para crianças (por ano):** 4 vestidos \$16; roupa de baixo, meias e chapéus \$20; total no ano \$36; total por mês \$3.

**Roupa de cama e outros usos (por ano):** 1 *tule* (pano de mesa) \$3; 6 panos de copa \$4.80; 2 lençóis \$10; 2 fronhas \$3; 2 cobertores \$6; roupa para as camas das crianças e outros usos \$9.20; total no ano \$36; total por mês \$3.

**Gastos de sapataria (por ano):** 2 pares de botins de homem \$18; 2 pares de botins de mulher \$16; 2 pares de *suecos* \$1.20; 4 pares de botins para crianças \$16; cálculo para consertos \$8.50; total no ano \$60; total por mês \$5.

**Gastos de chapalaria (por ano):** 2 chapéus para homem \$8; bonés para crianças \$4; total no ano \$12; total por mês \$1.

**Gastos vários:** bondes \$4; escolas \$2; enfermidade \$2; vários \$2; total por mês \$10.

Embora não fossem detalhadas todas as quantidades, mesmo assim temos os elementos principais que conformavam o consumo operário. Muitos destes gastos estão calculados por todo o ano, mas nem sempre era possível distribuir os “gastos

---

<sup>71</sup>- *Idem ant.*, pág. 543 e 544.

anuais” ao longo do ano, e cada vez que eles se apresentavam, nem sempre o dinheiro estava disponível. Ante esta situação, as soluções eram o crédito, a postergação de alguns dos consumos cotidianos menos urgentes, a utilização de pequenas poupanças reunidas nas épocas de fatura ou a penhora e a venda de bens familiares.

Roberto Cortés Conde, numa tentativa de estabelecer a evolução da distribuição do orçamento familiar, reuniu as principais pesquisas feitas durante o período para promediar a distribuição dos gastos. Reproduzimos o quadro elaborado por este autor, sendo que cada grupo de gastos está em percentagens:

*QUADRO XXIV: Principais Orçamentos do Período*

Fonte	Família	Data	Aliment.	Aluguel	Roupa	Vários	Roupa/Vários	
Patroni	Casal 5 filhos	1897	45	17	15	23	-----	
Buchanan	Casal 3 filhos	1898	52	27	13	7	-----	
BNDT N°3	Prom. 10 filias.	1907	70	22	-----	-----	8	
BNDT N°6	Operários do Porto							
	Casal 1 filho	1908	43	24	16	17	-----	
	Casal 2 filhos	1908	47	22	15	16	-----	
	Casal 4 filhos	1908	46	21	17	16	-----	
BNDT N°21	Operário no porto							
	Casal 1 filho	1911	48	35	-----	-----	17	
	Casal vários filh.	1912	56	24	13	7	-----	
	Casal 2 filhos	1912	52	20	12	16	-----	
	Solteiro	1912	52	13	10	25	-----	
	Casal vários filh.	1912	51	30	7	12	-----	
Estatística Trab.	Prom. 377 filias.	1914	42	19	-----	-----	39	
Bunge	Calculo apróx.	1918	50	20	-----	-----	30	
<b>Promédio Total</b>				50	22	13	15	-----

**Fonte:** Em base a CORTÉS CONDE, R. *El Progreso... Op. Cit.*, págs. 285 a 287.

O otimismo de Cortés Conde é um tanto contestado pelos dados que ele próprio utiliza. Poderíamos dizer que o nível de vida teria sido mais elevado se os gastos com alimentação tivessem diminuído ao longo do período; porém, a rubrica alimentação nunca desceu de 40% da renda familiar. Ou seja, mesmo nos melhores momentos da economia argentina, os trabalhadores deviam dispor de grande parte de seus rendimentos para a reprodução da mão-de-obra. É certo que podiam estar seguindo a lei de Engels, ou seja que a um maior rendimento corresponde, primeiro, um aumento da quantidade consumida de alimentos, depois uma melhora na qualidade

e finalmente, a transformação do universo dos consumos e a perda de importância desta rubrica no universo dos gastos familiares. Mesmo assim, é evidente que eles não conseguiram superar a segunda fase. Ao longo, do período a rubrica alimentação não teve nunca uma queda expressiva, embora isto não signifique que os alimentos fossem melhores, ou que o custo alimentar fosse menor nos países de origem dos trabalhadores. Uma outra explicação pode ser aquela de Keynes, que diz que a disposição para aumentar os gastos cresce quando crescem os salários, mas não na mesma medida em que crescem os salários. Isso explicaria porque os consumos oscilaram sempre no mesmo nível.<sup>72</sup>

#### 5.- A Constituição do salário da família: Trabalho feminino e infantil

Muitos dos imigrantes eram de origem camponesa ou das áreas rurais. As imigrações acompanhavam os avanços da economia capitalista. À medida que avançavam as relações de produção e propriedade os trabalhadores rurais e os pequenos proprietários abandonavam o campo para se dirigir às cidades ou imigravam. A imigração podia ser sazonal ou permanente, individual ou familiar. Não podemos esquecer que, para muitos deles, esta era a primeira experiência urbana, a primeira geração que participava da vida da cidade e que estes eram diretamente atingidos pelo processo de proletarização. Os historiadores otimistas têm considerado a falta da proletarização como um elemento que evidenciaria uma situação mais positiva, ao contrário do que acontecia na Europa, sem considerar as trajetórias individuais ou familiares. De um outro ponto de vista, o processo de proletarização não foi uma preocupação da Argentina, na medida em que a propriedade da terra continuou sempre nas mãos dos grupos dominantes e até existiram momentos de acesso à propriedade da terra para os imigrantes. Porém, o processo de proletarização completava-se na

---

<sup>72</sup>- A lei de Engels é analisada por BENSON, John "The rise of consumer society in Britain, 1880-1980" London, Longman, 1994, págs. 62 e 63. A hipótese de KEYNES, John M. "Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero" México, Fondo de Cultura Económica, 1991 (1ª ed. em inglês: 1936), págs. 93 e 94.

Argentina, embora começasse na Espanha ou na Itália. A resposta para a perda da terra era a imigração.<sup>73</sup>

Isto é importante para compreendermos as estratégias familiares de sobrevivência. Na sociedade agrária não-capitalista a família era a unidade de produção, consumo e geração biológica, e ainda a unidade de reprodução das relações sociais. Esta unidade foi se desintegrando com o avanço da sociedade capitalista, pelo que tiveram que ser desenvolvidas novas alternativas para a subsistência do grupo familiar. Os que não emigraram reconstituíram o grupo familiar em torno da indústria doméstica, baseada na exploração da mão-de-obra familiar.<sup>74</sup> De fato, a emigração, na maioria dos casos era uma estratégia familiar para melhorar a própria situação, enviando alguns dos membros para fora da unidade doméstica, onde pudesse obter meios extras para o conjunto ou, no pior dos casos, para melhorar a sua sorte individual. As estratégias familiares devem ser consideradas para melhor compreendermos a formação da classe trabalhadora. As motivações dos trabalhadores estavam, geralmente, em relação com o que acontecia dentro da unidade doméstica.

A família trabalhadora do nosso período não atuava unicamente como mediadora entre o individual e a sociedade, funcionando também como uma unidade doméstica, no sentido da organização do trabalho do conjunto e da redistribuição dos rendimentos monetários e não-monetários. Muitas das famílias imigrantes defrontavam-se pela primeira vez com o capitalismo e dependiam cada vez mais de

---

<sup>73</sup>- Sobre as regiões que expulsavam trabalhadores em BILSKY, Edgardo "La classe ouvriere argentine face a la semaine tragique de Janvier 1919" These Doctoral, Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1982, pág. 18. Outros autores entendem que a imigração era uma opção à proletarização, e não que completava o ciclo da proletarização. Para desmentir esta afirmação é só ver quantos imigrantes se tomaram proprietários, mesmo entre os que retomaram. Exemplo desta corrente MÍGUEZ, Eduardo 'Tensiones de identidad: Reflexiones sobre la experiencia italiana en la Argentina' IN: DEVOTO, F. e MÍGUEZ, E. "Asociacionismo, trabajo e identidad étnica. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada" Buenos Aires, CEMLA-CSER-IEHS, 1992, pág. 3-47

<sup>74</sup>- Para um estudo detalhado sobre estas transformações Cf. MEDICK, Hans 'The proto-industrial family economy' IN: KRIEDTKE, P.; MEDICK, H. e SCLUMBOHM, J. "Industrialization before industrialization. Rural Industry in the Genesis of Capitalism" Cambridge, Cambridge University Press, 1981 (1ª ed. em alemão: 1977), pág. 38ss.

rendimentos monetários para terem acesso aos bens necessários para a reprodução da mão-de-obra. Ao mesmo tempo, o salário não era suficiente para manter o trabalhador ao longo da vida, muitas vezes não era suficiente para o dia-a-dia, e muito menos para o momento em que tinha que deixar de trabalhar, por velhice ou invalidez.<sup>75</sup> Ao longo do nosso período, a família foi o único seguro para estas circunstâncias; só no final do mesmo começam a ser constituídas caixas de aposentadorias, principalmente entre os funcionários do Estado e os ferroviários.

Um único – ou ao menos o principal – assalariado masculino dentro de uma família é um “desvio” dos padrões históricos estabelecidos nas sociedades não-capitalistas.<sup>76</sup> A limitação da mulher dentro do espaço doméstico, principalmente do espaço doméstico do *conventillo*, sem espaço para desenvolver outras atividades que não fossem as da indústria doméstica, foi produto de um grande esforço da política argentina, auxiliada pela estrutura econômica. Que atividades podiam ser desenvolvidas num quarto de não mais do que 20 m<sup>2</sup>, cheio de camas, colchões, uma mesa, algumas panelas e roupas espalhadas? Numa sociedade patriarcal, com baixa demanda de mão-de-obra feminina e com um projeto de educação e de integração dos filhos dos imigrantes e, por tanto, de frequência obrigatória à sala de aulas, o trabalho masculino foi central na reconstituição da família imigrante e no reforço da imagem do homem adulto como o chefe de família. Porém, estas tentativas ou projetos da elite governante entravam em colisão com uma situação econômica que requeria, em determinados momentos, o ingresso no mercado de trabalho de outros integrantes da família, fosse a mulher ou as crianças.

---

<sup>75</sup>- Vide SCHMINK, Marianne ‘Household economic strategies: Review and research agenda’ IN: “*Latin American Research Review*, Vol. XIX, N<sup>o</sup>3” 1984, págs. 88 a 91.

<sup>76</sup>- Uma aprofundada discussão sobre os motivos e circunstancias que levaram a adoção deste padrão familiar nas sociedades ocidentais está em JANSSENS, Angélique ‘The rise and decline of the male breadwinner family? An overview of the Debate’ IN: JANSSENS, Angélique (Ed.) “*International Review of Social History*, Vol. 42, Supplement 5: *The rise and decline of the Male Breadwinner family?*” 1997.

O ingresso de um dos membros da família trabalhadora no mercado de trabalho era cuidadosamente avaliado e muitas vezes era preferível a venda de alguns elementos de uso cotidiano a consentir estas mudanças na estrutura familiar. De fato, os *cambalaches*, ou mercado de pulgas, sustentavam-se com a compra e venda dos utensílios domésticos, vendidos nas épocas de vacas magras e readquiridos nos momentos de recomposições salariais. Outras formas de lidar com a miséria e o desemprego estrutural eram um pouco mais cruéis, como por exemplo, enviando os velhos, que não conseguiam contribuir para o orçamento familiar, de volta aos países de origem.<sup>77</sup>

Como mostra Marcel Van der Linden<sup>78</sup>, a família trabalhadora tinha diversas formas de reunir uma receita que desse conta das seguintes necessidades:

- Manter os membros da unidade doméstica envolvidos em tarefas produtivas.
- Manter esses mesmos membros quando desempregados ou incapacitados.
- Manter os membros idosos da unidade doméstica que já estiveram envolvidos em tarefas produtivas.
- Manter os membros jovens da unidade doméstica que ainda não estivessem envolvidos em tarefas produtivas.
- Ter meios para pagar terceiros (como taxas, aluguéis, e dívidas).

Os recursos para manter a unidade doméstica podiam vir de fontes diferentes, como:

- Os meios proporcionados pelo trabalho remunerado.
- Os meios proporcionados pelo trabalho não-comercial (bens de consumo diretos), como: roupa feita em casa, criação de animais ou cultivos domésticos.
- Os meios proporcionados pelo comércio de alguns bens produzidos domesticamente.
- Os meios provenientes da renda de recursos próprios, como um quarto ou uma cama.

---

<sup>77</sup>- Para a venda dos bens familiares: BASTERRA, F. *Op. Cit.*, págs. 23 e 32; e BATIZ, Adolfo "Buenos Aires, la ribera y los prostíbulos en 1880 (Libro rojo)" Buenos Aires, Aga-Taura, s/d (1ª ed. 1908), pág. 64. Quem menciona o envio dos velhos a Europa, e a morte de muitos na viagem de volta, é: MENACHO, M. "Um viaje a la Argentina. El porvenir de los pueblos Iberoamericanos" Barcelona, Imp. Vda. de J. Cunill, 1911, pág. 264.

<sup>78</sup>- VAN DER LINDEN, Marcel 'Connecting Household History and Labour History' IN: VAN DER LINDEN, Marcel (Ed.) "International Review of Social History. Vol. 38. Supplement 1: The end of Labour History?" 1993, págs. 167 a 169.



- Os meios provenientes de recursos cedidos por outros em tempos de carências, sem necessidade de reparações.
- Os meios obtidos por apropriações; a forma tradicional é o roubo, especialmente no trabalho.
- Os meios recebidos em empréstimo, diferindo o pagamento ou penhorando bens próprios.

Embora o homem adulto geralmente trabalhasse fora da casa, a indústria doméstica foi uma das principais formas de emprego feminino em Buenos Aires, pelo que as mulheres tinham que enfrentar as mesmas condições daquelas que não tinham migrado. Esta nova situação produziu certas alterações nas formas familiares e nas estratégias de organização dos orçamentos familiares. A família deixou de ser independente do mercado na hora de satisfazer suas necessidades, o consumo passou a ser condicionado pelo mercado, abandonando a produção para a auto-suficiência. Poucos foram as famílias que fugiram a esta regra, principalmente aquelas que tinham um espaço para criar alguns animais domésticos. Uma diferença central entre o extrabalhador rural que imigrou para América e aquele que permaneceu foi a atitude com o dinheiro. O imigrante tinha como um dos seus objetivos principais acumular dinheiro, poupar o suficiente para poder voltar, pelo menos como objetivo inicial ao chegar na América.<sup>79</sup> O recentemente proletarizado trabalhador europeu teve uma atitude diferente; poupar não era um objetivo em si mesmo, só para enfrentar momentos críticos, como uma enfermidade ou períodos de desemprego. Esta atitude seria alcançada pelo trabalhador de Buenos Aires no decorrer do tempo.

Numa economia como a argentina, que estava exposta a flutuações cíclicas e a períodos de crise e de desemprego, a família atuava como um seguro para os seus membros. Lembremos que a economia industrial da Argentina estava submetida a períodos de expansão e retração seguindo impulsos cíclicos de demanda ou de retração de acordo com os períodos de crise ou expansão, de promoção ou não da indústria

---

<sup>79</sup>- Sobre a poupança entre os imigrante *Vide* FOERSTER, R. *Op. Cit.*; com referência aos imigrantes italianos na Argentina págs. 243 e 244; e sobre os imigrantes italianos em geral, págs. 422 e 434.

local. O trabalho infantil e o trabalho feminino podiam compensar o desemprego do homem, principal contribuinte do orçamento familiar. O objetivo da família não era maximizar seus recursos ou seus rendimentos, mas satisfazer as necessidades dos seus membros. Os rendimentos eram comuns e administrados segundo os requerimentos do conjunto do grupo familiar.<sup>80</sup>

A organização da família, por um lado, acompanhava a economia de mercado e, por outro, mantinha padrões de conduta não-capitalistas. Esta dualidade foi de grande ajuda na adaptação à nova sociedade. A família, e não unicamente a família nuclear, mas também a família extensa, com seus comportamentos tradicionais, facilitava a inserção na economia capitalista. A família extensa viabilizava a inserção na sociedade capitalista, mas a família nuclear garantia a reprodução do grupo. O trabalho feminino e infantil tinham como objetivo principal subsidiar o trabalho masculino, a principal fonte de renda familiar.<sup>81</sup>

Quanto ao trabalho feminino, o principal grupo de trabalhadoras eram as empregadas na indústria doméstica, que ganhavam algum dinheiro realizando tarefas não muito diferentes das ocupações tradicionalmente atribuídas à mulher na divisão sexual do trabalho. Os Censos do período mostram que as mulheres representavam pouco mais do que 20% do total da força de trabalho, sendo as principais profissões as de passadeira, modista, costureira e lavadeira.<sup>82</sup>

O grau de exploração sofrido pela mulher era superior ao dos homens, principalmente porque estas tinham poucas possibilidades de se defender. As greves femininas tinham poucas possibilidades de êxito. Pressionadas pelos patrões e pelas

---

<sup>80</sup>- O jornalista encarregado da série de artigos publicadas no jornal *La Prensa*, em 1901, da esta função à família do trabalhador. *Vide* 'Los obreros y el trabajo. El trabajo y las mujeres. En la casa y en las fábricas. XXV' IN: "La Prensa" 19/IX/1901, pág. 5.

<sup>81</sup>- Assim apreciava a vida do trabalhador UNSAÍN, Alejandro "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N° 21. Condición Económica de las Clases Obreras" Buenos Aires, Imp. Alsina, 30/XI/1912, págs. 496 e 497.

<sup>82</sup>- Sobre a divisão sexual do trabalho em Buenos Aires, ADELMAN, J. *Op. Cit.*, pág. 14. Para o período posterior a 1914 dados sobre emprego feminino foram compilados por SHIPLEY, R. *Op. Cit.*, pág. 52.

famílias, que necessitavam de seus salários – inferiores ao salário masculino, qualificado ou não –, dificilmente podiam levar até o fim as suas reivindicações, se não eram apoiadas pelos esposos ou pais. Geralmente, os homens expressavam o seu descontentamento com as condições de trabalho ou com o salário das mulheres.<sup>83</sup>

As mulheres empregadas na indústria dificilmente conseguiam suportar por muito tempo o ritmo de trabalho requerido pelas fábricas, oficinas ou pelo próprio trabalho doméstico. Segundo uma pesquisadora do período, o dia-a-dia de uma trabalhadora fabril era mais ou menos assim:

*“A operária entra na fábrica às 6 a.m.; se é mãe e casada, tem que se levantar às 4 ou 4 1/2 para preparar o café da manhã, vestir os filhos, varrer e acomodar o quarto, ainda quando possa fazer tudo numa hora e meia, e isto se mora próxima da oficina. Às onze, retorna à casa, acende o fogo, prepara o almoço para a família, com apenas uma hora e meia. Algumas fábricas – poucas – dão duas horas, outras uma. Quantas operárias no verão, sentadas na linha da vereda, na hora do almoço, comem laranjas, queijo, salsichão, antes que correr às suas casas, fatigar-se e preparar a comida! Em geral estas não têm filhos, ou se os têm, dão a guarda a outras pessoas. Às seis da tarde, concluído o trabalho na oficina, inicia outro: a preparação do jantar, a limpeza dos utensílios de cozinha, e se as crianças precisam, cosmem, lavam, passam, etc. O modesto salário não bastaria se tivesse que mandá-lo fazer. (...) Somem, senhores, até as nove da noite terão trabalhado, sem descanso, 17 horas e não para si próprias (...).”<sup>84</sup>*

Esta vida tinha como conseqüências quase imediatas o stress, a fadiga crônica ou a tuberculose.<sup>85</sup> Ou resistir até que pudesse mudar a sua situação, fosse pela mudança de conjuntura, com a elevação do salário do chefe da família, ou pelo ingresso de algum dos filhos no mercado de trabalho. É por isso que o trabalho feminino na indústria doméstica completava a receita sem que a mulher precisasse deixar a casa, ou melhor, o quarto do cortiço. Assim, podia lavar, passar ou costurar atendendo os afazeres

---

<sup>83</sup>- *La Vanguardia* de 16/1/1904, apresenta o caso de uma greve de tecelãs que retomaram ao trabalho obrigadas pelos seus próprios padres que necessitavam de seus ingressos, *Aphd* GUY, Donna ‘Familias de clase baja, mujeres y el Derecho: Argentina, Siglo XIX’ IN: BARRANCOS, Dora (Comp.) “**Historia y Género**” Buenos Aires, CEAL, 1993, pág. 61 Sobre o salário feminino ver SHIPLEY, R. *Op. Cit.*, págs. 135 e 136. Um exemplo do descontentamento familiar sobre o trabalho feminino são as notas aparecidas num periódico de *La Boca* assinadas por *Uno que conoce los tormentos de la fábrica* e *El marido de una explotada*. Eles reclamavam pelas suas “mulheres”. Cf. ‘Las Bastillas industriales’ IN: “**Progreso de la Boca**, N° 355” 8/2/1903 e N° 358, 1/03/03.

<sup>84</sup>- Assim descrevia Gabriela L. de Coni a condição da mulher trabalhadora na conferência ‘*Causas de tuberculosis en la mujer y el niño obreros*’ pronunciada o 22 de Julho de 1902 na *Unione Operaia Italiana*. Foi reproduzida em CONI, Emilio ‘Contribuciones a la historia de la legislación obrera argentina. II’ IN: “**Boletín del Museo Social Argentino**, N° 81-84; Tomo VII” Buenos Aires, 1918, págs. 692 e 693.

<sup>85</sup>- As conseqüências do trabalho na indústria doméstica são apresentadas em FERRERAS, Norberto O. ‘Carolina Muzilli ou a costurereinha que não deu o mal passo’ IN: “**Cadernos Pagú**, N°13” 1999.

domésticos. Era necessário, e até imprescindível, que a mulher trabalhasse para completar a renda familiar, mas ninguém esperava que o salário feminino pudesse manter toda a família. Mesmo assim, os rendimentos não deixavam de ser baixos. Só à custa de um alto grau de exploração a mulher conseguia uma renda à altura das necessidades familiares.<sup>86</sup>

A sociedade argentina apresentava certas características peculiares em relação ao trabalho feminino, com diferenças marcadas entre o interior e o litoral, principalmente Buenos Aires. Até o terceiro quartel do século XIX, as indústrias estavam no interior da Argentina; como a oferta de mão-de-obra era escassa, foram estipulados mecanismos coercitivos para forçar o trabalho, inclusive das mulheres. Todo aquele que era considerado “vago” ou desempregado, era obrigado a trabalhar onde o Estado determinasse. A situação era diferente em Buenos Aires, principalmente quando a produção de produtos manufaturados estabeleceu-se nesta cidade, a partir da década de 1870. A mulher estava na dependência do esposo ou do pai, que era legalmente quem determinava o ingresso da mulher no mundo do trabalho. Esta situação de menoridade legal da mulher correspondia à necessidade de arredondar o orçamento familiar. Esta situação levava a mulher, esposa ou filha a ingressar, forçada ou não, no lucrativo negócio da prostituição.<sup>87</sup>

Outra particularidade da Argentina refere-se à legislação sobre o trabalho feminino. Os setores preocupados com a questão social eram contrários ao trabalho da mulher. Dos socialistas aos católicos conservadores, todos eles concordam: era preferível a mulher permanecer no lar a trabalhar numa fábrica ou numa oficina.<sup>88</sup>

<sup>86</sup>.- Sobre as diversas formas de trabalho feminino *Vide* MUZILLI, Carolina ‘El trabajo femenino’ IN: “**Boletín del Museo Social Argentino**. Nº 15-16; Tomo II” Buenos Aires, 1913, págs. 61 a 89. Também, mas em clave optimista, DÁVILA, Francisco “**La Babel Argentina**” Buenos Aires, Lib. Gral. Lavalle, 1896, pág. 153.

<sup>87</sup>.- Sobre a situação legal da mulher na Argentina e as denúncias sobre a prostituição induzida pela família *Vide* GUY, D. *Op. Cit.*, págs. 51 a 58.

<sup>88</sup>.- Sobre a contraditória posição dos Socialistas em relação ao trabalho feminino FEIJOO, María Del Carmen ‘Las trabajadoras porteñas a principios de siglo’ IN: ARMUS, Diego (Comp.) “**Mundo urbano y cultura popular. Estudios de Historia Social Argentina**” Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1990, págs. 307 e 308; para a coincidência formal entre socialistas e católicos conservadores *Vide* RIGOTTI, Ana María ‘La vivienda y

Segundo Mirta Lobato, os imigrantes introduziram o conceito de 'lar' entre as classes populares e, portanto, eram contrários ao trabalho feminino. Mas a preocupação dos reformistas era justamente a falta de conformação do 'lar' entre os imigrantes.<sup>89</sup> Poderíamos acrescentar as dificuldades de conformação do 'lar', morando em cortiços e recebendo pequenos salários.

Logicamente os objetivos de ambos grupos eram bem diferentes; de fato, os socialistas estiveram mais preocupados com o estabelecimento de uma legislação protetora da mulher trabalhadora, e não unicamente mãe em potencial. Desde que Alfredo Palacios foi eleito como o primeiro deputado socialista, em 1904, seus projetos de lei para melhorar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores foram sistemáticos; porém, só em 1907 foi aprovada a primeira lei que regulamentava o trabalho feminino e infantil, a Lei 5291. Esta legislação não teve uma oposição que impedisse a sua sanção. Porém, a legislação foi simplesmente desrespeitada pelos capitalistas e pelos industriais.<sup>90</sup>

Se os reformistas burgueses e os socialistas concordavam quanto à necessidade de uma legislação protetora da mulher, os reformistas entendiam que a proteção devia ser dirigida à mulher enquanto futura mãe, reforçando este papel. Para isso, sua idéia era encarecer o trabalho feminino, mediante uma legislação severa: igualando o salário

---

lo doméstico. Redefiniendo el habitat obrero a principios de siglo' IN: FEIJOO, María Del Carmen e HERZER, Hilda María (Comps.) "**La mujer y la vida de las ciudades**" Buenos Aires, GEL-IIED América Latina, 1991, págs. 198 a 200 e 202.

<sup>89</sup>- Cf. KORZENIEWICZ, R. *The labour movement...* *Op. Cit.*, pág. 36; e LOBATO, Mirta Z. 'Mujeres obreras, protesta y acción gremial en la Argentina: los casos de la industria frigorífica y textil de Berisso' IN: BARRANCOS, D. *Historia...* *Op. Cit.*, págs. 69 e 70. Francisco Dávila entendia que era a crise e o desemprego levavam às mulheres a abandonar o lar a procura de emprego, Cf. DÁVILA, F. *Op. Cit.*, pág. 151.

<sup>90</sup>- Uma versão deste projeto tinha sido apresentada como projeto de Ordenança ao Município por Gabriela L. de Coni. CONI, Emilio R. 'Contribuciones a la historia de la legislación obrera argentina.' IN: "**Boletín del Museo Social Argentino. N° 75-80; Tomo VII**" Buenos Aires, 1918, págs. 692 e 693. Maiores detalhes sobre a aprovação desta lei *Vide* WALTER, Richard "**The Socialist Party of Argentina, 1890-1930**" Austin, Institute of Latin American Studies, 1977, págs. 89 a 91. Sobre a legislação do trabalho feminino na Argentina e a sua aplicação GUY, Donna 'Women, peonage and Industrialization: Argentina, 1810-1914' IN: "**Latin American Research Review. Vol. XVI. N° 3**" 1981, págs. 81, 83 e 84.

feminino ao masculino e diminuindo as horas de trabalho da mulher. Desta forma, o capitalista estaria obrigado a contratar homens.<sup>91</sup>

Porém, onde o trabalho feminino era preciso, era explorado sistematicamente, sem considerar a legislação protetora. Os únicos defensores do trabalho feminino eram os liberais no Governo, que entendiam que este era um dos sintomas da modernização social e econômica da Argentina.<sup>92</sup>

Por outro lado, os anarquistas esperavam que a mulher apoiasse o homem na luta, mas não eram favoráveis ao trabalho feminino. Os anarquistas manifestaram em diversas oportunidades sua preocupação em relação ao trabalho feminino, como nos Congressos da *Federación Obrera Argentina* (depois *Federación Obrera de la Región Argentina* – FORA). Suas posições eram contraditórias: ao mesmo tempo que explicitavam a preferência pela mulher no lar, mantendo suas funções reprodutivas, chamavam à organização, ao ingresso nos sindicatos por ofícios e, ainda, reclamavam um salário igual ao dos homens. Depois da agitação e derrota pela filiação feminina, em 1904, a questão do trabalho feminino passou a segundo plano.<sup>93</sup>

Uma explicação para a legislação avançada pode ser a baixa demanda por trabalho feminino e pelo tipo de trabalho requerido. A principal ocupação feminina estava na indústria doméstica. As condições de trabalho nesta indústria eram precárias, sem horário de trabalho, com pagamento por peça ou por contrato e sem feriados, além de ter que fazer as tarefas do lar, o que não era muito diferente para outras trabalhadoras. Os industriais tinham suas estratégias de prevenção contra as ofensivas estatais. Por um lado, negavam o acesso às fábricas das inspeções, enquanto não fossem obrigados. Por outro lado, como as leis nacionais não valiam nada fora da

91.- BIALET MASSE, Juan “Informe sobre el estado de la Clase Obrera (II)” Madrid, Hyspamérica, 1989 (1ª ed: 1904), págs. 654 e 655.

92.- FEIJOO, M. *Op. Cit.*, págs. 288 a 290.

93.- Embora a ‘mulher proletária’ fosse considerada positivamente, o militante anarquista preferia a sua mulher no lar, esperando por ele. Vide BARRANCOS, Dora “Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo” Buenos Aires, Ed. Contrapunto, 1990, pág. 273 a 275 e FEIJOO, M. *Op. Cit.*, pág. 305.

Capital Federal e dos Territórios Nacionais, era só atravessar o *Riachuelo* para estar fora da fiscalização nacional e municipal e longe dos olhos dos governantes provinciais, residentes em *La Plata*.<sup>94</sup>

Nas estratégias familiares, o salário feminino era tanto a salvaguarda para momentos de dificuldade quanto o complemento imprescindível do salário masculino. Orçamentos apresentados são sempre deficitários, se considerado unicamente o salário masculino. É evidente que era necessário o salário da mulher para compensar este déficit. A importância do salário feminino, como um complemento, aparece na recomendação que dava o cônsul britânico aos seus compatriotas que migravam à Argentina. Estes tinham que casar com mulheres que pudessem contribuir para a renda familiar, fosse na indústria ou como passadeiras.<sup>95</sup>

*QUADRO XXV: Principais Profissões Femininas Segundo os Censos*

Prof.	1895		1904		1909		1914	
	Arg.	Extr.	Arg.	Extr.	Arg.	Extr.	Arg.	Extr.
Bordadeira	327	371	842	717	1.216	739	843	730
Costureira	5.608	7.549	6.513	6.932	7.584	8.732	9.736	9.460
Modista	1.625	3.330	4.778	5.911	8.741	7.345	9.223	9.972
De rendas	3.664	2.185	3.435	2.282	3.412	2.210	4.804	1.879
Lavadeira	1.031	3.082	847	2.874	916	3.261	674	3.652
Passadeira	2.488	3.654	3.312	3.567	5.362	5.962	4.384	5.138
Doméstica	9.506	13.841	14.113	22.589	60.590	58.144	27.657	47.819
Out. Prof.	4.359	8.448	11.707	13.695	23.491	26.064	31.414	27.132
Sem Prof.	51.039	80.779	82.038	110.494	86.464	107.362	120.314	190.660

**Fonte:** Os dados correspondem aos Censos Nacionais de 1895 e 1914 e aos Censos Municipais de 1904 e 1909

O trabalho infantil apresenta certas peculiaridades em relação aos trabalhadores em geral. São poucas as pesquisas desenvolvidas a este respeito durante o período. O trabalho da criança era considerado como uma das etapas na vida do trabalhador. O trabalho infantil estava relacionado com o apoio aos adultos, com a iniciação em

<sup>94</sup>- STACH, Francisco 'Estudios sobre salarios y horarios de los obreros y empleados en los diferentes trabajos en la Capital Federal y en el resto de la República Argentina' IN: "Boletín del Museo Social Argentino N° 27, Tomo III, Año III" Buenos Aires, Marzo de 1914, pág. 197.

<sup>95</sup>- 'Letter from Mr. McDonnell to Granville' IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres - Later Argentine Republic. Mr. McDonnell, Commercial. 1871", pág. 304.

determinadas profissões ou com tarefas desqualificadas e mal remuneradas, como empacotador ou empilhador de pequenos volumes. Outras ocupações que estavam nas mãos das crianças era a venda de alguns produtos, como os jornais, balas e doces ou bilhetes de loteria, e alguns serviços, como os engraxates. As pesquisas, já mencionadas, de Gabriela Coni e Carolina Muzilli vincularam o trabalho infantil ao trabalho feminino.<sup>96</sup>

Numa grande medida, o pertencimento de uma criança a uma família da classe trabalhadora determinava o seu destino posterior. Como a criança ingressava rapidamente no mercado de trabalho, para incrementar a renda familiar, rapidamente também deixava a escola, ao contrário do que acontecia entre as classes altas e médias. Tinha que se capacitar no mundo do trabalho para o seu futuro profissional. A idade de ingresso no mercado de trabalho variava de ofício para ofício. Em 1918, a idade mínima média das mulheres era de 12 anos na indústria do calçado, e entre os homens a idade mínima média nas padarias era de 8 anos.<sup>97</sup>

É difícil quantificar este tipo de trabalho, sempre relacionado com o apoio ao grupo familiar. A contribuição do trabalhador mirim tinha duas faces: o ingresso de um outro salário que consolidasse o orçamento familiar, ou a ajuda ao pai ou à mãe no seu próprio trabalho, fossem estes artesãos, comerciantes ou membros da indústria doméstica. Esta segunda face do trabalho infantil nunca era declarada, nem sempre aparecia nos estudos e dificilmente representava o pagamento de um salário. Outras dificuldades para avaliar o trabalho infantil estiveram nos limites impostos pelos empresários – comerciantes, industriais, donos de oficinas, etc. – para fiscalizar o trabalho em geral. Até 1907, os inspetores só podiam ingressar nos estabelecimentos produtivos com permissão do dono. E ainda depois, os empregadores falseavam a

---

<sup>96</sup>- Sobre a importância das crianças como vendedores *Vide* DAIREAUX, Emilio “**Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina**” Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, págs. 144 e 145. Na produção as crianças tinham uma forte presença na indústria doméstica *Cf.* SHIPLEY, R. *Op. Cit.*, pág. 57.

<sup>97</sup>- GUTIERREZ, Leandro “**Vida material y experiencia de de los sectores populares. Buenos Aires, 1880-1914**” Buenos Aires, PEHESA, 1981, pág. 3.



idade das crianças, os horários de trabalho e as tarefas desempenhadas. Para isto colaboravam os pais, que precisavam deste salário.<sup>98</sup>



Fig. 1: Uma das profissões infantis mais difundidas era a de *canillita*, ou vendedor de jornais. Aqui temos um grupo deles no início da jornada, apanhando seus jornais. As *alpargatas* revela a origem social destes pequenos trabalhadores. Aproximadamente 1900. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

A importância do trabalho infantil na renda familiar variou de período em período e segundo o emprego do chefe de família, como no caso do trabalho feminino. Nos casos de trabalhadores não qualificados, o trabalho das crianças do lar era central na subsistência do grupo familiar. A necessidade do trabalho infantil era crítica em casos de desemprego, por exemplo. Nos períodos de desemprego conjuntural, a situação se revertia rapidamente, mas com a grande onda de desemprego que precedeu e acompanhou a Grande Guerra, muitas crianças e adolescentes abandonaram a escola e o aprendizado de um ofício, por qualquer tipo de trabalho com rendimentos imediatos.<sup>99</sup>

<sup>98</sup>- Sobre o comportamento dos empregadores e da família em relação ao trabalho infantil SURIANO, Juan 'Niños trabajadores. Una aproximación al trabajo infantil en la industria porteña de comienzos del siglo' IN: ARMUS, D. *Op. Cit.*, pág. 25+.

<sup>99</sup>- Um caso apresentado por Suriano é revelador desta importância. Refere-se ao pedido de uma pensão, realizado em 1902, pelos pais de uma menina que morreu num acidente de trabalho. O inspetor constatou a importância do aporte da criança nos ingressos familiares. O pai era peão substituto nas ferrovias. SURIANO, J. *Op. Cit.*, pág. 277; e BUNGE, A. *La Desocupación ... Op. Cit.*, pág. 19.

Mas o trabalho infantil não deixava de ser conflituoso para diversos setores da sociedade. Tanto os membros das organizações operárias quanto os reformistas sociais debateram as conseqüências da incorporação das crianças ao mundo do trabalho. Por motivos diferentes, ambos procuravam limitar este ingresso. Para os reformistas, a falta de escolarização comprometia o projeto de integração na sociedade dos filhos dos imigrantes; além disso, entendiam que o rápido ingresso no mundo do trabalho era prejudicial ao desenvolvimento da pessoa. Os trabalhadores organizados queriam limitar e controlar o trabalho porque desestruturava o mercado de trabalho. As crianças, que eram facilmente demitidas, não reclamavam, como tampouco reclamavam das tarefas a realizar.

Tanto o trabalho infantil quanto o trabalho feminino não eram bem recebidos pelos trabalhadores em geral. Era visto como uma forma de concorrência desleal por parte dos capitalistas. De fato, o trabalho infantil e feminino barateava os custos da produção e não ocasionava conflitos, como os trabalhadores homens.<sup>100</sup>

Para poder ter uma idéia dos níveis de emprego por sexo e por idade, apresentamos a seguir um quadro com as estatísticas oficiais referentes a esta questão. Embora possam não estar completas, ou tenhamos certas dúvidas quanto à elaboração das mesmas – principalmente sobre como e de que forma foram colhidos os dados – pelo menos teremos a possibilidade de acompanhar as três categorias de trabalhadores:

*QUADRO XXI T: Emprego por Sexo e Idade*

ANO	Total	Homens	Mulheres	Menores
1914	343.984	246.636	72.925	24.423
1915	337.882	242.189	71.685	24.058
1916	312.997	224.189	66.452	22.256
1917	292.840	209.808	62.300	20.832
1918	335.239	240.170	71.218	23.851
1919	352.252	252.413	74.786	25.043
1920	382.758	274.437	76.356	25.568

**Fonte:** *Anuario Estadístico...1915/1923... Op. Cit.,* pág. 272.

<sup>100</sup>- Cf. KORZENIEWICZ, R. *The labour movement... Op. Cit.,* pág. 36.

## 6.- Conclusões

Até o momento, temos apresentado a evolução dos consumos e preços ao longo dos ciclos econômicos que atravessou a Argentina durante o nosso período. Alguns elementos foram incorporados, como o transporte; outros foram sendo substituídos aos poucos ou parcialmente, como aconteceu com a carne; e outros consumos cresceram, como o pão.

Neste capítulo tentamos demonstrar que o estudo dos salários sozinhos, em termos gerais, mais do que esclarecer as condições de vida dos trabalhadores, complicam e obscurecem a sua análise. Os orçamentos familiares apresentam melhores perspectivas para analisar esta questão. De fato, os salários apresentam uma pequena parte da realidade. Num mercado de trabalho tão heterogêneo e diverso, como o de Buenos Aires entre 1880 e 1920, o salário não era uma constante na vida do trabalhador e devia ser complementado com outros recursos, como a renda familiar. Por outro lado, um importante setor da população alternava empregos rurais e urbanos, descongestionando o mercado de trabalho temporariamente. A temporariedade dos trabalhos é outra questão que complica ainda mais a determinação dos salários e que afetava tanto as tarefas rurais quanto as urbanas. Neste mercado os trabalhadores chegavam a estar disponíveis até duas vezes por ano, sem que a saída de um trabalho implicasse o ingresso em outro. Os trabalhadores circulavam em empregos mal remunerados à espera de um bom trabalho. Nos momentos de pouca oferta, passavam para a venda ambulante e, em casos extremos, à mendicância.<sup>101</sup>

Assim como os trabalhadores ingleses, estabeleceram sua ideologia de classe partindo do costume. A máxima das negociações era: *‘Um dia justo de trabalho por um dia justo de pagamento’*; sobre essa base, estabeleceram as reivindicações salariais; como os trabalhadores americanos, reivindicaram seu salário partindo das suas necessidades

---

<sup>101</sup>- ‘Los obreros y el trabajo. Vendedores ambulantes. 12.000 personas ocupadas. Las dificultades del oficio. Efectos de la competencia. Carniceros, fruteros y verduleros. Interesantes reportajes. La tarea y el beneficio. XXVI IN: “La Prensa” Buenos Aires, 23/IX/1901, pág. 3.

como consumidores, acertando o salário às necessidades familiares; os trabalhadores de Buenos Aires tiveram seus padrões reivindicativos. Lutaram pelo salário segundo padrões sazonais e acompanhando as variações do mercado. Neste sentido, os trabalhadores portenhos apresentaram uma racionalidade bem mais próxima de uma economia de mercado. A organização dos trabalhadores data do momento em que o mercado de trabalho ficou saturado. Era necessário forçar os limites da economia de mercado, recorrendo a outros mecanismos de negociação, passando a instâncias coletivas. Embora o individualismo retornasse nos momentos de crescimento, foi muito menos importante depois da virada do século.<sup>102</sup>

O estabelecimento de salários e orçamentos mostra que as melhoras nas condições de vida foram paulatinas ao longo dos quarenta anos, com pequenas altas e grandes baixas. Para compensar cada uma das crises do período, os trabalhadores tiveram que confrontar com os Capitalistas e o Estado. Nenhuma das melhoras obtidas foi de graça, os ciclos de depressão foram acompanhados por ciclos de repressão ou por tentativas de incorporação dos trabalhadores, como a criação do DNT, em 1907. O “Progresso” argentino teve outra face e seu preço foi pago pelos trabalhadores que ajudaram a construir as grandes e pequenas fortunas, recebendo em troca receberam a vida nos cortiços, ou sendo utilizados como a variável para equilibrar as contas das empresas e do Estado.<sup>103</sup>

Para os pesquisadores que analisam as variáveis macroeconômicas ou de longo prazo, a vida das pessoas ou das famílias pareceriam questões de literatos ou de almas sensíveis. Porém, ao estudar os elementos das condições de vida, poderemos explicar

---

<sup>102</sup>.- Sobre os trabalhadores ingleses: HOBBSAWM, Eric ‘*Costume, salários e carga de trabalho na indústria do Século Dezenove*’ IN: HOBBSAWM, Eric “*Os Trabalhadores. Estudos sobre a História do operariado*” Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (1ª ed. em inglês: 1964), pág. 352; e sobre os americanos: GLICKMAN, Lawrence ‘*Inventing the “American Standard of Living”: Gender, race and working class identity, 1880-1925*’ IN: “*Labor History*. Vol. 34 Nº 2-3” Spring-Summer 1993, pág. 222.

<sup>103</sup>.- Temos que lembrar que em períodos críticos o Estado chegava a suspender seus pagamentos sem poupar por isso aos trabalhadores. Cf. *Carta de Oreste Solu, desde Buenos Aires (19/07/1908)* Apud BAILY, Samuel e RAMELLA, Franco “*One Family, Two Worlds. An Italian Family’s correspondence across the Atlantic, 1901-1922*” New Brunswick - London, Rutgers University Press, 1988, pág. 75.

quais as formas de distribuir os custos da produção e compreender o desempenho da mão-de-obra.

Para finalizar este capítulo, é preciso mencionar que, além das estatísticas oficiais ou oficiosas apresentadas, existiram outras realizadas pelos próprios operários. Algumas não passaram de tentativas. Outras, como as já apresentadas de Patroni, de Alfredo Palacios, do Partido Socialista e de *La Vanguardia*, tiveram alguma repercussão. Mas é preciso mencionar o esforço inicial de um grupo de militantes socialistas e trabalhadores reunidos no periódico *El Obrero*, que em 1892 tentaram criar uma pesquisa permanente sobre as condições de vida e alimentação dos trabalhadores de Buenos Aires, que deveria ser publicada pela *Federación Obrera Argentina*.<sup>104</sup> O inquérito não conseguiu sair do papel. De fato, era muito ambicioso, sobre tudo para aqueles que não tinham o tempo nem o dinheiro necessário para poder implementá-lo.

Este inquérito partia da hipótese de que os principais realizadores da obra seriam os próprios assinantes de *El Obrero*. O objetivo era demonstrar que ante as condições de vida (e de trabalho) que tinham que enfrentar os trabalhadores, os únicos capacitados para compreender as necessidades dos trabalhadores, eram eles próprios. Para isto, os membros deste jornal partiam de uma série de questões, que deviam ser respondidas duas vezes por ano. O inquérito constava de 14 perguntas, em que se priorizavam os problemas trabalhistas. Porém, as duas últimas questões estavam vinculadas às condições e ao custo de vida das famílias dos trabalhadores. As perguntas são as seguintes:

“13° Quais as condições da sua existência? Quanto paga de aluguel? de que tipo é o quarto? a que distância está da oficina? tem água suficiente? A ventilação? quais as condições de higiene?”

“14° Quanto paga pelo pão onde você mora?”

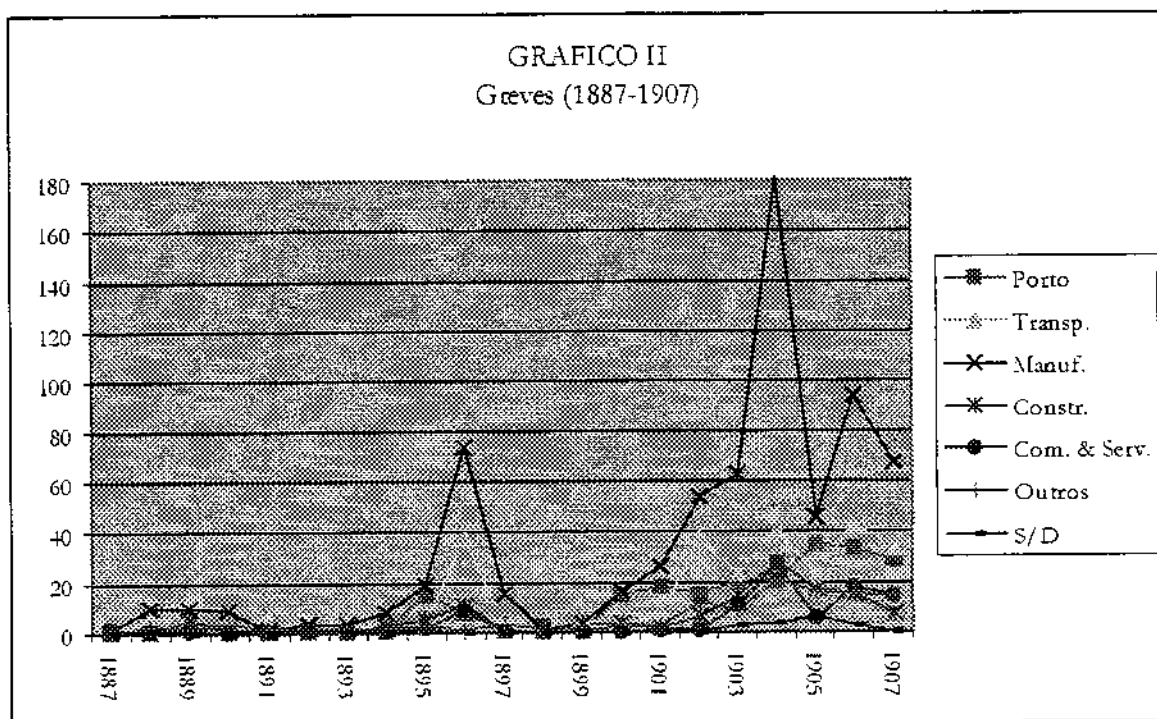
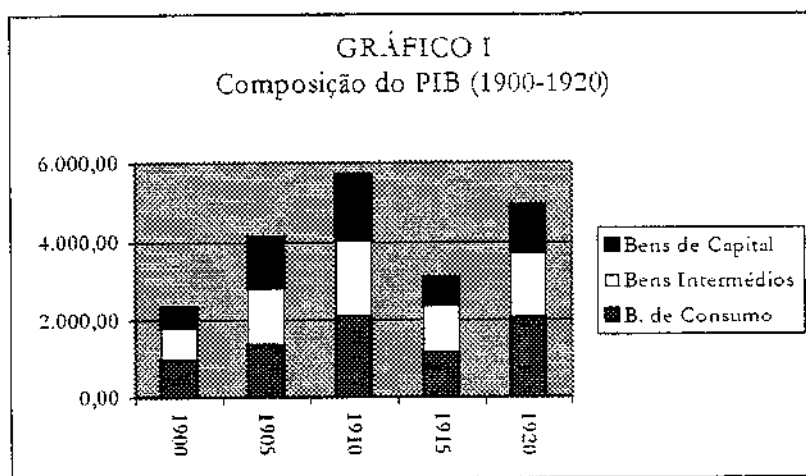
“Quanto gasta um adulto para viver por dia em pão, carne, legumes, leite, queijo, massas, etc.? quanto gasta num mês em lavagem de roupas, sapatos, roupas? para fumar? Em distrações? quanto gasta uma família de 5 pessoas?”<sup>105</sup>

<sup>104</sup>.- ‘Estatística general obrera’ IN: “*El Obrero N° 54, Año II*” 30/1/1892 *Apud* GARCÍA COSTA, Víctor “*El Obrero: selección de textos*” Buenos Aires, CEAL, 1985, págs. 81 a 84.

<sup>105</sup>.- *Id. Ant.*, págs. 82 e 83

Os resultados deste inquérito permitiram estabelecer a mais-valia que o Capital obtinha sobre os operários. As organizações e partidos trabalhistas tentaram estabelecer seus próprios mecanismos de análise da realidade, porém estes não passaram de esforços pessoais e muitas vezes limitados aos pequenos, ou grandes, grupos nos quais atuava o militante. As maiores contribuições dos trabalhadores e de seus representantes concentram-se na área das avaliações e expectativas.

7.- Gráficos



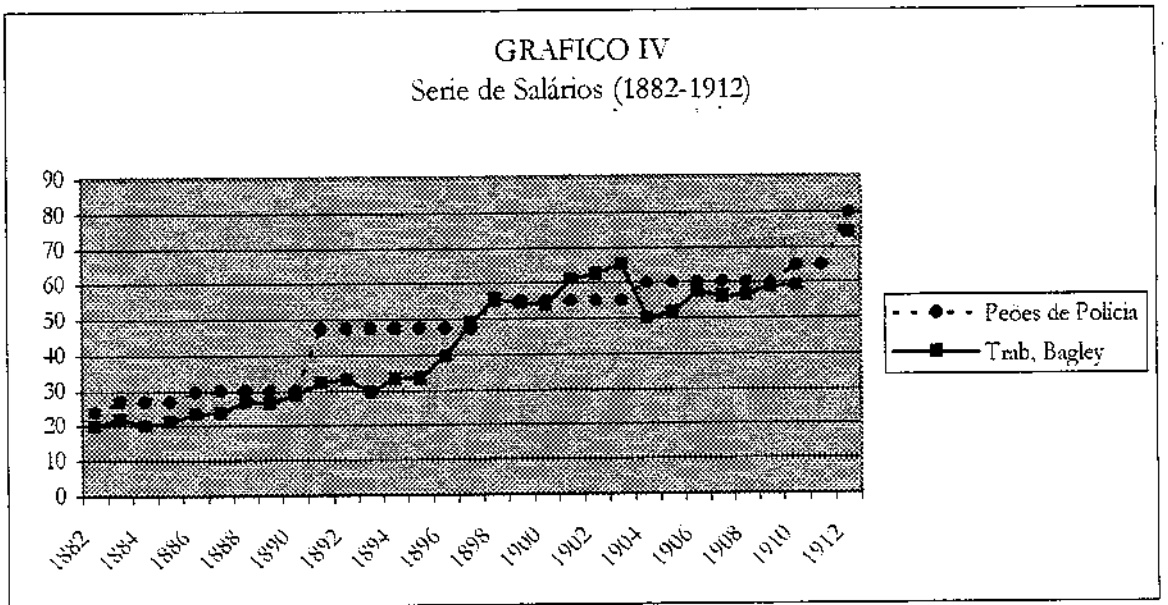
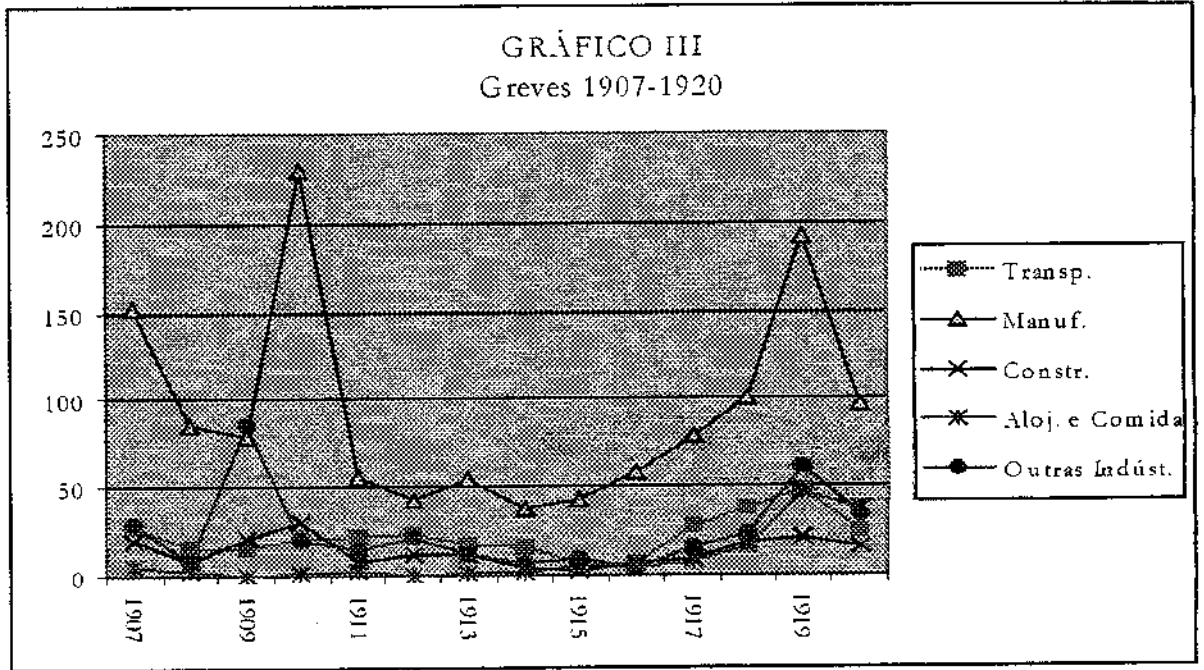
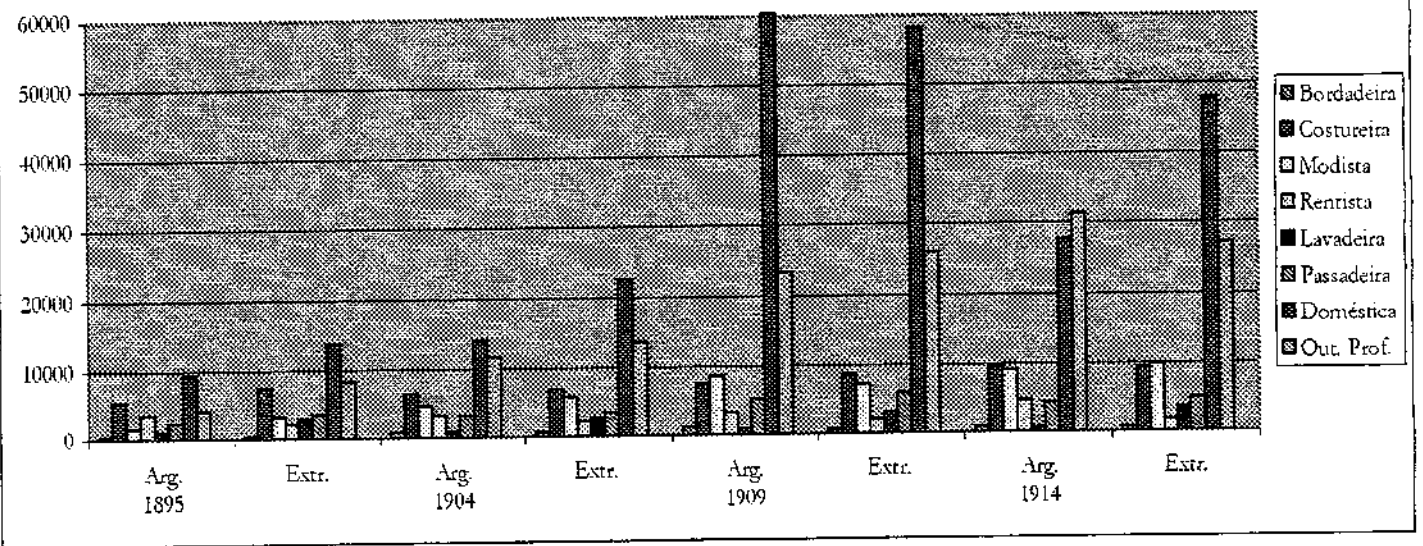


GRAFICO V  
Principais profissões femininas





## Capítulo IV Pão, Carne E Vinho: Comer Para (Sobre)Viver

“Nuestra situación tiende a ser cada día más grave. Si antes nuestros salarios nos permitían llenar relativamente nuestras necesidades, en cambio hoy, todos sabéis que apenas ganamos para comer.” (Federación Obrera Argentina, Octubre de 1895)

“Avrei dovuto intitolare questo capitolo: *Il paese di incagna.*” (Alejandro Cazzani “**L’Argentina qual’è veramente**” Buenos Aires, Est. Gráf. Gunche, Wiebeck y Turd, 1896, pág. 75)

### 1.- Introdução

Um analista da alimentação entendia que “o leite e a carne são no nosso país (Argentina) a base da alimentação da população. (...) a segunda é indispensável para manter o organismo da pessoa adulta forte e sadio. (...) a carne é a base da alimentação”.<sup>1</sup> O leite tinha o valor simbólico de ser o primeiro alimento, mas a carne era “o” alimento. Sem ela ninguém podia estar satisfeito e tranqüilo. A abundância de carne atraía os imigrantes e deixava felizes os *criollos*. Esta bem que poderia ser a imagem que os *porteños* tinham de si próprios. Carne e leite não eram os únicos consumos, outros gêneros alimentares completavam o quadro dos consumos do período. Neste capítulo apresentaremos esses consumos, a evolução dos preços e as condições de elaboração.

Os consumos alimentares humanos estão marcados pelas necessidades simbólicas e fisiológicas. Sobre as necessidades fisiológicas é preciso esclarecer alguns pontos. Para começar não está claro, ainda hoje, quais são as quantidades que o corpo humano precisa para desenvolver e repor as energias gastas nas atividades cotidianas, para manter a temperatura corporal, para manter o processo de crescimento, etc. As necessidades variam de acordo com a atividade física, a altura, peso, estado da saúde, etc. Massimo Livi-Bacci estima que a população que tiver umas 2.000 calorias como consumo normal *per capita* pode ser considerada uma população suficientemente

---

1.- GONZÁLEZ, Juan B. “El encarecimiento de la vida en la República Argentina” Buenos Aires, Las Ciencias, 1908, pág. 88.

nutrida, pelo menos no que se refere a energias. Mas, o corpo humano não precisa unicamente de energia, devem ser considerados outros elementos que constituem o corpo humano e que devem ser ingeridos no cotidiano para manter o seu normal funcionamento, como proteínas, vitaminas e minerais.<sup>2</sup>

O fato de os profissionais atuais continuarem a modificar sutil ou substancialmente o quadro das necessidades humanas dos elementos básicos a serem consumidos nos leva a não comparar os parâmetros atuais com os do nosso período. Nos 40 anos entre 1880 e 1920, inovações científicas e técnicas foram incorporadas à elaboração e conservação dos produtos consumidos, além de serem modificadas as necessidades humanas do ponto de vista científico. Mas neste caso analisaremos os alimentos do ponto de vista do custo e das expectativas dos 'consumidores'. O que é que os trabalhadores esperavam ao comer pão ou carne? Era isto o que eles achavam que era bom para a sua saúde? Estas questões serão prioritárias. Embora tenham existido pesquisas sobre as exigências fisiológicas, realizadas por médicos e cientistas ao longo do nosso período, a intervenção das instituições científicas foi insignificante, principalmente porque não podiam influir no mercado, e portanto, eram incapazes de favorecer o consumo de tal ou qual produto.

É difícil sintetizar uma realidade tão complexa como a de Buenos Aires dentro dos restritos limites das estatísticas oficiais. De fato, estabelecer um consumo *médio*, como temos feito anteriormente, implica reduzir as possibilidades de escolha das famílias operárias; não obstante, esse reducionismo permite avaliar, no decurso do tempo, a evolução de uma série de consumos básicos e a relação com a evolução dos rendimentos **médios**.

A decomposição dos itens que constituem a alimentação não significam uma vivência diferenciada de cada um deles; estas divisões têm simplesmente um caráter

---

2.- Cf. LIVI-BACCI, Massimo "Ensayo sobre la historia demográfica europea. Población y alimentación en Europa" Barcelona, Ed. Ariel, 1988, págs. 50 e 51.

descritivo. As variáveis analisadas são todas parte de uma mesma realidade, na qual a questão principal são as estratégias para aplicar da melhor maneira possível os escassos recursos disponíveis, sendo que este “*melhor*” não significará unicamente qualidade ou quantidade no consumo.

Quanto à qualidade, são diversos os elementos que confluem nesta questão de difícil análise. Não se concentra unicamente nas propriedades intrínsecas dos alimentos ou dos bens disponíveis. É preciso considerar as condições em que esses alimentos chegavam às mesas proletárias; da cadeia de distribuição às formas de armazenamento e conservação, todas elas incidiram na qualidade dos alimentos. A isto temos que adicionar as condições na preparação e consumo dos alimentos nos lares proletários. Que tipo de alimentação poderia resultar da preparação das comidas num *cortiço*, dentro de um quarto úmido e sujo, num braseiro que enfumaçava tudo e deixava a comida com cheiro de fumaça e cinzas?

Junto à moradia, a questão que influi mais diretamente na qualidade de vida dos trabalhadores – e na percepção desta qualidade – é, com certeza, a alimentação. Nessa confluem diversas variáveis, desde a qualidade em si dos alimentos à qualidade atribuída aos mesmos, sem esquecer a sua carência ou abundância. O preço da alimentação nos orçamentos das famílias de trabalhadores, que nunca foi menor do que 45% do total, permite pensar que atender a esta necessidade era uma das principais preocupações cotidianas.

Como vemos nas duas dos epígrafes colocadas, um do ano de 1895 e outra de 1896, as avaliações feitas sobre a alimentação, ou melhor, sobre os consumos operários, eram diametralmente diferentes. Seria possível que tivessem mudado tanto assim, de um ano para o outro? Isso é parte do que tentaremos averiguar neste capítulo.

Os diversos grupos étnicos que confluíram em Buenos Aires, conformando a classe trabalhadora portenha, tinham as suas próprias dietas ou cozinhas, que podiam confluir ou divergir entre si, mas que tiveram que ser adaptadas às possibilidades locais.

Certamente, as opções para os recém-chegados eram variadas. Lembremos que a Argentina era um dos principais produtores mundiais de trigo, milho e de diversas carnes, predominando as bovinas e ovinas. Estes produtos possibilitavam satisfazer a *dieta mediterrânea*, ou seja, o conjunto de produtos consumidos pelos maiores grupos étnicos que chegaram à Argentina no período da grande imigração: italianos, espanhóis, franceses, além daqueles que chegavam do Oriente Médio, como armênios, sírios e libaneses.

Aqueles produtos que Argentina não oferecia inicialmente foram sendo incorporados ao longo do nosso período, seja porque os recém-chegados adaptaram algumas plantas, ou porque, devido à procura ser grande e diversificada, a oferta foi crescendo e ampliando-se, para poder acompanhá-la. A produção hortifrutícola foi crescendo e ampliando sem pausas a gama dos produtos oferecidos. Novas terras eram colocadas em produção e novos grupos de imigrantes chegaram para torná-las produtivas, como acontecia nas longínquas terras de Río Negro, Mendoza, San Juan, Catamarca, La Rioja, Misiones e outras, onde imigrantes italianos, espanhóis, sírios, russos e poloneses começaram a produzir frutas – maçãs, pêras, ameixas, uvas, figos, pêsegos, damascos, azeitonas – e a industrializá-las em forma de bebidas – vinhos, licores e sidras –, conservas ou obtendo outros produtos – doces, azeite e óleos. Até a erva-mate deixaria de ser importada para ser cultivada e beneficiada na Argentina.

## 2.- Os gêneros alimentícios: principais e secundários

Como temos apresentado no capítulo anterior, vários gêneros alimentícios são recorrentes. Quatro são os principais, por diversos motivos: o pão, a carne (e ‘as carnes’, aquelas que não são de gado bovino), o leite (e seus derivados) e o vinho (que apresentaremos junto com outras bebidas alcoólicas). Inúmeros são os secundários: os legumes, as verduras, as farinhas, as frutas, os ovos, o azeite, etc. Outros produtos não

comestíveis são de vital importância, tanto para a alimentação e o preparo dos alimentos quanto para o bem-estar familiar, como o carvão e o querosene.

## 2. a.- O pão

Contrariamente ao imaginado, a produção de trigo na Argentina data das últimas décadas do século XIX. O trigo é uma produção consolidada nesse período. O baixo consumo de pão no período anterior à produção cerealífera maciça deveu-se principalmente à carência de trigo. Mesmo em regiões afastadas da cidade de Buenos Aires, como acontecia ao sul do rio *Salado*, era possível perceber a importância do pão como complemento de uma dieta baseada na carne. O pouco pão que até lá chegava era muito apreciado e consumido avidamente.<sup>3</sup>

De fato, a primeira incorporação da Argentina no mercado mundial deveu-se a produção de lã, sem considerar o fraco e descontínuo vínculo com a exportação de charque e couros. Este primeiro ciclo de incorporação ao mercado mundial começou na década de 1860 e teve como auge as décadas de 1870 e 1880.<sup>4</sup>

Só no final da década de 1870 iniciou-se uma importante transformação na estrutura produtiva da Argentina. Até esse momento os biólogos e botânicos polemizavam sobre a possibilidade de cultivar trigo na Argentina. Burmeister, cientista alemão e diretor do Museu Nacional realizou uma série de conferências para desestimular esta cultura. O argumento era que uma terra em que cresciam gramíneas inferiores não podia ser apta para o trigo. Os agricultores não deram ouvidos e a semente germinou.<sup>5</sup> O trigo era cultivado desde o período colonial; porém, tanto as guerras civis, como a importância da produção pecuária e a falta de um mercado

---

3.- ARMAIGNAC, H. "Viaje por las Pampas Argentinas. Cacerías en el Quequén Grande y otras andanzas. 1869-1874" Buenos Aires, Eudeba, 1974 (1ª ed. em francês: 1882), pág. 63.

4.- Outros detalhes em SÁBATO, Hilda "Capitalismo y ganadería en Buenos Aires: La fiebre del lanar. 1850-1890" Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1989.

5.- HURET, Jules "De Buenos Aires al Gran Chaco" Buenos Aires, Hispaniáica, 1986 (1ª ed. em francês: 1911), pág. 399.

limitaram essa produção a um *minimum*, para o autoconsumo nas fazendas com a venda dos excedentes para o mercado urbano, sendo que estes excedentes até podiam aumentar, ao ritmo do crescimento urbano.<sup>6</sup> O fato de que na década de 1870 ‘começou a produção de trigo’ significa que existiu uma concentração de mão-de-obra, capitais e, especialmente, de terras colocadas em atividade recentemente ou retiradas da produção pecuária destinadas a esta produção.

Para nosso fim, é importante considerar que só no início do período aqui estudado desenvolveu-se a produção cerealífera, e a Argentina passou de um volume quase insignificante a um dos principais produtores mundiais. Tão importante quanto a produção de trigo foram os volumes importados de farinha, imprescindível para a elaboração do pão, massas, etc. As importações de trigo e farinha foram centrais para os consumos argentinos até a década de 1870; porém, até finais da década de 1890, certas quantidades de ambos os produtos continuaram a ser importados, ainda que em quantidades decrescentes ou quase nulas.

A produção de trigo e farinha é coetânea do período do crescimento urbano e da grande imigração, o que levou a uma série de desequilíbrios entre a oferta e a procura, ocasionando oscilações bruscas no preço do produto final, o pão. Alguns exemplos destas oscilações: em 1879 foram exportadas mais de 25 mil toneladas de trigo e 1,6 mil de farinha, sendo importadas 6 e 4 toneladas de trigo e farinha, respectivamente; porém, no ano seguinte, embora fossem exportadas 1,2 mil e 1,4 mil toneladas de trigo e farinha, foi preciso importar 19 mil e 1,2 mil toneladas de trigo e farinha. A farinha consumida nesse momento chegava do Chile, dos Estados Unidos e da França; outros produtos derivados da farinha, como biscoitos e massas, eram importados da Inglaterra e da Itália. Na década seguinte a farinha e seus produtos

---

<sup>6</sup>- GELMAN, Jorge ‘Producción y exploraciones agrarias bonaerenses entre la colonia y la primera mitad del siglo XIX. Rupturas y continuidades’ IN: “Anuario IEHS N° 12” Tandil, UNICEN, 1997, págs. 57 a 62.

foram substituídos pela produção da *Pampa Húmeda*, que além do mais conseguiu abocanhar o mercado interno.<sup>7</sup>

Entretanto, o problema estava, de fato, na irregularidade da produção de trigo e farinhas. De 1880 em diante a relação entre exportação e importação foi sempre favorável à exportação, ainda quando fosse necessário importar algumas quantidades, principalmente de trigo, como as 3 mil toneladas de 1889 e as 14 mil de 1897.<sup>8</sup> Porém, as exportações da farinha argentina ao Brasil, o principal comprador do período, demoraram a se estabilizarem. A farinha americana era de melhor qualidade, ou ao menos chegava em melhores condições, não se deteriorava durante o transporte. A farinha americana era transportada em tonéis, enquanto a Argentina, até 1900, foi transportada em sacas, que não protegiam muito bem o produto.<sup>9</sup>

Mesmo quando a produção de trigo alcançou o volume suficiente para abastecer vários países europeus, não deixou de ser um problema no esquema de custos da produção local de pão. As grandes exportações de farinha acarretavam a falta de trigo no mercado local e a conseqüente carestia no valor do pão.<sup>10</sup>

Embora no início do nosso período o trigo e a farinha fossem importados, parecem não ter sido as causas do alto valor do pão, que era alto mesmo se comparado ao preço dos países industrializados. Além dos altos custos de aluguel, combustível, e salários, os responsáveis pelos altos preços eram também os proprietários das padarias, que tiravam lucros desmedidos. E não eram só os trabalhadores os que protestavam

---

7.- DAIREAUX, Emile "Vida y Costumbres en el Plata. Tomo II: Industrias y productos" Buenos Aires, F. Lajouane Edit., 1888, pág. 127.

8.- Para estatísticas sobre exportação e importação *vide* SCOBIE, James "Revolución en las Pampas. Historia social del trigo argentino. 1860-1910" Buenos Aires, Ed. Solar, 1982 (1ª ed. em inglês, 1964), pág. 208. Dados de outros cereais, em GARCÍA MATA, Rafael e LLORENS, Emilio "Argentina Económica" Buenos Aires, Cía. Impresora Argentina, 1940, pág. 197.

9.- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Annual series N° 2615. Diplomatic and Consular reports. Argentine Republic. Report for the year 1900" London, Her Majesty's Stationery Office (HMSO), 1901, pág. 16.

10.- PALACIOS, Alfredo "La Miseria (en la República Argentina). Tesis de doctoramiento en abogacía rechazada". Buenos Aires, José Larrañaga y Renovales, 1900, pág. 66.

por esta razão; já em 1871, o Cônsul britânico advertia ao seu governo sobre estes exageros.<sup>11</sup>

O pão era um dos principais consumos operários. Mais ainda, no decorrer do período, foi substituindo, paulatinamente, o consumo tradicional, o principal alimento dos *criollos*, a carne.<sup>12</sup> Mas apesar de o pão ter sido um consumo que cresceu em importância durante todo o nosso período, não temos muitas informações sobre o volume de produção e preços. Os dados sobre o consumo de pão são imprecisos e erráticos, mas podemos inferir a existência de um aumento do consumo de pão a partir do aumento do consumo de farinha na cidade de Buenos Aires. Este aumento pode indicar a produção de outros gêneros, como massas – frescas ou secas –, biscoitos e bolachas. Alguns dos informes qualitativos permitem afirmar sobre o incremento no consumo de pão, entre 1894 e 1914.<sup>13</sup>

Algumas estatísticas permitem comprovar o aumento do consumo de pão, mas não permitem realizar uma série. De qualquer forma, até o século XX, o consumo de pão parece ter sofrido altos e baixos, acompanhando as oscilações do mercado mundial. Em 1890 o consumo anual por pessoa chegava a 48 kg; um ano depois eram consumidos 59 kg, de um pão mais caro; alguns anos depois, em 1898, o consumo de pão era de 66 kg.; e em 1906 o consumo era estimado em 76 kg. Mesmo com todo este crescimento, o quase meio quilo diário, que Alejandro Bunge calculava em 1919, parece um tanto exagerado, mesmo considerando que as estatísticas municipais, das quais tiramos os dados anteriores, estimavam que um quilo de farinha equivalia a um quilo de

---

<sup>11</sup>- *Vide* 'Letter from Mr. McDonnell to Granville' IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres - Later Argentine Republic. Mr. McDonnell, Commercial. 1871".

<sup>12</sup>- MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año 24. 1914" Buenos Aires, 1915.

<sup>13</sup>- *Id. Ant.* e MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año 3. 1894" Buenos Aires, 1895, pág. LXXXI.



pão, sem considerar a água e os aditivos agregados. O cálculo deveria ter sido de 1,3 quilos de pão por cada quilo de farinha.<sup>14</sup>

Já no início do nosso período é mencionada a importância que tem o pão na dieta das classes populares e a necessidade de tomar certas medidas para barateá-lo. A preocupação dos analistas do período é com o continuado aumento do pão ao longo do período. Em 1880, a *Sección de Seguridad* da Municipalidade sugeria algumas medidas para baratear e melhorar a qualidade do pão:

*“Foi preciso poder restringir a elaboração desse produto de primeira necessidade; e como é um alimento dos costumes populares, que tem feito desse consumo diário e imprescindível, foi preciso procurar os meios mais factíveis para praticar essas restrições; sendo estas precisamente as que correspondem às marcas de fábrica que deve ter o pão elaborado.”*<sup>15</sup>

O ano de 1880 poderia ser considerado o momento da virada no consumo de pão. Até esse momento, produziam-se unicamente três tipos de pão, que oscilavam entre 2 e 4 onças (56,7 e 113,4 gramas, respectivamente), seguindo um regulamento de 1856. Estes tipos de pão eram o resultado de misturas pesadas e secas, que permitiam a conservação do produto por vários dias ou semanas<sup>16</sup>. Os industriais do ramo, por intermédio da *Sociedad Cosmopolita Unión de Panaderos*<sup>17</sup>, solicitavam uma aceitação da municipalidade das 8 variedades diferentes que já estavam sendo feitos com uma massa mais leve do que a utilizada até pouco tempo atrás. A variação no tipo de massa-base era produto das novas técnicas de produção e comercialização: o pão era preparado e vendido todos os dias e, portanto, já não podia ficar na prateleira de um dia para o outro.

<sup>14</sup>- BUNGE, Alejandro “**Los problemas económicos del presente. Vol. I**” Buenos Aires, s/d, 1920, pág. 212; e *Anuário Estadístico Municipal de 1891, 1898 e 1906*.

<sup>15</sup>- MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “**Gobierno - Caja 31 - Año 1880**” Expediente N°1238, 8 de Março.

<sup>16</sup>- O pedido dos padeiros está registrado em *Gobierno - Caja 31 - Año 1880 Expediente N°1238 Op. Cit...* Ainda hoje este tipo de pão pode ser consumido, principalmente nos locais afastados dos centros urbanos e nas padarias suburbanas em contato com áreas rurais. Este pão é conhecido como *Galleta de campo*.

<sup>17</sup>- Nesse momento esta associação era uma agremiação de tipo pré-industrial, da qual participavam operários e patrões. Poucos anos depois os patrões com mais de três empregados seriam separados da entidade.

A sugestão da *Sociedad Cosmopolita* não foi bem recebida pela *Sección de Seguridad*, pois projeto de regulamento dava aos padeiros a possibilidade de vender o pão por peso, mas sem o uso da marca, o que podia favorecer as fraudes e adulterações. Até esse momento cada padaria tinha uma marca de fabricação, pelo que o responsável pela qualidade e pelo peso por unidade era o fabricante e não o vendedor. A suspeita era que os comerciantes podiam fraudar o peso, ou vender sem pesar sequer, como faziam os vendedores ambulantes.<sup>18</sup>

A *Unión de Panaderos* informava que eles não eram responsáveis pelos aumentos dos preços do pão produzidos de forma continuada entre 1885 e 1891. A *Unión* eximia-se de responsabilidades.<sup>19</sup> A Municipalidade começa a registrar os preços do pão em 1889 e, em 1901, estabelece-os em: 1ª e 2ª categorias. No quadro I que reúne os dados anteriores da Municipalidade, apresentamos os dados disponíveis, para estas duas categorias, no período compreendido entre 1901 e 1920. Os dados não discriminados em duas categorias são apresentados como pão de primeira qualidade. As queixas pelas altas do pão são uma constante do período e as estatísticas do pão de 1ª e 2ª, nos permitem descobrir o porquê:

QUADRO I: Preço do Pão por Quilo

Ano	Pão 1ª	Pão 2ª	Ano	Pão 1ª	Pão 2ª
1889	\$ 0,27	-----	1903	\$ 0,20	\$ 0,14
1890	\$ 0,21	-----	1904	\$ 0,20	\$ 0,13
1891	\$ 0,25	-----	1905	\$ 0,20	\$ 0,15
1892	\$ 0,20	-----	1906	\$ 0,24	\$ 0,18
1893	\$ 0,18	-----	1907	\$ 0,24	\$ 0,18
1894	\$ 0,18	-----	1908	\$ 0,24	\$ 0,18
1895	\$ 0,20	-----	1909	\$ 0,28	\$ 0,22
1896	\$ 0,21	-----	1910	\$ 0,28	\$ 0,22
1897	\$ 0,26	-----	1911	\$ 0,28	\$ 0,22
1898	\$ 0,19	-----	1912	\$ 0,28	\$ 0,22
1901	\$ 0,20	\$ 0,15	1913	\$ 0,28	\$ 0,22
1902	\$ 0,20	\$ 0,14	1914	\$ 0,29	\$ 0,23

<sup>18</sup>- *Id. Ant.* No artigo 2 do projeto de ordenança figura a permissão aos padeiros de vender por peso.

<sup>19</sup>- "La Prensa" Buenos Aires, 25/IV/1891, pág. 4.

1915	\$ 0,29	\$ 0,23	1918	\$ 0,33	\$ 0,28
1916	\$ 0,26	\$ 0,20	1919	\$ 0,33	\$ 0,29
1917	\$ 0,33	\$ 0,28	1920	\$ 0,49	\$ 0,42

**Fonte:** *Estadística Mensual Municipal N° 1 a 12 de 1889; Boletín Trimestral Municipal N° 1 e 2 e Boletín Mensual Municipal Julio a Diciembre de 1890; Anuario Estadístico Municipal de 1891 a 1898; 1901 em mais: Crónica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo N° 34, Octubre de 1920, Apud. PANETTIERI, José "Los Trabajadores" Buenos Aires, CEAL, 1982 (1ª ed. 1967), págs. 71 e 198.*

O crescimento da produção de trigo permitiu, inicialmente, uma redução no preço do pão. As oscilações no preço do pão estabilizaram-se no século XX, quando começaram a acompanhar os ritmos da produção e comercialização externa do trigo. Em 1901, o jornal *La Prensa* desenvolveu uma série de artigos referentes às condições de vida e trabalho em Buenos Aires. Um dos tantos informes foi dedicado ao pão. Neste, denunciava-se a falta de pão para o consumo da população e o alto preço do mesmo, \$ 0,16 (a diferença com o dado apresentado anteriormente deve-se ao fato de que no quadro aparecem os preços médios anuais). Junto com a falta de trabalho, este era um dos principais problemas que afetavam a população trabalhadora de Buenos Aires.

Para entender porque o pão era tão custoso, estudavam-se os elementos componentes da cadeia de produção. O trigo custava no campo \$ 0,0525 o quilo centavos; e o quilo do pão de primeira \$ 0,22, sem contar o 10% de água. A diferença era grande demais. Porém, o preço mais revelador eram os \$ 0,105 que custava o quilo de farinha para fazer pão; portanto os responsáveis pelo preço final não eram os trabalhadores das padarias, que mal conseguiam subsistir, mas a cadeia de custos, como aluguéis, impostos e juros do capital.<sup>20</sup>

Os socialistas e os anarquistas analisaram o alto custo do pão depois do grande aumento de 1906. Um dos argumentos utilizados pelos donos de padarias para subir os preços eram os aumentos salariais e o descanso dominical dos trabalhadores de padarias. Segundo os cálculos socialistas, o aumento do pão não unicamente

<sup>20</sup>.- Los obreros y el trabajo. Causas de la crisis obrera. El pan disminución en el consumo. Panaderos y patronos. Costo de la producción. El valor de las harinas y el pan. Enorme diferencia. Examen de las causas. VII IN: "La Prensa" Buenos Aires, 22/VIII/1901, pág. 5.

compensava as possíveis perdas ocasionadas pelos padeiros, mas gerava lucros extras, sem contar que os padeiros trabalhavam mais aos sábados para deixar pronta a cota que seria vendida no domingo.<sup>21</sup> Apesar das diferenças, o preço do pão permitiu a concordância entre anarquistas e outros grupos de trabalhadores, neste caso os sindicalistas revolucionários, durante o período, como aconteceu em 1915.<sup>22</sup>

Mesmo com grande alta no valor do pão – que chegava a 20% – não faltava quem achasse o pão barato. Esta era a visão de alguns viajantes, que comparavam os preços com os de seu local de origem, sem considerar o valor do salário pago em Buenos Aires.<sup>23</sup>

O aumento do pão continuou ao longo de todo o período (ver Gráfico I), mas o salário não tinha o mesmo crescimento. O DNT chamava a atenção para esta situação, pois cada centavo a mais gasto em pão, diminuía a quantidade dos demais consumos cotidianos. Em 1902, um trabalhador destinava 5% do salário para comprar pão. Dez anos depois, em 1912, esses mesmos 5% adquiriam as 7/10 partes do consumo anterior. Os salários dos trabalhadores desta indústria não eram os responsáveis pelo aumento do pão. As causas da carestia do pão eram as mesmas do início do século: aluguéis, juros, mão-de-obra, impostos, os altos lucros dos donos de padarias e, uma novidade, os aumentos no preço das farinhas.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup>- Em 1906 o pão subiu 2 cvs. Segundo os socialistas numa padaria qualquer, que vendesse mil quilos de pão, o lucro era 10 vezes superior às perdas geradas pelo descanso dominical. *Vide* 'El pan más caro. No se sabe bien por qué. Las cooperativas los suprimirán' IN: "La Vanguardia. Defensor de la clase trabajadora" Buenos Aires, 2/II/1906 e 'El pan ¿Cuesta más caro por el descanso dominical?' IN: "La Vanguardia" Buenos Aires, 4/II/1906. Os anarquistas ainda protestavam porque o salário recebia o primeiro aumento desde 1902, quando tinha começado o feriado hebdomadário 'El pan' IN: "La Protesta. Diario de la mañana" Buenos Aires, 3/II/1906.

<sup>22</sup>- *Vide* "La Protesta" 2/II/1915.

<sup>23</sup>- Por ex., SANTIQUOSA, Carlos María "El Río de la Plata. Montevideo, Buenos Aires (Recuerdos de viaje)" Sevilla, Heraldo Sevillano, 1906, pág. 185.

<sup>24</sup>- 'El encarecimiento de los consumos' IN: "La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N°242" Buenos Aires, 3/VIII/1912; 'Conflicto de panaderos. Los que sufren' IN: "La Razón" Buenos Aires, 26/I/1910, pág. 6 e 'La carestia de la vida. Investigaciones del Departamento Nacional del Trabajo' IN: "La Razón" Buenos Aires, 11/I/1913, pág. 9. A opinião do DNT em UNSAÍN, Alejandro M. 'Carestia de la Vida' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N°21" Buenos Aires, Imprenta Alsina, 30/XI/1912, págs. 323 a 325.

No final do nosso período foram publicadas duas análises, de origens ideológicas bem diferentes, que podem ajudar a compreender o porquê do alto custo do pão. Por um lado, temos Bartolomé Bosio, sindicalista revolucionário; por outro, Alejandro Bunge, católico e conservador. Bosio e Bunge concordavam que os principais responsáveis pelo aumento dos preços eram os compradores externos de trigo e farinha, que determinavam o alto valor final do produto. O negócio dos comerciantes de grãos era a venda fora do país, onde tinham mercados a atender com demandas constantes; mas o que para Bosio era prejudicial e atentava contra as condições de vida dos trabalhadores, para Bunge aparecia como um fato que não complicava a vida dos trabalhadores e ainda era favorável ao desenvolvimento da Argentina. Segundo pesquisas, o pão representava 15% do total do orçamento familiar, e a melhor forma de compensar estas perdas era aumentar o salário.<sup>25</sup>

Bosio e Bunge concordavam no básico: o mercado externo determinava o valor inicial do trigo. A diferença estava em que Bunge afirmava que o principal componente da estrutura de custos era o salário, e que a elevação dos salários rurais e dos padeiros provocava a alta dos preços do pão. Sua proposta era a de reduzir estes custos pela mecanização da produção do trigo e das padarias, a formação de cooperativas de padeiros e a constituição de uma reserva de trigo para o mercado interno a preços competitivos, ou seja, subsidiados.<sup>26</sup>

Obviamente, para Bosio não podiam ser os salários os determinantes do alto custo do pão, e ele tentaria demonstrar o contrário. Quem eram, então, os responsáveis? Os monopólios. Durante a Grande Guerra, foi estabelecido um comprador único para os países 'aliados', que acabou determinando o preço do cereal, em valores superiores aos existentes até esse momento. Outro fator de encarecimento

---

<sup>25</sup>- BOSIO, Bartolomé "Un fenómeno de la economía capitalista ¿Por qué es caro el pan?" Buenos Aires, Sindicato de Obreros Ebanistas, Similares y Anexos, 1920, págs. 4 e 5; BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, págs. 191 e 196.

<sup>26</sup>- BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, págs. 193 a 196.

do pão estava no subsídio aos moinhos, que, dessa forma, conseguiam exportar grande parte da sua produção ao Brasil; assim, a farinha consumida na Argentina tinha altos preços e, como resultado, o pão acabava sendo muito caro. Era lógico que os negociantes do trigo e da farinha procurassem os melhores preços para os seus produtos, encontrando-os fora da Argentina.<sup>27</sup>

O que poderia ser mais uma denúncia de um militante radicalizado estava bastante próximo da realidade. Bem mais próximo que a sisuda e acadêmica análise de Bunge, que por muito tempo seria um consultor permanente da elite e dos governos argentinos. De fato, havia uma disputa feroz entre um reduziíssimo grupo de mercadores de grãos, não mais do que cinco companhias, que por mais de um século funcionaram como Estados, à margem dos Estados nacionais, com serviços próprios de informações, comunicações, transportes, finanças, etc. Estas companhias enfrentavam a falta de regulação das relações entre elas mesmas, a necessidade de atender aos seus clientes e de conseguir o cereal antes da concorrente, o que acabava provocando altos preços nos cereais.<sup>28</sup>

Outro fator que contribuiu para a carestia do pão foram os impostos – nacionais e locais.<sup>29</sup> Os impostos sobre o consumo, como já mencionamos anteriormente, eram a base da arrecadação do município e constituíam uma parte importante da arrecadação nacional.

Dos 5 grandes negociantes de grãos; só a Bunge & Born concentrou as suas atividades na Argentina. Bunge & Born processava grande parte dos produtos primários produzidos na Argentina, elaborava as embalagens e condicionava o mercado

---

<sup>27</sup>- BOSIO, B. *Op. Cit.*, págs. 6 a 9.

<sup>28</sup>- As 5 companhias, porque são as mesmas desde finais do Século XIX, são: Geroges André, Bunge & Born, Cargill, Continental, Louis-Dreyfus. *Vide Vide* MORGAN, Daniel “**Los traficantes de granos**” Buenos Aires, Abril, 1984 (1ª ed. em inglês: 1979), págs. 37 a 51.

<sup>29</sup>- ‘Letter from Mr. Haggard to Marquess of Lansdowne’ IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres – later Argentine Republic. Mr. Haggard, Mr. Harford, Diplomatic. 1905**” 12/III/1905. O mesmo argumento era colocado por um periódico étnico *Vide* ‘El Pan’ IN: “**El Despertar Gallego. Año I. N°11**” 8/I/1906.

local. Como exemplo, temos a questão das farinhas, central para entender o esquema de custos do pão. Até o início da segunda década do século XX, a Argentina vendia farinha e trigo a um preço superior ao dos outros países produtores, porque a Bunge & Born era contrária à construção de elevadores de grãos. O motivo era simples: eles tinham a única indústria de sacas para o trigo e a farinha, a *Compañía Industrial de Bolsas*. Como se dizia entre os produtores rurais do período: “*Bunge da o crédito ao agricultor, vende-lhe a semente e compra-lhe o grão. Quando a colheita for feita, Bunge vende ao agricultor a corda para se enforcar*”. Com respeito à farinha, a empresa *Molinos Río de la Plata*, pertencente ao grupo Bunge & Born, foi fundada em 1901 para produzir farinha. Para abocanhar este mercado, *Molinos* comprou a maior parte dos moinhos da Argentina para depois concentrar suas atividades num único local, a *Darsena Norte* do porto de Buenos Aires.<sup>30</sup> Desta forma afixava os preços locais e os de exportação. O local escolhido mostra claramente a sua vocação exportadora.

Uma boa colheita não resultava necessariamente numa redução do custo do pão. Era preciso reunir outras condições, poucas vezes alcançadas, para que maiores quantidades de trigo resultassem numa baixa do produto final. Em 1908 uma excelente colheita resultou em pão caro. O que aconteceu? Os outros países produtores de trigo tiveram péssimos resultados nesse ano, pelo que os comerciantes do trigo argentino captaram mercados novos, como a Alemanha. Este é apenas um exemplo da atuação dos açambarcadores.<sup>31</sup>

Durante o governo da *Unión Cívica Radical* (UCR), foram implementadas algumas medidas para combater a carestia do pão. Já antes de ser governo, em 1913, os radicais vendiam um pão mais barato – a \$ 0,20 – que o de 2<sup>a</sup> – \$ 0,22 o quilo. Foi batizado de pão *radical*, em homenagem aos seus criadores. Este pão era elaborado com

<sup>30</sup>- Sobre as sacas: SCHWARZER, Jorge “**Bunge y Born. Crecimiento y diversificación de un grupo empresario**” Buenos Aires, CISEA-GEL, 1988, págs. 31 e 32. Sobre os moinhos: ROCCHI, Fernando ‘La armonía de los opuestos: Industria, importaciones y la construcción urbana de Buenos Aires en el período de 1880-1920’ IN: “**Entrepasados. N° 7**” Fines de 1994, pág. 53.

<sup>31</sup>- ‘El país del pan’ IN: “**La Vanguardia**” Buenos Aires, 31/V/1908.

farinha branca e farelo de trigo. Durante o governo de Irigoyen voltou a ser vendido, sempre a \$ 0,20, como uma forma de enfrentar o *trust* dos industriais do setor e refrear os aumentos, o que não foi possível. Os anarquistas entendiam que isto era enganar os trabalhadores e que, além do mais, este pão ocasionava problemas gástricos, pois a farinha era de baixa qualidade, estava em más condições, e ainda o farelo era substituído parcialmente por palha e outras impurezas. Em 1917, o pão *radical* continuava a ser vendido nas feiras livres municipais e nas padarias dos partidários do radicalismo.<sup>32</sup>

Era ainda possível consumir pão mais barato que o pão *radical*? Se déssemos crédito ao que colocava um escritor num folhetim, algumas famílias gastavam bem menos que as outras. Fosse por poupar além da conta, ou por não poder gastar nem com o pão, compravam as sobras das *fondus* e restaurantes.<sup>33</sup> Muitas vezes as crianças visitavam as padarias para receber um pouco do pão, biscoitos ou *facturas* – pães doces – que tinham sobrado do dia anterior.

## 2. b.- O leite

O leite foi um dos principais consumos das famílias dos trabalhadores. Mesmo assim, não temos dados sobre a evolução do consumo. Quanto aos preços, Leandro Gutierrez sugere que o leite deve ter acompanhado as altas gerais de preços até pelo menos a crise de 1890, mas que não deve ter seguido a carne e o pão durante a seguinte fase de aumentos dos preços.<sup>34</sup> O *DNT* tinha uma opinião otimista sobre o preço do leite. Para este Departamento, embora existissem picos ocasionais, o leite era um dos

<sup>32</sup>- BENCIVENNI, Hugo 'El problema del pan ¿Nuevo trust en formación?' IN: "La Protesta" Buenos Aires, 11/III/1913; JOSÉ PANADERO 'El pan radical' IN: "La Protesta" Buenos Aires, 18/III/1915; 'En las Ferias Francas. Gracias radicales' IN: "La Protesta" Buenos Aires, 3/VIII/1917. O consumo de este pão era alentado por uma parte da burguesia vide "The Review of the River Plate" 5/III/1915, págs. 501 e 503.

<sup>33</sup>- RAVEL, Elán 'El Conventillo. Cuadro de costumbres bonaerenses' IN: "El Rebelde. N° 77" Buenos Aires, 11/XI/1901.

<sup>34</sup>- GUTIERREZ, Leandro 'Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires: 1880-1914' IN: "Revista de Indias N°163/164" Madrid, 1981, pág. 197.



poucos produtos que mantiveram os mesmos preços ao longo de toda a primeira década do século XX.<sup>35</sup>

Poucos cronistas contrariam o fato de que o leite fosse barato a partir de 1895. Um deles é Henri Cordier, que achava que, em 1910, o leite era caro porque a maior parte das vacas estavam destinadas ao abatedouro. Se não podemos dizer que o leite era abundante, pelo menos temos que aceitar que era barato. As sociedades beneficentes podiam distribuir gratuitamente um copo de leite entre as crianças carentes – a *gota de leche*.<sup>36</sup>

Porém, nem sempre o leite parece ter sido barato na cidade de Buenos Aires. Até a introdução do trem, que permitia trazer leite de locais afastados, e a melhora das raças bovinas, o leite não era um produto barato. Isto permitia que pessoas de poucos recursos caminhassem mais de 30 quilômetros com um único vasilhame de 20 litros para vendê-lo na cidade. Sem *tambos* urbanos – que funcionavam unicamente durante o verão nas várzeas do *Río de la Plata*, – o abastecimento era realizado por leiteiros que chegavam da periferia.<sup>37</sup>

Vejamos a evolução aproximada dos preços, que devem ser pensados como dados indicativos, e não como os únicos preços possíveis:

QUADRO II: Preço do Leite por Litro

Ano	Preço do Leite	Nº Índice
1897	\$ 0,10	62,5
1903	\$ 0,12	75
1905	\$ 0,12	75
1908	\$ 0,15	94
1910	\$ 0,16	100
1911	\$ 0,18	112
1912	\$ 0,17	106

35.- UNSAÍN, A. *Op. Cit.*, pág. 376.

36.- CORDIER, Henri "Buenos-Aires en 1910" Paris, Louis de Soye Imprimeur, 1910, pág. 28. Sobre as instituições beneficentes *Vide* HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 77. Junto ao leite algumas instituições davam outros produtos baratos, carne e pão, como nas *Escuelas Patrias* mencionadas por MORENO, Francisco Pascasio "Alimento de los niños menesterosos de las escuelas primarias" Buenos Aires, Imp. Weiss & Preusche, 1914, pág. 8.

37.- Os *tambos* são retiros. WILDE, José Antonio "Buenos Aires desde setenta años atrás" Buenos Aires, Biblioteca de La Nación, 1908, pág. 135 a 137.

1913	\$ 0,16	100
1914	\$ 0,17	106
1915	\$ 0,15	94
1916	\$ 0,16	100
1917	\$ 0,15	94
1918	\$ 0,16	102

**Fonte:** 1897: PATRONI, A. *Op. Cit.*, pág. 120 a 123; 1903 e 1908: 'Coste de la vida' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N°5" Buenos Aires, 30/VI/1908, pág. 241; 1905: ALSINA, Juan "El obrero en la República en Argentina. Tomo II" Buenos Aires, Imp. Calle de México, 1905, pág. 392 – Alsina apresenta o preço nalguns bairros, sendo que o preço mais elevado é o de *La Boca*, onde chegava a 13 cvos. –; 1910 a 1918: ERNESTO TORNQUIST & CÍA "El desarrollo económico de la Argentina en los últimos cincuenta años" Buenos Aires, s/d, 1920, pág. 263.

Como vemos, enquanto o pão aumentava, o leite oscilou em torno de um preço inicial. A que se devia? Como o leite não era um produto de exportação, dependia do mercado interno e das condições de produção e de elaboração do produto, como secas prolongadas ou chuvas em abundância que afetavam a pastagem e o crescimento do gado. Outros fatores podiam influenciar este produto, como as ações do governo para implementar a pasteurização do leite, para a eliminação dos vendedores ambulantes ou, mais uma vez, para incrementar a arrecadação fiscal mediante novos impostos.<sup>38</sup>

E preciso lembrar que o leite era considerado como fundamental para o crescimento das crianças, mas não era o principal consumo familiar e, de fato, muitas vezes o leite era descartado em função de outros consumos mais necessários, como o pão e a carne. Segundo alguns orçamentos já apresentados, como o de Alejandro Bunge, de 1919, o leite era o terceiro consumo em quantidade, depois do pão e da carne, e o sexto em valor, perdendo para o pão, a carne, o vinho, o açúcar e o tabaco.<sup>39</sup> Só quando o dinheiro era escasso, ou faltava leite no mercado, era substituído por chá, café ou por um chá feito de erva-mate, o *mate cocido*, que podiam ou não ser coloridos com um pouco de leite.

É quase impossível determinar o consumo *per capita* de leite em Buenos Aires. As queixas pelo baixo consumo de alguns observadores podem ser certas, se

<sup>38</sup>- Em 1908, por exemplo, uma seca produziu um elevação dos preços do leite. 'La leche artículo de lujo' IN: "La Vanguardia" 21/V/1908. Sobre as regulações na comercialização *Letter from Mr. Haggard ... Op. Cit.*

<sup>39</sup>- GONZÁLEZ, J.B. *Op. Cit.*, pág. 91; e BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, pág. 212.

observadas pelas estatísticas oficiais de consumo e produção do leite, mas estaremos esquecendo que a produção do leite era muito desigual.<sup>40</sup> Existiam grandes empresas, totalmente mecanizadas e com alta concentração de capitais, que integravam todo o circuito, da vaca ao consumidor: produção-elaboração-distribuição-comercialização; e também aqueles produtores, que também integravam todo o circuito, mas com uma única vaca, cansada e magra, com que iam de porta em porta, vendendo o leite que colhiam na hora. Partindo desta realidade, qualquer estatística de consumo vai por água abaixo. O quarto de litro diário, calculado por Alejandro Bunge para 1919, deve ser tomado como indicativo. Esta quantidade também não diz muito, se não for ponderada pelo número de crianças e, ainda, se não for comparada com o consumo em outros países.<sup>41</sup>

As cadeias de produção e comercialização eram múltiplas. O mesmo poderíamos dizer de qualquer outro produto, mas o leite tinha formas de venda e distribuição muito diversas. Grandes companhias começavam a mostrar o poder da concentração da atividade. Algumas destas empresas eram: *La Martona*, *La Vascongada*, *Granja Blanca* e *La Gran Lechería Central*. Em 1910, *La Vascongada*, a maior delas, chegava a pasteurizar entre 100 e 130 mil litros diários de leite. As outras mantinham uma produção de 10 a 30 mil litros diários de leite. Estas empresas produziam, além do leite, outros produtos, como a manteiga – cuja produção tinha crescido de 900 mil quilos, em 1898, para 9 milhões em 1908, e cresceria ainda mais durante a Grande Guerra, substituindo a manteiga importada –, o leite condensado – que em 1910 começava a ser exportado para Europa –, o leite em pó, caseína, queijos, a coalhada, e o imprescindível doce de leite.<sup>42</sup>

Algumas destas companhias tinham os seus estabelecimentos produtores e processadores, em torno da cidade de Buenos Aires, num raio de 100 a 150

<sup>40</sup>- GONZÁLEZ, J. B. *Op. Cit.*, pág. 89.

<sup>41</sup>- Na realidade 0,227 litros. Vide BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, pág. 212.

<sup>42</sup>- HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 171 a 175.

quilômetros. O leite, próprio ou comprado de pequenos produtores, era enviado a Buenos Aires por trem, à estação de *Once*, e de lá era transportado aos locais de distribuição. Algumas tinham os estabelecimentos produtivos dentro da cidade, pelo que o leite podia chegar sem processar. Nas usinas próprias, além de pasteurizar o leite, obtinham os subprodutos, e ainda havia aqueles que podiam fabricar as suas próprias embalagens, como fazia *La Martona*.

É necessário precisar os principais subprodutos do leite consumidos na Argentina, bem como a exportação e importação dos mesmos. A manteiga só começou a ser produzida na Argentina em 1825, na colônia escocesa de Santa Catalina, em embalagens de 1libra. Até aí era consumida uma manteiga de baixa qualidade, a *mantequilla*, que geralmente estava rança, ou a manteiga salgada, que chegava da Irlanda e outros países. A manteiga e a *mantequilla* eram consumidas com açúcar para tirar o sabor azedo. O consumo de manteiga começou a espalhar-se, pelo que os leiteiros criaram uma forma elementar e rápida de prepará-la. Ao sair do *tambo* para a cidade, colocavam o creme num vasilhame. As batidas e balanços dos enormes carros durante 20 ou 40 quilômetros transformavam o creme em manteiga.<sup>43</sup>

Os produtos lácteos argentinos começaram a ser exportados desde finais do século XIX, com o melhoramento do gado bovino. O Reino Unido e a África do Sul compravam quase toda a manteiga exportada, além da caseína para a elaboração de manteiga, leite condensado e leite em pó. As exportações de manteiga demoraram a deslanchar, devido à dispersão na produção do leite, à falta de outros estabelecimentos produtores em grande escala e à inexistência de depósitos adequados. Embora existissem comerciantes ingleses interessados na manteiga argentina, a falta do produto limitava o incremento das exportações.<sup>44</sup>

<sup>43</sup>- WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 137 e DAIREAUX, Emilio “Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La sociedad argentina” Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, pág. 154.

<sup>44</sup>- *Ibid* UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “Annual series N° 3434. Diplomatic and Consular reports. Argentine Republic. Report for the year 1904 e part of the year 1905” London, HMSO, 1905, pág. 15; e UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 2615...Op.Cit.*, pág. 16.

A expansão leiteira do início do século perdeu fôlego rapidamente, estagnando-se na década de 1910. A Argentina não só diminuiu as exportações como passou a produzir manteiga de baixa qualidade para o mercado interno, além de recorrer às importações para suprir as carências, passando a importar leite condensado e mais queijos que o habitual. Vários elementos podem ser apontados como causas deste novo quadro: os altos impostos, o crescente valor das terras próximas às cidades e a falta de investimentos dos produtores em gado adequado para a produção leiteira. O gado era criado para tração e carne, ou seja, não eram raças produtoras de leite, resultando, então, no baixo rendimento e qualidade. Para os pecuaristas, o leite não passava de um elemento complementar. Se crescia a demanda por carne, como aconteceu durante a Grande Guerra, o gado ia para o abate.<sup>45</sup>

Outro importante subproduto eram os queijos. Fora de Buenos Aires, em Carcaraña (*Santa Fe*), *Mar del Plata* e *Tandil* (província de Buenos Aires), eram produzidas diversas variedades como: *Cheddar*, *Danès*, *Cheshire*, etc. Embora os métodos de produção fossem diferentes – método americano em Carcaraña e inglês em *Mar del Plata* e *Tandil* –, a qualidade era excelente. Um observador britânico situava-os como melhores que os queijos dinamarqueses, ressaltando os prêmios outorgados na França. Mas a produção não era suficiente para abastecer o mercado interno. Ou melhor, se a produção de queijos sem curar e pouco curados era superior à demanda, a produção de queijos duros era inferior ao consumo. A solução era a exportação dos excedentes e a importação dos queijos adequados à demanda interna.

As grandes companhias leiteiras, além de fazer a distribuição por intermédio dos seus revendedores ou nas marcenarias, tinham seus próprios comércios, nos quais vendiam os seus produtos e outros, que podiam ser consumidos no próprio local, que funcionava a modo de bar, os *bares lácteos*.

---

<sup>45</sup>- UNITED KINGDOM "British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX, 1914. Diplomatic and Consular Reports. Argentine Republic. Report for the year 1912 and part of the year 1913 on the trade of the Consular District of Buenos Aires" London. HMSO, 1914. págs. 45 a 47.

Mas esta moderna forma de comercialização tinha sua origem nos primeiros locais de venda de leite instalados na cidade para concorrer com os vendedores ambulantes.<sup>46</sup> Os humildes *tambos* urbanos foram uma inovação de meados do século XIX e até inícios do século XX podiam ser encontrados a poucas quadras da Praça de *Mayo*. Funcionavam durante quase todo o dia – das 5 às 24 horas –, para satisfazer a vários tipo de fregueses, de famílias a grandes restaurantes. Um desses locais, instalado na rua *Suipacha*, entre *Lavalle* e *Corrientes*, tinha nos fundos um curral com as vacas leiteiras e na frente um balcão. A freguesia chegava para comprar ou beber ali mesmo o copo de leite, frio, se guardado num jarro, ou quente, ou seja, recém-ordenhado. Consumia-se acompanhado de biscoitos de baunilha. Deste mesmo local, o comerciante – *tambero* – saía à rua com as suas vacas para vender o leite nas redondezas. Parava na casa dos fregueses habituais enchendo jarras de 1 litro; para quem queria menos fracionava essa medida por aproximação.<sup>47</sup>

Cedo pela manhã, chegavam da periferia outros leiteiros em grandes carros, com o leite que tinham tirado das suas vacas e a manteiga que eles mesmos tinham preparado.<sup>48</sup> Outros vendedores compravam o leite em *tambos* distantes e, depois de esticar o produto, vendiam-no como puro pelas ruas da cidade e nos cortiços.

Os vendedores de leite não parece ter sido um grêmio complacente. Os primeiros foram *criollos*, até meados do século XIX. Até esse momento atuaram como tropa de choque urbana do *rosismo*. As *criollas* e seus filhos também participavam deste ofício, quando das Guerras da Independência, Guerras Cívicas ou quando era preciso realizar alguma excursão contra os índios na fronteira sul. A distribuição era realizada sem muitos cuidados.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup>.- O primeiro destes comércios parece ter sido o de um tal Quirno, na rua da *Victoria*, quem o leite desde sua *chúcura* em *San José de Flores*. WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 135 e 136.

<sup>47</sup>.- GONZÁLEZ ARRILLI, B. “**Buenos Aires 1900**” Buenos Aires, Ed. Kraft, s/d, págs. 67 a 70.

<sup>48</sup>.- LATINO, Anibal (Pseud. José Ceppi) “**Tipos y costumbres Bonaerenses**” Buenos Aires, Hyspamérica, 1984 (1ª ed. 1886), pág. 18.

<sup>49</sup>.- WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 138.

Paulatinamente, foi passando às mãos dos bascos – estes, com os irlandeses e franceses, foram os primeiros grupos a migrar em massa para o *Río de la Plata*. Só depois de 1890 este ofício foi ampliando a sua participação para outros grupos nacionais. Mesmo assim, “basco” era quase um sinônimo de leiteiro – lembremos do nome de uma das principais usinas: *La Vascongada*. Este fato era reforçado pelo uso da sua indumentária característica que misturava a origem basca com aquelas tradicionalmente utilizadas pelo homem de campo da região de Buenos Aires – boina e faixa segurando a cintura dos bascos, alpargatas, jaqueta curta e blusa dos *paisanos*. Muitos deles ainda tinham algumas vacas, das quais tiravam o seu sustento.<sup>50</sup>

As disputas entre os dois tipos de vendedores eram acirradas. O governo e outros observadores questionaram os *tambos* urbanos e os leiteiros ambulantes por venderem um produto de baixa qualidade, proveniente de animais enfermos e utilizando processos de elaboração e armazenamento anti-higiênicos.<sup>51</sup>

Esta disputa entre grandes e pequenos comerciantes do leite e ainda, entre o Estado e os pequenos vendedores vinha de longa data. O Estado perseguia os leiteiros suspeitos de adulterar o leite. A pena pela fraude era o confisco do produto e uma multa. Em 1891, durante uma das escaladas contra as fraudes, os anarquistas denunciaram outros interesses por trás da preocupação com a saúde. Segundo eles, o município estava interessado em aumentar a arrecadação e, para isso, incrementava a fiscalização; os prejudicados não seriam os leiteiros e sim a população. A fraude cresceria para compensar as perdas e as famílias acabariam recebendo leite de pior qualidade.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup>- DAIREAUX, E. *Op.Cit ... Tomo I.*, pág. 154; LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 18, HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 58 e 59 e WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 138.

<sup>51</sup>- CHUECO, Manuel *‘Estudios sobre los resultados del Censo de Comercio’* IN: BUENOS AIRES “Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 2” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1889, pág. 219.

<sup>52</sup>- *‘Rebencazos’* IN: “*El Perseguido. N°17*” Buenos Aires, 8/III/1891.

Outro momento do conflito dos pequenos distribuidores com o Estado e as grandes usinas produziu-se com o estabelecimento da pasteurização obrigatória, em 1908. Os socialistas, contrariando seus princípios higienistas, tomaram o partido dos pequenos leiteiros. Acusaram o Município de favorecer explicitamente uma das principais usinas, *La Vascongada*, levantando a suspeita sobre a participação de vários vereadores no quadro acionário da empresa. Uma boa forma de ajudar *La Vascongada*, que estava à beira da falência, era outorgando-lhe o monopólio da pasteurização e revenda do leite. Os vendedores ambulantes compravam o leite, sem pasteurizar e mais barato, dos pequenos produtores. *La Vascongada* vendia o leite mais caro e sem garantia de qualidade – pasteurizado mas aguado. O Município argumentava que o leite dos ambulantes era anti-higiênico, não pasteurizado e que ainda cometia-se fraude, aguando o leite. Estes defendiam-se, atribuindo a falta de qualidade do leite à *La Vascongada*, e à arbitrariedade da autoridades, pois a polícia despejava uma em cada quatro jarras transportadas. Os vereadores acabaram abolindo uma parte do regulamento sobre a obrigatoriedade da pasteurização, que obrigava ao Município a abrir uma usina pasteurizadora. A única opção, então, era o leite pasteurizado de *La Vascongada*. A proposta socialista, de prorrogar o prazo para criar uma cooperativa para a pasteurização, não prosperou. Como também não prosperaram as ameaças de greve. A solução para os ambulantes continuou a ser contrariar a lei.<sup>53</sup>

## 2. c.- As Carnes

A carne era o alimento primordial dos portenhos. Quando falamos em carne, falamos em carne bovina, as outras eram complementares ou carnes para os dias festivos. A galinha, por exemplo, era destinada aos enfermos. Nenhum observador

---

<sup>53</sup>- As denúncias de *La Vanguardia* eram partilhadas por outros médios como *Caras y Caretas*. Vide 'Los lecheros y la inspección municipal' IN: "*La Vanguardia*" 17/VII/1908; 'Lecheros y tamberos' IN: "*La Vanguardia*" 1/X/1908; 'El monopolio de la leche' IN: "*La Vanguardia*" 19/XI/1908; 'El conflicto por la leche' IN: "*La Vanguardia*" 21/XI/1908; e 'Una huelga en perspectiva' IN: "*Caras y Caretas. N° 515*" Buenos Aires, 15/VIII/1908.



poderia deixar de mencionar o consumo de carne como positivo e como parte de uma dieta sadia. Sem carne as pessoas sentiam-se insatisfeitas. Era a base da alimentação da cidade, tanto de ricos quanto de pobres. Sua falta ou carestia podia chegar a ocasionar a revolta das pessoas menos abastadas, acostumadas a dispor dela sem maiores restrições.

Analisemos um pouco estas afirmações iniciais e confirmemos fontes da época. Os dados a respeito da carne são mais abundantes que os dos outros gêneros alimentícios. O fato de ser abundante e barata chamou a atenção daqueles que chegavam nesta cidade, tornando uma menção tão freqüente entre os viajantes quanto a sensação de ter voltado à Europa depois de ter feito uma larga viagem através do oceano:

*“A abundância e o preço da carne são coisas lendárias lá; na realidade é dada de graça na campanha, e não custaria muito mais na cidade, se os açougueiros não fossem grandes artistas e se os impostos não aumentassem seu valor...”*<sup>54</sup>

Os imigrantes, membros das classes trabalhadores, concordavam com esta visão nas múltiplas cartas que cruzaram o oceano. Assim, os imigrantes podiam mostrar que tinham melhorado, ou que ao menos alguma coisa boa tinham achado na nova terra.<sup>55</sup> Eles podiam afirmar que tinham melhorado realmente, se a este respeito nos restringíssemos. O secularmente limitado consumo de proteínas animais podia ser satisfeito deste lado do Atlântico. Poderia até ser questionada a qualidade da carne, mas não a quantidade, uma das marcas da cozinha *criolla*, ou da americana em geral.<sup>56</sup> Os

<sup>54</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit...* Tomo I, pág. 173. O mesmo argumento era reiterado por um italiano alguns anos depois CAZZANI, Alessandro “L’Argentina qual’è veramente” Buenos Aires, Est. Gráf. de Gunche, Wiebeck y Turtl, 1896, pág. 83.

<sup>55</sup>- Algumas cartas que testemunham esta situação em GAUDELIER, G. “La vérité sur l’émigration des travailleurs et des capitaux. Belges dans la République Argentine” Bruxelles, Messageries de la Presse, Dechenne & Cia, 1889 (2ª ed.), pág. 41; BAILY, Samuel & RAMELLA, Franco “One Family, Two Worlds. An Italian Family’s correspondence across the Atlantic, 1901-1922” New Brunswick - London, Rutgers University Press, 1988, pág. 44; e FRANZINA, Emilio “Merica, Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina 1876-1902” Verona, Cierre Edizioni, 1994, pág. 90.

<sup>56</sup>- Cf. CORTI, Paola “Emigración y alimentación. Representación y autorrepresentaciones en la experiencia migratoria de una corriente migratoria regional italiana” IN: “Estudio Migratorios Latinoamericanos. N° 35” Buenos Aires, abril de 1997; págs. 111 a 115; e ORTOLEVA, Peppino “Tradition and abundance. Reflections on Italian-American foodways” IN: “Altreitalia N°7” Torino, Ed. Della Fondazione Giovanni Agnelli, gennaio-giugno 1992, pág. 67.

recém-chegados estavam prontos para incorporar a desejada carne aos consumos habituais, ou até trocar alguns dos consumos tradicionais. Um imigrante vênето, em 1878, escrevia à família que tinha deixado a *polenta*, porque na nova terra tinha abundância de carne, pão e passarinhos.<sup>57</sup> O alto consumo de carne podia não agradar a todos, ou podia não ser facilmente incorporada em tão altas quantidades; porém, aqueles que conseguiram gostar da nova dieta poderiam sair beneficiados.<sup>58</sup>

A abundância de gado bovino nos pampas era lendária; falava-se que os gaúchos matavam uma vaca para comer alguma parte em especial, sem sequer tirar o couro.<sup>59</sup> A fama da abundância da carne tinha chegado a um local tão afastado do *Río de la Plata* como a Inglaterra do século XVIII. Adam Smith usou este fato para poder mostrar porque a carne não tinha preço nesse fim de mundo e era tão custosa em outros:

*“Efetivamente, os valores relativos desses dois alimentos - o pão e a carne de açogue - diferem muito nos diversos períodos da agricultura. Nos rudes primórdios da agricultura, as regiões agrestes destituídas de qualquer melhoria, que nesse estágio ocupam a maior parte do país, estão totalmente abandonadas ao gado. Há mais carne de açogue do que pão, e por isso é em torno do pão que encontramos a maior concorrência, o que faz subir seu preço. Segundo Ulloa, em Buenos Aires, há 40 ou 50 anos, o preço normal de um boi escolhido num rebanho de 200 ou 300 cabeças era de 4 reais, ou seja, 21 pence e 1/2 esterlino. (...). Diz ele que um boi em Buenos Aires custava pouco mais do que o trabalho de pega-ló no pasto. Ao contrário, em toda parte o cultivo do trigo requer muito trabalho, e num país localizado na região do Río da Prata o preço da mão-de-obra em dinheiro não podia ser muito baixo. É diferente quando o cultivo de cereais cobre a maior parte do país. Nesse caso, há mais pão do que carne de açogue. A concorrência concentra-se na carne, sendo que então o preço dela ultrapassa o do pão.”*<sup>60</sup>

A carne era consumida de diversas formas, mas sempre abundantemente, na grelha como churrasco - *asado* -, na chapa como bife - *churrasco* -, cozida como ensopado - *guiso criollo* - ou fervida como cozido - *puchero*.<sup>61</sup>

O preço da carne aumentou durante todo o nosso período, puxada pelo maior consumo e pelo início do ciclo da exportação de carnes, na virada do século XX.<sup>62</sup>

<sup>57</sup>- Carta de Petrei Vittorio, Jesus María (Córdoba), 23/II-/1878 IN: FRANZINA, E. *Op. Cit.*, pág. 87.

<sup>58</sup>- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “Annual series N° 1147. Diplomatic and Consular reports on trade and finance. Argentine Republic. Report for the year 1892 on the general condition of the Argentine Republic” London, HMSO, 1893, pág. 69.

<sup>59</sup>- UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers*. Vol. LXXXIX. 1914... *Op.Cit.*, pág. 40.

<sup>60</sup>- SMITH, Adam “A riqueza das Nações. Investigações sobre sua Natureza e suas Causas. Vol. I” São Paulo, Abril Cultural, 1983 (1ª ed. em inglês: 1776), págs. 154 e 155.

<sup>61</sup>- RAVEL, E. *Op. Cit.*, do dia 1/IX/1901; ARMAIGNAC, H. *Op. Cit.*, págs. 62 e 63. Daqui em diante utilizaremos a denominação dada na Argentina para estas comidas.

Outros fatores podiam provocar a escassez ou a carestia do produto, como secas ou enchentes.

A carestia da carne não era facilmente aceita, como acontecia com outros produtos. O primeiro grande protesto do nosso período esta relacionado à falta de carne desviada para alimentar as tropas que participaram do conflito armado pela federalização da cidade de Buenos Aires. Mesmo assim, a imprensa culpava aos intermediários e forma de venda.<sup>63</sup>

Vejamos no Quadro III os aumentos produzidos ao longo do nosso período:

*QUADRO III: Preço da Carne por Quilo*

<i>Carne</i>	<i>Bovina</i>	<i>Ovina</i>	<i>Porcina</i>
1886	\$ 0,10	-----	-----
1890	\$ 0,10	-----	-----
1892	\$ 0,15	-----	-----
1894	\$ 0,20	-----	-----
1896	\$ 0,25	-----	-----
1897	\$ 0,20	-----	-----
1903	\$ 0,30	-----	-----
1905	\$ 0,27	\$ 0,21	-----
1908	\$ 0,30	-----	-----
1910	\$ 0,29	\$ 0,25	\$ 0,64
1911	\$ 0,289	\$ 0,21	\$ 0,73
1912	\$ 0,323	\$ 0,26	\$ 0,83
1913	\$ 0,373	\$ 0,30	\$ 0,72
1914	\$ 0,393	\$ 0,24	\$ 0,58
1915	\$ 0,405	\$ 0,30	\$ 0,47
1916	\$ 0,429	\$ 0,32	\$ 0,52
1917	\$ 0,404	\$ 0,33	\$ 0,82
1918	\$ 0,43	\$ 0,36	\$ 0,90

**Fonte:** Para 1886 a 1896 (Bife ordinário): BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, pág. 216; 1897: PATRONI, A. *Op. Cit.*, pág. 123; 1903 e 1908: *Coste de la vida... Op. Cit.*, pág. 241; 1905: ALSINA, J. *Op. Cit.*, pág. 392 – Alsina apresenta o preço nalguns bairros: o preço mais caro era o de Santa Lucía e o mais barato o do Bairro Norte, a carne de ovelha mais cara estava em Santa Lucía e Balvanera e a mais barata era a de Belgrano –; 1910 a 1918: ERNESTO TORNQUIST & CIA *Op. Cit.*, pág. 260.

<sup>62</sup>- A primeira exportação de carnes, ovina e bovina destinadas à França, data do ano 1876. Esta primeira exportação fracassou pelas más condições de refrigeração do navio, que tinha o sugestivo nome de *Le frigorifique*. O segundo embarque, o primeiro exitoso, foi realizado no ano seguinte. O navio *Puraguay* chegou à França sem problemas. Embora o primeiro frigorífico de carnes para exportação – *The River Plate Fresh Meat Company* – fosse fundado em 1882, as exportações de carne só dispararam nos primórdios do século XX. *Vide* SMITH, Peter “**Politics and beef in Argentina. Patterns of conflict and change**” New York – London, Columbia Univ. Press, 1969, pág. 33.

<sup>63</sup>- SCOBIE, James “**Buenos Aires del centro a los barrios. 1870-1910**” Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974), págs. 176 e 177; e GUTIERREZ, L. *Op. Cit.*, págs. 192 a 194.

O preço oscilou ao longo do período, sempre com uma tendência à alta. Diversos fatores ocasionaram este aumento. Em 1881 a disputa pela federalização de Buenos Aires ocasionou a falta de carne no mercado. Depois, o melhoramento das raças – que requeria investimentos para importar reprodutores e matrizes adequadas –, o esquema de impostos, e as exportações de gado em pé, carnes resfriadas e conserva puxariam mais uma vez a alta dos preços internos; desde a década de 1890 até finais do período.<sup>64</sup>

Os aumentos foram tão pronunciados no início do século XX que *La Nación* e *La Vanguardia* chamaram a atenção para o fato de que a carne Argentina era mais barata na Inglaterra que em Buenos Aires.<sup>65</sup> Em 1903 os Socialistas tentaram criar uma Comissão para baratear o consumo de carnes, propondo a municipalização do abastecimento de carne da cidade, mas a proposta não prosperou. A estatização de determinados serviços públicos era parte da estratégia socialista para o controle dos cartéis de especuladores.<sup>66</sup>

Certas medidas para baratear o preço da carne não reproduziram soluções européias e não foram bem recebidas. Em 1910, nos dias da comemoração do Centenário, o Município avaliava um projeto do Diretor de Saúde Pública para viabilizar a venda de carne de burros e cavalos para reduzir o preço da carne de vaca e controlar as fraudes. O projeto não foi aprovado, os controles não foram estabelecidos e as fraudes continuaram.<sup>67</sup>

Tempos depois, em 1921, os Socialistas iniciaram uma campanha contra a alta desmedida dos preços. Uma das sugestões apresentadas ao Congresso pelo Senador

---

<sup>64</sup>- *Letter from Mr. Haggard...* *Op. Cit.*; *Carne para pobres ... Op. Cit.*; LAHITTE, Emilio 'Causas de la importación de artículos alimenticios que pueden producirse en el país' IN: "Boletín del Ministerio de Agricultura, N°8, Tomo XIII" Buenos Aires, Agosto de 1911, pág. 445.

<sup>65</sup>- 'Ha dicho "La Nación"' IN: "La Vanguardia" 6/IX/1903.

<sup>66</sup>- '¿Luz o carne? Carne antes que luz' IN: "La Vanguardia" 7/IX/1903.

<sup>67</sup>- 'Carne para pobres' IN: "La Vanguardia" 2/V/1910. Sobre a continuidade das vendas de carne de cavalo e burro ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR "Memoria del Ministerio del Interior (1915-1916). Vol. 2" Buenos Aires, Talleres Gráficos de L. J. Rosso, 1916, pág. 727. Na França estava sendo estimulado o consumo de carne equina para compensar a falta de carnes bovinas.

socialista Juan B. Justo, foi a de não permitir a venda de carnes ao exterior a preços menores que os preços internos. A proposta foi derrotada, e a carne Argentina continuou a ser vendida mais barata no mercado de Londres que nos de Buenos Aires.<sup>68</sup>

No período inicial das exportações de gado, alguns comentaristas apontavam os meios de distribuição como um dos principais fatores do encarecimento.<sup>69</sup> Os especuladores e intermediários também foram apontados como os responsáveis pelos aumentos de preços. Esta denúncia era usada pelos socialistas quando não conseguiam identificar claramente as causas do aumento dos preços. Mas as menções a *trust*, que controlavam a distribuição da carne e os preços, foi utilizada já na década de 1890 pelas autoridades municipais. Este foi o argumento utilizado para tomar certas providências, como a criação da *Comisión de abaratamiento de la carne*, para controlar esta situação. As reclamações dos Socialistas atravessaram o período, mas nem sempre o especulador ou os formadores de *trusts* eram anônimos. Em 1913, os frigoríficos e as fábricas de conservas de carnes de capitais ingleses e americanos disputavam o controle dos *stocks* de gado com o apoio dos criadores. Ambos os lados tentavam formar um monopólio. O socialistas pediram uma Comissão anti-*trust*, que foi aprovada. Na realidade, esta comissão não teve atuação efetiva, mas era uma reserva caso alguns dos grupos conseguisse a supremacia. Era integrada unicamente por membros das duas facções em disputa, sem representantes socialistas, que haviam solicitado a mesma.<sup>70</sup> O monopólio

---

<sup>68</sup>- Cf. SMITH, P. *Op. Cit.*, pág. 79. As exportações a preços menores que os internos eram para compensar o custo do transporte, permitindo segurar os mercados.

<sup>69</sup>- 'El precio de la carne. Encarecimiento del artículo' IN: "La Prensa" Buenos Aires, 28/VIII/1901, pág. 5. quase dez anos depois continuam a aparecer este tipo de queixas, além de alguns abusos dos carniceiros que não vendem menos de um quilo de carne, especialmente daquela destinada ao *puchero*, vide 'El pecado de la carne y la virtud de la papa' IN: "La Razón" 13/I/1913, pág. 5.

<sup>70</sup>- Sobre as denúncias socialistas vide PALACIOS, A. *Op. Cit.*, pág. 66. Sobre as atitudes do Município vide 'Abaratamiento de la carne' IN: MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES "Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año 1, 1891" Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1892. Sobre a Comissão Anti-*trust* Cf. SMITH, P. *Op. Cit.*, pág. 67.

era o resultado do crescimento das exportações. As exportações acabaram valorizando a carne.

Este fato foi se agravando, principalmente com o início da Grande Guerra, quando até aquele gado velho, enfermo ou cansado, que formava o consumo dos pobres da cidade, passou a ser chamado também de gado para conserva, sendo aproveitado para fazer o *corned beef*, a carne enlatada que alimentou os exércitos aliados e os pobres ingleses.<sup>71</sup>

A demanda do gado para exportação cresceu a um ritmo acelerado. A guerra dos frigoríficos não alcançou maiores proporções, devido ao início da Grande Guerra, que abafou um tanto os conflitos comerciais. É deste período o ressurgimento da exportação de gado em pé para o Uruguai, destinado a abastecer as fábricas instaladas nesse país.<sup>72</sup>

Um momento particularmente crítico em relação aos preços da carne foi o período da Grande Guerra, quando os preços sofreram os maiores incrementos do período. As compras de gado em pé pela indústria de carnes uruguaia, para abastecer os aliados, produziram uma grande alta dos preços. Os Socialistas pressionaram na Câmara Municipal e no Congresso da Nação para conseguir reduzir o preço da carne. Em Agosto de 1914, os socialistas pediram ante o *Intendente* a fixação de preços máximos para a carne e o pão e, ante o Congresso, reclamaram pelo estabelecimento de uma taxa de 14% sobre a exportação de carnes. Pouco depois, solicitaram que não fossem cobrados impostos sobre a carne importada do Uruguai. Sem resultados no Parlamento mais de 70 mil trabalhadores reuniram-se para protestar contra a carestia da vida.<sup>73</sup>

Embora os preços internos continuassem a subir durante todo o período, os observadores estrangeiros viam a carne como um dos elementos mais baratos da dieta

---

71.- BUNGE, Alejandro *Los problemas...* Op. Cit., pág. 203.

72.- UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers, Vol. LXXXIX, 1914...* Op.Cit., pág. 41.

73.- SMITH, P. Op. Cit., págs. 74 e 75.

da cidade de Buenos Aires. A lenda da carne abundante e barata continuava a fazer parte do imaginário dos viajantes.<sup>74</sup>

A questão do preço não estava desligada da qualidade. A qualidade da carne argentina não era tão lendária. Algumas iguarias para os *criollos*, como o *bacaray* – uma vitela morta no momento do nascimento –, os testículos, os rins, a língua, o úbere e o cérebro, não eram apreciadas por aqueles que não estavam habituados. Além destas partes do gado bovino, existiam outros problemas. Alguns visitantes não gostavam da carne argentina e achavam-na de baixa qualidade e pouco substanciosa, diziam que para atingir o rendimento de 1 kg de carne inglesa eram necessários 3 kg de carne argentina.

<sup>75</sup> A situação começou a mudar a partir da incorporação das raças européias de alta qualidade e dos cruzamentos feitos com as raças *criollas*. A demanda por gado adequado à exportação de carnes resfriadas impulsionaram o processo de substituição e melhoramento do rebanho da Argentina. Este processo começou no final do século XIX, com a chegada do gado da raça Shorton,<sup>76</sup> que permitiu a elevação relativa da qualidade. Relativa porque este gado foi posteriormente utilizado para elaborar o *corned beef*, ou carne em conserva, que era cozida e processada; no entanto, o gado para o consumo interno era aquele que chegava cansado, velho e enfermo ao mercado distribuidor.

Por outro lado, a qualidade da carne estava unida à higiene dos abatedouros e ao processo de distribuição e comercialização. Embora o Censo Municipal de 1887 afirmasse que os abatedouros eram severamente fiscalizados por veterinários destinados a este fim, existiam abatedouros clandestinos. Estes abatedouros, além das deficiências intrínsecas ao funcionamento dos oficiais, complicavam a situação sanitária da carne

---

<sup>74</sup>- MARTIN, Percy "Trough five Republics (of South America). A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905" London, W. Heinemann, 1905, pág. 27; RAHOLA, Federico "Sangre Nueva. Impresiones de un viaje a la América del Sud" Barcelona, Tip. 'La Académica', 1905, pág. 84; e ELLIOT, Lillian E. "The Argentine of To-day" London, Hurst and Blackett, 1925, pág. 28.

<sup>75</sup>- DAIREAUX, E. *Op.Cit.*, págs. 175 e 176. Sobre a substância da carne argentina *vide Letter from Mr. McDonnell... Op. Cit.*

<sup>76</sup>- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 3434...Op.Cit.*, pág. 14.

consumida em Buenos Aires. Não muito tempo depois, em 1896, o intendente municipal Francisco Alcobendas determinava a construção de um abatedouro público, porque os existentes não estavam em boas condições. Este novo estabelecimento só entrou em funcionamento em 1911, tendo sido retardado por pressões dos proprietários de abatedouros.<sup>77</sup>

Fora dos abatedouros, os problemas higiênicos acentuavam. O sistema de comercialização era bastante precário, facilitando a contaminação da carne. Dos quase 1.000 açougues levantados pelo Censo de 1887, apenas 2 eram consideradas como 'higiênicos'. Os controles eram maiores nos mercados municipais que nos comércios privados. Os problemas com a higiene acentuavam-se nos meses de verão, quando a carne ficava horas a fio exposta ao calor. Neste período, cresciam as disputas entre inspetores e comerciantes. Os retalhistas rebatiam as críticas culpando o sistema de distribuição, que entregava a carne em mau estado. Esta desculpa não era aceita pelos inspetores, que requisitavam a carne estragada.<sup>78</sup>

Podemos concluir que o alto consumo de carne em Buenos Aires foi caindo aos poucos, sendo substituído por outros produtos. A entrada da Argentina no mercado internacional de carnes e o melhoramento das raças impulsionaram a alta dos preços. Outros inconvenientes enfrentados pelos consumidores de carne centraram-se na baixa qualidade da carne e na pouca higiene na manipulação deste produto.

## 2. d.- O vinho e outras bebidas alcoólicas

Sem ser um consumo básico, o consumo do vinho cresceu em quantidades significativas com a chegada dos imigrantes. Este produto tinha um lugar de destaque no orçamento de qualquer família de trabalhadores, ocupando o terceiro lugar nos

---

77. MARTÍNEZ, Alberto 'Estudio topográfico de Buenos Aires' IN: "Censo general de población, edificación, comercio e industrias de la ciudad de Buenos Aires. 1887. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1889, pág. 222 e GUTIERREZ, L. *Op.Cit.*, págs. 194 e 195.

78. CHUECO, M. *Op. Cit.*, págs. 219; 'La carne' IN: "La Vanguardia" 24/XII/1908; e 'Lo que se come en Buenos Aires. En el mercado del Centro' IN: "La Razón" 11/III/1910, pág. 7.



gastos, depois do pão e da carne.<sup>79</sup> Até a década de 1880, o vinho era um consumo caro e importado, difícil de ser achado entre os consumos proletários, tanto que os nativos preferiam consumir água com as suas refeições. Mas no final do nosso período era habitual.<sup>80</sup>

O vinho, com certeza, é um dos elementos que mostram com clareza as mudanças na dieta dos trabalhadores de Buenos Aires e, ainda, o impacto da transformação na composição étnica da mão-de-obra. Esta tendência a consumir pouco vinho entre os argentinos, acompanhando as refeições com água, parece reafirmada, ao longo do nosso período.

Mas, mesmo assim, o consumo de vinho não era monopólio dos estrangeiros. O vinho era consumido na campanha e estava presente nas mesas *criollas*. Alguns deles eram de produção local e pouco apreciados pelos europeus, como o vinho *clarete* ou rosado.<sup>81</sup> Porém, o *criollo* preferia a *caña*, um destilado de cana de açúcar, aromatizado e colorido com ervas e frutas produzido na Argentina, que era distribuída nos labores rurais.

Segundo Alejandro Bunge em 1919, o alto consumo do vinho ainda concentrava-se entre os imigrantes. Não obstante ele dizia que o consumo de vinho era bem menor que em outros países, mesmo considerando que Argentina contasse com um baixo número de crianças. Este era um fato positivo para um economista católico.<sup>82</sup> Mas o menor consumo de vinho pode ser relacionado a uma alimentação mais completa que a europeia, não sendo necessárias altas ingestões de álcool para complementar a dieta.

---

<sup>79</sup>- BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, pág. 212.

<sup>80</sup>- SCOBIE, J. *Buenos Aires... Op. Cit.*, pág. 76.

<sup>81</sup>- LINDSAY-BUCKNALL, Hamilton "Um jovem irlandês no Brasil em 1874 (Impressões sobre Argentina e sobre o Brasil na década de 1870)" Rio de Janeiro, Liv. Hachette do Brasil, 1976 [Extraído do livro "A search for fortune", 1ª ed. em inglês: 1878], pág. 54.

<sup>82</sup>- BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, págs. 206 e 207.

Bunge pesquisou por longos anos a produção e o consumo de vinho na Argentina. Um dos seus estudos revelava que o consumo de vinho na Argentina tinha partido de patamares muito baixos – 23 litros *per capita* por ano –, se comparados com o consumo anual de países tradicionalmente consumidores de vinho, como a França, a Itália e a Espanha, onde o consumo anual *per capita* era de 153, 101 e 90 litros, respectivamente.

É conhecida a tendência dos trabalhadores urbanos e rurais dos 3 países mencionados a beber vinho como forma de atenuar as deficiências calóricas e energéticas que sofriam nas suas dietas. Porém, esta carência no local de origem transformou-se num dos principais elementos simbólicos para a manutenção da identidade e a diferenciação em relação aos elementos locais. De fato, o vinho da região de origem era um elemento de intercâmbios simbólicos dentro do grupo étnico ou regional, sendo utilizado em festas ou recepções.<sup>83</sup>

Estas razões vinculam o maior consumo de vinho à imigração e, ainda, à nacionalidade dos imigrantes. O ingresso de imigrantes alavancou o rápido crescimento do consumo de vinho. Em 20 anos a Argentina alcançaria níveis de consumo que se manteriam ao longo do período e além dessa data: 60 litros anuais *per capita* desde 1895.<sup>84</sup>

O aumento do consumo *per capita* permitiu a expansão da produção local para substituir os vinhos importados. Alguns informes sobre os locais de produção da Argentina, como as províncias de *Mendoza* e *San Juan*, que foram enviados aos Ministérios dos Assuntos Exteriores da Espanha e da Grã Bretanha, revelam a preocupação e o interesse crescentes por este incremento. Entre 1881 e 1885, a produção de vinho saída de ambas as províncias produtoras em direção a Buenos Aires

---

<sup>83</sup>- CORTI, P. *Op. Cit.*, págs. 111, 118 e 119.

<sup>84</sup>- O consumo de vinho oscilou em torno aos 65 litros com picos de 66 litros, como em 1914, e quedas até 51 litros, como em 1917. BUNGE, Alejandro 'La Industria vitivinícola argentina' IN: "Revista de Economía Argentina. Año 12. N°140" Buenos Aires, Febrero de 1930, pág. 96 a 98.

creceu de pouco mais de 500 mil litros para quase 2.400.000 litros. Entretanto, segundo este informante espanhol, se a qualidade da produção local não era suficientemente boa para substituir os vinhos da Espanha, pelo menos dava para deslocar os vinhos que chegavam da França.<sup>85</sup> O vinho *mendocino* era utilizado para falsificar o vinho francês. Os saltos da produção foram significativos. De 1899 a 1900, por exemplo a produção cresceu em 40% e em 1911 era possível pensar no auto-abastecimento.<sup>86</sup>

Poucos anos depois, essas quantidades continuavam crescendo. Os imigrantes piemonteses estabelecidos em *Mendoza*, dedicados à elaboração de vinhos, melhoraram as técnicas produtivas elevando a produtividade. Segundo um informe aparecido no *Boletín del Museo Social Argentino*, o volume da produção crescia vertiginosamente, alcançando os 57,5 milhões de litros, no Censo de 1895; em 1911, apoiada nos impostos sobre os produtos importados, a produção chegava a quase 379 milhões de litros. Em 1917, esta quantidade continuava aumentando, chegando a 430 milhões de litros de vinho. O vinho argentino começava a ganhar mercados externos. Em 1911, exportavam-se 3 mil litros e importavam-se 40 milhões de litros; em 1918, a exportação chegava a 5 milhões e importavam-se apenas 3 milhões de litros.<sup>87</sup>

A política protecionista do final do século XIX a inícios do XX teve conseqüências imediatas: o aumento do preço do vinho importado, o incremento da produção local e o crescimento da fraude e do contrabando. As queixas pela política protecionista são reiteradas; alguns argumentavam que o vinho era necessário para a recuperação das forças do trabalhador, gastas durante o dia de trabalho, ou que a

---

85.- REINO DE ESPAÑA. MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES "Sección de Comercio, informe de N°250 y Anexo" Buenos Aires, 18/X/1886.

86.- UNITED KINGDOM *Report for the year 1897...* *Op. Cit.*, pág. 9; UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 2615...* *Op.Cit.*, pág. 18; e LAHITTE, E. *Op. Cit.*, pág. 452.

87.- 'Producción Nacional de vino' IN: "Boletín del Museo Social Argentino. Tomo I. N°3" 1912, pág. 134; para os dados de 1917 e de exportação BUNGE, Alejandro *Los problemas...* *Op. Cit.*, págs. 206 e 208.

taxação acabava gerando indústrias artificiais, como a do vinho ou a do açúcar, diminuindo a qualidade dos consumos.<sup>88</sup>

A afirmação de que era uma indústria artificial é bastante duvidosa. De fato, mesmo com as taxas e as dificuldades para as importações, durante o período do padrão ouro e da Grande Guerra, o vinho manteve os seus valores sem maiores variações, se comparado com produtos de exportação como o trigo e a carne. É possível supor que o mercado interno conseguiu abastecer a demanda interna sem grandes dificuldades, usando as reservas existentes.

O vinho não era um produto barato. Era caro, ainda quando os preços caíram, devido à necessidade de vendê-lo. Mesmo sem a concorrência estrangeira, os preços tiveram que cair. Ainda nestes períodos, o vinho não deixava de ser um produto caro, assim sendo avaliado por diversos observadores ao longo do nosso período.<sup>89</sup>

No Quadro IV (e Gráfico IV), temos a evolução dos preços. O preço é o do vinho comum, aquele que era consumido quotidianamente pelos trabalhadores.

QUADRO IV: Preço do Vinho por Litro

Ano	Vinho Comum
1897	\$ 0,90
1903	\$ 0,25
1905	\$ 0,27
1908	\$ 0,35
1910	\$ 0,31
1911	\$ 0,32
1912	\$ 0,33
1913	\$ 0,31
1914	\$ 0,26
1915	\$ 0,25
1916	\$ 0,27
1917	\$ 0,31
1918	\$ 0,31
1919	\$ 0,30

**Fonte:** 1897: PATRONI, A. *Op. Cit.*, pág. 123; 1903 e 1908, fazendo referência especificamente ao vinho argentino: *Coste de la vida...* *Op. Cit.*, pág. 241; 1905: ALSINA, J. *Op. Cit.*, pág. 396; 1910 a 1918: ERNESTO TORNQUIST & CIA *Op. Cit.*, pág. 260.

<sup>88</sup>- GONZÁLEZ, J.B. *Op. Cit.*, págs. 135 e 136, e BONAPARTE, Luis "Carestía de la vida. Causas económico-sociales. Medidas que se imponen" Santa Fe, Exito, 1913, pág. 9.

<sup>89</sup>- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 11+7...* *Op. Cit.*, pág. 67; RAVEL, E. *Op. Cit.*, do dia 11/XI/1901 e RAHOLA, F. *Op. Cit.*, pág. 83.

A qualidade do vinho levantou uma série de críticas entre os viajantes. O vinho produzido na Argentina não era bom. Sem vinhedos de boa qualidade, os produtores locais apostaram na uva *criolla* – as cepas espanholas adaptadas durante o período colonial – para obter grandes quantidades de vinho. Para superar, em parte, estas deficiências, o vinho local era misturado com outros da Espanha, França e Itália. Mas apesar das misturas, a qualidade era baixa. Um observador italiano dizia que o vinho era tão ruim que por isso o nível de alcoolismo era baixo na Argentina, mesmo entre os imigrantes de povos consumidores de vinho.<sup>90</sup>

A melhora dos vinhedos de Mendoza começou em 1883, com a importação de vides francesas adaptadas ao Chile. San Juan importava cepas francesas e italianas, Córdoba, Salta, Entre Ríos, Catamarca e Río Negro ingressaram aos poucos como zonas produtivas. Os vinhedos das regiões marginais enfrentaram múltiplos problemas para chegar a Buenos Aires. Todas estas produções permitiram superar a estagnação da indústria vitícola, que vinha desde a Colônia.<sup>91</sup>

É provável, ainda, que a falta de trabalhadores especializados e qualificados na manipulação das vinhas e no processamento das uvas levasse os industriais a não se preocupar com a qualidade das uvas, o que resultava num vinho de baixa qualidade. Sem esquecer que, praticamente, a produção vinícola tinha um mercado cativo, devido às altas taxas que pagavam os produtos importados e ao padrão ouro, o que, durante a primeira parte do nosso período, valorizou excessivamente o vinho argentino. Ante esta realidade, era de se esperar que os vinhos finos e de alta qualidade – como champanhe, vermouth, porto, etc. – fossem inteiramente importados.<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup>- Vide UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series* N° 2615... *Op.Cit.*, pág. 19 e A. *Op. Cit.*, pág. 20. Embora outro inglês achasse que o vinho local era aceitável, UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series* N° 1147... *Op. Cit.*, pág. 67. Sobre vinhos de qualidade Vide UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Annual series N° 2219. **Diplomatic and Consular reports on trade and finance. Argentine Republic. Report for the year 1898**" London, HMSO, 1899, pág. 7.

<sup>91</sup>- HELGUERA, Dimas "La producción argentina en 1892" Buenos Aires, Goyoaga y cia., 1893, págs. 51 a 63.

<sup>92</sup>- Sobre a falta de mão-de-obra especializada e os processo produtivos Vide UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 14 e 15.

Além dos problemas específicos da elaboração, a fraude e as falsificações baixaram a qualidade do produto. Ante qualquer tentativa de limitar as adulterações, os comerciantes protestavam, como aconteceu com a obrigação de se analisar e engarrafar o vinho na origem, que foi criticada e desrespeitada pelos donos de bares e de mercearias.<sup>93</sup>

Outras bebidas alcoólicas tinham alguma aceitação entre os operários, como a cerveja e os licores. Os licores eram consumidos em baixas quantidades, tanto que no ano de 1919 não chegava a 3 litros por pessoa ao ano. Embora esta fosse uma quantidade bem superior à consumida na Itália, estava longe dos 7 litros dos alemães. A média de alguns dos países industrializados e de imigração – como Alemanha, Austrália, Bélgica, Canadá, França, Inglaterra e Itália – era de 4,31 litros anuais *per capita*.<sup>94</sup>

Diversos tipos de licores eram conhecidos em Buenos Aires. Quase todos os licores europeus e muitos dos americanos podiam ser consumidos nos bares de luxo ou nos botecos dos subúrbios. Os *criollos* eram aficionados à *caña*. Na campanha era um elemento a mais para digerir as enormes quantidades de carne e era distribuído nas colheitas, para estimular o trabalhador. Outras bebidas alcoólicas produzidas na Argentina eram a grapa de uva e a *Hesperidina* – um refresco alcoólico a base de cascas de laranjas azedas, que fez a fortuna e permitiu a M. Bagley erguer um império alimentar. A *Hesperidina* foi um caso excepcional e bem sucedido de um licor nacional que foi lançado utilizando modernas técnicas publicitárias. Mas a qualidade dos licores nacionais não era elogiada pelos visitantes.<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup>- 'Los almaceneros protestan' IN: "La Protesta" 5/III/1916.

<sup>94</sup>- BUNGE, Alejandro *Los problemas...* *Op. Cit.*, pág. 206.

<sup>95</sup>- Sobre os diversos consumos de licores *Vide* BRANT, Mario "Viaje a la Argentina" Buenos Aires, Ed. Botella al mar, 1980 (1ª ed. em português: 1917), pág. 83; para o consumo de *caña* BARZINI, Luigi "L'Argentina vista como è" Milano, Tip. del Corriere della Sera, 1902, pág. 61 e BUNGE, Augusto "Las conquistas de la Higiene Social" Tall. gráf. de la Penitenciaría Nacional, Buenos Aires, 1910, pág. 194; sobre o lançamento da *Hesperidina* *Vide* CHUECO, Manuel "Los pioneros de la Industria Nacional" Buenos Aires, Imp. de La Nación, págs. 263 a 265; e ROCCHI, Fernando 'Consumir es un placer. La industria y la expansión de la demanda en Buenos Aires a la vuelta del siglo pasado' IN: "Desarrollo Económico N°148" Buenos Aires, IDES, Marzo de 1998, pág. 551; sobre a qualidade dos licores: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series. N° 1147...* *Op. Cit.*, pág. 67.

Os demais licores eram importados, o que resultava em altos preços. No máximo, eram consumidos na taberna e aos poucos. Uma consequência extra do alto valor dos licores era a falsificação destas bebidas. Os altos preços e a baixa fiscalização no referente às marcas, estimulavam esta prática. A extensão das falsificações gerou algumas queixas dos diplomatas residentes em Buenos Aires. Mas a generalização da falsificação não acarretava preços menores, já que todos os elementos do processo de falsificação eram importados: o licor, as garrafas e até as etiquetas.<sup>96</sup>

A cerveja teve um crescimento enorme na virada do século. O consumo anual, entre 1891 e 1913, passou de 13 para 109 milhões de litros. Em 1919, o consumo desceu para 96 milhões de litros, ou seja 11,6 litros anuais *per capita*. Mas o consumo da cerveja é próprio do nosso período. A produção argentina começou na década de 1860, com a instalação da fábrica de cerveja *Bieckert*, que produzia uma cerveja escura tipo *Pale-Ale*. No final da década de 1880, esta fábrica foi ampliada com o auxílio de capitais ingleses. Na mesma época, foi fundada a fábrica de cerveja *Quilmes*, na localidade do mesmo nome, que em pouco tempo tornou-se a principal cervejaria do país. Na década de 1890, ainda foram criadas outras 4 fábricas produtoras de cerveja.<sup>97</sup>

Até 1880 o consumo de cerveja era muito baixa, mas o início da venda de cerveja engarrafada, na década de 1890, consolidou-o no mercado. A venda de cerveja nos bares e *fondas* continuava a ser por copo. Segundo um cronista da época, as cervejarias cresciam diariamente, ainda que apoiadas na venda de doces. O consumo aumentava sensivelmente no verão, principalmente com a difusão do gelo, no final do século XIX. Várias eram as técnicas para produzir gelo, contribuindo para a difusão de bebidas como a cerveja e os aperitivos. Na década de 1880, *Bieckert* vendia o gelo junto com a cerveja para estimular seu consumo. Um projeto apresentado em 1901, para

---

<sup>96</sup>- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 1147...* *Op. Cit.*, pág. 67; mas as críticas eram extensivas ao custo das bebidas alcoólicas *Vide* UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 2219...* *Op. Cit.*, pág. 7. Sobre o processo de falsificação MARTIN, P. *Op. Cit.*, pág. 50 e 51.

<sup>97</sup>- ROCCHI, F. *Consumir ... Op. Cit.*, págs. 538 e 539. O dado sobre consumo em 1919 é de BLUNGE, Alejandro *Los problemas...* *Op. Cit.*, pág. 206; e ainda UNITED KINGDOM *Report for the year 1897...* *Op. Cit.*, pág. 9.

melhorar a qualidade do gelo e diminuir a quantidade de impurezas, pretendia trazer gelo natural da *Tierra del Fuego*. De qualquer forma, o gelo não deixava de preocupar as autoridades, pela má qualidade da água usada na elaboração.<sup>98</sup>

Os fabricantes colocaram as cervejas nos cafés, conseguindo substituir parcialmente o consumo de vinho, e totalmente as cervejas importadas. O produto importado era muito caro, comprando àquele elaborado em Buenos Aires e seus subúrbios.<sup>99</sup>

Embora a cerveja fosse de boa qualidade, não era um produto barato – uma garrafa custava tanto ou mais que um litro de vinho comum. Vários elementos concordavam para elevar os preços da cerveja. O primeiro estava nos altos impostos que sobre ela pesavam, mas este era um problema de todas as bebidas alcoólicas. O grande inconveniente da cerveja era que o malte era importado e as taxas alfandegárias, no período do padrão ouro, faziam-no um produto de luxo.<sup>100</sup>

A produção da cerveja era estimulada pelos higienistas, que achavam a cerveja mais saudável que o vinho, pelo fato de ser uma bebida com menor teor alcoólico. O principal tipo consumido em Buenos Aires era a cerveja de baixa graduação alcoólica, como a *Pilsen*. Mesmo numa publicação socialista anti-alcoólica era recomendado o consumo moderado de cerveja, por ser considerada ‘um bom tônico’ e reparadora de energias.<sup>101</sup>

---

<sup>98</sup>- Vide CHUECO, M. *Los pioneros...* Op. Cit., pág. 106; UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “Annual series N° 2767. Diplomatic and Consular reports. Argentine Republic. Report for the year 1901” London. HMSO, 1902, pág. 8; e URIEN, Carlos e COLOMBO, Ezio “La República Argentina en 1910” Buenos Aires. Maucci Hnos, 1910, pág. 541. Sobre a qualidade do gelo Vide “The Review of the River Plate” 4 e 11/VIII/1900, págs. 501 e 503

<sup>99</sup>- ROCCHI, F. *Consumir ...* Op. Cit., pág. 538 e o cronista é ANIBAL LATINO Op. Cit., pág. 20. Alguns problemas para a produção são mencionados por DAIREAUX, E. Op. Cit. Tomo II, pág. 128. Sobre a qualidade das cervejas locais e custo de cervejas estrangeiras Vide UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 1147...* Op. Cit., pág. 67.

<sup>100</sup>- Para os impostos Vide Palacios, A. Op. Cit., pág. 18. Sobre os componentes importados UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* Op. Cit., pág. 68. Um comentário dos preços em UNITED KINGDOM *Report for the year 1897...* Op. Cit., pág. 9.

<sup>101</sup>- O socialista é Augusto Bunge e o folheiro é *El alcoholismo*. Apud BARRANCOS, Dora “La escena iluminada. Ciencias para trabajadores. 1890-1930” Buenos Aires, Ed. Plus Ultra, 1996, págs. 203. Um higienista que alentava o consumo de cervejas era o Deputado Nacional Vedia. Na Sessão do Congresso de



Finalmente, algumas palavras sobre o alcoolismo, que era uma das preocupações dos higienistas e reformistas de todo tipo. O consumo de álcool foi atacado com frequência como a origem de todos os problemas sociais. A *Santa Aliança* contra o álcool reunia os opostos e contraditórios: anarquistas e católicos, socialistas e conservadores, cientistas e místicos. Para uns, o álcool não podia produzir outra coisa senão a degradação física e moral; para outros, era a máscara que não deixava ver o Futuro, fosse socialista, anarquista ou o Reino dos Céus.

Os higienistas achavam o consumo do álcool contraproducente, pois, em vez de ajudar a recuperar as energias perdidas no dia de trabalho, ocasionavam o vício; além do mais, o dinheiro gasto no vinho ou na cerveja não era utilizado na compra de alimentos. O problema do alcoolismo operário começa a ser tratado com maior frequência a partir do crescimento do sistema industrial. Segundo os analistas, o álcool era uma *doença*, que tinha suas origens na falta de estímulos para o trabalho cotidiano. O alcoolismo tinha duas manifestações: a *aguda*, o consumo excessivo nos dias de pagamento, ou nos dias festivos, e a *crônica*, o consumo diário de altas doses, como o copo antes do trabalho, o consumo durante as horas de trabalho e no âmbito do *conventillo*. Para uns, o álcool ocasionava acidentes, conflitos conjugais e deficiências que eram passadas de pais para filhos; para outros, obscurecia a razão e afastava os operários dos seus deveres de classe.<sup>102</sup>

A origem étnica, a profissão ou a origem social eram as principais causas do consumo de álcool, segundo os especialistas. Para Samuel Gache, os pedreiros eram os que apresentavam um índice maior de vício, produto das duras condições de trabalho. Outros achavam que o alto consumo de álcool estava associado aos italianos, que eram

---

30/IX/1904 ele estimulou o uso da cerveja entre os trabalhadores *Apud* RECALDE, Héctor "Vida popular y salud en Buenos Aires (1900-1930). Vol. 2" Buenos Aires, CEAL, 1994; e ainda URIEN, C. e COLOMBO, E. *Op.Cit.*, pág. 541. Para o tipo de cerveja consumida na Argentina *Vide* KOEBEL, W.H. "Modern Argentina. The Eldorado of to-day" Boston, Dana Estes & Co., 1919, pág. 95.

<sup>102</sup>- Para maiores detalhes RECALDE, H. *Op. Cit.*, págs. 184 a 189.

os mais propensos ao seu consumo.<sup>103</sup> As bebedeiras foram, ainda, associadas à pobreza e às carências sofridas pelos trabalhadores. Quanto maior a pobreza e menor o pagamento, maior o consumo de álcool, para repor de forma rápida e econômica as energias perdidas.<sup>104</sup>

Na década de 1870, um diplomata inglês elogiava a temperança dos *criollos* e questionava os irlandeses, ingleses e italianos pelas suas bebedeiras. A preocupação pelas bebedeiras era tanta que qualquer diminuição neste aspecto, ou no número de pessoas presas por esta causa, era comemorada pelas autoridades. O alcoolismo era visto como uma consequência não desejada da imigração.<sup>105</sup>

A preocupação com o alcoolismo não foi monopólio dos reformistas liberais ou dos higienistas. Socialistas e anarquistas entendiam que o alcoolismo era um terrível mal; que afastava os trabalhadores da luta por uma sociedade melhor. Segundo socialistas e anarquistas duas causas podiam concorrer para a iniciação do trabalhador no alcoolismo: por um lado, ter ascendentes alcoólatras, o que era difícil de prevenir; por outro, as necessidades energéticas não supridas pela má alimentação cotidiana, que era uma causa possível de ser erradicada. Para combater o alcoolismo, ambos os grupos incentivaram os discursos, palestras, conferências, artigos, folhetos e livros ao longo do nosso período. Os socialistas também empreenderam ações legislativas contra o álcool, como os projetos de lei de Palacios (1907), Del Valle Iberlucea (1918) e Juan B. Justo (1920), que tinham como objetivo proibir a fabricação e comercialização de alguns tipos de licores e bebidas de baixa qualidade e alta graduação alcóolica.<sup>106</sup>

---

<sup>103</sup>- GACHE, Samuel "Les logements ouvriers a Buenos-Ayres" Paris, G. Steinheil Edit., 1900, pág. 41.

<sup>104</sup>- BUNGE, Augusto *Op. Cit.*, pág. 45 e RAWSON, Guillermo 'Estadística vital de Buenos Aires' IN: RAWSON, Guillermo "Escritos y discursos. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1891, pág. 108.

<sup>105</sup>- *Vide Letter from Mr. McDonnell...* *Op. Cit.* a carta é de 1871; UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 1147...* *Op. Cit.*, pág. 27; TURNER, Thomas "Argentine and the argentines. Notes and impressions of a five years' sojourn in the Argentine republic, 1885-1890" London, Swan Sonnenschein & Co., 1892; o problema do alcoolismo dos imigrantes continuava a preocupar no final do nosso período, FOERSTER, Robert "The Italian emigration of our times" New York, Arno Press and The New York Times, 1969 (1ª ed. 1919), pág. 269

<sup>106</sup>- Ao respeito *Vide* BARRANCOS, D. *Op. Cit.*, págs. 202 a 204.

## 2. e.- Os “vícios”

Não podemos reproduzir nem analisar todos os gêneros alimentícios consumidos na Argentina ao longo do nosso período. Mencionaremos alguns deles, os mais importantes para complementar a dieta, e apresentaremos algumas das suas características de consumo e produção. Ao falar de *vícios*, tomamos uma palavra amplamente difundida para denominar aqueles consumos que não faziam parte direta dos alimentos, mas que estavam profusamente difundidos. O consumo de tabaco e a *yerba* estavam associados ao cotidiano e ao lazer, pelo que eram catalogados como ‘vícios’ desde os tempos da colônia, mas eram indispensáveis para qualquer habitante da cidade de Buenos Aires.

### - A Erva-mate:

A *Ilex Paraguaiensis*, ou erva-mate, era consumida desde os tempos da colônia. A erva-mate manteve sua importância mesmo durante o período da imigração de massas. O consumo do chimarrão, ou *mate*, poderia ser um dos fatores explicativos para os baixos consumos de álcool do período. Apesar da popularidade da erva-mate e da difusão de seu consumo, este produto era quase totalmente importado.

A importância da erva-mate era tanta que constituía 70% das exportações do Brasil para a Argentina. O Brasil, principal fornecedor deste produto, exportava três vezes mais erva-mate à Argentina do que café, o que era mais de 90% das importações de erva-mate; o resto provinha do Paraguai. A pouca erva-mate argentina provinha da zona de Misiones e Corrientes. Mas, se do Paraguai não vinham grandes quantidades, vinha a qualidade. A erva-mate paraguaia era utilizada para enriquecer a brasileira; quanto maior a percentagem do produto paraguaio, maior o preço final.<sup>107</sup>

<sup>107</sup>.- Em 1910 as exportações eram as seguintes: 94,6% do Brasil e 5,4% do Paraguai; em 1914 os números eram similares 92% contra 8%. Vide HELGUERA, D. *Op.Cit.*, pág. 49; LAHITTE, E. *Op. Cit.*, pág. 445; e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 59. Sobre o proteccionismo

Em 1888 Emile Daireaux estimava que o consumo de *mate* estava fadado a desaparecer, substituído pelo chá. Contrariando esta estimativa, a erva-mate ia sendo incorporado pelos recém-chegados e o consumo crescia ano a ano. O próprio Daireaux explica este mistério. O *mate* tinha sido um dos animadores dos espaços e dos momentos de sociabilidade das classes altas e médias, entrando em decadência com a europeização dos costumes e a difusão dos *cafés*.<sup>108</sup> Era impossível achar esta bebida no cardápio de qualquer bar, mas, na realidade, aqueles que restringiam seu consumos de chimarrão eram as classes médias e altas. Entre estes setores, o chimarrão passou a ser algo privado, familiar, já não mais um ato público, utilizado para afirmar a diferença com o estrangeiro. O chimarrão estava limitado ao interior dos lares, como se fosse um costume atávico e vergonhoso e, portanto, restrito ao pátio dos fundos ou à segunda sala, longe do olhar surpreso e desconfiado do visitante estrangeiro. Não obstante, o *mate* não desapareceu por completo dos consumos das classes altas, que apenas limitaram o seu consumo, restringido-o ao encontro familiar e íntimo.<sup>109</sup>

De fato, o *mate* migrou em direção aos setores populares. O *mate*, em vez de perder o seu lugar para o café ou para o chá, consolidou o seu papel entre as classes subalternas. A importância do *mate* foi tal que nos bairros populares e feiras livres, impregnados pelo cheiro desta aromática erva, era possível achar lojas e barracas destinadas unicamente à comercialização da erva, cuias e canudinhos, os elementos necessários para o seu consumo. As cuias e os canudinhos podiam ser de diferentes materiais, o que dava diferentes sabores ao chimarrão. É por isso que essas lojas eram necessárias.<sup>110</sup>

---

SCOBIE, J. *Buenos Aires... Op. Cit.*, pág. 317. A relação comercial entre ambos os países é analisada em MALGESINI, Graciela e COCONI, Gabriela 'Trigo versus Erva-Mate: O intercâmbio Argentina-Brasil e a questão regional de Misiones (1920-1945)' IN: "Estudios Económicos 16. Vol. 2" Maio-Agosto 1986, pág. 278. Os dados de exportação são de BRANT, M. *Op.Cit.*, pág. 83.

<sup>108</sup>. - Este é motivo de lamento num romance nostálgico que questionava os modos europeus que se adotavam em Buenos Aires. *Vide* LÓPEZ, Lúcio V. "La gran aldea" Buenos Aires, Ed. Tor, 1943 (1ª ed. 1882), pág. 45. Sobre a inexistência do consumo público do *mate* *Vide* BRANT, M. *Op. Cit.*, pág. 83.

<sup>109</sup>. - DAIREAUX, E. *Vida y costumbres en el Plata. Tomo I...* *Op. Cit.*, pág. 112 e WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 234.

<sup>110</sup>. - ELLIOT, L. *Op. Cit.*, pág. 15 e 16.

As classes populares bebiam *mate* por duas razões. Primeiro, a sociabilidade em torno do ato de beber o *mate*: servir, sugar a água quente, entregar para aquele que serve e esperar novamente o lugar na roda. Se este era um fato comum na campanha, no reencontro das pessoas no final do dia de trabalho, depois de estarem afastadas, cumprindo suas tarefas, ou no alvorecer aprontando-se para o trabalho, o mesmo acontecia na cidade. Entre *mate* e *mate* as conversas, o intercâmbio de idéias ou de informações, alguém cantando um tango ou uma *canzonetta* no meio do pátio do *conventillo*. O *mate* era um fator de integração das diversas e divergentes experiências num espaço neutro e comum a todos os participantes.<sup>111</sup>

A segunda razão é fisiológica: o *mate* tirava a sensação de fome e dava algumas energias, como nos diz Daireaux: “*Esta infusão, rudemente apresentada, é sadia, mas o abuso tira forças ao estômago e tira o apetite por uma comida substanciosa*”. E isso, com certeza, facilitou a sua difusão. Bebido quente, dava uma sensação de certa saciedade, principalmente quando o consumidor não tinha o que comer, ou tinha que esperar a próxima refeição. Isto é o que faziam os mais pobres dos imigrantes das décadas de 1880 e 1890: os napolitanos.<sup>112</sup> Com esta finalidade foi utilizado durante toda a colônia, para manter os indígenas ativos e trabalhando, com um mínimo de alimentação, nas minas de Potosí e nas florestas paraguaias.

Outros efeitos do consumo do *mate* eram qualificados como benéficos. Ao contrário do chá ou do café, dizia-se que o consumo em excesso de chimarrão não criava problemas fisiológicos, porque o maior consumo acentuava as propriedades sedativas e de estimulante cerebral. Também era recomendado contra a insônia – um problema terrível para todo aquele que trabalhava mais de 10 horas, nas oficinas ou no porto de Buenos Aires –, a gota e a indigestão.<sup>113</sup>

111.- ARMAIGNAC, H. *Op. Cit.*, pág. 62 e RAVEL, E. *Op. Cit.*, 1/IX/1901, 14/IX/1901 e 26/X/1901.

112.- DAIREAUX, E. *Vida y costumbres en el Plata. Tomo I... Op. Cit.*, pág. 152.

113.- DAIREAUX, E. *Vida y costumbres en el Plata. Tomo II... Op. Cit.*, pág. 28; LLOYD, Reginald “**Twentieth Century impressions of Argentina. Its History, people, commerce and resources**” London, Lloyd’s Greater Britain Publishing Co., 1911, pág. 265. UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol.*

Beneficiado por estas supostas ‘virtudes’, o *mate* afiançou-se como uma prática de socialização. O *mate* era aceito até no local de trabalho e diversos motivos contribuía para esta aceitação entre os nativos, como a possibilidade de satisfazer a sede no verão e se aquecer no inverno. Outras bebidas podiam ter cumprido esta função, mas o chimarrão evitava os efeitos não desejados, principalmente pelos patrões, como as bebedeiras. A função de *cerador* – a pessoa que serve e distribui o *mate* – estava, geralmente, confiada a um aprendiz; e preparar corretamente o chimarrão era um dos estágios do aprendizado do ofício. Um gole de chimarrão a qualquer momento e a certos intervalos reanimava o trabalhador na oficina.<sup>114</sup>

Os trabalhadores a domicílio, também tiravam proveito do *mate*, tendo esta bebida à sua disposição o tempo todo. A paisagem do quarto de trabalho da costureira, da passadeira ou do sapateiro estava incompleta sem a *pava* (chaleira) no braseiro. Até os grupos de operários da construção, de conserto de ruas ou das estradas de ferro, majoritariamente italianos, tinham o *mate* como sustento e refeição. Todos eles consumiam esta infusão para mitigar a fome.<sup>115</sup>

Não existia horário para o consumo do *mate*. Havia quem o consumia como parte do café da manhã, entre o café da manhã e o almoço, depois do almoço, pela tarde, depois do jantar, enfim, a qualquer hora. A versatilidade no consumo parece ter sido uns dos motivos para a difusão e aceitação desta infusão.<sup>116</sup>

O consumo do *mate* difundia-se então entre os estrangeiros sem muitas dificuldades, embora causasse um pouco de surpresa inicialmente; depois passava a ser parte dos seus consumos habituais, como lembrava um imigrante espanhol, poucos

---

LXXXIX, 1914... *Op.Cit.*, pág. 59. De fato, o *mate* era consumido pelos *gauchos* como uma ajuda para digerir a carne.

<sup>114</sup>- MARSAL, Juan “**Hacer la América. Autobiografía de un inmigrante español en la Argentina**” Buenos Aires, Edit. del Instituto Di Tella, 1969, pág. 149.

<sup>115</sup>- GONZÁLEZ ARRILLI, B. *Op. Cit.*, pág. 49, e CLARK, Edwin “**A visit to South America**” London, Dean & Son, 1878, pág. 129.

<sup>116</sup>- WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 234.

anos depois do nosso período.<sup>117</sup> Sempre que o degustador apreciasse o produto, que era de difícil aceitação. Este gênero, exótico para os recém-chegados, era quase imprescindível para os já habituados a ele. Uma das questões que mais preocupava e chamava a atenção dos recém-chegados era a forma como se ingeria esta bebida:

*“Vou experimentar, pela primeira vez, uma bebida que todos devem conhecer pelo nome, não há um livro sobre a América do Sul que não mencione o mate. (...) O mate é uma infusão de folhas de ilex, bem fervedas, que se serve dentro duma cabaça. Aí é colocado um canudinho de prata e dá-se a sugar. O sabor é um tanto amargo, mas habituando-se deve parecer até doce. Mas, preste atenção que o canudinho passa de boca em boca. Na primeira vez não soube o que fazer, mas pensando que as duas filhas, que já tinham bebido, tinham uma boca tão lindas, aceitei, chupei o mate, agradei e passei ao da chuleira.”<sup>118</sup>*

Esta era uma das múltiplas formas de consumo e cada região da Argentina tinha a sua: com ervas, mel, *arrope* (doce de alfarroba), etc. Em Buenos Aires preferiam consumi-lo amargo, doce, com cascas de laranja, hortelã, açúcar mascavo, etc. Cada mistura servia para produzir distintos sabores, aromas, ou para que fosse mais refrescante no verão. Para as crianças era preparado como chá, com ou sem leite. Existiam outras formas de aproximar as crianças do chimarrão, trocando a água pelo leite – mate de leite – ou com cacau – mate de *cocoa*.<sup>119</sup>

Mas o chimarrão tinha seus detratores. Havia aqueles que entendiam que era anti-higiênico, uma questão que preocupava os consumidores novatos. Partilhar o canudinho não era muito agradável, falava-se dos prováveis contágios produzidos por sorver todos de um mesmo canudinho.<sup>120</sup>

Os preços da erva-mate refletem, em parte, a evolução do consumo deste gênero e o nível de aceitação entre a população originária e a que chegava a Buenos Aires durante o nosso período. No quadro V vemos que os preços ficaram estáveis na década de 1910, crescendo bruscamente no final do período. O consumo de erva-mate estabelecido para 1919 era de 7,42 kg. anuais *per capita*, um pouco menor que os quase

<sup>117</sup>- MARSAL, J. *Op. Cit.*, págs. 149 e 150.

<sup>118</sup>- RESASCO, Francesco “*Alle Rive del Plata. Ricordi di viaggio*” Milano, Fratelli Treves ed., 1890, págs. 400 e 401.

<sup>119</sup>- LLOYD, R. *Op. Cit.*, pág. 266.

<sup>120</sup>- ‘*El hábito de tomar mate con bombilla se trata de extinguirlo en el ejército. Medida acertada*’ IN: “*Progreso de La Boca. N°417*” Buenos Aires, 1904.

10 kg. estimados para 1914. Finalmente, por ser mais barata que o chá ou o café, conseguiu tomar o lugar destas bebidas.<sup>121</sup>

QUADRO I: Preço da Erva Mate por Quilo

Ano	Erva Mate
1897	\$ 0,80 – 1,00
1903	\$ 0,65
1905	\$ 0,60
1908	\$ 0,80
1910	\$ 0,62
1911	\$ 0,64
1912	\$ 0,65
1913	\$ 0,64
1914	\$ 0,64
1915	\$ 0,64
1916	\$ 0,62
1917	\$ 0,61
1918	\$ 0,69

**Fonte:** 1897: PATRONI, A. *Op. Cit.*, págs. 120 e 125; 1905: ALSINA *Op. Cit.*, pág. 396, o valor mais baixo e de 40 cvs. em Santa Lucía; 1903 e 1908: *Coste de la vida... Op. Cit.*, pág. 241; 1910 a 1918: ERNESTO TORNQUIST & CIA *Op. Cit.*, pág. 262.

#### - O Tabaco:

Um outro “vício” extensamente difundido entre a população de Buenos Aires era o tabaco. O tabaco era consumido desde a época da colônia por homens e mulheres, o que poderia parecer estranho para qualquer visitante. A mulher geralmente preparava o cigarro com o tabaco nativo embrulhado na palha, para depois entregá-lo ao homem, sem sentir-se envergonhada por fumar na frente dele.<sup>122</sup>

Este foi outro dos consumos que sofreu as alterações da industrialização, passando de uma produção artesanal para a fabricação mecanizada num curto período de tempo, já na década de 1880. Mesmo assim, até 1888, parecia que esta indústria continuaria sendo mais uma das múltiplas que se desenvolviam como oficinas de fundo de quintal, baseado num tabaco local de não muita aceitação. A crise dos anos 90 alavancou a produção argentina, que foi deslocando aos poucos os cigarros e charutos

<sup>121</sup>- BUNGE, Alejandro *Los problemas... Op. Cit.*, págs. 212; e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914... Op. Cit.*, pág. 40.

<sup>122</sup>- LINDSAY-BUCKNALL, H. *Op. Cit.*, pág. 9.



importados, impondo-se o consumo de produtos mais finos e delicados, que ganharam a aceitação da população. Os novos tabacos elevaram de tal modo o consumo argentino de homens e mulheres do final do século XIX, que este só foi igualado nos Estados Unidos depois da Primeira Guerra Mundial. A industrialização e a nacionalização da produção foram incentivos importantes para o consumo, pois a qualidade cresceu, e os preços baixaram. O consumo passou de 140 a 400 milhões de maços – no mesmo período a população aumentou 2 vezes, enquanto o consumo de cigarros cresceu 2 vezes e meia – entre 1896 e 1913.<sup>123</sup> No quadro VI e no Gráfico VI temos o preço do tabaco por quilo, como é apresentado ao longo do período, e não do maço de cigarros populares.

QUADRO VI: Preço do Tabaco por Quilo

Ano	Tabaco
1897	\$ 1,50
1903	\$ 2,00
1905	\$ 2,30
1908	\$ 2,00
1910	\$ 0,95
1911	\$ 0,93
1912	\$ 1,00
1913	\$ 1,01
1914	\$ 0,96
1915	\$ 0,95
1916	\$ 0,99
1917	\$ 0,97
1918	\$ 1,50

**Fonte:** 1897: PATRONI, A. *Op. Cit.*, pág. 125; 1903 e 1908: *Coste de la vida... Op. Cit.*, pág. 241; 1905: ALSINA, J. *Op. Cit.*, pág. 396, em Santa Lucía o preço chegava a \$ 3,00; 1910 a 1918: E. TORNQUIST & CIA *Op. Cit.*, pág. 262.

Os esforços para alentar a produção local, por meio dos impostos, não eram suficientes. Por um lado, o contrabando de tabaco estava muito difundido na divisa com o Brasil; por outro, as taxas também alcançavam a produção local. A indústria argentina era responsável pelas suas próprias limitações, muitas das quais continuavam a ser bastante primitivas. A falsificação praticada pelos próprios industriais provocava a

<sup>123</sup>- DAIREAUX, E. *Vida y costumbres en el Plata. Tomo II... Op. Cit.*, pág. 131; HELGUERA, D. *Op. Cit.*, pág. 113; ROCCHI, F. *Consumir ... Op. Cit.*, pág. 537; e UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 1147...Op. Cit.*, pág. 67.

desconfiança do consumidor, que até o momento de experimentar um charuto ou cigarro nunca sabia que produto levava aos lábios. Além do cigarro, as embalagens também eram falsificadas ou trazidas de Europa para dar maior veracidade à falcatrua.<sup>124</sup>

Um outro fator que complicava a indústria argentina era a ampla preferência por variedades de tabaco já consolidadas nos países de origem dos imigrantes, como os tabacos egípcios e turcos. Entre as classes abastadas, o *habano* era preferido aos outros charutos. O produtor local tinha que importar estas variedades de tabaco para depois processá-las, misturando-as com as nacionais. O tabaco importado chegava do Brasil, Paraguai, da Ásia e da África. Mesmo assim, poucos anos depois, as variedades locais seriam bem aceitas e amplamente consumidas pelos fumantes, devido à sua barateza e qualidade.<sup>125</sup>

O cultivo do tabaco na Argentina não estava concentrado num único local; pelo contrário estava estendido por todo o território, resultando em diferentes variedades, pelo que podia satisfazer gostos diferentes. As principais plantações de tabaco estavam em Corrientes, Salta, Misiones e Tucumán; outras regiões produtoras estavam em Formosa, Chaco, Entre Río, Córdoba e na província de Buenos Aires. Os melhores produtos chegava de Misiones e Tucumán, que tinham adaptado as variedades Kentucky e Virginia.<sup>126</sup>

As diferenças na qualidade do produto final eram bastantes grandes, pelo que era possível achar cigarros de um tipo de boa qualidade e outras variedades ruins e caras. A irregularidade da produção do tabaco acarretava vários inconvenientes. Muitos

---

<sup>124</sup>- Sobre o contrabando GONZÁLEZ, J.B. *Op. Cit.*, pág. 144 e RAHOLA, F. *Op. Cit.*, pág. 84; para falsificações *vide* LE BRETÓN, Tomás 'Marcas de fábrica. El reinado de la falsificación' IN: "**Revista de Derecho, Historia y Letras. Año I, Tomo III**" Buenos Aires, Peuser, 1899, pág. 286; sobre impostos, produção e comercialização: HELGUERA, D. *Op. Cit.*, pág. 113; LAHITTE, E. *Op. Cit.*, pág. 447; e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 58 e 59.

<sup>125</sup>- TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 138; KOEBEL, W.H. *Op. Cit.*, pág. 97 e CAZZANI, A. *Op. Cit.*, pág. 82.

<sup>126</sup>- LLOYD, R. *Op. Cit.*, pág. 267 e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 58 e 59.

eram pequenos cultivadores, baseados no trabalho familiar, sem recursos para expandir ou melhorar a produção. Em 1911, a queda nos preços tinha acentuado a queda na qualidade, não conseguindo se equiparar à produção brasileira ou paraguaia. O tabaco local era utilizado para dar volume ao tabaco importado, que dava o aroma, e para produzir cigarros baratos. O grande problema da produção era a umidade das regiões produtoras, que não permitiam uma boa secagem. Só as grandes companhias podiam construir seus próprios secadouros.<sup>127</sup>

O consumo de tabaco estava estendido na forma de cigarros e assim era consumido pelos portenhos, do garçom ao policial e do adolescente ao ancião. Fumavam até quando trabalhavam. Nas repartições públicas, os funcionários fumavam o dia inteiro, deixando o ambiente encoberto de fumaça, com um forte cheiro de tabaco; fumavam tanto que acabavam com dentes e dedos amarelados. Um cronista ficou impressionado ao ver um bombeiro fumando embaixo de um cartaz que rezava: “*É proibido fumar*”.

A variedade local era um tanto forte, entre um *caporal* francês e um *habano*, mas muito bem aceita, até pelos recém-chegados. Das diversas formas de consumo do tabaco na Argentina eram preferidos os cigarros; o fumo em cachimbo só era do agrado dos ingleses e os charutos eram os preferidos pelos espanhóis e italianos.<sup>128</sup>

### 3.- Produtos locais, nacionais e importados

Buenos Aires estava numa posição especial dentro da estrutura produtiva e comercial da Argentina: era a cidade-porto, pela qual entravam as importações e saíam as exportações; a rede ferroviária e de estradas estavam direcionadas neste sentido. Dificilmente algum produto importante não passava por Buenos Aires, sendo lá concentrado e armazenado antes de ser distribuído.

<sup>127</sup>- TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 138 e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers*. Vol. LXXXIX. 1914... *Op.Cit.*, pág. 58 e 59.

<sup>128</sup>- KOEBEL, W.H. *Op. Cit.*, págs. 97 e 98 e TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 138 e 139. A cena do bombeiro corresponde a BARZINI, L. *Op. Cit.*, pág. 28.

Mas quais os produtos locais, quais os regionais e quais os importados? A resposta tem várias faces, por um lado, os mesmo produtos que eram produzidos localmente podiam ser trazidos de outras regiões, onde a produção era antecipada ou podia complementar uma escassa produção local; havia ainda aqueles produtos importados que foram substituídos pela crescente produção local, ou que unicamente entravam no mercado local quando o câmbio era favorável.

Como acontecia com outras regiões do Novo Mundo, uma lenda sobre a abundância e a diversidade dos produtos consumidos na Argentina fazia parte das crônicas e relatos dos visitantes estrangeiros. Seguindo esta visão, Emile Daireaux entendia que Buenos Aires nadava na abundância; não só a campanha era feraz e a caça variada e completa, mas até os peixes do rio e do mar eram melhores e maiores que os da Europa. Esse viajante dividia o ano da seguinte forma: no inverno, qualquer simples abrigo do frio e das geadas bastava para abastecer a cidade de frutas e hortaliças, que chegavam antes da estação, sem que se pudesse distinguir quais eram da região e quais eram de fora de Buenos Aires; em agosto já era possível achar aspargos, alcachofras e morangos a bom preço, além de as frutas de primavera estarem baratas e, em setembro, praticamente de graça; na primavera, embora as pessoas consumissem mais hortaliças e legumes, estas amontoavam-se sem poder ser consumidas; no verão, o pêssego era muito abundante. Algumas das visões otimistas dos produtos argentinos atribuíram-lhes condições superiores aos similares europeus.<sup>129</sup>

Esta abundância estava um tanto exagerada: muitos produtos eram trazidos de longe, e até do exterior, para o abastecimento de uma cidade em constante crescimento. Como centro de trocas e porto de ultramar, Buenos Aires era beneficiada pelas baixas tarifas dos produtos europeus, que completavam a carga dos vapores que levavam cereais ou carnes para o velho continente. A imagem da Argentina como o celeiro do mundo – Argentina: *granero del mundo* –, é uma construção deste período, mas, como

---

<sup>129</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit. Tomo I*, pág. 172 e 173 e CAZZANI, A. *Op. Cit.*, págs. 82 e 83.

toda construção, ainda não era aceita nos primórdios. Alguns observadores entendiam que a Argentina não era comparável ao Brasil, país no qual a riqueza alimentar era superior.<sup>130</sup>

Aparentemente, os produtos chegados de ultramar mantiveram uma continuidade das suas origens, embora existissem disputas comerciais entre países que procuravam abastecer Buenos Aires e a Argentina.<sup>131</sup> Na maioria das vezes, o que acontecia era que o produto importado tendia a desaparecer substituído pela produção local antes de passar a ser importado de um terceiro país. O açúcar é um exemplo.

O açúcar de cana começou a ser produzido em Tucumán e Santa Fé na década de 1870; até esse momento, era um produto importado. Os produtores de açúcar de Tucumán conseguiram do governo nacional que se colocassem altas taxas ao açúcar que chegava do Brasil e do Caribe e ainda abafaram o menos lucrativo açúcar de beterraba, elaborado na província de Buenos Aires. Mas este estímulo a uma indústria nacional não coincidia com as necessidades operárias e foi uma das políticas estatais mais contestadas. O processo de produção do açúcar argentino não era mais barato que o estrangeiro, além de explorar terrivelmente a mão-de-obra indígena. Só conseguia chegar ao mercado mais barato porque o açúcar importado recebia taxas e impostos alfandegários altíssimos. Assim, o açúcar foi um dos vilões dos consumos das famílias trabalhadoras. Nem mesmo com colheitas ruins era permitida a entrada do açúcar

---

<sup>130</sup>.- Por exemplo, Louis Couty entendia que no Brasil a produção dos alimentos estava bem desenvolvida, até a produção de trigo, *Vide* COUTY, Louis "O Brasil em 1884. Esboços sociológicos" Brasília - Rio de Janeiro, Senado Federal - Casa de Rui Barbosa - MEC, 1984 [1ª ed. em francês: 1884].

<sup>131</sup>.- Enrico Ferri, por exemplo, denunciava a concorrência que os legumes ingleses faziam aos italianos, apontando os caminhos para solucionar esta situação "Enrico Ferri e os italianos na Sul América" Rio de Janeiro, Typ. de Donato Batelli, 1910, pág. 18; os espanhóis reclamavam pelo vinho francês, *Vide* REINO DE ESPAÑA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES *Op. Cit.*, e os ingleses pela presença de capitais americanos no preparo e comercialização de carnes, *Vide* UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 41.

estrangeiro e, nos anos de alta produção, exportava-se a baixo do custo o excedente para os Estados Unidos e a Inglaterra, mantendo os preços internos.<sup>132</sup>

Sem modificar este sistema, os únicos que tomaram medidas para baratear o preço do açúcar foram os governos municipais dos radicais, que confiscavam o produto dos comerciantes e distribuidores para vendê-lo a preços menores nas feiras municipais.<sup>133</sup>

Se a importação do trigo e do açúcar foi substituída nos primeiros anos do nosso período pela produção local, outros produtos continuaram a ser importados. O abastecimento dos mercados de Buenos Aires podia ser amplo e variado, mesmo comparado aos maiores mercados da Europa, mas isto não implicava que a produção fosse totalmente de origem local. Veremos alguns dos produtos que completavam os consumos portenhos.

Até os primeiros anos da década de 1880, a Argentina precisava importar farinha do Chile, Estados Unidos e da França, além de importar biscoitos da Inglaterra e diversos tipos de massas da Itália. Já na década de 1890 a Argentina tinha conseguido o auto-abastecimento e ainda exportava farinha para o Brasil.<sup>134</sup>

Mas o Brasil não era unicamente comprador de produtos argentinos; pelo contrário contribuía de formas variadas para os consumos de Buenos Aires. A principal contribuição era a erva-mate, gênero sumamente apreciado pelos portenhos; mas, logicamente, esta não era a única importação, enviava o café, as bananas e a farinha de mandioca – chamada de *fariña* na Argentina.<sup>135</sup>

---

<sup>132</sup>. - Cf. BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, pág. 216; UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 3-34...* *Op. Cit.*, pág. 15; 'El azúcar todavía más caro' IN: "La Vanguardia" 14/II/1908; 'El azúcar' IN: "La Vanguardia" 30/I/1910; e BOSIO, B. *Op. Cit.*, págs. 11 a 14.

<sup>133</sup>. - *En las Ferias Francas...* *Op. Cit.*

<sup>134</sup>. - DAIREAUX, E. *Op. Cit. Tomo II*, pág. 127; HELGUERA, D. *Op. Cit.*, págs. 38 e 39; e CHUECO, M. *Los pioneers...* *Op. Cit.*, pág. 265.

<sup>135</sup>. - ALSINA, J. *Op. Cit.*, pág. 392; BASTERRA, Félix B. "El crepúsculo de los gauchos. (Estado actual de la República Argentina)" Paris-Montevideo. Les Temps Nouveaux-Lib. de la Universidad, 1903, pág. 44; e HELGUERA, D. *Op. Cit.*, págs. 37, 49 e 111.

Um produto muito consumido e apreciado por portenhos e imigrantes era a batata. Os *criollos* e os espanhóis tinham a batata como um dos principais ingredientes do *puchero* (cozido). Como este era um prato muito difundido, os italianos incorporaram-na rapidamente. Em determinadas épocas do ano, ou em anos de grande produção, seu preço era baixíssimo, pelo que podia substituir gêneros mais caros, como o arroz ou até a carne, principalmente entre aqueles imigrantes pouco habituados a consumir carnes. No início do nosso período, a batata chegava a Buenos Aires de *Chascomús*. Com a incorporação de novas regiões produtivas, os principais polos produtivos deste tubérculo concentraram-se no sudeste da província de Buenos Aires – *Mar del Plata* e *Balcarce* – e nas proximidades de *Rosario*, na província de *Santa Fe*.<sup>136</sup>

Galinhas, frangos e ovos chegavam da Inglaterra, embora a origem inicial fosse a Dinamarca, para complementar a irregular produção local. Esta irregularidade era tal que em 1912 importaram-se 2.340 toneladas de ovos, menos da metade do que tinha ingressado em 1910. Do início da década de 1910 datam as primeiras produções extensivas de frangos e ovos, com base em espécies importadas. Até esse momento, e depois em muitas pequenas fazendas, os frangos eram criados em campo aberto. As galinhas faziam o ninho no meio do mato, pelo que muitos ovos e frangos perdiam-se ou eram comidos pelos predadores. Este tipo de criação encarecia os frangos e demais aves de granja.<sup>137</sup>

Os produtos de caça chegavam a Buenos Aires de fora da cidade e eram bastante consumidos. Da província de Santa Fe chegavam lebres; da província de

---

<sup>136</sup>.- Sobre a produção inicial *Vide* ARMAIGNAC, H. *Op. Cit.*, pág. 56. Sobre o consumo da batata no *puchero* e a aceitação entre italianos *Vide* CLARK, E. *Op. Cit.*, pág. 129 e RAVEL, E. *Op. Cit.*, 1/IX/1901. Sobre procedência e produção: ARGENTINA, DIRECCION GENERAL DE ESTADISTICA “Anuario. 1907. Tomo III” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1909, págs. 321 a 329.

<sup>137</sup>.- MAGASANIK, A. ‘*Carestía de la vida. Gallinas y huevos*’ IN: “Boletín del Ministerio de Agricultura Nº9, Tomo XIII” Buenos Aires, Septiembre de 1911, pág. 551 e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX, 1914...* *Op.Cit.*, pág. 47.

Buenos Aires lebres, *martinetas*, perdigões, cutias e tatuzinhos. Quem morava nos arrabaldes da cidade podia caçar estes animais e ainda pássaros e pombos.<sup>138</sup>

Os peixes de mar chegavam em barcos frigoríficos da Espanha, de Montevideu e da costa sul da província de Buenos Aires, principalmente da cidade de *Mar del Plata*. Porém, devido à distância e à falta de trens com refrigeração e de frigoríficos em Buenos Aires, *Mar del Plata* não conseguia colocar a sua mercadoria no melhor estado. A produção argentina era tão escassa que não podia ser chamada de indústria pelos analistas. Praticamente só os ricos comiam peixe. A maior parte do consumo era importado, fosse fresco ou em conserva. A importação tinha chegado a 13 mil ton. em 1913. A baixa produção e os altos preços estavam relacionados ao controle do mercado do peixe em poucas mãos. O único peixe barato que se consumia em Buenos Aires era uma espécie local de água doce, o *pejerrey*, que chegava em abundância da Laguna de *Chascomús*, 100 km. ao sul de Buenos Aires; devido ao baixo preço e ao seu sabor delicado; era bem aceito por portenhos e imigrantes. Este recurso era explorado por pescadores napolitanos desde a década de 1860, quando da chegada do trem à região, que permitiu o envio do produto para a cidade. A atrasada arte de pesca na cidade de Buenos Aires encarecia o produto do *Río de la Plata*. Os pescadores entravam no rio a cavalo, levando uma rede com que sacar os peixes.<sup>139</sup>

A carne de porco – principalmente o presunto e o bacon – era quase toda importada, o que parecia curioso para os observadores estrangeiros, que entendiam que a Argentina tinha tudo para ser o *país dos porcos*. De fato, com os excedentes de milho e o cultivo de vários tipos de forragens, o porco poderia ter sido criado na Argentina em

---

<sup>138</sup>.- SANTIGOSA, C. M. *Op. Cit.*, pág. 185; UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 49; e algumas cartas sobre o consumo de pássaros pelos italianos são reproduzidas por FRANZINA, E. *Op. Cit.*, págs. 86 e 90.

<sup>139</sup>.- Sobre os inícios da produção de *pejerrey* em *Chascomús* Vide ARMAIGNAC, H. *Op. Cit.*, pág. 56. Sobre o consumo em geral HELGUERA, D. *Op. Cit.*, pág. 113; e vários artigos da série 'Lo que come Buenos Aires. Recorda por los mercados' IN: "*La Razón*" Buenos Aires. 15/1/1910, pág. 7; 22/1/1910, pág. 7 e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op.Cit.*, pág. 48. Sobre a pesca em Buenos Aires BATIZ, Adolfo "*Buenos Aires, la ribera y los prostíbulos en 1880 (Libro rojo)*" Buenos Aires, Aga-Taura, s/d (1ª ed. 1908), pág. 71.



lugar de ser importado. Mesmo assim, existiam alguns frigoríficos que processavam o cerdo para obter presuntos, banhas, linguiças, etc., mas não davam conta das demandas locais.<sup>140</sup>

O arroz era importado, mas uma produção incipiente começava a se desenvolver na década de 1910 em algumas províncias da Argentina, como Corrientes e Misiones. Até esse momento, as sementes locais não conseguiam a qualidade necessária para que fossem beneficiadas, mas as sementes importadas davam um bom produto, embora a colheita fosse um tanto primitiva.<sup>141</sup>

O sal – produto importante para temperar os alimentos ou para conservá-los –, foi durante muito tempo obtido localmente. Nos tempos da colônia era um produto caro, porque as salinas estavam nas terras de índios, em Salinas Grandes, ao sul da atual província de Buenos Aires. O abastecimento deste produto demandava complexas operações diplomático-militares. A importação de sal manteve-se ao longo do período, mas a crise de 1890 fez com que algumas regiões comesçassem a produzir sal, como a Baía de *San Blas*, na desembocadura do *Río de la Plata*, *Patagones*, próximo a *Bahía Blanca*, *Córdoba*, *La Pampa*, *Salta* e *Jujuy*. O sal tinha várias origens, podendo, além das salinas mencionadas, ser obtido por evaporação da água do mar, mas a produção local decaiu e ele passou a ser importado na sua grande maioria.<sup>142</sup>

As frutas foram os produtos que mais chamaram a atenção de observadores e visitantes. Inicialmente eram cultivadas nas ilhas do delta do rio Paraná ou nos pomares dos distritos imediatamente ao sul de Buenos Aires. Aos poucos, foram se estendendo em direção às regiões mais distantes, fosse pela especulação no preço das terras ou pela

---

<sup>140</sup>. ELLIOT, L. *Op. Cit.*, pág. 29; HELGUERA, D. *Op. Cit.*, págs. 33 e 34; e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op. Cit.*, pág. 40.

<sup>141</sup>. HELGUERA, D. *Op. Cit.*, págs. 28 a 29; e LAHITTE, E. *Op. Cit.*, pág. 455.

<sup>142</sup>. Uma das expedições é bastante conhecida, *Íde* GARCÍA, Pedro “**Diario de un viaje a Salinas Grandes en los campos del Sud de Buenos Aires**” Buenos Aires, Eudeba, 1974 (1ª ed. 1836). Outras informações sobre o sal *Íde* HELGUERA, D. *Op. Cit.*, págs. 46 a 47; e UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 2767...* *Op. Cit.*, pág. 8 e WORTHINGTON, T. “Misión comercial a América del Sur. Tercer informe. La República Argentina (1898)” IN: “**Desarrollo Económico. N°76**” Enero-Marzo 1980, pág. 554.

demanda da produção, tanto que, para o nosso período, a maioria das frutas chegava de fora da hinterlândia portenha.<sup>143</sup>

Dentro da grande abundância de frutas de climas temperados e subtropicais havia algumas frutas que eram mais procuradas, como os pêssegos, que chegavam das ilhas do rio *Paraná* e da região compreendida entre Buenos Aires e *Mendoza*. Eram geralmente bons, abundantes, e no momento pico da colheita eram muito baratos. O único problema que enfrentavam era o transporte e o empacotamento defeituoso que produziam estragos nas remessas. As ameixas chegavam das mesmas regiões dos pêssegos e enfrentavam os mesmos problemas; os damascos eram cultivados à beira dos rios dos pampas, sendo utilizados em licores e doces, além do consumo frescos; os figos eram colhidos em *Tucumán*, *Mendoza* e na província de Buenos Aires; as uvas, como procediam de zonas bem diversas, chegavam ao longo da primavera e do verão, sendo as principais zonas produtoras *Mendoza* e *San Juan*, depois *La Rioja* e *Catamarca* e, já no final do período, de *Neuquen* e *Río Negro*; os cítricos, ou seja, laranjas, tangerinas e limões, chegavam principalmente do norte da província de Buenos Aires e de Entre Rios. Da mesma região chegavam melões, cerejas e morangos. *Río Negro* e *Mendoza* ainda produziam cerejas, maçãs e pêras em boa quantidade. Assim como os pêssegos e os morangos eram muito apreciados, as pêras e maçãs não satisfaziam todos os consumidores, que achavam que tinham mau sabor ou não tinham gosto.<sup>144</sup>

Todas as frutas mencionadas e ainda outras, como a *chirimoya*, alfarroba ou *patay*, tinham colheitas abundantes, mas, em determinados momentos do ano, tinham que ser complementadas pelas importações, como na entressafra ou em alguma escassez ocasional. As frutas importadas tinham origens diversas, como os cítricos e maçãs da

---

<sup>143</sup>- UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers*. Vol. LXXXIX. 1914... *Op.Cit.*, págs. 18 e 19; algumas cartas de imigrantes italianos ressaltam a quantidade de árvores de frutas FRANZINA, E. *Op. Cit.*, págs. 103 e 104.

<sup>144</sup>- *Lo que come Buenos Aires...* *Op. Cit.*, 15/1/1910, pág. 7; 22/1/1910, pág. 7 e 28/1/1910, pág. 6; HELGUERA, D. *Op. Cit.*, págs. 42 a 43; SANTIGOSA, C. M. *Op. Cit.*, pág. 185; TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 228; UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers*. Vol. LXXXIX. 1914... *Op.Cit.*, págs. 21 e 22; e WINTER, Nevin O. "Argentine and her people of To-day" Boston. L. C. Page and Co., 1911, pág. 40.

Califórnia, uvas e pêras d'água da França, cítricos da Itália e da Espanha, bananas, cocos, melancias, melões e cítricos do Brasil. Certas questões dificultaram o desenvolvimento do cultivo de frutas e legumes, como a valorização dos terrenos em torno da cidade, que passaram a ser destinados à habitação. A produção ficou cada vez mais afastada dos centros de consumo. Outros problemas estavam na falta de transportes, no excesso de produção, na intermediação, etc.<sup>145</sup>

Para substituir a falta de algumas frutas durante o ano e aproveitar a grande produção das colheitas, surgiram indústrias especializadas em fazer conservas e doces. O preço e a qualidade permitia suprir, sem inconvenientes, os mesmos produtos chegados do exterior. Se em 1902 a produção era suficiente para desestimular as importações, dez anos depois esta indústria tinha perdido fôlego, não conseguindo acompanhar a demanda do mercado local.<sup>146</sup>

No final do nosso período, os produtores de frutas reuniram-se em cooperativas para enfrentar alguns dos problemas mencionados. Do governo obtiveram o estabelecimento de mercados de frutas, para evitar a intermediação e obter lucros maiores. As novas formas de organização e produção permitiram conter o ingresso de frutas importadas. Além do mais, com a incorporação, em 1913, de trens frigoríficos, conseguiram exportar pêssegos e uvas para os Estados Unidos. Neste sentido, os trens foram o incentivo necessário para a incorporação de novas terras à produção de frutas, como aconteceu com Río Negro e Neuquen, no norte da Patagônia, que começaram a enviar frutas finas a Buenos Aires.<sup>147</sup>

Colocaremos os preços de alguns dos principais produtos mencionados para acompanharemos a evolução dos mesmos ao longo do nosso período (Cf. Gráficos VII e VIII):

---

<sup>145</sup>.- WILDE, José A. *Op. Cit.*, pág. 150; LAHITTE, E. *Op. Cit.*, págs. 439 a 442; ELLIOT, L. E. *Op. Cit.*, pág. 28.

<sup>146</sup>.- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 2767...* *Op. Cit.*, pág. 8 e UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op. Cit.*, págs. 18 e 19.

<sup>147</sup>.- UNITED KINGDOM *British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX. 1914...* *Op. Cit.*, págs. 19 e 20.

QUADRO VII: Preço de alguns gêneros alimentares

Ano	Arroz kg	Açúcar kg	Batata kg	Ovos dz	Peixe- Corvina unid.	Uvas kg
1886	\$ 1,50	\$ 0,22	----	----	----	\$ 0,13
1890	\$ 4,50	\$ 0,61	----	----	----	\$ 1,20
1892	----	----	----	----	----	----
1894	----	----	----	----	----	----
1896	\$ 3,50	\$ 0,41	\$ 0,08	----	----	\$ 0,75
1897	\$ 0,40	\$ 0,40	----	\$ 0,30	----	----
1903	\$ 0,28	\$ 0,27	\$ 0,09	\$ 1,50	----	----
1905	\$ 0,26	\$ 0,28	\$ 0,08	----	----	----
1908	\$ 0,32	\$ 0,38	\$ 0,15	----	----	----
1910	\$ 0,28	\$ 0,41	\$ 0,11	\$ 0,81	\$ 0,15	\$ 0,26
1911	\$ 0,28	\$ 0,41	\$ 0,13	\$ 0,94	\$ 0,17	\$ 0,25
1912	\$ 0,29	\$ 0,42	\$ 0,05	\$ 0,95	\$ 0,91	\$ 0,28
1913	\$ 0,31	\$ 0,40	\$ 0,07	\$ 0,85	\$ 0,25	\$ 0,28
1914	\$ 0,31	\$ 0,39	\$ 0,11	\$ 0,81	\$ 0,24	\$ 0,23
1915	\$ 0,38	\$ 0,40	\$ 0,15	\$ 0,83	\$ 0,25	\$ 0,24
1916	\$ 0,38	\$ 0,49	\$ 0,07	\$ 0,82	\$ 0,44	\$ 0,21
1917	\$ 0,49	\$ 0,67	\$ 0,16	\$ 0,96	\$ 0,40	\$ 0,22
1918	\$ 0,57	\$ 0,69	\$ 0,17	\$ 0,82	\$ 0,51	\$ 0,27

**Fonte:** Para 1886 a 1896: BUCHANAN, W. *Op. Cit.*, pág. 216; 1897: PATRONI, A. *Op. Cit.*, pág. 123; 1903 e 1908: *Coste de la vida...* *Op. Cit.*, pág. 241; 1905: ALSINA, J. *Op. Cit.*, pág. 392; 1910 a 1918: ERNESTO TORNUQUIST & CIA *Op. Cit.*, pág. 262 a 264.

A variedade dos produtos é enorme e seria impossível acompanhar cada um dos consumos de Buenos Aires, mas, pelo menos, tentamos apresentar aqueles que eram de uso corriqueiro entre os trabalhadores e imigrantes do período.

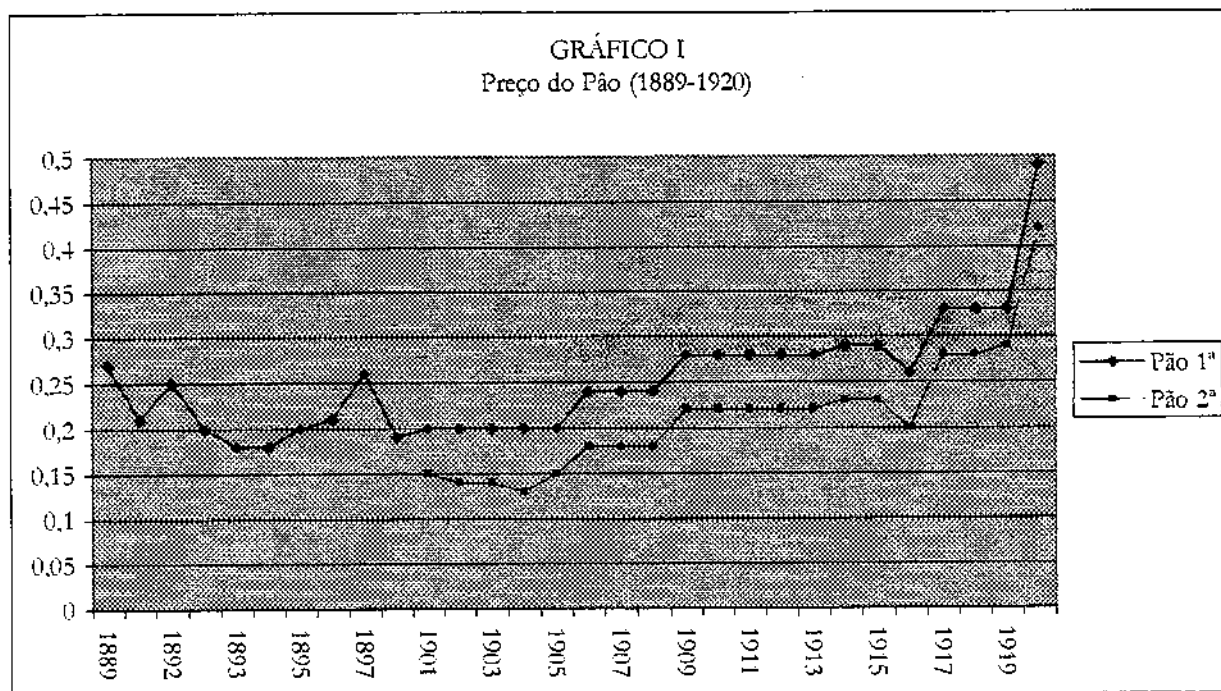
#### 4.- Conclusões

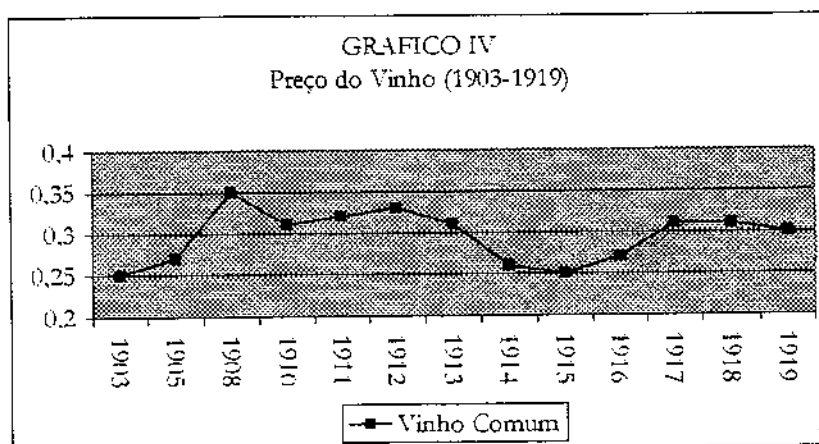
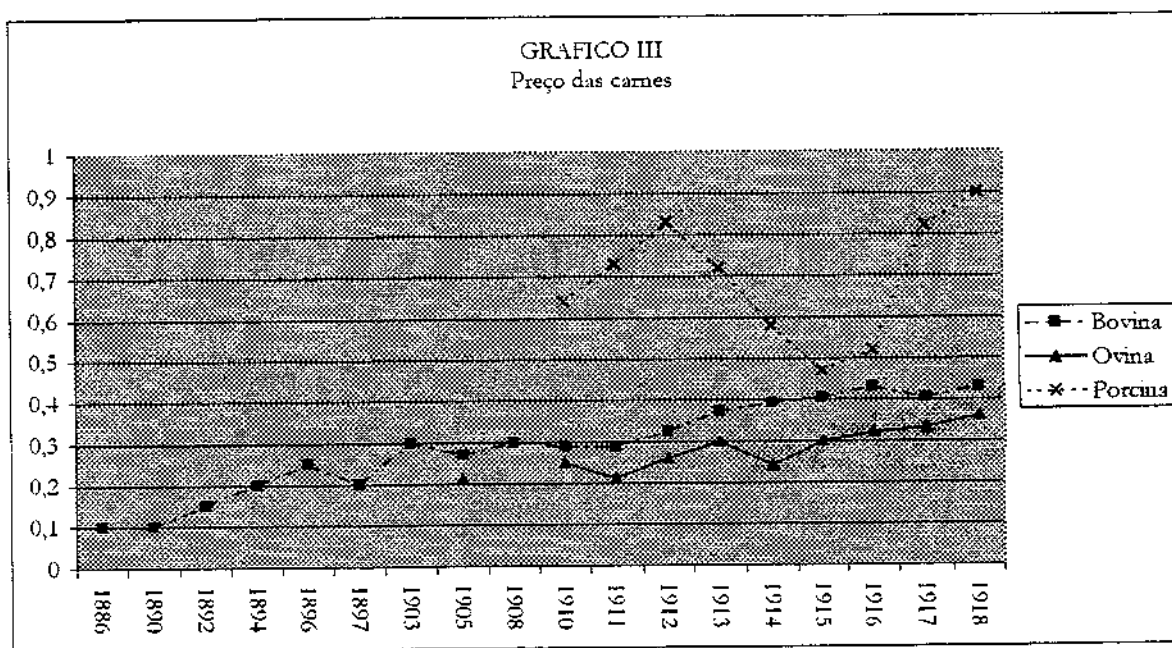
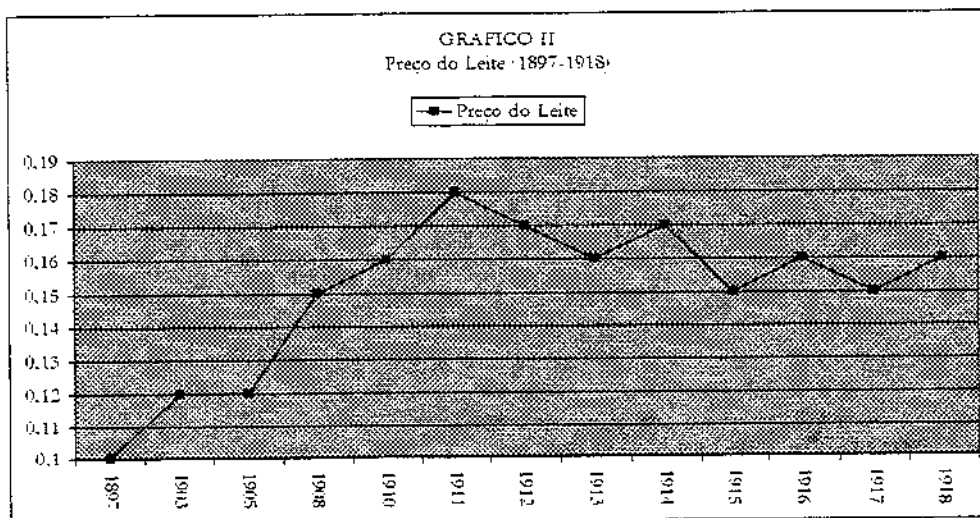
Este foi um período de grandes mudanças e transformações, e não unicamente no conjunto da sociedade, com a chegada dos imigrantes e a finalização do processo de proletarização, muitas vezes iniciado na Europa. Este foi o período da revolução na estrutura produtiva da Argentina. O impacto da produção agro-pecuária para a exportação contribuiu tanto para a transformação da estrutura alimentar quanto par a industrialização. A alimentação tradicional, baseada na elaboração doméstica dos produtos, modificou-se ao ritmo do crescimento e ampliação da indústria; e este é outro elemento que conformou um fator de separação entre capitalistas e classes

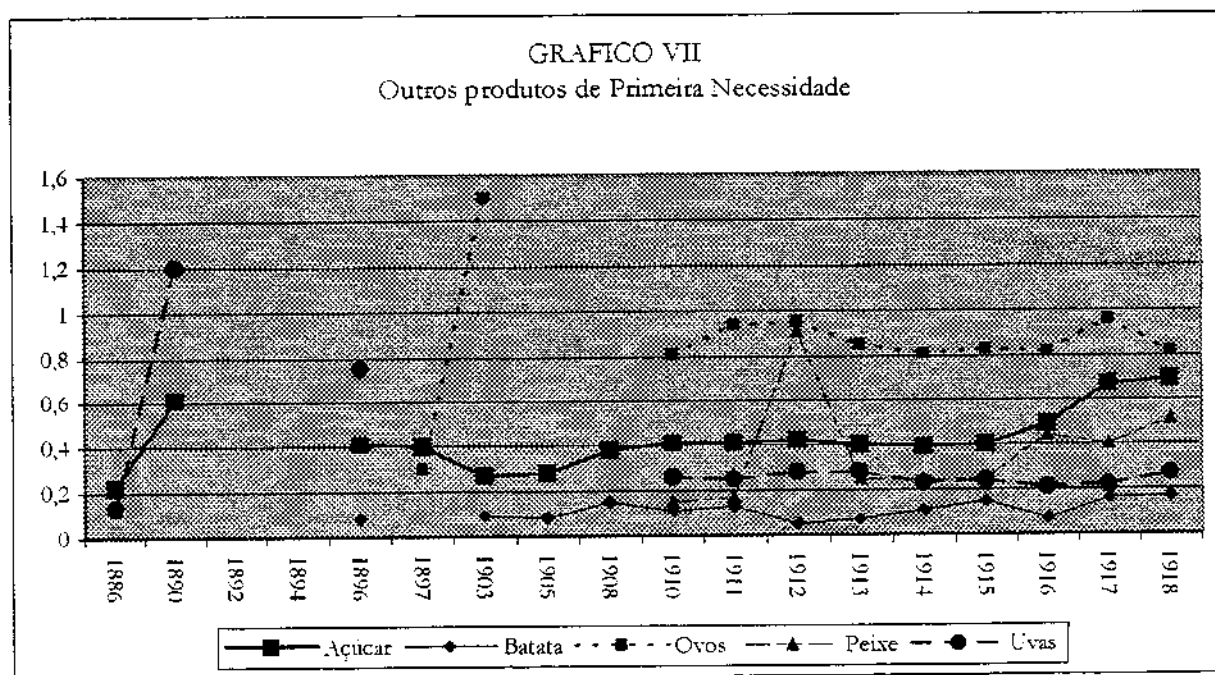
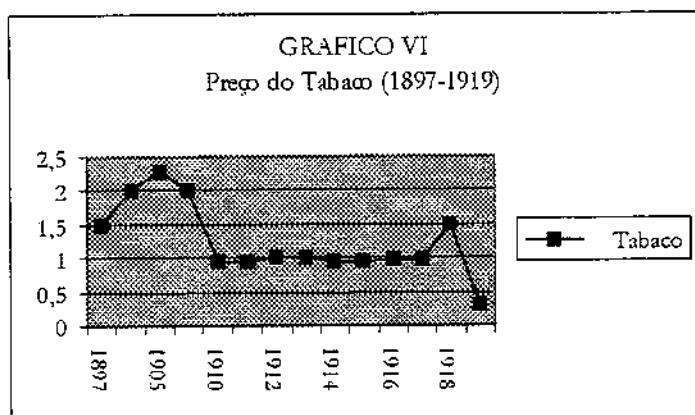
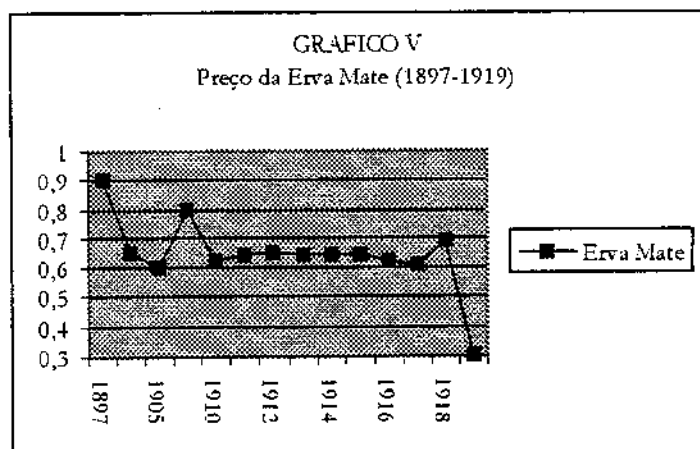
médias, de um lado, dos trabalhadores, de outro. À segregação espacial teremos que somar a separação dos consumos de ambos os grupos.

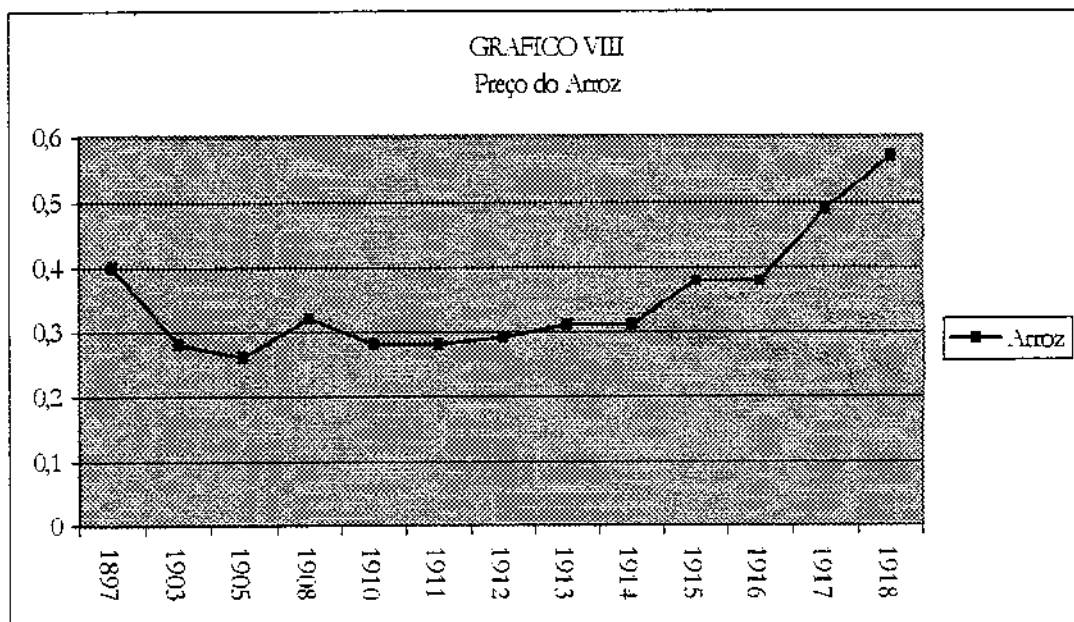
Esta transformação ajudou a reestruturar as classes trabalhadoras da Argentina, cada vez mais afastadas de seus consumos tradicionais, para incorpora-o à indústria – de pequeno ou grande porte – não unicamente como trabalhadores da mesma, mas também como alvo da produção, como consumidores. A cesta familiar passou a estar cada vez mais determinada pelos produtos industriais que começaram a fazer parte dela, afetando os mecanismos de negociação e luta dos partidos e grupos operários, como o constante chamado ao boicote.

### 5.- Gráficos











## Capítulo V Indo Às Compras: O Abastecimento Local E Familiar

“One of our favorite amusements in Buenos Ayres was to visit one or another of the numerous markets of the capital. (...). There are at four o'clock all is bustle and life. The throng is so great that it is with difficulty we thread our way amongst the busy crowd of buyers and sellers and porters. The markets of Buenos Aires have no pretensions to beauty any kind, not even to that of wholesome cleanliness. The striking feature of any one of them is the overflowing abundance of everything.” [TURNER, Thomas “**Argentina and the Argentines. Notes and impressions of a five years' sojourn in the Argentine Republic, 1885-90**” London, Swan Sonnenschein & Co., 1892, págs. 227 e 228]

### 1.- Introdução

Para um viajante, o mercado do bairro é central na compreensão de qualquer sociedade na qual se estiver de passagem. Em Buenos Aires o alimento das pessoas, sua variedade e riqueza ficavam expostas aos olhos do visitante:

*“Se quiser conhecer uma cidade com um golpe de vista, adquirindo rapidamente uma noção da sua vida e costumes, é preciso dirigir-se ao mercado de madrugada. Ver a chegada dos vendedores, suas barganhas e disputas. Degustar um pouco de tudo o que está ali. Poderá sentir a rudeza do ar livre. Encontrará, sem acertos, a verdade dos costumes populares de quem vende e do cidadão que consome; terá à vista o resumo das produções da terra, conhecerá o que abunda e o que escasseia. Perceberá com clareza a vida de cada classe social.”<sup>1</sup>*

Este tipo de mercado foi-se transformando ao longo do período, no aspecto físico e na função realizada, mas lá continuaria a latejar o coração da população de Buenos Aires.

Entre 1880 e 1920 o mercado cresceu impulsionado pela pressão da demanda. Mais consumidores para os mesmos produtos. A solução imediata foi a importação. O incremento da demanda por produtos de consumo teve duas origens: o crescimento acelerado da população, que requeria os produtos básicos para o seu sustento cotidiano, foi a principal fonte deste crescimento; e a concentração da riqueza que resultou na

---

<sup>1</sup>- DAIREAUX, Emilio “**Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina**” Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, pág. 172.

procura de produtos de luxo e de alta qualidade. Nosso interesse está centrado na primeira causa.

A indústria foi-se conformando, transformando e crescendo acompanhando a demanda. O crescimento industrial nem sempre dava conta dos consumos cada vez maiores da população, ou demorava a fazê-lo. Nesse caso, a solução continuava a ser a importação. As transformações na indústria tiveram que ser acompanhadas por mudanças na distribuição e na comercialização. As formas tradicionais por si sós não podiam disponibilizar os produtos indispensáveis para o dia-a-dia dos lares portenhos. Novos estabelecimentos e formas de vendas apareceram neste período para auxiliar à venda ambulante e substituir as *pulperías* e mercados ao ar livre.

O redimensionamento do setor varejista permitiu levar comidas e mantimentos aos diversos grupos sociais. Para isto, coincidiram as novas técnicas de venda com os avanços tecnológicos, como a difusão da eletricidade e a expansão das vias férreas.

## *2.- Abatedouros e Mercado Central*

Os principais produtos de exportação ajudaram a criar uma extensa rede de transportes ferroviários, como no caso dos cereais. Outras produções foram favorecidas por esta expansão, como o leite, que chegava de localidades próximas, completando a carga dos trens em curtas distâncias; ou as batatas e as frutas que, fora da colheita dos cereais, conseguiam chegar de forma rápida e barata ao mercado urbano, levando à queda do valor final do produto.

A carne, alimento tradicional dos portenhos, apresentava outras particularidades. O gado *vacum* era trazido de localidades não muito afastadas da cidade, mas não chegava de trem. As boiadas percorriam uma distancia de até 400 kms. Depois de passar uns dias nas proximidades da cidade para a engorda, o gado era levado diretamente para o abatedouro. No início do período, em torno de 800 bois e 5000 carneiros eram abatidos todos os dias para alimentar a população local. As reses eram

trazidas para os mercados em carros preparados para enfrentar os lamaçais das pequenas ruas e estradas que ligavam o centro ao abatedouro, situado no sudoeste de Buenos Aires.<sup>2</sup>

Os vários matadouros estavam situados a uns 2,5 km do centro, no rumo sudoeste do velho perímetro urbano, e além do limite da zona residencial demarcado pela Avenida Brasil e a Estação *Constitución*. Antes do nosso período, os abatedouros estiveram espalhados em diversos pontos da cidade, como no *Once* e no *Retiro*. Ali o gado era examinado por veterinários que permitiam o abatimento, rejeitando o gado que estivesse enfermo ou cansado, podendo levar problemas à saúde pública.<sup>3</sup>

Nem sempre este esforço de controle dos consumos dava o resultado esperado. *La Vanguardia* apontava que mesmo que os veterinários trabalhassem a consciência, a fome era superior. Os pobres urbanos pegavam essa carne rejeitada, que já tinha um líquido para inutilizá-la, e a levavam às suas casas. Coisas piores aconteciam nos lixões de *La Quema*, onde os animais eram alimentados com, depois eram vendidos nos abatedouros, ou consumidos no mesmo bairro.<sup>4</sup>

Outros produtos não tinham uma distribuição tão determinada como as carnes. Até 1874, os mercados concentradores de gêneros alimentícios eram privados e estavam situados em diversos pontos da cidade. Desde esse momento o município iniciou o controle sobre a distribuição e comercialização. Para isto, tinha um grupo de inspetores que controlavam os abusos nos preços, a formação de um cartel de

---

2.- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 175.

3.- MARTÍNEZ, Alberto 'Estudio topográfico de Buenos Aires' IN: "Censo general de población, edificación, comercio e industrias de la ciudad de Buenos Aires. 1887. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1889, págs. 222 a 224. Porém, em 1910 o jornal *La Nación* apontava o descaso com os animais e pedia para deixar o gado descansar antes de chegar ao abatedouro 'El consumo de carnes. Unificación de mercados' IN: "La Nación" Buenos Aires, 2/V/1910, pág. 5. Os socialistas reclamavam da falta de espaço nos matadouros. Isto não permitia aproveitar integralmente as reses. Como colocavam no projeto de lei sobre o barateamento dos consumos de Francisco Beiró e C. J. Rodríguez. *vide* REPÚBLICA ARGENTINA, CÁMARA DE DIPUTADOS "Diario de Sesiones. Año 1918. Tomo II" Buenos Aires, 1919, págs. 518.

4.- 'Desidia y miseria' IN: "La Vanguardia. Periódico Socialista Científico. Año II. N°45" Buenos Aires, 9/XI/1895, pág. 3 e 'Paisajes suburbanos. Lo ignorado en Buenos Aires' IN: "La Prensa" Buenos Aires, 2/XI/1901, pág. 3.

revendedores e a qualidade e as condições dos alimentos. Desde 1875, funcionava a *Oficina Química Municipal*, que, embora permanecesse fechada alguns anos por falta de orçamento, era a dependência encarregada de fiscalizar os alimentos.<sup>5</sup>

O Mercado Central de Buenos Aires dava o tom da cidade. Ali latejava o pulso da população e era possível estabelecer o nível de abundância desta cidade e dos diversos grupos sociais. As estações marcavam os ritmos e a composição dos consumos dos habitantes de Buenos Aires. A produção local era maior na primavera e no verão, declinando no outono e no inverno, quando chegava a produção de outras províncias ou de ultramar. Este mercado estava um tanto afastado do centro, nas margens do *Riachuelo*. Até lá chegavam trens, carretas e barcaças, levando os produtos necessários para o consumo da cidade. Inicialmente o Mercado Central estava instalado a umas 3 quadras da Praça de *Mayo*. Era o centro de reunião de donas de casa, empregadas domésticas, vendedores ambulantes e comerciantes varejistas. Para os socialistas, a concentração da produção num único local permitia baratear os custos da alimentação. Recebendo a pequena e a grande produção, facilitava o fracionamento segundo as necessidades dos retalhistas.

Do centro da cidade foi levado para as proximidades do *Riachuelo*, num local mais amplo e de acordo com as necessidades da crescente população portenha. Desde os primeiros momentos contou com os últimos avanços técnicos, como o uso da eletricidade, para poder operar antes do amanhecer, e a estrutura de ferro que o sustentava. Os carros continuavam a ser o transporte da mercadoria. Ingressavam ao mercado, pagando um pedágio, nunca menos de 250 carros e carretas diárias. Os feirantes também tinham que pagar uma diária para poder comerciar lá dentro, pelo que o Mercado não deixava de ser uma fonte de recursos para o município.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup>- MARTÍNEZ, A. *Op. Cit.*, págs. 224 e 226.

<sup>6</sup>- GUBERNATIS, Angelo de "L'Argentina. Ricordi e lecture" Firenze, Bernardo Seeber, 1898, pág. 74; KOEBEL, W.H. "Modern Argentina. The Eldorado of to-day" Boston, Dana Estes & Co., 1919, págs. 42, 43 e 93 e SCOBIE, James "Buenos Aires del centro a los barrios. 1870-1910" Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974), pág. 62. A opinião dos Socialistas em *Diario de Sesiones. Año 1918...* *Op. Cit.*, pág. 518.

### 3.- Mercados, feiras, vendas e vendedores ambulantes

Uma vez que os alimentos chegavam a Buenos Aires, ainda tinham que chegar até os lares operários. Eram variadas as vias utilizadas: mercados, feiras, mercearias, vendedores ambulantes, vendas, quitandas, etc. contribuíam para aproximar os gêneros alimentícios do consumidor proletário.

A diversidade de locais de venda era muito ampla. Existiam locais com uma clientela refinada, não freqüentada pelos moradores dos cortiços. Estas grandes lojas renovaram as formas de comercialização na Argentina. As pequenas lojas atendidas pelo próprio dono, ou por algum dependente de confiança, possibilitavam regatear os preços. As lojas modernas estavam situadas em grandes locais e vendiam a preço fixo. A primeira a introduzir esta inovação foi a loja fundada em 1873, *A la Ciudad de Londres*. Por obra deste sistema passou de uma loja aristocrática, em suas origens, a uma loja de sucesso junto às massas na década de 1880, e uma das principais lojas de departamentos na década de 1910.<sup>7</sup>

Outras grandes lojas, de ingleses, tiveram certa importância no sentido de orientar as modas e os tipos de consumos.<sup>8</sup> Algumas vezes os produtos podiam ser vendidos por preços inferiores aos das mercearias de bairro. Baseadas no antigo costume dos moradores rurais, que preferiam comprar tudo nos centros urbanos, antes que nas redondezas, estas casas mantinham uma enorme freguesia concentrada num único momento: imediatamente depois das colheitas. Em anos especialmente venturosos, alguns imigrantes ou trabalhadores favorecidos podiam ser vistos comprando nestas lojas.

---

7.- ROCCHI, Fernando 'Consumir es un placer. La industria y la expansión de la demanda en Buenos Aires a la vuelta del siglo pasado' IN: "Desarrollo Económico N°148" Buenos Aires, Marzo de 1998, págs. 547 e 555.  
Gath & Chaves e Harrod's, a única sucursal da prestigiosa casa londrina

8.- As principais eram *Gath & Chaves* e *Harrod's*, a única sucursal da prestigiosa casa londrina

Estas lojas podiam vender produtos mais em conta que as mercearias do bairro. Por serem importadoras diretas, reduziam os custos com a manipulação e compra ao importador. Mesmo assim, geralmente a freguesia popular não se sentia à vontade nestas luxuosas casas do centro da cidade e preferia manter a sua relação com o vendedor já conhecido. Estas casas comerciais tinham um comportamento bastante particular, já que no interior da Argentina funcionaram vendendo produtos à vista para as classes baixas. Em Buenos Aires estiveram orientadas ao consumo de luxo e em prestações. Este comportamento permitia superar os impasses nas vendas da casa matriz em Buenos Aires. O interior era um mercado que remetia dinheiro regularmente. Se estas não eram o centro de abastecimento proletário, uma vez que estavam orientadas a um público que conhecia as últimas novidades da moda europeia, também não poderíamos deixar de mencioná-las.<sup>9</sup>

As lojas que estavam estabelecidas nos bairros populares tinham um aspecto diferente daquelas com vitrines e anúncios do centro da cidade. Pelo contrário, estas lojas não tinham vitrines, apenas uma porta. Algumas mercadorias do lado de fora para indicavam o tipo de produto que era comercializado nesse local. Este costume espanhol, que dava uma impressão de transitoriedade, era utilizado pela maioria dos pequenos comerciantes, fosse uma venda de verduras ou uma loja de roupas.<sup>10</sup>

Em alguns casos, porém, os consumidores de produtos de luxo e comuns coincidiam nos âmbitos proletários. Se não era um membro das classes altas, um dos seus domésticos chegava até os locais populares, especialmente às feiras ou aos mercados das vizinhanças.<sup>11</sup> Este é o nosso primeiro objetivo.

---

9.- Um interessante trabalho ao respeito é o de GRAVIL, Roger 'El comercio minorista británico en la Argentina, 1900-1940' IN: GIMÉNEZ ZAPIOLA, Marcos (Comp.) "El regimen oligárquico. Materiales para el estudio de la realidad argentina (hasta 1930)" Buenos Aires, Amorrortu, 1975, págs. 312 a 332.

10.- HURET, Jules "De Buenos Aires al Gran Chaco" Madrid, Hyspaniá, 1986 (1ª ed. em francês: 1911), pág. 61.

11.- BUCHANAN, William 'La moneda y la vida en la República Argentina' IN: "Revista de Derecho, Historia y Letras. Año I. Tomo II" Buenos Aires, Peuser, Dezembro de 1898, pág. 215.

### 3.a.- Mercados de bairro e feiras

Inicialmente, estes mercados consistiam de algumas poucas barracas montadas na rua. Aos poucos, principalmente no centro da cidade, passaram a estar situados em prédios específicos ou, ao menos, reunidas num local próprio no bairro. Quanto à funcionalidade, deixaram de ser o único espaço de comercialização dos alimentos, passando a ser um regulador dos preços das mercearias e vendas.



Fig. 1: Uma feira nas ruas de Buenos Aires. Foto de 1913. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

Se os mercados foram utilizados desde a virada do século como um mecanismo de regulação das atividades dos comerciantes, as feiras livres tentaram efetivar esta medida. As feiras livres foram criadas por lei em 15 de janeiro de 1911. Para o bom funcionamento das mesmas, a municipalidade tentava impedir a formação de um cartel de vendedores. O *laissez faire* e a mão invisível do mercado deviam ser o melhor remédio contra a especulação e a alta dos preços. Reunindo o produtor e o consumidor, evitavam os intermediários, os vilões de todos os períodos de alta de preços, dos quais nem os mercados estavam isentos.

O funcionamento desta feiras era o seguinte: abriam às 5 da manhã e fechavam depois do meio dia, em ruas previamente estabelecidas da cidade, que mudavam diariamente. A municipalidade não cobrava taxas, como acontecia nos mercados. Os preços finais tinham diferenças importantes em relação aos praticados nos mercados,

sendo em média de 30 a 40% mais baratos, com picos de até 80%, dependendo dos produtos. Este sistema de comercialização cresceu para abarcar os diversos bairros da cidade.<sup>12</sup>

Os mercados do centro da cidade eram fartos, devido à grande quantidade dos produtos e à variedade dos mesmos. Estas características fascinavam os visitantes, que se deliciavam olhando para a enorme variedade de gêneros disponíveis: frangos, codornas, perdigões, *martinetas*, legumes, e a principal atração, a carne, que abundava e sobrava para todos os consumidores. Além do mais, os comerciantes tentavam mostrar as suas habilidades na arte de sedução do freguês, montando pirâmides e desenhos exóticos com as frutas de estação, procurando que parecessem mais apetecíveis.

Como no Mercado Central, os mercados de bairro e as feiras eram vistoriados para fazer respeitar as normas de higiene, que relaxavam ciclicamente. Apesar das disputas entre inspetores e comerciantes pelos aspectos higiênicos, os visitantes estrangeiros achavam estes locais muito mais limpos e cuidados que os da Europa. Poucos cronistas escapavam ao irresistível chamado destes pequenos países da Cocanha que eram os mercados. Alguns deles recomendavam acabar uma noitada dando um pulo aos mercados, para assistir ao espetáculo da chegada da mercadoria, o agito dos *puesteros* e a enorme variedade de frutas e legumes, cujo cheiro misturava-se ao perfume das ervas aromáticas e chás, além do café, da manteiga e do queijo. O quadro completava-se com os tipos humanos, representados pelos comerciantes e pelos carros tirados por enormes bois.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup>- Sobre a instituição das feiras livres *Véase 'Abastecimiento de los artículos de consumo'* IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N°16" Buenos Aires, 31/III/1911, págs. 98 e 99, e ainda ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR "Memoria del Ministerio del Interior (1912-1913)" Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1913, pág. 206 e 207.

<sup>13</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 172; CAZZANI, Alessandro "L'Argentina qual'è veramente" Buenos Aires, Est. Gráf. de Gunche, Wiebeck y Turtl, 1896, págs. 29; CATTARUZZA, Mario "Buenos Aires" Rio de Janeiro, s/e, 1906, pág. 52; 'Lo que come Buenos Aires. Recorrida por los mercados' IN: "La Razón" Buenos Aires, 15/I/1910, pág. 7; KOEBEL, W.H. *Op. Cit.*, pág. 93; e ELLIOT, Lilian E. "The Argentine of To-day" London, Hurst and Blackett, 1925, págs. 15 e 16. Sobre intermediação *Lo que come Buenos Aires... Op. Cit.*, 28/I/1910, pág. 6. Sobre limpeza e higiene TURNER, Thomas "Argentine and the argentines. Notes and impressions of a five years' sojourn in the Argentine republic, 1885-1890" London, Swan Sonnenschein &



A situação descrita era a dos mercados do centro da cidade. Nos arrabaldes e nos bairros operários a situação não era muito boa. Nesses locais, abandonados pela ação oficial e pelos controles higiênicos, a mercadoria chegava em condições apenas aceitáveis para o consumo humano. O sortimento destes locais era tudo aquilo que sobrava do centro: frutas, verduras, legumes, carne e peixes quase estragados. Porém, as más condições dos produtos eram aceitas em função dos preços.<sup>14</sup>

### 3.b.- O Almacén

Se o mercado e as feiras tinham as vantagens dos preços, da abundância e da variedade, outras formas de comercialização disputaram a freguesia do bairro, utilizando as armas disponíveis, como horários, dias de atendimento e, especialmente, o crédito. Açougues, leiterias, quitandas e, principalmente, as mercearias – *almacenes*. A mercearia portenha era um misto de venda de comestíveis e bar, amplamente difundida nos bairros. Filho da *pulperia* e primo urbano do *almacén* de ramos *generales*, o *almacén* era o segundo cenário da realidade portenha com que se defrontava o imigrante.

Os antigos locais de vendas de comestíveis eram as *pulperias*, que funcionavam desde tempos imemoriais. Estes locais eram freqüentados pelos criados para comprar os produtos que os vendedores ambulantes não levavam a domicílio, como erva-mate e açúcar. E também por populares, para beber *caña* e comprar os mantimentos. Os espanhóis dominaram este comércio por muito tempo, mas foram deslocados pelos *criollos* no período posterior à Revolução. A substituição dos *criollos* por italianos e, novamente, espanhóis, unida à chegada de novos produtos de importação e à transformação dos consumos, deu no *almacén*. Da velha *pulperia*, manteve a localização nas esquinas – de fato, esquina era um outro nome para estes negócios – e a venda de

---

Co., 1892, págs. 227 e 228; WINTER, Nevin O. "Argentine and her people of To-day" Boston, L. C. Page and Co., 1911, págs. 39 e 40; e *Lo que come Buenos Aires...* Op. Cit., 4/III/1910, pág. 7 e 11/III/1910, pág. 7.

<sup>14</sup>- WILDE, Eduardo "Curso de Higiene Pública" Buenos Aires, 1878, pág. 266 e DAIREAUX, E. Op. Cit., pág. 149.

bebidas no local.<sup>15</sup> A mercearia pode ser considerada um complemento dos outros tipos de vendas. Como sintetizava um observador:

“Um almacén. aqui todo mundo sabe. embora algum estrangeiro possa ignorá-lo. é uma loja onde é possível achar reunidos em fraternal harmonia e dispostas simetricamente as coisas mais disparatadas. e onde são vendidos utensílios de cozinha, talheres, comestíveis, bebidas, e outro sem número de coisas que seria difícil de precisar.”<sup>16</sup>

O *almacén* também pode ser visto como centro de intercâmbio de informações sobre o que acontecia na cidade, e como um centro de sociabilidade por excelência das donas de casa. Não era unicamente um local de venda de alimentos e utensílios domésticos; era o local onde era possível beber um copo de vinho, de licor, ou ainda jogar baralho, *locus* masculino e feminino, de encontros e de aproximação entre culturas diferentes: a dos trabalhadores chegados de além-mar, a dos *criollos* e a daqueles que há tempos moravam em Buenos Aires. Na mercearia circulavam dicas de *conventillos* melhores ou mais baratos, indicações para novos trabalhos, informações sobre como se virar na cidade e até dados sobre pessoas de uma mesma família, região e país. A mercearia, mais do que um comércio, era uma instituição que dava unidade ao bairro, além de ajudar na homogeneização das experiências coletivas.<sup>17</sup>

Outros locais comerciais, considerados como instituições de encontro e sociabilidade – sem mencionar a imensa quantidade de cafés, bares e lojas de bebidas que poderiam estender nossa questão – eram as lojas e boticas ou farmácias de bairro. Tinham outro tipo de fregueses, membros das baixas classes médias, empregados e pequenos comerciantes, mas cumpriam a mesma função dentro do bairro.<sup>18</sup>

O *almacén* era a esperança da ansiada ascensão social. Muitos vendedores ambulantes e trabalhadores esperavam sair da pobreza poupando o suficiente para

<sup>15</sup>- WILDE, José Antonio “Buenos Aires desde setenta años atrás” Buenos Aires, Bib. de ‘La Nación’, 1908, págs. 349 a 351.

<sup>16</sup>-LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 25.

<sup>17</sup>- CAZZANI, A. *Op. Cit.*, pág. 29; e BASTERRA, Félix “El crepúsculo de los gauchos (Estado actual de la República Argentina)” Paris – Montevideo, Les Temps Nouveaux – Lib. de la Universidade, 1903, pág. 17.

<sup>18</sup>- ARGERICH, Antonio “¿Inocentes o culpables?” Madrid, Hyspamérica, 1985 (1ª ed. 1884), pág. 59 e 60 e LÓPEZ, Lúcio V. “La gran aldea” Buenos Aires, Ed. Tor, 1943 (1ª ed. 1882), pág. 45.

poder ter acesso a este comércio. Para quem tinha ambições, a mercearia era melhor que o trabalho manual. Corriam relatos do recém-chegado que tinha iniciado a sua vida profissional na Argentina como peão e vendedor ambulante, passando a ser cozinheiro e, finalmente, dono de mercearia, o que possibilitaria fazer uma enorme fortuna.<sup>19</sup>

Mas a mercearia tinha um inconveniente: a concorrência. Este tipo de comércio estava tão difundido que praticamente toda esquina tinha um e, às vezes, estavam nas quatro esquinas. Isso podia levar à falência o incauto, o que fosse menos hábil nas compras ou, ainda, aquele que não conseguia fazer amizade com os fregueses. A concorrência era tão severa que alguns destes pequenos comerciantes não conseguiam tirar dinheiro nem para o dia-a-dia.<sup>20</sup>

A relação entre freguês e comerciante era vital para ambos os lados. A simpatia ocasional entre *almacenero* e vizinho ia se solidificando. Piadas e fofocas eram as cortesias iniciais que, se tudo dava certo, resultaria numa amizade. Para o comerciante, permitia assegurar um comprador permanente e, para o cliente, o ansiado crédito, a *libreta*, o fiado. Dificilmente estas relações se rompiam, sobretudo se o cliente honrava as suas dívidas. Além do crédito, o dono da venda era confidente dos problemas conjugais – o que lhe dava argumentos para novas fofocas –, conselheiro na hora de procurar um novo cortiço ou de levantar outro quarto na casa própria, indicava outros comércios, recomendava produtos para ocasiões especiais e, quando a amizade era grande, podia chegar a ser o padrinho de alguma criança da vizinhança, ou interceder

---

<sup>19</sup>- LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 129.

<sup>20</sup>- O *almacén* foi de fato uma via de acumulação, pelo menos antes da sua proliferação. Vide 'Letter from Mr. McDonnel to Granville' IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres – Later Argentine Republic. Mr. McDonnel, Commercial. 1871". Sobre a quantidade de mercearias em Buenos Aires LATINO, Anibal (Pseud. José Ceppi) "Tipos y costumbres Bonaerenses" Buenos Aires, Hyspamérica, 1984 (1ª ed. 1886), pág. 25. A narrativa de um imigrante italiano, Ugolino Giardino, confirma esta expectativa para 1910, esta memória é citada por OSTUNI, Maria Rosaria 'Biellese in America Latina' IN: CASTRONUOVO, Valerio (a cura) "L' emigrazione biellese nel Novecento. Vol. II" Milano, Electa, 1988, pág. 215. Para uma impressão sobre os riscos no caminho da ascensão social para um *almacenero* Vide ARGERICH, A. *Op. Cit.*, pág. 49. Outros dados em Los obreros y el trabajo. El gremio de los dependientes. Tiendas y almacenes. 20.000 empleados. La tarea y el sueldo. Comparaciones. Los menores de edad en el comercio. XVII IN: "La Prensa" Buenos Aires, 4/IX/1901, pág. 5.

por um vizinho que acabava na delegacia. O *almacenero* era o centro do pequeno mundo que integravam ele e sua freguesia.<sup>21</sup>

O conhecimento dos clientes era de suma importância na hora de outorgar a *libreta*. Quanto ganhava o futuro beneficiário? Onde trabalhava? Quais eram os seus consumos? Quantos membros tinha a família? Todos esses elementos pesavam na hora da decisão final e, para isso, ele tinha passado longas horas de conversa com o freguês e com os informantes. Um mal cálculo resultava numa conta que não podia ser cobrada. O comerciante compensava as inadimplências com preços maiores, mas sem exageros para não perder a freguesia. Além do mais, um mal pagador era um exemplo ruim.

As contas das *libretas* eram pagas por semana ou por mês, dependendo do trabalho do cliente. Em momentos excepcionais, porém, o crédito era esticado o suficiente para dar apoio ao necessitado. O crédito era estendido com o nascimento de um filho ou a enfermidade de um familiar, que geravam despesas adicionais. Se a situação pessoal era especialmente difícil e a amizade grande, o *almacenero* podia emprestar dinheiro. Alguns *almaceneros* apoiavam os grevistas ou fregueses desempregados, às vezes por iniciativa própria e outras por iniciativa dos grevistas, especialmente em bairros com um perfil ocupacional semelhante. Um exemplo disto foi a grande greve no Porto de Buenos Aires de 1912, que durou 54 dias. Os comerciantes retardaram a cobrança aos grevistas. Um único *almacén* mantinha 174 *libretas*, acumulando dívidas de \$ 5.448.<sup>22</sup>

Assim como os italianos e argentinos dominavam a venda ao público de carnes, era uma tradição no comércio varejista portenho, desde os tempos da colônia, que o

---

<sup>21</sup>- SCOBIE, J. *Buenos Aires... Op. Cit.*, págs. 261 e 262, um cronista da época destaca esta importância GONZÁLEZ ARRILLI, B. "Buenos Aires 1900" Buenos Aires, Ed. Kraft, s/d, pág. 103.

<sup>22</sup>- GONZÁLEZ ARRILLI, B. *Op. Cit.*, págs. 103 a 105. A importância da *libreta* é narrada num depoimento oral a BAILY, Samuel "Immigrants in the land of Promise. Italians in Buenos Aires and New York City, 1870-1914" Ithaca, Cornell Univ. Press, 1999, pág. 168. As dificuldades de conseguir a *libreta*: *El Obrero. Año I. N°12. 14/III/1891* Apud GARCÍA COSTA, Victor "El Obrero: selección de textos" Buenos Aires, CEAL, 1985, págs. 71 a 72; UNSAÍN, Alejandro M. 'Carestía de la Vida' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N°21" Buenos Aires, Imp. Alsina, 30/XI/1912, pág. 309. Os socialistas apontavam ao fiado como factor de encarecimento *Véde Diario de Sesiones. Año 1918... Op. Cit.*, págs. 518 e 519.

*almacenero* fosse espanhol, geralmente do norte da península, embora os italianos também fossem ganhando um espaço cada vez maior neste ramo.<sup>23</sup>

A vida profissional neste comércio iniciava-se como empregado de uma sucursal e com o decorrer do tempo o empregado podia tornar-se dono. Com casa, comida, sacrifício e muita habilidade para as trapaças com o dono e o cliente, um dependente podia chegar a ser proprietário de uma mercearia. Mas eles não tinham horários fixos, e apenas um dia livre por semana ou a cada quinze dias. O *almacén* abria as portas cedo e fechava apenas meia hora para o almoço. O horário de fechamento era incerto, sobretudo naqueles *almacenes* com venda de bebidas que continuavam abertos até altas horas da noite. Fechavam com o último freguês, fosse às 10, 11 ou meia noite.<sup>24</sup> Trabalhar num comércio deste tipo nem sempre era garantia de ascensão social, e o salário médio era baixo, equivalente a um trabalhador não qualificado.<sup>25</sup>

Para ampliar a margem de lucro, eram utilizados alguns truques. Os preferidos eram: pesar tirando o produto antes da agulha ficar imóvel, cobrar bebidas a mais aos bêbados ou botar uma moeda para enganar a balança – fonte de suspeitas permanentes –, sem esquecer o truque do troco errado. Os inspetores municipais tentavam controlar este tipo de abusos; às vezes conseguiam o seu objetivo, outras vezes as relações de amizade entre inspetor e comerciante eram muito mais fortes. Às vezes uma propina podia resolver o inconveniente. Todas estas trapaças davam, finalmente, o preço real pago pelo operário, como o definia o DNT. A venda de produtos fracionados, o arredondamento no peso, os 900 gramas pelo quilo e as trapaças mencionadas contribuía para o encarecimento da vida operária.<sup>26</sup>

23.- FOERSTER, Robert "The Italian emigration of our times" New York, Arno Press and The New York Times, 1969 (1ª ed. em inglês: 1919), pág. 256; e LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 25.

24.- *Ídem* LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 21; e STACH, Francisco 'Estudios sobre salarios y horarios de los obreros y empleados em los diferentes trabajos de la Capital Federal y en el resto de la República Argentina' IN: "Boletín del Museo Social Argentino. N° 25-26; Tomo III; Año III" Buenos Aires; Enero-febrero, 1914.

25.- *Los obreros y el trabajo. El gremio de los dependientes...* *Op. Cit.*, pág. 5.

26.- PATRONI, Adrián "Los trabajadores en la Argentina" Buenos Aires, Chacabuco 66+ y 67, 1897, pág. 116, e alguns processos pelo uso indevido de balanças aparecem em MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Gobierno - Caja 30 - Año 1881. Expediente N°5685" 5 de

Estas pequenas lojas tinham um importante papel sócio-econômico nos bairros operários, mas ainda resta o último degrau desta escada, os vendedores ambulantes.

### 3.c.- Os vendedores ambulantes

De porta em porta e de cortiço em cortiço, estes revendedores de pouca monta chegavam todas as manhãs para satisfazer as demandas daqueles que precisavam de algum produto de urgência ou que não podiam ir às lojas. Alguns tipos de vendedores ambulantes eram praticamente os únicos provedores de certos produtos, como o leite.

Os leiteiros vinham com seus carros de locais afastados dentro da cidade ou do interior da província de Buenos Aires; outros, os que tinham seus *tambos* nos bairros, saíam pelas ruas próximas com as vacas para ordenhar o produto na frente do consumidor. Se isto garantia que o produto fosse 100% leite, ao contrário do que acontecia com os repartidores em carros, não garantia a qualidade, pois muitas vezes as vacas estavam enfermas ou mal alimentadas. Alguns dos leiteiros especializaram-se em leite de burra, considerado de alta qualidade na alimentação das crianças menores. Embora os leiteiros fossem na sua grande maioria vascos, aqueles que abasteciam o bairro de *la Boca* tinham aprendido o dialeto genovés para poder tratar com a freguesia.<sup>27</sup>

Os leiteiros eram um tipo diferenciado de vendedores ambulantes. Tinham equipamento e uma certa especialização no produto. Os outros vendedores ambulantes proliferavam grandemente, chegando a quase 12.000 em 1901. Sem uma

---

Octubre e MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Gobierno - Caja 28 - Año 1880. Expediente N°922" 26 de Febrero. ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR ARGENTINA. MINISTERIO DEL INTERIOR "Memoria del Ministerio del Interior (1914-1915)" Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1915, pág. 650; e *Diario de Sesiones. Año 1918...* Op. Cit., pág. 516. Uma avaliação pouco positiva destes comércios, especialmente daqueles de La Boca, era feita por dois cronistas BARZINI, Luigi "L'Argentina vista como è" Milano, Tip. del Corriere della Sera, 1902, pág. 20 e CATTARUZZA, M. Op. Cit., pág. 60.

<sup>27</sup>- CHUECO, Manuel 'Estudios sobre los resultados del Censo de Comercio' IN: BUENOS AIRES "Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 2" Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1889, págs. 219 e 220. Sobre o leite da burra WINTER, N. Op. Cit., pág. 40. Sobre os leiteiros vascos falantes de genoves pode ser consultado o depoimento oral a BAILY, S. Op. Cit., pág. 168.

regulamentação adequada, que pudesse controlá-los ou verificar as condições higiênicas em que trabalhavam, abarcavam distintos ramos, de alimentos a roupas.<sup>28</sup>

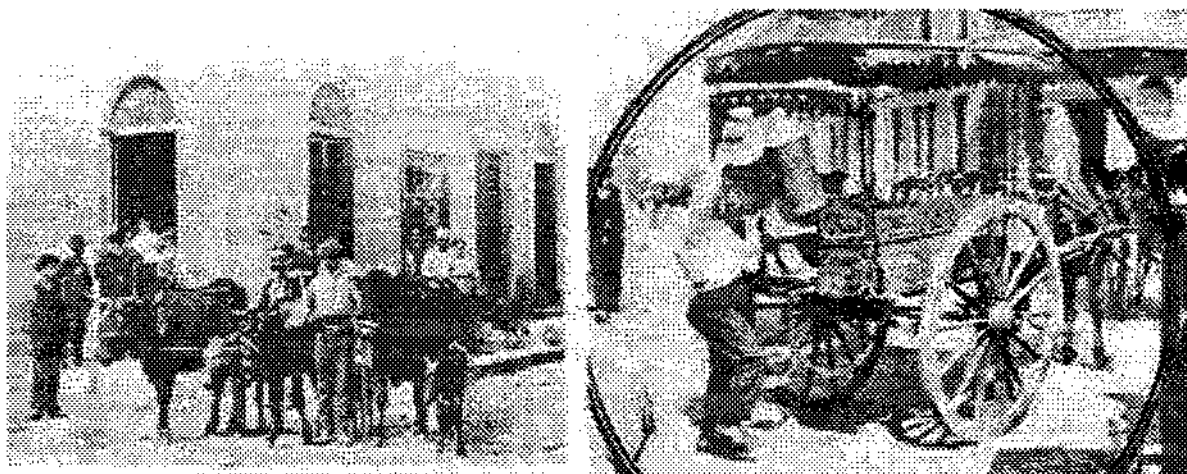


Fig. 2: Dois tipos de leiteiros. A esquerda foto de 1891, o vendedor de leite ordenhada na hora com suas vacas e bezerros circulando pelas ruas de Buenos Aires. A direita o distribuidor de leite, aproximadamente 1900. Este viajava de locais da periferia trazendo o leite no típico vasilhame que aparece na foto. A vestimenta de ambos é característica: boina, faixa na cintura, blusa e lenço no pescoço. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

Eles carregavam pessoalmente a mercadoria desde o Mercado Central, ou onde eles a conseguiam, até os bairros nos quais mercavam. Para um viajante, o individualismo e a intenção de *Fare l'America* rapidamente, eram os motivos desta proliferação. O vendedor ambulante dependia unicamente de si, da sua própria força e de sua resistência para carregar ou fazer todas as viagens possíveis. Sem associados e sem ajudantes, o êxito ou o fracasso dependia dele próprio. Outro observador coetâneo partilhava da visão do vendedor ambulante que fazia pequenas fortunas. Segundo ele, em oito anos era possível passar de vendedor ambulante – de produtos como *tortillas*, frutas e biscoitos, ou seja, sem um produto específico e, por tanto, sem uma freguesia constituída – a dono de uma *fonda* ou pequena loja de comidas.<sup>29</sup>

<sup>28</sup>- 'Los obreros y el trabajo. Vendedores ambulantes. 12.000 personas ocupadas. Las dificultades del oficio. Efectos de la competencia. Carniceros, fruteros, verduleros. Ininteresante reportaje. La tarea y el beneficio. XXXVI' IN: "La Prensa" Buenos Aires, 23/IX/1901, pág. 3 e *Lo que come Buenos Aires...* Op. Cit., 4/III/1910, pág. 7.

<sup>29</sup>- DAIREAUX, E. Op. Cit., pág. 144 e 150. Era uma via de ascensão social para os imigrantes não muito apreciada por este romancista. ARGERICH, A. Op. Cit., pág. 19.

O vendedor ambulante era recrutado em diversas faixas etárias: crianças, jovens e adultos, todos eles tinham um lugar nesta vida quase nômade; unicamente a mulher não participava das chances deste trabalho. As crianças e os velhos hegemonizavam dois produtos: bilhetes de loteria e jornais. Com os moços e adultos vendiam diversos gêneros alimentícios; aliás vendiam tudo o que era possível de ser vendido.

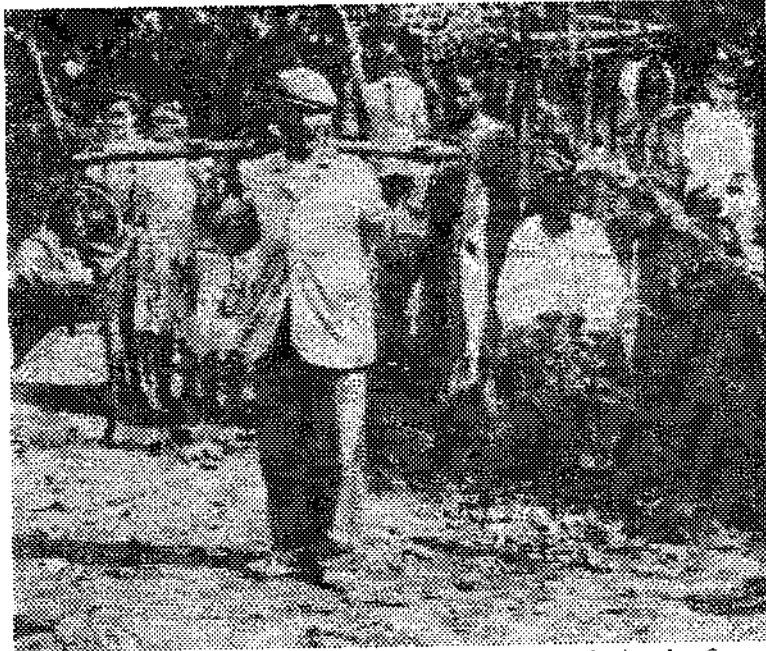


Fig. 3: Um vendedor ambulante de peixe, carregando a mercadoria de forma típica, os peixes pendurados de uma vara e do outro lado uma cesta equilibrando a carga. Observando a cena na empoeirada rua do subúrbio, um grupo de pessoas, uma família de afro-argentinos e provavelmente alguns imigrantes. Foto de 1903. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

O trabalho era simples e a boa fortuna do vendedor dependia tanto do bairro escolhido como da sua habilidade na escolha do produto. Nas madrugadas, iam se abastecer no Mercado Central, no porto ou nas fábricas de biscoitos. Daí saíam à procura dos bairros. Chegavam aos *conventillos* quando o movimento ainda estava no início e as donas de casa não tinham saído às compras. Quem tinha um pequeno carro ia em direção aos limites de Buenos Aires, abastecer os vizinhos dos bairros afastados. O resto, tentava carregar o máximo possível, levando a mercadoria sobre os ombros, balançando cestos de frutas e ovos ou equilibrando uma vara, da qual pendiam produtos como aves ou peixes. Os mais pobres, como os desocupados ocasionais ou



aqueles que estavam começando na profissão, vendiam frutas de estação. Como eram baratas, com pouco dinheiro era possível completar uma carga, mas como o lucro era pequeno, tinham que fazer até três viagens, acabando o dia exaustos. Os mais experientes procuravam produtos caros e escolhidos; seguindo a demanda da freguesia, aumentavam suas compras e conseguiam construir uma clientela, da qual conheciam gostos e necessidades.<sup>30</sup>



Fig. 4: Dois vendedores de verdura. A esquerda o vendedor de a pé que entrava em todos os cortiços até acabar a carga. O outro tanto chegava aos bairros abastados como se dirigia aos subúrbios com sua carreta tirada por um burro. Aproximadamente 1900. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

Aquele que estabelecia uma clientela entre as famílias abastadas conseguia altos lucros e finalizava sua tarefa rapidamente. Para o resto, o trabalho acabava entre meio dia e duas da tarde, depois de umas 8 ou 10 horas de trabalho. Os açougueiros carregavam 90 a 100 quilos e liquidavam seus produtos cedo; os vendedores de peixe, ou de frutas e verduras, carregavam menos, mas, em compensação, tinham que andar rápido para liquidar a sua mercadoria, parando apenas para comer uma laranja, um pedaço de pão, queijo e alguma verdura.

<sup>30</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 144 a 148; MORENO, Marguerite "Une française en Argentine" Paris, G. Crès & Cie., 1914, pág. 204; PASCARELLA, Luis "El conventillo (novelas de costumbres bonaerenses)" Buenos Aires, Tall. Gráf. La Lectura, 1917, pág. 12; e WINTER, N. *Op. Cit.*, pág. 40.

A maior parte dos vendedores ambulantes tinha algum truque para segurar a clientela, como dar um brinde – a *yapa* – ou permitir a pechincha. De fato, não pechinchar era um insulto para o vendedor. A conversa fazia cair os preços a um quarto ou um quinto do preço original; por outro lado, os preços destes comerciantes eram sempre maiores que os das mercearias, mercados e feiras. Mesmo assim, o lucro era exíguo: entre a pechincha e a *yapa*, obtinham de 2 a 3 pesos diários, igual ou menos do que ganhava um trabalhador não qualificado. Como os donos das mercearias, os vendedores ambulantes tinham alguns truques para obter ganhos extras, como por exemplo, o erro no peso ou recusar-se a usar balanças.<sup>31</sup>

Segundo os observadores, a maioria dos vendedores ambulantes eram italianos: napolitanos, genoveses, piemonteses e calabreses; muitos deles eram verdureiros que andavam de casa em casa com suas mercadorias; os calabreses e os da Basilicata vendiam frutas parados numa esquina – também conhecidos como *naranjeros*. Os argentinos entravam com produtos típicos, como pastéis salgados – empanadas – ou doces – *pastelitos* – e canjica – *mazamorra*. Ainda haviam aqueles que vendiam produtos de armarinho, geralmente sírios-libaneses, e os carregadores ou *changadores*, espanhóis da Galícia.<sup>32</sup>

Em 1901, o jornal La Prensa fez uma estatística aproximada, dividindo os vendedores ambulantes nos seguintes ramos de atividade: 8.000 vendedores de frutas, verduras e carne; 1.300 vendedores de biscoitos e doces; 320 de peixes; 200 amoladores; 75 dedicados aos jogos de azar; 100 vendedores de aves; 600 vendedores de artigos de armazém e armarinho; 450 engraxates; 955 dedicados a assuntos vários. Quando

---

<sup>31</sup>- LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 26; e *Los obreros y el trabajo. Vendedores ambulantes...* *Op. Cit.*, pág. 3. Sobre barganha DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 172 e TUNER, T. *Op. Cit.*, pág. 105. Sobre as trapaças dos vendedores ambulantes há registros em: MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. ARCHIVO HISTÓRICO “Gobierno - Caja 28 - Año 1880. Expediente N°922” 26 de Febrero.

<sup>32</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 148, 152, 153 e 158; FOERSTER, R. *Op. Cit.*, pág. 262; GACHE, Samuel “Les logements ouvriers a Buenos-Ayres” Paris, G. Steinheil Edit., 1900, pág. 86; LATINO, A. *Op. Cit.*, pág. 26; MORENO, M. *Op. Cit.*, pág. 205; TUNER, T. *Op. Cit.*, pág. 105; e WILDE, J. A. *Op. Cit.*, págs. 139 e 140. Sobre as particularidades dos vendedores ambulantes pode ser consultado o depoimento oral a BAILY, S. *Op. Cit.*, pág. 168.

aumentava a quantidade de pessoas trabalhando nesta profissão, era sinônimo de aumento do desemprego. Muitos jornaleiros procuravam esta profissão para amenizar a sua falta de trabalho, gerando uma grande oferta dos mesmos produtos e abaixando os preços finais.<sup>33</sup>



Fig. 5: Um vendedor ambulante de pão e outro de verduras. Aproximadamente 1900. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

#### 4.- Esticando os lucros e burlando os controles: falsificações e adulterações

A falsificação foi uma prática muito difundida desde, pelo menos, os primórdios da Revolução Industrial na Inglaterra. O processo de industrialização e as crescentes quantidades de alimentos requeridas para satisfazer as necessidades da população levaram os produtores a tentar diversos métodos para abastecer todos os consumidores. Até 1850, a justificativa para falsificar certos produtos estava referida aos gostos populares. Segundo os produtores, os consumidores populares preferiam aqueles alimentos processados com determinados produtos, em lugar dos alimentos puros. No ano em que começaram as pesquisas sobre a qualidade dos alimentos,

---

<sup>33</sup>.- *Los obreros y el trabajo. Vendedores ambulantes...* Op. Cit., pág. 3.

apareceram casos de adulterações que eram atentados à saúde pública.<sup>34</sup> Essa pesquisa foi um marco para avaliar a qualidade dos alimentos, o que acabou influenciando os controles e práticas de fiscalização em locais tão afastados da Inglaterra como Buenos Aires.

A Municipalidade de Buenos Aires e suas dependências utilizavam certos controles contra os múltiplos truques e trapaçãs utilizados pelos comerciantes na luta por maiores lucros. Alguns deles eram praticados pelos produtores ou alguns revendedores, concorrendo deslealmente e obtendo lucros maiores. Este tipo de fraude crescia com a necessidade dos donos das mercearias de baratear seus produtos e manter suas clientelas, cujos rendimentos não podiam acompanhar as altas dos produtos consumidos habitualmente. A carestia favorecia esta prática que ia dos produtos mais populares aos de luxo.<sup>35</sup>

Muitas vezes, as trapaçãs limitavam-se a vender alguns produtos por outros, ou a esticar o produto base, sem maiores conseqüências para a saúde. Outro tipo de fraude consistia em vender um produto por um peso ou uma quantidade menor do que a registrada na embalagem. Alguns excessos cometidos nestas alterações podiam ter efeitos gravíssimos para os consumidores, porque eram utilizados produtos tóxicos ou nocivos à saúde.<sup>36</sup>

Para limitar os excessos, a Municipalidade de Buenos Aires criou a *Oficina Química Municipal*, dependência que controlava a qualidade, higiene e composição dos produtos alimentícios vendidos na cidade. A *Oficina* foi criada em 1875 e regularizada em 1883, depois de um tempo fechada. Conflitos de interesses e falta de verbas tinham

<sup>34</sup>- BURNETT, John "Plenty & Want. A Social History of food in England from 1815 to present day" London, Routledge, 1989 (1ª ed. 1966) pág. 216.

<sup>35</sup>- RAHOLA, Federico "Sangre Nueva. Impresiones de un viaje a la América del Sud" Barcelona, Tip. 'La Académica' 1905, págs. 83 e 84.

<sup>36</sup>- WORTHINGTON, T. "Misión comercial a América del Sur. Tercer informe. La República Argentina (1898)" IN: "Desarrollo Económico. N°76" Enero-Marzo 1980, pág. 557; e REINO DE ESPAÑA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES "Sección de Comercio, informe de N°208 y Anexo" Buenos Aires, 15/XI/1884.

impedido o seu funcionamento nesses anos. Este organismo não tinha um procedimento regular; pelo contrário atuava por conta própria, a pedido dos vizinhos, dos outros inspetores, de fabricantes que queriam saber da qualidade dos seus produtos, ou dos produtos da concorrência, ou ainda de comerciantes. Algumas vezes eram os trabalhadores em conflito com uma empresa os que denunciavam fraudes e falsificações.<sup>37</sup> Dessa forma, dependendo de quem estivesse à frente da *Oficina Química*, as atividades podiam ser mais intensas ou relaxadas.

Antes de continuar é preciso fazer uma diferenciação entre adulteração e falsificação. A primeira refere-se ao ato de tentar aumentar o rendimento de um produto incorporando-lhe outros de menor valor, melhorar o aspecto introduzindo corantes e flavorizantes, utilizar conservantes para manter a qualidade por um tempo maior, ou, ainda, acelerar o processo de elaboração, reduzindo os custos. A falsificação implica a venda de um produto por outro diferente e de maior valor. Ambas práticas não são se excluem.

Outro fator que favorecia as falsificações e as adulterações eram as altas taxas alfandegárias. Os produtos falsificados eram geralmente aqueles importados. A falcatura consistia em substituir os produtos importados por produtos locais. Da água mineral aos *Habanos*, eram elaborados com matérias primas argentinas. O lucro produzido por estas manufaturas era alto, já que a matéria prima local era mais barata e não pagava impostos alfandegários. O contrabando poderia ser considerado aqui como uma forma de aumentar lucros e fugir dos controles, uma vez que, sem enganar o cliente quanto à procedência e origem, sonegava-se impostos e cobrava-se do freguês.<sup>38</sup>

Um outro motivo para a falsificação era a questão do gosto. Os produtos importados eram apreciados pelos imigrantes que podiam continuar a consumir os

---

<sup>37</sup>- MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO "Gobierno - Caja 30 - Año 1881. Expediente N°5202" 2 de Setiembre.

<sup>38</sup>- GONZÁLEZ, Juan B. "El encarecimiento de la vida en la República Argentina" Buenos Aires, Las Ciencias, 1908, págs. 143 e 144.

produtos da pátria distante, e distinguiam àqueles membros da elite argentina que faziam viagens constantes a Europa. Estiveram amplamente presentes nas mercearias e lojas até a Grande Guerra.<sup>39</sup> Ainda quando o produto argentino estivesse disponível e a bom preço, os consumidores preferiam o importado. A estratégia mais comum para satisfazer esta demanda era a falsificação. O procedimento era simples: embalar e apresentar o produto como se fosse estrangeiro. O governo não concordava muito com esta prática, nem mesmo as organizações dos industriais, mesmo assim a primeira lei destinada a combater esta contravenção, obrigando aos produtos elaborados na Argentina a apresentar a legenda “Indústria Argentina”, data de 1924.<sup>40</sup>

A falsificação ou pirataria era menos perigosa para a saúde pública do que a adulteração, pois geralmente os produtos pirateados eram substituições de produtos estrangeiros por nacionais. As queixas dos estrangeiros contra esta prática encontravam várias dificuldades, como identificar o produto, comprovar a fraude e enfrentar processos judiciais difíceis e longos. Sem ocasionar riscos contra a saúde, as falsificações eram, aparentemente, toleradas sempre que não surgissem queixas graves.<sup>41</sup>

Na luta constante para obter lucros maiores, certos produtos eram os alvos preferidos, tentando assim oferecer melhores preços que permitissem vencer a concorrência. Fosse porque era preciso abaixar custos, porque a concorrência era elevada ou porque passava por várias mãos, o fato é que o leite, o pão e o vinho encabeçavam todas as listas de adulterações e reclamações.

Toda a cadeia de distribuição tirava algum pequeno proveito do leite, resultando na venda de um produto que nada tinha a ver com o original, tanto que de uma adulteração se chegava a uma falsificação. O primeiro na cadeia, o produtor – *tumbero* – iniciava a escada descendente, tirando parte da gordura para fazer manteiga ou queijos.

<sup>39</sup>.- Sobre gostos Cf. ROCCHI, F. *Op. Cit.*, págs. 538 e 539. Um analista chamava a atenção para esta questão. Vide HELGUERA, Dimas “**La producción argentina en 1892**” Buenos Aires, Goyoaga y Cia., 1893, pág. 35.

<sup>40</sup>.- GRAVIL, R. *Op. Cit.*, págs. 315 e 316.

<sup>41</sup>.- HURET, Jules “**La Argentina. Del Plata a la Cordillera de los Andes**” Paris, Fasquelle, 1911, págs. 508 e 509; e WORTHINGTON, T. *Op. Cit.*, pág. 557.

O distribuidor incorporava água para esticar o produto – o correntemente “aceito” era 1 litro em cada 8, ou 12%, mas a prática normal era a de agregar 2,5 litros em cada 8, ou seja, 30%. E não é preciso entrar aqui na qualidade da água utilizada na adulteração. Os distribuidores também reclamavam das empresas de pasteurização do leite, alegando que estes vendiam o leite *agnado*. Ninguém tinha culpa, mas o leite nunca chegava puro.<sup>42</sup> O único leite puro era aquele vendido por quem ia com a sua vaca de casa em casa. Aqui o perigo estava em que o produto podia ser de vacas enfermas ou cansadas, além de não ser pasteurizado. Quando uma simples adição de água tornava-se uma falsificação? Os comerciantes com menos escrúpulos colocavam tanta água no leite sem gordura que era preciso encorpá-lo novamente agregando fécula e ainda cérebro bovino ou de carneiro. Dessa forma, conseguiam elaborar um produto similar ao leite.<sup>43</sup>

Outro dos alvos dos comerciantes era o pão. Embora desde inícios do século XX fossem vendidas duas categorias diferentes de pães, de primeira e segunda, ambas estavam sujeitas a adulterações. A mais corriqueira consistia em incorporar algum ingrediente que fazia o produto mais vistoso, ao mesmo tempo que reduzia o tempo de elaboração, enxugava o custo da mão-de-obra e permitia utilizar farinhas de qualidade inferior. Para encobrir todo estes defeitos e eludir a fiscalização e as multas, o padeiro não colocava a marca regulamentar da padaria.<sup>44</sup> O pão sofreu algumas adulterações legais. O pão ‘radical’ é o exemplo claro. O próprio governo radical, mandou elaborar pão com farinhas de baixa qualidade, ou estragadas, com a finalidade de combater alguns aumentos do produto.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup>- UNSAÍN, A. M. *Op. Cit.*, págs. 377 a 380 e ‘La carestía de la vida. Investigación del Departamento Nacional del Trabajo’ IN: “**La Razón**” 11/I/1913, pág. 9.

<sup>43</sup>- *Revista Farmacéutica* XI/1880 *Apud* GUTIERREZ, Leandro ‘Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires: 1880-1914’ IN: “**Revista de Indias** N°163/164” Madrid, 1981, pág. 198.

<sup>44</sup>- GUTIERREZ, L. *Op. Cit.*, pág. 198; sobre a falta das marcas *Vide* MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “**Gobierno - Caja 31 - Año 1880. Expediente N°1238**” 8 de Marzo e MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “**Gobierno - Caja 38 - Año 1882. Expediente N°1333**” 3 de Marzo.

<sup>45</sup>- JOSÉ PANADERO ‘El pan radical’ IN: “**La Protesta**” Buenos Aires, 18/III/1915; ‘En las Ferias Francas. Gracias radicales’ IN: “**La Protesta**” Buenos Aires, 3/VIII/1917. Esta prática foi parabenizada pela “**Review of the River Plate**” 5/III/1915, págs. 301 e 303.

O campeão das reclamações e o líder na lista dos mais falsificados era o vinho. Falsificar vinho era quase que imprescindível para a subsistência do *almacenero* ou dos locais nos quais se vendiam bebidas alcoólicas. Sem dúvida, todas as trapanças eram praticadas com este produto, desde a simples utilização de água para diluir o conteúdo à “fabricação” do vinho sem uvas. Para fabricar o vinho usava-se uvas passas, açúcar, álcool e ervas aromáticas. A utilização do álcool etílico era o método mais comum para aumentar a quantidade do produto; com o álcool e a água chegava-se a altas graduações alcólicas com pouco vinho. Quando o vinho ficava demasiado claro, colocava-se corantes ou *tinturas*. A falsificação não era muito da adulteração, só que a mistura de corantes e álcool era usada para produzir vinhos “europeus”, destinados a um mercado que consumia produtos caros.<sup>46</sup>

Os cônsules espanhóis nas cidades de *San Juan* e *Mendoza* enviaram informes para o Ministério dos Assuntos Exteriores da Espanha sobre a qualidade destes vinhos. Para o Cônsul de *San Juan*, o problema começava na origem. Para poder pagar os créditos tomados, os produtores vendiam os vinhos rapidamente, sem poder esperar o amadurecimento. Para acelerar o processo de elaboração, era preciso submeter os caldos, ou mostos, a altas temperaturas. Em *San Juan*, para produzir vinhos brancos, era utilizado o enxofre para conseguir a cor adequada, sem importar se este procedimento era nocivo à saúde do consumidor. Para falsificar os vinhos e dar as tonalidades necessárias, recorriam a várias tinturas, como: o fruto do *magüi* em pó, *zarzamora* – ou *salsaparilha* – em pó e *anilina*, entre outros. Se os pequenos produtores faziam vinhos ruins por falta de conhecimento, os grandes produtores só procuravam o lucro e as

---

<sup>46</sup>- Um caso curioso é o do comerciante que afirmava receber sua mercadoria desde Gênova apresentando uma carta do fabricante enviada desde “Buenos Aires”: MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Gobierno - Caja 40 - Año 1882. Expediente N°2860” 10 de Febrero; sobre tintes e graduação alcoólica MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Gobierno - Caja 40 - Año 1882. Expediente N°4370” 3 de Março e MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Gobierno - Caja 30 - Año 1881. Expediente N°5202” 2 de Setiembre.



grandes quantidades. Para isso usavam água destilada, açúcar e aguardente de uva, para dar maior volume e teor alcoólico ao produto final.<sup>47</sup>

A oposição às fiscalizações e controles de qualidade também partiam dos *almaceneros*. Estes pequenos comerciantes, que geralmente esticavam os produtos que vendiam, rejeitaram as análises do vinho na origem – Mendoza e San Juan –, que podiam chegar a inibir as fraudes por eles cometidas ou levar a descobrir responsabilidades. As fraudes no vinho não se restringiam ao produto em si; as rolhas usadas, que iam parar nos lixões, eram recolhidas e reutilizadas, independente do uso anterior – tampa para venenos, água sanitária e outros – e sem a higiene necessária.<sup>48</sup>

O tabaco e as múltiplas formas de consumi-lo sofreram certas fraudes. Algumas eram muito simples, como utilizar o tabaco da Bahia para fabricar *Habanos*, ou o de Tucumán para elaborar tabaco ‘italiano’. No primeiro caso, o alvo eram os consumidores das classes médias, que tentavam imitar os consumos das classes altas. No outro, eram os imigrantes italianos, que preferiam manter os costumes. A ousadia dos falsificadores era tal que montavam fábricas para elaborar tabaco ‘italiano’.<sup>49</sup>

Desta enorme quantidade de falsificações não escapavam produtos que, a pesar de abundantes, podiam enfrentar aumentos circunstanciais, como a carne de vaca, substituída pela carne de cavalo. Outros gêneros, como os condimentos, que, por serem caros, eram pouco consumidos pelos trabalhadores, também eram alvos de fraudes. Os baixos preços atraíam os consumidores, como acontecia com a pimenta, aumentada com a semente do *aguaribay*, a pasta de tomate, feita com gordura, pó de tijolos e muito pimentão; e ainda a mostarda e o molho inglês. O chocolate era esticado da seguinte forma: 3/5 de *cascarilla*, 1/3 de amendoim e o resto de cacau inferior e

---

<sup>47</sup>- REINO DE ESPAÑA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES “Sección de Comercio, informe de N°250 y Anexo” Buenos Aires, 18/X/1886; e REINO DE ESPAÑA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES, ARCHIVO GENERAL “Sección de Comercio, informe N°24” Buenos Aires, 1887.

<sup>48</sup>- ‘Envenenadores’ IN: “La Protesta” Buenos Aires, 22/II/1906 e ‘Los almaceneros protestan’ IN: “La Protesta” Buenos Aires, 5/III/1916.

<sup>49</sup>- RAHOLA, F. *Op. Cit.*, pág. 148.

açúcar de terceira classe. Chá, erva-mate e tabaco podiam ser colocados em locais muito úmidos para ganhar até 30% mais em peso. O óleo de amendoim ou a gordura de cavalo substituíam o azeite de oliva. Falsificava-se os aperitivos italianos, dos quais eram vendidos livremente as essências, os rótulos e as garrafas, tanto quanto o *habano*, geralmente feitos com tabaco da Bahia, Paraguai ou locais.<sup>50</sup>

Marcas famosíssimas também não escapavam das falsificações. A água mineral *Apollinari* e o whisky *Black and White*, ambos produtos ingleses, eram integralmente pirateados na Argentina. Desde as garrafas aos rótulos, eram fabricados localmente, com fac-símiles dos originais. A fraude, que era de alto nível nas embalagens, esbarrava na qualidade. O whisky era péssimo e denotava a origem. Outros sinais que evidenciavam a fraude eram os erros nos nomes, nos locais de elaboração, etc. A pirataria não se restringia a estes produtos, alcançando ainda têxteis e sapatos. As queixas dos representantes britânicos não eram muito eficientes em sensibilizar os funcionários encarregados das fiscalizações.<sup>51</sup>

Os corantes costumavam ser um problema grave, pois muitos deles eram confeccionados com certos minerais não digeríveis pelo organismo humano. Para tingir as massas, usava-se anilinas que imitavam a cor do açafrão. Estes pigmentos estiveram proibidos, inicialmente, por serem elaborados com arsênico; depois foram rejeitados por não avisar que este era o elemento utilizado, e não o açafrão. Os únicos pigmentos

---

<sup>50</sup>- O *aguaribuy* é uma espécie de pimento, a *casarilla*, é a cascada do cacau. Para a pimenta e umidificação dos produtos: *El Obrero*. Año I, N°25. 20/V-1/1891 *Apud*. SPALDING, Hobart "La clase trabajadora argentina. Documentos para su historia" Buenos Aires, Ed. Galema, 1970, pág. 203; falsificações de produtos importados: HURET, J. *La Argentina...* *Op. Cit.*, págs. 507 e 508; LE BRETON, Tomás 'Marcas de fábrica. El reinado de la falsificación' IN: "Revista de Derecho, Historia y Letras. Año I, Tomo III" Buenos Aires, Peuser, Abril de 1899, págs. 284 a 286; conservas de tomate: GONZÁLEZ ARRILLI, B. *Op. Cit.*, pág. 106; chocolate e óleo: 'Intereses domésticos' IN: "La Vanguardia. Año II, N°45" Buenos Aires, 9/XI/1895, pág. 3; e uso de carne de cavalo ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR "Memoria del Ministerio del Interior (1914-1915)" Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1915, pág. 727.

<sup>51</sup>- HURET, J. *La Argentina...* *Op. Cit.*, pág. 507; MARTIN, Percy "Trough five Republics (of South America). A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905" London, W. Heinemann, 1905, págs. 50 e 51; UNITED KINGDOM "British Parliamentary Papers. Vol. XCIV, 1899. Conditions and prospects of British Trade in certain South American countries. 3<sup>rd</sup> Report. The Argentine Republic" London, HMSO, 1899, pág. 27.

permitidos eram os vegetais, como clorofila, açafrão, carmin e anil. Mas muitas vezes eram utilizados sais, como o *orange* de anilina ou laranja de açafrão, com açúcar, por ser muito mais baratos.<sup>52</sup>

Foi impossível controlar todos os tipos de adulterações utilizadas. Os baixos preços oferecidos pelos fraudadores eram muito atraentes, não unicamente para os setores de menores recursos. Medicamentos e produtos de beleza masculinos e femininos também foram alvo desta prática, que produzia ótimos lucros com baixos investimentos. Trinta anos depois, os sucessores dos higienistas e os organismos estatais ainda lutavam contra estas fraudes.<sup>53</sup>

##### 5.- A produção para o consumo próprio

Poucos conseguiam fugir das regras do mercado; aliás, muito poucos. Uma forma era a produção doméstica de certos bens, visando o consumo próprio, ou no máximo, de alguns familiares e amigos. A forma mais freqüente, e quase a única, era a criação e o cultivo em casa, ou em algum terreno baldio próximo da moradia.<sup>54</sup> Os higienistas incentivavam esta prática porque resultava numa elevação, muito barata, dos níveis de consumo de proteínas e vitaminas. Isto permitia variar a dieta dos trabalhadores. Carnes variadas, além da carne de vaca, frutas e verduras permitiam melhorar a dieta e, por conseguinte, a saúde do portenho. Juan Alsina recomendava para isto a saída do centro da cidade. Nos cortiços era impossível ter um suprimento próprio de alimentos. A família operária não tinha o espaço suficiente para semear ou para a criação. A única chance estava na fuga para os bairros periféricos, o que não era

---

<sup>52</sup>- MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Economía - Caja 17 - Año 1881. Expediente N°5643” 3 de Octubre e MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “Gobierno - Caja 30 - Año 1881. Expedientes N°6157 - 6988” de 25 de Octubre e de 12 de Noviembre, respectivamente.

<sup>53</sup>- FERRERAS, Norberto O. ‘La cuestión de la alimentación obrera en Buenos Aires y Río de Janeiro entre 1930 y 1945’ IN: “Estudios Ibero-Americanos. Vol. XXIV. N°2” Porto Alegre, PUCRS, dezembro de 1998. págs. 101 e 102.

<sup>54</sup>- Os socialistas tentaram alentar o uso dos terrenos baldios *Diario de Sesiones. Año 1918... Op. Cit.*, pág. 518.

muito simples e implicava uma série de complicações, principalmente para o trabalho. Mas as autoridades na área social entendiam que a solução para a alimentação dependia em grande parte deste traslado para os bairros periféricos, incentivando-os, quando possível, com a afirmação de que estes cultivos e criações ajudavam nos orçamentos familiares.<sup>55</sup>

Muitos dos imigrantes que viviam nas áreas periféricas e suburbanas, ou que podiam alugar uma casa com um pátio nos fundos, embora que partilhada, mantinham estas pequenas produções. Geralmente as tarefas de cultivo e criação ficavam por conta da dona de casa ou dos filhos sem idade para trabalhar. A origem rural da maioria dos imigrantes contribuía na continuidade destas práticas. Eles tinham a necessidade de manter um pequeno quintal onde produzir os produtos necessários para o dia-a-dia e para a manutenção de alguns costumes trazidos das suas regiões natais. Onde poderiam conseguir um pouco de manjeriço os genoveses de *La Boca*, senão na sua própria casa? Onde umas folhas de hortelã um sírio, ou um pouco de orégano o espanhol? Era tal a relação do imigrante com estes costumes que, para uma viajante do período, a existência do pequeno cultivo denotava a origem do morador.<sup>56</sup>

Estas pequenas produções de frangos e galinhas, tomates, legumes ou frutas eram avaliadas como um sinal de progresso entre os imigrantes. Para outros observadores estas práticas representavam o descaso do imigrante por integrar-se na nova sociedade, ou eram apresentadas como símbolos do atraso daqueles que mantinham as suas origens rurais, sem conseguir incorporar-se ao meio urbano. Em *La Boca*, onde as palafitas permitiam manter estas pequena produções, a situação não era a esperada pelos reformistas: alguns frangos raquíticos ciscando no lixo, ou entre legumes e tomates murchos, não parecia um panorama muito estimulante.

<sup>55</sup>- ALSINA, Juan "El obrero en la República en Argentina. Tomo II" Buenos Aires, Imp. Calle de México, 1905, pág. 392 e L'NSAIN, A. M. *Op. Cit.*, pág. 310.

<sup>56</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 131 e LOMBROSO FERRERO, Gina "Nell'America Meridionale (Brasile, Uruguay, Argentina)" Milano, Fratelli Treves, 1908, págs. 350 e 351.

A prática de criação e cultivo não era exclusiva dos recém-chegados. Muitas das famílias tradicionais, principalmente aquelas que moravam nos grandes e antigos casarões portenhos, mantinham nos fundos um minúsculo pomar, reminiscência da fazenda e das estâncias, quando não uma pequena criação de galinhas e frangos, ou mesmo uma pequena cultura. Nos primórdios do nosso período, e ainda no século XX, muitos dos membros da elite tradicional gostavam de ter uma parreira ou uma figueira, para passar as tardes de calor à sombra, bebendo o chimarrão e conversando com os amigos. Bucólica pintura que transcorria no terceiro pátio, ao qual só os amigos mais íntimos e os membros da família tinham acesso. Os figos e as uvas eram aproveitados nas refeições familiares. Fosse por comodidade, para ter um espaço livre no pátio interior da casa, por desejo e necessidade de manter as tradições nativas, ou por vontade de manter a origem rural viva, o fato é que a produção doméstica garantia uma reserva em tempos de crise e suplementava a alimentação cotidiana, evitando muitas vezes ter que pedir crédito ao *almacenero*.<sup>57</sup>

Uma forma extrema de relação, ou falta de relação, com o mercado é a dos pobres urbanos e jornaleiros que moravam nos lixões, como *La Quema*. Neste local, esquecido pelas autoridades e pelos visitantes, os moradores valiam-se do que recolhiam e achavam para sua subsistência. O trabalho aqui consistia em resgatar o que podia ser vendido na cidade. Nem sempre era preciso obter o dinheiro para satisfazer as suas necessidades, de fato, grande parte do sustento cotidiano provinha do que achavam no lixo. Além de criar alguns porcos, galinhas e frangos para vender na cidade, eles os aproveitavam para o seu próprio consumo. Não era preciso muito esforço para achar entre o desperdício um pedaço de pão, carne suja de lixo ou algumas aves – galinha, frango e outras – que serviam como refeição ou para contentar o estômago.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup>- BARZINI, Luigi *Op. Cit.*, pág. 20; CATTARUZZA, Mario *Op. Cit.*, pág. 60; DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 109 e 110; e LUPATI, Cesarina “*Vita Argentina. Argentini e Italiani al Plata. osservati da una donna italiana*” Milano, Fratelli Treves, 1910, pág. 118.

<sup>58</sup>- *Paisajes suburbanos...* *Op. Cit.*, pág. 3.

## 6.- Conclusões

Os produtos que os operários consumiriam tinham que atravessar uma série de passos para chegar dos produtores aos consumidores. De origens distantes ou próximas, uma série de intermediários fazia parte do comércio dos consumos populares. Grandes e pequenos comerciantes estavam envolvidos neste processo. Estes comerciantes eram parte do mundo dos trabalhadores, membros da classe que ganhavam seu sustento como modestos vendedores ou tentando deixar para trás a marca de ser um trabalhador manual, arriscando as suas pequenas economias na instalação de um *almacén*. Os riscos que estes pequenos comerciantes tinham que enfrentar estavam associados aos riscos dos trabalhadores; os seus destinos estavam unidos. O reconhecimento de pertencer a um mesmo grupo evidenciava-se na *libreta*. O crédito baseava-se na confiança, e não em fiadores ou garantias; por isso a boa fortuna dos operários resultava na boa fortuna dos comerciantes. A poupança dos comerciantes podia ser perdida em alguma crise, na extensão excessiva do crédito ou na indisposição com a freguesia.

Para fugir desta situação e depender o menos possível da relação de confiança entre freguesia e comerciante, este recorria a outro tipo de atitudes, como as fraudes e falsificações para compensar perdas e estirar os lucros ao máximo. Mas aqui entrava uma nova relação de confiança, de amizade ou comercial com o inspetor distrital. Este tipo de relações estabelecidas entre comerciante e freguesia eram relações típicas dos setores operários e dos bairros operários em muitas partes do mundo e, antes de revelar uma característica específica do operariado de Buenos Aires, revela uma continuidade com o mundo dos trabalhadores e com a constituição e conformação da classe trabalhadora.

**Capítulo VI**  
**Asado, Puchero e Fideos en Stufato:**  
***A Constituição Da Cozinha Dos Trabalhadores Em Buenos Aires***

“Griten en buena hora cuanto quieran los taciturnos ingleses, *roast-beef*, *plum pudding*, chillen los italianos, *macaroni*, y váyanse quedando tan delgados como una I o la aguja de una torre gótica. Vocean los franceses *omelette soufflée*, *omelette au sucre*, *omelette au diable*; digan los españoles con sorna, chorizos, olla podrida, y más podrida y rancia que su ilustración secular. Griten en buena hora todos juntos, que nosotros, apretándonos los flancos soltaremos zumbando el palabrón, matambre, y taparemos de cabo a rabo su descomedida boca.” (Esteban Echeverría “**Apología del Matambre**” 1837)

“Una garita de madera resguardaba las hornallas en cuya cabecera una pavita enlozada calentaba el agua para matear y, a sus horas, la olla del pucherete y la sopa. (...). Cada viaje hasta la hornalla en busca de renovados calores para la pesada plancha, renacía por grados una lánguida apetencia de estómago reducido y de paladar atrofiado, aspirando el vaho de la olla con su hueso, dos papas, un choclo y cinco de verduritas.” (B. González Arrilli ‘*La planchadora*’ IN: B. González Arrilli “**Buenos Aires 1900**” Buenos Aires, Ed. G. Kraft, s/d, págs. 49 e 50)

“*Minha querida esposa (...) aqui tudo é caro (...) a única coisa barata e a bom preço é a carne*”<sup>1</sup>, escrevia um imigrante belga no final da década de 1880. Quase 30 anos depois, um imigrante italiano escrevia a seus país dizendo: “*A comida aqui é boa, ainda que não seja muito saborosa*”<sup>2</sup>. Embora a comida fosse um tema recorrente na correspondência que cruzava o Atlântico, ela tem sido pouco pesquisada. Para os que ficavam, ou estavam por migrar, a comida era uma referência das transformações atravessadas pelos imigrantes. Para os que chegavam à Argentina, a comida era um parâmetro das mudanças experimentadas e um ponto de encontro com os seus conterrâneos.

---

<sup>1</sup>- *Carta de Louis Van H... desde Buenos Aires (12/XI/1888. Traduit du flamand)* IN: GAUDELIER, G. “**La vérité sur l’immigration des travailleurs et des capitaux. Belges dans la République Argentine**” Bruxelles, Messageries de la Presse, Dechenne & Cia, 1889 (2ª ed.), pág. 41.

<sup>2</sup>- *Cf. Carta de Oreste Sola, desde Buenos Aires (17/08/1901)* Apud BAILY, Samuel e RAMELLA, Franco “**One Family, Two Worlds. An Italian Family’s correspondence across the Atlantic, 1901-1922**” New Brunswick - London, Rutgers University Press, 1988, pág. 35.

Até o momento temos apresentado a alimentação como a somatória de alguns produtos tal como chegavam aos lares operários. Aqui tentaremos analisá-los à luz dos múltiplos elementos confluentes: econômicos, sociológicos e culturais. O estudo da alimentação requer certos cuidados, uma vez que não podemos aplicar os nossos próprios parâmetros aos alimentos consumidos no passado. A industrialização, por exemplo, alterou sensivelmente os produtos consumidos até então.<sup>3</sup>

A alimentação, questão desprezada e tomada como menor, não deixa de ser relevante. Esta questão 'menor' permite-nos ter consciência de que aquilo que é significativo para as pessoas muda com o tempo, embora esta mudança seja lenta, e que a alimentação é um dos *locus* básicos da constituição das identidades. Desta forma, alguns consumos, receitas e costumes alimentares que qualificamos como 'tradicionais', dando-lhes uma origem ancestral e longínqua, são o produto de um determinado momento histórico, ou a somatória de vários momentos históricos relativamente próximos, que para o observador ingênuo aparecem como cristalizados num momento remoto da humanidade. Segundo esta forma de apreciar a cozinha, as receitas teriam passado de mães e avós para filhas e netas ao longo de séculos, inalteradas. Porém, a alimentação tem a sua dinâmica, sendo atravessada por processos socioeconômicos e transformações culturais. As grandes migrações e a miscigenação das culturas em uma terra nova, junto à industrialização, são elementos que devem ser considerados ao analisarmos a cozinha da Argentina.

Isto, porém, que deveria ser óbvio para um historiador, não deixa de parecer novo e é uma interrogação que devemos elucidar, o que nos leva a refletir sobre o significado de coisas aparentemente pouco importantes. Para começar, temos que contextualizar os elementos constitutivos da alimentação e analisá-los no processo de conformação, relacionando-os aos acontecimentos e tendências da época.

---

3.- Cf. 'Introdução' IN: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo "História da alimentação" São Paulo, Estação Liberdade, 1998 (1ª ed. em francês e italiano: 1996) pág. 19.



Os antropólogos têm sido pioneiros nas análises da cozinha e das normas alimentares. Mas uma questão une enfoques opostos, como os estudos de Mary Douglas, Claude Levi-Strauss e Marvin Harris, que apresentam a alimentação como um elemento estático. Uma vez passado o processo de constituição das *diets*, num passado remoto e indefinido, as mesmas só apresentam pequenos acertos no conjunto.<sup>4</sup>

A alimentação, que aparece, *a priori*, como uma questão não politizada e, portanto, menor, pode tomar uma dimensão mais ampla, deixando de estar restrita à cozinha, da casa e da história. Dentro do campo da História da Cultura, a importância da alimentação seria bem maior, justamente pela não politização, permitindo revelar o inconsciente coletivo e os aspectos da identidade das pessoas e dos grupos sociais. Este tipo de problema presta-se muito bem para enfatizar questões de gênero e de identidades.

Aqui tentaremos compreender a conformação de uma estrutura alimentar própria dos trabalhadores e imigrantes influenciando a constituição de uma identidade própria. Os estudos do consumo tendem a ser *pessimistas* sobre as possibilidades dos trabalhadores de influir no seu próprio destino, apresentando-os como conformistas e conservadores, deslumbrados com os novos produtos. Esta foi um área de conflito. Os trabalhadores refletiram e atuaram sobre estas questões, seguindo as suas próprias convicções e ideologias.<sup>5</sup>

Para estudar o consumo, mesmo que o alimentar, temos que tomar o cuidado de não cair na armadilha apontada por Fine e Leopold: '*Analisar o consumo através do mercado significa reescrever a História em termos favoráveis aos ricos e poderosos, como aqueles que devem ser*

---

<sup>4</sup>- Uma análise mais apurada desta questão *Vide* ORTOLEVA, Peppino 'Tradition and abundance. Reflections on Italian-American foodways' IN: "Altreitalia N° 7" Torino, Fond. Agnelli, gennaio-giugno 1992, págs. 58 e 59.

<sup>5</sup>- Um trabalho interessante a respeito é o desenvolvido para os Estados Unidos por GLICKMAN, Lawrence 'Workers of the World, consume: Ira Steward and the origins of labor consumerism' IN: "International Labor and Working Class History. N°52" Fall 1997, págs. 72 e 73.

emulados. O resultado é a construção de uma racionalidade favorável à sociedade de consumo contemporânea.<sup>6</sup>

A lenda dourada da abundância alimentar deverá ser reavaliada à luz de outros indicadores. Se a América em geral oferecia uma boa alimentação, as taxas de mortalidade eram similares às europeias, quando não superiores. Um pesquisador italiano<sup>7</sup> compara estas situações de disponibilidade maior de alimentos nos países de imigração de massas com as diferenças existentes entre cidade e campo na Europa. As vantagens da maior circulação de alimentos nas cidades eram compensadas pelo alto preço dos mesmos, a elevada densidade populacional urbana e um número maior de pessoas por quarto, o que criava as condições ideais para a transmissão dos agentes infecciosos. Nos países ‘novos’, estes elementos estavam unidos às deficiências dos sistemas de saneamento urbano e à deficiente vigilância na elaboração e conservação dos alimentos, o que acabou elevando as taxas de mortalidade ao nível das existentes nos países de origem, que continuavam a atravessar fome com frequência. A falta de higiene dos cortiços não compensava a melhora alimentar.<sup>8</sup>

Neste sentido, Buenos Aires é um local interessante para ser avaliado. Como a principal cidade portuária de um país formado por imigrantes, não deixou de ser o local de encontro de culturas diferentes. Desde o início do século XIX, foram vários os grupos de imigrantes que chegaram nesta cidade para desenvolver atividades produtivas e comerciais. Inicialmente foram os genovêses, napolitanos, irlandeses, escoceses, franceses, alemães, espanhóis e portugueses que chegaram com sua força de trabalho a Buenos Aires, levando na bagagem<sup>9</sup> – e não unicamente em termos culturais – suas

6.- FINE, Ben e LEOPOLD, Ellen ‘Consumerism and the Industrial Revolution’ IN: “Social History Vol. 15 N°2” May 1990, pág. 152. A tradução para o português é minha.

7.- Cf. LIVI-BACCI, Massimo “Ensayo sobre la historia demográfica europea. Población y alimentación en Europa” Barcelona, Ed. Ariel, 1988, págs. 110 e 111.

8.- Um cronista da época menciona este fato Cf. ANIBAL LATINO (Pseud. de José Ceppi) “Tipos y costumbres bonaerenses” Buenos Aires, Hyspamérica, 1984 (1ª ed. 1886), págs. 63, 67 e 69.

9.- Sobre a bagagem como bem cultural Vide CACOPARDO, María Cristina e MORENO, José Luis ‘El “equipaje” del migrante italiano en la Argentina: un intento de conceptualización en torno al origen regional’ IN: “Estudios Migratorios latinoamericanos. N°20” Abril 1992, pág. 152.

tradições culinárias. Não é possível pensar uma única forma de preparar os alimentos e processar a nova realidade. Em Buenos Aires, como num caldeirão, foram sendo jogados os diversos ingredientes destas culturas.

Daqui surge um elemento decisivo no processo de integração. A cidade, qualquer cidade, Buenos Aires neste caso, é o local do encontro e do sincretismo culinário. A cidade é central neste processo e não unicamente pela interação cultural, mas também pela circulação dos produtos e das receitas entre os diferentes estratos sociais. Por exemplo, a cozinheira levava receitas à mesa do patrão e retirava alguns ingredientes. A origem das cozinheiras, profissão predominantemente feminina na Buenos Aires do período, deve ter permitido a educação culinária dos portenhos nas distintas cozinhas em interação.<sup>10</sup> Os processos de integração têm sido horizontais e verticais, e sempre de mão dupla.

A importância feminina na alimentação não está restrita ao papel da dona-de-casa. A mulher desempenhou um papel central na constituição da dieta *operária* e na sua difusão. Era ela a responsável direta pela alimentação cotidiana, pelo tipo de consumos familiares e, ainda, pelas estratégias estabelecidas para organizar o orçamento familiar. Isto leva-nos a prestar atenção à questão do gênero e às estratégias montadas pelas indústrias e vendas de alimentos, mas também a considerar a dimensão de classe destas mulheres.<sup>11</sup>

A cozinha portenha, ou qualquer outra, é conformada por meio do intercâmbio de produtos e tradições entre grupos sociais variados e diversos, é o resultado do encontro e da hibridização. Um gênero alimentar pode ser a expressão de uma região, mas uma receita é o resultado do encontro de produtos de diferentes locais. *A cozinha é*

---

<sup>10</sup>- Segundo Emilio Daireaux, não tiravam uns poucos ingredientes. Tinha se convertido numa profissão lucrativa em Buenos Aires. A cozinheira, como trabalhadora independente, estava encarregada das compras da casa e aqui fazia sua diferença. *Vide* DAIREAUX, Emilio "Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina" Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888, págs. 174 e 175.

<sup>11</sup>- Sobre o papel da mulher da classe trabalhadora na sociedade de consumo *Vide* BENSON, John "The rise of consumer society in Britain, 1880-1980" London, Longman, 1994, pág. 23.

o espaço de encontro e hibridização de várias culturas ou tradições alimentares, e isto diz respeito à questão da identidade.<sup>12</sup>

### 1.- Os tempos do Asado ou uma cozinha sem ingredientes

Se Buenos Aires não tinha uma ‘tradição’ culinária particular, isto não pode ser aplicado para o resto da atual Argentina. A região mais variada e rica, em termos etnográficos, é o noroeste da Argentina – Salta, Jujuy, Tucumán, La Rioja e Catamarca – que apresenta um povoamento bastante antigo, de mais de 12.000 anos. Povos sedentários, pastores e agrícolas, estiveram assentados na região estabelecendo contatos com os povos do planalto da atual Bolívia, dos Andes e das florestas subtropicais do Chaco e do Mato Grosso.

Há aproximadamente 700 anos esta região estava sob dominação Incaica; como há uma região de fronteira, alguns povos de outras regiões do mesmo império foram assentados lá. Eles trouxeram alguns dos cultivos andinos, a tecnologia da produção em múltiplos estratos ecológicos e a incorporação e circulação de tubérculos – a quina, a batata e a mandioca –, cereais – o milho – e camelídeos – a *llama*. A integração da região no Império Inca favoreceu os intercâmbios a longa distância e a incorporação de produtos até então desconhecidos.

Mas isto não era o que acontecia na região do *Río de la Plata*. Antes da chegada dos espanhóis, os habitantes da região eram nômades. A zona da atual Buenos Aires era uma zona de passagem. Sem cultivos e sem gado doméstico, a “dieta” dos primeiros habitantes dos Pampas – que significa deserto, em *quíchua* – resumia-se à colheita, ao cultivo sazonal do milho, à caça de veados, cutias, tatus, *ñandúes* e *guanacos* e à pesca.

---

<sup>12</sup>- Cf. CAPATTI, Alberto e MONTANARI, Massimo “La cucina italiana. Storia di una cultura” Roma – Bari, Ed. Laterza, 1999, pág. ix. Sobre a constituição da cozinha argentina há um artigo de ARCHETTI, Eduardo P. ‘Hibridización, pertenencia y localidad en la construcción de una cocina nacional’ IN: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.) “La Argentina en el Siglo XX” Buenos Aires, Ariel-UNQ, 1999.

Isto ocasionou alguns inconvenientes aos primeiros espanhóis que chegaram na região. Devido à natureza compacta do solo, era impossível cultivar a terra com a tecnologia disponível. A falta de gado doméstico levou ao abandono do primeiro assentamento hispânico. Por outro lado, lutaram com os indígenas, que não aceitavam estabelecer-se na colônia espanhola, nem trabalhar para alimentar os recém-chegados. Com a partida dos nativos, os espanhóis ficaram sem alimentos, pelo que acabaram fugindo para o Paraguai.

Os “conquistadores” não abandonaram unicamente a pequena aldeia; também deixaram vacas, porcos, ovelhas e cavalos, fugidos dos corrais, que se reproduziram em grande quantidade, povoando os pampas. Esta foi a base da alimentação do novo estabelecimento hispânico, e dos seus descendentes. Isto também era parte de uma antiga prática de colonização em terras desprovidas de alimentos. Antes da ocupação das ilhas do Atlântico, portugueses e espanhóis soltavam gado para que se reproduzissem sozinhos. Tempos depois, voltavam e aproveitavam a carne destes animais. A ocupação definitiva do espaço platino pelos espanhóis mudou o panorama alimentar do período indígena. Além do gado, foram introduzidos novos cultivos.

A chegada dos espanhóis provocou mudanças drásticas nos nativos. O cavalo foi incorporado como fonte de recursos. Como os povos que invadiram o Império Romano, em poucos anos os nativos dos pampas fizeram do cavalo o animal que lhes proporcionava o sustento: alimento, vestuário e meio de produção. A estima pelos cavalos era altíssima e, embora pudessem ser consumidos, os melhores deles eram adornados e recebiam múltiplos cuidados. Espanhóis e indígenas cuidavam de seus cavalos; porém, existia uma grande diferença entre ambos os povos em relação a este animal: os nativos preferiam a carne de cavalo como alimento – a da égua, mais precisamente; os espanhóis nem pensavam em comer cavalo.

O controle dos novos recursos dos Pampas foram motivo de confrontos, mas estes não se produziram inicialmente pelo usufruto das terras, e sim pela apropriação

do gado bovino. Os nativos não se alimentavam da vaca, mas a vendiam para outros espanhóis, afastados da região platina. Os espanhóis tinham no couro bovino a sua fonte de riquezas. Os indígenas hipófagos enfrentaram com os espanhóis comedores de carne bovina pelo controle das grandes manadas de vacas e cavalos selvagens que vagavam pelos Pampas.

Na realidade, os espanhóis não consumiam carne de cavalo, enquanto a carne de vaca estivesse disponível. As razões que levaram ao estabelecimento do tabu contra o consumo de carne de cavalo, como o alto custo destes animais na Europa e a necessidade de utilizá-los como arma de guerra, já não mais existia na América, mas o tabu permaneceu. Uma das razões está na abundância de gado *vacum* e na diferenciação com respeito aos nativos. Os 'bárbaros' eram os consumidores de carne de cavalo. A discriminação contra esta carne não foi respeitada pelos marginalizados da sociedade espanhola. Fugitivos, renegados, *squatters*, vendedores ambulantes e aqueles que mantinham um contato regular com os nativos participavam dos banquetes de carne de égua sem problemas de consciência.

Com respeito aos alimentos dos espanhóis, a cozinha colonial não foi muito variada; na realidade era pobre e monótona. Como eram poucos os navios que chegavam com produtos europeus, a variedade na alimentação restringia-se ao produto de uns poucos cultivos próximas a Buenos Aires e ao que chegava do interior, principalmente de Córdoba, do Noroeste, de *Cuyo* – Mendoza, San Juan e San Luís – e do Paraguai, como erva-mate, mandioca, mel, frutas, vinhos, azeite e frutas secas.

Em termos gerais, o consumo de frutas e verduras era limitado. O azeite era consumido unicamente pelas classes altas. As classes populares tinham que valer-se da banha de vaca (*grasa de pella*) ou de porco (bacon e toucinho). A bebida principal era o vinho – no entanto, na campanha consumia-se aguardente. Peixe e ovos, como substitutos da carne, não tiveram muita importância. O pão e os biscoitos eram

incorporados à alimentação, se por acaso chegava algum navio com trigo, ou quando as fazendas próximas a Buenos Aires enviavam seus escassos excedentes.<sup>13</sup>

Com este quadro é de prever que algum produto fosse indispensável, principalmente pela abundância. Qual seria a planta fundadora da ‘civilização’ argentina? Em vão procuraremos pelo trigo greco-romano, o milho mexicano ou incaico ou pelo arroz asiático.<sup>14</sup> Não foi uma planta e sim um animal, a vaca. Como aconteceu com os germanos, que centravam no porco a sua alimentação, os portenhos tiveram na vaca, por muito tempo, a sua fonte de alimentação e riqueza.

Os espanhóis já eram consumidores de carne, principalmente de carne de ovelha. Mas, foi a vaca que se adaptou melhor às condições dos Pampas. O gado *vacum* conseguia se manter com os tipos de gramíneas e ervas locais e, ao mesmo tempo, podia resistir aos embates com os predadores. Desta forma proliferou grandemente.

O consumo de carne bovina era hegemônica e não apresentava muita variedade. A carne era consumida como *asado* – na grelha – ou como *puchero* – fervida com batatas, milho e abóbora. Este tipo de alimentação manteve-se estável ao longo do período colonial, alterado pela incorporação ocasional de alguns produtos e por longos períodos de falta de abastecimento. A carne como único prato, ou com algum tipo de carboidrato, é um alimento completo, preferido por diversas dietas. Foi naquelas regiões onde a carne é insuficiente para todos que desenvolveu algum tabu contra o consumo de carnes.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup>- AGUIRRE, Patricia ‘*Patrón alimentario, estrategias de consumo e identidad en Argentina*’ IN: “**Boletín Informativo Techint**, Nº 522” Organización Techint, Marzo-Abril 1996, pág. 90.

<sup>14</sup>- Assim é como define Braudel a estas plantas, *vide* BRAUDEL, Fernand “**Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII. Vol. 1. As estruturas do cotidiano**” São Paulo, Martins Fontes, 1997 (1ª ed. em francês: 1979), Capítulo 2.

<sup>15</sup>- Sobre a importância da carne na alimentação humana e o desenvolvimento de tabus alimentares *Vide* os capítulos 2 e 3 de HARRIS, Marvin “**Bueno para comer. Enigmas de la alimentación y cultura**” Madrid, Alianza Editorial, 1993 (1ª ed. em inglês: 1985).

Existiam algumas produções de cereais e legumes, mas os rendimentos eram baixos e mal davam para o autoconsumo. Estas produções estavam divididas entre aquelas dos pecuaristas abastados, que cultivavam alguns produtos para o seu próprio sustento, e aquelas dos pequenos lavradores, que não tinham a propriedade da terra e cultivavam um pequeno espaço para proporcionar às suas famílias algo mais do que carne.<sup>16</sup> Mas nem pequenos nem grandes estavam preocupados em abastecer de trigo o mercado de Buenos Aires, que estava muito longe para o tipo de transporte disponível.

As dificuldades para o cultivo eram inúmeras. Era impossível controlar as grandes quantidades de gado, que em momentos de seca procuravam alimentar-se nos cultivos, o que causava atritos entre agricultores e pecuaristas. Só depois da derrocada de Rosas, em 1852, foi sancionado um código rural que resolvia estes conflitos. Secas, granizo e geadas podiam ser tão devastadores quanto os cavalos ou as vacas.<sup>17</sup>

O panorama foi mudando desde o século XVIII, com as reformas *borbónicas*. Foi liberado o comércio entre os portos americanos, permitindo a chegada de produtos europeus e de outras regiões do Império Espanhol. O leque dos consumos no *Río de la Plata* cresceu. Mas esta situação não foi permanente. As Guerras da Independência e os bloqueios ingleses e franceses, no governo de Rosas, retraíram os consumos àquilo que a hinterlândia da cidade de Buenos Aires podia oferecer. Ou seja, o aumento do consumo de carne de vaca, e também de ovelha, galinha ou peixe, além de milho, abóboras, batatas, um pouco de trigo, figos, azeitonas, frutas – como pêssego, maçãs, laranjas e cítricos – e a prezada erva-mate.

Na década de 1830, durante o governo de Juan Manuel de Rosas, um jovem naturalista inglês, que fazia uma viagem ao redor do mundo, visitou os pampas. Ele fez um percurso pouco habitual pela campanha de Buenos Aires, de *Babía Blanca* em

<sup>16</sup>- GARCÍA, Pedro A. "Diario de un viaje a Salinas Grandes en los Campos del Sud de Buenos Aires" Buenos Aires, EUDEBA, 1974 (1ª ed. 1836), pág. 25. A expedição foi em 1810.

<sup>17</sup>- Um dinamarquês assentado em Tandil, no interior da provincia de Buenos Aires, narra as dificuldades dos agricultores entre 1848 e 1875, período em que morou nessa zona. FUGL, Juan "Abriendo surcos. Memorias de Juan Fugl" Buenos Aires, Altamira, 1973 (1ª ed. 1959), págs. 49 a 55.



direção à cidade de Buenos Aires, ameaçado pelos ataques dos nativos e de ser confundido com um bandido. Visitou povoados e fortes até chegar a Buenos Aires, a principal cidade porto desse fim de mundo que era o *Río de la Plata*. Na sua travessia, fez observações interessantes sobre a alimentação local. Segundo ele, no interior do país a dieta básica e permanente era a carne assada, algum biscoito salgado e duro, frutas secas e chimarrão.<sup>18</sup>

Para quem chegava da Europa no princípio do século XIX, como Charles Darwin, a carne era um alimento desejado. Na Inglaterra o consumo de carne tinha sofrido uma queda, devido ao aumento dos preços provocado pelo processo de industrialização. Base tradicional da alimentação nesse país, agradava ao naturalista, que se sentia tonificado e com maiores energias. Porém, o seu consumo em excesso parecia-lhe preocupante.

Darwin observou que os homens do campo preferiam a carne gordurosa, ou simplesmente a gordura, às carnes magras ou de animais selvagens e magros, como a cutia ou as lebres. Para ele a preferência devia-se ao fato de a gordura ser '*de natureza menos animalizada*'. Mas não era um problema de "natureza". No contexto das pradarias, em que os carboidratos são raros, o consumo de carnes magras é fatal. Os *gauchos* sabiam por experiência que este tipo de carne levava a aumentar cada vez mais o consumo, sem sentir saciedade. Uma semana depois comia-se o triplo, que era acompanhado de mal-estar, por envenenamento. O indivíduo continuava a comer e sentir fome. O passo seguinte era uma forte diarreia e, semanas depois, a morte. O único remédio conhecido era a ingestão de gordura.<sup>19</sup>

O chimarrão era de suma importância nesta alimentação centrada na carne. Permitia incorporar fibras, certas vitaminas e favorecia a digestão, além de tirar a

---

<sup>18</sup>- DARWIN, Charles "Diário das Investigações sobre a História Natural e Geologia dos Países visitados durante a viagem ao redor do mundo pelo Navio de Sua Majestade 'Beagle' sob o comando do Capt. Fitz Roy" s/l, Nova Edição, s/d (1ª ed. em inglês: 1871), pág. 36.

<sup>19</sup>- Detalhes deste tipo de situações entre os pioneiros dos Estados Unidos, HARRIS, M. *Op. Cit.*, pág. 43.

sensação de fome. O *mate* amenizava a espera, enquanto a carne era assada. Em qualquer momento da jornada de trabalho, era mais simples preparar um chimarrão e comer uma *galleta* que preparar um churrasco. O chimarrão era uma companhia nas longas horas das estações sem afazeres.<sup>20</sup>

Segundo Darwin, a alimentação variava um pouco nas proximidades de Buenos Aires. Havia frutas das ilhas do Delta do Paraná e das quintas próximas, azeitonas das oliveiras dos subúrbios e os produtos de algumas hortas vizinhas. Mas, mesmo assim, a poucos quilômetros da cidade a falta de outros alimentos além da carne era alarmante.<sup>21</sup>

O controle da carne era central nesta sociedade, por ser a principal fonte de poder e riqueza, medidos pela capacidade de mobilizar recursos para o abate do gado e para o seu processamento. Mas não pela posse, porque o gado vagava livre e em grandes quantidades nos pampas argentinos. Darwin refere-se à importância da carne como elemento de ação política. Para dominar a cidade de Buenos Aires e apropriar-se do governo, bastava ter o controle do abastecimento de carne. Os grupos políticos tentavam dominar este recurso para impor suas condições. Como ele comenta sobre uma tentativa de tomada do poder em Buenos Aires: “*Os sitiadores sairiam vitoriosos se impedissem o fornecimento de carne*”.<sup>22</sup> Interrompendo o abastecimento de carne, a cidade era reduzida à fome. A carne continuava a ser o principal alimento, tornando-se um fator de poder político de primeira ordem.<sup>23</sup>

Durante quase três séculos, desde a segunda fundação de Buenos Aires até a imigração de massas e a diversificação da produção, a carne reinou absoluta. Esta abundância da carne e sua utilização cotidiana como alimento principal, e muitas vezes único, nos lares portenhos e *criollos*, não podia deixar de apresentar efeitos duradouros.

---

20.- FUGL, J. *Op. Cit.*, pág. 37.

21.- DARWIN, C. *Op. Cit.*, pág. 37 e FUGL, J. *Op. Cit.*, pág. 47.

22.- DARWIN, C. *Op. Cit.*, pág. 43.

23.- Até o Todo-Poderoso Rosas compreendia bem esta situação e fazia ingressar animais à cidade desafiando à Igreja, sua aliada, durante as celebrações religiosas se a ocasião o demandava, como era narrado por Esteban Echeverría. *Vide* ECHEVERRÍA, Esteban ‘*El Matadero*’ IN: “*Obras Completas*” Buenos Aires, Carlos Casavalle Editor, 1870-1874.

Poucos visitantes tinham questionado este consumo, que geralmente era elogiado. Daí que o consumo de carne definisse os nativos, diferenciando-os dos estrangeiros. Esta pobreza de recursos iniciais transformou-se num hábito consuetudinário, numa *cultura alimentar*.<sup>24</sup>

A carne, sem ser o único consumo obtido localmente, era o único imprescindível nas mesas *criollas*. É mencionada sistematicamente pelas fontes que trataram dos períodos prévios ao nosso. A carne assada ou fervida, sozinha ou acompanhada por verduras, legumes ou cereais, é uma constante nas narrações e crônicas. Esta presença permanente da carne no cotidiano dos portenhos criou uma *cultura* em torno da carne: desde a produção até o consumo, a carne é um elemento que nos permite definir esta sociedade.

A chegada dos imigrantes reforçou inicialmente esta cultura. Segundo esta visão, as pessoas sadias e fortes consumiam carne em abundância. Como os recém-chegados não tinham este hábito, eram, portanto, pessoas débeis. Até as crianças tinham que comer carne para crescer saudáveis. Desta forma, os nativos podiam se situar acima dos recém-chegados.<sup>25</sup> O consumo de carne fortalecia, a sua carência debilitava. Poucos anos depois das Guerras da Independência, a alimentação era um forte elemento de diferenciação.<sup>26</sup>

Nos anos prévios a nosso período, o campo tinha na carne quase o único consumo. Alguns visitantes do hinterlândia de Buenos Aires constataram, como Darwin anteriormente, que o consumo deste produto era diretamente proporcional à distância do porto: quanto maior a distância, maior o consumo. Assim, numa viagem feita em 1869, em direção ao rio Quequén, ao sul da cidade de Buenos Aires, um

---

<sup>24</sup>- Um processo similar teria acontecido na Idade Média italiana com algumas verduras, Cf. CAPATTI, A. e MONTANARI, M. *Op. Cit.*, pág. 47.

<sup>25</sup>- Esta é uma posição comum em vários países com respeito aos imigrantes. Cf. CORTI, Paola 'Il cibo dell'emigrante' IN: "Il Risorgimento. Anno XLIV. N°2" 1992, pág. 368.

<sup>26</sup>- ECHEVERRÍA, Esteban 'Apología del marambre' IN: "Cuadro de costumbres argentinas" (1ª ed. 1837) (<http://www.clarin.com.ar/pbda/miscelanea/matambre/marambre.htm>)

visitante francês foi descrevendo as refeições feitas nas *postas*, ou pontos de troca de cavalos e de descanso para aqueles que viajavam em carruagem. Até Chascomús, a 100 km do porto, na ponta da linha do *Ferrocarril del Sur*, era possível achar trigo, batatas, milho e alguns legumes, além dos *pejerreyes*, pescados por napolitanos para enviar a Buenos Aires. Na realidade, este era o local de produção para o abastecimento da grande aldeia. Depois de 1860, as ferrovias começam a possibilitar esta produção e o seu envio para o consumo urbano. A uns 30 ou 40 quilômetros de *Chascomús*, a dieta começava a mudar, iniciando-se uma viagem culinária ao passado recente e cada vez mais longínquo.<sup>27</sup>

A campanha não se alimentava só de carne. O pão era um produto desejado. Não era mais consumido devido à sua escassez. A tradição espanhola do consumo do pão passou inalterada para os rio-platenses. Pão, embora dormido e duro como pedra, e carne eram a base da dieta. O pão, mais desejado que consumido, mantinha a sua característica de alimento primário e imprescindível, sempre que estivesse presente. Um inconveniente dos tempos do assado era a baixa produção de trigo. Assim, o pão e outros produtos elaborados com farinhas não podiam ser baratos. Neste contexto, não era de estranhar que a carne fosse mais barata que o pão. Para compensar a falta de trigo, o pão era bastante pesado, elaborado com pouca água, para que pudesse resistir vários dias antes de ser consumido por completo.<sup>28</sup>

A fama da abundância da carne era divulgada na Europa desde meados do século XVIII. Foi mencionada por Adam Smith para exemplificar a relação do valor

---

<sup>27</sup>- ARMAIGNAC, H. "Viaje por las Pampas Argentinas. Cacerías en el Quequén Grande y otras andanzas. 1869-1874" Buenos Aires, Eudeba, 1974 (1ª ed. em francês: 1882), págs. 56 e 62 a 65; LINDSAY-BUCKNALL, Hamilton "Um jovem irlandês no Brasil em 1874 (Impressões sobre Argentina e sobre o Brasil na década de 1870)" Rio de Janeiro, Livr. Hachette do Brasil, 1976, pág. 54. Este livro é um extrato do livro de 1878, *A search for fortune*, do mesmo autor.

<sup>28</sup>.- Juan Fugl dizia que sua plantação de trigo de 1848, tinha sido a primeira do Tandil e que as pessoas se aproximavam para conhecer a planta com que se fazia a farinha. Cf. FUGL, J. *Op. Cit.*, págs. 55 e 65. Outros detalhes em 'Letter from Mr. McDonnell to Granville' IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres - Later Argentine Republic. Mr. McDonnell, Commercial. 1871".

dos produtos pela abundância e o avanço das técnicas de produção.<sup>29</sup> Na campanha, a abundância de carnes era tanta que os homens do campo só tinham que se dar ao trabalho de matar um animal para comer um único pedaço. Quem não podia, ou não sabia matar um boi, só tinha que esperar que alguém o fizesse e pegar o resto da carne por eles deixada. Em algumas regiões, esta abundância devia-se ao gado fugido das fazendas embargadas por Rosas. Os fazendeiros ofereciam o abate do seu gado liberalmente aos seus protegidos, pedindo em troca o couro.<sup>30</sup>

Quase cem anos depois de Adam Smith, outro inglês, o cônsul da cidade de Buenos Aires, continuava a falar das enormes quantidades e do baixo preço da carne da Argentina, mas neste caso reclamava da falta de qualidade da carne, fosse esta de vaca ou de ovelha. Além do mais, a carne era vista como menos substanciosa que a inglesa, o que era certo, visto que o gado *vacum* criado na Argentina não tinha passado por nenhum processo de melhoramento e o tipo de criação – vagando livre nas pradarias – fazia que fosse mais magro que o gado inglês e, portanto, muito menos substancioso. O gado ovino tinha passado por um processo de melhoramento na década de 1870, com a incorporação de raças francesas, boas produtoras de lã, mas não de carnes, pelo que o sabor era discutível. Os rebanhos bovino e ovino da Argentina dificilmente podiam satisfazer a demanda de sabor do consumidor europeu.<sup>31</sup>

Porém, o consumidor local gostava dessa carne e tinha as suas exigências. Não era qualquer pedaço do boi que era levado à grelha ou à agulha. A parte firme da perna do bovino era a ideal para fazer o churrasco. Outro corte muito apreciado pelo sabor por ricos e pobres, eram as costelas. Uma carne muito requerida para ser fervida ou assada era o *matambre*. A carne de *puchero* era principalmente a do peito, além de serem consumidas todas as vísceras do animal, um prato requintado, para o *gourmet criollo*, era

<sup>29</sup>.- SMITH, Adam "A riqueza das Nações. Investigações sobre sua Natureza e suas Causas. Vol. I" São Paulo, Abril Cultural, 1983 (1ª ed. em inglês: 1776), págs. 154 e 155.

<sup>30</sup>.- FUGL, J. *Op. Cit.*, págs. 46 e 47.

<sup>31</sup>.- *Letter from Mr. McDonnell... Op. Cit.*

o *bacaray*: vitela morta ao nascer, que tinha uma carne mole e tenra. O ovino, ao contrário do que ocorria no campo, era pouco consumido na cidade; unicamente os estrangeiros preferiam o carneiro à carne vacum.<sup>32</sup>

Os legumes, alguns cereais e batatas eram produzidos nas proximidades de Buenos Aires. Porém, com o incremento populacional, posterior à estabilização política da República, passaram a ser importados em grandes quantidades para dar conta do consumo crescente, encarecendo o seu custo.<sup>33</sup>

O *mate* (chimarrão) era central na sociabilidade portenha. Bebia-se como forma de tirar a sede, a fome ou simplesmente para manter uma conversa. O chimarrão aproximava as pessoas íntimas e encurtava as distâncias. Embora o chimarrão não fosse *cebado* nos bares ou restaurantes, estava presente em outros locais de venda. Nas lojas o chimarrão era onipresente e, numa sociedade pouco chegada em negócios, até a compra de uma pano podia ser disfarçada com uma conversa e um chimarrão, ou ao menos podia ajudar um pouco a passar o tédio das intermináveis horas de atenção ao público.<sup>34</sup>

Alguns pratos e sobremesas podiam ser preparados em casa, ou podiam ser comprados de um vendedor ambulante especializado neste tipo de preparo. Uma destas comidas era a *mazamorra*, uma espécie de canjica. Este produto era preparado em casa, mas era preferida a comprada aos próprios *tamberos* ou a pessoas que se dedicavam a sua elaboração. O *mazamorrero*, geralmente um *criollo*, percorria as ruas com o seu cavalo. Diziam que a *mazamorra* comprada era sempre mais saborosa, fosse porque era utilizado o leite da campanha, mais puro que o leite comprado na cidade, ou porque o balanço de várias horas do carro ou do cavalo dava maior homogeneidade à mistura. O

---

<sup>32</sup>- Mata-hambre (*matafome*) é a carne que recobre as costelas e está aderida ao couro. Cf. DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 176 e 177; ECHEVERRÍA, E. *Op. Cit.*; e GORRITI, Juana Manuela “Cocina Ecléctica” Buenos Aires, Felix Lajouane Ed., 1890 ([http://www.clarin.com.ar/pbda/miscelanea/cocina\\_electica.htm](http://www.clarin.com.ar/pbda/miscelanea/cocina_electica.htm))

<sup>33</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 175; FUGL, J. *Op. Cit.*, pág. 34; e *Letter from Mr. McDonnel... Op. Cit.*

<sup>34</sup>- LÓPEZ, Lucio V. “La Gran Aldea” Buenos Aires, Ed. Tor, 1943 (1ª ed. 1882), pág. 45; e WILDE, J. A. *Op. Cit.*, pág. 234.

*mazamorrero* circulava pela cidade desde pouco antes do meio dia até as três horas da tarde, visitando as casas dos fregueses habituais e recebendo novos pedidos, enchendo as tigelas que depois seriam levadas à mesa.<sup>35</sup>

Outros alimentos elaborados e vendidos de porta em porta tinham como objetivo alimentar os setores populares. Por exemplo, as *empanadas* e as *tortillas*, entre outros. As *empanadas* (pastéis) eram feitas com uma massa à base de farinha, recheadas com carne cortada bem pequena, uvas passas e um pouco de açúcar por cima, para dar um sabor mais apurado, e fritos. Estas eram vendidas de casa em casa e nos cortiços. O mesmo acontecia com os *pasteles* (pastéis doces) e com as *tortillas* (batatas fritas com ovos e algum frio, como presunto ou lingüiça). Estes produtos eram vendidos pelos pobres urbanos, os *criollos*, fossem eles brancos, negros ou mulatos, vendiam estes produtos elaborados desde os tempos da Colônia como *mazamorra*, *empanadas* e *pastelitos*; os italianos, especialmente os napolitanos, vendiam estas comidas desde a década de 1860.<sup>36</sup>

A refeição popular também podia ser realizada na rua. Além dos vendedores ambulantes, que se instalavam numa esquina para vender as suas frutas, *tortillas*, frios, queijos e *mazamorra*, também existiam os postos que elaboravam os alimentos na hora. Estes primitivos *fast foods* estavam situados nos principais pontos de concentração da cidade, ou em locais próximos ao centro, para que pudessem ser melhor aproveitados pelos trabalhadores e transeuntes. Destas comidas rápidas, ou nem tanto, uma das favoritas dos portenhos era o peixe frito. As postas de peixe, fritas em enormes caldeirões, vendiam-se por pouco menos de 5 centavos. Não podiam ser muito caras, dado que o rio estava próximo e a banha de vaca era dada de graça nos abatedouros.

<sup>35</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 151 e WILDE, J. A. *Op. Cit.*, págs. 139 e 140. Uma receita de *mazamorra* em GORRITI, J. M. *Op. Cit.*

<sup>36</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 151 a 153 e ARGERICH, Antonio “¿Inocentes o culpables?” Madrid, Hyspamérica, 1985 (1ª ed. 1884), pág. 19.

Não só de peixe frito viviam as barracas de comidas prontas. Havia as especializadas em pães, *chorizos* (linguiças) assados ou cozidos e verduras cozidas. As barracas, embora permitidas pela polícia, atrapalhavam os transeuntes. Assim como as Estações das Estradas de Ferro eram os locais preferidos pelos vendedores de fruta, por ser o ponto de chegada de parte da produção que arribava do interior, o Hipódromo Argentino e outros locais de recreação eram os preferidos daqueles que vendiam *chorizos* e churrascos.<sup>37</sup>

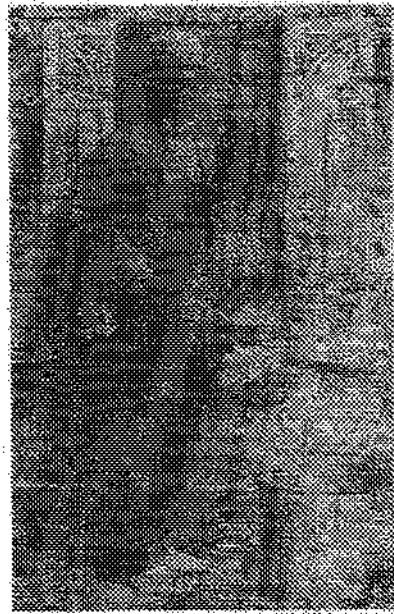


Fig. 1: Vendedor de *Mazamorra*. Foto vendida como cartão postal em Buenos Aires, nos primeiros anos do século XX. O afro-argentino vendedor ambulante e a *mazamorra*, dois vestígios do longínquo passado recente. Fonte: ANDREWS, G. R. *Los Afroargentinos de Buenos Aires*.

A alimentação nos tempos do *asado*, não era muito variada, sendo bastante homogênea entre os distintos grupos sociais. As mesas das famílias abastadas apresentavam praticamente os mesmos pratos que as das famílias dos empregados e funcionários e mesmo das famílias dos trabalhadores. As diferenças podiam estar na qualidade, na quantidade de alguns dos produtos e na origem dos mesmos. Por exemplo, aqueles que podiam beberiam vinho italiano, francês ou espanhol; fumavam

<sup>37</sup>- BATIZ, Adolfo "Buenos Aires, la ribera y los prostíbulos en 1880 (Libro rojo)" Buenos Aires, Agat-Taura, s/d (1<sup>a</sup> ed. 1908), pág. 75; e WILDE, J. A. *Op. Cit.*, pág. 321.



tabaco cubano ou escolhiam os melhores cortes de carne dos animais mais novos. Os talheres, pratos e tigelas, a apresentação e a abundância eram outros elementos de diferenciação. Se havia abundância nas mesas humildes, isto não significava qualquer tipo de desperdício, ao contrário do que acontecia nas famílias abastadas, na qual os restos da comida eram utilizados para alimentar os animais domésticos.

Fora isso, não existiam grandes diferenças. Um visitante observava que, apesar da fartura das mesas, os nativos não podiam ser considerados como gulosos nem como *gourmets*. A alimentação cotidiana era abundante em carnes vermelhas, acompanhadas de verduras, principalmente leguminosas. Ao meio dia o *puchero* reinava nas mesas da sociedade tradicional e nos cortiços.

Mas que era o *puchero*? É um parente próximo do cozido português e da *olla podrida*<sup>38</sup> espanhola. Era preparado com carne fervida, arroz e toda classe de hortaliças e legumes como pimentões, milhos verdes, abóboras, cenouras, cebolas, repolho, feijões, batatas e batatas doces, ou ao menos algum deles. A sua origem era ibérica, mas a afeição dos *criollos* pelo *puchero*, tinham-lhe dado carta de cidadania. Este era o principal prato local; sem ele os portenhos sentiam fome, tanto que, nas primeiras viagens a Europa, as famílias abastadas não conseguiam deixar de consumi-lo. Apesar da monotonia deste consumo, o preço total dos ingredientes faziam do *puchero* um prato indispensável nas mesas populares, fossem estas de nacionais ou imigrantes.<sup>39</sup> Para temperar este prato, e o resto das comidas, era praticamente indispensável utilizar o azeite forte, proveniente de Sevilha. Para finalizar, a mesma sobremesa que no almoço: frutas, pão com queijo e doce de marmelo, ou *mazamorra*. Nas mesas populares a carne

---

<sup>38</sup> - O nome de *olla podrida* é uma síncope da palavra do espanhol antigo *poderida*, que significa 'poderosa', ou seja, substanciosa. Isto para diferenciar a *olla poderida* da *olla*, o mesmo prato com menos carnes. Segundo um autor, este prato tem como origem a *Adafina* da cozinha judaica sefardita. Com a expulsão dos judeus de Espanha continuou a ser consumido, mas com *chorizo* de porco, o que permitia demonstrar as origens cristãs do comensal. Vide BATTOLLA, Octavio "La sociedad de antaño" Buenos Aires, Moloney & de Martino, 1908, pág. 92; e TANNAHILL, Reay "Food in History" London, Penguin Books, 1988 (1ª ed. 1973), pág. 241.

<sup>39</sup> - Com poucos centavos alimentava-se uma família, Cf. DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 176. Uma receita de um *puchero* requintado em GORRITI, J. M. *Op. Cit.*

assada era trocada pelo *puchero* ou pela farinha de milho, como *polenta* ou *guisada*. Nas mesas das classes abastadas havia vinho, nas demais só água.

A carne assada não fazia parte das mesas populares; o churrasco era mais caro, por ser feito de animais novos e tenros. Além do mais, nas moradias populares não havia muito espaço para fazer um fogo e montar uma grelha. Por outro lado, a carne consumida no *puchero* podia ser de qualidade inferior ou de animais mais velhos, não precisava ser tenra, amaciando com o tempo de cozimento. Pelos ingredientes já mencionados e pelo aproveitamento integral dos gêneros, o *puchero* era um prato barato e substancioso. Os muito pobres, que não comiam *puchero*, e conformavam-se com os *pastelitos*, as *empanadas* e a *mazamorra*.<sup>40</sup>

Outros pratos um pouco mais sofisticados consumidos nas mesas dos tempos do asado, e principalmente entre as famílias *criollas*, eram aqueles que aproveitavam outros elementos da produção local e regional, como a *carbonada*, um guisado de pêras e pêssegos. Entre as sobremesas preferidas estavam, além das já mencionadas, as *yemas quemadas* e o doce de ovos, aproveitando os ovos da casa. As comidas, especialmente as comidas populares *criollas*, caracterizavam-se pela mistura de elementos doces e salgados sem muita coerência e com o objetivo de aproveitar os recursos disponíveis. A falta de costume do consumo de bebidas alcoólicas levava muitos a acompanharem as refeições com café com leite, quando não água.<sup>41</sup>

As festas das famílias portenhas eram poucas. As principais comemorações familiares eram os santos e os aniversários. O Natal e o Ano Novo estavam fora das comemorações dos nativos e só faziam partes das celebrações dos estrangeiros. Nos poucos momentos de comilanças conjuntas os pratos tradicionais apareciam com maior

---

<sup>40</sup>- Temos que lembrar que a carne fervida concentra gorduras e a assada não. Cf. MONTANARI, Massimo "El hambre y la abundancia. Historia y cultura de la alimentación en Europa" Barcelona, Crítica, 1993, pág. 166. Sobre os consumos populares ARGERICH, A. *Op. Cit.*, pág. 89; DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, págs. 152 e 153. Sobre as noitadas *Ídem* LÓPEZ, L. *Op. Cit.*, pág. 182. Outras considerações sobre a alimentação porteña em SCOBIE, James "Buenos Aires. Del centro a los barrios" Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974), págs. 66 e 76.

<sup>41</sup>- BATTOLLA, O. *Op. Cit.*, pág. 86 a 93; DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 178 e LÓPEZ, L. *Op. Cit.*, pág. 182.

frequência. Podemos considerar estas festas como o momento principal da construção da identidade, quando a referência a determinados usos e costumes, considerados como próprios, permitiam o estabelecimento de laços de identificação a um determinado grupo, neste caso *criollos* diferenciados dos estrangeiros e os ‘estrangeiros’ entre si. Os estrangeiros, mais precisamente os franceses, ingleses e alemães, mostravam as suas diferenças comportando-se como verdadeiros ‘cristãos’, e não como ‘bárbaros’. Os *criollos* apelavam para seus pratos tradicionais e cotidianos – o que nos permite pensar que esta identidade era construída e afeiçoada no dia a dia – e a sua característica principal, a abundância.<sup>42</sup>

## 2.- Alimentação e expansão populacional: Transformações e continuidades

Os tempos do *asado* poderiam ser considerados como de preparo para o período da grande expansão populacional. Os imigrantes se integraram à nova sociedade, mas não renunciaram às suas características. Eles trouxeram na bagagem suas próprias experiências, anseios e necessidades. Viajaram sonhando com o País da Cocanha e acordaram em Buenos Aires.<sup>43</sup>

Para se ter uma idéia do crescimento total da população de Buenos Aires entre 1869, o primeiro censo nacional, e 1914, o último censo do nosso período, no quadro I apresentamos a evolução da população segundo os Censos do período.

QUADRO I  
Evolução da população de Buenos Aires (1869-1914)

Ano	Nacionais	Estrangeiros	Total
1869	94.963	92.163	187.026
1887	204.734	231.731	436.465

<sup>42</sup>- Um viajante de inícios do século XX dizia: “Yo probé allí un producto nuevo para mí, el ‘dulce de leche’ que no es más que leche hervida, azucarada y agitada durante tres horas con fuerza centrífuga. Se come como el caramelo y es extremadamente dulce e instantánea, pero los argentinos, muy golosos, adoran esa quintaesencia del azúcar, que se expende en todas las lecherías de Buenos Aires.” HURET, Jules “De Buenos Aires al Gran Chaco” Madrid, Hyspamérica, 1986 (1ª ed. em francês 1911), pág. 174. Sobre as diferenças entre *criollos* e estrangeiros vide DAIREAUX, E. *Op. Cit.*, pág. 253 a 254.

<sup>43</sup>- Sobre o choque entre o País da Cocanha esperado e a realidade, adverte ao imigrante SCARDIN, Francesco “Vita Italiana nell’Argentina. Impressione e note” Buenos Aires, Cia. Sudamericana de Billetes de Banco, 1899, pág. 19.

1895	318.375	345.479	663.854
1904	523.041	427.850	950.891
1909	670.513	561.185	1.231.698
1914	797.969	777.845	1.575.814

**Fonte:** Censos Nacionais (1869; 1895; 1904 e 1914) e Municipais (1887 e 1909). Em 1887, incluímos os povos de Flores e Belgrano, a partir do Censo de 1895 são parte da cidade.

Em pouco mais de 40 anos a população de Buenos Aires cresceu mais de 8 vezes. Foi preciso uma revolução nas formas produtivas para alimentar esta população. Certos consumos foram alterados ou incorporados para satisfazer novos desejos e necessidades; outros consumos mantiveram-se inalterados ou ampliados pelas novas técnicas produtivas.

## 2.a.- Transformações

A lógica da produção industrial produziu certas transformações. O grande número de pessoas concentradas na cidade de Buenos Aires consumia alimentos importados, por falta de produção, ou os alimentos produzidos localmente por artesãos. A indústria para funcionar precisa de consumidores, que estavam concentrados na cidade de Buenos Aires, sem poder cultivar ou criar o seu próprio alimento. Os produtos industrializados passaram a ser parte dos consumos dos habitantes de Buenos Aires, dentre eles os trabalhadores. Alguns produtos geraram a sua própria demanda, como aconteceu com a cerveja.<sup>44</sup>

A produção do período anterior era basicamente artesanal. Poucas unidades produtivas eram mecanizadas, apenas aquelas que dificilmente poderiam produzir se não fosse assim. A importação maciça contribuiu para satisfazer parte da demanda, mas com o aumento da produção dos elementos básicos e a necessidade de produtos frescos, que dificilmente compensariam o transporte ultramarino, certos produtos começaram a ser produzidos *in situ*.<sup>45</sup>

<sup>44</sup>- Sobre a dinâmica dos alimentos industrializados *Vide* MONTANARI, M. *Op. Cit.*, pág. 152 e 153.

<sup>45</sup>- Como exemplo podemos citar a cervejaria *Beckert*, fundada no final da década de 1860.

Esta ‘revolução’ na produção de alimentos fez crescer os estabelecimentos produtivos, tanto que, no final do nosso período, a indústria alimentar era uma das indústrias mais avançadas e de maior envergadura. Os avanços foram surpreendentes e acelerados. As pequenas manufaturas domésticas tiveram de crescer para abastecer nacionais e imigrantes, setores abastados e trabalhadores. Era preciso então um volume crescente e diversificado de alimentos para responder à demanda dos distintos setores urbanos. Começaram a ser elaborados produtos com um certo requinte, dirigidos às classes médias e altas, mas também produtos baratos, que tinham como destino as mesas proletárias. A indústria da alimentação de Buenos Aires partiu de um patamar tecnológico muito baixo e com mão-de-obra pouco qualificada, mas ao longo do nosso período cresceu para recuperar o terreno perdido e conquistar o mercado consumidor.<sup>46</sup>

O crescimento da população e a concentração de pessoas no centro da cidade de Buenos Aires, resultaram numa série de memórias dos velhos tempos. Estas memórias são um indicador das transformações que aconteciam na cidade. Desde o início das grandes migrações, um heterogêneo grupo de pessoas e famílias, procedentes de distintos pontos da Europa, reuniram-se em poucos quarteirões ao redor da *Plaza de Mayo* e outros tantos no porto de *La Boca*. Sem condições de produção doméstica, tiveram que recorrer aos mecanismos do mercado para se prover de alimentos.

As conseqüências imediatas destas necessidades evidenciaram-se na importação de alimentos básicos – como por exemplo a farinha –, e na proliferação de fraudes e falsificações. A qualidade dos alimentos produzidos experimentou um certo retrocesso. De fato, o mercado de massas exigia uma produção maior e cada vez mais diversificada para satisfazer os diversos gostos e tradições culinárias. O resultado direto desta expansão foi a queda da qualidade. Os produtos básicos tinham que ser esticados, certos aditivos começaram a ser utilizados para melhorar o aspecto e as condições dos

---

<sup>46</sup>- Em 1919 a indústria alimentar de Buenos Aires abastecia 91% da demanda local. Cf. ROCCHI, Fernando ‘*La armonía de los opuestos: Industria, importaciones y la construcción urbana de Buenos Aires en el periodo de 1880-1920*’ IN: “*Entrepasados*. Nº 7” Fines de 1994, págs. 47 e 54.

produtos, bem como alguns conservantes, que permitiram que os prazos de conservação fossem maiores.

De qualquer forma, a piora da alimentação deve ser considerada em termos relativos, ou seja, comparada à produção local anterior, e não aos consumos prévios dos imigrantes. Se considerarmos que a quantidade dos alimentos crescia e que quase todos os habitantes de Buenos Aires podiam alimentar-se 'fartamente', então temos uma melhora em relação ao local de saída. É provável que os consumos cotidianos perdessem em qualidade, mas o lucro passou a estar na quantidade e na variedade dos produtos consumidos. A perda da qualidade, devido ao processo de industrialização, está evidenciada pelas denúncias de fraudes – como no caso do leite. Por outro lado, o processo de industrialização ocasionou perdas reais, que foram vivenciadas como uma melhora do padrão de vida, como aconteceu com o pão. As novas técnicas de moagem, que tiravam o farelo do trigo, deixavam o pão mais branco, o mais desejado pelos pobres.<sup>47</sup>

Outro tipo de melhora que deve ser considerada está na incorporação de produtos que estavam fora do alcance dos trabalhadores imigrantes nos seus países de origem, como a carne e o pão branco, além dos hortifrutigranjeiros. Além do mais, temos que lembrar que o século XIX tem sido considerado como um período de incorporação de novos gêneros alimentares, resultado da industrialização, da expansão das produções e da sua difusão entre os consumidores menos abastados.<sup>48</sup>

Segundo um historiador dos consumos de Buenos Aires, a produção deixou de ser artesanal para atingir um número cada vez maior de consumidores. Desta forma, os produtos passaram a ser padronizados, deixando de lado os gostos particulares. Na passagem de um tipo de consumo e de produção a outro, as indústrias locais cresceram

---

<sup>47</sup>.- O mesmo acontecia com o arroz.

<sup>48</sup>.- Sobre este processo na Europa *Vide* TANNAHILL, R. *Op. Cit.*, págs. 328, 330 e 331.

explosivamente, acompanhando o aumento da procura e as mudanças nos gostos populares em função da centralização do mercado.<sup>49</sup>

No período anterior, o consumo alimentar não era um dos elementos de diferenciação entre as classes sociais. A estrutura dos consumos eram similares; as divergências podiam estar na qualidade e na quantidade. Mas com o crescimento da população, outros fatores passaram a ser importantes no estabelecimento dos padrões alimentares. A estrutura de transportes foi central. Os comboios ferroviários podiam transportar rapidamente grandes quantidades. Assim, com a ampliação da rede ferroviária, os produtores de regiões afastadas, como *Mendoza*, o sul da província de Buenos Aires, *Río Negro*, *Córdoba*, etc., aproximaram-se do grande mercado consumidor, a cidade de Buenos Aires. Mesmo que as Estradas de Ferro tivessem como objetivo escoar as produções exportáveis, parte das mesmas foram consumidas internamente e abastecendo a capital. Por outro lado, fora dos períodos de colheita, outros produtos chegavam até os mercados portenhos, como batatas, leite, vinho, peixes e frutas, entre outros.

A estrada de ferro teve um efeito multiplicador nas duas pontas. Aqueles produtores que estavam afastados dos centros urbanos conseguiram escoar as suas produções excedentes em direção a Buenos Aires, ou para outras cidades do litoral. Antes da grande expansão das linhas férreas, era economicamente inviável que aquelas produções que não tinham como destino a exportação pudessem sair do circuito regional. Muitas destas produções ficavam limitadas ao autoconsumo, sem possibilidades de expansão. A expansão das ferrovias – muitas vezes chegando a locais despovoados – permitiu que as produções regionais crescessem ao ritmo das

---

<sup>49</sup>- Uma análise do crescimento e da variedade dos consumos, do ponto de vista da oferta, *vide* ROCCHI, Fernando 'Consumir es un placer. La industria y la expansión de la demanda en Buenos Aires a la vuelta del siglo pasado' IN: "Desarrollo Económico N°148" Buenos Aires, Marzo de 1998, pág. 543. E ainda ADELMAN, Jeremy 'The political economy of labour in Argentina. 1870-1930' IN: ADELMAN, J. (Ed.) "Essays in Argentine Labour History. 1870-1930" London, The Macmillan Press, 1992, pág. 7.

necessidades urbanas. Noutros casos foi a via férrea que levou para o interior as manufaturas concentradas em Buenos Aires.

O leite é um exemplo. As unidades produtivas (*tambos*) e algumas das grandes usinas lácteas – como *La Martona* –, começaram a se localizar longe da cidade, em locais com espaço para um número maior de animais. Os alimentos que se estragavam rapidamente também foram favorecidas pela velocidade de chegada aos centros consumidores. Assim, o peixe de *Mar del Plata* e as frutas de *Río Negro* e *Mendoza* chegavam em poucas horas aos mercados portenhos, frescos e em condições de serem consumidos.

Na outra ponta da estrada de ferro, na cidade, maiores quantidades de alimentos e uma gama de produtos mais ampla permitiam atender a demanda dos diversos grupos sociais e étnicos. Desta forma, integravam-se regiões muito distantes com a *Pampa Húmeda* e, principalmente, com Buenos Aires, o centro industrial e consumidor por excelência.<sup>50</sup>

Muitas das indústrias portenhas viram-se condicionadas pelas ferrovias, que influenciaram diretamente a localização dos estabelecimentos alimentares. Estas indústrias estavam situadas nas redondezas das estações, onde os produtos primários chegavam do campo. Desta forma, levava-se rapidamente os produtos ao mercado consumidor, o que era de vital importância, tratando-se de produtos pouco duradouros. Assim, as fábricas de biscoitos e chocolates preferiam as proximidades da estação *Constitución* – ponto final do *Ferrocarril Sud*, que trazia o trigo do Sudeste bonaerense – e do porto da cidade – ponto de concentração dos moinhos –, nos bairros de *Barracas*, *Constitución* e *Parque Lezama*; as usinas lácteas preferiam as estações de *Once* – no bairro

---

<sup>50</sup>.- Para a evolução das estradas de ferro na Argentina *vide* CORTÉS CONDE, Roberto “*El Progreso Argentino. 1880-1914*” Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1979, págs. 78 a 89; Para o transporte de carga págs. 99 a 105.



do mesmo nome – ou *Constitución* – em *Constitución*, *Barracas* e *La Boca*, porque o leite chegava a Buenos Aires por estes pontos.<sup>51</sup>

As indústrias portenhas cresciam com o processamento dos produtos primários chegados do interior e enviavam novamente estes produtos, já manufacturados, para os mesmo locais de saída. Isto levava a uma concentração maior de pessoas em Buenos Aires para poder atender as necessidades das manufacturas. O incremento da população levou a uma maior demanda de alimentos e no crescimento das indústrias alimentares que em pouco tempo conseguiram atender a população. Abastecidas com as matérias primas chegadas das novas zonas produtoras, essas indústrias foram substituindo as importações de determinados produtos, como acontecia com os biscoitos e as massas. Esta incipiente substituição das importações estava concentrada nos produtos de qualidade mais baixa e destinados ao consumo de trabalhadores e imigrantes. Os produtos *finos*, destinados aos setores abastados, continuavam a ser importados.<sup>52</sup>

Um caso interessante nas transformações e impacto da industrialização foi o da produção de cerveja. A industrialização mudou os hábitos de consumo. A cerveja produzida durante o período colonial, e até a década de 1860, era vendida pelos vendedores ambulantes de café nas praças do centro da cidade. Era um líquido escuro e azedo que não satisfazia os consumidores portenhos. Só na década de 1860 foi instalada a primeira cervejaria industrial em Buenos Aires, a *Bieckert*. Eles produziram uma cerveja clara e de melhor qualidade, deixando a venda nas ruas e passando aos cafés. Sem igualar as cervejas importadas, a *Bieckert* concorria com preços menores. A escolha desta cervejaria foi produzir em quantidade para fornecer o mercado de massa. Na década de 1880, os donos franceses da *Bieckert* instalaram uma fábrica de grandes dimensões, com o concurso de capitais ingleses, fora da Capital, em Llavallol. E ainda

---

<sup>51</sup>- ROCCHI, F. *La armonía ... Op. Cit.*, pág. 53.

<sup>52</sup>- ROCCHI, F. *La armonía ... Op. Cit.*, pág. 47.

surgiu um concorrente, a *Quilmes*, da família Bemberg, que ergueu um grande estabelecimento na cidade homônima.

A cerveja era recomendada pelos higienistas, porque permitia repor as forças dos trabalhadores sem as desagradáveis conseqüências de outras bebidas alcoólicas, e com um preço menor que o vinho. O consumo de cerveja cresceu 8 vezes entre 1891 e 1913 – enquanto que a população cresceu pouco mais de 3,5 vezes. A cerveja importada foi sendo substituída pela produção local de uma cerveja clara, tipo *Pilsen*. A venda em garrafas estimulava o consumo doméstico, já não sendo preciso ir a um café. No verão, algumas fábricas estimulavam a utilização do chope doméstico. Um cronista entendia que o incremento no consumo de cerveja era por imitação dos costumes dos ingleses e alemães que moravam em Buenos Aires; a explicação estaria na qualidade – se comparada com o vinho local – e o preço.<sup>53</sup>

A alimentação de grande parte do nosso período pode ser considerada como de transição entre dois momentos bem diferenciados. Os tempos do *asado* estiveram marcados pelos consumos tradicionais: a maior parte dos alimentos eram frescos e elaborados domesticamente; aqueles que requeriam algum tipo de elaboração para o consumo – como a farinha ou a erva-mate – eram submetidos a processos tradicionais, pouco sofisticados e praticamente sem a incorporação de conservantes ou aditivos que melhorassem ou aprimorassem as suas condições organolépticas. A comercialização dos alimentos concentrava-se nas vendas – como as *pulperías* –, onde se misturavam todo tipo de gêneros, alimentares ou não, e em postos de rua. No período posterior, a maior parte dos alimentos passaria por algum tipo de processamento, proliferando as conservas. Os estabelecimentos produtivos passaram a utilizar elementos anteriormente

---

<sup>53</sup>.- Vide 'La producción argentina' IN: "Boletín de la Unión Industrial Argentina. N°84" 31/X/1888, pág. 2; 'Cerveza Palermo en barril' IN: "Boletín de la Unión Industrial Argentina. N°361" 20/XII/1898, pág. 21; ANIBAL LATINO *Op. Cit.*, pág. 20; CHUECO, Manuel "Los pioneros de la Industria Nacional" Buenos Aires, Imp. de La Nación, 1886, pág. 105; DAIREAUX, Emile "Vida y Costumbres en el Plata. Tomo II: Industrias y productos" Buenos Aires, F. Lajouane Edit., 1888, págs. 99 e 128; e URIEN, Carlos e COLOMBO, Ezio "La República Argentina en 1910" Buenos Aires, Maucci Hnos., 1910, págs. 540 e 541.

desconhecidos e aproveitar os avanços químicos e físicos para melhorar as condições e prolongar os prazos de conservação dos alimentos. A venda foi ordenada, fiscalizada e realizada em locais específicos, como as mercearias, os mercados e as feiras.

Neste sentido, podemos pensar que os anos compreendidos entre 1870 e 1920 foram um período de preparação, ou melhor, um período de transição entre uma economia pecuária rural e tradicional e uma economia industrial e urbana. Foi um período de convivência entre dois tipos de economia e produção. Portanto, quando mencionamos as transformações acontecidas num setor, estas referem-se à tendência e às mudanças que podiam estar sendo desenvolvidas por um ou por vários estabelecimentos, mas não significa que não continuassem em funcionamento as antigas produções, ou mesmo que surgissem novas unidades produtivas utilizando as velhas técnicas e materiais.

Finalmente, qual a origem destas transformações? Qual o agente da transformação? Halperin Donghi se pergunta se os imigrantes foram o agente da “modernização” ou, pelo contrário, foram “modernizados” através da sua experiência na sociedade receptora?<sup>54</sup> A resposta não pode ser de mão única. Como veremos, os imigrantes introduziram certas mudanças na estrutura alimentar portenha, ao esmo tempo que incorporavam certos produtos e padronizavam seus consumos como produto do avanço do processo de industrialização. Esta não é uma pergunta que possa ser respondida pela afirmativa ou pela negativa. Além do mais, sociedade receptora e imigrantes foram agentes da transformação, mas não da modernização como uma estratégia deliberada para abandonar as estruturas “tradicionais”.

## 2.b.- Continuidades

---

<sup>54</sup>- HALPERIN DONGHI, Túlio 'Algunas observaciones sobre Germani, el surgimiento del peronismo y los migrantes internos producción argentina' IN: “Desarrollo Económico. N°56” Enero-Marzo de 1976, pág. 769.

A continuidade nos consumos está relacionada a dois produtos básicos da dieta portenha: a carne e o *mate*.<sup>55</sup> Apesar das transformações do período, estes produtos mantiveram a preferência dos portenhos e dos recém-chegados que faziam parte das classes trabalhadoras. A carne e o chimarrão incorporavam-se à dieta dos imigrantes com velocidades diferentes. A carne era o principal alimento do portenho antigo e era aceita rapidamente pelos imigrantes, sendo parte central da dieta dos trabalhadores e das suas famílias. Depois de um tempo de adaptação, era incorporado aos consumos cotidianos dos imigrantes.

Na cidade de Buenos Aires o consumo de carne *per capita* permaneceu sempre acima dos 90 kg anuais, mas no início do nosso período oscilou em torno dos 140 kg anuais *per capita*.<sup>56</sup> Ante estas quantidades, os 13 kg consumidos na Itália, no período pós unificação (1861-1870), ou os 15 kg, entre 1901 e 1910, eram praticamente insignificantes.<sup>57</sup>

O consumo de carnes manteve-se alto até 1908, quando começou um notório declínio deste consumo. Em 1822 consumiram-se em Buenos Aires 173 kg de carnes por pessoa por ano. Esta quantidade, que parece muito elevada, foi superada na década de 1890. O consumo cresceu ao longo da década de 1880, superando os 180 kg em 1895 e 1898. Mas o consumo caiu rapidamente. Na década de 1900, oscilava em 130 e 110 kg por pessoa por ano, atingindo em 1919 os 90 quilos, distribuídos da seguinte forma: 75 quilos de carne bovina, 14 de ovina e 5 de suína. O consumo tinha experimentado uma queda de 50%, iniciando-se a procura por outros alimentos que compensaram tamanha redução.<sup>58</sup> A tendência no consumo de carnes foi descendente,

55.- Quando mencionamos a "carne" estamos nos referindo à carne de 3 tipos, nas proporções a seguir: bovino (84%), ovina (15%) e suína (1%). O *mate* ou chimarrão é a infusão da erva *Ilex Paraguayensis*.

56.- Cf. BUNGE, Alejandro "Los problemas económicos del presente. Vol. I" Buenos Aires, s/d, 1920, pág. 203.

57.- Nas décadas iniciais do século XIX o consumo de carnes na França e na Alemanha não passava de 14 a 20 kg. Cf. LIVI-BACCI, M. *Op. Cit.*, págs. 146 a 148; MONTANARI, M. *Op. Cit.*, pág. 153.

58.- Para 1901 *Vide* "Los obreros y el trabajo. Causa de la crisis obrera. La alimentación en Buenos Aires. Su insuficiencia. Merma de 108.599 cabezas en el abasto. Déficit de 17.000.000 de carne. V" IN: "La Prensa" 20/VIII/1901, pág. 5, e BUNGE, A. *Op. Cit.*, pág. 203.

com recuperações circunstanciais. É evidente que o principal motivo da queda no consumo de carnes estava relacionado diretamente com a alta do preços.<sup>59</sup>

A crise do final do século XIX e início do XX produziu uma queda no consumo de carnes. Esta queda pode ser tomada como um ponto de inflexão e o início da substituição da carne por outros gêneros alimentares. A menor quantidade de carne para o abastecimento popular começou a preocupar os membros das elites quanto às conseqüências que a mesma podia ter. A cada crise, outros produtos, como o pão ou as batatas, substituíam parcialmente a carne; após as crises o consumo recuperava-se, mesmo sem chegar aos patamares anteriores. A substituição da carne foi gradativa, devendo-se à expansão da oferta de alimentos e ao crescimento da indústria alimentar. O consumo por pessoa por ano de pão, por exemplo, passou de 48 kg, em 1890, a 82, em 1905. O crescimento no consumo de pão foi oscilante, mas em 15 anos quase tinha sido duplicado.<sup>60</sup>

Quando uma arroba de batatas tinha o mesmo preço que um quilo de carne, esta substituição produzia-se de fato. As famílias operárias optavam pelas batatas. Mas isto não indica uma elevação das condições de vida; pelo contrario, um consumo consuetudinário e elogiado por médicos e higienistas era substituído por outro menos apreciado. A avaliação era similar para os recém-chegados, que tinham que abrir mão de um gênero tão desejado, e para os portenhos que, ainda depois da virada do século, continuavam a basear a sua alimentação na carne.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup>.- Cf. MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES *Annuarios Estadísticos de 1891 a 1925*; MARTÍNEZ, Alberto 'Estudio topográfico de Buenos Aires' IN: "Censo general de población, edificación, comercio e industrias de la ciudad de Buenos Aires. 1887. Tomo I" Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco. 1889, pág. 226; SANTIGOSA, Carlos María "El Río de la Plata. Montevideo, Buenos Aires (Recuerdos de viaje)" Sevilla, Heraldo Sevillano, 1906, pág. 184; e UNITED KINGDOM "British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX, 1914. Diplomatic and Consular Reports. Argentine Republic. Report for the year 1912 and part of the year 1913 on the trade of the Consular District of Buenos Aires" London, HMSO, 1914, pág. 40.

<sup>60</sup>.- Cf. *Los obreros y el trabajo. Causas de la crisis obrera...* Op. Cit.; e *Annuarios Estadísticos de 1891 a 1906...* Op. Cit.

<sup>61</sup>.- HOLDICH, Thomas Hungerford "The countries of the King's award. Argentina & Chile" London, Hurst & Blackett, 1904, pág. 60. Uma arroba equivale a uns 15 kg.

Substituir a carne era muito difícil para aqueles que já estavam habituados a ela. O gado *vacum* tinha alimentado os habitantes da cidade e do país, desde o final do século XVI. Ao contrário da ovelha na Inglaterra, a vaca convivía com o cultivo de cereais e o crescimento do rebanho não ocasionou a alta dos preços dos cereais, como nos Estados Unidos. Pelo contrário, o gado na Argentina crescia nas regiões afastadas e pouco propícias para o cultivo de grãos, passando apenas um pequeno período nos chamados ‘campos de engorda’, próximos à Capital. Quando coincidia com alguma cultura, a vaca entrava nos campos para fertilizá-los e alimentar-se das forragens, cultivadas para enriquecer o solo.<sup>62</sup>

A tensão socioeconômica produzida pela crise de 1890 – quando a desvalorização da moeda influiu no aumento indiscriminado dos preços, inclusive no preço da carne –, os poderes públicos defrontaram-se com a necessidade de abafar a crise. Neste caso, como a origem dos problemas estava nos mecanismos financeiros nacionais, e não em distúrbios na produção, o conflito foi contornado com a distribuição gratuita de carne nos bairros pobres da cidade, o que pode ter ajudado a esvaziar a tentativa revolucionária dos partidários de Alem e Irigoyen, em julho de 1890.<sup>63</sup>

Neste momento foram tomadas outras medidas para baixar o preço da carne, como a criação da *Comisión Municipal para el abaratamiento de la carne*, integrada por alguns produtores de gado. A Comissão atuava como um comerciante mais, tentando furar o esquema dos especuladores. O resultado foi a venda de carne a baixos preços, o que permitiu a superação da crise.<sup>64</sup> Numa outra oportunidade, em 1910, nos dias da

<sup>62</sup>- Sobre os Estados Unidos *vide* HARRIS, M. *Op. Cit.*, págs. 124 e 125; e MORGAN, Daniel “**Los traficantes de granos**” Buenos Aires, Abril, 1984 (1ª ed. em inglês: 1979), pág. 101. Sobre as técnicas utilizadas para melhorar as terras e os ‘campos de engorda’ HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 124 a 126 e 142.

<sup>63</sup>- *vide* GUTIERREZ, Leandro ‘*Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires: 1880-1914*’ IN: “**Revista de Indias N°163/164**” Madrid, 1981, pág. 192.

<sup>64</sup>- *Cf.* ‘*Abaratamiento de la carne*’ IN: MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES “**Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año 1, 1891**” Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1892, págs. 208 e 209. Um diplomata britânico elogiou esta atitude como forma de vencer os *trust*. UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “**Annual series N° 1147. Diplomatic and Consular reports on trade and finance. Argentine**

comemoração do Centenário, o Município avaliava um projeto do Diretor da Saúde Pública para viabilizar a venda de carne de burros e cavalos como forma de reduzir o preço da carne de vaca e controlar as fraudes. O projeto não foi aprovado e as fraudes continuaram.<sup>65</sup> A distribuição gratuita de carne ainda podia ser realizada em momentos festivos, e não somente para contornar alguma crise. A distribuição de carne entre os pobres era algo habitual; era anunciada nos jornais e beneficiava os presentes no momento. Para comemorar o 25 de Maio de 1910, data do Centenário, seriam distribuídas 5 reses em *La Boca*.<sup>66</sup>

A carne podia ser distribuída de graça em instituições de assistência, como complemento da alimentação das crianças pobres. Uma fatia de carne acompanhava o pão e o leite. As crianças recebiam assim os 3 elementos básicos da alimentação portenha. Os *atorrantes* tinham a possibilidade de comer um prato de carne e sopa na assistência pública ou, no pior dos casos, procurar um pedaço de carne jogado nas lixeiras da cidade.<sup>67</sup>

Mas não era o Estado o único que dava carne grátis. Os próprios açougueiros davam de presente aqueles cortes da vaca de difícil comercialização. Um imigrante conta que sua mãe, uma piemontesa chegada antes da Grande Guerra, gostava muito

---

Republic. Report for the year 1892 on the general condition of the Argentine Republic” London, HMSO, 1893, pág. 26.

<sup>65</sup>- *Ídem* ‘Carne para pobres’ IN: “*La Vanguardia*” 2/V/1910. Sobre a continuidade das vendas de carne de cavalo e burro como fraude ARGENTINA, MINISTERIO DEL INTERIOR “*Memoria del Ministerio del Interior (1915-1916)*. Vol. 2” Buenos Aires, Talleres Gráficos de L. J. Rosso, 1916, pág. 727. A substituição da carne de cavalo pela carne de vaca entre os pobres tinha dado certo na França. *Ídem* TANNAHILL, R. *Op. Cit.*, pág. 318.

<sup>66</sup>- A distribuição de carnes também pode ter ajudado para descomprimir a tensão social. GUTIERREZ, L. *Op. Cit.*, págs. 191 a 194 e SCOBIE, J. *Op. Cit.*, págs. 176 e 177. Maiores dados em ‘*Abaratamiento de la carne*’ IN: MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES “*Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año 1, 1891*” Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1892, págs. 208 e 209 ‘*Reparto de carne a los pobres*’ IN: “*La Nación*” 17/V/1910, pág. 5.

<sup>67</sup>- Para a distribuição de carne a crianças *vide* MORENO, Francisco Pascasio “*Alimento de los niños menesterosos de las escuelas primarias*” Buenos Aires, Imp. Weiss & Preusche, 1914, pág. 8. Outras instituições de assistência que repartiam alimentos em BRANT, Mario “*Viaje a la Argentina*” Buenos Aires, Ed. Botella al mar, 1980 (1ª ed. em português: 1917), pág. 137. Sobre a procura de carne nas lixeiras *vide* BARRET, Rafael ‘*Moralidades actuales*’ IN: “*Obras Completas. Tomo I*” Buenos Aires, Ed. Americalee, 1954 (1ª ed. 1908), pág. 20.

do fígado bovino. O açougueiro não cobrava este corte, que era para alimentar os gatos.<sup>68</sup>

Quase um século depois das apreciações de Darwin, o controle do abastecimento de carne continuava a ser de vital importância para as autoridades nacionais e municipais. O *panis et circencis* romano tinha sido adaptado para “*carne, sable y circo*” em Buenos Aires.

A carne tinha para os imigrantes uma forte importância simbólica que não pode ser medida unicamente pelas quantidades consumidas. É preciso considerar que na Europa a carne vermelha era a principal fonte de proteínas. As carnes faziam parte das mesas nobres e burguesas, escasseando nas mesas populares. As carnes tinham sido consumidas profusamente na Europa desde a Alta Idade Média. A cultura romana não era carnívora, mas os germanos introduziram o consumo de carnes e de outros produtos animais nas mesas europeias, vencendo os preconceitos culturais romanos sobre a ingestão de produtos incultos, sinônimos de barbárie. É provável, ainda, que o consumo de carnes fosse elevado nos últimos dois séculos do Medievo, caindo a partir de então até o nível mínimo, no início do século XIX, para iniciar uma lenta recuperação. Assim, o consumo da carne estava reduzido aos dias de folga e lazer, dando então um caráter festivo à abundância de carnes da Argentina.<sup>69</sup>

O consumo de carne não estava limitado pelo desconhecimento, mas pela escassez e pelo preço. Desde a Idade Média o cerdo foi a principal carne consumida pelos camponeses europeus, seguido pelos bodes e frangos. A vitela e a carne de vaca eram destinadas aos poderosos e, excepcionalmente, às classes subalternas. Nas cidades

---

<sup>68</sup>- Assim como fígado, os pulmões, outras vísceras e a banha eram dadas de presente. Entrevista de Vittorio Mario Borio. *Apud*. CORTI, Paola ‘Emigrazione e consuetudini alimentari. L’esperienza di una catena migratoria’ IN: “*Storia D’Italia. Annali 13. L’alimentazione*” Torino, Einaudi, 1998, pág. 700.

<sup>69</sup>- Sobre a introdução da carne na Europa *vide* CAPATTI, A. e MONTANARI, M. *Op. Cit.*, págs. 5 e 76; sobre a evolução do consumo na Europa *Cf.* LIVI-BACCI, M. *Op. Cit.*, págs. 146 a 147. este autor chama a atenção para a falta de fontes para avaliar a evolução do consumo de carne. Outros dados para Europa TEUTEBERG, Hans Jurgen e FLANDRIN, Jean Louis ‘Transformações do consumo alimentar’ IN: FLANDRIN, J-L e MONTANARI, M. *Op. Cit.*, pág. 717.



era possível ter acesso a outros tipos de carnes, principalmente pela existência de mercados e pela venda em pedaços, o que facilitava a compra segundo as necessidades. Os europeus só receberam as carnes em abundância quando estas começaram a chegar da América e da Oceania, na virada do século; até lá a falta de carnes, especialmente de carne de vaca, foi crônica.<sup>70</sup>

As carnes ingressaram inicialmente na Inglaterra, que precisava alimentar um número crescente de operários. O acordo com a Argentina foi claro e direto: a Inglaterra enviava manufaturas e gado reprodutor e a Argentina comprometia-se a priorizar o mercado inglês na venda de carnes congeladas, primeiro, e refrigeradas, depois. Desta forma, o rebanho de gado *criollo* foi melhorando lentamente. Foi possível passar de um rebanho de baixa qualidade para outro com bons produtores de carnes, como os *Durham* e *Heresford*, ou leite, como as *Jersey*.<sup>71</sup>

As carnes de carneiro e ovelha eram bastante apreciadas no Río de la Plata, mas a produção destas carnes era maior que o consumo. As carnes ovinas, principalmente da raça *Lincoln* inglesa, eram para o mercado externo, mais precisamente para a Inglaterra. Isto explica a preferência na criação de gado desta origem a partir da década de 1880. O gado suíno era criado em quantidades quase insignificantes – 1% da produção total. Assim, um habitante de Buenos Aires comeria, durante um mês, carne de vaca em 28 dias e nos dois restante carne de ovelha. A carne de porco só seria consumida, por termo médio, umas três a quatro vezes por ano. Apesar de a Argentina ter sido considerada a “futura terra dos porcos”, devido à grande produção de cereais, a carne deste animal era pouco apreciada. O porco era considerado um animal sujo, porque era criado em condições pouco higiênicas, alimentado com sobras e lixo. Desta

---

<sup>70</sup>- Cf. CAPATTI, A. e MONTANARI, M. *Op. Cit.*, págs. 77 a 81.

<sup>71</sup>- Cf. HURET, J. *Op. Cit.*, págs. 136, 137 e 164.

forma, passou a ser uma carne consumida pelos muito pobres e alguns estrangeiros. As descrições sobre a criação de porcos reforçam esta imagem.<sup>72</sup>

As aves, em geral, eram pouco estimadas, tanto pelos portenhos quanto pelos imigrantes. Corriam lendas sobre os monturos, dizia-se que lá *atorrantes*, catadores de lixo e judeus sem escrúpulos catavam as aves mortas para vendê-las a açougueiros cúmplices. As galinhas eram criadas na própria casa ou no *comentillos*. Alimentadas com sobras, eram como pequenas “recicladoras” do lixo orgânico doméstico. A função das aves era a produção de ovos, consumindo-se aquelas que não tinham mais condições de pôr. Outras aves tinham menos prestígio entre os trabalhadores, embora fossem abundantes. As classes abastadas, pelo contrário, aproveitavam as aves, inclusive aquelas de caça, podendo pagar altos preços por animais magros, que mal davam para matar a fome.<sup>73</sup>

O consumo de um tipo de carne não é universal, nem mesmo naqueles locais com possibilidades de consumo de qualquer classe de carne. Nos Estados Unidos do nosso período, por exemplo, o porco era a carne principal, enquanto o ovino era um consumo marginal. Na Argentina, a criação do ovino teve a sua razão principal na lã, sendo consumidos os que não serviam para este fim. Na virada do século, o ovino passou a ter uma grande importância como produtor de carne para a exportação. Nos Estados Unidos, a criação de ovinos inicialmente esteve restrita pela Inglaterra e depois, pelos criadores de bovino, que ganharam a disputa pelas extensas pradarias americanas.

---

<sup>72</sup>- Sobre a Argentina como a ‘terra dos porcos’ ELLIOT, Lilian E. “**The Argentine of To-day**” London, Hurst and Blackett, 1925, pág. 29. Sobre as condições da cria de porcos *Vide* HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 56; e ‘*Paisajes suburbanos. Lo ignorado en Buenos Aires*’ IN: “**La Prensa**” 2/XI/1901, pág. 3.

<sup>73</sup>- A lenda das aves podres e sobre a criação de galinhas *Vide Paisajes suburbanos...Op. Cit.* Sobre a criação doméstica de aves BARZINI, Luigi “**L’Argentina vista como è**” Milano, T. del Corriere della Sera, 1902, pág. 20; GONZÁLEZ ARRILLI, B. *Op. Cit.*, pág. 70; e LUPATI, Cesarina “**Vita Argentina. Argentini e italiani al Plata**” Milano, Frat. Treves, 1910, pág. 118. A apreciação das aves em TURNER, Thomas “**Argentine and the Argentines. Notes and impressions of a five years’ sojourn in the Argentine republic, 1885-1890**” London, Swan Sonnenschein & Co., 1892, pág. 104; e SANTIGOSA, C. M. *Op. Cit.*, pág. 184.

A distância entre os centros produtores de lã e os centros urbanos fizeram o resto. O que não sucedia em Buenos Aires.<sup>74</sup>

Outra carne vermelha que teve pouca ou nenhuma aceitação foi a do gado cavalar. Todas as tentativas realizadas para baratear o preço da carne recorrendo à venda de carne de cavalo, mulas e asnos foram rejeitadas. Na Argentina esta carne era consumida entre os *gauchos* e os indígenas; por ser mais tenra, apreciavam esta carne, deixando o gado bovino para vender aos espanhóis e aos seus descendentes. Embora na França fosse uma carne bastante apreciada, na Argentina a carne do cavalo, como outras carnes, sofreu o estigma de ser a carne dos desesperados e famintos. Porém, os habitantes de Buenos Aires continuaram a consumi-la, mesmo sem sabê-lo, devido às fraudes e ao seu uso irregular na indústria de frios.<sup>75</sup>

As carnes vermelhas em geral, e a carne de vaca em particular, chamaram a atenção dos Europeus que chegavam ao *Río de la Plata*. Informes e crônicas mostram como a carne *vacum* passou a fazer parte dos consumos e necessidades dos recém-chegados. O seu custo e abundância foram um lugar comum neste tipo de narrativas.

A quantidade de carne vermelha, e especificamente de carnes bovinas, com que os imigrantes se depararam não teve uma aceitação imediata. O tipo de gado *vacum* era diferente, embora o rebanho e as formas de criação estivessem em transformação. A qualidade não agradava a todos, embora existissem controvérsias, sobretudo entre aqueles que se mostravam mais otimistas e aqueles saudosos de casa, o que gera certas contradições. A opinião do Cônsul britânico, num relatório enviado em 1892, estava dividida entre elogiar o baixo preço e a quantidade de carne consumida ou criticá-la por ser ‘menos alimentícia’ que a inglesa. Não faltava quem radicalizasse colocando até a carne do Rio de Janeiro como de melhor sabor que a consumida em Buenos Aires.<sup>76</sup>

<sup>74</sup>- Dados sobre os Estados Unidos em HARRIS, M. *Op. Cit.*, págs. 122 e 123.

<sup>75</sup>- ‘Carne para pobres’ IN: “*La Vanguardia*” 2/V/1910. Sobre a continuidade das vendas de carne de cavalo e burro (vide *Memoria del Ministerio del Interior...* *Op. Cit.*, pág. 727).

<sup>76</sup>- UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 1147...* *Op. Cit.*, págs. 26, 27, 66 e 67 e CATTARUZZA, Mário “*Buenos Aires*” Rio de Janeiro, s/e. 1906, pág. 52.

O outro produto que marca a continuidade dos consumos é a erva-mate. Nos primeiros anos do nosso período, o consumo de erva-mate experimentou uma queda significativa entre os setores mais abastados da sociedade. Os costumes importados e o ingresso do chá deixaram o *mate* na cozinha, nas mãos dos serventes, só podendo ser encontrado nas casas das famílias mais tradicionalistas ou nas casas populares, que continuavam fiel ao costume.<sup>77</sup> Foram os setores populares os que alavancaram o crescimento no consumo deste gênero. Os populares preferiam o chimarrão a outras infusões, por ser mais barato e tirar a fome. Era fácil de ser preparado, bastando uma chaleira, uma cuia e um canudinho. Era preferido no café da manhã e ao longo do dia de trabalho.

A aceitação que o chimarrão tinha entre os imigrantes devia-se ao fato de estar ingressando no esquema de consumos ao mesmo tempo que muitos outros. Como veremos no próximo ponto, os imigrantes praticamente desconheciam outras infusões vendidas no mercado, como chá e café – produtos que estavam sendo incorporados desde o início do século XIX. O chimarrão entrava nos consumos dos recém-chegados durante a estada no *Hotel de Inmigrantes*, na campanha, no *conventillo* e no trabalho, ou seja, ele se espalhou entre os imigrantes que partilhavam os mesmos espaços que os *criollos*. Sempre havia um *criollo* ou um imigrante com um chimarrão na mão, disposto a partilhá-lo com o recém-chegado. Ainda quando o chimarrão não era vendido nos bares e cafés, em alguns locais de diversões algumas *chinas (criollas)* cevavam mate por dinheiro.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup>- Cf. BATTOLLA, O. *Op. Cit.*, pág. 169 e 170; DAIREAUX, E. *Op. Cit.*... Tomo I, pág. 152; e GORRITI, J. M. *Op. Cit.*

<sup>78</sup>- Entre os lugares de encontro estavam o *conventillo*, o *almacén*, o trabalho, etc. Vide ARGERICH, A. *Op. Cit.*, pág. 90; DAIREAUX, E. *Op. Cit.*... Tomo I, págs. 112, 152 e 153; e RAVEL, Elán 'El Conventillo. Cuadro de cosumbres bonaerenses' IN: "El Rebelde. N° 73" Buenos Aires, 1/IX/1901. Sobre a partilha de chimarrão: MARSAL, Juan "Hacer la América. Autobiografía de un inmigrante español en la Argentina" Buenos Aires, Ed. del Ins. Di Tella, 1969, pág. 149. Sobre a venda do chimarrão Vide BATIZ, A. *Op. Cit.*, págs. 75 e 76.

3.- A alimentação dos imigrantes italianos: Pontos de partida e ponto de chegada (Da alimentação dos imigrantes italianos à alimentação dos portenhos)

Na questão da alimentação têm prevalecido as análises de formação da identidade étnica, principalmente se tratando de uma cidade como a Buenos Aires da grande imigração, na qual conflui uma enorme quantidade de pessoas. Nesta cidade os argentinos deixaram de ser a maioria absoluta da população para passar a ser a primeira minoria, sendo a segunda os italianos. Os portenhos, eram uma ilha num mar de imigrantes e migrantes. Poderiam fazer valer os seus costumes? Prevaleceriam aqueles dos recém-chegados? Se nos guiássemos por alguns autores, a marca étnica na alimentação seria inevitável. No caso de Buenos Aires, esta marca será a marca da Itália. A italianidade estaria presente em vários aspectos da cultura de Buenos Aires, especialmente na alimentação.<sup>79</sup>

Não temos condições de dar uma visão completa e integrada do processo de transformação da alimentação dos imigrantes italianos em Buenos Aires. Este item pode ser tomado como um trabalho exploratório numa questão que não tem sido pesquisada. Só foi abordada, de modo comparativo, por alguns acadêmicos italianos, que mencionaremos ao longo do texto. As fontes disponíveis são na sua maioria impressionistas, o que pode ocasionar certas distorções. Desconhecemos pesquisas sistemáticas sobre a alimentação popular no período, pelo que as descrições serão o recurso principal.

Segundo uma imagem amplamente difundida, teriam sido os imigrantes, principalmente os italianos, que modificaram a alimentação de Buenos Aires. Eles teriam libertado os portenhos da tirania da natureza, para submetê-los à tirania da cultura – italiana. Como a cozinha italiana tinha-se conformado em tempos imemoriais, os portenhos recebiam de segunda mão certos costumes nativos cristalizados em

---

<sup>79</sup>.- Como é apresentado nos trabalhos de Paola Corti. Enfatizamos a questão da italianidade por ser o principal grupo de imigrantes e pelo grande número de pesquisas voltadas à alimentação do imigrante.

tempos remotos.<sup>80</sup> Ou seja, a tirania da natureza italiana invadia as mesas da Argentina. Como a cultura é mais forte do que a natureza, eles tinham a necessidade de reproduzir os seus costumes nesta nova sociedade. Assim, o amontoado de cozinhas que conformavam a cultura culinária da Itália teve uma capacidade de irradiação que atingiu e modificou outras cozinhas, especialmente a *criolla*. A cozinha italiana teria se tornado a cozinha hegemônica e portenha por excelência, partilhando o espaço com outras culturas culinárias, restritas às famílias de outras origens étnicas, pelo que teríamos uma cozinha espanhola, árabe, síria, judaica, basca, etc.

Esta visão da imigração está bastante próxima daquela que tinham os membros do Estado na virada do século. Os argentinos propugnavam pela assimilação do imigrante como forma de promover a integração dos estrangeiros e de construir uma Nação de argentinos, e não um amálgama multicultural. Eles viam qualquer manifestação de diferenciação como a ameaça da desagregação.<sup>81</sup> O Estado Italiano, por exemplo, esperava que os imigrantes se tornassem agentes da divulgação dos seus padrões de vida. Isto teria como consequência a expansão da demanda dos produtos italianos pelos imigrantes desta origem, acostumados a estes consumos. A luta pela assimilação ou diferenciação tinha um forte componente econômico.

Na visão multiculturalista, ainda que com uma carga valorativa diferente, o imigrante teria mantido a segregação voluntariamente, como forma de diferenciar-se dos nativos. A abordagem multiculturalista proposta por esta visão leva-nos a dois

---

<sup>80</sup>.- A visão dos italianos como agentes da aculturação *porteños* é de DEVOTO, Fernando 'La huella del inmigrante' IN: "Clarín. Suplemento Zona: La alimentación de los argentinos" Buenos Aires, 2/VII/2000. A alimentação popular e étnica como parte de um sistema simbólico imóvel é apresentada por DOUGLAS, Mary "Purity and Danger. An analysis of pollution and taboo" London, Routledge & Kegan Paul, 1966; DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron "The word of goods: towards an Anthropology of consumption" London - New York, W.W. Norton & Co., 1982 (1ª ed. 1979), especialmente págs. 114 a 147; e LEVI-STRAUSS, Claude "O cru e o cozido" São Paulo, Brasiliense, 1991 (1ª ed. em francês: 1971).

<sup>81</sup>.- Um livro que celebrava a imigração alertava para os problemas e perigos da falta de integração, *Ídolo* ALSINA, Juan "La inmigración en el Primer Siglo de la Independencia" Buenos Aires, Felipe Alsina Ed., 1910, especialmente págs. 181 a 201. A posição italiana é explicitada por um opositor "Enrico Ferri e os italianos na Sul América" Rio de Janeiro, Typ. de Donato Batelli, 1910, pag. 18 e por FOERSTER, Robert "The Italian emigration of Our times" New York, Amo Press and The New York Times, 1969 (1ª ed. em inglês 1919), pag. 467.

tipos de imobilismo: o já mencionado, da “natureza-cultura” alimentar, e, por extensão, à imutabilidade dos grupos étnicos, que permaneceriam inalterados e sem experimentar nenhum tipo de mudanças, ainda que em condições de contato intenso com outros grupos étnicos, com tradições culinárias contrastantes. Nosso argumento tem outra perspectiva. A identidade étnica apresenta-se fragmentariamente, sem ser o elemento principal na identidade das pessoas ou estar restrita a um único âmbito do social. A etnicidade deve ser analisada como um processo e não como dada. Os encontros e confrontos com outras culturas tendem a reforçar certos aspectos da bagagem original e a descartar outros, mantendo a etnicidade numa situação de constante invenção e reinvenção.<sup>82</sup>

Voltando ao tema, a alimentação é uma arena privilegiada para analisar este tipo de fenômenos. A cozinha é um espaço de encontros e de misturas. Em termos gerais, podemos apresentar as diversas cozinhas como a resultante de um processo de hibridizações múltiplas. Qualquer cozinha regional está formada por alguns elementos centrais produzidos-elaborados *in situ* e outros gêneros chegados de fora, ou que não são exclusivamente de produção local. O processo não tem porque se deter depois da imigração, ele continua em frente, principalmente se nos encontrarmos com uma realidade tão heterogênea, de intensos contatos – via *conventillo*, por exemplo – e de uma ampla variedade de gêneros alimentares.

É possível que um grupo subalterno tenha se tornado culturalmente hegemônico? Por que outras cozinhas não tiveram a mesma capacidade de irradiação? A cozinha italiana é a cozinha por excelência, aquela que consegue atingir todos os gostos?<sup>83</sup> Os imigrantes italianos podem ter resistido os embates assimilativos do

---

<sup>82</sup>- Cf. SCHNEIDER, Arnd ‘Ethnicity, changing paradigms and variations in food consumption among Italians in Buenos Aires’ IN: “*Altreitalie* N° 7” Torino, Fond. Agnelli, gennaio-giugno 1992, págs. 85 e 86. Paola Corti propõe estudar a invenção e reinvenção da etnicidade, CORTI, P. *Emigrazione e consuetudini alimentari... Op. Cit.*, pág. 691.

<sup>83</sup>- Nem todo mundo concorda que seja a cozinha por excelência. Veja-se a opinião de HOBBSAWM, Eric e POLITO, Antonio “O novo Século” São Paulo, Cia das Letras, 2000, pág. 155.

Governo e das classes médias? Qual marca seria mais forte, a da etnicidade ou da classe?

Esta italianidade culinária seria um conjunto heterogêneo de elementos de várias partes da Itália junto a outros de origem local. O caráter étnico da cozinha teria sido redefinido com o tempo. Este processo superou o nosso período de estudo e coincide com o renascer das etnicidades e, ao mesmo tempo, com a crise socioeconômica da Argentina, que favoreceu este processamento das identidades. Desta forma, os anos posteriores a 1980 mostrariam que a alimentação 'italiana' da Argentina está menos relacionada com a marca da identidade étnica e mais com um processo voluntário de adesão étnica e social. As misturas de pratos italianos e argentinos, de ingredientes e regiões, mostra mais a vontade de pertencer que o grau de pertencimento.<sup>84</sup>

O impacto das migrações internacionais pode ser apresentado pelo número de imigrantes que chegaram e habitaram em Buenos Aires durante o nosso período.

**QUADRO II**  
*Evolução da população de Buenos Aires segundo a origem nacional (1869-1914)*

Nacionalidade	1887		1895		1904		1909		1914	
	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
Argentinos	94777	109957	150623	167752	251351	271690	327309	343204	394463	403506
Alemães	2445	1445	3207	2090	2793	2376	4313	3131	6904	4042
Austríacos	1660	457	2036	1021	1967	1418	2635	1794	4507	3066
Belgas	368	228	1027	804	774	682	762	637	886	827
Bolivianos	89	41	134	90	147	129	133	119	201	150
Brasileiros	414	338	751	629	1374	1393	2229	2187	2587	2733
Chilenos	249	195	295	364	379	509	438	587	599	828
Espanhóis	26980	12582	49566	30786	60425	44781	97412	76879	172183	134673
Franceses	11144	8887	16678	16507	12650	14924	12024	13727	12098	15015
Gregos	89	11	150	20	132	35	437	107	2592	224
Holandeses	56	33	451	412	331	350	414	337	747	351
Ingleses	2444	1716	4057	2781	2867	2533	4514	2599	5989	3206
Italianos	91484	46682	111578	70115	136461	92095	168144	108897	192624	119643
Norteamer.	358	211	400	191	470	315	563	392	878	631
Otomanos <sup>85</sup>	S/d	S/d	133	72	1116	525	3092	890	12300	3547
Paraguaios	686	760	732	656	598	708	795	736	829	885
Portugueses	893	164	1077	325	916	371	2020	705	3989	1319

<sup>84</sup>- Cf. CORTI, P. *Emigrazione e consuetudini alimentari...* Op. Cit., págs. 714 e 715; e SCHNEIDER, A. Op. Cit., págs. 84 a 95.

<sup>85</sup>- Nos censos de 1904 e 1909 aparecem como "Turcos".



Russos	100	88	590	627	1548	1660	7555	6159	16105	12621
Suíços	1747	835	1714	1115	1413	1565	1471	1099	1962	1354
Uruguaios	5955	5181	9603	9373	14516	14231	12646	14138	12983	15453
Outros	1204	392	4546	2651	13261	7344	3065	1403	4665	1439
TOTAIS	243142	190203	351374	303470	497839	453052	651971	579727	845225	723924

**Fonte:** Censos Nacionais (1869; 1895 e 1914) e Municipais (1887; 1904 e 1909). Em 1887, incluímos os povos de Flores e Belgrano, a partir do Censo de 1895 são parte da cidade.

Como vemos, os italianos eram mais uma das minoria. Isto nos levaria a procurar as origens regionais dos italianos. Infelizmente não existem registros oficiais destas origens. A Itália como unidade política era muito recente e partes da atual Itália faziam parte de outros Estados Nacionais. Podem estes grupos dispersos ser considerados “italianos”? A estimativa da origem regional dos Italianos que chegaram à Argentina, e não unicamente a Buenos Aires, apresenta as mudanças experimentadas ao longo do nosso período. A região Norte da Itália foi a principal provedora de imigrantes para Argentina e a sua importância foi decrescente: já na virada do século o principal grupo de imigrantes passou a ser os meridionais.

*QUADRO III*  
*Origem Regional dos Imigrantes Italianos na Argentina*

<i>Período</i>	<i>1881-1890</i>	<i>1891-1900</i>	<i>1901-1910</i>	<i>1911-1920</i>
Norte	63,4	45,5	32,8	34,1
Centro	7,6	11,8	14,2	12,5
Sul	29,0	42,7	53,0	53,4

**Fonte:** NASCIMBENE, Mario “Storia della collettività italiana in Argentina (1835-1965)” IN: AA.VV. “La popolazione de origina italiana in Argentina” Torino, Fond. Giovanni Agnelli, 1987, pág. 559.

Os membros das classes altas e médias não receberam de bom grado as inovações culinárias chegadas da Itália. Nos restaurantes e nos hotéis – locais onde os portenhos abastados faziam suas refeições – os menus estavam escritos em francês, inclusive nos restaurantes dirigidos por italianos, o que nos faz supor que a influência culinária principal era a francesa, e não a italiana. A comida italiana era ridicularizada e considerada própria para encher o estômago, não para ser degustada.<sup>86</sup>

<sup>86</sup>.- Sobre os menus DEVOTO, F. *Op. Cit.* A ridicularização de membros das classes médias como ARGERICH, A. *Op. Cit.*, pág. 23. O cronista Anibal Latino queixava-se pela mistura de idiomas dos menus. ANIBAL LATINO *Op. Cit.*, pág. 82.

Em termos gerais, as fontes concordam que era difícil distinguir os imigrantes pela origem. Os que podiam-se distinguir facilmente eram os recém-chegados. Estes resistiam um tempo antes de abandonar os seus costumes. Esta prolongação inicial dos costumes originais era um estado passageiro e logo passavam a incorporar os consumos locais. Embora os processos pudessem ser mais ou menos demorados, segundo a etnia, é possível pensar numa assimilação externa relativamente rápida dos imigrantes.<sup>87</sup>

Isto deve ser avaliado desde a própria perspectiva individual do processo da imigração. São incontáveis as memórias em que o imigrante pensa em voltar depois de um curto tempo no local de destino. Além do mais temos, uma alta mobilidade dos imigrantes na América. A imigração é avaliada pelo próprio imigrante como um fenómeno temporário e reversível. Depois de reunir algum dinheiro, voltaria à sua terra para comprar uma pequena fazenda ou uma casa, o que seria seu futuro sustento. Temos que lembrar que quase 50% dos imigrantes italianos que chegaram à Argentina retornaram.<sup>88</sup> Então, a imigração, como processo e como expectativa, faz com que os costumes tentem ser mantidos por um tempo, de acordo com a evolução desse processo. Os napolitanos, por exemplo, eram vistos como extremamente frugais. Esta frugalidade estava relacionada com a expectativa de um pronto retorno, pelo que tentavam não aficionar-se à carne e outras iguarias.<sup>89</sup>

Os que se integravam mais rapidamente eram os espanhóis; os italianos demoravam um pouco a acompanhar esta tendência. Assim, podiam ser reconhecidos

---

<sup>87</sup>- Visões similares e complementares desta questão são as BRYCE, James "La América del Sud. Observaciones e impresiones" The MacMillan Company, 1914, pág. 399; FOERSTER, R. *Op. Cit.*, págs. 270 e 271; SANTIGOSA, C. M. *Op. Cit.*, pág. 182; e UNSAÍN, Alejandro "Condición económica de las clases obrera. Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N°21" Buenos Aires, Imp. Alsina, Noviembre de 1912, pág. 300.

<sup>88</sup>- Vide CACOPARDO, M. C. e MORENO, J. L. *Op. Cit.*, pág. 153.

<sup>89</sup>- DAIREAUX, E. *Op. Cit.*... Tomo I, págs. 162; PASCARELLA, Luis "El conventillo (novelas de costumbres bonaerenses)" Buenos Aires, Tall. Gráf. La Lectura, 1917, pág. 87; e UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE *Annual series N° 1147...* *Op. Cit.*, págs. 72. A observação é estendida ao resto dos italianos Vide HOLDICH, T. *Op. Cit.* pág. 50; e 'Letter from Mr. McDonnell to Granville' IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres - Later Argentine Republic. Mr. McDonnell, Commercial. 1871".

por algumas características alimentares que faziam evidente o pertencimento a determinada região: os napolitanos cheiravam a alho e vinho, os genoveses a *pesto*, os piemonteses comiam legumes crus, queijo e pão, e assim por diante. Do mesmo modo, outros grupos nacionais não italianos também podiam ser reconhecidos pela alimentação.<sup>90</sup>

Temos meios para desconfiar desta integração imediata, ao menos na alimentação. A oferta de alimentos em Buenos Aires era ampla e podia satisfazer as necessidades fisiológicas e simbólicas de grande parte das etnias mediterrâneas que chegavam a esta cidade. Cereais, lácteos, legumes e diversos tipos de carnes – especialmente bovina e ovina, as preferidas dos povos mediterrâneos – podiam ser achados, sem muita dificuldade nos mercados e feiras da cidade. A importação completava o resto das necessidades. Reunindo os gêneros adquiridos nos mercados locais, não parece ter sido muito difícil reproduzir os consumos próprios, sem um alto custo adicional.<sup>91</sup>

Porém, certos fatores de complicação surgiram na hora de manter os costumes. Em primeiro lugar, a oferta do mercado de alimentos estava direcionada aos consumos existentes. Em segundo, a irrupção das manufaturas e do processo de industrialização da alimentação que deslocaram as produções tradicionais. Em terceiro, as dificuldades na elaboração doméstica dos alimentos pela falta de espaço nas habitações. Em quarto, a falta de utensílios de cozinha adequados para o processamento dos alimentos em casa. Em quinto, um alto número de homens que moravam sozinhos e preferiam comer em *fondas* (um pequeno restaurante popular) comprar comidas prontas ou preparar o prato popular, o *puchero*. Em sexto, a necessidade da mulher de trabalhar, fora ou dentro da casa, para complementar a renda, tirava tempo dos afazeres

---

<sup>90</sup>- Cf. LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 119; TURNER, T. *Op. Cit.*, pág. 28; e ESTRADA, Santiago de "Viajes y otras páginas literarias" Buenos Aires, Estrada, 1949, (1ª ed. 1900), pág. 112.

<sup>91</sup>- É provável que os costumes trazidos de ultramar tivessem maiores possibilidades de sobreviver nas colônias agrícolas, onde os imigrantes estavam isolados.

domésticos. Em sétimo, e relacionado com o anterior, na cidade de Buenos Aires a quantidade de mulheres sempre foi menor que a dos homens, além de as mulheres argentinas sempre terem sido a maioria das mulheres, de Buenos Aires, como aparece no Quadro IV. Voltaremos sobre algumas destas questões.

QUADRO IV'

*Porcentagem das Mulheres italianas e argentinas em Buenos Aires (1869-1914)*

<i>Porcentagem das Mulheres</i>	1887	1895	1904	1909	1914
Mulheres (sobre o total da população)	44%	46%	48%	47%	46%
Argentinas (sobre o total das mulheres)	56%	55%	60%	59%	56%
Italianas (sobre o total das mulheres)	25%	23%	20%	19%	17%
Espanholas (sobre o total das mulheres)	7%	10%	10%	13%	19%

**Fonte:** Censos Nacionais (1869; 1895; 1904 e 1914) e Municipais (1887 e 1909). Em 1887, incluímos os povos de Flores e Belgrano, a partir do Censo de 1895 são parte da cidade.

A somatória de todos os fatores mencionados atentava contra a continuidade dos costumes étnicos. Mesmo procurando consumir os produtos próprios, ou pelo menos criar um caráter *italiano* para determinados pratos e misturá-los com outros evidentemente locais, a alimentação do imigrante teve que ser recriada no meio de um turbilhão. Se a vida do imigrante estava em transformação, por que não os seus costumes alimentares? A industrialização e o papel da mulher foram decisivos nestas transformações, tanto na Itália quanto na Argentina. Estas são as principais questões a ser analisadas.

O binômio mulher-cozinha é um dos elementos centrais na constituição da cozinha portenha. Por um lado, temos a questão da transmissão dos saberes domésticos entre as mulheres do grupo familiar. A esfera do doméstico é a esfera feminina por excelência e a alimentação, por ser uma questão doméstica, é, portanto, feminina. Para além deste silogismo, a tradição recaía nas mulheres das famílias operárias; elas eram as depositárias do saber culinário, como também eram as depositárias da obrigação de se preocupar com a cozinha e com a reposição da força de trabalho familiar.<sup>92</sup>

<sup>92</sup>- Cf. GOODY, Jack "Cooking, cuisine and class. A study in Comparative Sociology" Cambridge. Cambridge University Press, 1982; e ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, pág. 54. Sobre a valorização da mulher como

Os níveis de endogamia e exogamia são indicados como centrais na preservação dos modos de alimentação trazidos pelos imigrantes e construídos pelos nativos. Num estudo sobre a relação entre padrões matrimoniais e assimilação dos imigrantes em Buenos Aires, Samuel Baily analisou esta questão, tomando as três nacionalidades mais numerosas ao longo do nosso período: argentinos, espanhóis e italianos. Segundo ele, os matrimônios interétnicos foram *in crescendo*. O principal grupo a participar de casamentos interétnicos foram as mulheres argentinas, seguidas pelos homens italianos. O grupo com uma maior tendência endogâmica foram as mulheres italianas, seguidas pelos homens argentinos. Entre os espanhóis, homens e mulheres, a endogamia foi crescendo até o início do século, quando se inverteu a tendência. Era bastante lógico que esta fosse a tendência, vendo os números dos imigrantes e argentinos. Mas, de qualquer forma, isto é muito importante para compreendermos a assimilação. Se relativizamos esta questão, incorporando os espanhóis e italianos de segunda geração, a questão não mudaria sensivelmente. Outras análises posteriores sugerem que os filhos dos imigrantes estariam liberados das pressões étnicas e tenderiam a se relacionar intereticamente.<sup>93</sup>

Um estudo sobre *La Boca* mostra um alto grau de matrimônios endogâmicos. A endogamia era forte ainda nos níveis de casamentos de pessoas da mesma localidade ou região. Porém, este estudo não tem correspondência para o resto da cidade. Um outro dado interessante está no fato de que a endogamia estava associada com o matrimônio de pessoas que moravam em relação de vizinhança. Este dado é tão forte quanto a endogamia.<sup>94</sup>

---

cozinha são reveladores os depoimentos dos imigrantes *Vide Carta de Oreste Sola, desde Buenos Aires (3/01/1913)* Apud BAILY, S. e RAMELLA, F. *Op. Cit.*, pág. 128.

<sup>93</sup>- Cf. BAILY, Samuel 'Marriage patterns and immigrant assimilation in Buenos Aires, 1882-1923' IN: "**Hispanic American Historical Review**, Vol. 60 N<sup>o</sup>1" February 1980. A resposta a Baily é de FREUNDLICH DE SEEFELD, Ruth 'La integración social de extranjeros en Buenos Aires según sus pautas matrimoniales: ¿Pluralismo cultural o crisol de razas?' IN: "**Estudios Migratorios Latinoamericanos**, N<sup>o</sup>2" Abril de 1986, pág. 230.

<sup>94</sup>- *Ivide* PAGANO, Nora e OPORTO, Mario 'La conducta endogamica de los grupos inmigrantes: Pautas matrimoniales de los italianos en el barrio de La Boca en 1895' IN: DEVOTO, Fernando e ROSOLI,

Segundo Baily, esta tendência ao matrimônio interétnico não resultou na assimilação de um grupo por outro. O que teria acontecido seria a hibridização dos distintos grupos étnicos, sem que isto signifique o retorno do *melting pot* como forma de análise. O pluralismo cultural manifestara-se ao nível familiar. A alimentação é parte do âmbito familiar e pode ser um bom exemplo desta análise.<sup>95</sup>

Uma questão que estes estudos deixam de fora é que as preferências matrimoniais parecem ter sido étnicas e não sociais. Uma família de imigrantes radicados há um certo tempo no país e com uma certa posição social e econômica preferia casar a filha com um imigrante recém-chegado e sem um tostão, ou com alguém com certo nome e prestígio, pelo menos no bairro, mesmo que este fosse filho de *criollos*? Os processos de integração no país receptor não fazem parte destes estudos.<sup>96</sup>

No caso dos matrimônios interétnicos, as coisas podiam ser um pouco mais complexas que a imposição ou a fusão dos costumes. Segundo Juan Alsina, os maridos estrangeiros impunham seus *modus vivendi* às suas esposas argentinas. Entre os imigrantes que chegavam com as famílias, a manutenção dos costumes era mais simples, mas para os homens sozinhos a coisa era muito mais complicada. Vivendo com outros homens na mesma situação, para este imigrante uma solução era recorrer aos vendedores ambulantes, mas geralmente a opção principal eram os botecos ou

---

Gianfausto "L'Italia nella Società Argentina. Contributi sull'emigrazione italiana in Argentina" Roma, Centro Studi Migrazione, 1988, pág. 101.

<sup>95</sup>- Simplificando, segundo a teoria do *melting pot*, as características étnicas seriam irrelevantes na hora de casar; segundo os estudos multiculturalistas, a etnicidade seria determinante na conformação matrimonial. Com esta análise, que relativiza a abordagem multiculturalista, concordam estudos posteriores, como o de MÍGUEZ, Eduardo; ARGENTI, María; BJÉRG, María; e OTERO, Hernán 'Hasta que la Argentina nos una: reconsiderando las pautas matrimoniales de los inmigrantes, el crisol de razas y el pluralismo cultural' IN: "Hispanic American Historical Review. Vol. 71 N°4" November 1991.

<sup>96</sup>- As pressões assimiladoras e a resistência podem ser melhor avaliadas nas transformações na fala pública dos imigrantes e na *invenção* do *Cocoliche* ou língua e comportamento típico dos imigrantes italianos de Buenos Aires. Sobre esta questão *Véase* FRANZINA, Emilio "Una patriera straniera. Sogni, viaggi e identità degli italiani all'estero attraverso le fonti popolari scritte" Verona, Cierre ed., 1996, pág. 90; e CARA-WALKER, Ana 'Cocoliche: The art of assimilation and dissimulation among Italians and Argentines' IN: "Latin American Research Review. Vol. XXII. N°3" 1987.

*fondas*. Muitas vezes a *fonda* fazia as vezes de um clube masculino muito popular, onde os amigos se encontravam e podiam continuar a consumir os pratos tradicionais. Na maioria das vezes, os pratos eram um amálgama de comidas pouco reconhecíveis.<sup>97</sup>

Outro elemento parece ser bastante importante na melhora dos padrões alimentares: o alto grau de imigração de famílias inteiras. Ao contrário do que sucedia dentro da Europa, ou nos Estados Unidos, onde a migração italiana era predominantemente temporária e de homens sós, a imigração italiana para a Argentina compunha-se de famílias. Neste caso, não havia uma pressão tão forte para poupar sobre os consumos alimentares e enviar umas liras mais ao núcleo familiar na Itália. Este dinheiro era aproveitado, em primeiro lugar, para melhorar a alimentação.<sup>98</sup>

Para as mulheres imigrantes, continuar com os consumos originários exigia todo um esforço, difícil de manter indefinidamente. Geralmente, quem não tinha uma casa própria não tinha uma cozinha própria. Isto é central para manter costumes alimentares que demandam um longo tempo de elaboração. Para aqueles que viviam em *conventillos*, num quarto alugado ou num barraco pequeno, construído às pressas, era vantajoso centrar a alimentação naqueles gêneros que não requeriam um complicado processo de elaboração. Por isto é que prevalecia o *puchero* e alguns pratos à base de farinha de milho, como a polenta.<sup>99</sup>

As crianças, famintas crônicas, passavam parte do dia comendo alguma coisa para enganar o estômago, geralmente um pedaço de pão ou alguma fruta, que não precisavam de nenhum tipo de preparo e estavam prontos para consumir. Também

---

<sup>97</sup>- Vide ALSINA, J. *Op. Cit.*, pág. 184. Uma descrição de uma *fonda* e dos habitues Vide ANIBAL LATINO *Op. Cit.*, págs. 182 a 185. Outros dados em CORTI, Paola 'Emigración y alimentación. Representaciones y autorrepresentaciones en la experiencia de una corriente migratoria regional italiana' IN: "Estudios Migratorio Latinoamericanos. N°35" Abril de 1997, pág. 114.

<sup>98</sup>- CORTI, P. *Emigración y alimentación...* *Op. Cit.*, pág. 113.

<sup>99</sup>- Cf. 'Los obreros y el trabajo. Los conventillos. XX' IN: "La Prensa" Buenos Aires, 8/IX/1901, pág. 4; e PASCARELLA, L. *El conventillo...* *Op. Cit.*, pág. 12.

matavam a fome onde era repartido algum alimento de graça. Sempre seria possível achar nesses locais uma turma de rapazes, tentando obter algum bocado extra.<sup>100</sup>

São reiteradas as observações sobre as donas de casa “criollas”, que elaboravam os alimentos deixando-os ferver um tempo. Mas enquanto a comida ficava pronta, elas desenvolviam outras tarefas. E não outras tarefas domésticas, mas trabalhos pagos desenvolvidos no âmbito doméstico. Como dizia Santiago de Estrada, no *conventillo* existiam dois tipos de comida: aquelas à base de fervuras ou as saladas cruas. Mas as saladas e as verduras podiam escassear fora da estação ou durante algumas altas ocasionais e, nesse caso, as opções eram *puchero* e polenta.<sup>101</sup>

As cozinhas dos cortiços eram precárias e cada um tinha que se virar como podia. Cada família tinha algum tipo de “fogão” ou algo para cozinhar. Podia ser um braseiro, um pequeno fogão de querosene ou algum caixão para conter as brasas de carvão. Tinha que ser o suficientemente pequeno para ser guardado numa caixa ou num armário. O pequeno fogão era guardado até no vão da parede, ou ficava do lado de fora do quarto com os demais implementos.<sup>102</sup> As dificuldades para preparar um café ou um chimarrão complicavam a preparação do café da manhã. Muitos operários iam trabalhar em jejum.<sup>103</sup>

Dependendo do dia, era possível cozinhar no quintal ou na porta do quarto. Mesmo naqueles cortiços que tinham cozinha, os inquilinos preferiam cozinhar na porta do quarto a partilhar a cozinha com outros moradores, que podiam pegar seus

---

<sup>100</sup>- Cf. PASCARELLA, L. *El conventillo...* Op. Cit., pág. 12. Para a situação das crianças na Inglaterra *Vide* DAVIN, Anna ‘Loaves and fish: food in poor households in late nineteenth-century London’ IN: “History Workshop Journal N°41” Spring 1996, págs. 169 e 183.

<sup>101</sup>- ESTRADA, S. Op. Cit., pág. 114. As queixas sobre o desinteresse da mulher pela cozinha é reiterada *Vide*, por exemplo, GONZÁLEZ ARRILLI, B. Op. Cit., pág. 49; LOMBROSO FERRERO, Gina ‘Nell’America Meridionale (Brasile, Uruguay, Argentina)’ Milano, Frat. Treves, 1908, pág.351; MANE ‘Non esiste’ IN: “L’Avvenire. N°38” Buenos Aires, 16/1/1898. A preferência pelo *puchero* é mencionada por RAVEL, E. Op. Cit., 1/IX/1901. Os pratos de milho e a escassez são mencionados por SCOBIE, J. Op. Cit., págs. 76, 180 e 193.

<sup>102</sup>- Muitas vezes os talheres eram desconhecidos para os imigrantes, Cf. MARSAL, J. Op. Cit., págs. 145 e 146.

<sup>103</sup>- Como apresenta um jornalista em *Los obreros y el trabajo. Los conventillos...* Op. Cit., pág. 4.



pertences.<sup>104</sup> Mas se o dia era chuvoso ou muito frio, a comida tinha que ser preparada no próprio quarto. Com estes implementos o mais prático era cozinhar alguma coisa que permitisse aproveitar o fogo e as brasas. O aproveitamento ótimo que se podia tirar de um braseiro era cozinhar um *puchero* ou assar uma carne. Uma vez que os ingredientes estão prontos para cozinhar, o *puchero* não precisa de muitos cuidados, ferve sozinho, sem necessidade de mexer na panela, e todos os produtos são baratos, até a carne, que, por ser de segunda, necessita de ferver um bom tempo.<sup>105</sup>

Uma descrição de uma cozinha de cortiço é apresentada por Cesarina Lupati, uma viajante italiana que ficou espantada com os *conventillos*:

*“Servindo de refugio pela noite (e não digo de dormitório, porque não acho que seja possível dormir aqui) o quarto dos conventillos dão tudo o que podem. São muitas as funções até, por exemplo, de cozinha. Algumas vezes dois ou três grande famílias se dão ao luxo de um quarto como cozinha comunitária, mas com frequência o vão da porta ou da janela, no mesmo espaço do asilo-noturno, é utilizado para a preparação do jantar operário. Nos buracos, do vão da parede, se fazem armários para guardar a cozinha, e se esconde um pequeno forno de ferro – que não pode faltar na casa argentina – que cumpre o seu dever no meio do pátio; é obrigado a cumprir seu dever, ainda quando chove. A água que pinga sobre o carrão aceso dá a aparência de que está sendo preparado um alimento gostoso...”*<sup>106</sup>

Era evidente que as exigências das observadoras feministas e dos higienistas mal podiam ser atendidos. Era difícil, dadas as limitações espaciais e econômicas, atender aos apelos para um bom armazenamento, refrigeração e cozimento dos alimentos. Os avanços tecnológicos, que ingressavam rapidamente nas cozinhas das famílias abastadas, demorariam vários anos até que pudessem ser incorporados pelas famílias proletárias. Por isso é que a dona-de-casa, imigrante ou local, tinha três premissas básicas na escolha dos produtos da alimentação: preço, tempo de preparo e facilidade no processamento e consumo dos produtos. E isto era respeitado à risca.<sup>107</sup>

<sup>104</sup>.- Romancistas e cronistas fazem menção às cozinhas nas portas dos quartos Cf.: ANIBAL LATINO *Op. Cit.*, pág. 67 e 74; HURET, J. *Op. Cit.*, pág. 94; e PASCARELLA, L. *El conventillo...* *Op. Cit.*, pág. 80.

<sup>105</sup>.- Sobre os tipos de “fogões” *Ídem* FRANCO, B. ‘Casas para trabajadores. Como se resuelve este problema en la República Argentina y en los demás países’ IN: “Boletín del Museo Social Argentino. Tomo V, N<sup>o</sup> 51-52” Buenos Aires, 1916; PATRONI, Adrián “Los trabajadores en la Argentina” Buenos Aires, Chacabuco 664 y 67, 1897, pág. 130; e RAHOLA, Federico “Sangre Nueva. Impresiones de un viaje a la América del Sud” Barcelona, Tip. ‘La Académica’, 1905, pág. 84.

<sup>106</sup>.- LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 49.

<sup>107</sup>.- CORTI, P. *Emigración e consuetudini alimentari...* *Op. Cit.*, pág. 716.

A hegemonia do *puchero* e da polenta entre os italianos produzia uma certa monotonia alimentar, quebrada nos dias de folga ou de celebração dos ciclo da vida doméstica, quando as famílias reuniam-se para comer juntas. Nestes momentos voltavam os consumos europeus, como o vinho e os pratos regionais. Poderíamos dizer que a cozinha étnica era uma cozinha festiva, da convivência, e não do dia a dia. Nestas situações, emerge o caráter étnico da alimentação, retornando aos consumos consuetudinários da Itália.<sup>108</sup> O domingo, o dia de folga ou aqueles de celebração da vida doméstica eram os momentos de encontro por excelência. Não unicamente com parentes, vizinhos e amigos, mas também com os próprios membros do grupo familiar. Nestes dias os gastos eram maiores e apareciam certos consumos, como o vinho ou carnes de porco ou de ovelha.<sup>109</sup> Sem rejeitar pratos de outras tradições, no âmbito do cotidiano ou das festividades, a reconstrução da maneira mais precisa possível dos costumes consuetudinários era uma forma de manter vivos os elementos que ajudavam a manter a identidade. Esta tentativa de manter um elo de continuidade com os velhos costumes familiares e regionais era rarefeita pela tendência à fusão das tradições alimentares.<sup>110</sup>

Até os trabalhadores italianos acostumaram-se com o *puchero*, que era preparado até no local de trabalho, como pelos operários das estradas de ferro, reparadores de rua, catadores de lixo e outros que trabalhavam em turmas. Deixavam fervendo carne, água e os demais ingredientes enquanto continuavam com as tarefas. Uma vez pronto o *puchero*, ou uma sopa, comiam todos juntos.

Os trabalhadores solteiros que moravam juntos também podiam fazer uma comida coletiva e baratear os custos da alimentação. A comida coletiva, logicamente,

---

<sup>108</sup>.- No casamento de Daggioro e Dorotea, no romance de Argerich, os comensais comeram *ravioli* com queijo e azeite e beberam vinho de Asti. Outros casais optavam pelos *tighiarini*. ARGERICH, A. *Op. Cit.*, pág. 23.

<sup>109</sup>.- Desde o tipo de consumo até os excessos destes dias são mencionados em várias passagens do seu romance por PASCARELLA, L. *El conventillo... Op. Cit.*, págs. 28, 31, 51, 54, 55 e 88 a 91.

<sup>110</sup>.- CORTI, P. *Emigrazione e consuetudini alimentari... Op. Cit.*, págs. 687 e 711; e CORTI, Paola *Il cibo... Op. Cit.*, págs. 376 e 377. Entre os consumos descritos nas festas do *conventillo*, aparecem carnes, vinhos e refrigerantes, o *mate* e mencionado como um aperitivo. *Ibidem* PASCARELLA, L. *El conventillo... Op. Cit.*, pág. 89.

era o *puchero*.<sup>111</sup> Os trabalhadores das fábricas e oficinas que não tinham tempo ou condições de fazer um *puchero* ou uma sopa tinham que se contentar com frutas, pão, queijo ou um frio.<sup>112</sup>

Alguns historiadores da alimentação chamaram a atenção para o fato de o processo de industrialização ter sido rejeitado pelos consumidores.<sup>113</sup> A rejeição dos alimentos industrializados teria sido mais forte entre imigrantes de origem camponesa, devido ao fato de estarem próximos da terra e, portanto, de uma alimentação “natural”. Eles comeriam o que se produzia localmente, aliás, espontaneamente. Esta é uma romantização do âmbito rural.

A conformação de uma cozinha é um processo. Neste processo, a industrialização teve uma certa incidência, tanto na Europa – local de saída – como na América – local de chegada. As reações contra a alimentação processada não seria um fato coetâneo à industrialização. Não há evidências para pensar assim, ao menos para o nosso período. Pelo contrário, a industrialização possibilitou novos e maiores consumos. Do pão ao leite, do vinho à carne, todos estes e outros produtos passaram a ser produzidos em massa, com novas formas de armazenamento e com novas tecnologia nos transportes e na conservação.<sup>114</sup> A industrialização atravessou vários momentos. Não podemos dizer que a passagem da produção doméstica e artesanal aos grandes complexos da indústria alimentar estivesse completa no final do nosso período.

---

<sup>111</sup>- Vide CLARK, Edwin “A visit to South America” London, Dean & Son, 1878, pág. 129; ‘Los obreros y el trabajo. El gremio de los pintores. Situación penosa. Escasez de trabajo. Los ladrilleros. Remuneración insuficiente. La vida en los hornos. XVIII’ IN: “La Prensa” 5/IX/1901, pág. 5; e ‘Los obreros y el trabajo. Revista de gremios. Baja general en los jornales. La proporción de los desocupados. Pavimentadores. fideeros. cigarreros. veleros. alfombristas, alpargateros, bronceros, caleros, marmoleros, curtidores, doradores, encuademadores, maquinistas, marítimos. XXI’ IN: “La Prensa” 12/IX/1901, pág. 5.

<sup>112</sup> Vide a Conferência de Gabriela L. de Coni pronunciada no dia 22/07/1902 na Sociedade *Unione Operai Italiani Apud* CONI, Emilio ‘Contribuciones a la historia de la legislación obrera argentina. II’ IN: “Boletín del Museo Social Argentino. Tomo VII. Nº 81-84” Buenos Aires, 1918, pág. 693.

<sup>113</sup>- O surgimento das cozinhas étnicas estaria relacionado com um ‘retorno às origens’. Estas são vistas como saudáveis, além de tradicionais.

<sup>114</sup>- As conservas modernas datam do primeiro quartel do Século XIX. Sobre a incorporação das conservas no cotidiano, sem esquecer que o resfriado e o congelado são outras técnicas de conservação dos alimentos; Vide TANNAHILL, R. *Op. Cit.*, págs. 310 a 313.

As transformações da cozinha 'tradicional' na Europa e na Argentina continuaram ao longo do nosso período.

As transformações alimentares não estavam restritas ao âmbito da produção secundária. A Itália do período prévio à grande imigração atravessava uma certa monotonia alimentar, acompanhada pela cristalização de certos consumos. Porém, a agricultura, a pecuária e a indústria da Itália estavam atravessando uma série de mudanças tecnológicas, incorporando novas produções. Mesmo assim, os trabalhadores urbanos e rurais beneficiavam-se parcialmente com estas inovações. A base da alimentação no período prévio à grande imigração estava constituída por pão, sopa e legumes. A carne era consumida unicamente nos dias festivos, em algumas formas de conserva, elaboradas para preservá-la no inverno. Durante algumas épocas do ano, as frutas permitiam acalmar a fome.<sup>115</sup> A situação começaria a mudar com a imigração internacional.

Não podemos esquecer que os locais de partida dos imigrantes estavam atravessando uma série de modificações alimentares, e não unicamente devidas ao processo de industrialização e à incorporação de novos cultivos. A unificação da Itália contribuiu para a livre circulação das pessoas e dos produtos e para a integração das diversas tradições culinárias.<sup>116</sup> A chegada a Buenos Aires não significava um ponto final nas mudanças culinárias, mas o início de processos de adaptação a outros produtos e técnicas de elaboração, que estavam sendo experimentadas não só na Argentina, mas também na Itália.

A revolução da alimentação napolitana data do final do século XVIII e do século XIX. É difícil pensar a alimentação napolitana sem as massas e a pizza, e estas sem o molho de tomate. Porém, teria sido impossível a difusão destes gêneros sem o

---

<sup>115</sup>- Cf. BEVILACQUA, Piero 'Emigrazione transoceanica e mutamenti dell'alimentazione contadina fra otto e novecento' IN: "Quaderni Storici N°47" Ancona e Roma, Agosto 1981, págs. 520 a 525.

<sup>116</sup>- A *melanzane a parmigiana* (berinjela à parmigiana) como um prato muito apreciado pelos napolitanos data do período da grande imigração. Cf. ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, pág. 64.

desenvolvimento de uma indústria de conservas de tomates na Itália, que data da década de 1820. A difusão da massa com molho de tomate é da década de 1830. Até a proliferação dos métodos de conserva do molho de tomate, esses pratos cotidianos não passavam de alimentos restritos a determinadas épocas do ano e aos setores abastados.

A massa<sup>117</sup>, por outro lado, foi incorporada nas dietas populares num período recente, como forma de compensar a perda de outros recursos. Os propulsores desta revolução, os napolitanos, só trocaram o apelido de *'mangiafoglia'* pelo de *'mangiamaccheroni'* em finais do século XVIII. Foi neste momento que surgiu uma importante indústria de massas, que permitiu substituir as verduras, base da alimentação anterior. A massa seca era um produto facilmente conservável, transportável, que não estragava e de preparo fácil. Este género espalhou-se vagarosamente pelo sul da Itália, primeiro nas cidades e depois no campo. Mesmo assim, num período tão próximo quanto o *Risorgimento*, os higienistas faziam esforços para expandir o consumo de massas no Piemonte.

No século XIX, a Itália incorporou novos produtos agrícolas, que chegaram a modificar o tipo de alimentação existente. Na Calábria começaram a ser cultivados pimentões; na Sicília foram introduzidos os cítricos por franceses e ingleses. O mesmo acontecia com os legumes. O grão de bico deixou as mesas das classes abastadas para ser consumido pelos pobres. Mesmo com os novos produtos, as carências continuavam a ser profundas. O maior consumo de alguns géneros era compensado pelas perdas de outros. Isto aconteceu no Piemonte ao longo do século XIX: cresceu o consumo de cereais e diminuiu o do vinho.<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup>- Existe uma variada e contraditória bibliografia sobre as massas, origens, tipos e formas de consumos. Porém, todos os autores concordam que sua difusão como um alimento cotidiano data de finais do Século XVIII e início do XIX: *Vide* CONSIGLIO, Alberto "Storia dei Maccheroni" Roma, Newton Tascabile, 1997; GOODY, J. *Op. Cit.*, pág. 36; MONTANARI, M. *Op. Cit.*, págs. 139 a 142; e TANNAHILL, R. *Op. Cit.*, págs. 234 a 237.

<sup>118</sup>- Para a expansão da produção e consumo de cereais na Europa *Vide* TEUTEBERG, H. J. e FLANDRIN, J.-L. *Op. Cit.*, págs. 710 e 711.

As batatas começaram a ser cultivadas em toda a Itália para consumo humano pouco antes das grandes migrações – o primeiro cultivo de batatas na Calábria data de 1822. As batatas, que até esse momento alimentavam os porcos, substituíram parcialmente o pão e integralmente as castanhas. Na Calábria a farinha de trigo deixou de ser aumentada com farinha de castanha, passando a usar farinha de batata. Este gênero entrou numa série de preparos e pratos, modificando sensivelmente a cozinha meridional.<sup>119</sup>

Além das transformações próprias da Itália, os imigrantes se defrontaram com a realidade da Argentina, que tinha suas peculiaridades. Segundo Piero Bevilacqua, a mudança na América não foi unicamente de dieta, mas também de *mentalidade*, quebrando o elemento mais resistente do passado: a alimentação.<sup>120</sup> Além dos novos elementos incorporados os imigrantes se depararam com uma maneira diferente de alimentar-se, baseada num amplo leque de produtos processados industrialmente – enlatados ou resfriados – e de produtos que chegavam de regiões afastadas, transportados pela extensa rede de estradas de ferro. Ambos permitiam fugir dos ciclos sazonais e manter um abastecimento amplo e permanente de produtos alimentares na cidade de Buenos Aires.

O primeiro choque alimentar dos imigrantes tinha lugar no barco rumo à América. Neste momento, os imigrantes começavam a abandonar os velhos costumes – embora pudessem retomá-los na chegada – e a incorporar outros consumos. Uma vez a bordo, os imigrantes tinham direito por lei a certos consumos diários: açúcar,

---

<sup>119</sup>- Sobre as distintas inovações ingressadas na Itália no período prévio à grande imigração e durante a mesma Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, págs. 526 e 527; ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, págs. 62 a 64; e SERENI, Emilio "Note di storia dell'alimentazione nel Mezzogiorno: i napoletani da "mangiafoglia" a "mangiamaccheroni" IN: *Idem* "Terra nuova e buoi rossi" Torino, Einaudi, 1981, págs. 362, 363 e 370-371. Sobre as compensações entre produtos LIVI-BACCI, M. *Op. Cit.*, pág. 15+. A continuidade na escassez dos consumos na Itália é mencionada por FOERSTER, R. *Op. Cit.*, págs. 95 e 119. Sobre a evolução dos consumos de batatas na Europa vide MONTANARI, M. *Op. Cit.*, págs. 135 a 138; TANNAHILL, R. *Op. Cit.*, págs. 216 a 218 e 289 a 291; e TEUTEBERG, H. J. e FLANDRIN, J-L *Op. Cit.*, pág. 712.

<sup>120</sup>- Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, pág. 543 e 544.

vinho, café, pão, massa, arroz, peixe, queijo, legumes, hortaliças e carne. A abundância e alguns dos produtos seriam uma antecipação do que encontrariam na chegada.<sup>121</sup>

A alimentação estava estabelecida por lei. Os cronistas que olhavam da primeira classe e alguns imigrantes com uma boa experiência a bordo concordam com a visão de uma boa alimentação, mas também temos informes sobre as dificuldades que os imigrantes passaram na travessia para a América. Algumas companhias, além de carregar mais pessoas do que as devidas, desrespeitavam várias normas, dentre as quais a alimentação. O jornal *La Protesta* transcreveu o abaixo-assinado de um grupo de imigrantes transportados pela companhia *Chargeurs Reunis*. Segundo eles, a água estava sobre a coberta, exposta ao calor; legumes e macarrões eram cozidos sem banha e com pouca carne, ou com bacon estragado; as hortaliças estavam podres; o bacalhau era servido cru e salgado; e tudo isso era acompanhado unicamente por duas colheres de arroz diárias.<sup>122</sup> O deslumbramento podia prolongar-se entre aqueles que permaneciam no *Hotel de Inmigrantes*, durante os 5 dias permitidos. Aqui também, pão, manteiga, sopa, carne, leite, café, chá de erva-mate, vinho, sobremesa e um copo de licor eram abundantes e distribuídos até 4 vezes por dia.<sup>123</sup>

---

<sup>121</sup>.- Cf. BOSIO, Guido "Guida tascabile dell'emigrante italiano nella Republica Argentina" Torino, Tip. Celanza e Comp., 1885; GODIO, Guillermo "Nuevos Horizontes. América, sus primeros factores, la colonización y la emigración" Buenos Aires, Ramón Espasa, s/d (1ª ed. em italiano: 1893), pág. 259; LORENZONI, Júlio "Memórias de um imigrante italiano" Porto Alegre, Sulina, 1975, págs. 25 e 28; POSADA, Adolfo "La República Argentina. Impresiones y comentarios" Madrid, Lib. de Victoriano Suarez, 1912, pág. 14; *Carta de Abele Solá, desde o barco (11/06/1912)* Apud BAILY, S. e RAMELLA, F. *Op. Cit.*, pág. 116; e SANTIGOSA, C. M. *Op. Cit.*, pág. 4. E ainda Cf. CORTI, Paola *Il cibo... Op. Cit.*, pág. 370.

<sup>122</sup>.- Vide 'Inmigrantes a bordo. Peor que perros' IN: "La Protesta" 25/XI/1904. Estes tipo de abusos é outros são noticiados por COLOCCI, Adriano "La crisi Argentina e l'emigrazione italiana nel Sud-America" s/l, s/d, pág. 62.

<sup>123</sup>.- Para alguns a comida do Hotel era muito boa e adequada como aparece no depoimento de Lucia Nebbiolo Gonella Apud FRANZINA, E. *Una patria straniera... Op. Cit.*, pág. 92; na *Carta de Luigi e Oliva Binutti, desde Jesús María - Córdoba (25/03/1878)* Apud FRANZINA, Emilio "Merica, Merica! Emigración e colonización nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina 1876-1902" Verona, Cierre Ed., 1994, pág. 85; e nalguns viajantes como GUBERNATIS, Angelo de "L'Argentina. Ricordi e letture" Firenze, Bernardo Seeber, 1898, págs. 191 e 211. Outros entendiam que a comida do Hotel mal dava para contornar a fome, além de servir uma comida ruim Vide BARZINI, L. *Op. Cit.*, pág. 28, e a carta de H. citada por GAUDELIER, G. *Op. Cit.*, pág. 34. Todos concordam numa coisa: a presença da carne.

Duas culturas alimentares estavam aproximando-se: a cultura da escassez dos imigrantes e a cultura da abundância dos nativos.<sup>124</sup> Certos gêneros, como o alho, ingressaram na dieta italiana neste período, porque era considerado altamente nutritivo. O alho é sinal de que os camponeses italianos estavam procurando soluções para a escassez de alimentos. É provável que este fosse um dos tantos experimentos realizados para mitigar a fome e que continuaram a ser desenvolvidos nos séculos XVIII e XIX, no momento das grandes migrações para América. A imigração é vista por alguns historiadores como uma das formas de combater a fome, tanto entre os que partiam quanto entre os que ficavam.<sup>125</sup>



Fig. 2: Esperando a hora da comida no *Hotel de Inmigrantes*. Foto de 1915. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

A dieta do Sul e do Norte estava restrita a poucos produtos, embora estivessem incorporando novas produções e produtos. A população camponesa tinha poucas escolhas. Simplificando, em ambas regiões a carne era excepcional; a polenta, no Norte,

<sup>124</sup>.- Ortoleva chama a atenção para esta questão no caso dos italianos meridionais que emigravam para os Estados Unidos. Na Argentina a abundância pode ser diferente das expectativas dos imigrantes, porém a deficiência básica, a carne, era abundante nestes dois pontos de arribo. Cf. ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, pág. 61.

<sup>125</sup>.- CORTI, P. *Emigrazione e consuetudini alimentari...* *Op. Cit.*, pág. 684. Um vêneto que imigrou ao Brasil com a família coloca a fome e a falta de melhoras na alimentação como um dos motivos para tomar a decisão de partir. Vide LORENZONI, J. *Op. Cit.*, pág. 14.



e o pão de cereais inferiores e castanha com azeite e sal, no sul, eram os alimentos freqüentes.<sup>126</sup>

Neste sentido, é particularmente interessante o que os imigrantes levavam na bagagem de regresso à Itália. Os patrões queixavam-se porque aqueles que retornavam à Itália recusavam-se a voltar à dieta tradicional e insistiam em comer carne e peixe. Em outros casos, a imigração ocasionou a falta de trabalhadores rurais, o aumento dos salários e a conseqüente melhora na alimentação dos que não imigravam. Aqueles que tinham algum imigrante na família e recebiam algum dinheiro enviado da América compensavam a falta de um familiar com o dinheiro recebido.<sup>127</sup>

Este crescimento da renda *per capita* favoreceu certos processos internos na Itália, como a expansão da pecuária, para atender a nova demanda por carne, o início das importações de carne da América e a maior circulação dos produtos no interior da Itália. Desta forma, ruía a velha estrutura alimentar, permitindo a difusão dos consumos e dos produtos industrializados. Como lembra Montanari, a melhora da alimentação européia estava relacionada com momentos de quedas demográficas, pelo que a saída de imigrantes em massa teve este efeito.<sup>128</sup>

Para os imigrantes, a abundância de carne da Argentina, deve ter sido vivenciada como uma melhora substancial no padrão alimentar. A carne da Argentina punha um final no regime vegetariano e na endêmica carência de proteínas dos imigrantes. Finalmente, eles podiam comer o mesmo, e com a mesma freqüência, que os latifundiários da Espanha e da Itália, ou que os donos de indústrias e oficinas na Inglaterra, na França ou na Alemanha. Um imigrante piemontês dizia que na Argentina a carne era consumida como a polenta no Piemonte. A freqüência no consumo de

<sup>126</sup>- Cf. FOERSTER, R. *Op. Cit.*, págs. 95, 119 e 121. Um análise estatístico em TEUTEBERG, H. J. e FLANDRIN, J-L *Op. Cit.*, pág. 711.

<sup>127</sup>- Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, pág. 541.

<sup>128</sup>- Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, pág. 545 e MONTANARI, M. *Op. Cit.*, pág. 144.

carne representou um modelo cultural e social, “... *uma ruptura secular no aspecto dietético, do gosto, da cultura e da mentalidade.*”<sup>129</sup>

A cozinha italiana, do sul e do norte, era abundante em cereais e verduras em geral, mas atravessava uma carência acentuada de carnes. Esta carência de carnes foi produto de um processo histórico prolongado. O consumo de carnes entre os camponeses sicilianos não era pequeno no século XV; porém, em 1720, chegava apenas a 8 kg anuais – as classes abastadas consumiam meio quilo diário. Muitas das comidas típicas dos sicilianos datam desta época, na procura por substitutos protéicos para as carnes. Os camponeses valeram-se do peixe salgado, do pão – comprado e não feito em casa, por falta de farinha própria – e do vinho –, que alcançou 137 lt anuais por pessoa, em 1720 – para acalmar a fome.<sup>130</sup>

A carne tinha uma importância que superava os aspectos alimentares, tanto que era o ponto de partida para a hibridização dos consumos na Argentina.<sup>131</sup> O esforço para consumir carne fazia com que as despesas com este gênero fossem tão altas quanto o aluguel. Na maioria dos casos representava a segunda despesa, depois do aluguel, e a primeira entre os alimentos.<sup>132</sup> Isto pode ser visto como uma forma de compensar as perdas pessoais que significava a imigração, além de uma forma de ascensão social em relação àqueles que ficavam. Fotografias de animais gordos e cartas narrando enormes churrascos eram enviadas para a Itália, o que mostra a importância

---

<sup>129</sup>- Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, pág. 539; e CORTI, P. *Emigrazione e consuetudini alimentari... Op. Cit.*, pág. 696. O piemontês é Bosca, D. *Io parto per l'America. Storie de emigranti piemontesi*, pág. 144, *Apud*. CORTI, Paola *Il cibo... Op. Cit.*, págs. 374 e 375; e CORTI, P. *Emigración y alimentación... Op. Cit.*, pág. 115. Um cronista italiano dizia que a carne barata facilitava a vida dos imigrantes e que nem a quaresma era respeitada ANIBAL LATINO *Op. Cit.*, pág. 68 e 250.

<sup>130</sup>- Cf. AYMARD, Maurice e BRESC, Henry ‘*Nouriture et consommation em Sicile entre XIV et XVIII siècle*’ IN: “*Annales ESC. Anne 30. N°2-3*” Mars-Juin 1975; BENNASSAR, Bartolomé e GOY, Joseph ‘*Contribution à l’histoire de la consommation alimentaire du XIV au XIX siècle*’ IN: “*Annales ESC. Anne 30. N°2-3*” Mars-Juin 1975; e ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, págs. 61 e 62.

<sup>131</sup>- *vide* SANTIGOSA, C. M. *Op. Cit.*, pág. 184.

<sup>132</sup>- Isto pode ser comparado com o que acontecia com o pão na Inglaterra de inícios do século XIX, no auge da Revolução Industrial. O consumo de pão representava 50% do salário do trabalhador. Isto não significava unicamente a inexistência de outros produtos alternativos, mas também a necessidade de ter acesso a um bem até então reservado aos ricos e nobres: o pão branco. Cf. MORGAN, D. *Op. Cit.*, pág. 40.

simbólica que a carne tinha para os imigrantes. A carne e outros indícios – como custo de vida, quantidade e variedade dos consumos – ajudavam a justificar e dar sentido à escolha feita pelo imigrante, estimulando os remissos a imitá-lo. Alguns tiravam proveito da nova estrutura alimentar e para outros, no pior dos casos, servia para mostrar na terra natal que estavam fazendo algum tipo de progresso.<sup>133</sup>

Outros produtos apareciam pela primeira vez nas dietas dos imigrantes italianos, sobretudo entre os meridionais, como o café, o açúcar e a erva-mate. Estes, mais um pão grande (*galleta*) e a carne, eram dados pelas autoridades em algumas das colônias rurais ou pelos fazendeiros,<sup>134</sup> prolongando a intervenção sobre os costumes. Estes novos produtos, aos que podemos somar a cerveja e o chá, completavam a “revolução” alimentar. A moderação dos trabalhadores italianos começou a desaparecer no contexto da abundância. Os hábitos alimentares dos imigrantes italianos nos Estados Unidos, no Brasil e na Argentina diferiam grandemente dos hábitos dos imigrantes da mesma origem na Europa. Na França, na Suíça ou na Alemanha os consumos limitavam-se a pão, sopa e polenta, mas na América eles multiplicaram seus consumos. Isto pode ser visto como uma mudança de *mentalidade*.<sup>135</sup>

O consumo de novos produtos não significava o abandono dos pratos trazidos de além-mar. Muitos foram incorporados aos consumos habituais, como aconteceu na Itália, com as batatas e os pimentões, que passaram a substituir alguns ingredientes ou a engrossar a lista dos produtos utilizados. Fosse para dar melhor sabor ou uma maior consistência aos pratos já conhecidos, estes passaram a criar uma cozinha híbrida.

---

<sup>133</sup>- Vide CORTI, Paola *Emigración y alimentación... Op. Cit.*, pág. 112; CORTI, P. *Emigración e consuetudini alimentari... Op. Cit.*, pág. 698; CORTI, Paola *Il cibo... Op. Cit.*, págs. 374 e 375. A aceitação ou a valorização comparativa dos alimentos aparece nos depoimentos de Luis Rebuffo citado por FRANZINA, E. *Una patria straniera... Op. Cit.*, pág. 97, e nas cartas de: Nanni Partenio, desde Rosario – Santa Fé (17/06/1878), Leonardo Placereano, desde Buenos Aires (9/07/1880) Apud FRANZINA, E. *Mérica! Mérica!... Op. Cit.*, págs. 92, 93, 103.

<sup>134</sup>- Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, pág. 536; e HURET, Jules “**La Argentina, del Plata a la Cordillera de los Andes**” Paris, Fasquelle, 1911, pág. 394. Isto ajuda a desvendar, em parte, o porque dos altos consumos de erva-mate. Mais barata que o café, era incorporada sem grandes inconvenientes como parte das refeições, e continuava a ser consumida mesmo quando iam para a cidade.

<sup>135</sup>- Sobre as diferenças em ambos continentes Vide FOERSTER, R. *Op. Cit.*

Desta forma, certos pratos são evidentemente uma invenção dos italianos que emigraram para a Argentina, como por exemplo a *Milanesa Napolitana*. Esta fusão de cozinhas foi feita aos poucos e de forma experimental.

Um caso revelador desta miscigenação culinária é uma *fonda* que servia pratos com nomes claramente italianos – mesmo que a origem étnica dos mesmos fosse bastante duvidosa – num salão com retratos de Garibaldi, Mazzini, Vittorio Emanuele, Umberto Iº e a rainha Margherita. Assim o cardápio de um dia qualquer era composto por uma *Sopa à Italiana*, que era uma sopa de macarrões com um ovo dentro; o segundo prato, chamado de *Firenze*, era uma carne de panela cozida com cenouras, cebolas e batatas; o terceiro era uma *Milano*, uma carne frita; o quarto era uma *Genova*, carne com cogumelos, e o último era uma salada chamada de *Garibaldina*, de tomates, feijão, beterrabas, alface e outras verduras.<sup>136</sup>

A hibridização dos costumes refere-se também à adaptação a uma sociedade urbana. A primeira impressão era de rejeição, pela falta de sabor, dos alimentos que encontravam na Argentina, compensada unicamente pela quantidade.<sup>137</sup> Aos poucos, sem os ingredientes e sem a possibilidade de ter acesso a todos os produtos que no local de partida eram colhidos livremente, os imigrantes tiveram que passar a reinventar algumas das receitas dos pratos mais comuns, para manter em parte a identidade original. Enriquecidos, ou modificados, por outros produtos, os consumos tradicionais ganhavam uma outra dimensão, no âmbito doméstico ou público. De qualquer forma, sempre permanecia a saudade e a sensação de perda dos velhos pratos e sabores.<sup>138</sup>

Para manter em parte as tradições, os imigrantes italianos recorriam a uma rede de comercialização formal e de distribuição informal de produtos italianos. Certos

---

<sup>136</sup>. - RESASCO, Francesco “*Alle Rive del Plata. Ricordi di viaggio*” Milano, Frat. Treves ed., 1890, págs. 247 e 248.

<sup>137</sup>. - Cf. *Carta de Oreste Sola, desde Buenos Aires (17/08/1901)* Apud BAILY, S. e RAMELLA, F. *Op. Cit.*, pág. 35. Sobre o impacto da quantidade em América Vide FRANZINA, E. *Una patria straniera...* *Op. Cit.*, págs. 41 e 48.

<sup>138</sup>. - Sobre a valorização dos pratos da terra natal *Carta de Abele Sola, desde Buenos Aires (4/07/1913)*, *Carta de Corinna Sola, desde Buenos Aires (15/02/1915)* e *Carta de Oreste Sola, desde La Plata (8/09/1917)* Apud BAILY, S. e RAMELLA, F. *Op. Cit.*, págs. 136, 157, 158 e 191.

comerciantes vendiam produtos de Itália; alguns chegavam a vender produtos regionais.<sup>139</sup> A chegada de um amigo ou de um parente permitia voltar aos sabores da velha terra, fosse por meio de um vinho, um salame ou alguma conserva, como os *pickles*, elaborados na Valdengo natal.<sup>140</sup> O vinho italiano era o produto mais apreciado pelos trabalhadores, principalmente pelos piemonteses. O comércio étnico também teve uma certa presença integradora, através de anúncios nos periódicos de bairro, étnicos e até, operários.<sup>141</sup>

Os trabalhadores urbanos e rurais passaram a ter contato freqüente com o mercado ao tiveram que recorrer para conseguir seus alimentos. A autoprodução foi sendo relegada, principalmente pela falta de espaço no âmbito doméstico. A experiência do mercado estava sendo desenvolvida já na Itália, não sendo uma novidade para os imigrantes das zonas rurais que chegavam à América. A novidade está na extensão da experiência do mercado a todos os consumos familiares. Já não era uma questão marginal, era central para o abastecimento.

De qualquer forma, o autoconsumo não pode ser ignorado. Quem podia cultivava uma pequena horta, ou criava animais domésticos, como um complemento alimentar. Este tipo de comportamento era uma continuidade de certas práticas rurais, que diminuía o custo da alimentação e permitia manter certos costumes. Os socialistas propunham aproveitar os terrenos baldios como locais para a produção alimentar da vizinhança. Para Gina Lombroso Ferrero, unicamente os italianos mantinham estas produções.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup>- Um detalhado estudo de uma rede comercial, embora para outra nacionalidade, é o de FERNÁNDEZ, Alejandro 'Inmigración y redes comerciales. Un estudio de caso sobre los catalanes de Buenos Aires a comienzos de siglo' IN: "Estudios Migratorios Latinoamericanos, N°32" Abril de 1996, págs. 25 a 59.

<sup>140</sup>- Como é possível ver na *Carta de Abele Sola, desde Buenos Aires (16/07/1914)* Apud BAILY, S. e RAMELLA, F. *Op. Cit.*, pág. 151.

<sup>141</sup>- Os piemonteses apreciavam o vinho de Mendoza e San Juan, produzido por outros piemonteses, mas se queixavam da escassa produção *Vide Carta de Oreste Sola, desde Mendoza (19/09/1901)* e *Carta de Oreste Sola, desde Buenos Aires (9/04/1910)* Apud BAILY, S. e RAMELLA, F. *Op. Cit.*, págs. 37 e 90. Outras questões em CORTI, P. *Emigración e consuetudini alimentari...* *Op. Cit.*, págs. 709, 710 e 712; e ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, págs. 55 e 67.

<sup>142</sup>- *Vide* LOMBROSO FERRERO, G. *Op. Cit.*, pág. 333. Outros autores que falam destas pequenas produções domésticas BARZINI, L. *Op. Cit.*, pág. 20; CATTARUZZA, M. *Op. Cit.*, pág. 59 e 60; CAZZANI, Alessandro

Outra novidade foi o salário. No âmbito urbano, este deixou de ser um complemento da renda familiar, para passar a organizar o orçamento. Praticamente todos os consumos estiveram organizados pelo salário.<sup>143</sup> O mercado, como fonte de abastecimento, e o salário, como organizador dos consumos, dão o caráter de classe à alimentação popular portenha. O salário favoreceu os intercâmbios culinários ou a manutenção das tradições, através do mercado.

A adaptação não era unívoca. Os italianos introduziram parte dos seus costumes, condicionados pelas modas e costumes locais. Nas visões multiculturalistas, falta a apresentação do impacto na sociedade receptora. Foerster percebeu, já em 1919, que estava olhando para uma rua de mão dupla: a adaptação dos imigrantes à Argentina e vice-versa.<sup>144</sup> Por outro lado, não podemos esquecer que o deslocamento dos imigrantes do norte para o sul ocasionava uma série de deslocamentos culturais. Temos que lembrar que muitos dos rituais anuais, religiosos ou pagãos, como o Natal, o Ano Novo, a Páscoa e outros estavam relacionados com as mudanças de estações e a celebração das mesmas. Não podemos deixar de pensar no estranhamento cultural produzido pela readaptação destes rituais na estação oposta. Este é outro tema que merece maiores pesquisas.

O caráter de classe da alimentação não pode ser desconsiderado. A alimentação é um elemento de tensão e conflito, pelo qual se filtra a marca da classe. As dificuldades das donas-de-casa das famílias trabalhadoras não podem ser minimizadas; as limitações na compra de alimentos não podem ser esquecidas. O salário é um elemento definidor do caráter de classe da alimentação. Sem outros rendimentos que os salários dos membros do grupo familiar, atingir o *minimum* necessário para a reposição da força de

---

“L’Argentina. Qual’è veramente” Buenos Aires, Tall. Gráficos de Gunche, Wiebeck y Turtl, 1896, pág. 19; LUPATI, C. *Op. Cit.*, pág. 118; e UNSAÍN, A. *Op. Cit.*, pág. 309. E ainda na justificativa do projeto de lei sobre o barateamento dos consumos de Francisco Beiró e C. J. Rodríguez *vide* REPÚBLICA ARGENTINA, CÁMARA DE DIPUTADOS “**Diario de Sesiones. Año 1918. Tomo II**” Buenos Aires, 1919, págs. 518.

<sup>143</sup>- Cf. BEVILACQUA, P. *Op. Cit.*, pág. 530; e ORTOLEVA, P. *Op. Cit.*, pág. 63.

<sup>144</sup>- *Vide* FOERSTER, R. *Op. Cit.*, págs. 270 e 271.

trabalho passou a ser um dos pilares principais da experiência operária. Daí o grande número de conflitos abertos entre classes abastadas e trabalhadores na cidade de Buenos Aires, fosse visando a elevação dos salários ou a contenção da alta dos preços dos consumos básicos.

A alimentação é um campo de conflitos. Alguns deles foram abertos e levam ao confronto nas ruas, nos periódicos e no Parlamento os trabalhadores e as forças da Ordem – o Estado ou as classes proprietárias. Estes confrontos abertos serão analisados no último capítulo. Mas os enfrentamentos também tiveram um caráter menos evidente e mais dissimulado: a adoção de determinados pratos, por exemplo o *puchero*, que inicialmente foi um símbolo de distinção entre os nativos e os estrangeiros, tornou-se o símbolo da classe trabalhadora.<sup>145</sup> À medida que as classes abastadas podiam ter acesso a novos produtos mais sofisticados, geralmente importados, os trabalhadores tiveram que se contentar com aquilo que estava acessível e a baixo preço.

Não podemos esquecer o impacto das crises cíclicas sobre os orçamentos das famílias operárias, nos quais a variável de ajuste mais imediato era a alimentação. Muitas vezes este item era reduzido ao indispensável. A comida ia diminuindo desde o dia em que recebiam seus ordenados até a semana seguinte. Os principais prejudicados eram as crianças, que tinham que deixar a maior parte da alimentação para os assalariados da família.<sup>146</sup>

Mas a identificação de um prato com um determinado grupo social não implicava a rejeição imediata pelos outros grupos. Os pratos e os ingredientes circularam entre as distintas classes sociais. A dinâmica deste processo não está claramente determinada, é uma questão que deverá ser resolvida por futuras pesquisas.

---

<sup>145</sup>.- Sobre o abandono do puchero pelas famílias abastadas *Vide* DAIREAUX, E. *Op. Cit.... Tomo I*, pág. 152; e HURET, J. *La Argentina.... Op. Cit.*, pág. 23 e 440.

<sup>146</sup>.- Um artigo jornalístico escrito durante a severa crise de 1901, apresentava uma realidade muito mais dura do que foi mostrada até o momento *Vide* *Los obreros y el trabajo. Los conventillos...* *Op. Cit.*, pág. 4; e *Los obreros y el trabajo. En los tramways. Guardas y cocheros. un gremio en desgracia. Multas y suspensiones. Los suplentes y los efectivos. A la espera de vacantes. ¡10.000 recomendados!* XV IN: *“La Prensa”* Buenos Aires, 1/IX/1901, pág. 4

Os limites estabelecidos pelos donos do poder eram desafiados mediante a alimentação. Certos aspectos da alimentação popular invadiam o espaço dos poderosos. A abundância e o acesso a recursos que pareciam pouco apropriado para os trabalhadores levaram a conflitos simbólicos entre os diversos grupos sociais. Sem esquecer conflitos gerados na América entorno alguns consumos, como o alto consumo de álcool. Os imigrantes sofreram preconceitos pelos seus consumos, como a comida italiana, por exemplo, alguns pratos, como o *pesto*, ou alguns dos ingredientes, como o alho.

#### 4.- Conclusões

A alimentação na Argentina atravessou uma série de modificações, a partir da segunda metade do século XIX. Três fatores apressaram estas transformações: a imigração, a urbanização e a industrialização. A inter-relação entre estes fatores provocaram mudanças irreversíveis. A carne, o principal alimento dos *tempos do asado*, foi perdendo importância para produtos industrializados e outros gêneros alimentícios, como o arroz e as batatas. A urbanização limitou as possibilidades de acesso a alimentos fora do âmbito do mercado.

Esta 'italianidade' inventada<sup>147</sup> passou a ser a marca da classe no período, uma forma de diferenciação dos portenhos da elite e seus subalternos prediletos, os *criollos*. Ao tempo que se constituía a etnicidade, esta entrava num processo de redefinição e de hibridização. Os diversos grupos de 'italianos' encontraram-se num âmbito novo, como era Buenos Aires, e com outros grupos nacionais, principalmente argentinos. Ambos grupos atravessavam um período de redefinições, no final do qual encontraram-se como classe. Esta hibridização ou miscigenação culinária resultou numa cozinha própria, que poderíamos chamar de cozinha portenha. A mesma foi criada com base

---

<sup>147</sup>.- No sentido que o termo invenção tem em HOBBSAWM, Eric 'Introdução: A invenção das tradições' IN: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.) "A invenção das tradições" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984 (1ª ed. em inglês: 1983), págs. 9 a 25.



nos consumos comuns a italianos e a *criollos*. Dentre os principais pratos estariam o chimarrão, o *puchero*, o churrasco, as massas, o bife com salada e a polenta. Estes tinham presença garantida nas mesas dos trabalhadores, dentro ou fora do lar.

Estes pratos foram abandonados pelas classes abastadas. Se a rejeição inicial deveu-se à pouca sofisticação na elaboração, a mesma intensificou-se pela adoção destes preparos entre os trabalhadores. A distinção inicial, realizada entre aqueles que comiam ou não *puchero* – nacionais ou estrangeiros –, deu lugar a um outro tipo de diferenciações, onde a marca da classe seria a principal, e os seus emblemas básicos estariam na polenta e no *puchero*.

É evidente que alguns temas merecem ser melhor estudados, ou precisam ser aprofundados; isto, porém, é produto do caráter exploratório que tem este estudo da alimentação. Serão precisas várias teses para poder desvendar certos enigmas, como o da *milanesa napolitana*. Ou melhor, como as trocas se tornaram permanentes, conformando uma nova tradição alimentar, com a utilização de carnes e certos consumos em abundância.

A cozinha foi uma ponte entre duas sociedades: a italiana e a argentina. Uma ponte é uma boa imagem, já que separa mas também une. Neste caso, a alimentação foi um ponto de conflito entre as classes sociais, mas também um ponto de encontro entre duas tradições alimentares que permitiram a hibridização dos costumes anteriores e a incorporação de novos elementos, gerando uma identidade comum aos trabalhadores.

Em termos gerais, poderíamos afirmar que a alimentação dos trabalhadores melhorou ao longo do nosso período. Este é um dos melhores argumentos para os leitores otimistas da história argentina. A quantidade e variedade de alimentos cresceu, conseguindo satisfazer variados tipos de gostos e mitigar a fome dos recém-chegados. A melhora não alcançou unicamente os que estavam na Argentina, mas também os que não tinham migrado viram-se favorecidos pela menor pressão populacional e a industrialização no local de partida.

A alimentação tem nos permitido analisar alguns aspectos da constituição da identidade operária do período, a partir de aspectos objetivos e subjetivos da conformação da consciência. Os objetivos permitiram precisar as condições de elaboração, distribuição e consumo dos alimentos, além de estabelecer a evolução dos preços; o subjetivo delineia as preferências nos consumos e nas opções de compra.

Partindo destes elementos, tentamos estabelecer a dinâmica existente entre questões objetivas e subjetivas e a ação das mesmas na configuração e reconfiguração de uma identidade e de uma consciência particular, diferente daquela de outros grupos sociais. Para isto, analisaremos os elementos de conflito, as ações dos comerciantes e capitalistas para aumentar e gerar lucros além daqueles determinados e aceitos como legítimos.

## Capítulo VII

### Protestos, Resistências E Alternativas Ao Mercado

“El rebaño no se resiste a que lo esquilen: pide tan sólo que no lo sacrifiquen.” (Gabriela L. de Coni, 1906)

“Los orres ya están hartos de morfar salame y pan./Y hoy quieren morfar ostras con sauternes y champán./Aquí ni Dios se va a plantar/el día del reparto a la romana.” (*Se viene la Maroma*, Battistela, Romero e Delfino, 1919)

“...el que consume los productos de la Cervecería Bieckert niega solidaridad a sus hermanos de dolor y miseria.” (*Mar y Tierra*, Bahía Blanca, Janeiro de 1924)

#### 1.- Introdução

Em qualquer jornal ou periódico operário da primeira década do século XX, eram publicados dos mais variados anúncios, que levavam a marca da publicidade da época e apresentavam ao consumidor cigarros, lojas, remédios, roupas, entre outros produtos. Estes anúncios ajudavam a manter os periódicos e estabeleciam uma suposta continuidade de interesses entre anunciantes e trabalhadores. Em 1907 o periódico anarquista *La Protesta* publicou dois anúncios ocupando a parte superior da página destinada à publicidade. O primeiro promovia as Cervejas da Casa *Bieckert* da seguinte forma: “*Africana – Pilsen. Las únicas cervezas preferidas por LOS OBREROS*”. Embaixo, no mesmo tamanho, lia-se: “*Pero como los obreros la han BOICOTEADO es deber de los mismos no consumirla*”. No pé da página, e muito pequeno, aparecia a explicação: “*Boicot a la PILSEN*”.<sup>1</sup>

As normas do mercado para o consumo não foram aceitas sem críticas. Os anúncios comentados mostram a importância dada ao consumo. As organizações operárias de Buenos Aires não reduziram as lutas ao âmbito do trabalho. Pelo contrário, as preocupações dos trabalhadores com o dia a dia ecoaram nestas organizações e nas suas ações. O desemprego, o alto custo da vida, as condições das moradias e os aluguéis, entre outras questões, entraram na agenda das organizações dos

---

<sup>1</sup>- Vide “*La Protesta*” 6/1/1907.

trabalhadores portenhos. A melhora das condições de vida e do cotidiano teve uma forte carga política, permitindo a mobilização dos trabalhadores de Buenos Aires para objetivos mais amplos.

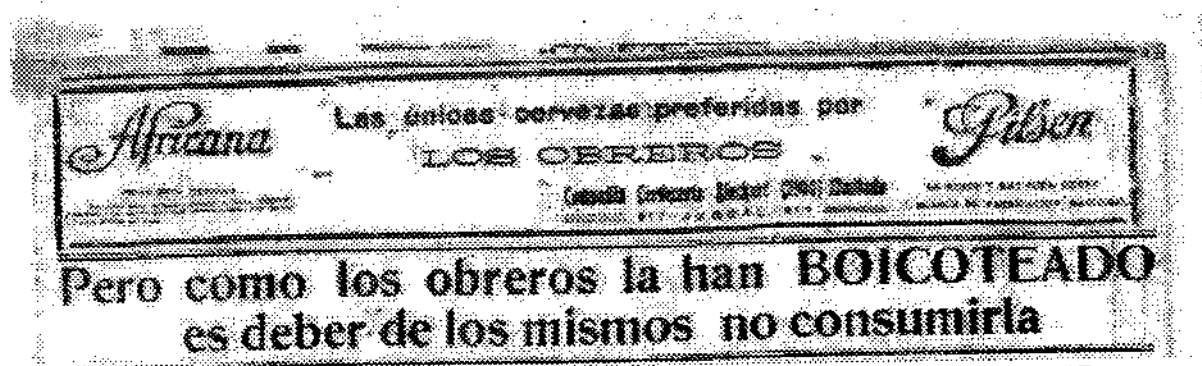


Fig. 1: O chamado ao boicote e a publicidade das cervejas da marca Beckert. *La Protesta*, 1907.

Anarquistas, Sindicalistas e Socialistas reconheceram a importância dos elementos do cotidiano na mobilização operária. Estes grupos tinham uma base popular ampla e seus próprios militantes e dirigentes, principalmente entre os dois primeiros grupos, eram, na maioria dos casos, trabalhadores. Não reconhecer a força mobilizadora dessas questões teria implicado negar as suas próprias necessidades como indivíduos. Militantes e simpatizantes eram atingidos pelas mudanças bruscas da conjuntura econômica e sofriam com as mesmas. Os inúmeros momentos de confluência entre agitação política e reivindicações populares tiveram mais a ver com as condições de vida que com propostas ideológicas.

Neste capítulo abordaremos algumas das formas de resistências e alguns dos momentos de confronto dos trabalhadores com capitalistas e autoridades. Para disciplinar e controlar os trabalhadores, alguns setores do Estado tentaram impor certas reformas nas relações trabalhistas, mas foram inúmeras as vezes em que só com a violência foi possível conter as reivindicações provenientes do cotidiano. O uso sistemático da violência estatal e patronal evidencia a força reivindicativa das ações dos grupos operários, que estavam destinadas a melhorar as condições de vida, mas

também evidencia as divisões internas das classes dominantes, que acabariam com a mudança do sistema eleitoral.

Algumas formas de resistência e alternativa às práticas do mercado, combinadas com queixas às autoridades e protestos populares, tiveram como resultado antes a consolidação da consciência de classe do que uma modificação das condições de vida. Instituições como as cooperativas e táticas como o boicote foram postas em prática, politizando o consumo e também as mulheres, organizadoras dos orçamentos familiares. Os protestos, pelo contrário, tiveram uma característica masculina, o que permitiu apresentar o apelo de massas de certas reivindicações imediatas, ou não tanto, e a conformação da consciência de classe.

Os trabalhadores estabeleceram uma economia política do consumo a partir das relações estabelecidas com o mercado, como produtores e consumidores. A politização do consumo, como uma das formas de luta de classe, teve as suas nuances. Anarquistas, Sindicalistas e Socialistas tiveram posições diferentes ante o consumo e as suas formas de utilização. Os diversos grupos valeram-se de algumas formas de luta já conhecidas em outros países, como o *label* (o rotulo de produção em cooperativas ou em locais com pessoal totalmente sindicalizado), o boicote e as cooperativas.

## 2.- As cooperativas de consumo e produção

As cooperativas tiveram como objetivo baratear os consumos dos operários ou dos imigrantes. Pelas suas características, foram apresentadas como uma forma alternativa de fazer as compras, embora não contribuíssem significativamente no dia a dia da comunidade. As cooperativas eram poucas e não conseguiam dar conta das necessidades das famílias operárias, atendendo apenas aqueles que estavam próximos dos locais de venda. Portanto, foi insignificante a quantidade dos beneficiados pelas cooperativas. Nestes locais a compra a crédito era factível apenas para os sócios, e nem sempre, o que acabava reduzindo o número dos interessados.

Não foram muitas as cooperativas que funcionaram durante o nosso período. A primeira cooperativa na qual o Partido Socialista teve certa ingerência foi a *Cooperativa Obrera de Consumos*, fundada em 1898. O partido emprestava o local, rua México 2070, onde funcionavam vários centros socialistas e sindicatos de diferentes tendências; além disso, dava apoio por meio da sua imprensa, principalmente de *La Vanguardia*. Em 1901, *La Vanguardia* publicou vários artigos chamando os trabalhadores a fazerem suas compras diárias nesta cooperativa, como uma forma de relançamento. Mas, apesar de todo o apoio dos socialistas, esta cooperativa não conseguiu ir além de 1902.<sup>2</sup>

Esta experiência deixou alguns ensinamentos e sua história é mais interessante pelo fracasso que pelo êxito. A cooperativa tinha certas exigências que limitaram sua expansão, tanto que, embora continuasse a funcionar por mais um tempo, em Janeiro de 1901 tinha sido convocada uma assembléia para a sua liquidação.<sup>3</sup> Ao longo desse ano alguns esforços foram realizados, como o restabelecimento da entrega a domicílio e a permissão de que qualquer pessoa pudesse comprar em nome de um sócio. Esta mudança alterava o espírito da cooperativa, que tinha por objetivo comprometer os operários com o cooperativismo. Desta forma, foi incentivado o afã de lucro. Porém, a proibição de compra aos não sócios era um dos problemas mais sérios enfrentados pela *Cooperativa Obrera de Consumos*.<sup>4</sup>

Ser sócio não era barato, mesmo quando, numa das tentativas por reativá-la, foi permitido pagar as ações em prestações. O custo da cota de filiação, \$1 mensal, contribuiu para o fracasso, tanto quanto a incapacidade para mobilizar a mulher. O alto valor da cota levou os dirigentes da cooperativa a pedirem aos Centros Socialistas que comprassem ações e facilitassem as mesmas aos membros solteiros. Outra forma de

---

2.- A publicidade da *Cooperativa Obrera de Consumos* aparecia no *Diario del Pueblo* em Outubro de 1899 e em *La Vanguardia* ao longo de 1901. A data de fundação em SPALDING, Hobart "La Clase Trabajadora Argentina" Buenos Aires, Galema, 1970, pág. 190.

3.- 'Cooperativa Obrera de Consumos' IN: "*La Vanguardia*" 19/I/1901.

4.- 'Cooperativa Obrera de Consumos' IN: "*La Vanguardia*" 16/II/1901; 'En Pro de la Cooperativa Obrera de Consumos' IN: "*La Vanguardia*" 15/VI/1901; e '*Cooperativa Obrera de Consumos. México 2070*' IN: "*La Vanguardia*" 19/X/1901.

apoiar a cooperativa foi a poupança em títulos da cooperativa, que podiam ser convertidos em mercadorias a qualquer momento. Assim, eram anunciados para ser utilizados em tempos de desemprego ou de enfermidade do associado.<sup>5</sup>

O socialista Nicolás Repetto reconhecia as dificuldades dos socialistas em interessar as mulheres por temas abstratos, mas o cooperativismo dava a oportunidade de interessá-las por questões nas quais veriam resultados positivos e imediatos. A cooperativa era um meio de chamar a mulher a participar e a relacionar-se com o movimento operário. A posição de Repetto não passou das boas intenções.<sup>6</sup>

Em 1905, existiam outras cooperativas medianamente importantes, embora restritas a grupos específicos, um deles profissional – os ferroviários – e o outro étnico – os franceses. A *Sociedad Cooperativa Ferroviaria de Consumos Limitada* tinha como finalidade suprir as necessidades dos ferroviários e das suas famílias em todo o país, ou, pelo menos, onde a concentração deles permitisse a instalação de armazéns e depósitos. A *Cooperativa Ferroviaria* vendia produtos alimentícios e de primeira necessidade a preços baixos e de boa qualidade. A Cooperativa também vendia a não ferroviários, com a ressalva de que não podiam comprar a crédito, tendo que pagar à vista. A outra era a *Société Coopérative Française de Consommation, Société Civile à capital et personnel variables*, criada em 1896, que abastecia seus associados dos elementos básicos da subsistência a baixos preços. Compravam diretamente ao produtor, sem intermediários, para obter bons preços.<sup>7</sup>

A principal cooperativa de consumos operários do período foi outra iniciativa dos Socialistas: *El Hogar Obrero*, que funcionou até 1991. Inicialmente, esta cooperativa não teve os consumos dos trabalhadores como o principal objetivo. A sua história foi

---

<sup>5</sup>- Sobre os solteiros *Véase En Pro de la Cooperativa...* Op. Cit. 15/VI/1901; e *Cooperativa...* *México* 2070 Op. Cit. 19/X/1901.

<sup>6</sup>- A opinião sobre a mulher é de REPETTO, Nicolás 'Socialismo y cooperación' IN: "*La Vanguardia*" 22/VI/1901.

<sup>7</sup>- ALSINA, Juan "*El obrero en la República en Argentina. Tomo I*" Buenos Aires, Imp. Calle de México, 1905, pág. 108.

um tanto difícil. A primeira etapa desta cooperativa foi efêmera: fundada em 1905, foi rapidamente desativada, por entraves com os impostos. As gestões e petições feitas para manter *El Hogar Obrero* funcionando foram inúteis. O argumento utilizado para baixar as taxas de funcionamento foi a construção de casas para os trabalhadores, que era um argumento caro ao Estado e era utilizado sempre que se doavam terras às associações de beneficência.<sup>8</sup> A derradeira inauguração teve lugar em 1907, com a modificação da legislação e a isenção do pagamento do alvará às cooperativas com ações igualitárias. Neste momento, Juan B. Justo, o líder do socialismo, sugeriu a formação de uma cooperativa de consumos, mas a idéia foi rejeitada porque parecia não ser viável, depois da experiência da *Cooperativa Obrera*. A construção de casas e a incorporação de sócios prosperaram, sendo construídas 192 casas em 7 anos. De 155 sócios – 25 no momento da fundação, em 1905 – passou para em 2.325 em 1913, 15% dos quais eram mulheres. Em 1915 eram 2.900.<sup>9</sup> Os Sindicalistas Revolucionários contestavam os argumentos de *El Hogar Obrero*: os apartamentos custavam \$ 56 mensais, que dificilmente podiam ser pagos por um trabalhador que ganhava até \$ 5 por dia.<sup>10</sup>

O objetivo principal dos socialistas era tornar *El Hogar Obrero* uma cooperativa de edificação, pelo que a seção de consumos demorou a iniciar as suas atividades. Mesmo quando os consumos começaram a ser atendidos, o espaço físico destinado aos mesmos estava fora do centro da cidade e afastado da sede da cooperativa. A seção de consumos ficou esquecida até que, em 1910, recebeu as instalações de uma falida cooperativa de padeiros, no proletário bairro de *Barracas*. Foi ampliada em 1911, com a construção de outra padaria em *Caballito*.

<sup>8</sup>- Sobre as queixas dos socialistas e as atividades da Cooperativa nos primeiros meses de vida *Vide* 'El Hogar Obrero' IN: "La Vanguardia" 9/II/1905; e 'Pro-Hogar Obrero' IN: "La Vanguardia" 22/IX/1905.

<sup>9</sup>- Cf. MUZZILLI, Carolina 'El Hogar Obrero' IN: "Boletín del Museo Social Argentino. N°19. Tomo II" Buenos Aires, 1913, págs. 117 e 118; e 'Sesión N°39. 10/IX/1915' IN: REPÚBLICA ARGENTINA, CÁMARA DE DIPUTADOS "Diario de Sesiones. Año 1915. Tomo III" Buenos Aires, 1916, págs. 281 e 283.

<sup>10</sup>- Para os argumentos dos sindicalistas revolucionários *Vide* 'El Cooperativismo' IN: "La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N° 295" 23/VIII/1913.



A cooperativa de padeiros foi parte de outros esforços de independência dos padeiros que não tiveram muita vida. Já em 1902, ante uma importante greve de padeiros, eles criaram algumas cooperativas, como forma de ganhar algum dinheiro ao longo da greve. A idéia era vender o pão mais baratos que nas padarias. Uma das cooperativas criadas pelos padeiros, a Cooperativa *Geminal*, passou a dar um quilo de pão diário aos grevistas. Este era o tipo de cooperativa de produção alentada pelos anarquistas: funcionando como apoio durante as greves, era uma potente arma ofensiva. Alguns sindicatos apoiaram economicamente esta iniciativa, mas, apesar dos esforços realizados, as cooperativas de padeiros tiveram vida efêmera. Outras padarias cooperativas, de vida curta, também foram criadas *a posteriori*.<sup>11</sup>

*La Vanguardia* não deixou de estimular seus leitores a consumir na padaria cooperativa de *Barracas*. Mesmo assim, as informações dadas pelo periódico socialista foram contraditórias e os esforços insuficientes. Como já vimos, a padaria cooperativa de *Barracas* também chamava a atenção dos sindicalistas revolucionários. Outra cooperativa de produção foi a *Lecheros Unidos*, na qual os leiteiros de Buenos Aires uniram-se para enfrentar as grandes usinas lácteas, como já foi mencionado no capítulo 4.<sup>12</sup>

Ao continuar com a padaria, os socialistas do *El Hogar Obrero* tentavam não só demonstrar a viabilidade das cooperativas de consumo, mas também manter uma padaria trabalhando a baixos custos, para amenizar os aumentos no preço do pão. A produção estava limitada a uns 300 quilos diários de pão de primeira a 23 centavos, o único elaborado pela padaria cooperativa, e a 28 centavos, se vendido a domicílio.

---

<sup>11</sup>.- Dados sobre as padarias cooperativas de 1902 podem ser achados em 'La huelga de panaderos. Las cooperativas' IN: "**La Prensa**" 8/VIII/1902; e 'Cooperativa de panaderos Geminal' IN: "**La Protesta Humana. Periódico Anarquista**" nos N<sup>os</sup> 173 e 178 de 10/V/1902 e 14/VI/1902. Para outras padarias cooperativas *Vide* 'La Cooperativa de panadería' IN: "**La Vanguardia**" 28/III/1906; e 'La Cooperativa de panadería' IN: "**La Vanguardia**" 30/III/1906.

<sup>12</sup>.- Os contraditórios dados sobre a cooperativa de *Barracas* apareceram em *La Vanguardia* desde 1907 até 1910. Dados sobre a cooperativa *Lecheros Unidos* 'La Cooperación en Buenos Aires. La cooperativa "Lecheros Unidos"' IN: "**La Vanguardia**" 28 e 29/III/1910. Os sindicalistas revolucionários alertaram para a desorganização no funcionamento desta cooperativa em *El Cooperativismo... Op. Cit.*

Lembremos que 28 centavos era o preço do pão de segunda em qualquer padaria. Uma parte da exígua produção estava destinada a outro local da cooperativa de padeiros, em *La Boca*. O pão era subsidiado, ocasionando algumas perdas, que tinham que ir caindo lentamente. Mas a escassa produção não conseguia influir no preço geral do pão, ou concorrer com as outras padarias.<sup>13</sup>

Para os socialistas, a cooperativa era uma solução no controle dos preços do pão. Porém, o principal objetivo socialista era uma padaria municipal. A municipalização de determinados serviços públicos ou de parte do abastecimento da cidade, era apresentada como a melhor política para baratear os consumos, especialmente dos operários. Desta forma, enquanto não era possível municipalizar este serviço, a melhor forma de baixar os preços era a cooperativa.<sup>14</sup>

Os resultados práticos de *El Hogar Obrero* foram limitados durante o nosso período. Sua influência no mercado foi pouco significativa e suas atividades só conseguiram se expandir posteriormente. Esta cooperativa foi um dos grandes esforços feitos pelos socialistas para modificar as condições de vida dos trabalhadores. *El Hogar Obrero* foi um tormento para os socialistas. A cooperativa não conseguia deslanchar, pois os trabalhadores não tinham o dinheiro suficiente para comprar as casas ou obter os créditos oferecidos. Além do mais, dos 2.900 sócios existentes em 1915, apenas 500 faziam compras na seção de consumos, pelo que os preços da cooperativa não podiam concorrer com os preços das grandes lojas, como *Guth & Chaves* e a *Cooperativa Nacional de Consumos* – uma sociedade anônima. Como consequência, esta seção acumulava perdas, sendo os produtos mais vendidos o açúcar e o vinho. Logo o vinho, a causa dos grandes males das famílias trabalhadoras.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup>- Um pedido para a municipalização das padarias, feito ao Município em 1907, foi negado 'El pan seguirá pagándose caro' IN: "*La Vanguardia*" 14/VII/1907.

<sup>14</sup>- A apresentação da alternativa cooperativa até a municipalização do serviço em 'Contra la suba del pan' IN: "*La Vanguardia*" 10, 11 e 14/II/1906.

<sup>15</sup>- No debate sobre a Lei de Casas Baratas é possível ver as dificuldades dos Socialistas para argumentar a favor de *El Hogar Obrero*. Vide 'Sesión Nº37. 3/IX/1915' IN: *Diario de Sesiones. Año 1915... Op. Cit.*, págs. 176 a 194; e

Os socialistas tentaram melhorar as condições de funcionamento de *El Hogar Obrero*. A sua tática consistia em negociar no Congresso melhoras para o funcionamento das cooperativas, além de agrupar um bom número de sindicatos – 12 em 1911, um deles realmente importante: a *Federación Gráfica Bonaerense* – e associações operárias sob a idéia de uma cooperativa de construção e consumos.<sup>16</sup>

O objetivo de baratear os consumos, dado às cooperativas pelos socialistas, sobretudo depois da experiência da *Cooperativa Obrera de Consumos*, limitou a possibilidade da politização dos consumos. A *Cooperativa Obrera* destinava 3% de sua receita ao PS, para ser utilizado em propaganda.<sup>17</sup> Com *El Hogar Obrero*, mudou a forma de aplicação dos recursos das cooperativas: como uma forma de afugentar qualquer suspeita sobre a utilização da renda das cooperativas, optaram pela despolitização das mesmas. *El Hogar Obrero* acabou não contribuindo para o PSA nem para propaganda. Os socialistas acabaram rejeitando as formas tradicionais de funcionamento das cooperativas européias e dos Estados Unidos, nas quais parte dos lucros podiam ser gastos com apoio a grevistas, propaganda sindical, ou com a ajuda a presos políticos. Ou ainda de dar uma cor política ao consumo, aparecendo como alternativa à venda voltada ao lucro.<sup>18</sup>

Foram raros os momentos em que os socialistas apelaram para um discurso politizado em torno das cooperativas, apresentando o consumo como uma das formas de exploração dos operários. O discurso anti-capitalista perdia força nas cooperativas

---

*Sesión N°39... Op. Cit.*, págs. 269 a 309. O argumento utilizado para vender vinho era que ajudava a subsidiar outros consumos.

16.- Maiores detalhes sobre esta cooperativa *Vide* 'La cooperación en Buenos Aires' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo N°19" Buenos Aires, 31/XII/1911, págs. 1051 a 1056; MUZZILLI, C. *Op. Cit.*, pág. 209 a 220; POSADA, Adolfo "La República Argentina. Impresiones y comentarios" Madrid, Lib. gral. de Victoriano Suarez, 1912, págs. 128 a 130; e *Sesión N°39... Op. Cit.*, págs. 280 a 285.

17.- *Vide En Pro de la Cooperativa... Op. Cit.*

18.- Sobre as cooperativas americanas *Vide* FRANK, Dana "'Food wins all struggles': Seattle labor and the politicization of Consumption" IN: "Radical History Review N°51" Fall 1991, pág. 65.

de produção, recomendando-se que estas produzissem seguindo os padrões capitalistas, o que dava a possibilidade de réplica aos anarquistas.<sup>19</sup>

De qualquer forma, os socialistas apresentaram diferenças com as chamadas cooperativas capitalistas: nestas cooperativas, os lucros eram distribuídos de acordo com o capital investido; nas cooperativas socialistas, de acordo com o consumo realizado. A distribuição dos benefícios realizava-se da seguinte forma: 75% do lucro era reintegrado aos sócios, de acordo com os consumos.<sup>20</sup> A questão do lucro e a sua redistribuição foram as questões que maiores rejeições geraram entre os anarquistas.

*El Hogar Obrero* tinha como finalidade melhorar as condições de vida dos trabalhadores barateando os consumos, oferecendo a qualidade que faltava nos *almacenes*, vendendo ao peso certo ou eliminando os intermediários, os grandes vilões na elevação do custo de vida. Ao preocupar-se unicamente com a defesa do poder de compra e das condições dos produtos, permitiu que os filiados às cooperativas tivessem uma oportunidade de conter a inflação.<sup>21</sup> Desta forma, o cooperativismo à moda socialista foi perdendo a capacidade de ser apresentado como uma alternativa aos mecanismos do mercado, passando a ser cada vez mais um dos elementos do mercado.

A cooperação foi utilizada como uma arma contra o capital quando usada pelas cooperativas de produção voltadas para os consumos populares. Nem sempre as cooperativas foram ameaças efetivas, ou mesmo puderam ser implementadas, mas os trabalhadores não deixaram de utilizar esta tática no confronto com o Capital. O cooperativismo não era uma arma ofensiva, mas uma forma de autodefesa ante os abusos dos patrões ou das grandes lojas.

---

19.- A respeito *Vide* 'La Cooperativa Obrera de Consumos. El Centro Norte se preocupa de ella' IN: "La Vanguardia" 30/III/1901; e REPETTO, Nicolás 'Socialismo y cooperación (continuación)' IN: "La Vanguardia" 4/V/1901.

20.- Sobre o tipo de cooperativas *Vide* 'Las Cooperativas' IN: "La Vanguardia" 15/II/1906. Sobre a distribuição dos benefícios *Sesión N°39... Op. Cit.*, pág. 308.

21.- Este argumentos já tinham sido utilizados para manter em funcionamento a *Cooperativa Obrera de Consumos*. *Vide* *La Cooperativa Obrera...Op. Cit.*, 30/III/1901; e REPETTO, Nicolás 'Socialismo y cooperación (continuación)' IN: "La Vanguardia" 25/V/1901.

Uma das dificuldades que o Socialismo argentino teve na área da cooperação, pelo menos ao longo do nosso período, foi a falta de apelo ou de difusão do cooperativismo entre as mulheres. Como organizadora dos consumos e dos orçamentos familiares, a mulher era a peça chave para o êxito das cooperativas, mas o socialismo negligenciou a importância da mulher neste aspecto. A publicidade realizada por meio de *La Vanguardia* estava direcionada ao público deste periódico: trabalhadores homens. A mulher não contava como consumidora. Assim, o apelo do combate à inflação ou da poupança nas compras diárias não tinha um grande impacto entre os homens. Nos Estados Unidos, durante a febre cooperativa que teve lugar em Seattle, o apelo à mulher foi feito com base no ideal do lar. O lar devia ser defendido dos abusos patronais, ainda mediante o consumo.<sup>22</sup> Nicolás Repetto fez um dos poucos apelos à mulher feitos pelos socialistas argentinos, apresentando o cooperativismo como uma forma de atrair a mulher para o socialismo.

Embora os Socialistas continuassem a favorecer as cooperativas, o discurso “radicalizado” foi sendo suavizado ao longo do nosso período. Já em 1907, apareceu um artigo em *La Vanguardia* incentivando a participação dos trabalhadores nas cooperativas de produção. O argumento deixava de lado o discurso de confronto com o Capital, enfatizando a possibilidade de obter lucros desta forma.<sup>23</sup>

Nicolás Repetto continuou fazendo conferências, como incentivo ao cooperativismo. Porém, o cooperativismo do final da década de 1910 era bastante diferente daquele do princípio do século. Mantinha algumas premissas, como baratear os consumos, não dar crédito, vender unicamente aos sócios e preservar a qualidade e a quantidade vendidas; mas o cooperativismo passava a ser um fim em si mesmo. As cooperativas tinham que estar livres de religião ou de filiação política; já não era possível contribuir com os sindicatos ou partidos. Esta tendência era sugerida desde tempos

<sup>22</sup>- Vide FRANK, Dana “Purchasing Power: Consumer organizing, gender, and the Seattle Labor Movement, 1919-1929” Cambridge, Cambridge University Press, 1994, págs. 56 e 57.

<sup>23</sup>- O artigo é de NIVE, José ‘Necesidad de las Cooperativas’ IN: “*La Vanguardia*” 22/V/1907.

atrás, mas neste momento passava a ser uma característica comum à tática socialista. Outra importante mudança nas táticas do socialismo foi a preeminência dada aos consumos sobre a produção ou a edificação. Estimularam a cooperativização dos empregados municipais e nos bairros afastados.<sup>24</sup> A despolitização dos consumos era central para ao cooperativismo, sendo difícil manter uma relação direta entre Partido e instituições cooperativas.

O movimento cooperativista teve uma relação difícil com o movimento operário. Nem sempre os sindicatos ou as associações operárias coincidiram com as táticas do cooperativismo. De qualquer forma, praticamente desde o primeiro momento em que os trabalhadores iniciam sua organização em federações, aparece o apelo ao cooperativismo. Em 1901, foi convocado um congresso para discutir a fundação de uma federação de sindicatos, a *Federación Obrera Argentina* (FOA), a criação de uma entidade de distribuição de trabalho, a greve geral como forma de luta e a criação de cooperativas. Embora a questão cooperativa não chegasse a ser considerada, estava presente na agenda.<sup>25</sup>

O cooperativismo passou a ser analisado no Segundo Congresso da FOA (1902). Neste congresso, as cooperativas de consumo são consideradas como um meio de defesa, como forma de emancipação dos intermediários “*exploradores e envenenadores*”, não aparecendo referências às cooperativas de produção. Neste período, os anarquistas apoiavam as cooperativas de produção, favorecendo àqueles trabalhadores que procuravam fugir das fábricas associando-se como produtores livres e não criando

---

<sup>24</sup>- Vide BOGLIOLO, Rómulo ‘La Cooperación Libre’ IN: “*La Vanguardia*” 6/I/1919; e REPETTO, Nicolás ‘Cooperación Libre’ IN: “*La Vanguardia*” 4/I/1919. A divulgação das cooperativas aparece na justificativa do projeto de lei sobre o barateamento dos consumos de Francisco Beiró e C. J. Rodríguez REPÚBLICA ARGENTINA, CÁMARA DE DIPUTADOS “*Diario de Sesiones. Año 1918. Tomo II*” Buenos Aires, 1919, págs. 517. A necessidade de despolitizar as cooperativas já aparece em *Las cooperativas y la lucha de clases... Op. Cit.*

<sup>25</sup>- MAROTTA, Sebastián “*El Movimiento Sindical Argentino. Vol. I*” Buenos Aires, Libera, 1975 (1ª ed. 1960), págs. 124 e 132.

novas oficinas que seguissem os padrões capitalistas de produção. As cooperativas de produção ligadas ao anarquismo doavam parte dos lucros à imprensa operária.<sup>26</sup>

As mudanças de atitude em relação ao cooperativismo como uma forma de diferenciação entre as distintas tendências operárias começaram pouco depois deste Segundo Congresso. Até esse momento, o anarquismo tinha uma posição pouco clara a respeito. Para aceitar as cooperativas de produção, estas tinham que cumprir alguns requisitos, como pagar melhor do que as oficinas normais, diminuir o horário de trabalho e apoiar as greves, entre outros. Sem incentivar sua proliferação, alguns anarquistas entendiam que estas cooperativas podiam contribuir para destruição do capitalismo, desagregando-o em pequenas partes.<sup>27</sup>

Em 1903, os sindicatos Socialistas e alguns sem filiação constituíram a *Unión General de los Trabajadores* (UGT), que não foi imediatamente favorável às cooperativas – deixava nas mãos dos sindicatos a decisão sobre o uso ou não das cooperativas –; a mudança de atitude partiu dos anarquistas. Nesse mesmo ano, no Terceiro Congresso, a FOA decidiu declarar as cooperativas de consumo como *prejudiciais*, porque contrariavam o espírito de rebeldia, fomentando a ambição entre os cooperativistas. Embora não fosse mencionado, o problema das cooperativas estava na repartição dos benefícios produzidos no exercício anual.<sup>28</sup>

A partir desta mudança de orientação dos anarquistas, os socialistas foram menos conciliadores na sua opinião sobre as cooperativas. No Segundo Congresso da

---

<sup>26</sup>.- Sobre o Congresso *Vide* BILSKY, Edgardo "La F.O.R.A. y el movimiento obrero (1900-1910). Vol. 2" Buenos Aires, CEAL, 1985, pág. 197; e MAROTTA, S. *Op. Cit.*, pág. 157. O apoio da imprensa anarquista veio como publicidade nos jornais anarquistas de algumas das cooperativas, principalmente daquelas dos tabaqueiros que destinavam à publicidade dos cigarros *Germinal* da *Cooperativa de Cigarreros* na "La Organización Obrera. Organo de la Federación Obrera de la Región Argentina. Nº 11" [junio de 1902 e a nota sobre a *Cooperativa de panaderos Germinal...* *Op. Cit.*

<sup>27</sup>.- Sobre as cooperativas *Vide* ROMÁN, Pedro "Sobre Cooperativas" IN: "La Protesta Humana. Periódico Anarquista. Nº 190" 6/IX/1902.

<sup>28</sup>.- Sobre o congresso da UGT *Vide* "Congreso Obrero Gremial" IN: "La Vanguardia" 14/III/1903. Sobre ambos os congressos MAROTTA, S. *Op. Cit.*, págs. 181 e 189. Para o Terceiro Congresso da FOA *Vide* BILSKY, E. *La F.O.R.A....Op. Cit.*, pág. 202. Esta parece ter sido uma posição adotada pelos anarquistas locais como forma de confronto com os socialistas. Não descartamos que seja uma posição generalizada se consideramos a importância que os socialistas europeus davam às cooperativas.

UGT, realizado em 1904, decidiram dar *atenção preferencial à criação de cooperativas de produção e consumo*. Lembremos que pouco tempo depois, em 1905, os principais dirigentes socialistas criariam *El Hogar Obrero*.<sup>29</sup>

A confrontação era evidentemente cada vez mais acirrada. Os militantes dos sindicatos anarquistas aproveitaram o Sexto Congresso da FORA (ex-FOA), de 1906, para trazer à tona uma série de denúncias sobre o comportamento conservador dos trabalhadores favoráveis às cooperativas. Os cooperativistas passaram a ser considerados como refratários à luta, egoístas, contrários às organizações operárias, além de dificultarem a possibilidade de estabelecer lutas reivindicativas comuns, já que tinham que atender seus negócios. Só o delegado dos sapateiros tomou a defesa das cooperativas, alegando que, quando eram formadas exclusivamente por trabalhadores, não podiam ser consideradas contrárias aos princípios da emancipação. Pelo contrário, eram o caminho para substituir as instituições burguesas por outras genuinamente operárias. A posição do Congresso foi de condenação das cooperativas. Esta mesma posição era acompanhada pela imprensa anarquista, como forma de evidenciar as diferenças com o socialismo. Uma vez experimentado, o cooperativismo tinha se revelado inócuo no combate ao capitalismo. Desta forma, a prática tinha demonstrado, melhor que a teoria, as falências do sistema cooperativo.<sup>30</sup>

Em 1908, *La Protesta* publicou dois artigos para analisar o cooperativismo. A posição oficial do anarquismo, representada pelos editores deste jornal, rejeitava o cooperativismo, alentando a propaganda sobre a reforma social. A posição anarquista tinha mudado radicalmente. A cooperativa, vista como uma forma de desintegrar o Capitalismo, era uma nova forma de colaboração de classes.<sup>31</sup> A rejeição das cooperativas centrou-se nas cooperativas de consumo, não nas de produção. Esta

<sup>29</sup>- MAROTTA, S. *Op. Cit.*, pág. 196.

<sup>30</sup>- Sobre o Congresso BILSKY, E. *La F.O.R.A....Op. Cit.*, págs. 220 a 221; e MAROTTA, S. *Op. Cit.*, págs. 305 e 306; para um exemplo da imprensa *Vide 'La Cooperativa'* IN: "**Fulgor. Periódico Anarquista. Nº1**" 8/III/1906.

<sup>31</sup>- A nova posição do anarquismo em 'Cooperativismo' IN: "**La Protesta**" 19 e 20/III/1908.



posição anti-socialista era parte de uma estratégia de radicalização, e que aumentou de prestígio dos sindicalistas revolucionários.

As propostas cooperativistas dos socialistas da UGT perderam força com o crescimento dos Sindicalistas. No último Congresso desta Federação, em 1906, os Sindicalistas Revolucionários, recentemente expulsos do PSA, conseguiram bloquear uma moção de apoio às cooperativas de construção, como *El Hogar Obrero*, para combater as altas dos aluguéis e dar apoio à agitação dos inquilinos. O argumento de que as cooperativas de construção barateariam os aluguéis foi visto como uma proposta de longo alcance, de difícil concreção e que afastava os trabalhadores dos sindicatos e das greves. Os sindicalistas revolucionários questionavam os socialistas quanto à falta de apoio à propaganda operária nas cooperativas por eles auspiciadas. A já mencionada cooperativa de padeiros de *Barracas* era um exemplo. Faltava nos seus estatutos uma cláusula de apoio à propaganda ou às instituições dos trabalhadores. Desta forma, as cooperativas tornavam-se empreendimentos para baratear o custo de vida, mas não contribuía nos confrontos com o Capital.<sup>32</sup>

No Terceiro Censo Nacional, de 1914, foram apresentados alguns dados sobre as cooperativas de Buenos Aires. A lista não é muito completa, mas apresenta uma certa tendência do movimento cooperativista existente, principalmente das cooperativas de consumo, das quais, já tinham deixado de funcionar: *Cooperativa de almaceneros* (1884 a 1890); *Cooperativa Ferroviaria de consumos* (1901 a 1906); *Cooperativa Frutícola* (1907 a 1905); *La Minorista. Fábrica de Hielo* (1904 a 1915); *Coop. de Consumos entre empleados de la Cía. Gral. De Fósforos* (fundada entre 1907 e 1912 e até 1913); *Cooperativa Italiana* (fundada entre 1907 e 1912 e até 1914); *Vida Barata* (fundada entre 1907 e 1912 e até 1914). As que continuavam em funcionamento, destinadas ao consumo e à construção, eram: *Cooperativa de empleados de Banco; Crédito y previsión. Cooperativa de empleados de Aduana; La*

---

<sup>32</sup>- MAROTTA, S. *Op. Cit.*, págs. 323 e 324. A análise da cooperativa de padeiros em '*Las Cooperativas y la lucha de clases*' IN: "*La Acción Socialista. Periódico Sindicalista Revolucionario. N° 20*" 1/VI/1906.

*Justicia Social; El Hogar Obrero; La Casa Popular Propia; Cooperativa de Artes y Oficios; Cooperativa El Pueblo para el Pueblo; Cooperativa de Consumos entre empleados del F.C.P.; Cooperativa de Lecherías.*<sup>33</sup>

A separação do cooperativismo do movimento operário organizado tornou-se mais evidente depois do Iº Congresso de Cooperativas, em Março de 1919, que teve como sede *El Hogar Obrero*.<sup>34</sup> O objetivo era o de fomentar a participação de cooperativas de diversas origens, como bancos, construtoras e lojas. A intenção de transformar os consumidores em pequenos capitalistas, mediante o incentivo ao cooperativismo e a repartição dos lucros segundo os consumos, foi explicitada neste Congresso. Além do mais, daqui deviam sair propostas e posições unificadas do movimento cooperativo que permitissem negociar com os diversos estamentos do Estado.

Os debates deste Congresso foram meramente técnicos e giraram em torno do funcionamento e da contabilidade das cooperativas. A importância deste encontro esteve no poder convocatório do cooperativismo e, por extensão, dos socialistas, organizadores e propulsores destas instituições na Argentina. A participação foi importante; instituições de Buenos Aires, La Plata e de cidades e colônias agrícolas de toda a Pampa Úmida enviaram seus representantes – como as cooperativas de colonos judeus de *Entre Ríos* e colonos do interior da província de Buenos Aires –, além de Centros Acadêmicos – dos quais o mais ativo foi o *Centro de Estudiantes de Derecho*, da Universidade de Buenos Aires. Membros das classes médias e trabalhadores participaram do congresso, seguindo o policlassismo socialista. O Congresso foi uma forma de demonstrar que era possível reformar a sociedade pacificamente – ao contrário do que faziam os anarquistas –, e com independência – argumento que não

<sup>33</sup>. ARGENTINA "Tercer Censo Nacional de la República Argentina. 1914. Volúmen X. Valores Mobiliarios y Estadísticas Diversas" Buenos Aires, Taller Gráficos de L. J. Rosso, 1917, págs. 129 a 148. 313 e 315.

<sup>34</sup>.- Sobre o congresso de cooperativas [vide 'El Congreso de Cooperativas' IN: "La Vanguardia" 5/1/1919.

podia ser usado pelos sindicalistas, acusados de estarem cada vez mais ligados ao radicalismo.

O Congresso consolidou a posição dos socialistas. O Cooperativismo devia ser livre e independente de posições políticas, sindicais ou religiosas. Para o socialista Angel Giménez, presidente de *El Hogar Obrero* e um dos principais organizadores do Congresso, a relação entre cooperativas e partido era a causa do fracasso de algumas cooperativas. Sem colocar a *Cooperativa Obrera de Consumos* como exemplo, baseava-se na experiência das cooperativas belgas.<sup>35</sup> Se uma instituição católica não podia comprar em *El Hogar Obrero*, era por não estar associada à cooperativa, e não por anti-clericalismo; se uma manifestação da *Liga Patriótica* ou anti-socialista passava pela porta de uma das casas coletivas do *El Hogar Obrero* e era aplaudida pelos moradores, isto era um sintoma de independência.

Para os participantes, a finalidade já não era favorecer o partido ou politizar o consumo; a tendência explicitada e aceita era baixar os preços do consumo, o que acabava sendo o único motor e objetivo das cooperativas. A educação do consumidor tinha que ser neste sentido: bom serviço, bom preço, boa qualidade e quantidade exata. Essa era a forma de concorrer com os *almacenes* e as grandes lojas. Os resultados não foram significativos: alguma cooperativa de produção mais e a eliminação de alguns impostos, depois de negociações com as autoridades municipais e nacionais.<sup>36</sup>

O que mais nos interessa é a comprovação de que a lógica da instituição, a lógica do benefício tinha, finalmente, vencido. Embora este não fosse o objetivo do cooperativismo, e menos ainda do cooperativismo socialista, o objetivo de fazer de *El Hogar Obrero* um dos carros chefes do Socialismo e, portanto, da administração que os

---

<sup>35</sup>- Na Bélgica, as cooperativas foram a base do movimento socialista. HOBBSAWM, Eric "La era del Imperio. 1875-1914" Buenos Aires, Crítica, 1998 (1ª ed. em inglês: 1987), pág. 141.

<sup>36</sup>- Os debates do Congresso foram publicados em MUSEO SOCIAL ARGENTINO "Primer Congreso sobre cooperativismo" Buenos Aires, Oceana, 1920. Para os resultados do Congresso *Íde 'Cooperativa Gremial'* IN: "Crónica del Departamento Nacional del Trabajo. N° 24" XII/1919; e '*Cooperativas de consumo. Exclusión de Gravámenes*' IN: "Crónica del Departamento Nacional del Trabajo. N° 41" Mayo de 1921.

socialistas podiam fazer determinou o tipo de atividades e atitudes para com o cooperativismo. Do êxito de *El Hogar Obrero* dependia o êxito do socialismo; para isto, a cooperativa tinha que ser eficiente e rentável, deixando de lado a transformação do sistema capitalista e a educação e politização do trabalhador.

### 3.- O Boicote: A radicalização da solidariedade

#### 3. a.- O que é que o boicote tem? Antecedentes

*“Sociedad de resistencia Conductores de Carros. (...)”*

*Muy señor nuestro: Habiendo sido declarado boycott a esa casa por la Sociedad Obreros Fundidores en la reunión del día 21 del corriente, motivado por un reglamento draconiano que se le quiere imponer a los obreros y siendo esta Sociedad solidaria con aquella; al ser solicitado su apoyo la C. Ad. En su reunión del día 22 acordó apoyar dicho boycott.*

*A los efectos invitamos a Ud., retire dicho reglamento para el lunes 24 a las 6 p. m.; de lo contrario nos veremos obligados a secundarlo.*

*Esperando su contestación en esta Secretaría nos es grato saludarlo atte. P. de la Sociedad S.S.S. S. Montagnoli.*

*Nota. De nada valdría eso si despide algún obrero por causa de este conflicto. ¡“ale.”<sup>37</sup>*

Assim, educada e amavelmente, a *Sociedad de Resistencia Conductores de Carros* anunciava a iminência de um boicote. A incapacidade para enfrentar uma luta solitária levava alguns sindicatos ou trabalhadores de uma oficina ou fábrica a fazer um apelo à solidariedade de outros setores da produção. Este não é o único tipo de boicote. Basicamente seriam dois: o boicote à produção e o boicote ao consumo, centrado num produto ou loja. Os patrões também impunham a sua própria forma de boicote: a temida *Lista Negra*.<sup>38</sup> Nela entravam os nomes dos militantes conseqüentes e dos trabalhadores conscientes, mas este não é o nosso tema.

O boicote é uma prática que não tem sido estudada na historiografia referente aos trabalhadores de Buenos Aires. Excetuando a menção de um boicote ou outro, não temos conhecimento de qualquer pesquisa sistemática sobre esta questão. A falta de fontes que tenham documentado os boicotes é o principal empecilho para o estudo

<sup>37</sup>- O anúncio é de 1904. *Apud.* SPALDING, H. *Op. Cit.*, pág. 342.

<sup>38</sup>- Uma menção à *lista negra* KORZENIEWICZ, Roberto *The labour movement and the state in Argentina, 1887-1907* IN: “*Bulletin of Latin American Research*, Vol. 8 N°1” 1989, pág. 33.

desta prática. Temos algumas greves bem documentadas; podem estar disponíveis os registros de alguma cooperativa. Mas, excetuando a imprensa operária, a grande imprensa só noticiava o boicote quando este tinha um alcance expressivo. Por um outro lado, as dificuldades legais que os boicotadores enfrentavam fizeram que a organização fosse semiclandestina. A identidade dos organizadores tinha de ser preservada, porque corriam o risco de ser enquadrados em alguma das leis de repressão à questão social. Finalmente, a falta de uma legislação direta sobre o assunto tornou difícil o estabelecimento de processos judiciais contra os participantes; daí, a falta de fontes.

Mas qual a origem do boicote? Esta era uma prática já conhecida no mundo dos trabalhadores, e até poderíamos dizer que a história do boicote está intimamente ligada à história da sociedade. O primeiro boicote praticado com este nome aconteceu na Irlanda, daí passando para o movimento operário da Europa e da América.

A história do Capitão Inglês que administrava o arrendamento dos campos na faminta Irlanda, no verão de 1880, tornou-se célebre em qualquer canto do mundo onde houvesse um grupo de trabalhadores organizados. Este capitão aproveitou-se da crise dos seus arrendatários para abaixar o jornal pago pela colheita. Os camponeses do Condado de Mayo, no distrito de Connemara, negaram-se a trabalhar por salários inferiores aos habituais. Ante as dificuldades na colheita, o capitão tentou fazê-la ele próprio, com a ajuda dos seus servos e parentes. Os camponeses voltaram ao trabalho depois de ganhar um aumento.

A retaliação veio na hora de renovar os contratos de arrendamento: todos eles foram expulsos das terras. A agitação cresceu e numa assembléia popular, decidiu-se condenar o administrador ao ostracismo social. Ninguém da região podia trabalhar ou comerciar com ele. Diante desta atitude, sete regimentos e mais 50 homens armados entraram na região, o que fez o preço das batatas crescer brutalmente, tanto quanto a fúria contra o capitão. Ante a inexistência de uma palavra que fosse conhecida pelos

camponeses para definir o ostracismo, o jornalista americano James Redpath chamou a medida dos camponeses de *Boycott*. Os trabalhadores rurais estavam boicotando o administrador das terras, o Capitão *Boycott*.<sup>39</sup>

A aceitação do boicote como uma das formas de luta contra os abusos patronais foi imediata entre os trabalhadores. Nos Estados Unidos, esta forma de luta foi incorporada para castigar aquelas empresas que contratavam pessoal não sindicalizado, pagava baixos salários ou tratava mal os seus operários. Assim, nos anos seguintes aos fatos do Condado de Mayo, o boicote virou uma moda entre os trabalhadores nova-iorquinos, tanto que, entre 1884 e 1885 foram noticiados 237 casos nesta cidade, muitos deles sustentados pelos *Cavaleiros do Trabalho*. Esta prática atraiu a atenção dos juristas, que não sabiam como tratá-la. Os juizes foram contrários ao boicote. Tenderam a catalogá-lo como uma atividade criminal; porém, os júris, geralmente integrados por trabalhadores, eram mais permissivos. Esta situação não deixava de ser contraditória, dando aos trabalhadores americanos o argumento do patriotismo: não tinha sido um boicote a recusa dos colonos americanos a pagar as taxas sobre o chá impostas pela Inglaterra, pouco antes da Independência? A Corte Suprema dos Estados Unidos não caiu em sentimentalismo e considerou o boicote como crime. A opinião pública, os capitalistas e as classes médias aplaudiram a atitude dos juizes americanos.<sup>40</sup>

Os boicotes de maior impacto nos Estados Unidos foram os boicotes ao consumo. Quase todos eles com a finalidade de protesto contra o aumento do custo de vida. Os mais importantes foram contra os aumentos na carne, base da alimentação

---

<sup>39</sup>- A narração da invenção da palavra *Boycott* está em LAIDLER, Harry "Boycotts and the labor struggle. Economic and legal aspects" New York, John Lane Co., 1913, págs. 23 a 25.

<sup>40</sup>- A coqueluche do boicote entre os trabalhadores nova-iorquinos é mencionada por FRANK, D. *Purchasing Power...* Op. Cit. pág. 115; GORDON, Michael A. 'The Labor Boycott in New York City, 1880-1886' IN: "Labor History, Vol. 16, N°2" Spring 1975, pág. 184; e ZIEREN, Gregory 'The labor boycott and class consciousness in Toledo, Ohio' IN: STEPHENSON, C. & ASHER, R. (Edit.) "Life and Labor: Dimensions of American Working-class History" Albany, State University of New York Press, 1986, pág. 131. Para a atitude dos juizes e dos jurados MINDA, Gary "Boycott in America. How imagination and ideology shape the legal mind" Carbondalle and Edwardsville, Southern Illinois Univ. Press, 1999, págs. 34 e 36. O conflito das taxas do chá como um boicote está em LAIDLER, H. Op. Cit., pág. 29.

americana. Nos anos entre 1910 e 1912, os boicotes foram efetivos em cidades como Boston, Chicago, *Cleveland*, Filadélfia e Nova Iorque. Associações como a *National Consumers' League* e a *House Wives' League* foram as principais organizadoras destas medidas. A outra face do boicote era o *label*, sistema que permitia identificar os locais onde se respeitavam as exigências das associações.<sup>41</sup>

Durante a primeira década do século XX, o boicote passou a ser uma tática de luta de massas. Toda publicação ou associação tinha seu boicote, compartilhado ou particular. Não podemos deixar de pensar nesta prática como uma das formas da construção da identidade da classe, que podia ser expressa na intuitiva fórmula: 'nós estamos contra eles, logo nós somos diferentes deles'. Os opostos seriam: Trabalhadores – empregadores, sindicalizados – não sindicalizados, consumidores – comerciantes. Esta trilogia foi se unindo no pólo trabalhadores / sindicalizados / consumidores. A experiência dentro e fora das fábricas era um forte ponto de contato. As reivindicações do trabalho encontravam um meio para ganhar as ruas e envolver mais pessoas nas lutas de cada grupo de trabalhadores.

Os momentos posteriores e finais do nosso período apresentaram um movimento operário em crise. Crise de transformação. Os sintomas da crise podem ser encontrados na reavaliação das práticas e táticas de luta. O boicote é um dos mais interessantes indicadores destas mudanças incipientes, que se consolidariam na década seguinte. O boicote não podia ser usado indiscriminadamente. Neste momento, mais do que em anos anteriores, socialistas e sindicalistas – ainda revolucionários? – procuraram sua eficiência, reforçando e alavancando a greve e a negociação, usando o boicote para definir uma situação, e não prolongá-la indefinidamente. Os anarquistas, cada vez mais acuados e perdendo o controle de partes significativas do Movimento Operário, tomaram o boicote como uma questão moral, como uma tarefa a realizar sem avaliar os resultados.

---

<sup>41</sup>- Vide LAIDLER, H. *Op. Cit.*, págs. 31 a 34.

### 3. b.- O Boicote em Buenos Aires: Casos, Práticas e Experiências

Em Buenos Aires, o boicote também teve sua história ao longo do nosso período, sendo utilizado por trabalhadores organizados ou não, embora nem sempre garantisse a vitória dos participantes. Tabaqueiros e trabalhadores do transporte compreenderam a importância do boicote para ganhar as suas causas. Padeiros e empregados de comércio recorreram a ele como uma forma de confronto, por não terem uma organização sólida.

A primeira referência que achamos ao boicote é um tanto tardia, e é possível que existam menções anteriores. O periódico anarquista *L'Avvenire* apresentava o boicote como uma das armas a serem utilizados na luta de classes. O primeiro Congresso da FOA, em maio de 1901, admitiu o boicote, junto à sabotagem, como formas válidas a serem utilizadas pelos trabalhadores.<sup>42</sup> A aceitação do boicote foi noticiada pelos periódicos proletários com a mesma importância que o Congresso. O boicote teve uma boa recepção entre os trabalhadores, tanto que nenhum congresso posterior da FOA, da FORA ou da UGT rejeitou o uso do boicote, embora existissem matizes na apreciação desta medida.<sup>43</sup>

Dias antes da primeira declaração da FOA sobre o boicote, um sindicato já tinha organizado o seu, o primeiro do qual temos registros. Os padeiros desempregados reuniam-se num bar em *Montserrat*, onde trocavam informações sobre bicos e trabalhos. O dono do bar começou a não gostar de que o seu *bar y billar* fosse um ponto de encontro de padeiros, proibindo as reuniões dos trabalhadores, apesar de estes pagarem pelos consumos e pelo tempo que ali passavam. O Sindicato dos Padeiros, declarou o

---

<sup>42</sup>- Sobre as opiniões dos periódicos operários *Vide* 'Il boicotaggio' IN: "*L'Avvenire. Periodico Comunista-Anarchico. N° 85*" 16/XII/1899; '*Congreso Obrero Gremial. 25 y 26 de Mayo*' IN: "*El Obrero Panadero. Periódico Defensor de los Trabajadores. N° 40*" 8/VI/1901.

<sup>43</sup>- Sobre o primeiro congresso da FOA *Vide* MAROTTA, S. *Op. Cit.*, pág. 132 e ODDONE, Jacinto "*Gremialismo proletário argentino*" Buenos Aires, Libera, 1975 [1ª ed. 1949], pág. 141.



boicote a este bar, o que foi informado no periódico do sindicato. Desconhecemos o resultado e o alcance da medida, mas foi primeiro boicote declarado.<sup>44</sup>

Os primeiros boicotes que chamaram a atenção dos operários e dos patrões foram praticamente simultâneos e são centrais para compreender as atitudes das autoridades para com esta prática. Os trabalhadores da fábrica de cigarros *La Popular*, dos irmãos Posse, declararam-se em greve em agosto de 1901. A recentemente criada *Sociedad de Resistencia Maquinistas Bonsack* foi a primeira a declarar a greve, seguida pelos trabalhadores de outros sindicatos, ou não sindicalizados. Outros trabalhadores foram contratados para substituir os grevistas. Nos primeiros dias de setembro, os maquinistas propuseram um acordo que foi rejeitado pela empresa. Dias depois, levaram uma segunda proposta, advertindo sobre o início de um boicote se a mesma fosse rejeitada. Os irmão Posse não responderam; não podiam falar com seus subordinados.

O boicote foi realizado contra os cigarros *La Popular N<sup>o</sup>1*, o principal produto da fábrica consumido pelos trabalhadores – a 10 centavos o maço. Esta medida foi mais efetiva que a greve, que mal podia continuar. Pelo contrário, o boicote teve um amplo apoio popular e a produção ficava encalhada nos depósitos. Em consequência, os Posse apelaram à polícia e Gino Cartei, a principal liderança do sindicato ainda quando não era propriamente um trabalhador, acabou preso por coação. Segundo os historiadores do próprio movimento operário, este boicote e a atitude assumida levaram os Posse à falência.<sup>45</sup>

O certo é que o boicote continuou durante 1902. Mesmo assim, foi possível tirar da prisão o professor Gino Cartei que foi levado a juízo pelos Posse em 1903. O advogado defensor foi o socialista Alfredo Palacios. Depois do processo judicial, o juiz

---

<sup>44</sup>- 'En la picota' IN: "El Obrero Panadero. Periódico Defensor de los Trabajadores. N<sup>o</sup> 39" 18/V/1901.

<sup>45</sup>- Vide MAROTTA, S. *Op. Cit.*, pág. 159 e ODDONE, J. *Op. Cit.*, pág. 143.

chegou à conclusão de que o boicote não podia ser considerado como crime, sempre que a participação fosse voluntária.<sup>46</sup>



Fig. 2: Um chamado a boicotar os cigarros dos irmãos Posse e a publicidade dos havanos *Avanti*. Fonte: *La Protesta*, 1907.

Os periódicos anarquistas e socialistas apoiaram o boicote. Apareceram anúncios contra os cigarros *La Popular*, desde setembro de 1901, pelo menos nos periódicos *L'Arvenire*, *El Rebelde*, *La Organización Obrera* e *La Vanguardia*.<sup>47</sup> Mas o desenvolvimento do boicote não foi simples: a polícia reprimia quem colava cartazes a favor do boicote. O jornal *La Nación* noticiou que *La Vanguardia* tinha suspenso a medida, o que foi desmentido posteriormente pelo periódico socialista. Repressão e desinformação foram parte da estratégia contra este boicote, mas os trabalhadores

46.- *Ídem* 'El Boycott es un derecho' IN: "*La Vanguardia*" 26/XII/1903; e 'El Boycott es un derecho. Defensa del Dr. Palacios' IN: "*La Vanguardia*" 2/I/1904. Atento às preferências dos consumidores, os cigarros *La Popular* apareceram com as fotografias de Palacios, Juan B. Justo e outros socialistas, durante as eleições de 1908. "*La Vanguardia*" 17/X/1908.

47.- *Ídem* "*L'Arvenire. Periodico Comunista-Anarchico. N° 173*" 2/XII/1901; "*El Rebelde. N° 77 a 82*" 11/XI/1901 a 20/II/1902; "*La Organización Obrera. Organo de la Federación Obrera Argentina*" desde N° 2, setembro de 1901; e 'Boycott' IN: "*La Vanguardia*" 7/IX/1901.

também montaram um esquema ofensivo. Um periódico recomendava estender o boicote àqueles *almacenes* e bares que vendessem os cigarros de *La Popular*.<sup>48</sup>

Por outro lado, *La Protesta Humana*, que inicialmente informava do fracasso do boicote, mudou de atitude pouco tempo depois, passando a notificar as grandes perdas ocasionadas à fábrica dos irmãos Posse. *La Vanguardia*, como mencionado, acompanhou o boicote desde o início, mas também fez uma ressalva: se os avanços eram lentos, era pela desorganização do sindicato, ou pelo menos de uma grande parte dos trabalhadores envolvidos.<sup>49</sup>

Como aconteceu em outras oportunidades, anarquistas e socialistas defrontaram-se pelo fim do boicote. *La Vanguardia* deixou de publicar o chamado ao boicote em 1902; porém ante um novo requerimento, desta vez da *Sociedad de Tabacaleros*, em agosto de 1903, voltaram a noticiá-lo. Porém, em setembro desse ano, acusaram os anarquistas de radicalizar a medida, sem procurar resolver o conflito. Além do mais, *La Vanguardia* alertava que os cigarros *La Popular* estavam custando 20 centavos, pelo que já não eram de consumo popular.<sup>50</sup> O conflito alastrou-se durante alguns anos, pelo menos até 1904, sem que fosse informado o porquê da finalização.

Mas esta não foi a única medida deste tipo ensaiada no período. Outro boicote que teve boa repercussão foi o proposto pelos padeiros contra a padaria *La Princesa*. Em Fevereiro de 1902, o sindicato dos padeiros entrou em greve. Como já vimos anteriormente, desta greve saíram várias cooperativas. O confronto em *La Princesa* foi particularmente duro: o dono expulsou alguns trabalhadores e outros foram presos,

---

<sup>48</sup>- Os jornais que noticiaram novas medidas e deram novos dados são: 'Casas Boicoteadas' IN: "El Obrero Panadero. Periódico defensor de los trabajadores. N° 51" 6/XII/1901. Chamados para continuar com o boicote continuaram a aparecer em *La Organización Obrera*, em *La Protesta*, e em *La Vanguardia*. *La Vanguardia* comunicava em 30/XI/1901 que *La Nación* mentia e que estava junto ao boicote.

<sup>49</sup>- As contradições em 'El boicotaje' IN: "La Protesta Humana. Periódico Anarquista. N° 145" 26/X/1901; e 'Resultado espléndido del boicot a "La Popular"' IN: "La Protesta Humana. Periódico Anarquista. N° 149" 23/XI/1901. As queixas dos socialistas sobre a desorganização dos trabalhadores e a valorização do boicote em 'El boycott a la fábrica de cigarrillos La Popular' IN: "La Vanguardia" 7/XII/1901; e em 'Los efectos del boycott' IN: "La Vanguardia" 21/XII/1901.

<sup>50</sup>- As posições de *La Vanguardia* aparecem nos dias 22/VIII/1903 e 7/IX/1903.

dentre eles as duas principais lideranças dos padeiros, Francisco Birri e Juan Calvo. O primeiro deles era, ainda, o diretor do periódico *El Obrero*. O sindicato dos padeiros decidiu iniciar um boicote a este estabelecimento,<sup>51</sup> mas os padeiros continuaram a reclamar melhoras salariais ao longo do ano. Esta greve tornou-se violenta, com invasões de padarias, quebra-quebras e feridos entre patrões e trabalhadores. Alguns donos de padaria decidiram negociar com os grevistas e assinaram a lista de exigências que estava em *La Casa del Pueblo*.<sup>52</sup> Embora o boicote a *La Princesa* fosse um dos mais prolongados – pelo menos até 1909 continuaram a aparecer chamados no periódico da FORA, *La Organización Obrera* –, Birri passou anos na cadeia, sem que a medida ajudasse na sua liberação.

Alguns boicotes tiveram uma grande duração, outros foram efêmeros, e ainda temos aqueles que sumiram para reaparecer tempos depois. Uma constante foi a falta de resultados positivos ou da apresentação de dados sobre o fim da medida. O boicote apelava para a solidariedade como uma forma de fortalecer a consciência de classe, tornando o consumo uma arma que ferisse os capitalistas. Os anarquistas mostraram-se favoráveis a utilizar o boicote. Os socialistas, contrários à greve, entenderam que os anarquistas abusavam deste método e tentaram regulamentá-lo. Porém, eram mais favoráveis a esta prática do que à greve, principalmente porque o boicote não tinha as conseqüências negativas da greve e as represálias eram difusas, embora as mesmas caíssem diretamente sobre as lideranças.<sup>53</sup>

Nem sempre os patrões puderam tomar medidas penais contra os boicotadores. Os patrões tentaram punir judicialmente a ameaça de boicote que seria empreendido pelos operários. Os trabalhadores e trabalhadoras de uma fábrica de *alpargatas*, entraram

---

<sup>51</sup>.- Assim informava o periódico dos padeiros *El Obrero Panadero* em abril de 1902 e *La Protesta Humana* de 23/II/1902. Outros dados em ZARAGOZA, Gonzalo “Anarquismo argentino (1876-1902)” Madrid, Ed. de la Torre, 1996, págs. 348 a 354.

<sup>52</sup>.- Assim noticiava o jornal *La Prensa*. Vide ‘Noticias de policía. Efectos desastrosos de un Huelga’ IN: “*La Prensa*” 7/VIII/1902; e ‘La Huelga de panaderos’ IN: “*La Prensa*” 8/VIII/1902.

<sup>53</sup>.- Sobre as vantagens do boicote Vide *El boycott a la fábrica de cigarrillos La Popular... Op. Cit.*

em greve e foram rapidamente despedidos, pelo que o boicote apareceu como a única alternativa de luta. A empresa Ashworth & Cia, dona da *Fábrica Argentina de Alpargatas*, consultou a associação patronal *Unión Industrial Argentina* (UIA) sobre as medidas judiciais possíveis no caso. Um mês depois foram informados da impossibilidade de atuar legalmente.<sup>54</sup>

O boicote virou uma febre nos anos seguintes. Eram tantos que num determinado momento os trabalhadores da indústria do tabaco decidiram não declarar mais boicotes enquanto que algum dos já iniciados não estivesse resolvido. Até periódicos de bairro e de coletividades recorreram a esta tática para tentar resolver conflitos ou para expressar os seus protestos. Nenhum periódico operário ou de esquerda podia ser considerado como tal sem o seu boicote, alguns dos quais foram vitoriosos.<sup>55</sup>

A enumeração de alguns dos boicotes que apareceram nos periódicos operários do período podem dar uma idéia do uso, e abuso, desta prática. Em 1903, *La Vanguardia*, por exemplo, chamou a boicotar os vendedores ambulantes que não integravam o sindicato socialista e os cigarros *La Proveedora* e *La Invencible*. Em 1904, foram boicotados os produtos espanhóis e o jornal *La Patria degli Italiani*. Em 1905, a fábrica de alpargatas *La Argentina* e, em 1906, os cigarros *#3*. O periódico *La Protesta Humana* decidiu outros boicotes, um deles muito interessante por reforçar a solidariedade internacional, o decretado aos barcos ingleses, como resposta aos assassinatos de trabalhadores na Guerra Anglo-Boer, em 1902. Nesse ano, declararam

---

<sup>54</sup>.- O boicote foi noticiado pelos periódicos "**La Acción Socialista. Periódico Sindicalista Revolucionario**" 11/VII, 21/VII e 21/IX/1905; *La Protesta* acompanhou o boicote desde Julho até Dezembro de 1905; e *La Vanguardia* de Janeiro até o final de 1905. A Unión Industrial Argentina (UIA) noticiou o pedido da empresa Ashworth em 'Sección Oficial. 19ª Sesión Ordinaria. 13/II/1905' IN: "**Boletín de la Unión Industrial Argentina. N° 435**" 15/III/1905; e informou a resposta em 'Sección Oficial. 22ª Sesión Ordinaria. 13/III/1905' IN: "**Boletín de la Unión Industrial Argentina. N° 436**" 15/IV/1905.

<sup>55</sup>.- Um boicote vitorioso está em 'La Sociedad de tabaqueros y el boycott' IN: "**La Protesta**" 1/I/1905. O protesto dos tabaqueiros contra o excesso de boicotes em "**La Protesta**" 1/X/1905. Um boicote dos pintores de *La Boca* apareceu unicamente em 'Movimiento Obrero. Centro socialista de La Boca' IN: "**Progreso de La Boca. N° 405**" 24/I/1904. Num periódico da coletividade espanhola refere-se ao boicote de apoio à greve numa fábrica de fósforos no qual trabalham espanholas, em "**El Despertar Gallego. N° 32**" 24/XI/1905.

um boicote contra o jornal *La Nación*, apontado como inimigo dos trabalhadores, e também difundiram um boicote contra os produtos argentinos, pela sanção da Lei de Residência. *La Organización Obrera* boicotou, até 1910, fábricas de cigarros, *alpargatas* e fósforos, além de padarias, cervejarias e confeitões. *La Protesta* agregou à longa lista alguns próprios, como o boicote ao carnaval de 1907, à companhia de transportes marítimos de Nicolás Mihanovich – por maus tratos aos imigrantes –, e aos produtos espanhóis – pelo fuzilamento de Francisco Ferrer, o criador das Escolas Racionalistas. *La Protesta* também difundiu a importância da medida com folhetos. Os Sindicalistas Revolucionários também participaram dos boicotes, noticiando praticamente todos os mencionados. O boicote à Espanha, de 1909, continuou durante 7 meses pelo periódico desta corrente.<sup>56</sup>

Se o produto era de consumo dos trabalhadores, era mais simples implementar o boicote, desde que fosse possível obter um triunfo rápido, pois se a propaganda proletária tinha alcances limitados, a da empresa, geralmente dispunha da capacidade de manter os anúncios em locais de grande circulação e leitura, e o resultado podia ser a desmoralização das organizações. Porém, se era de consumo de outros grupos sociais, então o boicote tinha de ser realizado na produção, distribuição ou comercialização. Para isto, era preciso contar com a colaboração de outros sindicatos.<sup>57</sup> Esta era uma das grandes preocupações de socialistas e sindicalistas revolucionários, sobretudo no momento em que estavam prestes a conduzir o movimento operário. Segundo ambos, os anarquistas declaravam o boicote e, depois, solicitavam a colaboração do conjunto. A solidariedade ajudava na homogeneização das experiências, ao passo que levava a uma constante atividade de propaganda e confronto.

---

<sup>56</sup>- Vide *La Vanguardia* de 1903 a 1909; *La Protesta Humana* de 1902 a 1904; *La Organización Obrera* de 1902 a 1909; *La Protesta* de 1903 a 1909; e *La Acción Socialista* de 1905 a 1909. Os folhetos de *La Protesta* são mencionados por BILSKY, E. *La F.O.R.A....Op. Cit.*, pág. 113.

<sup>57</sup>- Vide 'El Boycott' IN: "La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N° 336" 13/VI/1914.

Porém, dois boicotes dividiram as águas entre anarquistas e socialistas. O primeiro deles foi o iniciado em 1904 contra a cervejaria *Quilmes*. A empresa despediu um grupo de operários que tinham organizado uma greve. Vindo suas reivindicações ignoradas, os operários pediram às federações o início de um boicote contra a cervejaria. *La Vanguardia*, que tinha algumas propagandas, suspendeu aquelas que correspondiam a esta cerveja e passou a chamar ao boicote. A UGT negociou com a empresa e conseguiu que algumas das reivindicações fossem atendidas. A *Quilmes* decidiu negociar, dado o impacto inicial do boicote, mas a FORA rejeitou o acordo e decidiu continuar com o boicote, o que foi aceito pela UGT.

Esta atitude da FORA não era uma novidade, já tendo causado alguns atritos entre as federações. A UGT, enquanto existiu, e os socialistas tentaram estabelecer algum tipo de controle sobre os boicotes. O controle passaria por um tipo de comissão mista entre sindicatos, federações e o PSA, como propuseram os socialistas no último Congresso da UGT, em 1906. Mas a relação de forças dentro da *Unión* era favorável aos sindicalistas revolucionários, contrários a dar ao socialismo o direito de opinar sobre as decisões do movimento operário.<sup>58</sup> Para marcar diferenças com os socialistas, ambas as federações aprofundaram as políticas de ação direta.

O boicote à *Quilmes* manteve-se por quase três anos. Neste tempo, *La Vanguardia* voltou a publicar avisos da cervejaria *Quilmes* e todos seus esforços para participar do comitê do boicote foram impedidos. O periódico dos sindicalistas revolucionários atendeu os pedidos dos anarquistas e continuou o boicote ao longo de 1906. A UGT também voltou ao boicote à *Quilmes* no seu último congresso, em 1906. Os anarquistas apoiaram o boicote.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup>- Uma proposta tendente a dar participação à UGT nos boicotes tinha sido aceita em 1902, mas a inclusão dos socialistas foi rejeitada. *Íde* MAROTTA, S. *Op. Cit.*, págs. 181 e 316.

<sup>59</sup>- A posição dos socialistas em 'IV Congreso de la Unión General de Trabajadores. Debate sobre los boycots' IN: "*La Vanguardia*" 26/XII/1906. A nova posição da UGT e dos sindicalistas revolucionários em relação ao boicote em *La Acción Socialista* nos números 30 e 31 de 1 e 16/XI/1906. O apoio de *La Protesta* desde 1904 até o fim do mesmo.

O 15 de Fevereiro de 1907 a FORA anunciou a finalização do boicote e o triunfo dos trabalhadores. O acordo não foi bem recebido pelas organizações patronais, que consideraram o acordo uma traição. Para os anarquistas, representou uma vitória da tática da ação direta, baseada na ação independente dos trabalhadores, o que é só parcialmente certo, pois o triunfo de um boicote precisava do apoio de outros setores simpáticos à causa dos trabalhadores, fora da classe, que decidissem não consumir um determinado produto. O pedido de participação no comitê de acompanhamento do boicote, feito pelos socialistas, estava justificado pelo fato de que esta medida era considerada por eles como um movimento de consumidores, e não unicamente de trabalhadores. A *Quilmes* também saiu-se parcialmente vitoriosa, porque não readmitiu todos os operários despedidos e com uma soma importante de dinheiro resolveu o fato de ter uma imagem ligada à repressão e contrária aos trabalhadores. Recuperava um setor do mercado e limpava a imagem negativa, causada pelo boicote.

O acordo consistiu na readmissão dos condutores de carros demitidos, que quisessem voltar, num prazo máximo de até 20 dias; e na doação de \$ 5.000 à *Sociedad de Resistencia Conductores de Carros*. O dinheiro foi dividida em três partes: \$ 2.000 para *La Protesta*, pelos gastos ocasionados pela propaganda; \$ 2.000 para o comitê pró-presos políticos, a maioria dos quais eram trabalhadores; e \$ 1.000 para o Sindicato. Uma vez finalizado o conflito, a *Quilmes* passou a anunciar seus produtos em *La Protesta*. Os socialistas valeram-se deste fato e da falta de distribuição do dinheiro entre os trabalhadores para levantar a suspeita de que o acordo era uma chantagem.<sup>60</sup>

Depois das tentativas pela via judicial, o descontentamento das classes dominantes com o boicote manifestou-se, inicialmente, na famosa Lei do Trabalho, sempre lembrada como a primeira tentativa de intervir nas relações trabalhistas e como um avanço em relação à falta de regulação. Mas esta lei, criada sem a participação dos

---

<sup>60</sup>- Os dados sobre o acordo, as opiniões e a repartição do dinheiro em '*La Cervecería Argentina Quilmes y los anarquistas*' IN: "*Boletín de la Unión Industrial Argentina*. Nº 459" 15/III/1907; COCH, Luis '*El boicor de la Cerveza Quilmes. El triunfo y el arreglo*' IN: "*La Protesta*" 15/II/1907; e ODDONE, J. *Op. Cit.*, pág. 144.



trabalhadores ou das suas organizações, tinha embutidas algumas penalidades, como a proibição de declarar a greve ou o boicote exercendo a coação. A pena era de um mês de prisão, além da pena adicional pelos prejuízos ocasionados no ato da coerção. A sanção da Lei de Defesa Social, em 1910, implicou uma radicalização da punição: além da pena de prisão, o 'infrator' podia ser deportado. Esta lei vigorou durante 10 anos, até 1920, quando foi abolida.<sup>61</sup>

A repressão que se seguiu às grandes greves de 1909 e de 1910 inviabilizou durante um tempo qualquer tipo de manifestações operárias. Além do mais, o boicote era reprimido tão severamente quanto as greves ou a propaganda. Qualquer tentativa de protesto era castigada com a prisão ou a deportação. Com o fim do Estado de Sítio, no início de 1910, o boicote reapareceu como prática. Aos poucos, voltou a ter a mesma importância. A questão do boicote tornou-se um dos pontos de confronto entre anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários. As disputas cresceram a partir do acordo com a cervejaria *Quilmes*.

O segundo caso que dividiu as águas é de Julho de 1906, quando começou um boicote a pedido de um grupo de trabalhadores despedidos da fábrica de cigarros #3, de propriedade de Piccardo & Cia. Os periódicos operários apoiaram os despedidos. *La Vanguardia* suspendeu a publicidade destes cigarros, que aparecia desde Fevereiro de 1906, e passou a chamar o boicote. A publicidade a favor do boicote foi constante e permanente, assim como a resposta da empresa e da grande imprensa. A disputa com o Capital se acirrou em 1908. Os donos do #3 publicaram um falso panfleto avisando sobre a suspensão da medida, enviaram seus representantes comerciais informando do fim do boicote, e ainda *La Prensa* noticiou uma sabotagem dos trabalhadores, que

---

<sup>61</sup>- Outros dados em MAROTTA, S. *Op. Cit.*, pág. 227; ODDONE, J. *Op. Cit.*, págs. 143 e 144; e UNSAÍN, Alejandro 'Nota elevando el estudio sobre el Boycott' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo. N° 44" Buenos Aires, Enero de 1920, pág. 25.

teriam colocado pólvora no tabaco dos cigarros. O boicote continuou em 1909, com os mesmos rumores.<sup>62</sup>

Mas o choque direto entre os trabalhadores teve lugar depois do Estado de Sítio de 1910. Para começar, o primeiro chamado a um boicote que *La Protesta* voltou a publicar foi o dos cigarros #3.<sup>63</sup> Em meados de 1911, *La Vanguardia* voltou a colocar a publicidade destes cigarros, iniciando a disputa pela questão. Mas os anarquistas não compraram a briga; foram os sindicalistas revolucionários que mediram forças com os socialistas. O controle da *Confederación Obrera Regional Argentina* (CORA), criada em 1909, foi o motor da crise. A publicidade dos cigarros #3 em *La Vanguardia* foi tomada pelos sindicalistas como uma traição aos demitidos, e iniciaram as hostilidades. Os socialistas foram acusados de terem esvaziado a medida e de recebido dinheiro do #3 para a campanha eleitoral de 1912. Os socialistas responderam às acusações revidando com insinuações de uma chantagem à empresa Piccardo e pediram a lista dos sindicatos que faziam parte do boicote.

Nas acusações trocadas entre as organizações, apareceram algumas questões não muito claras, que revelam uma outra face do boicote. Numa pesquisa publicada *a posteriori*, alguns dados vieram à tona. Inicialmente, para contornar o boicote, Piccardo decidiu repartir cigarros de graça entre os trabalhadores grevistas de outras indústrias, tentando atraí-los como clientela. Mas esta tentativa fracassou, pelo que, ante a iminência de uma guerra comercial com a *Compañía Argentina de Tabacos*, a empresa Piccardo contratou um grupo de trabalhadores para reorganizar a *Sociedad de Tabaqueros* e encerrar o boicote, o que acabou acontecendo. A FORA passou a alertar sobre esta situação. O nome da FORA também estava sendo usado no boicote contra a concorrente. Porém, este boicote não contou com o apoio de nenhuma das

---

<sup>62</sup>- Vide "La Protesta" 28/II/1911. Quanto ao apoio inicial ao boicote *La Acción Socialista* desde Julho de 1906 até 1910, fim deste periódico; *La Confederación* desde 1910, época de criação deste periódico; *Organización Obrera* desde Outubro de 1906; *La Protesta* desde Agosto de 1906; e *La Vanguardia* desde agosto de 1906. Os dados sobre os conflitos durante o boicote estão em *La Acción Socialista* e *La Protesta*.

<sup>63</sup>- Vide "La Protesta" 28/II/1911.

organizações, nem periódicos, excetuando os anarquistas, e ainda assim muito depois de iniciado.<sup>64</sup> Esta não foi a única vez que um boicote foi utilizado para obter lucros ou como arma nas disputas comerciais entre empresas.

O caso Piccardo provocou um confronto direto no interior da CORA. Os socialistas venceram a assembléia para discutir a questão. Os próprios tabaqueiros pediram a suspensão da medida, dado que o conflito estava resolvido. A FORA e os socialistas acataram a decisão de encerrar o boicote, mas os sindicalistas continuaram com a medida, alegando a falta de representação da assembléia. A CORA publicou pela última vez um chamado a este boicote no seu número de primeiro de Fevereiro de 1913.<sup>65</sup>

Para se defender desta atitude duvidosa, os sindicalistas revolucionários mudaram a posição inicial, favorável a medidas de ação direta. Desta forma, os sindicalistas passaram a aproximar-se dos socialistas e a afastar-se dos anarquistas, mesmo em momentos em que se cogitava a reunificação do movimento operário. No IX° Congresso da FORA, de 1915, se produziu-se a ruptura definitiva de sindicalistas e socialistas com os anarquistas. Esta foi a divisão final da FORA, entre os do V° Congresso, anarquistas, e os do IX° Congresso, socialistas e sindicalistas. A posição final foi a seguinte:

“BOICOTES.- Considerando: Que o boicote é uma forma eficaz de luta contra o capitalismo, quando as condições do sindicato para determinar o triunfo são insuficientes, e aceitando-o como uma expressão de solidariedade de classe que facilita o esforço conjunto dos trabalhadores para afetar uma determinada indústria ou comércio, que resiste a toda ação direta, determina:

“Aconselhar sua adoção nos casos em que seja necessário determiná-lo e que seja a sua declaração feita pelos delegados sindicais, depois de um livre exame de suas razões e também de suas perspectivas de triunfo, entendendo que sendo uma medida que obriga à

---

64.- Um informe sobre este boicote apareceu em ROUICO OLIVA, Antonio 'Los Boycotts' IN: “Boletín del Departamento Nacional del Trabajo. N° 44” Buenos Aires, I/1920, págs. 37 a 42. Sobre o boicote à Companhia Argentina de Tabacos e a participação de inescrupulosos, *Vide* ODDONE, J. *Op. Cit.*, pág. 145.

65.- *Vide* *La Vanguardia* desde agosto de 1911 e 1912; “La Confederación. Órgano oficial de la Confederación Obrera Regional Argentina” N.ºs 11 (15/IX/1911) a 15 (1/II/1913); “La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario” N.ºs 191 (5/VIII/1911) a 250 (28/IX/1912); e “La Protesta” 29/IX/1912.

solidariedade geral, convém que suas deliberações e acordos intervenham no maior número de representações sindicais, tanto para sua declaração como para sua suspensão.”<sup>66</sup>

Como lideranças incontestadas do movimento operário, os sindicalistas tinham que se precaver para não serem utilizados nas disputas comerciais ou por militantes gananciosos, mesmo que o roubo fosse pela “Causa”. Aparentemente, isso foi o que aconteceu com um outro boicote à cervejaria *Quilmes*. Declarado em 1914, como resposta a uma série de demissões, as duas FORAs tentaram encampar o boicote. Os sindicalistas tentaram uma negociação em 1915. Os anarquistas enviaram uns negociadores que acabaram sendo denunciados por tentativa de suborno. Acusações partiram de sindicalistas e socialistas, e os anarquistas não reconheceram os negociadores. Esta situação duvidosa desmoralizou o boicote, que, de qualquer forma, foi mantido pelos anarquistas. Estes acusaram socialistas e sindicalistas de reacionários e traidores e boicotaram *La Vanguardia*, entre outras atitudes. Mas de nada adiantou.<sup>67</sup>

O último caso a ser apresentado é de um outro tipo de boicote, que teve lugar no final do nosso período. Depois da grande repressão da *Semana Trágica*, a ofensiva operária retornou com um dos boicotes de maior impacto: o realizado contra a firma *Gath & Chaves*, uma das grandes lojas de departamentos que operavam em Buenos Aires. Em 24 de Abril de 1919 os trabalhadores de *Gath & Chaves* entraram em greve pela melhora salarial, a jornada de 8 horas e o reconhecimento do sindicato. A greve teve uma alta adesão. Mas os patrões ignoraram os pedidos dos trabalhadores, principalmente, o reconhecimento do sindicato. No dia 12 de Maio, *Gath & Chaves* reabriu as portas para testar quantos trabalhadores eram fiéis. Diante do fracasso, começaram a contratar novos empregados, dois dias depois. A greve contou com a solidariedade e o apoio monetário de outros sindicatos e federações; com a venda de

---

<sup>66</sup>.- *Apud.* MAROTTA, S. *Op. Cit.*, pág. 549.

<sup>67</sup>.- *Verde* ODDONE, J. *Op. Cit.*, pág. 145 e MAROTTA, Sebastián “El Movimiento Sindical Argentino. Vol. II” Buenos Aires, Lacio, 1961, pág. 233. Outra informações em “La Organización Obrera. 2ª Época. Órgano de la Federación Obrera Regional Argentina” N°s 3 (XI/1915) a 6 (VIII/1913); “La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario” N°s 358 (10/VII/1915) a 359 (1/II/1916); e “La Protesta” de 24/VIII/1915 até 1920.

periódicos cuja renda era doada aos grevistas; assembléias, passeios a pontos turísticos e locais de concentração de trabalhadores<sup>68</sup>; e ainda tiveram uma entrevista com o presidente Irigoyen. As tentativas de desmoralizar a greve foram várias, mas a mesma continuou firme. A contratação de novos empregados fez tremer as posições dos grevistas. A FORA IX<sup>a</sup>, negociadora neste conflito, considerou que este era o momento para iniciar um boicote ao consumo e, principalmente, ao trabalho de qualquer forma para esta casa.



Fig. 3: A greve dos empregados de comércio ganhou as ruas durante 1919. As mulheres participaram ativamente das manifestações de rua, sendo uma parte importante deste setor. Fonte: *Caras y Caretas*, 1919.

*Gath e Chaves* já tinha experiência. Em 1905, o fracasso de uma greve dos empregados da firma acabou num boicote ao consumo, mas o impacto foi mínimo e não houve muitos problemas para vencer os trabalhadores. De fato, este não era um

<sup>68</sup>.- Esta questão é sumamente interessante, como forma de manter o contato. Alguns dos locais visitados foram o Jardim Zoológico, *La Boca*, os Matadouros de *Liniars*, e algumas fábricas. Uma delas era a dos cigarros #3, aqueles já boicotados e que pouco tempo depois voltariam a entrar na lista negra dos trabalhadores.

local em que as famílias operárias fizessem compras, e o movimento desta loja continuou sem problemas.<sup>69</sup>

A partir de então, era evidente que o boicote devia centrar-se na circulação e na produção de mercadorias para esta casa. Os trabalhadores de vime e dos sapatos, decidiram não produzir mais para estas lojas. Os gráficos, que estavam num conflito salarial, decidiram apoiar os trabalhadores de *Gath & Chaves*, não publicando anúncios desta casa. *La Vanguardia* não foi atingida pela medida, pois já tinha suspenso a publicidade de *Gath & Chaves* no início da greve. Mas os jornais da grande imprensa atacaram primeiro, declarando o *lock-out* antes que o boicote fosse efetivado.

O 28 de Maio pode ser considerado um marco no conflito. Esse é o último dia em que aparecem os jornais da grande imprensa e daqueles que decidiram continuar a publicar os anúncios de *Gath & Chaves*. Entre 29 de Maio e 12 de Junho não circularam outros periódicos e jornais além dos anarquistas e socialistas. Durante 14 dias os portenhos tiveram que se informar do que acontecia lendo *La Vanguardia* e *La Montaña*, os únicos alardeados pelos *camillitas* ou vendedores de jornais. A situação mudou: um conflito que era marginal roubou a cena pública. Deixaram de circular *La Nación*, *La Prensa*, *La Patria Degli Italiani*, *Caras y Caretas*, *The Review of the River Plate*, entre outros, que publicavam os anúncios de *Gath y Chaves*, e *La Razón*, que não publicava estes anúncios, mas era a voz oficiosa de entidades anti-operárias, como a *Asociación del Trabajo* e a *Liga Patriótica*.<sup>70</sup> Estas publicações formaram a *Asociación Gráfica*, a *UIA*, a *Asociación del Trabajo* e a *Liga Patriótica* apoiaram as medidas patronais.

*La Nación* testou a força dos trabalhadores: enviou ao prelo a publicidade e, como resposta, uma boa parte dos trabalhadores se retirou. Os restantes editaram o jornal, mas os vendedores de jornais negaram-se a vendê-lo. Nesse momento, foi declarado o *lock-out*. A unidade da medida manteve-se por duas semanas. Para resolver

<sup>69</sup>.- *Ide* "La Protesta" de 19/VII/1905 até 27/VII/1905.

<sup>70</sup>.- Outros dados de ambas organizações *Ide* MCGEE DEUTSCH, Sandra "Counterrevolution in Argentina. 1900-1932" Lincoln & London, Univ. of Nebraska Press, 1986, Cap. IV.

as duas questões, mediu, sem resultados, o Ministério de Interior. Alguns dos jornais voltaram ao trabalho em 12 de Junho, outros mantiveram o *lock-out* até o fim do mês. O início da arbitragem no conflito dos gráficos e as infrutíferas negociações com *Gath e Chaves* foram o motivo para que os gráficos voltassem às suas tarefas.

A greve dos trabalhadores de *Gath e Chaves* continuou de forma suicida. A FORA IX<sup>a</sup> anunciou que continuaria o boicote, mas pediu ao sindicato dos empregados de comércio que permitissem aos seus associados procurar trabalho. A assembléia dos trabalhadores de *Gath e Chaves* pediu a continuação do boicote, que seguiu até 1920. Os trabalhadores gráficos e os de *Gath e Chaves*, junto aos periódicos operários, enfrentaram uma ampla coligação de forças: políticos, membros do governo, jornais e periódicos burgueses, os donos das empresas, as federações patronais e os grupos parapoliciais. A derrota era previsível, mas colocou na pauta de discussão uma questão negligenciada: o boicote.<sup>71</sup>

Esta questão entrou na pauta do Congresso nacional, da justiça, na grande imprensa e no *Departamento Nacional del Trabajo* (DNT). O boicote devia ser tratado, analisado e, na medida do possível, eliminado, embora as discussões passassem tão rapidamente quanto a lembrança do mau momento. Porém, parar a grande imprensa por duas semanas teve um impacto decisivo na sociedade, que se viu atingida no seu conjunto. O *lock-out* levou o assunto para o Congresso. Os argumentos dos congressistas foram dois: os que defenderam o *lock-out* argumentaram a favor da liberdade de imprensa, sem sequer analisar a queixa de que: os trabalhadores eram contrários à liberdade.<sup>72</sup> Pelo contrário, os legisladores socialistas tentaram levar a discussão ao motivo do boicote. Os trabalhadores não eram contrários à liberdade de

---

<sup>71</sup>- Maiores detalhes destes sucesso em: "La Nación" de 2/V/1919 até 12/VI/1919; e "La Vanguardia" de 4/V/1919 até 30/VI/1919.

<sup>72</sup>- Temos que lembrar do impacto da revolução russa na sociedade argentina. Maiores detalhes ao respeito [*vide* capítulo II de DOESWIJK, Andreas "Entre Camaleões e cristalizados: Os anarco-bolcheviques rioplatenses, 1917-1930" Campinas, Tese de doutorado em História – IFCH – Unicamp, Outubro de 1998, págs. 44 a 83.

imprensa, e sim a um anúncio. Este era um problema entre uma empresa comercial e os trabalhadores, sem relação com a liberdade. Os socialistas argumentaram pedindo a abertura daqueles periódicos fechados durante a *Semana Trágica*, como *La Protesta*, *Libre Palabra* ou *Bandera Roja*. A posição favorável à grande imprensa foi a vencedora. No Senado, três Senadores votaram contra o apoio à grande imprensa, um deles era Del Valle Iberlucea, o Senador socialista pela Capital Federal. A Associação Gráfica Argentina agradeceu a atitude do Congresso. Os trabalhadores gráficos justificaram-se. Mas, o boicote, como prática, estava politicamente condenado.<sup>73</sup>

A condenação judicial ao boicote como prática de luta veio pouco depois. Os operários da Metalúrgica Vasena iniciaram um boicote contra esta empresa em represália aos atos da *Semana Trágica*. O Comitê de boicote foi criado em 27 de Março; poucos dias depois, seus membros estavam na cadeia, denunciados pela Metalúrgica. Sobre eles pesava a possibilidade de deportação ou de serem presos por um tempo, segundo a lei de Defesa Social. Novamente a situação era contrária a estes trabalhadores. O caso *Gath e Chaves* apressou os prazos. O fiscal, Jorge Coll, entendeu que não existia crime neste boicote, porque o boicote não era um crime. O crime estava nas ameaças, quando existissem, e o objeto das mesmas não podia ser a casa comercial, e sim os empregados ou os consumidores. Embora o fiscal pedissem a sanção de leis que reprimissem o boicote e a greve, sua implacável lógica liberal impedia-lhe a condenação dos boicotadores. Mas os tempos não estavam para liberais; eram necessários conservadores conscientes. O juiz, Carlos Martínez, assumiu a responsabilidade e resolveu a questão: os trabalhadores foram condenados por ameaças. A sentença em primeira instância foi dada no dia 11 de Julho de 1919, menos de um mês depois do *lock-out* dos jornais, e confirmada pela Câmara de Apelações.<sup>74</sup>

<sup>73</sup>- Algumas informações em "La Nación" 12/VI/1919. O debate do boicote teve lugar nas sessões N°5 (30/V/1919) e N°6 (3/VI/1919) *Ídem* REPÚBLICA ARGENTINA, CÁMARA DE DIPUTADOS "Diario de Sesiones. Año 1919. Tomo I" Buenos Aires, 1920, págs. 281 e 283.

<sup>74</sup>- Maiores detalhes em "La Razón" 2 a 7/VII/1919 e "La Nación" 12/VII/1919.



Só faltava a condenação social, que logicamente veio dos jornais da grande imprensa. Estes publicaram na íntegra a alegação do Fiscal e a sentença do Juiz. *La Razón*, fez públicos os argumentos do fiscal antes da sentença do juiz, alertando a opinião pública sobre o que estava prestes a suceder, a absolvição dos maximalistas de Vasena. O periódico, tão próximo à parapolicial e ordeira *Liga Patriótica Argentina*, fazia a sua parte do trabalho. O juiz Martínez completou a tarefa. O círculo estava fechado, o boicote não era bem visto pelas classes médias e, na medida do possível, tinha de ser reprimido junto com as greves.<sup>75</sup> A partir de então, o boicote ficou restrito aos trabalhadores, isolado da solidariedade das classes médias. Até os socialistas tornaram-se muito mais severos na hora de aceitar um boicote.

Os Capitalistas, finalmente, também tinham mudado sua percepção do boicote. O caso *Gath & Chaves* e o boicote contra a *Sociedad Anónima Molinos Harineros y Elevadores de Granos del Río de la Plata* foram decisivos. A *Molinos Río de la Plata* tinha derrotado uma greve contra seus trabalhadores, e estes pediram a ajuda do estivadores da *Federación de Obreros Marítimos* (FOM), que boicotaram a recepção e distribuição dos produtos desta empresa, desde finais de junho até meados de agosto de 1918. O êxito foi total: *Molinos*, empresa do grupo *Bunge & Born*, precisava exportar a produção e aceitou todas as condições da FOM.<sup>76</sup>

A partir dos dois boicotes, os empresários perceberam o potencial desta medida, que fortalecia a consciência, reforçando o senso de pertencer à classe trabalhadora, embora não fosse esta a principal preocupação, e sim o fato de permitir estender os conflitos para além de um único local de trabalho, ou melhor, para fora do âmbito do trabalho. O boicote começava a ser visto como uma prática perturbadora e desintegradora. O DNT, como sempre acontecia, acompanhou a preocupação patronal,

<sup>75</sup>- *La Razón* publicou a alegação do fiscal e *La Nación* a sentença do juiz. *Id. Ant.*

<sup>76</sup>- *Ídem* NIKLISON, José Elías 'Las Organizaciones obreras de Buenos Aires. Libro II: La Federación Obrera Regional Argentina. Cap. IV' IN: "**Boletín del Departamento Nacional del Trabajo. Nº40**" Buenos Aires, Febrero de 1919, págs. 88 a 98; e ROUCO OLIVA, A. *Op. Cit.*, págs. 49 e 50.

dedicando um volume especial do *Boletín* ao estudo do boicote e outro a apresentar a FOM, dado o êxito do boicote à empresa *Molinos Río de la Plata*.<sup>77</sup>

### 3. c.- Para uma Teoria do Boicote: Conclusão

Há algumas questões que merecem uma reflexão mais apurada e outras que, embora não tenham sido apresentadas, precisam ser consideradas. Para começar, vamos mencionar a questão da existência de um consumo próprio da classe trabalhadora. O boicote é revelador da existência de uma corrente de solidariedade, não importa qual tipo de boicote. O boicote ao consumo indica um consumo próprio dos trabalhadores e das suas famílias. Os esforços para acabar rapidamente com os boicotes ou para realizar alguns acordos são um forte indício da preocupação dos empresários para manter a base de consumidores. Certamente pode ser sugerido, ainda, que esta medida tivesse relação com a disciplina interna no âmbito de trabalho. Mas o principal problema parece ter sido mesmo a distribuição e o consumo. O mercado teria forçado os acordos, quando um determinado produto era consumido pelos trabalhadores.

Um outro indicador da importância da classe trabalhadora como consumidora pode ser definido pelos boicotes ao consumo vitoriosos e por aqueles falidos. Os próprios trabalhadores perceberam esta situação, o que foi repetidamente colocado nos artigos escritos para os jornais operários. Muitos destes artigos recomendavam avaliar com frieza o grupo que consumia um produto antes de deflagrar uma medida deste tipo. Os socialistas sempre foram mais “racionalistas” na hora de apoiar um boicote. Avaliando as possibilidades de êxito antes de iniciar uma medida deste tipo, eles apresentavam os produtos factíveis de serem boicotados, que eram aqueles que faziam parte da cesta da família operária. Nunca um cigarro de 20 centavos, apenas aqueles que custavam 10 centavos. Cerveja e *alpargatas* podiam ser boicotadas sem problemas.

---

<sup>77</sup>- Assim é explicitado numa nota da *Asociación del Trabajo* que apareceu em *La Nación* do dia 12/VI/1919, pág. 11. O DNT publicou: NIKLISON, J. E. *Las organizaciones...* N°40 *Op. Cit.*; e ROUCO OLIVA, A. *Op. Cit.*

Padarias, quando estivessem situadas em bairros proletários ou vendessem pão de segunda categoria. O boicote à *Gath e Chaves* fracassou porque era uma grande loja de departamentos, e não um local onde as famílias operárias fizessem as suas compras. Esta prática permite apreciar a mudança do âmbito da disputa, da produção ao consumo, e a conseguinte politização do último.

As probabilidades de êxito eram melhores nos bairros que concentravam maiores contingentes de trabalhadores do que nos bairros de população mista. Nos primeiros era mais fácil manter a propaganda a favor do boicote, fazendo propaganda de boca em boca, controlando os consumos das outras famílias ou pressionando os comerciantes a não comprarem tal ou qual produto, ameaçados de entrar na lista dos boicotados.

Outras duas questões. Que grupo de trabalhadores estava mais propenso a organizar um boicote e qual tinha maiores chances de vencer a disputa? Os mais interessados em declarar boicotes eram aqueles trabalhadores desorganizados, que eram vencidos facilmente nas disputas diretas entre Capital e Trabalho. Porém, o primeiro grande boicote foi realizado por um sindicato que chegaria a ser muito organizado, os trabalhadores do tabaco. A tática foi vitoriosa e ajudou na organização dos trabalhadores do tabaco, disseminando-se entre os não organizados e vencendo algumas lutas, como aconteceu com as trabalhadoras da *Fábrica Argentina de Alpargatas* e as armadoras de cigarros.

Mas, nem sempre os trabalhadores não organizados, mesmo relacionados com os consumos populares, tiveram a oportunidade de vencer estas lutas. Aqueles que podiam impor e manter o boicote eram justamente os trabalhadores organizados. O boicote à cerveja *Quilmes*, iniciado em 1904, só conseguiu ser mantido por quase três anos porque foi realizado por uma categoria altamente organizada e coesa, como os transportadores de cargas. Ligar a exploração do local do trabalho à exploração ao consumidor podia ser um bom caminho para o triunfo do boicote, acontecendo,

sobretudo, no caso em que se boicota-se a uma loja; mas era um tanto mais complicado no caso dos produtos.

Outro pré-requisito para vencer um boicote estava na mobilização do sentimento de solidariedade entre os trabalhadores. Isto é sumamente importante: a solidariedade não estava restrita a um determinado grupo de trabalhadores. As questões ampliaram-se, abrangendo distintos grupos de trabalhadores, que não estavam diretamente envolvidos no conflito, e ainda às suas famílias. Questões como uma exploração excessiva, injustiças evidentes, abusos de poder ou a debilidade manifesta de um determinado grupo podiam ser utilizadas para sensibilizar outros setores sociais. Muitas das declarações de boicote são sumamente respeitosas no tratamento dado aos patrões, mas nas declarações aparecidas na imprensa operária a responsabilidade era jogada diretamente sobre os patrões e sua falta de consideração para com seus empregados. A mobilização da solidariedade, então, facilitava a vitória do boicote, como também reforçava o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social e a consciência de classe. Sem os custos adicionais de uma greve, qualquer um podia participar do boicote e contribuir com a derrota dos adversários de classe.

A solidariedade dos trabalhadores teve um efeito contraproducente: a solidariedade dos patrões. Esta não foi a única causa, mas o grande boicote da *Casa Gath e Chaves*, por exemplo, facilitou a unidade dos patrões. A ação conjunta da *Asociación del Trabajo*, da *Liga Patriótica* e da *Asociación Gráfica* no conflito, além da participação decisiva dos jornais, mostra como os distintos setores tomavam posições comuns para enfrentar as reivindicações operários.

Porém, outro dos problemas do sentimento de solidariedade era que este podia tornasse contraproducente. Um dos graves inconvenientes do boicote era ser muito simples de se declarar, mas muito difícil de se encerrar. Como acabar com a medida quando se apelava aos altos valores humanos? Por isso, alguns prolongavam-se demais, ainda quando era evidente a derrota ou quando os resultados eram minúsculos. Então,

continuavam a aparecer nas páginas dos periódicos operários, até que algum conflito maior ocupava o centro de atenção, e o boicote saía de cena sem deixar rastros, desmoralizando aqueles que tinham feito grandes esforços por essa causa. Como suspender um boicote ante declarações do tipo:

*“¡ Viva a anarquia! Os trabalhadores e trabalhadoras do ‘43’ (Boycott a estes cigarros) na sua titânica luta contra os vampiros Piccardo e Cia. Ltda.”*<sup>78</sup>

Desta forma, tentavam dotar a medida de um tom moral. Mas não era a única posição. Alguns anarquistas tentaram alertar sobre a tendência que poderíamos chamar ‘solidarista’. Segundo eles, existiam duas classes de boicote – além das modalidades já enumeradas – o forte e o fraco. O boicote forte era aquele que apoiava uma greve, a medida de luta por excelência, era curto e conseguia arregimentar um grande número de trabalhadores. O fraco era aquele que se prolongava muito além da greve, ou era ocasionado por uma greve derrotada. Não que o boicote não pudesse ser desenvolvido sem greves, mas tinha que ser contra produtos de consumo operário, única referência feita ao consumo.<sup>79</sup>

Assim apresentado, então, poderíamos afirmar que o boicote era uma arma defensiva dos trabalhadores não-organizados. Há uma alta dose de verdade nesta afirmação. O boicote podia ser utilizado como medida complementar ou como último recurso. Nos momentos de repressão ou de crise econômica, esta medida minimizava os riscos das demissões; o peso da luta passava para aqueles que não corriam os riscos das retaliações ou dos castigos dos patrões. Pode ser visto como uma tática em contextos defensivos, o que não significa minimizar o fato de o boicote ter sido usado para definir uma luta, assumindo um papel ofensivo.

Não podemos esquecer o fato de que o boicote, tanto quanto as greves, não tinha como objetivo imediato reforçar a solidariedade. Este era um efeito colateral.

<sup>78</sup>- É parte de uma poesia que enumerava as atividades que deviam ser desenvolvidas pelos militantes, o boicote é anunciado entre parêntesis no original. *Vide* ‘Allá como acá. Hay que luchar’ IN: “**En Marcha. Nº5**” La Plata, 1/X/1919, pág. 4.

<sup>79</sup>- *Vide* ‘Cuestiones Obrera. Los Boycotts’ IN: “**La Obra. Nº 24**” 6/X/1918, pág. 5.

Outro efeito era o fortalecimento da autonomia de sindicatos e associações operárias, o que explica a preocupação constante dos Socialistas por controlar este tipo de medidas. Os próprios Sindicalistas Revolucionários mudaram de posição ante a iminência de passar a controlar a FORA. Autonomia e solidariedade parecem ter sido duas grandes questões derivadas do boicote.

Os socialistas manifestaram oficialmente uma tendência ao controle do boicote. Depois das experiências nas quais a participação deles, ou a falta da mesma, tinha sido julgada severamente pelos demais grupos trabalhistas, preferiram estabelecer a suas próprias condições para participar dos boicotes. Independentemente do que acontecesse com as centrais operárias, eles tinham os seus parâmetros. Em Novembro de 1919, no XVº Congresso do PSA ficou estabelecido que participariam sempre que fossem parte dos Comitês organizadores do boicote, que estes se autofinanciassem e que fossem declarados pelos sindicatos ou federações por eles reconhecidas, entre outras condições. Sob desculpa das falcatuas e a proliferação de boicotes, preferiram apelar para o controle do operariado. Esta posição era bastante similar à já assumida pela FORA IX<sup>a</sup>, que também tentava controlar os procedimentos de declaração da medida.<sup>80</sup>

A solidariedade leva-nos a formular uma pergunta que não foi uma preocupação do período. Quem e como consumia? Até o momento temos apresentado o consumo operário como homogêneo. Quem tinha a seu cargo os consumos familiares era a mulher, a dona-de-casa, raramente influenciada por algum sindicato.<sup>81</sup> Era ela quem resolvia o dia a dia da família. A dona-de-casa era quem fazia as compras, pechinchava os preços, negociava o crédito ou conseguia adiar os pagamentos. Era ela quem decidia o melhor local para comprar ou como distribuir os recursos familiares. O boicote

<sup>80</sup>.- Vide ODDONE, J. *Op. Cit.*, pág. 147; e NIKLISON, José Elias 'Las Organizaciones obreras de Buenos Aires. Libro II: La Federación Obrera Regional Argentina. Cap. I, II y III' IN: "Boletín del Departamento Nacional del Trabajo. N°41" Buenos Aires. Abril de 1919, págs. 112 e 113.

<sup>81</sup>.- A preocupação com a mulher como realizadora do boicote é mencionada para o caso de Seattle, por FRANK, D. *Purchasing Power... Op. Cit.* págs. 117 e ss.

integrava a mulher dentro das problemáticas do movimento operário, mas incorporava-as numa situação subalterna. As donas-de-casa recebiam a ordem de não comprar determinados produtos, ou de não comprar em determinadas lojas, sem participar da tomada de decisões.

Este tratamento dado à mulher, com certeza, não deixaria de criar conflitos. Primeiro, o boicote ocasionava transtornos na hora de fazer as compras. O boicote decidido pela UGT contra os vendedores ambulantes não sindicalizados trazia graves inconvenientes para a dona-de-casa que fazia compras com estes comerciantes: eles davam crédito ou podiam ser os únicos a visitar um cortiço. Um argumento sensível à mulher, que tinha que se equilibrar nos magros rendimentos, podia ser o apelo aos altos preços de algum produto ou loja, sugerindo-se a substituição por outro mais barato, como menciona Dana Frank no caso de Seattle. Mas este recurso não foi utilizado ao menos uma vez, nem mesmo a mulher foi mencionada na abordagem da questão. Talvez por isso os boicotes vitoriosos tenham sido aqueles destinados à distribuição, e não à comercialização. Ou aqueles destinados a determinados produtos, como a cerveja, um consumo tipicamente masculino. Muitos dos boicotes podem ter dependido da mulher; porém, elas não foram lembradas na hora da deflagração, e muito menos consultadas.

#### 4.- A Economia Política do Consumo

Temos abordado a questão do consumo e da maneira como ele foi utilizado no confronto com o capitalismo. Não podemos esquecer que este tem sido catalogado como um tema “sujo”, poluído por elementos sociais e psicológicos, além dos condicionamentos culturais. Geralmente, o consumo é analisado como imprevisível e difícil de ser acompanhado. Os elementos culturais têm definido em grande medida os consumos dos trabalhadores, que satisfaziam suas necessidades materiais e simbólicas

gerando certas estratégias de consumo, que também podiam estar voltadas para o confronto com o Capitalismo.

O fato de comprar e de vender implica relações entre duas partes, relações que são consensuais e aceitas por ambos os lados. Ninguém pode forçar a comprar ou a vender um produto, embora este ato não seja livre e espontâneo: geralmente se compra o que é preciso ou necessário, mesmo no caso dos consumos supérfluos ou suntuosos, que cumprem uma função para aquele que está comprando. No caso dos nossos operários, a compra de determinados produtos permitia reafirmar seu pertencimento à classe. A recusa a comprar outros produtos pode ser vista como a rejeição a valores impostos. Entre os operários haviam ainda aqueles que queriam se destacar entre os seus companheiros e tentavam, de maneiras diferentes, distinguir-se do resto. A compra de certos bens dava essa possibilidade. Porém, a compra foi também uma arma utilizada para atingir aqueles que prejudicavam os trabalhadores, pela exploração excessiva ou pela negação de direitos básicos. Esta arma, como já vimos, era o boicote, a recusa a comprar produtos de determinadas marcas ou lojistas.

Neste momento de passagem de uma sociedade burguesa para uma sociedade de massas, o consumo tem sido considerado como equitativo e não igualitário. Nem todos tinham acesso aos mesmos produtos, e não estamos nos referindo ao mesmo produto com qualidades diferentes. Os trabalhadores tinham seus consumos próprios e os Capitalistas também. Consumos diferentes e mercados diferenciados. Os mesmos não teriam possibilidade de se tocar uns aos outros. Por isso, no boicote ao consumo, era preciso determinar com clareza qual produto boicotar. O consumo operário sempre esteve voltado a satisfazer as necessidades materiais, enquanto as classe médias e altas tinham a possibilidade de satisfazer outro tipo de necessidades.

A análise do boicote tem-nos dado a possibilidade de integrar o produtor com o consumidor. Não como se ambos fossem indivíduos separados, com interesses separados. Na realidade todo produtor é, ao mesmo tempo, um consumidor. Esta



questão tem sido negligenciada nos estudos sobre o consumo em Buenos Aires, apresentando-o como despolitizado.<sup>82</sup> Quanto ao consumo em geral, alguns analistas têm uma visão pessimista, dada sua despolitização e conservadorismo. O consumo de massa seria antipolítico, tendo marcado o início do fim do movimento operário como movimento social revolucionário, evidenciando o início da cooptação dos trabalhadores, ou, na melhor das hipóteses, uma aproximação ao populismo.

Eric Hobsbawm e Lawrence Glickman têm reavaliado a questão do consumo. Hobsbawm tomou uma série de consumos exclusivos da classe trabalhadora inglesa para mostrar como estes expressavam a sua identidade e uma cultura própria, diferenciadas dos consumos burgueses. Glickman apresenta uma outra problemática nos consumos operários, que se refere à organização de uma visão política em torno ao consumo, que delineou certas práticas operárias.<sup>83</sup>

Em nosso caso, temos uma economia política do consumo. Os trabalhadores valeram-se do boicote, das cooperativas e de outros mecanismos. Também foi proposto o *label* ou a marca dos produtos elaborados em conformidade com as exigências dos trabalhadores. Embora estas medidas não tenham alcançado um alto grau de centralidade no cotidiano operário, não podemos esquecer que foram bastante difundidas, dando aos trabalhadores a possibilidade de retomar o controle de suas vidas econômicas, como produtores e consumidores. Sua importância reside em ter permitido aos operários refletir sobre a relação entre salários, preços e benefícios, o que

---

<sup>82</sup>- Um exemplo deste tipo de análise é ROCCHI, Fernando 'Consumir es un placer. La industria y la expansión de la demanda en Buenos Aires a la vuelta del siglo pasado' IN: "Desarrollo Económico. Nº 148" Buenos Aires, Enero-Marzo de 1998.

<sup>83</sup>- Elementos similares poderiam ser aplicados ao caso argentino *vide* GLICKMAN, Lawrence 'Workers of the world, consume. Ira Steward and the origins of labor consumerism' IN: "International Labor and working class history. Nº 52" Fall 1997, pág. 72; e HOBBSAWM, Eric 'O fazer-se da Classe Operária, 1870-1914' IN: "Mundos do Trabalho" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (1ª ed. em inglês: 1984).

encaminhava as discussões para a questão do poder de compra, como o dinheiro podia ser gasto e utilizado para favorecer os seus interesses.<sup>84</sup>

Aqueles que comerciavam com os trabalhadores conheciam muito bem o poder de compra dos mesmos e, por isso, tentavam agradá-los. Uma forma era colocar publicidade nos periódicos operários. Apresentar os produtos por este meio estabelecia uma forte relação entre produto e consumidor. Isto não significava a dependência das partes. É interessante como *La Protesta* acendia velas para Deus e para o Diabo. Em 1907, este periódico tinha um contrato publicitário com a cerveja *Bieckert*, e ao mesmo tempo que tinha sido iniciado um boicote contra esse produto. A solução foi publicar o anúncio e o chamado ao boicote como se fossem a mesma publicidade. Os anúncios eram habituais nos periódicos operários. Num determinado momento *La Protesta* preferiu não publicar mais artigos e liberar-se dos comerciantes e industriais. Os anúncios mostram quais eram os consumos operários e comerciantes que pretendiam chamar a atenção deste mercado, como cervejas e bebidas, *almacenes*, cigarros, leilões de terrenos, móveis, livros, livrarias, cooperativas, médicos, remédios exóticos, aquecedores, restaurantes vegetarianos, tratamentos naturistas, etc. Algumas indústrias preferiram satisfazer os operários colaborando nas campanhas socialistas, como fez a tantas vezes boicotada marca de cigarros *La Popular*. Não podemos deixar de chamar a atenção para algumas marcas que tinham uma maior identificação com os consumidores, como os cigarros *Labor*, *Protesta*, *Avanti*, *Alba*, *Boycott*, *Proletários*, *Germinal*, entre outros; a leiteria *Hijos del Pueblo*, ou a mercearia *Despensa para obreros*.<sup>85</sup>

O consumo também foi utilizado pelos trabalhadores para favorecer algumas causas. De fato, algumas marcas de cigarros foram criadas especialmente para alavancar

---

<sup>84</sup>- Esta questão tem sido apresentada por FRANK, D. *Purchasing Power... Op. Cit.*, págs. 61 e 113. E ainda ZIEREN, G. *Op. Cit.*, págs. 148. Sobre a utilização do *label*, ou pelo menos a proposta de uso *Vide* BILSKY, E. *La F.O.R.A...Op. Cit.*, pág. 213.

<sup>85</sup>- Com respeito à publicidade de *Bieckert* e o boicote *Vide* *La Protesta* de 6/1/1907. *La Protesta* demorou três anos para explicar porque não publicava mais anúncios "La Protesta" 6/IX/1913. A publicidade dos cigarros *La Popular* com as imagens dos candidatos a deputado pelos socialistas em "La Vanguardia" 17/X/1908. As marcas foram extraídas, ao longo do nosso período, de *La Protesta* e *La Vanguardia*.

alguns projetos das organizações operárias, como os cigarros *El Alba* e *Proletários*, que foram lançados para apoiar a *Cámara de Trabajo* – um organismo para distribuir trabalho entre os membros das associações operárias. Ou outros, como os cigarros *Protesta*, que doavam 1% do preço para manter o jornal *La Protesta*. E ainda os cigarros *Germinal*, da *Cooperativa de Obreros Tabaqueros*, que destinavam 30% para ajudar outras cooperativas de trabalho, 10% para “as vítimas do capital” e outros 10% para a imprensa operária. Estes cigarros iam se chamar *Boycott*, mas esse nome tinha sido apropriado por uma fábrica, o que mostra o apelo do nome.<sup>86</sup>

Se o mercado tentou condicionar e estabelecer o consumo dos trabalhadores, e da sociedade no conjunto, não podemos esquecer que o mercado é constituído por seres humanos. Os trabalhadores, como um dos grupos constitutivos da sociedade, valeram-se do próprio mecanismo do mercado para tentar melhorar suas condições de vida e negociar em pé de igualdade com patrões e capitalistas.

Passamos, ao longo do nosso período, de uma sociedade com consumos individualizados a outra com consumos de massa, o que gerou certas reações. Publicidade, *packaging* e outras táticas de venda e promoção foram utilizadas para seduzir ao consumidor, ou para rejeitar essas mesmas estratégias. Rejeitar o que elas representavam, mediante a propaganda operária.

##### 5.- Protestos e Revoltas: A luta pela Dignidade

As atitudes relacionadas ao consumo não modificaram a sociedade. Boicotes, cooperativas e consumo “consciente” eram algumas das armas utilizadas na luta constante pela melhora das condições de vida. Outras vezes a ação tinha que ser mais direta. As autoridades e os patrões tiveram reações múltiplas e diversas: *lock-out*, listas

---

<sup>86</sup> - *Íde* ‘Pro Cámara de Trabajo’ IN: “**Progreso de La Boca. N° 420**” 8/V/1904, pág. 2; e ‘Pro Cámara de Trabajo’ IN: “**La Vanguardia**” desde 6/VIII/1904 até 1907. A publicidade destes cigarros também apareceu em *La Protesta* ao longo de 1906 e 1907. Os cigarros *Protesta* foram anunciados em *La Protesta* de 1906 e 1907. Sobre os cigarros *Germinal* *Íde* “**L’Avenir. Periodico Comunista-Anarchico. N° 173**” 2/XII/1901; e “**El Obrero Panadero. Periódico Defensor de los Trabajadores. N° 58**” 3/VII/1902.

negras, legislação social “avançada”, repressão policial, militar ou para-policial, repressão política, negociações, etc. foram algumas das táticas utilizadas para controlar e desbaratar as ofensivas operárias. A luta de classes passou mais de uma vez pelo confronto direto, cara a cara, nas ruas.

Neste ponto apresentaremos as manifestações dos trabalhadores nas ruas de Buenos Aires e as conseqüências imediatas das mesmas. Os motivos que levaram os trabalhadores portenhos às ruas foram diversos. Aqui, nos deteremos naquelas manifestações que tiveram as condições de vida e a solidariedade de classe como o motivo principal.

#### 5. a.- Contra a Carestia da Vida...

Um dos primeiros protestos ocasionados pelas condições de vida esteve relacionado com um aumento da carne, em 1880. O conflito armado pela federalização da cidade de Buenos Aires produziu uma escassez de carne, desviada para a alimentação das tropas, com a conseguinte elevação dos preços. Isto originou um comício de protesto multitudinário. A imprensa culpava os intermediários e a forma de venda. Os setores de menores recursos foram os que sofreram as conseqüências. O governo municipal e os industriais procuraram soluções, como o fim das taxas sobre as vendas e a modificação do sistema de comercialização da carne, passando da venda por peça à venda por quilo. Mas isto atrapalhou a produção sem resultados positivos. A crise só foi superada com a normalização da situação política e do abastecimento.<sup>87</sup>

A alimentação, a desocupação e a carestia da vida foram questões sensíveis, que mobilizaram os trabalhadores. Em alguns casos, estas mobilizações foram o ponto de partida para a politização e posterior radicalização do movimento operário. Porém, em

---

<sup>87</sup>- Cf. SCOBIE, James “**Buenos Aires. Del centro a los barrios**” Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974), págs. 176 e 177; e GLUTIERREZ, Leandro ‘Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires: 1880-1914’ IN: “**Revista de Indias N°163/164**” Madrid, 1981, págs. 192 a 194.

outros casos, os protestos foram importantes em si mesmos, tentando resolver, ou pelo menos melhorar, alguns dos elementos das condições de vida.

Em 1901, em meio à crise que se abatia na Argentina, os desocupados conseguiram chamar a atenção de uma sociedade otimista incapaz de reconhecer o desemprego como um fato inerente ao sistema de produção. A importância deste movimento foi reconhecida pelo então Presidente Julio A. Roca, que recebeu na *Casa Rosada* os representantes dos 15 mil desempregados reunidos para um comício organizado pelos socialistas na Praça de Maio.<sup>88</sup>

A carestia da vida foi alvo de várias iniciativas. *El Despertar Hispano* lançou seus apelos para iniciar algumas medidas a respeito.<sup>89</sup> Se, em anos de boas colheitas, os preços dos alimentos aumentavam, nada bom podia suceder num ano de colheita ruim. Em 1909, o preço do pão subiu mais de 20%. Os protestos contra o aumento no preço do pão, iniciados no dia 25 de abril de 1909 com 3 mil pessoas na rua, elevaram o nível de tensão. O confronto entre trabalhadores e polícia, no 1º de Maio, acabaram no Estado de Sítio.<sup>90</sup>

Das distintas correntes que conformavam o movimento operário, os anarquistas foram aqueles que se referiram à carestia da vida como uma experiência vital no cotidiano dos trabalhadores. Desde o radicalizado ano de 1902, organizaram campanhas contra os altos preços e contra a fome.<sup>91</sup> Depois das repressões da Semana Vermelha, em 1909, e do Centenário, em 1910, quase não passou um ano em que não fosse iniciada alguma campanha contra a carestia da vida, com conferências, atos nas

---

88.- *Ídem* 'El mitin de los desocupados' IN: "La Vanguardia" 17/VIII/1901; e 'El meeting de los obreros y la inercia gubernativa' IN: "La Prensa" 29/VIII/1901, pág. 5.

89.- *Ídem* 'El Pan' IN: "El Despertar Hispano. N°21" 20/V/1906.

90.- A agitação começou a ser preparada e noticiada por meio da imprensa anarquista: GILIMÓN, Eduardo 'El pan' IN: "La Protesta" 18/IV/1909; 'Pan y Libertad. Al Pueblo' IN: "La Protesta" 23/IV/1909; 'El mitin de anteayer. La vida proletaria y los capitalistas' IN: "La Protesta" 27/IV/1909.

91.- 'La fame in Buenos Aires. Grande comizii di protesta' IN: "La Nuova Civiltà. Periodico Comunista Anarchico. N°26" 29/VII/1902.

ruas, mobilizações e publicações de esclarecimento. Algumas destas campanhas, como as de 1909 e 1917, foram violentamente reprimidas pela polícia.<sup>92</sup>

Três campanhas dos anarquistas foram particularmente interessantes. A primeira é de 1902, em conjunto com os socialistas e outros grupos não anarquistas. Esta ofensiva tinha como objetivo alertar para os efeitos da crise da virada do século. A luta era contra a carestia da vida, apresentada como 'fome', e o aumento do desemprego.<sup>93</sup>

A segunda é a de 1915, durante a crise provocada pela Grande Guerra, quando a carestia da vida era uma temática muito sensível. Desta vez os anarquistas organizaram em comícios com os sindicalistas revolucionários, que tinham iniciado a agitação dois anos antes, em Fevereiro de 1913, chamando a organizar greves contra a carestia da vida. Os Socialistas não ficaram de fora desta onda, deslançando a sua própria e eficaz campanha.<sup>94</sup> Estes comícios faziam parte de atividades conjuntas que deveriam levar à unificação da CORA e a FORA.

A última campanha, a mais ousada e criativa, foi a de 1917. Os anarquistas formaram um *Comité de mujeres pro-abaratamiento de los comestibles*. É difícil estabelecer quantas mulheres participaram efetivamente deste Comitê ou do comício organizado pelo mesmo.<sup>95</sup> A figura da mulher era lembrada para sensibilizar não apenas às autoridades ante a situação socioeconômica provocada pela Grande Guerra, mas também os próprios trabalhadores, que deviam respaldar a reivindicação e ajudar a incorporar as mulheres nas lutas pela emancipação operária. As autoridades ficaram

---

<sup>92</sup>- Em *La Protesta* aparecem dados sobre estas campanhas para os anos: 1909, vários comícios ao longo de 1913, 1914, vários comícios ao longo de 1915, 1917 e 1918.

<sup>93</sup>- O ato conjunto e as outras reuniões foram noticiadas por "L'Avvenire. Periodico Comunista-Anarchico" nos números 200, 2/VIII/1902, e 201, 9/VIII/1902.

<sup>94</sup>- A campanha dos sindicalistas revolucionários tinha sido iniciada em 1913 *Vide* 'La Vida Cara' IN: "La Confederación. Organo Oficial de la CORA. Nº15" 1/II/1913 e 'La Desocupación y la Carestía de la vida' IN: "La Confederación. Organo Oficial de la CORA. Nº16" 1/IV/1914. O ato conjunto de anarquistas e sindicalistas revolucionários foi organizado pela *Sociedad Obreros Carpinteros*. "La Protesta" 2/II/1915. Sobre o ato dos socialistas *Vide* 'La manifestación del hambre. Más de 50.000 personas en la calle' IN: "La Protesta" 28/II/1915; e "The Review of the River Plate" 5/III/1915, págs. 501 e 503.

<sup>95</sup>- Temos que lembrar que o apelo à figura feminina era uma tática comum entre os anarquistas da Argentina tanto quanto utilizar pseudônimos femininos para escrever artigos feministas

sensibilizadas com este apelo: o comício do dia 10/VII/1917 deixou 1 morto, vários feridos e um sem número de presos. Esta foi a última aparição do *Comité de mujeres*.<sup>96</sup>

Estas lutas contra a carestia da vida foram tentativas de ampliar a base de apoio das lutas operárias. Nesta situação estavam envolvidos outros grupos sociais; mesmo quando os principais afetados fossem os trabalhadores, também as classes médias, os funcionários públicos e os empregados em geral, sentiam seus efeitos e apresentavam-se como aliados potenciais na hora de reclamar contra esta situação.<sup>97</sup> Se comparamos os períodos de protesto com os períodos de prosperidade ou pobreza – que podem ser vistos nos Quadros II, III e IV do Capítulo III – podemos ver como estes movimentos pela melhora das condições de vida substituem a greve como método de luta. Ante o perigo de uma demissão e de não achar outro trabalho, o apelo às autoridades aparece como mais adequado e menos comprometedor. Os riscos são diluídos no conjunto e é possível atrair às reivindicações outros setores sociais afetados pela carestia. Esta forma de luta não implica um confronto direto com o Capital, porque a figura interpelada é a do Estado. Assim, os grupos operários poupavam a militância de um confronto direto no âmbito do trabalho e da demissão em momentos de desemprego.

##### 5. b.- ... Pela Habitação ...

---

<sup>96</sup>- A convocatória ao comício de 10/VI/1917 organizado pelo *Comité de mujeres pro-abaratamiento de las comestibles* aparece todos os dias desde o 1º de Junho. A crônica do ato é do dia 12/VII/1917 em “**La Protesta**”.

<sup>97</sup>- Os cônsules britânicos reclamaram em várias oportunidades ao *Foreign Office* sobre as dificuldades que tinham eles próprios e seus funcionários para sobreviver numa cidade tão custosa como Buenos Aires ‘Letter from Mr. St. John to Earl Granville’ IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Mr. St. John, Mr. West, Despatches. 1873**”; ‘Memorandum S/Nº Harris Gastrell’ IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE “**ARGENTINE CONFEDERATION (January to May 1880)**”; ‘Letter from Mr. Sanford to Mr. Petre’ IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Mr. Petre. 1882**”; ‘Letter from Mr. Pauli to Mr. Granville’ IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Consul at Buenos Ayres. Pauli. Consular Domestic. 1883**”; ‘Mr. Haggard to Marquess of Lansdowne’ IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Mr. Haggard, Mr Harford, Diplomatic. 1905**”

De todos os elementos que conformaram as condições de vida no período, o mais sensível, sem dúvida, era a habitação. Os movimentos de protesto para melhorar as condições das moradias e baratear os preços dos aluguéis começaram na década de 1890. Nesse mesmo ano, os inquilinos organizaram uma comissão contra o aumento dos aluguéis, não teve sucesso. Três anos depois, intentaram reeditá-la, mas fracassaram pela falta de unidade dos inquilinos. Em Novembro de 1894 novamente aparece uma convocatória para relançar a *Unión de Inquilinos*, que não prosperou. Resignados com esta falta de ação, os anarquistas de *La Protesta Humana*, num artigo sobre o aumento excessivo dos aluguéis, chamavam a não pagar, mas sem falar em associações de inquilinos.<sup>98</sup>

Em 1900, os anarquistas tentaram reunir as forças para enfrentar os abusos dos proprietários de *conventillos*. Para isto, propuseram criar uma *Liga de Inquilinos*. Esta iniciativa não deu em nada e não existem indicações posteriores das atividades imediatas desta liga, ou da continuidade das disputas anteriores entre proprietários e inquilinos.<sup>99</sup>

Neste contexto, os inquilinos novamente partiram para o protesto. O movimento contra o alto custo dos aluguéis iniciou-se em *La Boca*, numa reunião da qual participaram associações e periódicos socialistas, sindicatos, sociedades de socorros mútuos e a FOA. Os motivos desta assembléia conseguiram chamar a atenção dos trabalhadores. No Congresso constitutivo da FOA, os delegados decidiram iniciar um movimento para baratear os aluguéis. Os socialistas tiveram um papel central nesta mobilização, colocando o futuro deputado, Alfredo Palacios, como o principal orador do ato. As principais propostas eram pedir às autoridades a divisão em zonas da cidade e estabelecer tabelas de preços de acordo com o tipo de casa e a zona.<sup>100</sup> A habitação

<sup>98</sup>- Sobre os movimentos de inquilinos incipientes *Vide* SCOBIE, J. *Op. Cit.*, págs. 200 e 201. O novo chamado de 1894 apareceu em *La Voz de la Iglesia* do 5/XI/1894. *Apud*. SPALDING, H. *Op. Cit.*, pág. 462. A proposta de 1897 em '*Alquileres, monopolios y peticiones obreras*' IN: "*La Protesta Humana*, N°8" 1/X/1897.

<sup>99</sup>- O chamado a participar da *Liga de Inquilinos* apareceu em "*El Rebelde*, N°40" 29/VII/1900.

<sup>100</sup>- Para as informações desse movimento *Vide* '*Los alquileres. Meeting de protesta*' IN: "*La Prensa*" 4/IX/1901, pág. 5; '*Por la baja de los alquileres. Asamblea de ayer*' IN: "*La Prensa*" 23/IX/1901, pág. 5; e '*Por*



continuou sendo uma preocupação na primeira década do século, mas estas manifestações populares não conseguiram sensibilizar as autoridades. Mesmo assim, continuaram as queixas contra os altos aluguéis, os inquilinos principais, donos ou caseiros, e contra a falta de higiene e a qualidade da moradia.

A organização operária e a constituição de correntes ideológicas definidas no movimento operário contribuíram para a definição dos mecanismos de luta pelas questões que faziam parte do cotidiano operário. As queixas e o chamado às mobilizações contrárias aos altos aluguéis e más condições de moradia foram uma constante nos periódicos operários.

Anarquistas e socialistas discordavam sobre as formas de luta para melhorar as condições de vida. Para os socialistas, esta melhora só podia chegar com a evolução da sociedade e uma redistribuição mais justa das riquezas. Para isto, era preciso ter uma bancada forte nas Câmaras de vereadores, deputados e senadores, e criar instituições próprias dos trabalhadores, principalmente cooperativas. Esta teria que ser a força de choque que mudaria as condições de existência operária. Os anarquistas confiavam na ação direta, no confronto das forças próprias com as do Capital. As ações de rua e os abaixo-assinados eram, segundo os socialistas, oportunidades para conscientizar os trabalhadores. Para os anarquistas, eram a instância de preparação dos confrontos, de elevação da consciência.

Em 1904, os anarquistas lançaram uma nova ofensiva para baratear os aluguéis, que consistia em denunciar as más condições das moradias de aluguel, como uma forma de acumulação de indignação que acabasse num confronto com os proprietários ou com os encarregados das casas. Esta campanha iniciou-se em Outubro. Periodicamente apareceram alguns “casos concretos” sobre a situação da habitação, sem que isto

---

la baja de los alquileres. Asamblea popular. Proyecto de locaciones’ IN: “**La Prensa**” 12/XI/1901, pág. 5. A posição da FOA em. MAROTTA, S. *El Movimiento Sindical Argentino. Vol. I... Op. Cit.*, pág. 132.

preanunciasse alguma medida, para além da simples denúncia. Alguns periódicos próximos aos socialistas acompanharam a agitação.<sup>101</sup>

Só em 15 de Junho de 1905 foi convocada uma reunião para tomar medidas. A reunião de 19 de Junho contou com a presença de 60 delegados de diversas associações de trabalhadores, o que permitiu a formação de uma comissão para estudar o assunto. Em 14 de Julho, foi apresentado um novo caso de despejo, que permitiu que *La Protesta* pressionasse a comissão. Em 9 de Agosto foi noticiado um fato inédito: a FORA, o PSA, e a UGT tinham chegado a um acordo: criar uma *Liga contra los Alquileres*. Anarquistas, Socialistas e os futuros Sindicalistas Revolucionários tinham resolvido unificar critérios para obter um desconto do 50% nos preços dos aluguéis. Em 25 de Agosto aparece a última queixa de *La Protesta*, sem resposta, à *Liga contra los alquileres*. *La Protesta* e os anarquistas desiludidos da *Liga* desistiram da aliança com outros setores.<sup>102</sup>

As queixas dos anarquistas continuaram a aparecer durante todo o ano de 1906. As reclamações e as insistência deram na formação de uma nova liga. Mais uma. Em agosto desse ano, um dos centros anarquistas, o *Centro Amor*, propôs o seguinte: a criação de uma associação de inquilinos; reclamar a redução dos aluguéis em 50%; e a aplicar uma sabotagem aos proprietários que não concordassem. Certas sociedades operárias e centros populares reuniram-se para tratar as propostas do *Centro Amor*. Finalmente, em Novembro desse mesmo ano, criaram a *Liga Contra Alquileres e Impuestos*.<sup>103</sup>

Os socialistas foram um pouco os responsáveis pela ofensiva anarquista contra os altos aluguéis. Pouco tempo antes que os anarquistas começassem a reclamar pela falta de ação, os socialistas tinham iniciado uma campanha contra a doação de terras para que as associações de beneficência construíssem casas para trabalhadores. A

<sup>101</sup>- Como em 'Los alquileres' IN: "El Progreso de La Boca. N° 460" 12/II/1905, pág. 1.

<sup>102</sup>- Cf. "La Protesta" dos dias 21 e 26/X/1904; 30/V/1905; 15, 20 e 25/VI/1905; 14/VII/1905; e 25/VIII/1905.

<sup>103</sup>- Outras queixas em *La Protesta* ao longo de 1906. Para a formação da *Liga* Cf. "La Protesta" nos dias 5/VIII/1906; 19 e 29/IX/1906.

frustrada fundação inicial de *El Hogar Obrero* tinha deixado os socialistas sensibilizados com este tipo de iniciativas e com a falta de apoio à Cooperativa. Assim, participaram da ofensiva de denúncias e da criação da *Liga de Inquilinos*. Ao contrário dos periódicos anarquistas, *La Vanguardia* continuou a apresentar casos de abusos aos inquilinos, ao longo dos anos 1906 e 1907.



Fig. 4: Duas cenas de um despejo em 1906. A mobília de uma família é botada na rua pela polícia ao serviço da ordem e dos proprietários. Camas, colchões, mesas e armários são colocados numa carreta. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

A FOA, e depois a FORA, continuaram a colocar a questão do aluguel nos seus congressos. Não esqueceram desta questão em praticamente nenhum deles. Desde o Primeiro Congresso, em 1901, até o de 1906, os aluguéis estiveram em pauta permanente. No entanto, por ser uma questão externa ao âmbito de trabalho, a posição foi sempre a de acompanhar as medidas que eram tomadas por outras associações. Assim, a recomendação para o 5º Congresso, de 1905, era apoiar as medidas que estavam sendo planejadas e desenvolvidas pela *Liga de Inquilinos*. Porém, para o 6º Congresso, de 1906, a posição era de iniciar uma ativa propaganda, visando a criação de um movimento grevista entre os inquilinos. Para isso, pedia-se às federações locais que criassem um Comitê Central em prol da baixa dos aluguéis.<sup>104</sup>

<sup>104</sup>.- As posições da FOA e da FORA em MAROTTA, S. *El Movimiento Sindical Argentino. Vol. I... Op. Cit.*, págs. 148, 272 e 302; e BILSKY, E. *La F.O.R.A.... Op. Cit.*, págs. 194, 197, 213 e 218.

A UGT, que reunia sindicalistas e socialistas, tinha sérias divergências sobre como abordar a questão dos aluguéis, que continuariam durante a greve de inquilinos. No 4<sup>o</sup> e último Congresso da *Unión*, as posições de ambos os grupos ficaram evidenciadas. Para os socialistas, a melhor forma de baratear os aluguéis era a implementação das cooperativas de construção, mais especificamente, *El Hogar Obrero*. Com um número maior de casas de aluguel os preços cairiam irremediavelmente, pelo aumento da oferta. Os sindicalistas, recentemente saídos das fileiras do PSA, achavam a posição socialista pouco prática, ou de longo prazo. Os sindicalistas, como os anarquistas, preferiam a ação direta: apoio às tentativas de uma greve de inquilinos. A resolução do Congresso estava relacionada com esta posição, pedir a redução dos aluguéis em 50%, apoiando a agitação dos inquilinos.<sup>105</sup>

É evidente que tinha se sensibilizado a opinião pública pela ação de anarquistas, sindicalistas e socialistas. Se a propaganda permitiu acumular o suficiente material inflamável, do qual o aumento dos aluguéis era o pavio, faltava algo que reunisse ambos elementos. O estopim que deflagrou esta greve pouco comum foi um fato que revelou o nível de exploração no aluguel e a possibilidade de atuar contra. Em agosto de 1907, foram anunciados os aumentos dos impostos à propriedade imobiliária para 1908. Os proprietários começaram a se proteger, aumentando imediatamente os aluguéis. Os inquilinos do cortiço da rua *Ituzaingó* 279 e 325, conhecido como *Los Cuatro Diques*, receberam um forte aumento e, além do mais, eram-lhes exigidos três meses de depósito. Decidiram não pagar os aluguéis, entanto estes não fossem reduzidos.<sup>106</sup>

Este foi o estalido da greve de inquilinos. Outros *conventillos*, como a *Cuera Negra*, as *Catorce Provincias*, *Campos Salles*, e outros mais, uniram-se rapidamente ao movimento. As adesões cresceram assustadoramente, tanto que o próprio *Intendente Alvear* recebeu

<sup>105</sup>- As resoluções da UGT em MAROTTA, S. *El Movimiento Sindical Argentino*. Vol. I... Op. Cit., págs. 323 e 324.

<sup>106</sup>- A carta na qual os inquilinos comunicavam a decisão apareceu em "La Protesta" 31/VIII/1907 e "La Vanguardia" 13/IX/1907.

um grupo de inquilinos e propôs-lhes a redução dos impostos e o fim dos despejos. Alvear tentou intimidar os proprietários com inspeções rigorosas. Alguns proprietários, como a família *Anchorena*, aceitaram as condições dos seus inquilinos. Porém, em *Los Cuatro Diques* tudo continuava igual.<sup>107</sup>



Fig. 5: A esquerda, a habitação Nº1 do *conventillo Los Cuatro Diques*, ocupada pela passageira Josefina Rinaldi, ‘entre mate y mate’ ela sugeriu a possibilidade de iniciar o movimento contra os aluguéis. A mesa da comissão, que aparece na foto, estava entre suas camas, uma delas ocupadas por um dos filhos de Josefina, que estava doente. Esta situação ‘fortuita’ tinha impedido o despejo de Josefina. Ao centro, Josefina a sua irmã e outras mulheres que integravam a ‘comissão de senhoritas’ a favor da greve. A direita a família de María López, despejada, em cima da mesa estão alguns petrechos e uma grande fogaça de pão. Fonte: *Curas y Caretas*, 1907.

As reivindicações não eram abstratas nem difusas; qualquer um podia compreender muito bem o alcance do movimento grevista: não pagar o aluguel até que os proprietários ou os arrendatários principais não diminuíssem os aluguéis num 30%. Alguns chegaram a pedir até 50%. O sentimento de abuso e exploração, como consumidor e não como produtor, unido à clareza das reivindicações, permitiu a unidade dos inquilinos. 500 *conventillos* iniciaram a medida. Nos primeiros dias de Outubro, no dia de pagamento do aluguel, outros 250 cortiços entraram para o movimento, aproximadamente, uns 25 mil inquilinos. No final desse mês os números eram assustadores: 2 mil *conventillos* e 120 mil inquilinos.<sup>108</sup>

<sup>107</sup>- A ameaça do Intendente mostrava as reais condições dos *conventillos* e a conivência do Estado com esta situação, *Ídeme* “*La Vanguardia*” 13, 15, 21 e 22/IX/1907; ‘*La Huelga de Inquilinos. Importancia del Movimiento*’ IN: “*La Prensa*” 21/IX/1907; e *La Nación* 19/IX/1907 *Apud.* SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 469 e 471.

<sup>108</sup>- *Ídeme* “*La Protesta*” 13 e 28/IX/1907; GONZÁLEZ, Juan B. “*El encarecimiento de la vida en la República Argentina*” Buenos Aires, Las Ciencias, 1908, pág. 27; SCOBIE, J. *Op. Cit.*, pág. 202; e SPALDING, H. *Op. Cit.*, pág. 451.

A Greve de Inquilinos contou com a simpatia de distintos setores políticos e jornalísticos. As condições da habitação popular eram comentadas desde muito tempo atrás e existia um consenso contrário aos especuladores urbanos e exploradores de *conventillos*. As federações de trabalhadores deram apoio logístico e os socialistas abriram as páginas de *La Vanguardia* para divulgar o sucesso da greve. Até o Partido Liberal chamou as classe médias a participar da greve e boicotar os donos de propriedades de aluguel que tivessem outros comércios. O boicote foi aplicado aos proprietários que resistiam à greve.<sup>109</sup>

O apoio não era incondicional. Cada grupo ideológico colocava suas próprias reivindicações e tentava conduzir a greve. É evidente que as lideranças tinham origens diversas, mas as propostas eram de cunho anarquista. Os sindicalistas revolucionários apresentavam-se como uma força consciente e ativa na greve. Não só pelo apoio da UGT, mas também pelo apoio dado através de seu próprio jornal. Para eles os socialistas atrapalhavam a greve negociando com as autoridades. A única via era a ação direta.<sup>110</sup>

A greve espalhou-se para outras localidades fora de Buenos Aires. A medida alcançou grandes proporções em Rosario. Outros locais atingidos pelas demandas dos inquilinos foram as cidades próximas a Buenos Aires, como Avellaneda, Lomás de Zamora e Belgrano, além de outras, como Bahía Blanca, Córdoba, Mar del Plata e Mendoza.<sup>111</sup>

Os proprietários reagiram. Os juízes aceitaram os pedidos de despejo apresentados pelos proprietários e administradores de *conventillos*. Estes pedidos

---

<sup>109</sup>- Todos os grupos rejeitaram o apoio do Partido Liberal. Sobre a posição do Partido Liberal *Vide* "La Protesta" 20/X/1907. E ainda, SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 451 e 452, o manifesto está em págs. 474 e 475; e "La Vanguardia" 12/X/1907 e 24/X/1907.

<sup>110</sup>- Esta posição é apresentada no quinzenário dos sindicalistas. *Vide* 'Los alquileres' IN: "La Acción Socialista. Periódico Sindicalista Revolucionario. Nº 52" 1/X/1907; e 'La Huelga de Inquilinos' IN: "La Acción Socialista. Periódico Sindicalista Revolucionario. Nº 53" 16/X/1907.

<sup>111</sup>- *Vide* SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 451 a 453; e SURLANO, Juan "La Huelga de Inquilinos de 1907" CEAL, Buenos Aires, 1983, pág. 15.

baseavam-se nos documentos assinados pelos inquilinos com datas trocadas. Os proprietários davam o recibo depois do pagamento do segundo mês. Assim, os inquilinos sempre estavam em condições de ser despejados. Os juízes davam 10 dias para a saída do inquilino, antes de acionar a força pública. As tentativas por fazer cumprir as ordens de despejo foram momentos de conflito com as autoridades. O Intendente, que tentava contemporizar a situação, não teve nem o apoio das autoridades nacionais, nem dos proprietários, que rejeitavam seus pedidos de acordo. Ele quis usar o *Hotel de Inmigrantes* como moradia temporária dos despejados; porém, o Ministro do Interior rejeitou a proposta.<sup>112</sup>

As ações de despejo individuais deixaram os empresários com uma péssima imagem ante a opinião pública, pelo que passaram a agir coletivamente. Para isto, no início de Outubro, formaram a *Corporación de Propietarios y Arrendatarios*. Esta associação unificava as propostas do conjunto dos proprietários, que consistiam na expulsão dos grevistas dos *conventillos* e na elevação das garantias dos novos inquilinos. Estas eram as medidas básicas que tinham de ser defendidas.<sup>113</sup>

Para conseguir seus objetivos, a *Corporación* contava com o apoio da Polícia. Cada tentativa de despejo, efetivada ou não, virava um conflito entre os moradores do *conventillo* e a autoridade. Grupos de moradores de outros *conventillos* chegavam ante cada ameaça. As autoridades judiciárias tentavam de várias formas cumprir os seus mandatos, fosse trocando o dia do despejo, para tomar a comunidade desprevenida, colocando reforços policiais, ou atuando nos horários em que os homens tinham saído para o trabalho e só restavam as mulheres e as crianças.

Os conflitos começaram nos primeiros dias de Outubro, com a tentativa de despejar *Los Cuatro Diques*, que tinha sido o primeiro cortiço a entrar em greve e onde funcionava a Comissão de greve, mas se generalizaram só depois do 20 de Outubro.

<sup>112</sup>- Cf. SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 451 e 452.

<sup>113</sup>- Cf. SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 451, 452, e 475 a 477; e "*La Vanguardia*" 12 e 13/X/1907.

Uma manobra judicial permitia o despejo do administrador ou do inquilino principal, se este não pagava. Este aparecia como devedor e o *conventillo* podia ser despejado totalmente. Desta forma, os culpados não eram os moradores nem os donos, e sim os administradores. Mas, a condenação moral não era um mal maior para eles e, de quebra, melhoravam a relação com o dono do prédio. Os juízes aceitaram esta alternativa e decretaram os despejos. Os dias que se seguiram foram os dias de confronto nas ruas. Piquetes de moradores resistiram aos despejos e organizaram atos contra os proprietários. A polícia entrou em confronto direto com os manifestantes ao longo de quase dez dias. No dia 22 foi morto o grevista Miguel Pepe. No domingo seguinte, a polícia impediu uma manifestação. As ruas de Buenos Aires, principalmente nos bairros de *conventillos*, viraram campo de confronto entre os setores que participaram do movimento. As imagens de bondes quebrados, barricadas, tiroteios e de policiais e bombeiros armados nas ruas tornaram-se freqüentes nas fotografias dos jornais portenhos. Os confrontos deixaram vários mortos, feridos, presos e deportados entre os grevistas.<sup>114</sup>

Em meados de Novembro a situação tinha mudado. O próprio chefe da Polícia de Buenos Aires, o Coronel Ramón L. Falcon, e alguns juízes iniciaram gestões junto aos donos de imóveis para que chegassem a acordos casa por casa. O movimento começou a perder força. Os anarquistas, como aconteceu anteriormente e aconteceria em outras ocasiões, não souberam como sair do conflito sem sofrer uma derrota. A posição deles continuou a ser a radicalização do movimento, tentando transformar um movimento popular pela habitação numa revolta revolucionária. Os acertos pareciam vantajosos para os moradores e a greve foi se extinguindo entre os novos acordos e a posição pacífica da maioria dos inquilinos.<sup>115</sup>

<sup>114</sup>.- Cf. "Sigue la Huelga y principia el desalojo" IN: "Caras y Caretas. N°470" 5/X/1907; "La Vanguardia" 18/X/1907 a 4/XI/1907; "La Huelga de Inquilinos. Mitin del Domingo" IN: "La Acción Socialista. Periódico Sindicalista Revolucionario. N° 54" 1/XI/1907; ROUCO BUELA, Juana "Historia de un ideal vivido por una mujer" Buenos Aires, Ed. Reconstruir, 1964, págs. 16 e 17. SPALDING, H. *Op. Cit.*, pág. 452.

<sup>115</sup>.- "La Vanguardia" 18 e 19/XI/1907.



Alguns *conventillos* resistiram até as últimas conseqüências, como aconteceu no cortiço da rua Anchorena 346 e 358, onde os moradores não cederam às pressões policiais ou dos proprietários, preferindo queimar tudo e fazer um quebra-quebra no cortiço a permitir o despejo.<sup>116</sup>



Fig. 6: Imagens dos primeiros despejos durante a Greve de Inquilinos: Arriba a polícia pronta para efetuar um despejo. Ao lado junto aos despejados. Em baixo, a esquerda, o Oficial de Justiça, o apoderado dos donos do cortiço e o zelador ao fundo, respeitando o seu lugar. Ao centro, Tito Livio Foppa promotor jornalístico da campanha pro-greve. A direita os restos do despejo. Fonte: *Caras y Caretas*, 1907.

Onde havia acordo entre as partes, o que aconteceu na maioria dos casos, era comemorado com uma grande festa. Mas a festa tinha a finalidade de recompor as relações quebradas durante o conflito. O inquilino principal, ou o caseiro, continuaria a ser o mesmo. Era conveniente reatar as relações. A festa subvertia as relações cotidianas e, depois da comemoração, na qual o caseiro era a vítima principal das brincadeiras, as relações voltavam a ser as anteriores.<sup>117</sup>

<sup>116</sup>.- "La Vanguardia" 28/XI/1907.

<sup>117</sup>.- Como aconteceu na descrição feita pelo jornal *El Tiempo*, 16/X/1907, *Apud.* SPALDING, H. *Op. Cit.*, págs. 487 e 488. Outra festa em "La Protesta" 12/XI/1907.

A greve atacava um dos princípios básicos da sociedade capitalista: a propriedade. Mas isto não foi colocado em momento algum. Pelo contrário, poderíamos dizer que a causa estava no mal uso da propriedade, ou no abuso da mesma. Por isso foi uma greve que sensibilizou outros setores sociais. Não parava um setor da produção. Eram locais que produziam um alto lucro em troca de espalhar doenças e sujeira. Os aluguéis tinham-se duplicado em 7 anos e isto não podia ser bem visto por aqueles que sofriam os efeitos ocasionais das crises, sempre que não tivessem o seu próprio cortiço de aluguel. Uma vez resolvido o conflito, com a mediação do chefe de Polícia ou juízes, a greve perdeu o apoio de outros setores sociais. E ainda daqueles que não estavam dispostos a entrar num conflito indefinido, descuidando o próprio trabalho, sem perspectivas de solução; ou daqueles cujo compromisso não estava com a transformação radical da sociedade. Lembremos que os moradores dos cortiços tinham origens muito variadas: de jornaleiros a policiais, de vendedores ambulantes a funcionários públicos.<sup>118</sup>

Por isso é que o conflito não estava restrito ao homem-trabalhador. O caráter deste tipo de greve remete à participação de todos aqueles que eram moradores. Daí que muitas das medidas foram implementadas e desenvolvidas pelas mulheres. Mulheres donas-de-casa e crianças também foram parte das manifestações e mobilizações e, muitas vezes, os principais protagonistas. As mulheres enfrentaram a polícia e os administradores com água fervendo, deixando-os pelados e golpeados. Isso dentro do âmbito doméstico. Esta atitude pode ser considerada como própria da mulher, à medida que defendiam a esfera do privado, o habitat da família, embora fossem noticiados vários casos de mulheres em confrontos nas ruas.<sup>119</sup>

As crianças não estavam restritas ao âmbito doméstico, tendo a liberdade de procurar nas ruas alguns recursos para a família e de tomar certas atitudes. Elas

<sup>118</sup>.- Sobre os aumentos dos aluguéis 'En las casas de inquilinato' IN: "**La Prensa**" 24/IX/1907, pág. 9; e GONZÁLEZ, J. B. *Op. Cit.*, págs. 27 e 28.

<sup>119</sup>.- "**La Protesta**" 2, 11, 12 e 16/X/1907; e "**La Vanguardia**" 5, 21 e 22/X/1907.

circulavam livremente pela cidade. Um dos pontos marcantes do conflito foi protagonizado por crianças: a marcha das vassouras, que começou com um grupo de crianças, que percorreram *La Boca* e outros bairros para divulgar o movimento. Novas crianças iam se unindo ao grupo inicial a cada cortiço visitado. A vassoura, como sempre, significava limpar. Desta vez era para varrer os exploradores.<sup>120</sup>

Para os moradores, a greve terminou com os acordos ou a aceitação da derrota. Para os proprietários, o fim da greve marcou o momento de começar a recuperar o tempo perdido. As autoridades abandonaram o terreno e deixaram atuar a “mão invisível do mercado”. A única intervenção do Estado foi a nomeação de uma Comissão para estudar a questão. Infelizmente para os inquilinos, os membros da mesma eram três reconhecidos donos de cortiços – Pradere, Leonardo Pereyra e Luis Ortíz Basualdo. Os juízes e os policiais, que apareciam como garantes dos acordos, não atuaram para referendar o prometido. A Corporação passou à ofensiva. Depois do primeiro impacto, os proprietários impuseram novas e mais duras condições aos moradores.



Fig. 7: Duas imagens da marcha das vassouras. As crianças participam, enquanto os adultos organizam e dirigem a manifestação. Fonte: *Caras y Caretas*, 1907.

Ante a perspectiva desta ofensiva, os inquilinos tinham criado uma nova associação: a *Federación de Inquilinos*, que vinha substituir as Comissões por cortiço,

<sup>120</sup>.- Informação sobre a marcha das vassouras em ‘*La Guerra de los Inquilinatos*’ IN: “*Caras y Caretas*. N°468” 21/IX/1907. Outros dados em *Signe la Huelga...* *Op. Cit.*; “*La Protesta*” 12/X/1907; e “*La Vanguardia*” 21 e 22/X/1907.

promovendo medidas conjuntas entre os participantes da greve.<sup>121</sup> Mas o momento dos grevistas tinha passado; era a hora do troco. Com mais dinheiro, relações e melhor posição ante a opinião pública, os membros da Corporação mal puderam esperar até a poeira descer. Durante os meses de Dezembro de 1907, Janeiro e Fevereiro de 1908, apareceram denúncias dos inquilinos à *Federación* e aos garantes dos acordos. Tudo foi inútil. A derrota chegou pouco tempo depois. As condições prévias à greve foram enrijecidas pelos proprietários, que não queriam correr novos riscos de inadimplência futura. As indicações da Corporação eram as seguintes: cobrar três meses adiantado e aumentar os aluguéis o necessário.

Nos meses posteriores à greve, produziram-se os despejos dos antigos revoltosos. Listas negras circularam entre os proprietários, administradores e zeladores, apontando as antigas lideranças da greve, que não poderiam voltar a alugar em *conventillo* algum. Os membros da *Federación de Inquilinos* foram expulsos dos cortiços em que moravam e os propagandistas foram impossibilitados de entrar. Os aluguéis, que eram de \$ 18 antes da greve, caíram para \$ 15, por força do movimento. Depois da greve, passaram para \$ 20. Tudo tinha retornado ao ponto inicial.<sup>122</sup>

Os membros da *Federación* tentaram retomar a greve, mas entre os inquilinos o clima era de derrota. Quem tinha obtido alguma vantagem não queria mais confusão, esperando que não fosse com ele, quem tinha saído derrotado tinha medo de reagir, dada a magnitude da derrota. Mesmo assim, houve uma tentativa de retomar a greve: em Fevereiro de 1908, alguns poucos *conventillos* voltaram a se declarar em greve, mas não conseguiram a adesão de um número significativo de casas e o protesto acabou por aí.<sup>123</sup>

<sup>121</sup>- "La Protesta" 12/XII/1907; e "La Vanguardia" 15/III/1908.

<sup>122</sup>- Estes fatos são noticiados ao longo dos meses de Janeiro e Fevereiro Cf. "La Protesta" e "La Vanguardia" de ambos os meses; e ainda "La Vanguardia" 15/III/1908.

<sup>123</sup>- Vide "La Protesta" 25 e 29/II/1908; e "La Vanguardia" 24 e 25/II/1908.

O balanço do conflito foi contrário aos inquilinos, embora permitisse criar laços de solidariedade e ganhar experiência nos conflitos dos anos subseqüentes. Até a experiência da autogestão das casas ocupadas e de solidariedade foram esquecidas durante a reação da Corporação. Nas reportagens da grande imprensa dos meses seguintes, o panorama era desolador: os aluguéis e condições de limpeza e sanitárias eram piores que antes da greve.<sup>124</sup>

Com a finalização do conflito, socialistas e anarquistas fizeram seus balanços. Ambos os grupos escolheram o adversário como o responsável pela derrota. Cada um deles teimou nas suas posições prévias para estabelecer as coordenadas futuras de ação. Os anarquistas continuaram a pregar o uso do querosene e da água fervendo como forma de resolver a questão dos aluguéis. Segundo eles, a derrota era consequência da falta de radicalização em momentos decisivos. Os socialistas, por sua vez, insistiram na necessidade de implementar as cooperativas como forma de solucionar o problema da habitação popular. Para eles, os responsáveis pela derrota do movimento tinham sido os anarquistas, que deveriam ter orientado a ação para a construção de casas para trabalhadores, pedir a redução dos impostos para os *conventillos* e a importação sem taxas alfandegárias dos materiais de construção.<sup>125</sup>

As campanhas de *La Protesta* continuaram ao longo de 1908. Em 1909, a agitação continuou paralelamente à campanha para as comemorações do 1º de Maio de 1909, um dos mais violentos do nosso período. Em 3 de Março de 1909 declarou-se uma nova greve no cortiço de rua *Ituzáingó* 263. Em poucos dias a mesma se alastrou para outros dois, um deles o famoso *Los Cuatro Diques*. O inquilino principal do *conventillo* em greve era um tal Juan Vidal, dono de algumas padarias. *La Protesta* implementou um boicote às padarias de Vidal.

---

<sup>124</sup>- Cf. *La Nación* de 22/XI/1907, 4/XII/1907 *Apud*. SPALDING, H. *Op. Cit.*, pág. 491; e SCOBIE, J. *Op. Cit.*, págs. 202 e 203.

<sup>125</sup>- Cf. "*La Protesta*" 9/II/1909; e "*La Vanguardia*" 24/XI/1907 e 18/II/1908.

Este foi o início da campanha, mas estavam vigiados de perto pela polícia e seu temido chefe, o Coronel Falcón. Mesmo com um comício multitudinário e a continuidade do boicote, Vidal despejou seu cortiço. Pior, a greve não vingou. A campanha continuou ao longo de março. As comemorações do 1<sup>o</sup> de Maio de 1909 foram mais importantes e a violência da repressão desviou a atenção do movimento, amedrontando os remissos.<sup>126</sup>

A próxima onda de protestos contra os altos aluguéis teve lugar em 1914. A ressurgida *Liga de Inquilinos* voltava para propor, novamente, a greve de inquilinos. Esta ofensiva foi reiniciada em Agosto de 1914, embora a *Liga* só reaparecesse em Setembro. Mas os tempos tinham mudado e o chefe da polícia não era Falcón, morto por Simón Radowsky em 1909. A Polícia permitia a livre ação da *Liga*. Os socialistas continuavam a ser contrários à greve, tanto que proibiram as reuniões da *Liga* na sede socialista da rua México 2070. Em Outubro, as novidades da *Liga* começaram a ser cada vez mais escassas. Embora conseguissem um importante êxito com a greve num cortiço e a redução dos preços, a *Liga* não despertou o interesse dos demais inquilinos. Os Sindicalistas Revolucionários entendiam que a *Liga* podia auxiliar nas lutas operárias, mas não tinha grande interesse na mesma justamente porque estava fora do âmbito do trabalho. A última notícia da *Liga* foi a dissolução de um dos Sub-Comitês, em Janeiro de 1915.<sup>127</sup>

A última tentativa de modificar a situação dos inquilinos durante o nosso período teve lugar no convulsionado ano de 1919. As notícias que temos provêm de *La Vanguardia*, dada a suspensão de *La Protesta*, pelos sucessos de Janeiro. Embora os Socialistas fossem remissos em favorecer este tipo de movimento, eles noticiaram a existência do mal-estar dos inquilinos. Em 2 de maio foi criada uma *Asociación Nacional*

---

<sup>126</sup>.- Cf. "**La Protesta**" ao longo do mês de Março.

<sup>127</sup>.- Cf. "**La Protesta**". A primeira novidade desta agitação é do 7/VIII/1914, a criação da *Liga* está em 8/IX/1914; o conflito com os socialistas é de 25/IX/1914; o êxito dos *contentillos* é de 6/X/1914; a última notícia da *Liga* é de 19/I/1915. A posição dos Sindicalistas Revolucionários em '*Liga de Inquilinos*' IN: "**La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario. N°347**" 19/IX/1914.

de *Inquilinos*, que recebeu a permissão da polícia, pela inexistência de anarquistas entre seus membros. Porém, novamente outra situação externa, o boicote à *Gath & Chaves*, postergou esta agitação.<sup>128</sup>

Os anarco-bolcheviques de *Bandera Roja* eram favoráveis à existência de um Comitê Popular de Ação contra os Altos Aluguéis, proposta desconsiderada pelos socialistas, principalmente para não estarem vinculados com os anarquistas, em qualquer uma das suas vertentes. Como resposta, a proposta socialista foi ignorada pelos outros grupos de trabalhadores. Apesar de pedirem apoio à FORA V<sup>a</sup>, a *Asociación* subsistiu como um dos grupos de apoio dos socialistas.<sup>129</sup>

##### 5. c.- ... e pela Dignidade

As condições de vida, a carestia e o salário, como já vimos, produziram importantes manifestações de protesto. Estas manifestações tiveram escalas diferenciadas. As lutas pelas melhoras salariais, por exemplo, estavam restritas ao âmbito do trabalho. As condições de vida e a carestia saíam para as ruas, mas, excetuando a greve dos inquilinos de 1907, não passaram de protestos circunscritos aos locais de comercialização ou às páginas dos jornais. As maiores manifestações e protestos do período excederam estas motivações. O impacto da carestia e da inflação sobre os salários operários, unido às más condições de vida, produziu uma acumulação de desencanto e raiva. A impossibilidade de alcançar o paraíso terreno na América, de melhorar de vida ou, ao menos, de ter uma vida digna, foram o combustível que arderia nas principais explosões operárias do período.

Não os chamei de “protestos populares” porque estas explosões têm um definido caráter de classe, e não de classes ou poli-classista. Por isso, não consideraremos aquelas como as intentonas da UCR de 1890 e 1905, apesar de no

---

<sup>128</sup>- Vide “*La Vanguardia*” 2, 4, 5, 17, e 24/V/1919.

<sup>129</sup>- Cf. “*Bandera Roja. Diario de la Mañana*” 23/IV/1919 e 4/V/1919; e “*Tribuna Proletaria*” 26/XI/1919.

levante de 1890 terem participado alguns dos futuros fundadores do PSA e membros dos Centros Socialistas existentes; e de, em 1905, os anarquistas serem apontados como apoiando os Radicais.<sup>130</sup>

Os maiores protestos do período, datam das duas primeiras décadas do século XX. A lista é breve, porém intensa e marcante: a Greve Geral de 1902, a *Semana Roja* de 1909, as greves e a repressão do *Centenário* de 1910 e a *Semana Trágica* de 1919. Nestes momentos a cidade parou por completo. Poucos foram os momentos em que se produziram manifestações com uma adesão e participação similar. Todas estas explosões tiveram como ponto de partida alguma manifestação operária com reivindicações corriqueiras: melhora do salário, contra a carestia, pelas 8 horas de trabalho ou contra demissões arbitrárias. Mas estas causas foram só o pavio para que a solidariedade emergisse. A luta pela Dignidade, a luta pela condição de ser humano e trabalhador, em síntese, pelos direitos sociais, animaram todas estas explosões. O fato de serem trabalhadores unificou as distintas tendências. Cada uma delas se digladiou com as forças do Estado seguindo os seus próprios padrões de comportamento. Posteriormente trocaram acusações sobre o modo como encararem as lutas operárias, mas, no momento do confronto, a solidariedade foi superior às brigas internas.

Não é possível ignorar a luta pelos direitos sociais como um dos elementos unificadores da consciência de classe. A oposição entre possuidores e proletários; entre as forças da ordem e da dignidade emergiu claramente nestes momentos. Cada um deles teve características próprias, mas a repressão indiscriminada promoveu o sentimento de unidade no interior da classe. Mesmo que cada uma destas explosões não tivesse um objetivo único ou evidente, ou que estivesse encaminhada à transformação revolucionária da sociedade, ou à libertação da dominação das classes superiores, a

---

<sup>130</sup>- Para 1890: RATZER, José "Los marxistas argentinos del 90" Córdoba, Pasado y Presente, 1969, págs., 66 a 69; Para 1905: SPALDING, H. *Op. Cit.*, pág. 399.



unificação das experiências de dominação e exploração foram as principais conseqüências destas manifestações.

Em 1902, a Greve Geral foi declarada para lutar contra a sanção da Lei de Residência, que tinha como objetivo a deportação imediata de todos os estrangeiros envolvidos na militância política e sindical. O alvo principal desta lei eram os anarquistas. Alguns sindicatos declararam por conta própria a greve no dia 20 de Novembro, no dia 23 a greve tinha-se estendido ao conjunto, transformando-se em Greve Geral. Os socialistas inicialmente mantiveram-se reticentes a entrar em confronto direto e tentaram negociar com as autoridades. Porém, a lei foi aprovada antes de qualquer confronto com as autoridades. No dia 24, os socialistas passaram a apoiar a greve geral. O conflito nas ruas levou quase 100 mil trabalhadores a aderirem à Greve Geral. A derrota foi completa: a lei foi aprovada e muitos militantes deportados. Mesmo assim, o governo teve que aceitar a revisão das condições de trabalho. E novas lideranças, neste caso argentinas, vieram tomar o lugar dos deportados.<sup>131</sup>

Sete anos depois, teve lugar outro importante conflito: a chamada *Semana Roja* de 1909, que teve origem na repressão policial contra as manifestações dos trabalhadores no 1º de Maio desse ano. O Coronel Falcón atacou espontaneamente as colunas operárias. A resposta foi à altura. 200.000 trabalhadores pararam as suas atividades e saíram às ruas para pedir a liberdade dos presos e a destituição de Falcón. Desde o dia 3 até o 9 de Maio, Buenos Aires ficou paralisada. Socialistas, Sindicalistas e anarquistas uniram-se na ação.<sup>132</sup>

Ao contrário do que aconteceu em 1902, quando as organizações decidiram lutar contra a Lei de Residência, os acontecimentos atropelaram as lideranças. O Primeiro de Maio devia ser comemorado como sempre, mas ninguém contava com a atitude

---

<sup>131</sup>- Maiores detalhes desta Greve em OVED, Iaákov "El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina" México, Siglo XXI, 1978, págs. 258 a 272; e ZARAGOZA, G. *Op. Cit.*, págs. 348 a 354.

<sup>132</sup>- Um acompanhamento cronológico aparece em FRYDENBERG, Julio e RUFFO, Miguel "La Semana Roja de 1909. Vol. 1" Buenos Aires, CEAL, 1992, págs. 48 a 55.

desproporcionada de Falcón, que mandou atirar contra um grande comício da *Federación Obrera Local Bonaerense* (FOLB), onde estavam concentrados 30 mil simpatizantes. O resultado foi mais de 40 feridos e 7 mortos. Os socialistas decidiram suspender o seu comício e propor à greve geral por tempo indeterminado, pedindo a destituição de Falcón, a liberação dos presos e a reabertura dos locais sindicais. A FORA e a CORA, compartilharam a decisão e partiram para a greve. Na Segunda feira, dia 3 começaram os conflitos na tentativa de sepultar os manifestantes mortos. Os confrontos continuaram num comício em *Constitución* e em *Barracas*. O resultado foi de 6 mortos e vários feridos. Nos dias seguintes continuaram os confrontos e atentados a bomba de anarquistas e sindicalistas. A *Semana Roja* acabou com pelo menos 25 mortos e a aceitação das reivindicações dos trabalhadores, exceto a destituição de Falcón.<sup>133</sup>

Nesse mesmo ano teve lugar uma nova Greve Geral, declarada pelo fuzilamento do criador das escolas racionalistas: Francisco Ferrer. Um ato de solidariedade e de luta pela dignidade foi o motivo de unificação dos trabalhadores. Por 48 horas desde o 14 de Outubro, a CORA e a FORA paralisaram a cidade, mas desta vez sem incidentes.<sup>134</sup>

Poucos meses depois, teve lugar outra contenda de proporções. As petições para a liberação dos presos da *Semana Roja* foram o estopim para a repressão estatal e paraestatal. Em 14 de Novembro de 1909 tinha sido morto o Coronel Falcón – considerado como o carrasco dos trabalhadores – por um anarquista de origem russa: Simón Radowsky. Este foi um alarme para as classes dominantes. O Estado de Sítio, as deportações, as prisões e assaltos a locais operários foram moeda corrente. Por outro lado, o Estado esperava comemorar o aniversário da Revolução de Maio de 1810 sem conflitos. Uma vez que o Estado de Sítio foi suspenso em Janeiro, iniciou-se uma ativa campanha para a libertação dos presos. O Primeiro de Maio transcorreu com as

<sup>133</sup>- Vide BILSKY, E. *La F.O.R.A.... Op. Cit.*, págs. 150 a 153.

<sup>134</sup>- Vide BILSKY, E. *La F.O.R.A.... Op. Cit.*, pág. 154.

manifestações de costume, com uma ressalva, estava lançada a campanha para uma greve geral a partir de 18 de Maio, por tempo indeterminado.

A paciência estava esgotada. No dia 13 de Maio, grupos de parapoliciais, jovens da aristocracia, ou *patoteros*, e até deputados saíram à caça de vermelhos, catalães e judeus. Destroçaram sedes sindicais e periódicos operários. Mais de 300 pessoas foram presas. No dia 16 a greve geral foi decretada e mantida até o dia 21 de Maio. Como forma de protesto contra a repressão que acompanhou o Centenário, explodiu uma bomba no teatro *Colón* no dia 26 de Junho. Nesse mesmo momento estava sendo discutida uma lei para reprimir os atos de massa e as manifestações anarquistas. No dia 28 de Junho foi aprovada a Lei de Defesa Social, em meio à pressão da opinião pública e dos grupos conservadores. Se as comemorações do Centenário tinham sido prejudicadas, pior estavam os trabalhadores. A FORA perdeu seus principais dirigentes, presos ou deportados, o movimento de solidariedade não conseguiu seus objetivos e, além do mais, foi sancionada a Lei de Defesa Social, que derrubou a obra de anos de organização.<sup>135</sup>

Diante dos avanços pequenos e relativos e das derrotas esmagadoras, resta a pergunta: para quê protestar por questões não relacionadas diretamente ao cotidiano? Por que lutar por coisas que não atingiam diretamente o dia a dia dos trabalhadores, que não melhorariam em nada o modo como viviam? Por que enfrentar o alto custo da repressão?

É evidente que a curto prazo estes movimentos de solidariedade e pela dignidade tinham conseqüências nefastas. Em primeiro lugar, a repressão que podia atingir qualquer um. Segundo, a perda imediata dos principais dirigentes e, como decorrência, a desorganização. Terceiro, a perda de alguns dos direitos adquiridos. A sugestão de greve

---

<sup>135</sup>.- Vide BILSKY, E. *La F.O.R.A....Op. Cit.*, págs. 156 a 159. Sobre a sanção da Lei de Defesa Social MCGEE DEUTSCH, S. *Counterrevolution... Op. Cit.*, págs. 77 a 82; e ZIMMERMAN, Eduardo "Los liberales reformistas. La cuestión social en la Argentina" Buenos Aires, Sudamericana-Univ. San Andrés, 1995, pág. 160 e 161. Este último autor entende que esta lei foi decisiva para o futuro de anarquismo na Argentina.

geral tinha funcionado como forma de pressão, até o biênio altamente conflitivo de 1909-1910.<sup>136</sup> O Estado e certos setores das classes dominantes estavam determinados a pacificar as relações laborais e sociais a qualquer custo, principalmente ante a iminência das comemorações do Centenário e da consolidação de um grupo social como cabeça da Nação. A radicalização dos grupos conservadores foi mal avaliada pelos trabalhadores. A sugestão não funcionou, os acontecimentos empurraram para medidas extremas e, com isto, perderam o apoio dos setores moderados da sociedade.<sup>137</sup>

Esta radicalização também foi contraproducente para os conservadores. Dois anos depois do ciclo repressivo, em 1912, foi aprovada a lei *Saenz Peña*, a do voto universal, obrigatório e secreto. A consequência da utilização da violência indiscriminada pelos conservadores acabou sendo a transformação das formas de participação política da Argentina, beneficiando os grupos reformistas que aceitavam a participação política como forma de transformação da sociedade. Poderíamos dizer que os socialistas e a UCR foram os principais vencedores da radicalização operária do biênio 1909-1910.

Os grandes protestos e a luta de rua evidenciaram a perda de legitimidade do “Regime”, como era chamado pelos radicais. O apelo para a violência, a repressão, a sanção da Lei de Defesa Social em 1910, os Estados de Sítio, entre outras medidas, desacreditaram os governos da república conservadora, e socavaram as bases de legitimação da democracia restrita, abrindo caminho à democracia liberal, e à UCR como partido político e à presidência da Nação em 1916.

A última grande manifestação de solidariedade dos trabalhadores, durante o nosso período, é a que consideramos o ponto final do período: *La Semana Trágica* de

---

<sup>136</sup>.- Este era um dos principais motivos dos motins de subsistência na Inglaterra do Século XVIII *Vide* THOMPSON, E. P. *‘La economía “moral” de la multitud en la Inglaterra del Siglo XVIII’* IN: *“Tradición, revuelta y consciencia de clase”* Barcelona, Crítica, 1979, págs. 113 e 114.

<sup>137</sup>.- *Vide* THOMPSON, E. P. *‘Economía moral revisitada’* IN: *“Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional”* São Paulo, Cia. das Letras, 1998 (1ª ed. em inglês: 1991), pág. 206.

1919. Junto com o boicote à *Gath & Chaves*, pode ser considerada o ponto final de uma era. As tendências políticas no interior do movimento operário, daqui por diante, sofreram mudanças irreversíveis. *La Semana Trágica* evidenciou os limites da greve geral, como caminho para a revolução, principalmente se lida à luz da revolução russa. Mas também, que é o que nos interessa, é o ponto mais alto de identificação e reconhecimento de pertencer a um grupo social. Poderíamos dizer que é o ápice da consciência da classe trabalhadora portenha. As tentativas por manter acesa a chama da consciência “desta” classe continuaram durante um tempo, principalmente fora da cidade de Buenos Aires. A *Semana Trágica* tem sido vista tanto como o final, como integrando um período histórico.<sup>138</sup>

Não apresentaremos aqui uma análise acabada ou detalhada deste movimento. Talvez, junto ao Centenário, seja um dos sucessos mais estudados do nosso período. Os historiadores têm se remetido à *Semana Trágica* à procura de interpretações da Argentina posterior, ou como um campo de confronto entre tendências ideológicas. Para nós a *Semana Trágica* é o ponto final da formação de uma classe trabalhadora que, se for possível estabelecer uma média estatística, estaria caracterizada da seguinte forma: trabalhadores de oficinas antes que de grandes estabelecimentos fabris; com ocupações transitórias antes que permanentes, ou seja, com alta rotatividade nos postos de trabalho; sindicalizada por ofícios e não por indústria; que moravam com suas famílias nos *conventillos* da zona centro-sul da cidade; que compravam nos *almacenes* e dos vendedores ambulantes que circulavam nos cortiços; que mantinham alguns dos costumes dos seus países de origem, principalmente culinários, dado que a maioria era de imigrantes ou filhos de imigrantes; e cujos consumos estavam sendo unificados pelo crescimento da produção de manufaturas locais.

---

<sup>138</sup>.- Andreas Doeswijk apresentou a *Semana Trágica* como parte do triênio vermelho de 1919-1921. Interpretação correta, se considerado no contexto nacional e como um momento de radicalização operária em prol da recuperação do nível de vida e do processo de trabalho. Cf. DOESWIJK, A. *Op. Cit.*

O reconhecimento de pertencer à classe via-se reforçado pela atitude das classes médias e altas da sociedade argentina. Todo trabalhador era considerado um imigrante ou um estrangeiro; uma ameaça potencial à sociedade argentina, pois com certeza devia ter idéias socialistas ou anarquistas; um inferior, que tinha que ser grato pelas oportunidades dadas na Argentina; pessoas que gostavam de viver na sujeira, amontoadas nos cortiços, bebendo muito, comendo e vestindo mal, para poupar até com as suas próprias necessidades básicas e com as das suas famílias. O reconhecimento de pertencer a um dos grupos sociais em pugna não implica aceitar que estes dois grupos podiam entrar num “combate”.<sup>139</sup> Isto implicaria reconhecer que os dois bandos tinham a mesma legitimidade e possibilidade de ação, além de estarem capacitados para confrontar-se com uma logística similar, o que não aconteceu. As forças eram dissímeis e de um lado, o Estado – polícia e exército – e os paraestatais estavam prestes para o confronto, enquanto, de outro, uma pequena parte dos trabalhadores estava capacitada e determinada a entrar em choque. Que poderia ter feito o interventor militar, General Dellepiane, contra 300 mil homens armados e decididos a lutar?

Como explicar as explosões solidárias, senão mediante a consciência de pertencer a um mesmo grupo social que as vítimas iniciais de cada um dos confrontos. A Semana Trágica é a última manifestação deste tipo: espontânea, explosiva e capaz de superar as forças de organização dos sindicatos e partidos. As greves gerais deste tipo permitiram unificar nas ruas, as experiências do fragmentado mercado de trabalho, o que não podia ser feito no próprio local de trabalho, em razão da alta rotatividade mencionada. Expressava essa consciência de classe estabelecida no cotidiano, na vivência de condições de vida determinadas; de um modo de vida, antes que de variáveis objetivas. Em cada grande protesto, os dirigentes apelariam para os problemas da moradia, da alimentação, da saúde, etc.

---

<sup>139</sup>.- Como fez ROMERO, Luis Alberto ‘Huellas de Semana Trágica’ IN: “**Diario Clarín**” 7/1/1999.

A *Semana Trágica* tem sido amplamente estudada, porém os fatos merecem ser apresentados para complementar nosso estudo. Faremos uma rápida recapitulação dos acontecimentos da *Semana Trágica*, entre 7 e 17 de Janeiro de 1919.<sup>140</sup> A Metalúrgica Vasena estava em conflito com seu pessoal desde o dia 2 de Dezembro de 1918. Este havia sido um ano especialmente convulsionado por conflitos operários, depois de mais de 4 anos de perdas continuadas e do desemprego ocasionado pela Grande Guerra. Esta greve tinha reivindicações muito similares a outros conflitos desse ano: melhora salarial, jornada de 8 horas, fim do trabalho por peça e readmissão dos trabalhadores demitidos por causas sindicais. Em 6 de Janeiro, a greve permanecia em pé, depois de 36 dias. Nesse mesmo dia os capatazes entraram para o movimento. A casa Vasena era conhecida por maltratar os trabalhadores e pelas más condições de trabalho. O confronto era liderado pelo Sindicato Metalúrgicos Unidos, filiado à FORA V<sup>a</sup>. Os fura-greves andavam armados e muitas vezes o exército fazia a segurança, o que seria explicado pelo fato de que o advogado da Casa Vasena era Leopoldo Melo, senador radical, ainda que anti-yrigoyenista.

No dia 7, os trabalhadores tentaram deter um comboio de carroças com materiais para a fábrica. Nesse dia, de 35 graus de temperatura, começou um tiroteio às 15:30. 110 policias atiraram com fuzis contra a população. Os trabalhadores reagiram. A polícia teve 3 feridos, a população de *Nueva Pompeya* e os grevistas tiveram 40 feridos e 4 mortos.

O dia 8 foi de calma; os periódicos noticiaram os sucessos. Os trabalhadores esperavam participar do enterro das vítimas. A FORA IX<sup>a</sup> e o PSA apresentaram notas de protesto pelo acontecido no dia 7. Unicamente a FORA V<sup>a</sup> decretou a greve geral em solidariedade aos trabalhadores de Vasena. Espontaneamente, os trabalhadores

---

<sup>140</sup>.- A cronologia dos fatos está em BILSKY, Edgardo "La Semana Trágica" Buenos Aires, CEAL, 1984; GODIO, Julio "La Semana Trágica de enero de 1919" Buenos Aires, Hyspamérica, 1985 (1<sup>a</sup> ed. 1972); ROCK, David "Lucha civil en la Argentina. La Semana Trágica de enero de 1919" IN: "Desarrollo Económico. N° 42-44" Julio de 1971 - Marzo de 1972. E ainda "La Vanguardia" entre do 8 ao 17/1/1919.

foram à greve no dia 9. Os únicos jornais que circularam nesse dia foram *La Protesta* e *La Vanguardia*. O cortejo fúnebre foi marcado por violentos confrontos com a Polícia, com 20 trabalhadores mortos. Houve um outro confronto na Casa Vasena, dos trabalhadores e vizinhos contra a polícia. No dia 10, a UCR organizou um comício incentivando a perseguição de bolcheviques e maximalistas. Criaram a *Guardia Cívica* e iniciaram a “caça ao russo”. Dessa noite datam os supostos ataques à Central de Polícia, produto do pânico policial, antes que de um ataque premeditado. Houve, sim, ataques a algumas delegacias na tentativa de libertar os presos.



Fig. 8: Um bonde queimado é utilizado como barricada pelos grevistas durante a *Semana Trágica*. A fumaça ainda está saindo do carro incendiado. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

No dia 12, as forças “patrióticas” saíram à caça de catalães e judeus, supostos organizadores da “revolução”. No dia 13, o conflito tinha se espalhado pelo interior do país: *Mar del Plata, Córdoba, Tucumán, Salta, Paraná, Santa Fe, Rosario* e ainda em pequenas localidades, como *Añatuya, Cruz del Eje, Cañada de Gómez*, etc. Nesse mesmo dia cresceram os ataques contra anarquistas e suspeitos, que continuaram no dia seguinte. No dia 14, foram presos todos os membros da redação de *La Protesta*, para acabar com um dos focos da agitação e ainda para dificultar as negociações do General Dellepiane,



chefe militar de Buenos Aires, que tentava pacificar sem violência. Dellepiane deu garantias aos trabalhadores de que não seriam incomodados, desde que voltassem ao trabalho, já no dia 13. Mas a polícia não acatava as ordens do comandante militar.<sup>141</sup>

A esta altura, as desordens passaram a ser discutidas na Câmara, que acabou declarando o Estado de Sítio. Os Socialistas lutavam para que isto não acontecesse e para que o governo fosse condenado pelos abusos policiais. No dia 15, os socialistas e a FORA IX<sup>a</sup> fazem esforços para recompor a delicada situação, resultado dos confrontos e perseguições. No dia 16, as duas FORA e o PSA decidiram suspender a greve. Na quinta, 17, os primeiros trabalhadores iniciavam a volta aos postos de trabalho.

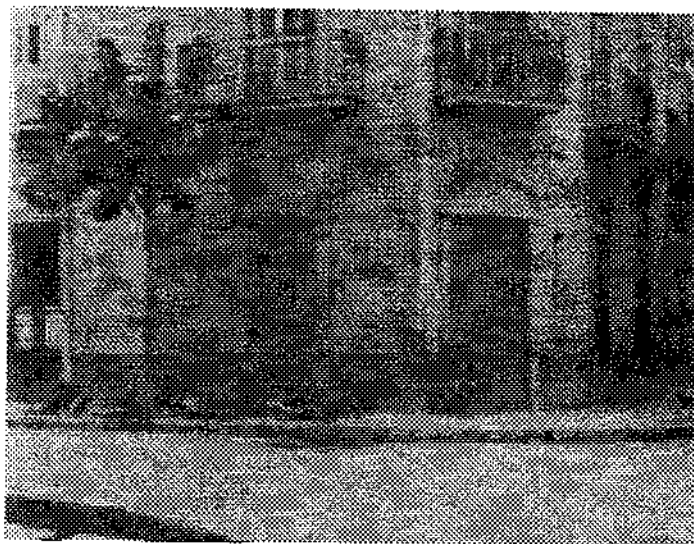


Fig. 9: Durante a *Semana Trágica*, a polícia aparece tomando posições para entrar em confronto com os trabalhadores. Fonte: *Buenos Aires ayer*.

Que pediam os manifestantes? Uma série de pedidos foi elaborada às pressas. Liberdade dos presos pelos conflitos; liberdade de Simón Radowitzky; retirada das forças armadas da cidade de Buenos Aires; liberdade de reunião; fim das represálias policiais; e a promessa de que não haveria perseguições legais contra os manifestantes. E que conseguiram? Pouco: as garantias individuais não seriam respeitadas, os jornais

<sup>141</sup>- O balanço da ação do General Dellepiane em BABINI, Nicolás "Enero de 1919. Los hechos y los hombres de la 'Semana Trágica'" Buenos Aires, SEPA, 1956. Dellepiane é apresentado por este autor como um Cincinato *porteño*.

anarquistas foram banidos; os grupos parapoliciais continuaram armados; o exército retornou aos quartéis por vontade própria, quando tinha consenso para tomar o poder; e ainda foi constituída a *Liga Patriótica*, no dia 20 de Janeiro, a mais forte organização que as direitas tinham criado.<sup>142</sup> Os trabalhadores foram derrotados, mas desta vez Irigoyen também saiu derrotado.

Pior foi a situação dos judeus, que foram perseguidos como maximalistas e bolcheviques. As perseguições acentuaram-se com a radicalização das guardas civis. Falavam de uma conspiração anarco-judeu-bolchevique para derrocar a sociedade argentina. Como a principal liderança deste movimento, foi indiciado o trabalhador russo, filiado ao socialismo, Pedro Wald, que foi encarcerado junto com a sua namorada.<sup>143</sup> Este era o nível de histeria da sensata e pacata alta sociedade argentina. Estes eram os grupos que pretendiam favorecer os trabalhadores com melhores empregos e melhores salários que os da Europa. A revolta era confundida com revolução, o descontentamento com planos maximalistas.

Se as demandas apresentadas eram por um pouco mais de liberdade, ou por manter as liberdades existentes, será possível pensar que essas reivindicações tinham a ver com motins da fome, com movimentos conscientes por reivindicações objetivas, como os salários ou as condições de trabalho? Esse levante espontâneo, produto da indignação contra os abusos sofridos no cotidiano, tinha como objetivo desafiar as normas existentes, apresentar as demandas pela ampliação da distribuição das riquezas que se acumulavam (ou, ao menos, pensavam que se acumulavam), num setor da sociedade; em síntese, pretendia ampliar os direitos sociais.

---

<sup>142</sup>- Sobre as ações dos Guardas Brancos, Guardas Civis e outros grupos *vide* MCGEE DEUTSCH, S. *Op. Cit.*, Cap. III; e MCGEE DEUTSCH, Sandra "Las Derechas. The extreme right in Argentina, Brazil, and Chile. 1890-1939" Stanford, Stanford Univ. Press, 1999, págs. 82 e 83.

<sup>143</sup>- O caso Pedro Wald foi noticiado em "*La Vanguardia*" os dias 16/I/1919 e 17/I/1919. Para esta e outras ações anti-semitas *vide* MCGEE DEUTSCH, S. *Counterrevolution...* *Op. Cit.*, págs. 77 a 82; LEWIN, Boleslao "Cómo fue la inmigración judía a la Argentina" Buenos Aires, Plus Ultra, 1983, págs. 173 a 206; e SCHILLER, Herman "El primer "progrom"" IN: "*Página/12*" 8/I/1999, pág. 16.

A *Semana Trágica* é vista como um fato excepcional, sempre que tirada de contexto. Dentro da lógica do uso da revolta como forma de luta pela ampliação da cidadania social e do melhoramento das condições econômicas, a *Semana Trágica* não é excepcional. O combustível acumulado durante os anos da Grande Guerra, postos a ferver nas lutas de 1918, explodiram em Janeiro de 1919 e continuaram até o boicote de *Gath e Chaves*. É, sim, o momento mais luminoso, talvez por ser a última expressão de uma classe que começaria a se transformar na próspera década de 1920, com a expansão das forças produtivas.

A luta pela dignidade emergiu em certas composições e músicas que foram cantadas em Buenos Aires, como forma de intimidar os *patoteros* e de encorajar os revoltados. Uma delas era um tango cantado nos *conventillos*, que mostra as aspirações e a confusão das reivindicações dos lutadores da dignidade:

“**Se viene la maroma**” Tango de Battistela, Romero e Delfino

*Cachorro de bacán  
andá achicando el tren  
los ricos hoy están  
al borde del sartén.  
Y el vento del cobán  
el auto y la mansión  
bien pronto rajarán  
por un escotillón.  
Parece que está lista y ha rumbiao  
la bronca comunista pa' este lao.  
Tendrás que laburar pa' morfar  
lo que te van a gozar*

*pedaço de haragán  
bacán sin profesión  
bien pronto te verán  
chicudo y sin colchón.  
Ya está, llegó, no hay más que hablar.  
Se viene la maroma soviética.  
Los orres ya están hartos de morfar salame y pan.  
Y hoy quieren morfar ostras con sauternes y champán.  
Aquí ni Dios se va a plantar  
el día del reparto a la romana.  
Y hasta tendrás que entregar a tu hermana  
para la comunidad.*

O impacto dos protestos não pode ser esquecido, devido ao apelo implícito à vivência das condições de vida como a experiência central da classe trabalhadora. Este apelo modelou o tipo de manifestação dos trabalhadores desde o início do Século XX. Nos grandes protestos e confrontos – 1902, *Semana Roja*, *Centenário* e *Semana Trágica* –, o padrão da protesto estava relacionado com o apelo à dignidade e à solidariedade. A desigualdade e a exploração emergiam no cotidiano, ao passo que, no heterogêneo mercado de trabalho, o problema da exploração não era tão evidente, devido à alta

rotatividade. Pulando de um local a outro, o trabalhador tentava burlar a exploração, e melhorar a sua sorte. Este tipo de mercado de trabalho tornou muito difícil a organização no lugar de trabalho, mas nos *conventillos*, bairros e *ghettos* proletários a organização era mais simples e segura<sup>144</sup>. A consciência de classe criada no espaço aberto e público dos cortiços explodia pública e violentamente nas ruas, reforçando a identidade e o pertencimento a um determinado grupo social.

---

<sup>144</sup>- A hipótese sobre o mercado de trabalho é de ROMERO, Luis Alberto 'Questione urbane, immigrazione ed identità: I lavoratori a Buenos Aires e Santiago del Chile verso il 1900' IN: BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio e PEPE, Adolfo (a cura) 'La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina (1870-1970)' Milano. Teti, edit., 1994, págs.233 a 235

## Conclusão

Em 1871, um refugiado francês e delegado da Internacional dos Trabalhadores em Buenos Aires enviou uma carta a Marx para explicar as dificuldades na organização dos trabalhadores no *Rio de la Plata*. A ascensão social era possível e concreta; por isso as organizações trabalhistas não prosperavam. As disputas entre Capital e Trabalho eram rapidamente resolvidas e não passavam de negociações que beneficiavam aos artesãos e jornaleiros. O trabalho era abundante e bem remunerado, e qualquer um que tivesse uma vida regrada e frugal podia reunir um Capital e tornar-se proprietário. Mesmo com refugiados socialistas e republicanos chegados da Europa, era impossível transformar esse país de bárbaros e selvagens num país socialista. Alguns socialistas e *communards* que viviam em Buenos Aires puseram fogo na igreja de *El Salvador* em 1875. A conspiração tinha como finalidade chamar os imigrantes e *criollos* pobres à revolta e à luta contra a oligarquia; uma vez triunfantes, repartiriam as fortunas dos ricos. Eles levaram algo dos ricos: algumas cacetadas e advertências da polícia. Queimar uma igreja não era tão mal visto entre a elite anti-clerical, podendo ser perdoado, desde que não se pensasse em repartir a fortuna dos ricos.

A conspiração não podia avançar porque os trabalhadores tinham outras ocupações, pensavam em viver como burgueses. Em 1868, os sapateiros bascos deram um baile que deixou os donos das fortunas portenhas preocupados. Afinal, como podiam usar carruagens para chegar com as damas e vestir tão elegantemente como qualquer pessoa da sociedade? Com que ânimo estes pequenos artesãos e suas mulheres, muitas delas empregadas domésticas, voltariam ao trabalho? Um dos abastados habitantes de Buenos Aires escrevia revoltado para um amigo, contando que ele próprio teve que abrir a porta da rua para a sua doméstica, que tinha participado deste baile de gala.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>- Referencias ao complô comunista e a carta sobre o baile dos sapateiros em HALPERÍN DONGHI, Túlio '¿Para qué la inmigración? Ideología y política inmigratoria en la Argentina (1880-1914)' IN: HALPERÍN

O que podia fazer um socialista ante essa situação? Os trabalhadores pensavam em luxos e festas e não acompanhavam o ideário socialista. Então, o melhor a fazer era optar pela ascensão social, tornando-se um membro da elite. O advogado Raymond Wilmart desistiu da revolução socialista e passou a construir um futuro como burguês. Mais de 20 anos depois, integrou a banca que rejeitou a tese de doutoramento de Alfredo Palacios, intitulada *A miséria na República Argentina*.<sup>2</sup>

Aquela Argentina conhecida por ser um país de fácil e rápida ascensão social, mesmo que no terreno do mítico, estava em vias de extinção. A carta de Wilmart envelheceu rapidamente. Os trabalhadores tiveram que recorrer a outros mecanismos para conquistar um lugar na sociedade.

As mudanças foram rápidas, embora a formação da classe trabalhadora demorasse mais um tempo para estabelecer-se e consolidar-se como tal, para criar uma identidade em torno de certos elementos comuns, estes elementos precisavam ser processados em termos culturais. Para constituir numa nova classe social, e deixar de ser um amontoado de grupos e indivíduos com interesses e necessidades semelhantes. A homogeneização da classe teve lugar no cotidiano, nas condições de vida. A constituição de um modo de vida próprio e diferenciado das outras classes sociais permitiu a identificação dos seus membros.

As condições de vida tornaram-se o elemento central na conformação da classe trabalhadora de Buenos Aires. A debilidade de outros fatores de agregação, como a experiência do local de trabalho e do mercado de trabalho, levaram à vivência de um determinado tipo de moradia, da segregação espacial em marcha ao longo do período, e

---

DONGHI, T. "El espejo de la Historia. Problemas argentinos y Perspectivas latinoamericanas" Buenos Aires, Sudamericana, 1987 (1ª ed. do artigo: 1976), págs. 211 e 212.

<sup>2</sup>- A carta de Wilmart está no International Instituut Voor Sociale Geschiedenis (IISG), Amsterdam, *INVENTAR DES MARX-ENGELS NACHLASSEN. BRIEFE AN MARX*, D. 4604. A referência à participação de Wilmart na banca de Palacios em RATZER, José "Los Marxistas Argentinos del 90" Córdoba, Pasado y Presente, 1969, pág. 180.

da constituição de uma cozinha particular, que foram os fatores que atuaram como catalisadores dessa experiência em suspensão.

Um tipo comum de experiências, produzidas pela condições da alimentação e da habitação típicas de Buenos Aires, unidas a um mercado de trabalho peculiar, instável e flexível, cristalizariam na classe trabalhadora Argentina. A experiência da exploração dentro e fora das fábricas e oficinas foram centrais nesta conformação social gerando peculiaridades que são difíceis de reconhecer, mesmo pelos historiadores do social.

Na vida cotidiana, percebe-se claramente que o homem não é o criador da sua própria vida, estando mais próximo de ser um produto delas. A vida cotidiana não é uma elaboração consciente do indivíduo, cria-se a partir das condições de vida; são estas que conformam os modos de vida dos grupos sociais. A vida diária resulta da acumulação das experiências espontâneas, produto do que os indivíduos vivenciavam no dia-a-dia. A relação entre condições de vida e cotidiano é imediata: as variáveis estudadas mostram as reações coletivas ante as modificações nas variáveis macroeconômicas.

As condições de vida têm um forte impacto sobre a vida cotidiana dos trabalhadores. Como afirma Richard Hoggart “... a vida das classes proletárias, podemos dizer que é uma ‘vida densa e concreta’, uma vida que atribui especial relevo aos pormenores, ao elemento sensorial e pessoal...”. Assim, se consideramos que a experiência da vida dos trabalhadores é ‘concreta e densa’, pouco dada às especulações que não partissem da observação das vivências do cotidiano, podemos avaliar a importância que as condições de vida tiveram na formação da consciência da classe trabalhadora e nas atitudes dos trabalhadores para com eles próprios e para com as outras classes.<sup>3</sup>

O modo de vida, construído a partir das condições de vida e do mercado de trabalho processados culturalmente, revela um alto grau de autonomia da classe

---

3.- A cita em HOGGART, Richard “As utilizações da cultura. Aspectos da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos” Lisboa, Ed. Presença, 1973 (1ª ed. em inglês: 1951), pág. 126.

trabalhadora. O Estado pouco ou nada fazia por este grupo social e, na maioria dos casos, a sua intervenção provocava graves confrontos. A intervenção estatal nas condições de vida se produzia em momentos específicos, geralmente quando estas eram intoleráveis para o conjunto da população, ou mais especificamente, quando parecia ameaçar a ordem pública. O mesmo acontecia nos conflitos sociais que derivavam destas condições, ou daqueles originados no âmbito do trabalho, espalhando-se ao conjunto da população. As denúncias dos reformistas liberais ou dos organismos estatais, destinados a atender a questão social, ou, praticamente não sensibilizaram as autoridades, a não ser nos últimos anos, com a mudança na natureza do Estado.

Nesta tese, temos analisados dois aspectos concretos das condições de vida: a moradia e a alimentação. Um balanço da situação destas duas variáveis ao longo do período permitem chegar a algumas conclusões de interesse para os historiadores sociais e económicos. As condições de vida ao longo do nosso período melhoraram lentamente entre 1880 e 1900. Embora ainda existissem certas vias de ascensão social, as condições da habitação proletária eram cada vez piores, devido a uma mistura de fatores, principalmente um aumento da exploração, pelo uso intensivo das moradias de aluguel e pela saída forçada de alguns trabalhadores em direção ao subúrbio, em condições piores do que as existentes no centro da cidade, mesmo quando se tratasse de casas próprias. Esta tendência foi sendo revertida vagarosamente nos primeiros quinze anos do século e um pouco mais aceleradamente nos 4 ou 5 anos seguintes. Isto deveu-se mais a questões indiretas, como a expansão do sistema de saneamento urbano em direção aos subúrbios e a rápida ligação entre o centro da cidade e os arrabaldes, por obra dos novos transportes públicos, especialmente o bonde elétrico.

Os trabalhadores viram-se mais beneficiados na alimentação. O processo de industrialização e a expansão da produção primária ampliaram o espectro dos géneros consumidos. Ao mesmo tempo, novas formas de distribuição, como os mercados e feiras municipais, e a expansão das estradas de ferro colocaram ao alcance das famílias



operárias muitos alimentos que, inicialmente, eram parte dos gêneros consumidos pelos setores abastados. Logicamente existiu uma diferenciação nos consumos. As classes possuidoras modificaram e sofisticaram seus consumos originais, deixando de comer à moda do país para preferir a cozinha estrangeira. A classe trabalhadora, pelo contrário, optou por manter os seus consumos primitivos, mantendo, na medida das possibilidades, certas tradições familiares, nacionais ou regionais. A saída em direção aos subúrbios, em unidades habitacionais familiares, facilitou a manutenção de algumas criações e cultivos próprios, a continuidade dos costumes e na difusão de uma geração para outra.

Lembremos que uma maior quantidade de consumos não implicam, necessariamente, uma melhora da alimentação. Neste caso, poderíamos ser mais otimistas, pelo fato da incorporação de carnes nas dietas dos imigrantes e de uma gama maior de produtos entre os *criollos*. Esta é a tendência do período, mas, em determinados momentos, certas crises podiam afetar este sentimento de ganho e de melhora. A inflação dos preços no final do período obrigavam-nos a sermos cautelosos na nota otimista.

Estas afirmações deverão ser corroboradas com algumas pesquisas que já estão em andamento, como na área de bem-estar e desenvolvimento humano ao longo do nosso período, que permitirão avaliar o impacto das condições de vida como um conjunto. Mas também é necessário confrontar esta tese com estudos de mortalidade e natalidade na cidade de Buenos Aires e com o impacto das doenças próprias da pobreza e das condições de trabalho, como a tuberculose, ou das condições sanitárias urbanas, como o cólera e a febre amarela.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>- Está em andamento uma pesquisa de longo prazo sobre o bem-estar humano; porém, até o momento de redação desta tese os resultados não estavam disponíveis. Um avanço parcial desta pesquisa foi apresentado por seu autor na *London School of Economics* em Fevereiro de 2000, *Vide* SALVATORE, Ricardo "The regional dimension of economic development and human welfare: Argentina in the 1920s" Paper inédito, Instituto Di Tella.

O ciclo das repressões, intensificado a partir de 1909, dificultou as tentativas de unidade nas lutas. Nos anos anteriores à Grande Guerra, e durante a mesma, o movimento operário teve que defrontar-se com suas limitações organizacionais, aguçadas pelos momentos de crise. Isto gerou desconfianças entre os grupos, somados à radicalização de uns e ao fortalecimento da tendência reformista dos outros. O impacto das políticas repressivas e sociais do Estado enriqueceriam este tipo de estudos. No momento, estão sendo desenvolvidos alguns estudos sobre as políticas estatais, apresentados como estudos da *questão social*, o que pode restringir estas pesquisas a uma visão de cima para baixo da classe trabalhadora.

O estudo das condições de vida, além do mais, têm uma característica muito interessante, pois não oferecem uma resposta única e definitiva, sendo um tema complexo. Por outro lado, ele apresenta conotações políticas, porque implica um juízo do Capitalismo e das conseqüências sociais da economia de livre mercado. Esta questão perdeu importância, uma vez que o Capitalismo tem-se consolidado como um horizonte permanente e imutável. O estudo das condições de vida desafia o 'presentismo' e a negação da alteridade. O retrocesso atual da subjetividade, acuada pelo pensamento único e pelo mais rude determinismo econômico, não pode levar ao desconhecimento das grandes lutas coletivas ou das pequenas resistências diárias, no nível doméstico. Este foi o objetivo da nossa tese: identificar as lutas e caminhos alternativos estabelecidos no passado, ante uma realidade que parecia incapaz de ser alterada. Muitos dos caminhos alternativos não deram em nada. Mas a derrota ou o fracasso não podem ser tomados como parâmetros adequados para medir essas escolhas. A avaliação deve partir de outras perspectivas, como a capacidade de desvendar os limites e alternativas ao Capitalismo, ou de evidenciar a possibilidade de construir uma outra sociedade.

Se alguns historiadores podem falar de uma sociedade conformista na década de 1920, não é possível dizer o mesmo dos anos anteriores.<sup>5</sup> É provável que o conformismo resulte de a classe ter se tornado protagonista durante o período anterior, além das transformações econômico-sociais do período. Não podemos esquecer que as mudanças tinham um ponto de partida: a classe trabalhadora, formada nos anos anteriores. Eram esses mesmos homens e mulheres que, nos anos anteriores, tinham-se defrontado nas ruas e nos lares contra a prepotência do Capital, que tinham se reconhecido e reconhecido o adversário, que adotavam táticas diferentes e que tentavam tirar vantagens coletivas da nova situação, num novo contexto.

Definitivamente a classe trabalhadora é formada historicamente e como tal mudou e reconfirmou-se segundo as situações que devia enfrentar. A classe lutava pelos seus direitos sociais e estava menos interessada nos direitos políticos, ainda quando alguns partidos políticos reclamavam a extensão dos direitos políticos aos imigrantes ou, pelo contrário, a reivindicação dos direitos políticos nacionalizando-se argentinos. A forma de reivindicação dos direitos iam desde a negociação *vis-à-vis* até a revolta.

As revoltas, no entanto, diferem substancialmente de outras situações de conflito na transição entre uma economia rural e outra urbana, ou de uma economia de antigo regime para outra capitalista, ou mesmo em economias tradicionais. Nesses casos, o apelo a direitos preexistentes implica reconstituir uma ordem que foi alterada, seja por processos conjunturais ou de longo prazo; mas é também um chamado aos detentores do poder para que intervenham e atuem. No caso de Buenos Aires, não há tradições prévias de liberdade ou de obrigação do poder estatal que o levasse a atuar na defesa dos produtores urbanos. Esta era uma tradição inexistente. Pelo contrário,

---

5.- O conformismo da década de vinte é apresentado por ROMERO, Luis Alberto 'Questione urbane, immigrazione ed identità: I lavoratori a Buenos Aires e Santiago del Cile verso il 1900' IN: BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio e PEPE, Adolfo (a cura) "La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina (1870-1970)" Milano, Teti edit., 1994, págs.234 a 235.

existiam uma série de mecanismos coercitivos para garantir a força de trabalho no âmbito urbano ou rural.<sup>6</sup> Ante esta situação, e sem direitos políticos, a opção pela luta direta e a revolta, fosse com a liderança dos anarquistas ou dos sindicalistas revolucionários, verificou-se como a opção mais adequada para estabelecer negociações com os Capitalistas, às vezes intermediada por alguma das instâncias do Estado. A revolta não estava caracterizada pela manutenção de uma economia moral, mas pela luta pelos direitos sociais.

O País da Cocanha, o lugar onde tudo era de graça, onde não era preciso trabalhar e onde a vida era boa e tranqüila, não era a Argentina. Nem mesmo era o país que os historiadores otimistas tem achado. As condições de vida não eram boas e as melhoras foram conseguidas como consequência da luta. Como afirmava um visitante italiano, os imigrantes esperavam achar em Buenos Aires uma vida farta e feliz, mas tiveram que passar por muito trabalho e sacrifícios para construir uma vida digna.<sup>7</sup>

As experiências acumuladas socialmente ao longo do período por homens, mulheres e crianças, que viveram e trabalharam em Buenos Aires, resultaram num grupo particular a classe trabalhadora portenha. Esta classe não tinha vida própria. Tinha vida através dos seus membros e, portanto tinha a flexibilidade e predisposição à mudança dos seus integrantes. Não foi estática, nem conseguimos achá-la pronta em momento algum. A prédica dos diversos grupos que conformaram a classe deixaram certamente sua marca. A presença dos militantes foi central para a interpretação da realidade e o estabelecimento de formas de expressão. O sindicato com certeza não foi tão importante quanto as pessoas que o integravam. De fato, são pouquíssimos os sindicatos fundados nessa época que sobrevivem ainda hoje. Certamente as instituições

---

6.- Sobre os mecanismos de coerção urbanos e rurais *Vide* DOESWIJK, Andreas Leonardus "Linyeras, braceros y bohemios de la llanura pampeana (1917-1930)" Inédita, apresentada nas *Jornadas Interescuelas de Historia*, Montevideu, Setembro de 1995; e SECRETO, María Verónica "Fronteiras em Movimento: O Oeste Paulista e o Sudeste Bonaerense na segunda metade do século XIX" Tese Doutorado, IE/Unicamp, 2001.

7.- SCARDIN, Francesco "Vita Italiana nell'Argentina. Impressione e note" Buenos Aires, Companhia Sud-Americana de Billetes de Banco, 1899. pág. 19.

informais existentes, como os bares, as mercearias, o pátio do *conventillo*, os prostíbulos, os salões de danças e as quadras de futebol foram importantes na formação da classe trabalhadora. Todas essas expressões, conflitantes ou controversas, contribuíram para dar sentido às vidas desses homens e mulheres. O seu modo de vida foi parcialmente resgatado nesta tese '*dos imensos ares de comiseração da posteridade*'. Outras questões esperam novos estudos.

O nosso enfoque, restrito aos modos de vida e ao impacto que tiveram os ciclos e conjunturas econômicas sobre as condições de vida, limitou o estudo de determinados aspectos, como as manifestações artísticas e culturais, a construção de espaços formais e informais de sociabilidade e as ações e idéias políticas dos trabalhadores e das organizações que pretendiam representá-los

Chegamos até aqui na formação da classe trabalhadora que primou nas primeiras décadas do século, como aquele grupo de pessoas que cantava a *Internacional* e *Hijos del Pueblo*, sem distinções de origem política; que levantava *La Vanguardia* ou *La Protesta*, em cada comício ou reunião para melhorar suas vidas; a que recebia no cais do porto os seus paladinos, como Jean Jaurés, Pietro Gori, Enrico Ferri ou Anatole France; que era capaz de enfrentar a polícia e o Estado, parando a cidade em protesto contra um crime (mesmo que tivesse lugar num outro país, como quando foi fuzilado Francisco Ferrer); a que assistia aos sainetes de Vacarezza e às peças de González Pacheco ou de Florencio Sánchez, retratando seu modo de vida; que no tango uniu as melodias locais e européias, juntando à saudade do imigrante à nostalgia do *criollo* pelos tempos em que vagavam livres pelos pampas. A estudar essa classe temos dedicado esta tese.

## *Referencias Bibliográficas*

### *I. Fontes Primárias*

#### 1.- *Periódicos Operários e Étnicos*

- **Bandera Roja. Diario de la Mañana**
- **El Despertar Gallego**
- **El Despertar Hispano**
- **El Obrero**
- **El Obrero Panadero. Periódico Defensor de los Trabajadores**
- **El Perseguido**
- **El Progreso de La Boca**
- **El Rebelde**
- **En Marcha (La Plata)**
- **Fulgor. Periódico Anarquista**
- **L'Avvenire. Periodico Comunista-Anarchico**
- **La Acción Obrera. Periódico Sindicalista Revolucionario**
- **La Acción Socialista. Periódico Sindicalista Revolucionario**
- **La Confederación. Organo Oficial de la Confederación Obrera Regional Argentina (CORA)**
- **La Nuova Civiltà. Periodico Comunista Anarchico**
- **La Obra**
- **La Protesta**
- **La Protesta Humana. Periódico Anarquista**
- **La Vanguardia**
- **Mar y Tierra (Bahía Blanca)**
- **Tribuna Proletaria**

---

1.- No caso de não citar o lugar da edição se entende que é Buenos Aires.

2.- Periódicos da grande imprensa

- Caras y Caretas
- Diario del Pueblo
- El Hogar
- La Nación
- La Prensa
- La Razón
- The Review of the River Plate

3.- Periódicos Oficiais. Empresariais e Acadêmicos

- Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires
- Boletín de la Unión Industrial Argentina
- Boletín del Departamento Nacional del Trabajo
- Boletín del Ministerio de Agricultura
- Boletín del Museo Social Argentino
- Crónica del Departamento Nacional del Trabajo
- La Agricultura
- Revista de Derecho, Historia y Letras
- Revista de Economía Argentina

4.- Documentações oficiais manuscritas e impressos

4.1.- *Argentina*

- ‘Mensaje del Presidente de la República, Julio Argentino Roca, al abrir las sesiones del Congreso Argentino, en Mayo de 1881’ IN: MABRAGAÑA, H. **“Los mensajes. Historia del desenvolvimiento de la nación argentina relatada cronológicamente por sus gobernantes. 1810-1910”**, Buenos Aires, Compañía Argentina de Fósforos, 1911.
- ARGENTINA **“Segundo Censo Nacional de la República Argentina. 1895. Tomo I. Territorio”** Buenos Aires, Taller Tipográfico de la Penitenciaría Nacional, 1898.
- ----- **“Tercer Censo Nacional de la República Argentina. 1914. Volúmen X. Valores Mobiliarios y Estadísticas Diversas”** Buenos Aires, Taller Gráficos de L. J. Rosso, 1917.

- -----, CÁMARA DE DIPUTADOS “**Diario de Sesiones. Año 1915. Tomo III**” Buenos Aires, 1916.
- -----, CÁMARA DE DIPUTADOS “**Diario de Sesiones. Año 1918. Tomo II**” Buenos Aires, 1919.
- -----, CÁMARA DE DIPUTADOS “**Diario de Sesiones. Año 1919. Tomo I**” Buenos Aires, 1920.
- -----, DEPARTAMENTO NACIONAL DE TRABAJO “**La desocupación de los obreros en la República Argentina**” Buenos Aires, Coni Hnos., 1915.
- -----, DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA “**Anuario. 1907. Tomo III**” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1909.
- -----, DIRECCIÓN GENERAL DE INMIGRACIÓN “**Resumen estadístico del Movimiento migratorio en la República Argentina. Años 1857-1924**” Buenos Aires, 1925.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1914-1915)**” Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1915.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1910-1911)**” Buenos Aires, Edit. Juan Alsina, 1911.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1912-1913)**” Buenos Aires, Talleres Gráficos de la Penitenciaría Nacional, 1913.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1913-1914)**” Buenos Aires, Imp. G. Kraft, 1914.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1915-1916). Vol. 2**” Buenos Aires, Talleres Gráficos de L. J. Rosso, 1916.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1916-1917)**” Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodríguez Giles, 1917.
- -----, MINISTERIO DEL INTERIOR “**Memoria del Ministerio del Interior (1918 - 1919)**” Bs.As., Talleres Gráficos Argentinos de L. J. Rosso y Cia., 1919.
- COMITÉ ARGENTINO DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DO RIO DE JANEIRO “**Intercambio commercial da Republica Argentina**” Buenos Aires, Publicações do Comitê Argentino, 1922.
- MUNICIPALIDAD DE BUENOS AIRES “**Anuario estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año I. 1891**” a “**Anuario Estadístico de la Ciudad de Buenos Aires. Año XXV. 1915/1923**” Buenos Aires, 1925.
- ----- “**Boletín Trimestral de Estadística Municipal. 1890**” Buenos Aires, 1890.
- ----- “**Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 1**” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1889.
- ----- “**Censo Municipal de Buenos Aires, 1887, Vol. 2**” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1889.
- ----- “**Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1904**” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1906.
- ----- “**Censo General de la Ciudad de Buenos Aires. 1909. Tomo I**” Buenos Aires, Compañía Sudamericana de Billetes de Banco, 1910.
- MUNICIPALIDAD DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, ARCHIVO HISTÓRICO “**Gobierno - Año 1880 - Caja 28**” Expediente N°4506, 8 de Enero; N°922 de 26 de Febrero.



- ----- “**Obras Públicas – Año 1880 – Caja 6**” Expediente N°694 de 21 de Enero; N°1248 de 8 de Marzo; N°6288 de 3 de Diciembre.
- ----- “**Industria – Año 1880 – Caja 16**” Expediente N°6309, 3 de Enero.
- ----- “**Gobierno – Año 1880 – Caja 31**” Expediente N°1238, 8 de Marzo.
- ----- “**Obras Públicas – Año 1881 – Caja 3**” Expedientes: N°711, 1° de Febrero; N°3600, 1° de Junio; N°4506, 6 de Agosto; N°7440 de 29 de Noviembre.
- ----- “**Economía – Año 1881 – Caja 17**” Expediente N°3124, 18 de Mayo; N°5643 de 3 de Octubre.
- ----- “**Gobierno – Año 1881 – Caja 30**” Expediente N°5202 de 2 de Setiembre; N° 5685 de 5 de Octubre; N° 6157 de 25 de Octubre; N° 6988 de 12 de Noviembre.
- ----- “**Gobierno – Año 1882 – Caja 38**” Expediente N° 1333 3 de Marzo.
- ----- “**Gobierno – Año 1882 – Caja 40**” Expedientes N°2860 de 10 de Febrero; N°4370 de 3 de Marzo; N°5202 de 2 de Setiembre.
- ----- “**Obras Públicas – Año 1883 – Caja 7**” Expedientes s/n, 12 de Abril; 23 de Maio; N°3338, de 3 de Julio; N°3657 de 3 de Agosto.
- ----- “**Obras Públicas – Año 1883 – Caja 7bis**” Expediente N°5054 de 3 de Octubre de 1883.
- ----- “**Obras Públicas – Año 1884 – Caja 13**” Expedientes: N° 360, 3667, 5881, 6863, 7034 e 7177 de 2, 10 e 15 de Diciembre de 1884.

#### 4.2.- *Reino da Espanha*

- REINO DE ESPAÑA, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES “**Correspondencia, embajadas y legaciones. Argentina: 1882-1888**” Expediente 1352 – Sección De Comercio, año 1884 N° 157, N° 208 e anexo N° 208; año 1885, N° 36; año 1886, N° 77.
- -----, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES “**Sección de Comercio, informe de N°208 y Anexo**” Buenos Aires, 15/XI/1884.
- -----, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES “**Sección de Comercio, informe de N°250 y Anexo**” Buenos Aires, 18/X/1886
- -----, MINISTERIO DE ASUNTOS EXTERIORES, ARCHIVO GENERAL “**Sección de Comercio, informe N°24**” Buenos Aires, 1887.

#### 4.3.- *Reino Unido*

- ‘Letter from Mr. Haggard to Marquess of Lansdowne’ IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres – later Argentine Republic. Mr. Haggard, Mr. Harford, Diplomatic. 1905**”
- ‘Letter from Mr. McDonnell to Granville’ IN: UNITED KINGDOM, FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. Buenos Ayres – Later Argentine Republic. Mr. McDonnell, Commercial. 1871**”.
- ‘Letter from Mr. Pauli to Mr. Granville’ IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE “**Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Consul at Buenos Ayres. Pauli. Consular Domestic. 1883**”

- 'Letter from Mr. Sanford to Mr. Petre' IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Mr. Petre. 1882"
- 'Letter from Mr. St. John to Earl Granville' IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE "Political and other Departments before 1906. BUENOS AYRES - Later Argentine Republic. Mr. St. John, Mr. West, Despatches. 1873"
- 'Memorandum S/Nº Harris Gastrell' IN: UNITED KINGDOM - FOREIGN OFFICE "ARGENTINE CONFEDERATION (January to May 1880)"
- UNITED KINGDOM "British Parliamentary Papers. Vol. LXXVI, 1889. Account and papers. Correspondence respect emigration to the Argentine Republic" London, Her Majesty Stationery Office, 1890.
- ----- "British Parliamentary Papers. Vol. LXXXIX, 1914. Diplomatic and Consular Reports. Argentine Republic. Report for the year 1912 and part of the year 1913 on the trade of the Consular District of Buenos Aires" London, HMSO, 1914.
- ----- "British Parliamentary Papers. Vol. XCIV, 1899. Conditions and prospects of British Trade in certain South American countries. 3<sup>rd</sup> Report. The Argentine Republic" London, HMSO, 1899.
- -----, FOREIGN OFFICE "Annual Series Nº1147. Diplomatic and consular papers on trade and finance. Argentine Republic. Report for the year 1892 on the General Condition of the Argentine Republic" London, Her Majesty Stationery Office, 1893.
- -----, FOREIGN OFFICE "Annual series Nº 2219. Diplomatic and Consular reports on trade and finance. Argentine Republic. Report for the year 1898" London, HMSO, 1899.
- -----, FOREIGN OFFICE "Annual series Nº 2615. Diplomatic and Consular reports. Argentine Republic. Report for the year 1900" London, Her Majesty's Stationery Office (HMSO), 1901.
- -----, FOREIGN OFFICE "Annual series Nº 2767. Diplomatic and Consular reports. Argentine Republic. Report for the year 1901" London, HMSO, 1902.
- -----, FOREIGN OFFICE "Annual series Nº 3434. Diplomatic and Consular reports. Argentine Republic. Report for the year 1904 e part of the year 1905" London, HMSO, 1905.
- WORTHINGTON, T. Misión comercial a América del Sur. Tercer informe. La República Argentina (1898) IN: "Desarrollo Económico. Nº76' Enero-Marzo 1980.

#### 4.4.- *Outros*

- 'Carta de Raymond Wilmart a Karl Marx' International Instituut Voor Sociale Geschiedenis (IISG), Amsterdam, **INVENTAR DES MARX-ENGELS NACHLASSEN, BRIEFE AN MARX**, D. 4604.

##### 5. *Crónicas, Livros e Teses do Período*

- **“Album de visitas y costumbres de Buenos Aires”** Buenos Aires, Kraft editor, 1891.
- **“Enrico Ferri e os italianos na Sul América”** Rio de Janeiro, Typ. de Donato Batelli, 1910.
- ALSINA, Juan **“El Obrero en la República Argentina, 2 Vol.”** Buenos Aires, Imprenta Calle de México 1422, 1905.
- ----- **“La inmigración en el Primer Siglo de la Independencia”** Buenos Aires, Felipe Alsina Ed., 1910.
- ANCELL, Carlos Federico **“Abaratar la vivienda”** Buenos Aires, Florido y Tuduri impresores, 1922.
- ARGERICH, Antonio **“¿Inocentes o culpables?”** Madrid, Hyspamérica, 1985 (1ª ed. 1884).
- ARMAIGNAC, H. **“Viaje por las Pampas Argentinas. Cacerías en el Quequén Grande y otras andanzas. 1869-1874”** Buenos Aires, Eudeba, 1974 (1ª ed. em francês: 1882).
- BARRET, Rafael **“El Terror Argentino”** Asunción, Imp. Gabrow & Schauman, 1910.
- ----- **“Obras Completas. Tomo I”** Buenos Aires, Ed. Americalee, 1954 (1ª ed. 1908).
- BARZINI, Luigi **“L’Argentina vista com’è”** Milano, Tip. del Corriere della Sera, 1902.
- BASTERRA, Félix B. **“El crepúsculo de los gauchos. (Estado actual de la República Argentina)”** Paris-Montevideo, Les Temps Nouveaux—Lib. de la Universidad, 1903.
- BATIZ, Adolfo **“Buenos Aires, la ribera y los prostíbulos en 1880 (Libro rojo)”** Buenos Aires, Aga-Taura, s/d (1ª ed. 1908).
- BATTOLLA, Octavio **“La sociedad de antaño”** Buenos Aires, Moloney & de Martino, 1908.
- BIALET MASSE, Juan **“Informe sobre el estado de la Clase Obrera. 2 vol.”** Madrid, Hyspamérica, 1989 (1ª ed: 1904).
- BIOY, Adolfo **“Antes del Novecientos”** Buenos Aires, Compañía Impresora Argentina, 1958.
- BLASCO IBAÑEZ, Vicente **“Argentina y sus grandezas”** Madrid, Edit. Española Americana, 1910.
- BONAPARTE, Luís **“Carestía de la vida. Causas económico-sociales. Medidas que se imponen”** Santa Fe, Éxito, 1913.
- BOSIO, Bartolomé **“Un fenómeno de la economía capitalista ¿Porqué es caro el pan?”** Buenos Aires, Sindicato de Obreros Ebanistas, Similares y Anexos, 1920.

- BOSIO, Guido "**Guida tascabile dell'emigrante italiano nella Republica Argentina**" Torino, Tip. Celanza e Comp., 1885.
- BRANT, Mario "**Viaje a la Argentina**" Buenos Aires, Ed. Botella al mar, 1980 (1ª ed. em português: 1917).
- BRYCE, James "**La América del Sud. Observaciones e impresiones**" New York, The MacMillan Company, 1914.
- BUCICH ESCOBAR, Ismael "**Buenos Aires - Ciudad**" Buenos Aires, Mollo, Tello y Cía., 1921.
- BUNGE, Alejandro "**La desocupación en la Argentina**" Madrid, Sobrinos de la Sucesora de M. Minuesa, 1917.
- ----- "**Los problemas económicos del presente. Vol. I**" Buenos Aires, s/d, 1920.
- BUNGE, Augusto "**Las conquistas de la Higiene Social**" Tall. gráf. de la Penitenciaría Nacional, Buenos Aires, 1910.
- CATTARUZZA, Mario "**Buenos Aires**" Rio de Janeiro, s/e, 1906.
- CAZZANI, Alessandro "**L'Argentina. Qual'é veramente**" Buenos Aires, Tall. Gráficos de Gunche, Wiebeck y Turtl, 1896.
- CHUECO, Manuel "**Los pioneers de la Industria Nacional**" Buenos Aires, Imp. de La Nación, 1886.
- CLARK, Edwin "**A visit to South America**" London, Dean & Son, 1878.
- CLEMENCEAU, Georges "**Notes de voyage dan's l'Amérique du sud. Argentine, Uruguay, Brésil**" Paris, ed. UTZ, 1991 (1ª ed. 1911).
- COLOCCHI, Adriano "**La crisi Argentina e l'emigrazione italiana nel Sud-America**" s/l, s/d.
- COLOMBO, Ezio "**La Reppublica Argentina**" Milano, Ulrico Hoepli Edit., 1905.
- CORDIER, Henri "**Buenos-Aires en 1910**" Paris, Louis de Soye Imprimeur, 1910.
- COUTY, Louis "**O Brasil em 1884. Esboços sociológicos**" Brasília - Rio de Janeiro, Senado Federal - Casa de Rui Barbosa - MEC, 1984 [1ª ed. em francês: 1884].
- DAIREAUX, Emilio "**Vida y costumbres en el Plata. Tomo I: La Sociedad Argentina**" Buenos Aires, Félix Lajouane Edit., 1888.
- ----- "**Vida y Costumbres en el Plata. Tomo II: Industrias y productos**" Buenos Aires, Felix Lajouane Edit., 1888.
- DARWIN, Charles "**Diário das Investigações sobre a História Natural e Geologia dos Países visitados durante a viagem ao redor do mundo pelo Navio de Sua Majestade 'Beagle' sob o comando do Capt. Fitz Roy**" s/l, Nova Edição, s/d (1ª ed. em inglês: 1871).

- DÁVILA, Francisco **"La Babel Argentina"** Buenos Aires, Lib. General Lavalle, 1896.
- DIAS, Arthur **"Do Rio a Buenos Aires. Episódios e impressões d'uma viagem"** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1901.
- ECHEVERRÍA, Esteban 'Apología del matambre' IN: **"Cuadro de costumbres argentinas"** (1ª ed. 1837) (<http://www.clarin.com.ar/pbda/miscelanea/matambre/-marambre.htm>).
- ----- 'El Matadero' IN: **"Obras Completas"** Buenos Aires, Carlos Casavalle Editor, 1870-1874.
- ELLIOT, Lilian E. **"The Argentine of To-day"** London, Hurst and Blackett, 1925.
- ERNESTO TORNQUIST & CÍA **"El desarrollo económico de la Argentina en los últimos cincuenta años"** Buenos Aires, s/d, 1920.
- ESTRADA, Santiago de **"Viajes y otras páginas literarias"** Buenos Aires, Estrada, 1949, (1ª ed. 1900).
- FOERSTER, Robert **"The Italian emigration of Our times"** New York, Arno Press and The New York Times, 1969 (1ª ed. em inglés 1919).
- FRANCO, Pedro **"Casas para trabajadores"** Buenos Aires, Oceana, 1916.
- FUGL, Juan **"Abriendo surcos. Memorias de Juan Fugl"** Buenos Aires, Altamira, 1973 (1ª ed. 1959).
- GACHE, Samuel **"Les logements ouvriers à Buenos-Ayres"** Paris, G. Steinheil Edit., 1900.
- GARCÍA, Pedro A. **"Diario de un viaje a Salinas Grandes en los Campos del Sud de Buenos Aires"** Buenos Aires, EUDEBA, 1974 (1ª ed. 1836).
- GAUDELIER, G. **"La vérité sur l'émigration des travailleurs et des capitaux. Belges dans la République Argentine"** Bruxelles, Messageries de la Presse, Dechenne & Cía, 1889 (2ª ed.).
- GODIO, Guillermo **"Nuevos Horizontes. América, sus primeros factores, la colonización y la emigración"** Buenos Aires, Ramón Espasa, s/d (1ª ed. em italiano: 1893).
- GÓMEZ CARRILLO, E. **"El encanto de Buenos Aires"** Madrid, Perlado, Paéz y Cía, 1914.
- GONZÁLEZ ARRILLI, B. **"Buenos Aires 1900"** Buenos Aires, Ed. Kraft, s/d.
- GONZÁLEZ PACHECO, Raúl 'Hijos del Pueblo' IN: **"Teatro"** Buenos Aires, La Antorcha, 1922.
- GONZÁLEZ, Juan B. **"El encarecimiento de la vida en la República Argentina"** Buenos Aires, Las Ciencias, 1908.

- GORRITI, Juana Manuela **“Cocina Ecléctica”** Buenos Aires, Felix Lajouane Ed., 1890 ([http://www.clarin.com.ar/pbda/miscelanea/cocina\\_eclectica.htm](http://www.clarin.com.ar/pbda/miscelanea/cocina_eclectica.htm))
- GUBERNATIS, Angelo de **“L’Argentina. Ricordi e lettere”** Firenze, Bernardo Seeber, 1898.
- HADFIELD, William **“El Brasil, el Río de la Plata y el Paraguay vistos por un viajero en 1852”** Buenos Aires, Difusa, 1943 (1ª ed. em inglês, 1854).
- HELGUERA, Dimas **“La producción argentina en 1892”** Buenos Aires, Goyoaga y Cia., 1893.
- HERNÁNDEZ HERRERA, Misael **“Inmigración y Colonización. Tesis de doctorado en Derecho. Universidad Nacional de Córdoba”** Córdoba, La Italia, 1903.
- HOLDICH, Thomas Hungerford **“The countries of the King’s award. Argentina & Chile”** London, Hurst & Blackett, 1904.
- HURET, Jules **“De Buenos Aires al Gran Chaco”** Buenos Aires, Hyspamerica, 1986 (1ª ed. em francês e espanhol de 1911).
- ----- **“La Argentina. Del Plata a la Cordillera de los Andes”** Paris, Fasquelle, 1911
- KOEBEL, W.H. **“Modern Argentina. The Eldorado of to-day”** Boston, Dana Estes & Co., 1919.
- KÖNING, Abraham **“A través de la República Argentina. Diario de un viaje”** Santiago de Chile, Imp. Cervantes, 1910.
- LATINO, Anibal (Pseud. José Ceppi) **“Tipos y costumbres Bonaerenses”** Buenos Aires, Hyspamérica, 1984 (1ª ed. 1886).
- LIMA, Oliveira **“En la Argentina. 1918-1919”** Montevideo, Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1920 (1ª ed. em português: 1919).
- LINDSAY-BUCKNALL, Hamilton **“Um jovem irlandês no Brasil em 1874 (Impressões sobre Argentina e sobre o Brasil na década de 1870)”** Rio de Janeiro, Liv. Hachette do Brasil, 1976 [Extraído do livro **“A search for fortune”**, 1ª ed. em inglês: 1878].
- LLOYD, Reginald **“Twentieth Century impressions of Argentina. Its History, people, commerce and resources”** London, Lloyd’s Greater Britain Publishing Co., 1911.
- LOMBROSO FERRERO, Gina **“Nell’America Meridionale (Brasile, Uruguay, Argentina)”** Milano, Fratelli Treves, 1908.
- LÓPEZ, Lúcio V. **“La gran aldea”** Buenos Aires, Ed. Tor, 1943 (1ª ed. 1882).
- LORENZONI, Júlio **“Memórias de um imigrante italiano”** Porto Alegre, Sulina, 1975.

- LUPATI, Cesarina **"Vita Argentina. Argentini e italiani al Plata, osservati da una donna italiana"** Milano, Fratelli Treves editori, 1910.
- MARSAL, Juan **"Hacer la América. Autobiografía de un inmigrante español en la Argentina"** Buenos Aires, Edit. del Instituto Di Tella, 1969.
- MARTIN, Percy **"Trough five Republics (of South America). A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905"** London, W. Heinemann, 1905.
- MENACHO, M. **"Un viaje a la Argentina. El porvenir de los pueblos Iberoamericanos"** Barcelona, Imp. Vda. de J. Cunill, 1911.
- MILLER, Karl **"South America: continents of opportunities"** Detroit, The Evening News Association, 1925.
- MODRICH, Giuseppe **"Repubblica Argentina. Note di viaggio da Buenos Aires alla Terra del Fuoco"** Milano, Lib. Editrice Galli, 1890.
- MORENO, Francisco Pascasio **"Alimento de los niños menesterosos de las escuelas primarias"** Buenos Aires, Imp. Weiss & Preusche, 1914.
- MORENO, Marguerite **"Une Française en Argentine"** Paris, George Crès & Cia., 1914.
- MUSEO SOCIAL ARGENTINO **"Primer Congreso sobre cooperativismo"** Buenos Aires, Oceana, 1920.
- PALACIOS, Alfredo **"La Miseria (en la República Argentina). Tesis de doctoramiento en abogacía rechazada"** Buenos Aires, José Larrañaga y Renovales, 1900.
- PASCARELLA, Luis **"El conventillo (novelas de costumbres bonaerenses)"** Buenos Aires, Tall. Gráf. La Lectura, 1917.
- PATRONI, Adrián **"Los trabajadores en la Argentina"** Buenos Aires, Imp. de Chacabuco 664, 1897.
- POSADAS, Adolfo **"La República Argentina. Impresiones y comentarios"** Madrid, Lib. Gral. de Victoriano Suárez, 1912.
- RAHOLA, Federico **"Sangre Nueva. Impresiones de un viaje a la América del Sud"** Barcelona, Tip. 'La Académica', 1905.
- RAWSON, Guillermo **"Escritos y discursos. Tomo I"** Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1891.
- RESASCO, Francesco **"Alle Rive del Plata. Ricordi di viaggio"** Milano, Fratelli Treves ed., 1890.
- ROUCO BUELA, Juana **"Historia de un ideal vivido por una mujer"** Buenos Aires, Ed. Reconstruir, 1964.

- RUMBOLD, Horace **"The Great Silver River. Notes on a residence in Buenos Aires in 1880-1881"** London, John Murray, 1890 (2ª edição).
- SANTIGOSA, Carlos María **"El Río de la Plata. Montevideo, Buenos Aires (Recuerdos de viaje)"** Sevilla, Heraldito Sevillano, 1906.
- SCARDIN, Francesco **"Vita Italiana nell'Argentina. Impresione e note"** Buenos Aires, Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1899.
- TEX **"Huelgas en la Argentina. Sus causas y medios de combatirlas"** s/l, s/e, 1896.
- TURNER, Thomas **"Argentine and the Argentines. Notes and impressions of a five years' sojourn in the Argentine republic, 1885-1890"** London, Swan Sonnenschein & Co., 1892.
- URIEN, Carlos e COLOMBO, Ezio **"La República Argentina en 1910"** Buenos Aires, Maucci Hnos., 1910.
- WILDE, Eduardo **"Curso de Higiene Pública"** Buenos Aires, 1878.
- WILDE, José Antonio **"Buenos Aires desde setenta años atrás"** Buenos Aires, Biblioteca de La Nación, 1908.
- WILLIAMS, JOHN **"El comercio argentino en un régimen de papel moneda inconvertible. 1880-1900"** Buenos Aires, Mercatali, 1922.
- WINTER, Nevin O. **"Argentine and her people of To-day"** Boston, L. C. Page and Co., 1911.

## ***II. Bibliografía complementaria***

### ***1.- Artigos em Livros e Revistas***

- 'Entrevista a Julio A. Roca, candidato a la Presidencia de la República' IN: FERRARI, Gustavo e GALLO, Ezequiel (Comps.) **"La Argentina del Ochenta al Centenario"** Bs. As., Ed. Sudamericana, 1980.
- ADELMAN, Jeremy 'The political economy of labour in Argentina. 1870-1930' IN: ADELMAN, J. (Ed.) **"Essays in Argentine Labour History. 1870-1930"** London, The Macmillan Press, 1992.
- AGUIRRE, Patricia 'Patrón alimentario, estrategias de consumo e identidad en Argentina' IN: **"Boletín Informativo Techint. N° 522"** Organización Techint, Marzo-Abril 1996.
- ARCHETTI, Eduardo P. 'Hibridización, pertenencia y localidad en la construcción de una cocina nacional' IN: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.) **"La Argentina en el Siglo XX"** Buenos Aires, Ariel-UNQ, 1999.



- ARMUS, Diego e HARDOY, Jorge 'Conventillos, ranchos y casa propia en el mundo urbano del novecientos' IN: ARMUS, Diego "**Mundo Urbano y Cultura Popular. Estudios de Historia Social Argentina**" Buenos Aires, Sudamericana, 1990.
- AYMARD, Maurice e BRESC, Henry 'Norriture et consummation em Sicile entre XIV et XVIII siècle' IN: "**Annales ESC. Anne 30. N°2-3**" Mars-Juin 1975.
- BAILY, Samuel 'Marriage patterns and immigrant assimilation in Buenos Aires, 1882-1923' IN: "**Hispanic American Historical Review. Vol. 60 N°1**" February 1980.
- BENNASSAR, Bartolomé e GOY, Joseph 'Contribution à l'histoire de la consommation alimentaire du XIV au XIX siècle' IN: "**Annales ESC. Anne 30. N°2-3**" Mars-Juin 1975
- BÉRTOLA, Luis 'Fases, tendencias y ciclos en las economías de Argentina, Brasil y Uruguay, 1870-1990' IN: "**Documentos de Trabajo N°23**" Montevideo, Facultad de Ciencias Sociales, Marzo 1996.
- BEVILACQUA, Piero 'Emigrazione transoceanica e mutamenti dell'alimentazione contadina fra otto e novecento' IN: "**Quaderni Storici N°47**" Ancona e Roma, Agosto 1981.
- CACOPARDO, María Cristina e MORENO, José Luis 'El "equipaje" del migrante italiano en la Argentina: un intento de conceptualización en torno al origen regional' IN: "**Estudios Migratorios latinoamericanos. N°20**" Abril 1992.
- CARA-WALKER, Ana 'Cocoliche: The art of assimilation and dissimulation among Italians and Argentines' IN: "**Latin American Research Review. Vol. XXII. N°3**" 1987.
- CHIARAMONTE, José Carlos 'Las ideas económicas' IN: ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA "**Nueva Historia de la Nación Argentina. Tomo V**" Buenos Aires, Planeta, 2000.
- CORTÉS CONDE, Roberto 'Trends of real wages in Argentina (1880-1910)' IN: CENTER OF LATINAMERICAN STUDIES "**Working Papers N° 26**" Cambridge, Univ. of Cambridge, 1976.
- CORTI, Paola 'Emigración y alimentación. Representaciones y autorrepresentaciones en la experiencia de una corriente migratoria regional italiana' IN: "**Estudios Migratorio Latinoamericanos. N°35**" Abril de 1997.
- ----- 'Emigrazione e consuetudini alimentari. L'esperienza di una catena migratoria' IN: "**Storia D'Italia. Annali 13. L'alimentazione**" Torino, Einaudi, 1998.
- ----- 'Il cibo dell'emigrante' IN: "**Il Risorgimento. Anno XLIV. N°2**" 1992.
- CRONIN, James 'Stages, Cycles and Insurgencies: The Economics of Unrest' IN: HOPKINS, T. e WALLERSTEIN, I. (Eds.) "**The political economy of the World System. Vol. III**" California, Sage, 1980.
- DAVIN, Anna 'Loaves and fish: food in poor households in late nineteenth-century London' IN: "**History Workshop Journal N°41**" Spring 1996.

- DEVOTO, Fernando 'La huella del inmigrante' IN: "**Clarín. Suplemento Zona: La alimentación de los argentinos**" Buenos Aires, 2/VII/2000.
- ENGELS, Friedrich 'La subversión de la Ciencia por el señor Eugene Dühring (Anti-Dühring)' IN: ENGELS, F. "**Obra filosófica**" México, Fondo de Cultura Económica, 1986 (1ª ed. em alemão: 1878).
- ----- 'Carta de F. Engels a J. Bloch, 21 e 22/XII/1890' IN: MARX, K. e ENGELS, F. "**Obras escolhidas. Vol. 3**" Rio de Janeiro, Vitória, s/d.
- FACCIOLO, Ana María 'Crecimiento industrial, expansión metropolitana e calidad de vida. El asentamiento obrero en la región metropolitana de Buenos Aires desde principios de siglo' IN: "**Desarrollo Económico N° 80**" Buenos Aires, Enero-Marzo de 1981.
- FALCÓN, Ricardo 'Aspectos de la cultura del trabajo urbano. Buenos Aires y Rosario. 1860-1914' IN: ARMUS, D. (Comp.) "**Mundo urbano y cultura popular. Estudios de Historia Social Argentina**" Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1990.
- FEIJOO, María Del Carmen 'Las trabajadoras porteñas a principios de siglo' IN: ARMUS, D. (Comp.) "**Mundo urbano y cultura popular. Estudios de Historia Social Argentina**" Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1990.
- FERNÁNDEZ, Alejandro 'Inmigración y redes comerciales. Un estudio de caso sobre los catalanes de Buenos Aires a comienzos de siglo' IN: "**Estudios Migratorios Latinoamericanos, N°32**" Abril de 1996.
- FERRERAS, Norberto O. 'Carolina Muzilli ou a costurereinha que não deu o mal passo' IN: "**Cadernos Pagú. N°13**" 1999.
- ----- 'Historia e historiografía de las condiciones de la vida obrera en Buenos Aires y Rio de Janeiro: Un análisis comparativo' IN: "**Pós-História Vol. 5**" UNESP, 1997.
- ----- 'La cuestión de la alimentación obrera en Buenos Aires y Río de Janeiro entre 1930 y 1945' IN: "**Estudos Ibero-Americanos. Vol. XXIV. N°2**" Porto Alegre, PUCRS, dezembro de 1998.
- FINE, Ben e LEOPOLD, Ellen 'Consumerism and the Industrial Revolution' IN: "**Social History Vol. 15 N°2**" May 1990.
- FRANK, Dana "Food wins all struggles": Seattle labor and the politization of Consumption' IN: "**Radical History Review N°51**" Fall 1991.
- FREUNDLICH DE SEEFELD, Ruth 'La integración social de extranjeros en Buenos Aires según sus pautas matrimoniales: ¿Pluralismo cultural o crisol de razas?' IN: "**Estudios Migratorios Latinoamericanos, N°2**" Abril de 1986.
- GELMAN, Jorge 'Producción y explotaciones agrarias bonaerenses entre la colonia y la primera mitad del siglo XIX. Rupturas y continuidades' IN: "**Anuario IEHS N° 12**" Tandil, UNICEN, 1997.
- GIUNTA, Rodolfo 'El imaginario exterior: Buenos Aires en los relatos de los viajeros' IN: VÁZQUEZ-RIAL, Horacio "**Buenos Aires, 1880-1930. La Capital de un imperio imaginario**" Madrid, Alianza Ed., 1996.

- GLICKMAN, Lawrence 'Inventing the "American Standard of Living": Gender, race and working class identity, 1880-1925' IN: "**Labor History. Vol. 34 N° 2-3**" Spring-Summer 1993.
- ----- 'Workers of the world, consume. Ira Steward and the origins of labor consumerism' IN: "**International Labor and working class history. N° 52**" Fall 1997.
- GORDON, David 'Capitalism development and the history of American cities' IN: TABB, William e SAWERS, Larry (eds.) "**Marxism and the metropolis. New perspectives in urban political economy**" New York, Oxford University Press, 1984.
- GORDON, Michael A. 'The Labor Boycott in New York City, 1880-1886' IN: "**Labor History. Vol. 16. N°2**" Spring 1975.
- GORELIK, Adrián 'La búsqueda del Centro. Ideas y dimensiones de espacio público en la gestión urbana y las polémicas sobre la ciudad' IN: "**Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana 'Dr. Emilio Ravignani', 3ª série, N°9**" 1º semestre de 1994.
- GORELIK, Adrián e SILVESTRI, Graciela 'El pasado como futuro. Una utopía reactiva en Buenos Aires' IN: "**Punto de Vista N°42**" Buenos Aires, Abril de 1992.
- GRAVIL, Roger 'El comercio minorista británico en la Argentina, 1900-1940' IN: GIMÉNEZ ZAPIOLA, Marcos (Comp.) "**El regimen oligárquico. Materiales para el estudio de la realidad argentina (hasta 1930)**" Buenos Aires, Amorrortu, 1975.
- GUTIERREZ, Leandro 'Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires: 1880-1914' IN: "**Revista de Indias N°163-4**" Madrid, 1981.
- ----- 'Condiciones materiales de vida de los sectores populares en el Buenos Aires finisecular' IN: "**De Historia e historiadores. Homenaje a José Luis Romero**" México, Siglo XXI, 1982.
- GUTIERREZ, Leandro e SURIANO, Juan 'Workers' Housing and Living Conditions in Buenos Aires, 1880-1930' IN: ADELMAN, Jeremy (Ed.) "**Essays in Argentine Labour History. 1870-1930**" The Macmillan Press, London, 1992.
- GUY, Donna 'Familias de clase baja, mujeres y el Derecho: Argentina, Siglo XIX' IN: BARRANCOS, Dora (Comp.) "**Historia y Género**" Buenos Aires, CEAL, 1993.
- ----- 'Women, peonage and Industrialization: Argentina, 1810-1914' IN: "**Latin American Research Review. Vol. XVI. N° 3**" 1981.
- HALPERÍN DONGHI, Túlio '¿Para qué la inmigración? Ideología y política inmigratoria en la Argentina (1880-1914)' IN: HALPERÍN DONGHI, T. "**El espejo de la Historia. Problemas argentinos y Perspectivas latinoamericanas**" Buenos Aires, Sudamericana, 1987 (1ª ed. do artigo: 1976).
- ----- 'Algunas observaciones sobre Germani, el surgimiento del peronismo y los migrantes internos producción argentina' IN: "**Desarrollo Económico. N°56**" Enero-Marzo de 1976.
- ----- 'La expansión ganadera en la campaña de Buenos Aires' IN: DI TELLA, T. e HALPERIN DONGHI, T. "**Los fragmentos del poder**" Buenos Aires, Editorial Jorge Alvarez, 1969.

- ----- 'Una ciudad entra en el Siglo XX' IN: GUTMAN, M. e REESE, T. "**Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran capital**" Buenos Aires, Eudeba, 1999.
- HOBSBAWM, Eric 'Costume, salários e carga de trabalho na indústria do Século Dezenove' IN: HOBSBAWM, Eric "**Os Trabalhadores. Estudos sobre a História do operariado**" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (1ª ed. em inglês: 1964).
- ----- 'Flutuações econômicas e alguns movimentos sociais desde 1800' IN: "**Os Trabalhadores. Estudos sobre a história do Operariado**" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981 (1ª ed. em inglês: 1964).
- ----- 'Introdução: A invenção das tradições' IN: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.) "**A invenção das tradições**" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984 (1ª ed. em inglês: 1983).
- ----- 'O fazer-se da Classe Operária, 1870-1914' IN: "**Mundos do Trabalho**" Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (1ª ed. em inglês: 1984).
- ----- 'La Conciencia de Clase en la Historia' IN: HOBSBAWM, E. J. "**Marxismo e historia social**" Puebla, Univ. Autónoma de Puebla, 1983 (1ª ed. do artigo, em inglês: 1971).
- JANSSENS, Angélique 'The rise and decline of the male breadwinner family? An overview of the Debate' IN: JANSSENS, Angélique (Ed.) "**International Review of Social History. Vol. 42. Supplement 5: The rise and decline of the Male Breadwinner family?**" 1997.
- KORN, Francis 'La aventura del ascenso' IN: ROMERO, J. L. e ROMERO, L. A. "**Buenos Aires. Historia de cuatro siglos. Vol. II**" Buenos Aires, Abril, 1983.
- KORN, Francis e DE LA TORRE, Lidia 'La vivienda en Buenos Aires' IN: "**Desarrollo Económico N° 98**" Julio-Septiembre de 1985.
- KORZENIEWICZ, Roberto 'The labour movement and the state in Argentina, 1887-1907' IN: "**Bulletin of Latin American Research. Vol. 8 N°1**" 1989.
- ----- 'Labor unrest in Argentina, 1887-1907' IN: "**Latin American Research Review. Vol. XXIV. N°3**" 1989.
- LIERNUR, Francisco 'Buenos Aires: la estrategia de la casa autoconstruida' IN: A.A.VV. "**Sectores Populares y Vida Urbana**" Buenos Aires, CLACSO, 1984.
- LOBATO, Mirta Z. 'Mujeres obreras, protesta y acción gremial en la Argentina: los casos de la industria frigorífica y textil de Berisso' IN: BARRANCOS, Dora (Comp.) "**Historia y Género**" Buenos Aires, CEAL, 1993.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer 'Estado, Movimento Operário e Condições de Vida. Rio de Janeiro, 1930-1970' IN: LOBO, Eulália Maria Lahmeyer (Coord.) "**Rio de Janeiro operário. Natureza do Estado, conjuntura econômica, condições de vida e consciência de classe**" Rio de Janeiro, Access edit., 1992.
- LOPES, José Sérgio Leite 'Anotações em torno do tema "condições de vida" na Literatura sobre a Classe Operária' IN: da SILVA, Luiz Antônio Machado (Org.) "**Condições de vida das camadas populares**" Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1984.

- MALGESINI, Graciela e COCONI, Gabriela 'Trigo versus Erva-Mate: O intercâmbio Argentina-Brasil e a questão regional de Misiones (1920-1945)' IN: "**Estudos Econômicos 16. Vol. 2**" Maio-Agosto 1986.
- MEDICK, Hans 'The proto-industrial family economy' IN: KRIEDTKE, P.; MEDICK, H. e SCLUMBOHM, J. "**Industrialization before industrialization. Rural Industry in the Genesis of Capitalism**" Cambridge, Cambridge University Press, 1981 (1ª ed. em alemão: 1977).
- MERKX, Gilbert 'Recessions and rebellions in Argentina, 1870-1970' IN: "**Hispanic American Research Review, Vol. 53, N° 2**" May 1973.
- MÍGUEZ, Eduardo 'Tensiones de identidad: Reflexiones sobre la experiencia italiana en la Argentina' IN: DEVOTO, F. e MÍGUEZ, E. "**Asociacionismo, trabajo e identidad étnica. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada**" Buenos Aires, CEMLA-CSER-IEHS, 1992.
- MÍGUEZ, Eduardo; ARGENTI, María; BJERG, María; e OTERO, Hernán 'Hasta que la Argentina nos una: reconsiderando las pautas matrimoniales de los inmigrantes, el crisol de razas y el pluralismo cultural' IN: "**Hispanic American Historical Review. Vol. 71 N°4**" November 1991.
- MUNCK, Ronaldo 'Cycles of class struggle and the making of the working class in Argentina, 1890-1920' IN: "**Journal of Latin American Studies Vol. 19. Part 1**" May 1987.
- ORTOLEVA, Peppino 'Tradition and abundance. Reflections on Italian-American foodways' IN: "**Altretalie N° 7**" Torino, Fond. Agnelli, gennaio-giugno 1992.
- OSTUNI, María Rosaria 'Biellesi in America Latina' IN: CASTRONUOVO, Valerio (a cura) "**L' emigrazione biellese nel Novecento. Vol. II**" Milano, Electa, 1988.
- PAGANO, Nora e OPORTO, Mario 'La conducta endogámica de los grupos inmigrantes: Pautas matrimoniales de los italianos en el barrio de La Boca en 1895' IN: DEVOTO, Fernando e ROSOLI, Gianfausto "**L'Italia nella Società Argentina. Contributi sull'emigrazione italiana in Argentina**" Roma, Centro Studi Migrazione, 1988.
- RIGOTTI, Ana María 'La vivienda y lo doméstico. Redefiniendo el habitat obrero a principios de siglo' IN: FEIJOO, María Del Carmen e HERZER, Hilda María (Comps.) "**La mujer y la vida de las ciudades**" Buenos Aires, GEL-IIED América Latina, 1991.
- ROCCHI, Fernando 'Consumir es un placer. La industria y la expansión de la demanda en Buenos Aires a la vuelta del siglo pasado' IN: "**Desarrollo Económico. N° 148**" Buenos Aires, Enero-Marzo de 1998.
- ----- 'Industria y Metrópolis: el sueño de un gran mercado' IN: GUTMAN, M. e REESE, T. "**Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran capital**" Buenos Aires, Eudeba, 1999.
- ----- 'La armonía de los opuestos: Industria, importaciones y la construcción urbana de Buenos Aires en el período de 1880-1920' IN: "**Entrepasados. N° 7**" Fines de 1994.

- ROCK, David 'Lucha civil en la Argentina. La Semana Trágica de enero de 1919' IN: "**Desarrollo Económico. N° 42-44**" Julio de 1971 - Marzo de 1972.
- ROMERO, José Luis 'La ciudad burguesa' IN: ROMERO, J. L. e ROMERO, L. A. (Dir.) "**Buenos Aires. Historia de cuatro siglos Vol. II**" Buenos Aires, Edit Abril, 1983.
- ROMERO, Luis Alberto 'Huellas de Semana Trágica' IN: "**Diario Clarín**" 7/1/1999.
- ----- 'Introducción' IN: GUTIERREZ, Leandro e ROMERO, Luis Alberto "**Sectores populares. Cultura y Política**" Buenos Aires, Sudamericana, 1995.
- ----- 'Los sectores populares urbanos como sujetos históricos' GUTIERREZ, Leandro e ROMERO, Luis Alberto "**Sectores populares. Cultura y Política**" Buenos Aires, Sudamericana, 1995.
- ----- 'Questione urbane, immigrazione ed identità: I lavoratori a Buenos Aires e Santiago del Cile verso il 1900' IN: BLENGINO, Vanni; FRANZINA, Emilio e PEPE, Adolfo (a cura) "**La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina (1870-1970)**" Milano, Teti edit., 1994.
- SABATO, Hilda 'Citizenship, political participation and the formation of the public sphere in Buenos Aires, 1850s-1880s' IN: "**Past and Present N°136**" August 1992.
- SALAS, Horacio 'Buenos Aires 1910: Capital de la euforia' IN: GUTMAN, Margarita e REESE, Thomas "**Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran Capital**" Buenos Aires, Eudeba, 1999.
- SAPELLI, Giulio 'Introduction' IN: HAIMSON, L. e SAPELLI, G. "**Strikes, social conflict and the First World War. An international perspective**" Milano, Fondazione Feltrinelli, 1992.
- SCHILLER, Herman 'El primer "progrom"' IN: "**Página/12**" 8/1/1999.
- SCHMINK, Marianne 'Household economic strategies: Review and research agenda' IN: "**Latin American Research Review. Vol. XIX. N° 3**" 1984.
- SCHNEIDER, Arnd 'Ethnicity, changing paradigms and variations in food consumption among Italians in Buenos Aires' IN: "**Altretalia N° 7**" Torino, Fond. Agnelli, gennaio-giugno 1992.
- SCREPANTI, Ernesto 'Long cycle and recurring proletarian insurgencies' IN: "**Review. Vol. VII. N°3**" Winter 1984.
- SERENI, Emilio 'Note di storia dell'alimentazione nel Mezzogiorno: i napoletani da "mangiafoglia" a "mangiamaccheroni"' IN: *Idem* "**Terra nuova e buoi rossi**" Torino, Einaudi, 1981.
- STEDMAN JONES, Gareth 'Cultura y políticas obreras en Londres, 1870-1900: Notas sobre la reconstrucción de una clase' IN: STEDMAN JONES, G. "**Lenguajes de Clase. Estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa**" Madrid, Siglo XXI, 1989 (1ª ed. em inglês: 1983).

- SURIANO, Juan 'Niños trabajadores. Una aproximación al trabajo infantil en la industria porteña de comienzos del siglo' IN: ARMUS, Diego "**Mundo Urbano y Cultura Popular. Estudios de Historia Social Argentina**" Buenos Aires, Sudamericana, 1990.
- THOMPSON, E. P. 'As peculiaridades dos ingleses' IN: "**As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**" Campinas, Unicamp, s/d (1ra. ed. em inglês: 1978).
- ----- 'Economia moral revisitada' IN: "**Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**" São Paulo, Cia. das Letras, 1998 (1ª ed. em inglês: 1991).
- ----- 'La economía "moral" de la multitud en la Inglaterra del Siglo XVIII' IN: "**Tradición, revuelta y conciencia de clase**" Barcelona, Crítica, 1979.
- ----- 'La Sociedad inglesa del Siglo XVIII. ¿Lucha de clases sin clases?' IN: "**Tradición, revuelta y conciencia de clase**" Barcelona, Crítica, 1979 (1ª ed. do artigo, em inglês: 1978).
- TORRES, Horacio 'Evolución de los procesos de estructuración espacial urbana. El caso de Buenos Aires' IN: "**Desarrollo económico N°58**" Bs.As., Junio-Septiembre de 1975.
- VAN DER LINDEN, Marcel 'Connecting Household History and Labour History' IN: VAN DER LINDEN, Marcel (Ed.) "**International Review of Social History. Vol. 38. Supplement 1: The end of Labour History?**" 1993.
- YUJNOVSKY, Oscar 'Políticas de Vivienda en la ciudad de Buenos Aires, 1880-1914' IN: "**Desarrollo Económico N°54**" Julio-Septiembre de 1974.
- ZIEREN, Gregory 'The labor boycott and class consciousness in Toledo, Ohio' IN: STEPHENSON, C. & ASHER, R. (Edit.) "**Life and Labor: Dimensions of American Working-class History**" Albany, State University of New York Press, 1986.

## 2.- Libros

- ANDREWS, George Reid "**Los afroargentinos de Buenos Aires**" Buenos Aires, Ed. de la Flor, 1989 (1ª ed. em inglês: 1980).
- BABINI, Nicolás "**Enero de 1919. Los hechos y los hombres de la 'Semana Trágica'**" Buenos Aires, SEPA, 1956.
- BAILY, Samuel "**Immigrants in the land of Promise. Italians in Buenos Aires and New York City, 1870-1914**" Ithaca, Cornell Univ. Press, 1999.
- BAILY, Samuel e RAMELLA, Franco "**One Family, Two Worlds. An Italian Family's correspondence across the Atlantic, 1901-1922**" New Brunswick - London, Rutgers University Press, 1988.
- BARRANCOS, Dora "**Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**" Buenos Aires, Ed. Contrapunto, 1990.
- ----- "**La escena iluminada. Ciencias para trabajadores. 1890-1930**" Buenos Aires, Ed. Plus Ultra, 1996.

- BENSON, John **"The rise of consumer society in Britain. 1880-1980"** London, Longman, 1994.
- BERMAN, Marshall **"Todo lo sólido se desvanece en el aire. La experiencia de la modernidad"** Buenos Aires, Siglo XXI, 1989 (1ª ed. em inglês, 1982).
- BILSKY, Edgardo **"La classe ouvriere argentine face a la semaine tragique de Janvier 1919"** These Doctoral, Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1982.
- ----- **"La F.O.R.A. y el movimiento obrero (1900-1910). 2 Vol."** Buenos Aires, CEAL, 1985.
- ----- **"La Semana Trágica"** Buenos Aires, CEAL, 1984.
- BOURDÉ, Guy **"Urbanisation et immigration en Amérique Latine: Buenos Aires (XIX<sup>a</sup> et XX<sup>a</sup> siècles)"** Paris, Aubier, 1974.
- BRAUDEL, Fernand **"Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII. Vol. 1. As estruturas do cotidiano"** São Paulo, Martins Fontes, 1997 (1ª ed. em francês: 1979).
- BULLOCK, Nicholas e READ, James **"The movement for housing reform in Germany and France: 1840-1914"** Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- BURNETT, John **"Plenty & Want. A Social History of food in England from 1815 to present day"** London, Routledge, 1989 (1ª ed. 1966).
- CAPATTI, Alberto e MONTANARI, Massimo **"La cucina italiana. Storia di una cultura"** Roma – Bari, Ed. Laterza, 1999.
- CONSIGLIO, Alberto **"Storia dei Maccheroni"** Roma, Newton Tascabile, 1997.
- CORTÉS CONDE, Roberto **"El Progreso Argentino. 1880-1914"** Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1979.
- ----- **"La economía argentina en el largo plazo. Ensayos de historia económica de los siglos XIX y XX"** Buenos Aires, Ed. Sudamericana – Univ. de San Andrés, 1997.
- DEL CAMPO, Hugo **"El 'Sindicalismo Revolucionario' (1905-1945)"** Buenos Aires, CEAL, 1985.
- DI TELLA, Guido e ZYMELMAN, Manuel **"Las etapas del desarrollo económico argentino"** Buenos Aires, Ed. Universitaria, s/d.
- DORFMAN, Adolfo **"Historia de la Industria Argentina"** Buenos Aires, Escuela de Estudios Argentinos, 1942.
- DOUGLAS, Mary **"Purity and Danger. An analysis of pollution and taboo"** London, Routledge & Kegan Paul, 1966.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron **"The word of goods: towards and Anthropology of consumption"** London – New York, W.W. Norton & Co., 1982 (1ª ed. 1979).



- ENGELS, Friederich “**A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**” São Paulo, Global edit., 1985 (1ª ed. em alemão: 1845).
- FALCÓN, Ricardo “**El Mundo del trabajo urbano (1890-1914)**” Buenos Aires, CEAL, 1986.
- FERRER, Aldo “**La Economía Argentina**” Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica (FCE), 1963.
- FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo “**História da alimentação**” São Paulo, Estação Liberdade, 1998 (1ªed. em francês e italiano: 1996).
- FRANCO JUNIOR, Hilário “**Cocanha. A História de um país imaginário**” São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- FRANK, Dana “**Purchasing Power: Consumer organizing, gender, and the Seattle Labor Movement, 1919-1929**” Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- FRANZINA, Emilio “**Merica, Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina 1876-1902**” Verona, Cierre Ed., 1994.
- ----- “**Una patriera straniera. Sogni, viaggi e identità degli italiani all'estero attraverso le fonti popolari scritte**” Verona, Cierre ed., 1996.
- FRYDENBERG, Julio e RUFFO, Miguel “**La Semana Roja de 1909. 2 Vol.**” Buenos Aires, CEAL, 1992.
- GARCÍA COSTA, Victor “**El Obrero: selección de textos**” Buenos Aires, CEAL, 1985
- GARCÍA MATA, Rafael e LLORENS, Emilio “**Argentina Económica**” Buenos Aires, Cía. Impresora Argentina, 1940.
- GODIO, Julio “**La Semana Trágica de enero de 1919**” Buenos Aires, Hyspamérica, 1985 (1ª ed. 1972).
- GONDRA, Luis Roque “**Historia Económica de la República Argentina**” Buenos Aires, Sudamericana, 1943.
- GOODY, Jack “**Cooking, cuisine and class. A study in Comparative Sociology**” Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- GORELIK, Adrián “**La grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936**” Buenos Aires, UNQ, 1998.
- GUTIERREZ, Leandro “**Vida material y experiencia de los sectores populares. Buenos Aires, 1880-1914**” Buenos Aires, PEHESA, 1981.
- GUTIERREZ, Leandro e ROMERO, Luis Alberto “**Sectores populares. Cultura y Política**” Buenos Aires, Sudamericana, 1995.
- GUTMAN, Margarita e HARDOY, Jorge “**Buenos Aires. Historia urbana del área metropolitana**” Madrid, Mapfre, 1992.

- HARRIS, Marvin **“Buena para comer. Enigmas de la alimentación y cultura”** Madrid, Alianza Editorial, 1993 (1ª ed. em inglês: 1985).
- HERZ, Enrique **“Historia del agua en Buenos Aires”** Buenos Aires, Cuadernos de Buenos Aires, 1979.
- HOBSBAWM, Eric e POLITO, Antonio **“O novo século”** São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- HOBSBAWM, Eric J. **“A era do Capital. 1848-1875”** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977 (1ª ed. em inglês: 1975).
- ----- **“La era del Imperio, 1875-1914”** Buenos Aires, Crítica, 1998 (1ª ed. em inglês: 1987).
- HOGGART, Richard **“As utilizações da cultura. Aspectos da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos”** Lisboa, Ed. Presença, 1973 (1ª ed. em inglês: 1951).
- KATZNELSON, Ira **“Marxism and the city”** Oxford, Oxford University Press, 1993 (1ª ed. 1992).
- KEYNES, John M. **“Teoría general de la ocupación, el interés y el dinero”** México, Fondo de Cultura Económica, 1991 (1ª ed. em inglês: 1936).
- LAIDLER, Harry **“Boycotts and the labor struggle. Economic and legal aspects”** New York, John Lane Co., 1913.
- LECOUNA, Diego **“Orígenes del problema de la vivienda”** Buenos Aires, CEAL, 1993.
- LEVI-STRAUSS, Claude **“O cru e o cozido”** São Paulo, Brasiliense, 1991 (1ª ed. em francês: 1971).
- LEWIN, Boleslao **“Cómo fue la inmigración judía a la Argentina”** Buenos Aires, Plus Ultra, 1983.
- LIVI-BACCI, Massimo **“Ensayo sobre la historia demográfica europea. Población y alimentación en Europa”** Barcelona, Ed. Ariel, 1988.
- MAROTTA, Sebastián **“El Movimiento Sindical Argentino. Vol. I”** Buenos Aires, Libera, 1975 (1ª ed. 1960).
- ----- **“El Movimiento Sindical Argentino. Vol. II”** Buenos Aires, Lacio, 1961.
- MCGEE DEUTSCH, Sandra **“Counterrevolution in Argentina. 1900-1932”** Lincoln & London, Univ. of Nebraska Press, 1986.
- ----- **“Las Derechas. The extreme right in Argentina, Brazil, and Chile. 1890-1939”** Stanford, Stanford Univ. Press, 1999.
- MINDA, Gary **“Boycott in America. How imagination and ideology shape the legal mind”** Carbondale and Edwardsville, Southern Illinois Univ. Press, 1999.

- MONTANARI, Massimo **“El hambre y la abundancia. Historia y cultura de la alimentación en Europa”** Barcelona, Crítica, 1993.
- MORGAN, Daniel **“Los traficantes de granos”** Buenos Aires, Abril, 1984 (1ª ed. em inglês: 1979).
- MOYA, José **“Cousins and Strangers. Spanish immigrants in Buenos Aires, 1850-1930”** Berkley, University California Press, 1998.
- MUNCK, Ronaldo *et alii* **“Argentina: from anarchism to peronism. Workers, unions and politics, 1855-1985”** London, Zed Books, 1987.
- ODDONE, Jacinto **“Gremialismo proletario argentino”** Buenos Aires, Libera, 1975 [1ª ed. 1949].
- ORTIZ, Ricardo **“Historia Económica de la Argentina”** Buenos Aires, Raigal, 1955.
- OVIED, Iaákov **“El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina”** México, Siglo XXI, 1978.
- PAEZ, Jorge **“El Conventillo”** Buenos Aires, CEAL, 1970.
- PANETTIERI, José **“Los Trabajadores”** Buenos Aires, CEAL, 1982 (1ª ed. 1967).
- ----- **“Los trabajadores en tiempos de la inmigración masiva, 1870-1910”** Buenos Aires, Univ. Nac. De La Plata, 1966.
- PRATT, Mary Louise **“Ojos Imperiales. Literatura de viajes y transculturación”** Buenos Aires, UNQ, 1997 (1ª ed. em inglês: 1992).
- RATZER, José **“Los Marxistas Argentinos del 90”** Córdoba, Pasado y Presente, 1969.
- RECALDE, Héctor **“Vida popular y salud en Buenos Aires (1900-1930). 2 Vol.”** Buenos Aires, CEAL, 1994.
- ROSTOW, W. W. **“The stages of economic growth: a non-communist manifesto”** Cambridge, Cambridge University Press, 1960.
- SÁBATO, Hilda **“Capitalismo y ganadería en Buenos Aires: La fiebre del lanar. 1850-1890”** Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1989.
- SÁBATO, Hilda e ROMERO, Luis Alberto **“Los trabajadores de Buenos Aires. La Experiencia del Mercado: 1850-1880”** Buenos Aires, Sudamericana, 1992.
- SARGENT, Charles **“The spatial evolution of greater Buenos Aires, Argentina, 1870-1930”** Tempe, Arizona State University, 1974.
- SAVAGE, Mike e MILES, Andrew **“The remaking of British working class, 1840-1920”** London, Routledge, 1994.
- SCHVARZER, Jorge **“Bunge y Born. Crecimiento y diversificación de um grupo empresario”** Buenos Aires, CISEA-GEL, 1988.

- SCOBIE, James **"Buenos Aires, del centro a los barrios, 1870-1910"** Buenos Aires, Ed. Solar, 1986 (1ª ed. em inglês: 1974).
- ----- **"Revolución en las Pampas. Historia social del trigo argentino. 1860-1910"** Buenos Aires, Ed. Solar, 1982 (1ª ed. em inglês, 1964).
- SHAPIRO, Ann-Louise **"Housing the poor of Paris, 1850-1902"** Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1985.
- SHORTER, Edward e TILLY, Charles **"Las huelgas en Francia. 1830-1968"** Madrid, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1985 (1ª ed. em inglês: 1974).
- SMITH, Adam **"A riqueza das Nações. Investigações sobre sua Natureza e suas Causas. Vol. I"** São Paulo, Abril Cultural, 1983 (1ª ed. em inglês: 1776).
- SMITH, Peter **"Politics and beef in Argentina. Patterns of conflict and change"** New York – London, Columbia Univ. Press, 1969.
- SPALDING, Hobart **"La Clase Trabajadora Argentina (Documentos para su historia - 1890/1912)"** Buenos Aires, Ed. Galerna, 1970.
- STEDMAN JONES, Gareth **"Outcast London. A study in the relationship between classes in Victorian society"** Oxford, Clarendon Press, 1971.
- STOTT, Richard **"Workers in the Metropolis. Class, ethnicity and youth in Antebellum New York City"** Ithaca, Cornell University Press, 1990.
- SURLANO, Juan **"La Huelga de Inquilinos de 1907"** Buenos Aires, CEAL, 1983.
- TANNAHILL, Reay **"Food in History"** London, Penguin Books, 1988 (1ª ed. 1973).
- THOMPSON, E. P. **"A formação da Classe Operária Inglesa. Vol. I. A árvore da liberdade"** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (1ª ed. em inglês: 1963).
- ----- **"A formação da Classe Operária Inglesa. Vol. II. A maldição de Adão"** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 (1ra. ed. em inglês: 1963).
- VAZQUEZ PRESEDO, Vicente **"Estadísticas históricas argentinas. II. 1914-1939"** Buenos Aires, Ed. Macchi, 1976.
- WALTER, Richard **"The Socialist Party of Argentina. 1890-1930"** Austin, Institute of Latin American Studies, 1977.
- ZARAGOZA, Gonzalo **"Anarquismo argentino (1876-1902)"** Madrid, Ed. de la Torre, 1996.
- ZIMMERMAN, Eduardo **"Los liberales reformistas. La cuestión social en la Argentina"** Buenos Aires, Sudamericana-Univ. San Andrés, 1995.

### 3.- *Teses e Textos Inéditos*

- DOESWIJK, Andreas “**Entre Camaleões e cristalizados: Os anarco-bolcheviques rioplatenses, 1917-1930**” Campinas, Tese de doutorado em História – IFCH – Unicamp, Outubro de 1998.
- ----- “**Linyeras, braceros y bohemios de la llanura pampeana (1917-1930)**” Comunicação inédita apresentada nas *Jornadas Interescuelas de Historia*, Montevideu, Setiembre de 1995.
- FERRERAS, Norberto O. “**Cidades inumanas. Condições de vida dos trabalhadores de Buenos Aires e Rio de Janeiro (1930-1945)**” Dissertação de Mestrado, UFF, 1995.
- SALVATORE, Ricardo “**The regional dimension of economic development and human welfare: Argentina in the 1920s**” Paper inédito, Instituto Di Tella.
- SECRETO, María Verónica “**Fronteiras em Movimento: O Oeste Paulista e o Sudeste Bonaerense na segunda metade do século XIX**” Tese Doutorado, IE/Unicamp, 2001.
- SHIPLEY, Robert “**On the Outside Looking In: A Social History of the *Porteño* worker during the ‘Golden Age’ of Argentine Development. 1914-1930**” Tese de Doutorado apresentada a Rutgers University, New Brunswick, 1977.